# APOSTILA
# DE APOIO À
# COMUNIDADE

**Abril de 2008**

**www.adrianobrito.com.br**

**Versão 1.0**

# ÍNDICE


Aprendendo de forma fácil ..... 5
Sobre o Nam-myoho-rengue-kyo ..... 6
Lei de Causa e Efeito ..... 11
Gohonzon, o Supremo Objeto de Devoção ..... 15
Gongyo ..... 20
Fé, prática e estudo ..... 26
Três Provas ..... 29
Prática individual e prática altruística (jigyo keta) ..... 31
Dez Estados da Vida (jikkai) - Conceitos gerais (1) ..... 34
Dez Estados da Vida (jikkai) - Três e Quatro Maus Caminhos (2) ..... 35
Dez Estados da Vida (jikkai) - Os Seis Caminhos (3) ..... 36
Dez Estados de Vida (jikkai) - Os Quatro Nobres Caminhos (4) ..... 37
Dez Estados de Vida (jikkai) - Conclusão (5) ..... 38
Possessão Mútua dos Dez Estados (jikkai-gog ..... 39
Inseparabilidade da vida e seu ambiente (esho funi) ..... 41
Três obstáculos e quatro maldades (sansho shima) ..... 45
Transformação do veneno em remédio (hendoku iyaku) ..... 49
Chakubuku e propagação do budismo ..... 52
Diferentes corpos com a mesma mente (itai doshin) ..... 56
A tartaruga de um olho ..... 59
Unicidade de mestre e discípulo (shitei funi) ..... 61
O pássaro das Montanhas Nevadas - Kankutyo ..... 64
Revolução humana ..... 65
Kossen-rufu ..... 67
Espírito de doação ..... 70
A importância da fé ..... 74
Nikko Shonin, o sucessor de Nitiren Daishonin ..... 76
Shijo Kingo, um discípulo exemplar ..... 79
Benefícios conspícuos e inconspícuos ..... 81
A vida de Sakyamuni ..... 82
Três Princípios da Individualização da Vida (sanseken) ..... 84
Fusão entre sujeito e objeto (kyoti myogo) ..... 86
As Escrituras de Nitiren Daishonin (Gosho) ..... 88
Seis atos difíceis e nove fáceis (roku ran ku i) ..... 96
Os Três Tesouros (san-pô) ..... 98
Unicidade de corpo e mente (shiki shin funi) ..... 101
Três Grandes Ensinos Fundamentais (sandai hiho) ..... 103
Três Propriedades Iluminadas (sanjin) ..... 107
Ganken Ogo ..... 110
Yu myo sho jin (avanço corajoso e ininterrupto) ..... 112
Transformando a fé em sabedoria (ishin daiê) ..... 114
Dez Fatores da Vida (junyoze) ..... 116
Amenizar o efeito cármico (tenju kyoju) ..... 119
O espírito de dedicar a própria vida (fu-ji-shaku-shin-myo) ..... 121
Nove consciências ..... 123
Preceito da adaptação a costumes locais (zuiho bini) ..... 125
Desejos mundanos são iluminação (bonno soku bodai) ..... 127
Três mil mundos num único momento da vida (itinen sanzen) ..... 129
Dois aspectos da prática do Budismo de Nitiren Daishonin: keho e kegui ..... 132
Kuon Ganjo ..... 133

Hosshaku Kempon ..... 136
Bodhisattva da Terra ..... 140
Gohyaku jintengo ..... 143
Parábola do bom médico ..... 146
Três poderosos inimigos ..... 149
Torre do Tesouro ..... 153
Cerimônia do Ar ..... 156
Sutra de Lótus ..... 159
Bodhisattva Jamais Desprezar ..... 162
O Caminho do Meio ..... 165
Os Irmãos Ikegami ..... 167
O princípio místico da verdadeira causa ..... 169
Nitimoku Shonin — Incansável admoestador do budismo ..... 172
Fé como “chamas ardentes” e fé de “água corrente” ..... 175
Quatorze calúnias ..... 177
Sessen Doji — O Menino das Montanhas Nevadas ..... 179
Niji — “Nesse momento” ..... 180
Os Quatro Poderes ..... 182
Comparação Quíntupla ..... 184
Os Quatro Sofrimentos ..... 186
Os Quatro Reis Celestiais ..... 188
Bodhisattva Som Maravilhoso ..... 189
Os Cinco Tipos de Visão ..... 190
Os benefícios da alegre aceitação ..... 191
Vencer o estado de Ira determina a felicidade na vida ..... 193
A sabedoria dos Budas é infinitamente profunda e imensurável ..... 195
Os Cinco Critérios de Propagação ..... 196
Nanjo Tokimitsu ..... 198
Pico da Águia ..... 200
Rei Adorno Maravilhoso ..... 202
“Confiar na Lei e não nas pessoas” ..... 204
A importância da continuidade na prática da fé ..... 205
A atitude na prática revela a fé ..... 207
O Bodhisattva Perceptor dos Sons do Mundo ..... 209
Consistência do início ao fim ..... 211
Benevolência Budista (Jihi) ..... 213
O Grande Bem e o Grande Mal (Dai-aku Dai-zen Gosho) ..... 215
Sharihotsu — O Supremo em Sabedoria ..... 217
Trinta e Duas Feições do Buda (Sanjuni so) ..... 219
Surihandoku (em sânscrito, Shuddhipanthaka) ..... 221
Abutsu-bo, um modelo de espírito de procura ..... 222
Dosho e Domyo — Os mensageiros do céu ..... 224
A Escuridão Fundamental da Vida ..... 225
Obutsu myogo — fusão harmoniosa da Lei budista e a lei secular ..... 228
Shoten zenjin: funções protetoras do Universo ..... 230
Myo no shoran: ações invisíveis ..... 232
A visão do budismo sobre a doença ..... 233
Os “Três Poderosos Inimigos” (Sanrui no gôteki) ..... 236
Relação Inversa ..... 239
Daimoku de fé e de prática ..... 241
Kenzoku (“relação compartilhada”) ..... 245
Felicidade relativa e absoluta ..... 247
Leitura literal e substancial ..... 250
Bom amigo (Zentishiki) e mau amigo (Akutishiki) ..... 252

Kishimojin — Mãe das crianças-demônio ..... 254
Rei Asoka ..... 257
Kumarajiva ..... 259
Os três períodos de propagação ..... 262
"Zangue" (sincero arrependimento) ..... 264
Rei Demônio do Sexto Céu (Dai Rokuten no Mao) ..... 265
As Três Virtudes de Soberano,Mestre e Pais do Budismo da Semeadura dos Últimos Dias da Lei ..... 267
Os Oito Ventos (happu) ..... 273
Quatorze Calúnias ..... 276
A "Pregação Espontânea" ..... 278
A prática principal e a complementar ..... 279
Sobre a prática do Gongyo ..... 282
A Sala da Orquídea ..... 286
"A poderosa espada do Sutra de Lótus" ..... 288
A parábola da pedra preciosa escondida no manto ..... 289
Buda e mortal comum ..... 290
A iluminação dos seres insensíveis ..... 292
Três assembléias em dois locais ..... 293
A filha do rei-dragão ..... 296
"O que importa é o coração" ..... 299
O rugido do leão ..... 301
Fé na vida diária ..... 303
Budismo é a própria vida diária ..... 305
O coração do grande rei leão ..... 306
Benefícios da prática budista ..... 308
A infinita alegria da lei ..... 312
Parábola das três carroças e da casa em chamas ..... 314
Rissho Ankoku ..... 316
O budismo e a sociedade ..... 319
Bonten e Taishaku ..... 320
Jambudvipa (1) ..... 322

# Aprendendo de forma fácil

(Brasil Seikyo, edição nº 1587, 13/01/2001, página 7.)

Foram anos e anos de empenho e dedicação visando a receber o ano 2001, o início do novo século. E aquilo que parecia pertencer a um longínquo futuro já se tornou presente e estamos vivendo há vários dias o "Novo Século — Ano da Vitória Total".

Na escritura "Carta a Jakuniti-bo", Nitiren Daishonin afirma: "A morte vinda a uma pessoa ontem pode vir a nós hoje. Flores se tornam frutos e noivas tornam-se sogras. Recite Nam-myoho-rengue-kyo e aprofunde a fé." (END, vol. 1, pág. 148.)

Neste ano, com o intuito de propiciar uma constante evolução em nossa maneira de enxergar e de interpretar as questões da vida diária, e de agir de forma coerente e positiva como um praticante budista, publicaremos semanalmente esta coluna com o título "Budismo na Vida Diária". Serão apresentados temas relacionados ao nosso dia-a-dia como praticantes do budismo, procurando sempre uma análise sob a ótica do Budismo de Nitiren Daishonin com base em suas escrituras (Gosho) e em seus princípios filosóficos.

O significado do Nam-myoho-rengue-kyo, da lei de causa e efeito, do Gohonzon, da prática diária do Gongyo, entre outros, são alguns dos temas que serão tratados da forma mais "descomplicada" possível. Conforme as palavras do segundo presidente da Soka Gakkai, Jossei Toda, citadas na Nova Revolução Humana, "a razão cria a fé, e a fé busca a razão. Ou seja, aprofundando a razão por meio do estudo do budismo, fortalece-se também a fé, e o fortalecimento da fé possibilita uma maior profundidade no estudo". (Nova Revolução Humana, vol. 2, pág. 14.)

É nosso desejo contribuir de alguma forma para esclarecer dúvidas de algumas pessoas, para encorajar alguém em um momento de dificuldades ou simplesmente relembrar princípios budistas. Enfim, gostaríamos que um número cada vez maior de pessoas fortaleça a convicção e aprofunde a fé no Gohonzon para assim resolver quaisquer problemas e sofrimentos que a vida lhes impuser.

Em nossa prática diária do Gongyo, lemos 'Yumyo Shojin', que significa 'corajosa e ininterruptamente'. O presidente Ikeda, em sua preleção sobre os capítulos Hoben e Juryo, afirma: "Em primeiro lugar, 'corajosa e ininterruptamente' significa ter fé... A prática budista deve ser conduzida com determinação e coragem. Quando nos desafiamos corajosamente com o espírito de realizar 'muito mais hoje do que ontem' e 'muito mais amanhã do que hoje', estamos praticando verdadeiramente." (Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, pág. 68.)

Assim, neste "Ano da Vitória Total", o primeiro ano do século XXI, vamos avançar vitoriosamente, com novas decisões e tornando a prática budista cada vez mais integrada à realidade da vida diária.

Departamento de Estudo do Budismo

# Sobre o Nam-myoho-rengue-kyo (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1588, 20/01/2001, página 6.)

O primeiro passo para aqueles que iniciam a prática budista é aprender a recitar a frase Nam-myoho-rengue-kyo. Mesmo não compreendendo seu significado, munidas de sinceridade e convicção, essas pessoas dedicam-se à prática budista e, com o passar do tempo, vêm a adqüirir mudanças positivas na vida. Essas mudanças, muito mais do que explicações teóricas, são o que validam e comprovam a força do Nam-myoho-rengue-kyo.

Praticantes do mundo inteiro recitam essa mesma frase seguindo o mesmo ritmo e pronúncia. Não há uma tradução dos caracteres sânscritos e chineses que formam o Nam-myoho-rengue-kyo para cada um dos idiomas existentes no mundo. Essa tarefa é impraticável devido ao profundo e diversificado significado de cada um dos caracteres.

Myoho-rengue-kyo é o título em japonês do Sutra de Lótus, o ensinamento do primeiro Buda registrado historicamente, Sakyamuni, que viveu na Índia há mais de três mil anos. Muitas eras decorreram até que no século XII, no Japão, Nitiren Daishonin, após ter estudado profundamente as principais doutrinas, chegou à conclusão de que o Sutra de Lótus continha o ensinamento mais profundo de Sakyamuni e que o título Myoho-rengue-kyo era sua essência. Ao antepor a palavra Nam, que é derivada do sânscrito Namas e significa “devotar a própria vida”, aos cinco caracteres Myoho-rengue-kyo, ele transformou o que seria um simples título em um ato de devoção para atingir a suprema condição de vida do estado de Buda, ou iluminação. Dessa forma, Nitiren Daishonin deixou como legado para toda a humanidade a chave da felicidade absoluta e revelou o caminho para a conquista da revolução humana. Isso ele fez ao estabelecer seu budismo em 28 de abril de 1253, recitando pela primeira vez o Nam-myoho-rengue-kyo.

Na escritura “O Daimoku do Sutra de Lótus”, Nitiren Daishonin nos mostra quão extraordinário é conhecer e recitar o Nam-myoho-rengue-kyo por meio da seguinte passagem: “Suponha que alguém arremesse uma linha do topo do Monte Sumeru de um outro mundo tentando passá-la pelo furo de uma agulha colocada no topo do Monte Sumeru deste mundo em um dia de forte ventania. É mais fácil passar a linha pela agulha nessas condições do que encontrar o Daimoku do Sutra de Lótus. Assim, ao recitar o Daimoku, esteja certo de que é uma alegria maior do que um cego tornar-se capaz de ver seus pais pela primeira vez, e mais raro do que um prisioneiro de um forte inimigo ser libertado e reunido com sua esposa e filhos.” (The Writings of Nichiren Daishonin, pág. 143.)

Fontes da pesquisa: Terceira Civilização, edições de setembro e novembro de 1998. Pesquisa “Lei Mística: O Caminho para a Felicidade Absoluta” e Guia Prático do Budismo

# Sobre o Nam-myoho-rengue-kyo (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1589, 27/01/2001, página 6.)

Vamos analisar agora o significado literal da palavra Nam-myoho-rengue-kyo:

Nam - derivado do sâncrito Namas, significa "devotar a própria vida",

Myoho-rengue-kyo - título do Sutra de Lótus, em japonês, o principal ensino do Buda Sakyamuni;

Myo - significa místico, não no sentido de milagre, mas indicando que o mistério da vida é de inimaginável profundidade e, portanto, além da compreensão do homem;

Ho - significa lei. A natureza da vida é tão mística e profunda que transcende o âmbito do conhecimento humano. Uma lei familiar é encontrada no desenvolvimento do ser humano. Ele nasce, cresce, torna-se jovem e depois idoso e falece. Isso é, obviamente, uma inquebrável lei que regula cada espécie da vida. Ninguém pode nascer como adulto nem escapar desse ciclo.

Em suma, Myoho significa Lei Mística, que é a realidade imutável e essencial de todos os fenômenos.

Rengue - significa flor de lótus, que simboliza a simultaneidade de causa e efeito, pois a flor e a semente germinam ao mesmo tempo. O budismo esclarece que todos os fenômenos do universo são regidos por essa lei. Portanto, a condição da vida presente é o efeito das causas acumuladas no passado e as ações do presente criam causas para o futuro.

Kyo - significa sutra ou ensino do Buda, que é eterno. Propaga-se pelas três existências da vida - passado, presente e futuro - transcendendo as condições mutáveis do mundo físico e do ciclo de nascimento e morte.

Assim, sob o ponto de vista do significado literal, o Nam-myoho-rengue-kyo abrange todas as leis, toda a matéria e todas as formas de vida existentes no universo. Se o expandirmos ao espaço ilimitado, é o mesmo que a vida do universo, e se o condensarmos ao espaço ilimitado, é igual à vida individual dos seres humanos. No entanto, esta idéia é superficial, pois a mera tradução dos caracteres não expõe a profundidade da Lei Mística em sua totalidade.

Não se compreende o budismo apenas racionalmente, mas com a própria vida. Por isso é que se torna impraticável a tradução do Nam-myoho-rengue-kyo para cada idioma. Apenas a título de ilustração, tomemos como exemplo o significado da palavra "Brasil". Com certeza, "Brasil" representa muito mais do que mero significado literal da palavra. Além do samba, da praia e do futebol, "Brasil" contém seu povo, seus costumes, suas tradições, sua língua, a exuberância de sua natureza, seus sertões, seus mares, história, folclore, diversidade de raças e muito mais.

Nam-myoho-rengue-kyo é o Brasil, a Europa, os Estados Unidos, o Japão, o planeta Terra, os seres humanos, os animais, as plantas, as pedras, os rios, mares, os outros planetas, as estrelas e tudo mais no universo. Ao mesmo tempo, Nam-myoho-rengue-kyo é a nossa própria vida.

Fonte de pesquisa: "Lei Mística: O Caminho para a Felicidade Absoluta", Terceira Civilização, edições de setembro e novembro de 1998 e Guia Prático do Budismo.

# Sobre o Nam-myoho-rengue-kyo (3)

(Brasil Seikyo, edição nº 1590, 03/02/2001, página 6.)

As seguintes passagens de uma orientação do presidente Ikeda nos conduzem a uma melhor compreensão sobre a abrangência do Nam-myoho-rengue-kyo em termos do Universo como um todo e da nossa própria vida:

"O Budismo de Nitiren Daishonin ensina que nossa existência é idêntica ao Universo como um todo, e o Universo como um todo é idêntico a nossa existência. Cada vida humana individual é um microcosmo.

"A correspondência de cada parte de nosso corpo com as partes do Universo é a prova de que nossa existência é um microcosmo. Nossas cabeças são redondas assim como o céu acima de nós é redondo. Nossos olhos são como o dia e a noite. Nossos cabelos brilham como as mais brilhantes estrelas e nossas sobrancelhas são como as sete estrelas da Ursa Maior. Nossa respiração é como o vento, e a silenciosa respiração de nossas narinas é como o tranqüilo ar dos vales. Há cerca de trezentas e sessenta junções no corpo humano, quase tantas quanto os dias do ano. As doze junções principais representam os doze meses do ano. O calor dos órgãos dianteiros de nosso corpo — nosso abdômen e o nosso estômago — são como o outono e o inverno. Nossos vasos sanguíneos e nossas artérias são como as correntes e os rios. Quando sofremos uma hemorragia cerebral, é como se um dique fosse rompido. Nossos ossos são como as pedras, e nossa pele e músculos são como a terra. Nosso couro cabeludo é como uma floresta. As escrituras budistas discutem em detalhes essas correspondências, incluindo cada órgão interno, ensinando que nosso corpo é realmente um Universo em miniatura.

"Nitiren Daishonin descobriu e inovou a grande Lei de toda a existência que se manifesta em todas as leis parciais que governam todos os fenômenos físicos e espirituais, e foi ele quem revelou essa lei para a humanidade na forma de Nam-myoho-rengue-kyo. Essa Lei Mística aplica-se igualmente ao Universo como um todo e a todos os seres humanos. O Universo e o indivíduo são apenas um dentro dessa Lei Mística.

"Tanto o Universo como nossa existência individual são como uma concreta manifestação do Nam-yoho-rengue-kyo, como também do Gohonzon. Eis porque quando recitamos o Nam-myoho-rengue-kyo com fé no Gohonzon, nossa existência e o Universo encaixam-se perfeitamente como duas engrenagens e, com um estímulo inicial começam a trabalhar juntas." (Guia Prático do Budismo, págs. 18-20.)

Fontes da pesquisa: Terceira Civilização, edições de setembro e novembro de 1998. Pesquisa: "Lei Mística: O Caminho para a Felicidade Absoluta" e Guia Prático do Budismo.

# Sobre o Nam-myoho-rengue-kyo (4)

(Brasil Seikyo, edição nº 1591, 10/02/2001, página 6.)

O Nam-myoho-rengue-kyo é a prática fundamental do budismo, por isso recitamos todos os dias. Nitiren Daishonin ensinou que com a recitação do Nam-myoho-rengue-kyo, ou Lei Mística, podemos despertar para a realidade fundamental ou a essência de nossa vida.

Daishonin incorporou a Lei Mística na forma de um mandala, o objeto de devoção chamado Gohonzon. Na verdade, ele incorporou sua própria vida iluminada de Buda no Gohonzon. Em outras palavras, a vida em toda sua plenitude no Universo, representada pela vida do Buda que alcançou a suprema iluminação, está incorporada no Gohonzon.

Portanto, a Lei Mística é, por um lado, o objeto de devoção e, por outro lado e de forma mais ampla, a verdade inerente em nossa própria vida. Vale ressaltar que não se trata de algo que Daishonin inventou. A realidade fundamental para a qual ele despertou nada mais é que a essência da vida. É o que permeia tudo e rege todos os fenômenos universalmente e por essa razão é chamada de Lei Universal ou Lei Mística.

Fazendo uma analogia, Isaac Newton foi um grande cientista que descobriu a lei da gravitação. Ele não “inventou” uma teoria, pois a lei da gravitação sempre existiu, mesmo antes de Newton tê-la descoberto. Ele percebeu que os objetos caem no chão devido à atração que a Terra exerce sobre todos os corpos. Portanto, a lei da gravitação não foi “inventada” mas sim, revelada por Newton. Por ter percebido a existência da força universal da gravidade, ele é considerado um cientista.

Daishonin percebeu a existência da realidade fundamental da vida e expressou-a na forma da Lei Mística, do Nam-myoho-rengue-kyo. Por ter despertado para esta verdade, ele é considerado o Buda Original.

Na escritura “Carta a Abutsu-bo”, Nitiren Daishonin ensinou: “Abutsu-bo é a própria Torre de Tesouro e esta é o próprio Abutsu-bo.”(END, vol. 1, pág. 347.)

A Lei Mística não existe fora do mundo fenomenal, o que nos leva a concluir que é inseparável da nossa vida. Cada forma de vida é a entidade da Lei. Com nossa visão superficial, é difícil acreditar que nossa vida seja realmente a Lei Mística, e dessa forma, desperdiçamos nossos esforços tentando encontrá-la em algum outro lugar. A verdade é que nossa vida é a própria Torre de Tesouro. Daishonin explica que a Torre de Tesouro representa o Gohonzon e a vida daqueles que o abraçam, manifestando dessa forma a natureza inata de Buda.

Fontes de pesquisa: Terceira Civilização, edições de setembro e novembro de 1998. “Lei Mística: O Caminho para a Felicidade Absoluta” e Guia Prático do Budismo.

# Sobre o Nam-myoho-rengue-kyo (5)

(Brasil Seikyo, edição nº 1592, 17/02/2001, página 6.)

Conforme vimos em edições anteriores, o significado literal de Nam-myoho-rengue-kyo nos oferece uma idéia da profundidade da filosofia budista. Entretanto, a verdadeira compreensão do Nam-myoho-rengue-kyo só pode ser alcançada com sua prática. Quando aprendemos sobre a profundidade do budismo, ficamos maravilhados e impressionados com o Nam-myoho-rengue-kyo. Porém, somente com a sincera recitação do Nam-myoho-rengue-kyo é que elevamos nossa condição de vida e manifestamos alegria, coragem, esperança e sabedoria para desafiar e superar as dificuldades do dia-a-dia.

Em uma de suas escrituras, Nitiren Daishonin fala da força do Nam-myoho-rengue-kyo da seguinte forma: “O Nam-myoho-rengue-kyo é como o rugido de um leão. Que doença pode, portanto, ser um obstáculo?” (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. 1, pág. 275.)

O presidente Ikeda discorreu sobre os benefícios advindos da recitação do Nam-myoho-rengue-kyo por ocasião da Conferência de Representantes da Soka Gakkai da Malásia em dezembro de 2000: “Se acreditamos na Lei Mística e recitamos o Nam-myoho-rengue-kyo, colocando nossa vida ao ritmo da Lei do Universo, desenvolvemos um ‘eu’ forte, rico e saudável que brilha com intelecto e sabedoria e que transborda de felicidade por toda a eternidade.

“Assim como o Buda está dotado dos dez títulos honoríficos, nós também seremos coroados com imensa boa sorte e benefício. Nós praticamos o Budismo de Daishonin para construirmos um brilhante palácio de felicidade nas profundezas de nossa vida.” (Brasil Seikyo, edição especial, 1o de janeiro de 2001, pág. 4.)

O budismo também nos ensina que o caminho correto da prática da fé é constituído de “prática individual” e “prática altruística”. Por isso, o objetivo de nossa organização é o Kossen-rufu — o movimento para transformar o Universo, a Terra e a sociedade humana em um mundo de paz, conforto e harmonia de acordo com o ritmo da Lei Mística.

O presidente Ikeda nos orienta: “O Gohonzon é a concreta manifestação da exata existência de Nitiren Daishonin, que ensinou o Kossen-rufu. Devido a isso, se os senhores apenas praticarem o Gongyo e recitarem o Daimoku e não tomarem qualquer ação em prol do Kossen-rufu, ou desenvolverem sua própria vida, o Gohonzon não manifestará seu verdadeiro e completo efeito. Se, contudo, os senhores empreenderem ações para atingir o Kossen-rufu, elas servirão como impulso extra para sua própria vida e lhes auxiliarão a alcançar estados cada vez mais elevados de mente tanto no Gongyo quanto na recitação do Daimoku. O fato é que sua prática de Gongyo e suas ações em prol do Kossen-rufu se tornarão unas, e juntas libertarão o infinito poder da Lei Mística em sua vida.” (Guia Prático do Budismo, pág. 22.)

Fontes da pesquisa: Terceira Civilização, edições nos 361 e 363, setembro e novembro de 1998, “Lei Mística: O Caminho para a Felicidade Absoluta”. Guia Prático do Budismo, “A Verdadeira Felicidade é o Propósito da Vida”.

# Lei de Causa e Efeito (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1593, 24/02/2001, página 6.)

A vida, repleta de incertezas, muitas vezes nos parece injusta. Alguns sofrem por questões financeiras, outros por doenças ou desarmonia familiar. Almejamos a felicidade, porém, somos surpreendidos por adversidades (desemprego, acidentes, desavenças, entre outros) ou simplesmente nos acostumamos com nossa condição de vida precária. E a tal felicidade parece ser um sonho distante.

Sobre este ponto, o presidente Ikeda orienta: “As pessoas da sociedade atual podem ser comparadas a um navio que perdeu a bússola no meio do oceano. Sem um guia correto para dirigi-las, elas navegam sem rumo para o futuro. Ter uma vida feliz — este é o desejo acalentado por toda a humanidade. Esta é a razão pela qual, desde a Antiguidade, as pessoas têm procurado religiões, e várias teorias têm sido expostas como fontes da felicidade. Quantos podem dizer que já se sentem bem-sucedidos em obter uma resposta satisfatória para todas as suas perguntas? Há uma tendência abrangente na sociedade atual, proeminente em especial entre as gerações mais jovens, de desvalorizar a vida humana, incluindo a sua própria. Acredito que essa tendência advém da ignorância da lei de causa e efeito.” (Guia Prático do Budismo, pág. 1.)

Quando falamos em causa e efeito, imaginamos uma série de situações do dia-a-dia em que se observa claramente a relação entre a ocorrência do fato e o motivo que o causou. Assim, dizemos, por exemplo, que uma determinada pessoa sofreu um acidente automobilístico devido à alta velocidade com que estava dirigindo; que um estudante passou nos exames por ter estudado as matérias com afinco; que uma inundação foi causada por uma forte chuva; ou ainda, que a causa de um incêndio foi um curto-circuito na instalação elétrica.

Mas ocorrem também muitos acontecimentos cujas causas não conseguimos enxergar de forma muito clara. A dificuldade de perceber essas causas torna-se ainda maior especialmente quando se trata de fatos negativos relacionados à própria vida.

O Budismo de Nitiren Daishonin esclarece que todas estas questões podem ser observadas sob a luz da rigorosa Lei da Causalidade que permeia todo o universo. Na escritura “Carta de Sado”, Daishonin escreve: “Um indivíduo que escala uma montanha conseqüentemente terá de descer. Uma pessoa que insulta uma outra será desprezada. Alguém que deprecia o belo nascerá feio. Quem rouba o alimento e as roupas de outros nascerá no mundo da fome... Esta é a usual lei de causa e efeito.” (As Escrituras de Nitiren Daishonin [END], vol. 1, pág. 203.)

Sob o ponto de vista budista, a lei de causa e efeito é rigorosa e abrange o passado, o presente e o futuro de nossas existências. Produzimos causas boas ou ruins a todo instante, com pensamentos, palavras e ações, ou seja, nossa vida atual é efeito de causas geradas no passado e no presente e, portanto, esses resultados são de nossa única e exclusiva responsabilidade. Na escritura “Abertura dos Olhos” consta a seguinte passagem: “O Sutra Shinjikan afirma: ‘Se deseja compreender as causas que existiram no passado, veja os resultados que são manifestados no presente. E se desejar compreender quais resultados serão manifestados no futuro, olhe as causas que existem no presente.’” (END, vol. 2, pág. 164.)

Fontes da pesquisa: Terceira Civilização edição no 369, maio de 1999, “Causa e efeito: A lei mais rigorosa da vida”. Guia Prático do Budismo.

# Lei de Causa e Efeito (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1594, 10/03/2001, página 6.)

Um ponto importante ao analisarmos a Lei de Causa e Efeito é que ela reside em nossa própria vida e não em algum outro lugar. Em outras palavras, fazemos as causas que queremos e recebemos os efeitos que merecemos. Por mais que ninguém saiba ou veja o que fazemos, tudo é registrado nas profundezas de nossa vida.

O budismo considera não somente esta vida mas também todas as incontáveis existências já vividas desde o infinito passado. Nascemos, vivemos e morremos inúmeras vezes mas, o nosso "eu fundamental" permanece como essência eterna da vida. Para entender os resultados da nossa vida, é importante analisar as causas que geramos constantemente, desde o infinito passado. Para simplificar, de maneira superficial, classifiquemos todas essas causas em positivas e negativas. Figurativamente, colocando as causas negativas num prato da balança e no outro prato as causas positivas, podemos analisar o seguinte:

Se o prato de causas positivas pender mais, isto significa que são mais causas positivas do que negativas. Então, desfrutaremos dos efeitos positivos de todas essas causas. Isso não quer dizer que as causas negativas não terão seus efeitos. Se existe a causa, o efeito se manifesta infalivelmente, cedo ou tarde, em algum momento da vida. Mas, como os efeitos positivos são mais abundantes devido ao balanço positivo das causas acumuladas, a vida terá mais felicidade que sofrimentos.

Seguindo o mesmo raciocínio, se o prato da balança pender mais para o lado das causas negativas, significa que foram feitas mais causas negativas do que positivas e viveremos uma vida infeliz, arraigada nos numerosos sofrimentos decorrentes dessas causas.

Naturalmente, a vida não pode ser equacionada tão simplesmente assim. A dinâmica da vida avança num complexo emaranhado de fatores interdependentes que estabelece o destino ou carma da pessoa. No entanto, o exemplo da balança ilustra a essência do processo pelo qual age a Lei de Causa e Efeito.

Portanto, independentemente de nossa atual condição de vida, é imprescindível que a cada dia acumulemos mais e mais causas positivas a fim de construir a verdadeira felicidade.

Fontes da pesquisa: Terceira Civilização, edição no 369, maio de 1999, "Causa e efeito: A lei mais rigorosa da vida". Guia Prático do Budismo.

# Lei de Causa e Efeito (3)

(Brasil Seikyo, edição nº 1595, 17/03/2001, página 6.)

Uma vez que temos consciência de que tudo que vivemos no presente é resultados de nossas ações do passado, o que devemos fazer? Não podemos ficar numa posição passiva, pois isso não nos levará a lugar algum. Devemos começar a fazer causas positivas que superem as negativas para colhermos resultados positivos no futuro.

Na obra Nova Revolução Humana, o presidente Ikeda enfatiza: "O budismo expõe que se uma pessoa comete algum mal contra seu semelhante terá de trilhar o curso da infelicidade como resultado dos atos negativos do passado. Entretanto, este é apenas um aspecto dos ensinos budistas. Se a vida se restringisse apenas a isso, as pessoas teriam de viver em constante insegurança justamente por não conseguirem saber as causas negativas de existências passadas, tendo de carregar inclusive um grande complexo de culpa. Além disso, o destino seria algo previamente delineado e provocaria nas pessoas o desinteresse pela própria vida, tornando-se adeptas de um modo de vida passivo no qual a única preocupação seria a de não cometer nenhum mal. O Budismo de Nitiren Daishonin transcende o limite da concepção superficial de causa e efeito, de castigo e recompensa, e revela a natureza real da causalidade e a forma como recuperar o estado de pureza da vida existente desde o infinito passado. Isso significa que uma pessoa deve viver em prol do Kossen-rufu consciente de sua missão como Bodhissattva da Terra." (NRH, vol. 1, pág. 197.)

O presidente Ikeda também escreveu: "O presidente Toda disse o seguinte: 'Se nessa fria lei de causa e efeito estivesse encerrado todo o budismo, então teríamos de considerar nosso destino fixo e imutável. Seríamos impelidos a viver passiva e timidamente para não cometermos algum outro ato errôneo. Uma lei superficial não tem nada a ver conosco que vivemos nos Últimos Dias da Lei. Nós necessitamos de uma lei suprema que nos habilite ultrapassar as barreiras das causas e efeitos para evidenciar a natureza de Buda inata em nossa vida. Foi Nitiren Daishonin quem, respondendo a essa necessidade, estabeleceu a Lei para demolir o destino que continua desde existências passadas e assim reconstruí-lo melhor. Isto é, a recitação do Nam-myoho-rengue-kyo é a fórmula da mudança da vida para um destino melhor.'

"Nitiren Daishonin reformulou a limitada visão da lei de causa e efeito e elucidou a lei da causalidade mais fundamental que permeia as profundezas da vida humana.(...)

"Mesmo que não tenhamos acumulado boa sorte alguma no passado, a partir do momento em que tomamos fé no Gohonzon estaremos dotados da causa e efeito para o estado de Buda. Nesse instante seremos capazes de abrir a porta para um futuro de ilimitada boa sorte. A chave para essa porta é a singular palavra fé.

"Numa escritura consta: 'A lei de causa e efeito é como flores e sementes. Suponhamos que alguém lance fogo em uma área de mil milhas de campo de capim seco. Ainda que a chama seja débil como a luz de um pirilampo, ela instantaneamente consumirá uma porção de capim, duas, dez, cem, mil e dez mil porções mais. Todas as plantas de uma área de dez ou vinte acres serão queimadas em questão de segundos.' Conforme essa frase, ainda que uma fraca chama seja jogada em um campo de capim seco, o fogo rapidamente se espalhará por toda a área. Da mesma forma, a lei budista da causalidade promete-nos que se a nossa fé brilhar vigorosamente, nunca falharemos em obter o caminho para um grandioso futuro. É como a flor de lótus que floresce apresentando simultaneamente suas sementes. É por essa razão que a lei da flor de lótus é chamada de lei da simultaneidade de causa e efeito. Aqui se assenta a razão pela qual o budismo de Nitiren Daishonin é a mais grandiosa e suprema religião do mundo." (Guia Prático do Budismo, págs. 4-5.)

Fontes de pesquisa: Terceira Civilização, edição no 369, maio de 1999, "Causa e efeito: A lei mais rigorosa da vida". Guia Prático do Budismo.

# Lei de Causa e Efeito (4)

(Brasil Seikyo, edição nº 1596, 24/03/2001, página 6.)

Com a prática diária do Budismo de Nitiren Daishonin adquirimos força, coragem e sabedoria para vencer os sofrimentos e abrimos caminhos para viver de forma prazerosa sem as amarras do destino e, ao mesmo tempo, criamos imensuráveis causas que trarão benefícios para a existência presente e para as próximas.

A partir do momento em que mudamos a nossa maneira de visualizar a realidade, os obstáculos e os sofrimentos da nossa vida deixam de ser empecilhos e passam a ser oportunidades para o nosso desenvolvimento. Quando nos conscientizamos verdadeiramente disso, administramos nossa vida de forma diferente e o passado deixa de ser o foco de nossas atenções, pois não temos como apagar as causas realizadas, e passamos a fazer causas positivas para superar as negativas. O presente torna-se nosso palco principal, pois, de acordo com o budismo, o que realizamos agora, neste exato momento, definirá todo nosso futuro. Ou seja, quanto mais estivermos conscientes desta rigorosa Lei de Causa e Efeito, nossas atitudes serão mais responsáveis, benevolentes e agiremos com o máximo respeito com a nossa vida e a dos demais. Conseqüentemente, nossas ações criarão causas para um futuro glorioso, livre do medo e da insegurança e poderemos desfrutar uma felicidade indestrutível.

Nossa vida, apesar de parecer longa, é muito curta. Se permanecermos indolentes, ela passará instantaneamente como um sonho. Nós podemos vivê-la prazerosa e significativamente ou nos lamentando. Não importa que tipo de vida levemos, a rigorosa Lei de Causa e Efeito se manifestará infalivelmente. Portanto, seja qual for a situação atual, podemos tanto dar uma direção de felicidade como de infelicidade ao curso de nossa vida.

O presidente Ikeda escreveu: “A lei da causalidade não reside em algum outro lugar senão em nossa própria vida. É nossa crença no Gohonzon que faz tudo no Universo funcionar como desejamos. Devem estar firmemente convencidos dos ensinos de Daishonin — ‘aqueles que acreditam no Sutra de Lótus reunirão a fortuna de mil milhas distantes’.(...)

“Nós abraçamos o Dai-Gohonzon, o supremo objeto de adoração. Nada mais do que um infinito sentimento de gratidão me envolve toda vez que leio a passagem do Sutra de Lótus que diz: ‘Se o senhor deseja arrepender-se, sente-se ereto e visualize a verdadeira entidade da vida. Todos os pecados são como gelo e como as gotas de orvalho que rapidamente se evaporam sob os raios do sol da sabedoria.’ A escritura adverte: ‘Não desperdice sua vida com futilidades, pois se arrependerá por dez mil anos.’ Nitikan Shonin declarou na ‘Explanação sobre o Verdadeiro Objeto de Adoração’: ‘Uma vez que você perder seu corpo humano, será incapaz de recuperá-lo, mesmo que tente por dez mil eternidades. Não desperdice sua vida com futilidades ou se arrependerá por toda a eternidade’.” (Guia Prático do Budismo, págs. 6-8.)

Dessa forma, vamos utilizar esta Lei a nosso favor em todos os momentos da vida. Vamos elevar nossa condição de vida por meio da sincera prática da fé, vivendo cada dia com infinita esperança.

Fontes de pesquisa: Terceira Civilização, edição no 369, maio de 1999, “Causa e efeito: A lei mais rigorosa da vida”. Guia Prático do Budismo.

# Gohonzon, o Supremo Objeto de Devoção (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1597, 31/03/2001, página 6.)

O Dai-Gohonzon, o Supremo Objeto de Devoção do Verdadeiro Budismo, foi inscrito pelo Buda Original Nitiren Daishonin em 12 de outubro de 1279, legando-o para toda a humanidade. Honzon significa “objeto de respeito fundamental”, enquanto Go é um prefixo honorífico.

Nitiren Daishonin revelou a Lei que permeia a vida e o Universo, o Nam-myoho-rengue-kyo, e a incorporou na forma de um mandala chamado de Gohonzon. O prefixo Dai de Dai-Gohonzon significa “grande” ou “supremo”, pois antes de inscrevê-lo, Nitiren Daishonin já havia inscrito outros Gohonzon que foram concedidos a um limitado número de discípulos verdadeiramente devotos.

Por ocasião do incidente de Tatsunokuti, em 12 de setembro de 1271, Nitiren Daishonin revelou sua identidade de Buda Original. Quando se encontrava no exílio na Ilha de Sado, escreveu suas mais importantes teses e inscreveu o Gohonzon pela primeira vez. Mais tarde, após oito anos, ocorreu o histórica Perseguição de Atsuhara, ocasião em que vinte camponeses, discípulos de Nitiren Daishonin, sofreram violentas perseguições por parte das autoridades governamentais devido à sua crença no Verdadeiro Budismo, culminando com a execução dos três irmãos, Jinshiro, Yagoro e Yarokuro. Mesmo sob a ameaça de perder a própria vida, os discípulos de Nitiren Daishonin não abandonaram a fé no Verdadeiro Budismo e, com isso, o Buda percebeu que havia chegado a época para inscrever o Supremo Objeto de Devoção para a salvação de toda a humanidade e deixou o Dai-Gohonzon dos Três Grandes Ensinos Fundamentais para a posteridade.

Após inscrever o Dai-Gohonzon, Nitiren Daishonin entregou a um homem chamado Yashiro Kunishigue, do qual não se tem quase nenhuma informação a não ser o fato de que era uma pessoa comum. Este detalhe é muito importante para que possamos entender qual a real intenção de Nitiren Daishonin ao inscrever o Dai-Gohonzon.

Sobre o significado desse ato, o presidente Ikeda afirma: “Nitiren Daishonin não confiou o Dai-Gohonzon aos sacerdotes, aos ricos, aos aristocratas, aos sábios ou aos famosos. Ele escolheu um homem humilde, um homem do povo. Conseqüentemente, ele era um representante das massas que, oprimidas pelas autoridades, estão ansiosas por aprender a Lei e prontas a aceitar o sofrimento em prol de um conhecimento maior desta Lei. Estou certo de que este ponto é da maior importância. Nunca devemos duvidar da penetrante sabedoria de Nitiren Daishonin, que compreendia plenamente o desejo das pessoas comuns de viver plenamente e em paz. Não devemos esquecer nunca que este é o significado fundamental da postura essencial do Budismo de Nitiren Daishonin.”(Uma Paz Duradoura, vol. 1, pág. 10.)

Fontes de pesquisa: Terceira Civilização, edição no 354, fevereiro de 1998, “Gohonzon: O Tesouro da Vida”. Guia Prático do Budismo.

# Gohonzon, o Supremo Objeto de Devoção (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1598, 07/04/2001, página 6.)

Para entender a forma como o Gohonzon interage na vida, vejamos a seguinte analogia: Todas as pessoas possuem dentro de si o Nam-myoho-rengue-kyo, ou a natureza de Buda. No entanto, esse estado é invisível e não o enxergamos com os olhos de mortal comum. Da mesma forma que é necessário um espelho para melhor se arrumar, também é preciso de algo para enxergar a natureza de Buda inerente na vida.

O Gohonzon pode ser comparado a um "poderoso espelho" que revela o Nam-myoho-rengue-kyo inerente na vida de cada pessoa. Embora esta Lei Suprema esteja dentro de cada um, é impossível evidenciá-la sozinho. Somente Nitiren Daishonin, por ser o Buda Original, pôde fazê-lo. E para todas as pessoas atingirem o estado de Buda, Daishonin incorporou sua própria vida ao Gohonzon. Na escritura "Resposta a Kyo'o", Daishonin escreveu: "Eu, Nitiren, inscrevi minha vida em sumi, assim, creia no Gohonzon com todo seu coração. O coração do Buda é o Sutra de Lótus, mas a vida de Nitiren não é nenhuma outra senão o Nam-myoho-rengue-kyo." (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. 1, pág. 276.) Com essas palavras, ele incentiva a crer no Gohonzon existente dentro de cada um.

É claro que o Gohonzon inerente em nossa vida não tem a mesma aparência do Gohonzon consagrado nos lares, porém, apesar de ser invisível aos olhos, possui o mesmo valor. Em outras palavras, existe em cada pessoa algo tão precioso e respeitoso como o próprio Gohonzon. Portanto, a fé no Gohonzon se dá em razão do quanto a pessoa preza sua própria vida.

Takehisa Tsuji, dirigente veterano da Soka Gakkai, exemplifica a importância da fé no Gohonzon com as seguintes palavras: "Ao ver botões de cerejeira, o senhor pode pensar: 'Que lindo!' Os botões de cerejeira são algo externo e o prazer de achá-lo bonito surge de seu interior. Os japoneses, tradicionalmente, gostam de admirar a Lua. A Lua é algo externo, mas o sentimento de prazer é uma função interna. Os cd's de música estão fora de nós, mas a sensação que produzem é uma experiência interna. Da mesma forma, quando se forma uma relação com o Gohonzon manifesta-se o estado de Buda de seu interior. Nós estabelecemos esse relacionamento por meio de nossa oração mental, verbal e física, em outras palavras recitando o Gongyo." O senhor Tsuji complementa com a seguinte orientação: "Entre as pessoas que fazem o Gongyo, algumas alcançam imediatamente os benefícios, enquanto outras parecem receber muito pouco. Qual a diferença entre elas? A maior diferença está na oração com real convicção e alegria, seja qual for a circunstância em que se encontre. Quando uma pessoa ora com esse sentimento, o estado de Buda inerente manifesta-se na vida e ela recebe benefícios. Porém, enquanto orar relutantemente, não receberá os benefícios que almeja. Isso não é culpa de Nitiren Daishonin, mas da própria convicção e alegria da pessoa. Em outras palavras, quantos benefícios receberá depende de cada pessoa, e não do Gohonzon."

Sobre esse mesmo assunto, o presidente Ikeda enfatiza: "A Lei Mística é invisível. Apesar disso, não há dúvidas sobre sua existência. Nitiren Daishonin revelou o Supremo Objeto de Devoção, o Gohonzon, na forma de um mandala para extrairmos e manifestarmos o poder da Lei Mística de nossa vida. É por isso que o segundo presidente da Soka Gakkai, Jossei Toda, expôs esse fato de uma maneira fácil de compreender, dizendo: 'Perdoem-me por utilizar uma analogia tão simples, mas o Gohonzon pode ser comparado a uma máquina de fazer felicidade.' Quando fazemos o Gongyo e o Daimoku diante do Gohonzon, o microcosmo de nossa vida individual entra em fusão com o macrocosmo do Universo." (Brasil Seikyo, edição no 1.484, 14 de novembro de 1998, pág. 3.)

Assim, vamos manifestar o potencial máximo inerente na vida, o estado de Buda, por meio de orações sinceras e repletas de convicção.

Fontes de pesquisa: Terceira Civilização, edição no 354, fevereiro de 1998 — "Gohonzon: O Tesouro da Vida". Guia Prático do Budismo.

# Gohonzon, o Supremo Objeto de Devoção (3)

(Brasil Seikyo, edição nº 1599, 14/04/2001, página 6.)

O Gohonzon concedido atualmente pela SGI aos membros e consagrado nos lares é uma transcrição do Dai-Gohonzon de Nitiren Daishonin feita por Nitikan Shonin, conhecido como o restaurador do Verdadeiro Budismo. Esse Gohonzon tem a forma de um mandala e nele estão contidos vários caracteres.

Alguns desses caracteres representam personagens históricos, figuras místicas ou deuses budistas. Nitiren Daishonin utilizou-os para representar as funções do Universo e de nossa vida. Todas essas funções estão reunidas em torno da Lei do Nam-myoho-rengue-kyo. Portanto, o Gohonzon é a personificação da vida do Buda dentro de nós.

No centro do Gohonzon, de cima para baixo, está escrito, em destaque, “Nam-myoho-rengue-kyo Nitiren”. Esses caracteres ilustram a unicidade de Pessoa e Lei e significam que a vida de Nitiren Daishonin incorpora a Lei Mística. Demonstra também que, fundamentalmente, nossa vida e a Lei do Nam-myoho-rengue-kyo são unas e inseparáveis, conforme Nitiren Daishonin comprovou durante toda sua vida. Em outras palavras, a inscrição “Nam-myoho-rengue-kyo Nitiren” ensina que todas as pessoas possuem qualidades idênticas às do Buda Original.

À esquerda e à direita da inscrição “Nam-myoho-rengue-kyo Nitiren” estão várias figuras budistas representando os Dez Mundos. O Buda as incluiu no Gohonzon para mostrar que até sua vida contém inerentemente os nove mundos inferiores. Além disso, ao escrever “Nam-myoho-rengue-kyo Nitiren” em destaque no centro, com os outros caracteres menores ao redor, Daishonin representa graficamente a iluminação dos nove mundos inferiores por meio da Lei Mística. Na escritura “Resposta à Dama Nitinyo”, Nitiren Daishonin afirma: “Banhados pela brilhante luz dos cinco caracteres da Lei Mística, eles revelam a natureza iluminada que possuem inerentemente. Este é o Verdadeiro Objeto de Devoção da fé.” (The Major Writing of Nichiren Daishonin, vol. 1, pág. 212.)

No Gohonzon transcrito por Nitikan Shonin, os Dez Mundos são representados em dois grupos: os Quatro Nobres Caminhos (Erudição, Absorção, Bodhisattva e Buda) e os Seis Caminhos Inferiores (Inferno, Fome, Animalidade, Ira, Tranqüilidade e Alegria). Os Quatro Nobres Caminhos são representados por Sakyamuni e Taho, que representam o estado de Buda; e pelos quatro líderes dos Bodhisattvas da Terra — Jogyo, Muhengyo, Anryugyo e Jyogyo. Os Seis Caminhos Inferiores são representados por figuras indicando os estados de Alegria, Animalidade e Fome. O estado de Alegria, por exemplo, é indicado pelos Quatro Reis Celestiais — Grande Rei Celestial Ouvidor de Muitos Ensinos (Dai Bishamon Tenno), Grande Rei Celestial Defensor da Nação (Dai Jikoku Tenno), Grande Rei Celestial da Ascensão e do Progresso (Dai Zojo Tenno) e Grande Rei Celestial de Ampla Visão (Dai Komoku Tenno) — e também pelo Grande Rei Celestial do Sol (Dai Nittenno), Grande Rei Celestial da Lua (Dai Gattenno), Grande Rei Celestial das Estrelas (Dai Myojo Tenno) e o Rei Demônio do Sexto Céu (Dai Rokuten no Mao). O estado de Animalidade é representado pelos Oito Grandes Reis-Dragões (Hati Dai-ryu-ô), e o da Fome pelo Demônio Feminino Kishimojin e suas Dez Filhas (Jurassetsunyô).

Assim, no Gohonzon estão simbolizados todos os Dez Mundos, assim como todas as funções do Universo, que por sua vez são iluminadas pela Lei do Nam-myoho-rengue-kyo. Essa totalidade da vida expressa no Gohonzon é o que o torna absoluto. Isso explica o porque de não adorarmos imagens, como por exemplo, a figura do Buda sentado, que representa o estado de Alegria (Buda Amida); a do Cristo na cruz, representando o estado de sofrimento, entre outros.

Fontes de pesquisa: Terceira Civilização, edição no 354, fevereiro de 1998 — “Gohonzon: O Tesouro da Vida”. Guia Prático do Budismo.

# Gohonzon, o Supremo Objeto de Devoção (4)

(Brasil Seikyo, edição nº 1600, 21/04/2001, página 6.)

A compreensão do Gohonzon não deve ser analisada meramente sob o ponto de vista do sentido literal dos caracteres nele contidos. A simples capacidade de ler o que está escrito no Gohonzon não traz nenhum benefício, tampouco significa que a pessoa realmente o compreende.

Na escritura "Resposta à Dama Nitinyo", Nitiren Daishonin observa: "É neste sentido que o Gohonzon é chamado de mandala, em sânscrito, e é indicativo de 'perfeitamente dotado' e 'total concentração de benefícios'. Este Gohonzon existe unicamente na palavra fé, tal como o sutra ensina: 'Pode-se penetrar através da fé'." (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. 1, pág. 326.)

Em nossa prática diária do Gongyo, no capítulo Hoben, lemos a frase "i-shu-nan-gue", que significa "ainda que seja difícil compreender sua intenção". Na Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo consta: "Sobre o significado do trecho 'ainda que seja difícil de compreender sua inteção', o presidente Toda esclareceu: 'Enquanto o Buda vê o que está para acontecer, para nós o futuro é totalmente obscuro e só podemos ver o que já passou. Por essa razão, é difícil para nós despertarmos para a essência do Gohonzon. É suficiente acreditarmos sinceramente no Gohonzon, não importando o quê. Se assim procedermos, então infalivelmente receberemos benefícios. De nada adiantará se duvidarmos no meio do caminho.'(...)

"A 'intenção' de Nitiren Daishonin é possibilitar todas as pessoas a tornarem-se budas. Portanto, é impossível que aqueles que abraçam o budismo por toda a vida não atinjam a verdadeira felicidade.

"Contudo, no curso de nossa prática, vários acontecimentos ocorrem devido a causas negativas e tendências de nossa própria vida. Pode haver ocasiões em que pensamos: 'O que fiz para merecer isso?' No entanto, não devemos ser influenciados a cada vez que essas situações ocorrerem, pois são uma certeza de que seremos felizes no final. Devemos considerar tudo o que nos ocorre como parte de nossa prática para atingir a felicidade, como nosso treinamento. Se assim fizermos, então, mais tarde, compreenderemos o profundo 'significado' e a 'intenção' de cada um desses acontecimentos." (Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, pág. 78.)

Em outro trecho também consta: "Nossa vida passa a ser o Gohonzon quando realizamos a prática da Lei Mística para nós mesmos e para os outros. Nós podemos realmente fazer com que nossa vida brilhe como a entidade da Lei Mística.

"O presidente Toda disse: 'O Gohonzon penetra totalmente em nossa vida quando adoramos e recitamos o Nam-myoho-rengue-kyo. Quando abrimos os olhos e observamos o Universo, ali encontramos o Gohonzon. E quando fechamos os olhos e contemplamos o interior de nosso ser, o Gohonzon também aparece ali claramente, com uma força cada vez mais poderosa e um brilho cada vez mais resplandecente'." (Ibidem, pág. 126.)

Dessa forma, o que torna possível estabelecer o Nam-myoho-rengue-kyo no centro de nossa vida, iluminando nossas condições inferiores, é exatamente o poder da fé e a prática para si e para os outros. Por isso, devemos desafiar a dar continuidade em nossa prática ao Gohonzon com a firme convicção de que todos estão plenamente dotados com o mais supremo tesouro que é o estado de Buda.

Fontes de pesquisa: Terceira Civilização, edição no 354, fevereiro de 1998 — "Gohonzon: O Tesouro da Vida". Guia Prático do Budismo.

# Gohonzon, o Supremo Objeto de Devoção (5)

(Brasil Seikyo, edição nº 1601, 28/04/2001, página 6.)

Vejamos agora como, em termos concretos, o Gohonzon age para salvar as pessoas da infelicidade.

Quando uma pessoa recita o Nam-myoho-rengue-kyo ao Gohonzon, ela faz manifestar o estado de Buda e é capaz de vencer quaisquer obstáculos e dificuldades por meio da força vital e da sabedoria que surgem. Por exemplo, no alpinismo, para uma pessoa sem habilidade e resistência física, o empreendimento pode lhe custar a vida. Mas para um alpinista com habilidade, é uma aventura emocionante, cheia de desafios e satisfações. As dificuldades da vida são como os perigos ao escalar uma montanha traiçoeira. Quando elas são enfrentadas por uma pessoa repleta de força vital e sabedoria adquiridas com a recitação do Daimoku ao Gohonzon, transformam-se em tijolos que edificarão um caráter verdadeiramente humano. O Gohonzon não livra as pessoas de seus problemas. Porém, faz com que elas despertem para a sabedoria e para a energia vital inerentes em sua vida para enfrentarem as barreiras que surgem em seu caminho com mais tranqüilidade.

O budismo não leva o ser humano a buscar uma existência utópica e livre de sofrimentos. Pelo contrário, a visão budista da vida é muito mais realista, pois ensina que as pessoas, por serem as criadoras do próprio carma, devem permanecer firmes e desafiar a recitação do Daimoku para superar o mau carma criado. Assim, o Gohonzon possibilita às pessoas estabelecerem uma atitude forte e positiva perante a vida, fazendo com que os obstáculos e os sofrimentos se tornem desafios e não influências negativas que as conduzem para a infelicidade.

Nesse sentido, o Gohonzon pode ser comparado a um mapa que indica a localização do supremo tesouro da vida e do universo — a Lei Mística de Nam-myoho-rengue-kyo. Esse mapa nos revela que o tesouro pode ser encontrado dentro de nós mesmos. Para aqueles que conseguem compreender este significado, o Gohonzon não é apenas um pedaço de papel, mas sim um objeto inestimável, um "tesouro" representado pela condição suprema e pelo infinito potencial da própria vida. Entretanto, para aqueles que não conseguem captar essa mensagem, o valor do mapa se reduz a um mero pergaminho.

Na escritura "Resposta à Dama Nitinyo", Nitiren Daishonin afirma: "Nunca procure o Gohonzon em outros lugares. Ele somente pode habitar no coração das pessoas comuns como nós que abraçam o Sutra de Lótus e recitam o Nam-myoho-rengue-kyo." (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. 1, pág. 325.)

Na Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, consta a seguinte passagem: "O Gohonzon que adoramos é a vida de benevolência e sabedoria de Nitiren Daishonin. Em uma explanação, o presidente Toda observou: 'Quando recitamos respeitosamente o Daimoku ao Gohonzon e despertamos a vida do Gohonzon em nós mesmos, o poder do Gohonzon evidencia-se profusamente em nossa vida, porque a nossa vida é o Nam-myoho-rengue-kyo. Quando isso ocorre, livramo-nos dos grandes erros em nossos julgamentos com relação às questões da sociedade ou quaisquer outras. Por meio da fé, evidenciamos o poder do Gohonzon em nossa vida, e isso nos possibilita trilhar sem erro nosso caminho pelo mundo. É isso o que viemos enfatizando. Vamos conduzir uma vida livre de erros com nossa crença no Gohonzon'." (Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, pág. 201.)

Assim, cientes de que a vida é o maior tesouro do universo e possui um valor inestimável, vamos nos dedicar em nossas orações ao Gohonzon para manifestarmos um aspecto de realizações e de vitórias, superando todos os tipos de dificuldades e trilhando o mais correto caminho em nosso dia-a-dia.

Fontes de pesquisa: Terceira Civilização, edição no 354, fevereiro de 1998 — "Gohonzon: O Tesouro da Vida". Guia Prático do Budismo.

# Gongyo (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1602, 05/05/2001, página 7.)

O Gongyo é a prática fundamental realizado diariamente de manhã e à noite pelos praticantes do Budismo de Nitiren Daishonin. Consiste em recitar trechos dos capítulos Hoben e Juryo, respectivamente o 2o e o 16o capítulos do Sutra de Lótus.

A recitação do Gongyo e do Daimoku constitui a base da fé e a mais importante cerimônia de devoção ao Gohonzon. Por meio do Gongyo e do Daimoku, podemos unificar nossa vida com o Gohonzon e extrair incontáveis benefícios.

"Gon" de Gongyo significa exercitar-se diligentemente, e "gyo" significa cumprir. Portanto, o Gongyo significa "prática assídua" que deve ser realizada diariamente sem ser dominado pela preguiça ou negligência.

O ritmo diário embasado nessa prática assídua é vital para estabelecer um ritmo de avanço. Com essa prática manifestamos o estado de Buda inerente em nossa vida e estabelecemos um progresso cada vez maior.

Sob outro ponto de vista, a prática do Gongyo pode ser comparada a uma tarefa para absorver a inesgotável força da Lei Mística — a terra-mãe da vida do universo — para fortalecer nossa própria vida. De toda forma, evidenciando a natureza de Buda inerente na vida, criamos uma condição inabalável e nos tornamos fortes para não sermos arrastados pelo próprio carma e pelas maldades.

Portanto, com a prática diária do Gongyo, desenvolvemos a determinação de transformar nosso mau carma, revelando a sabedoria, manifestando a benevolência e realçando a energia vital e a criatividade para colocar nossa vida no curso da felicidade absoluta.

A base da prática da fé está no Gongyo da manhã e da noite realizado com prazer. O Gongyo da manhã decide a vitória do dia e o Gongyo da noite a partida para o dia seguinte. Podemos dizer que o ato de realizar o Gongyo da manhã e da noite é o ponto de partida para que possamos estabelecer um ritmo na vida diária buscando a própria revolução humana.

No livro Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, consta: "O Gongyo e o Daimoku são as raízes que, como tais, possibilitam que os senhores se desenvolvam em uma grande árvore. Sua árvore da vida torna-se forte e robusta como resultado cumulativo da prática contínua do Gongyo e do Daimoku. Embora seja impossível enxergar quaisquer mudanças de um dia para o outro, sua vida irá se tornar um dia altiva e vasta como uma grande árvore devido aos nutrientes diários que uma prática consistente produz. Ao realizarem uma prática resoluta, os senhores desenvolverão uma condição de vida de felicidade absolutamente indestrutível." (Pág. 43.)

Fontes de pesquisa: Guia Prático do Budismo e Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo.

# Gongyo (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1603, 12/05/2001, página 7.)

A realização do Gongyo deve ser considerada como uma das cerimônias mais fundamentais da prática do budismo, durante a qual manifestamos nossa gratidão e oferecemos nossa oração ao Gohonzon. Sendo assim, ao realizarmos o Gongyo é importante observar se a forma como nos vestimos diante do Gohonzon está adequada, a forma de sentar-se — a coluna deve estar ereta e as palmas das mãos posicionadas juntas na altura entre a boca e o peito — e, principalmente, se nos concentramos na oração.

O presidente Ikeda orienta: "A recitação do Gongyo e do Daimoku é uma cerimônia na qual louvamos o Buda Original e a grande Lei do Nam-myoho-rengue-kyo. Pode-se dizer que o Gongyo é um poema ou uma canção que louva ao máximo o Nam-myoho-rengue-kyo, a Lei fundamental do Universo, e o Buda. Ao mesmo tempo, quando realizamos o Gongyo, também louvamos a vida eterna do Universo e o estado de Buda de nossa própria vida." (Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, pág. 45.)

E continua: "A recitação do Gongyo e do Daimoku representa uma sublime cerimônia na qual o microcosmo de nossa vida entra em harmonia com o ritmo fundamental do macrocosmo, o Universo. Juntamos as palmas de nossas mãos em oração diante do Gohonzon e recitamos o Gongyo e o Daimoku. Assim, nossas vozes alcançam os budas, os bodhisattvas e as divindades celestiais — as funções protetoras do Universo. Embora não possamos vê-los, eles nos rodeiam e nos protegem do perigo. Ficamos envoltos por eles.

"Quando realizamos o Gongyo da manhã, voltamo-nos para o leste e saudamos o Sol, que representa todas as divindades celestiais, e quando o fazemos, oferecemo-lhes 'um pouquinho da Lei'. Assim, quando nos posicionamos novamente de frente para o Gohonzon, todas as divindades celestiais do Universo juntam-se a nós na mesma direção, com as palmas unidas em reverência, prontas a trabalhar em nosso favor. É algo extraordinário recitar Daimoku! Todas as funções protetoras — os budas, bodhisattvas e as divindades celestiais — tornam-se nossos aliados. É por essa razão que possuímos o poder e a capacidade de conduzir a humanidade à felicidade, e é também por isso que temos essa missão." (Brasil Seikyo, edição no 1.539, 15 de janeiro de 2000, pág. 4.)

Afirma ainda: "Endireitar as costas, manter-se ereto e o peito erguido não somente faz com que pareçam mais jovens e atraentes como também melhora a saúde e estimula os nervos do corpo humano. Fazer o Gongyo com uma postura correta, portanto, melhora sua aparência geral. Até mesmo aos setenta ou oitenta anos de idade, poderão manter uma ótima e bela postura se se esforçarem." (Ibidem, edição no 1.323, 10 de junho de 1995, pág. 3.)

Fontes de pesquisa: Guia Prático do Budismo e Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo.

# Gongyo (3)

(Brasil Seikyo, edição nº 1604, 19/05/2001, página 6.)

O tom de voz na realização do Gongyo não deve ser muito alto e nem muito baixo. Não deve ser muito rápido nem muito lento. Porém, se a voz for fraca, sem energia vital, não se pode transformar o carma e nem vencer a natureza maléfica da própria vida. Por outro lado, uma voz demasiadamente alta pode perturbar familiares e os vizinhos. A recitação do Gongyo deve ser feita com uma tonalidade forte e ressoante.

O presidente Ikeda orienta: "'A voz executa o trabalho do Buda'. O trabalho do Buda em prol do Kossen-rufu somente avança quando bradamos com toda energia, quando empregamos ativamente nossa voz para esse fim. O mesmo se aplica ao Gongyo. Espero que realizem o Gongyo com uma voz vibrante e repleta de energia positiva e vigorosa, e não com uma voz cansada, fraca e desanimada. Não existe alegria maior do que recitar o Daimoku. Uma voz que recita a Lei Mística alcança instantaneamente os recantos mais longínquos do Universo. Quanto mais recitarmos Daimoku e ensinarmos aos outros a fazerem o mesmo, mais rápido alcançaremos um estado de vida que nos possibilitará percorrer livremente o Universo com perfeita serenidade e liberdade. A recitação do Daimoku é a fonte de boa sorte e de infinita energia vital que abarca as três existências do passado, presente e futuro." (Brasil Seikyo, edição no 1.475, 5 de setembro de 1998, pág. 3.)

Em todo caso, o mais importante é realizar o Gongyo com a determinação de unir a natureza de Buda inerente em nossa vida com a do Gohonzon. A natureza de Buda é oculta aos nossos olhos. Porém, quando oramos ao Gohonzon manifestamos essa condição inerente na nossa vida.

Entre as pessoas que realizam o Gongyo, algumas alcançam imediatamente os benefícios, enquanto outras parecem receber poucos. Qual a diferença entre elas? A diferença está na determinação da oração. A real convicção e a alegria na oração, independentemente da circunstância em que se encontre, é o que faz a diferença. Quando uma pessoa ora com alegria e força, o estado de Buda inerente se manifesta e ela será capaz de conquistar um grande benefício. Por outro lado, enquanto orar relutantemente não poderá receber os benefícios que almeja.

Vamos, em primeiro lugar, nos habituar a realizar o Gongyo da manhã e da noite diariamente cada vez mais cheio de alegria, tal como o galopar de um corcel branco. Vamos superar as forças negativas existentes em nosso coração que impedem nossa prática. Enfim, vamos nos esforçar na prática vitoriosa do Gongyo e do Daimoku!

Fontes de pesquisa: Guia Prático do Budismo e Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo.

# Gongyo (4)

(Brasil Seikyo, edição nº 1605, 26/05/2001, página 6.)

A leitura dos capítulos Hoben e Juryo do Sutra é considerada “prática complementar” e a recitação do Nam-myoho-rengue-kyo, a “prática principal”. O 26o sumo prelado Nitikan Shonin explicou a relação entre essas duas práticas fazendo uma analogia com o alimento e o tempero. O arroz ou as massas, que são a “fonte principal” dos nutrientes, ao serem cozidos são “complementados” pelo sal e pelo vinagre, que dão melhor sabor ao alimento. Da mesma forma, embora o benefício da “prática principal” da recitação do Daimoku seja imenso, a “prática complementar” da recitação dos capítulos Hoben e Juryo aumenta e acelera este poder benéfico da “prática principal”.

O Buda Original Nitiren Daishonin definiu como “prática complementar” a recitação de trechos do Sutra de Lótus por representar o propósito do advento do Buda Sakyamuni. E, dos 28 capítulos do Sutra de Lótus, o capítulo Hoben representa a “essência do ensino teórico” e o capítulo Juryo, a “essência do ensino fundamental”.

Na escritura “A Recitação dos Capítulos Hoben e Juryo”, em resposta a uma pergunta formulada por uma senhora quanto aos capítulos do Sutra de Lótus que deveria ler diariamente, Nitiren Daishonin a orienta com as seguintes palavras: “Conforme eu disse antes, embora nenhum capítulo do Sutra de Lótus seja desprezível, entre todos os 28 capítulos, o Capítulo Hoben e o Capítulo Juryo são particularmente importantes. Os capítulos restantes são todos, de certo modo, os ramos e as folhas desses dois capítulos. Portanto, para a sua recitação regular, eu recomendo que pratique a leitura das partes em prosa dos capítulos Hoben e Juryo.” (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. 6, pág. 69.)

Quanto à atual forma da prática do Gongyo, cinco orações pela manhã e três à noite, é um aspecto formal que foi criado posteriormente. De acordo com os estudiosos da história do Budismo de Nitiren Daishonin, uma forma mais próxima da atual prática do Gongyo constituído de cinco orações pela manhã e três à noite foi estabelecida na época do 26o sumo prelado Nitikan Shonin, no início do século XVIII. Entretanto, até a época anterior ao surgimento da Soka Gakkai, a prática do Gongyo era considerada uma cerimônia fechada e restrita ao mundo dos clérigos. Foi a própria organização leiga Soka Gakkai que, em torno do segundo presidente Jossei Toda, definiu a realização da prática diária do Gongyo, de cinco orações pela manhã e três à noite, por todos os seus membros. E, assim, criou-se nos dias de hoje esta situação inédita na história do budismo, em que mais de dez milhões de pessoas em todo o mundo praticam convictamente o Gongyo, recitando diariamente os capítulos Hoben e Juryo, seguindo fielmente os ensinamentos do Buda Original Nitiren Daishonin.

Fontes de pesquisa: Guia Prático do Budismo e Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo.

# Gongyo (5)

(Brasil Seikyo, edição nº 1606, 02/06/2001, página 6.)

Quando iniciamos a prática do budismo, um dos primeiros passos é aprender a recitação do Gongyo que, para a maioria das pessoas, parece uma tarefa bastante árdua. No início, é normal sentirmos uma grande dificuldade para ler e pronunciar as palavras e frases, e acabamos cometendo muitos erros, além de levarmos um tempo demasiadamente longo para realizá-lo. Porém, o primordial é a sinceridade e a persistência na prática do Gongyo. Aos poucos, as frases difíceis e as palavras com sons estranhos tornam-se parte da nossa vida e passam a ser tão naturais como a respiração, a alimentação e o sono. Fazendo uma analogia, o Gongyo é como o alimento para sobreviver, ou o treino diário de um atleta para conquistar a vitória, ou o ato de estudar continuamente para se desenvolver. Em outras palavras, para atingir a felicidade absoluta, devemos acumular boa sorte constantemente empreendendo um grande esforço na realização do Gongyo diário.

Recomenda-se aprender o Gongyo passo a passo, por exemplo, com a leitura de uma ou de algumas páginas de cada vez. Um outro fator importante é a constante participação nas reuniões, pois com a recitação em conjunto com outras pessoas, pode-se assimilar tanto o ritmo como a pronúncia da forma mais correta possível. De toda forma, com a sinceridade e a persistência em aprender o Gongyo podemos conquistar todos os benefícios.

Um outro ponto que devemos sempre atentar é o da regularidade e da constância da nossa prática diária do Gongyo. Muitas vezes, mesmo tendo a plena compreensão da importância da recitação do Gongyo e do Daimoku, somos dominados pela própria fraqueza e acabamos não realizando a prática. Na verdade, somente com coragem e forte vontade de manter a prática diária é que conseguimos superar as fraquezas inerentes em nossa vida. Para se cultivar isso, é importante que se estabeleça objetivos concretos na prática da fé e orar profundamente ao Gohonzon. O presidente Ikeda certa vez orientou: “É importante que nossas orações sejam específicas e concretas. Uma atitude vaga e dispersa durante a oração é como atirar uma flecha sem mirar o alvo. Devem orar com uma forte e apaixonada determinação de concretizar sua oração. Aquele que pensa levianamente ‘Se eu orar, tudo correrá bem’, está demonstrando apenas um desejo. Uma fervorosa oração — a oração do fundo do coração e com toda a vida — será infalivelmente comunicada ao Gohonzon. Outro ponto importante é que, à medida que o foco de nossas orações se expande, incluindo não apenas nossos próprios desejos como também a felicidade de nossos amigos, de nossa família, de nossos colegas de classe, da sociedade e de toda a humanidade, nossos horizontes também se expandirão, bem como nossa grandeza como seres humanos.” (Brasil Seikyo, edição no 1.516, 24 de julho de 1999, pág. 4.)

Portanto, enaltecendo o espírito de fé, vamos realizar o Gongyo e o Daimoku diariamente e edificar um “novo amanhecer” na vida, evidenciando a verdadeira natureza de Buda e a cada dia consolidar a maneira mais elevada de viver.

Fontes de pesquisa: Guia Prático do Budismo e Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo.

# Gongyo (6)

(Brasil Seikyo, edição nº 1607, 09/06/2001, página 6.)

Quando iniciamos a prática do Gongyo, é comum questionarmos como ela pode produzir benefícios se não entendemos seu significado. Para explicar esta questão, Nitiren Daishonin escreveu: “Um bebê não sabe a diferença entre a água e o fogo, e não pode distinguir o veneno do remédio. No entanto, ao sugar o leite, sua vida é nutrida e sustentada. Da mesma forma, mesmo que uma pessoa não seja versada nos sutras, se ouvir mesmo um caractere ou uma frase do Sutra de Lótus, não deixará de atingir o estado de Buda.” (Gosho Zenshu, pág. 1.046.)

Sobre isso, o presidente Ikeda também orienta: “Os cães têm uma linguagem do mundo dos cães, e os pássaros, uma linguagem do mundo dos pássaros. Embora as pessoas não compreendam essas linguagens, os cães e os pássaros certamente se comunicam uns com os outros de sua espécie. Além disso, ainda que algumas pessoas não compreendam os termos científicos ou uma língua estrangeira, certamente outras podem comunicar-se perfeitamente bem por meio dessas linguagens. De forma semelhante, pode-se dizer que, quando estamos realizando o Gongyo e recitando o Daimoku, estamos nos expressando na linguagem do mundo dos budas e dos bodhisattvas. Mesmo que os senhores não compreendam o que estão dizendo, suas vozes com certeza atingem o Gohonzon, todos os deuses budistas e todos os budas e bodhisattvas das três existências e das dez direções; e, em resposta, todo o Universo envolve os senhores com a luz da boa sorte.” (Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, págs. 44-45.)

Por fim, para entendermos o significado das orações silenciosas que oferecemos mentalmente no Gongyo, o presidente Ikeda afirma:

“As orações silenciosas são oferecidas de coração. Por isso, mesmo que estejamos lendo mentalmente o texto das orações silenciosas, o conteúdo delas será o sentimento que ocupa o nosso coração nesse momento. O presidente Toda disse: ‘Como somos seres humanos, é natural que durante a recitação do Daimoku nos ocorram vários pensamentos. Mas, se orarmos com seriedade e sinceridade, gradativamente conseguiremos nos concentrar totalmente no Gohonzon. Se fizermos Daimoku com essa atitude, nossas várias preocupações do cotidiano serão resolvidas. Nesse momento, para dar um exemplo, as lamentações de sua esposa ou de seu marido passarão a soar como uma serena canção de ninar. Por isso, ao oferecermos as orações silenciosas, vamos procurar ser cuidadosos. Os sentimentos que ocupam nosso coração são fielmente transmitidos ao Gohonzon. Se durante as orações silenciosas pensamos: ‘Esse sujeito é um verdadeiro tratante’, então embora estejamos lendo as palavras do texto das orações, é o sentimento de nosso coração de que ‘fulano é um verdadeiro tratante’ que passa a ser nossa oração ao Gohonzon.’

“Oferecer as orações silenciosas da forma correta é uma luta decisiva. As orações que oferecemos refletem nosso estado de vida. Elas têm de ser concretas, sérias, sinceras e determinadas.

“Seja no momento da recitação do Daimoku, seja no momento do oferecimento das orações silenciosas, o mais importante é orar com determinação. As orações não devem ser vagas nem abstratas. Os budas e os deuses protetores agem em resposta às orações sinceras e sérias, que surgem das profundezas da vida.” (Ibidem, págs. 324-325.)

Enfim, dia após dia, vamos aprimorar a pureza, a sinceridade e a seriedade na prática do Gongyo e do Daimoku para usufruirmos de extraordinários benefícios em nossa vida.

Fontes de pesquisa: Guia Prático do Budismo e Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo.

# Fé, prática e estudo - definição (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1608, 16/06/2001, página A6.)

O princípio de “fé, prática e estudo” é fundamental para a prática correta do Budismo de Nitiren Daishonin.

A “fé” corresponde ao ato de acreditar nos ensinos de Daishonin como a mais elevada religião dos Últimos Dias da Lei (Mappo). A “prática” consiste em praticar o budismo em exata conformidade com seus ensinamentos. O “estudo” refere-se ao ato de buscar o aprendizado dos ensinamentos budistas. Quando se falha em qualquer um desses três itens, não é possível desenvolver uma correta prática do Verdadeiro Budismo.

Nitiren Daishonin definiu o princípio de “fé, prática e estudo” da seguinte forma: “Creia no Gohonzon, o maior Objeto de Devoção do mundo. Esforce-se destemidamente para forjar uma fé suficientemente forte, para receber a proteção de Sakyamuni, Taho e todos os outros budas. Exerça-se nos dois caminhos da prática e do estudo. Sem estes dois, não pode haver budismo. Não somente o senhor deve perseverar, mas também deve ensinar os outros. Tanto a prática como o estudo surgem da fé. Deve contar aos outros com o melhor da sua habilidade, mesmo que seja somente a respeito de uma única sentença ou frase.” (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. 1, pág. 369.)

Essa frase ensina que o Gohonzon é o Supremo Objeto de Devoção da prática budista e que nossa fé nele deve ser “suficientemente forte” para gerar a proteção das funções protetoras do universo. Daishonin enfatiza também a importância do empenho concreto na “prática” e no “estudo” tendo a “fé” como base.

O budismo é bastante rigoroso nesse princípio. Mesmo que uma pessoa acredite no Gohonzon, mas não se empenha na prática, sua crença não vai além de “fé meramente teórica”. É uma fé que não se enquadra no padrão da crença budista.

Para aprofundar a fé e fortalecer a prática, é necessário buscar o correto aprendizado nos ensinamentos de Nitiren Daishonin. Isso corresponde ao “estudo”.

Numa analogia simples, o princípio de “fé, prática e estudo” pode ser comparado às partes de um automóvel. A fé pode ser comparada ao motor, que é a força motriz que libera a energia para que ele possa se movimentar. A prática corresponde às rodas, que o possibilitam movimentar-se. Sem a prática não há progresso dentro do budismo. O estudo direciona a prática budista, tal como o volante do carro que faz com que ele se movimente na direção desejada.

Assim, da mesma forma que um automóvel, não é possível a alguém cumprir sua missão com a falta de uma das partes.

A “fé, a prática e o estudo” são indispensáveis para uma correta prática do budismo.

# Fé, prática e estudo (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1609, 30/06/2001, página A6.)

A fé manifesta-se na vida diária

Na escritura “Resposta à Dama Nitinyo”, Nitiren Daishonin definiu a fé da seguinte forma: “O mais importante é recitar o Nam-myoho-rengue-kyo de tal modo que possa alcançar o estado de Buda. Tudo depende da força de sua fé. O budismo toma a fé como a fonte fundamental da iluminação.” (As Escrituras de Nitiren Daishonin [END], vol. 1, pág. 326.)

Por outro lado, em “Carta a Niike”, ele escreveu: “‘Conhecimento sem fé’ é uma descrição daqueles que podem ser versados no Sutra de Lótus, mas não crêem nele. Essas pessoas jamais atingirão o estado de Buda. Aqueles que tem fé sem conhecimento podem estar privados do conhecimento, mas eles crêem, e podem atingir o estado de Buda.” (END, vol. 4, pág. 286.)

Sobre isso, o presidente Ikeda orienta: “A fé, nos Últimos Dias da Lei, se dá no reino da realidade, ao invés de no da teoria. Portanto, nós não praticamos a fé pela fé em si. Esta deve ser enraizada profundamente na vida diária, na sociedade e no curso da existência humana. Deve possibilitar que as pessoas levem uma vida diária correta, prolonguem a vida e renovem-se continuamente, ao mesmo tempo em que conduzem uma vida ativa, como parte integrante da sociedade. A fonte que torna tudo isso possível é a Lei suprema do Nam-myoho-rengue-kyo...

“A atitude é importante para o que quer que se faça. Isso vale especialmente para a fé. Não existe fé sem a prática consistente de Gongyo e Daimoku. Mesmo que uma pessoa tenha o Gohonzon, sem uma atitude sincera na fé e a ação prática, grandes benefícios não surgirão.

“Acima de tudo, no mundo da fé, que assegura a nossa felicidade eterna, uma sincera atitude e um espírito de procura são importantes.” (Seleção de Orientações, págs. 97-98.)

Os dois tipos de prática

A prática do Budismo de Nitiren Daishonin pode ser dividida em dois tipos: prática individual (jigyo) e prática altruística (keta). A prática individual consiste na recitação diária do Gongyo e do Daimoku ao Gohonzon para beneficiar a si próprio. A prática altruística consiste em dedicar-se na propagação do budismo e nas atividades para o desenvolvimento do Kossen-rufu a fim de beneficiar outras pessoas, ou seja, é a realização do Chakubuku.

A prática individual pode ser comparada ao movimento de rotação da Terra em torno do seu próprio eixo e a prática altruística, ao movimento de translação em torno do Sol.

Na escritura “Perguntas e Respostas Sobre Abraçar o Sutra de Lótus”, Nitiren Daishonin solicita: “Recite determinadamente o Nam-myoho-rengue-kyo e recomende aos outros a fazerem o mesmo, isto permanecerá como a única lembrança de sua presente vida no mundo humano.” (END, vol. 5, pág. 18.)

# Fé, prática e estudo (3)

(Brasil Seikyo, edição nº 1610, 07/07/2001, página A5.)

Estudo para aprofundar e fortalecer a fé

Na escritura “Resposta ao Lorde Matsuno”, Nitiren Daishonin declara: “Não importando quão humilde possa ser a pessoa, se a sabedoria desta é um mínimo maior que a sua, deve perguntar-lhe a respeito do significado e intenção do sutra.” (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. 1, pág. 377.) E nos “Vinte e Seis Artigos de Advertências de Nikko Shonin” consta: “Por mais humilde que seja uma pessoa, se ela é mais versada no Verdadeiro Budismo, deve louvá-la como seu mestre.”

Nesses trechos, compreendemos a necessidade de forjar um puro espírito de procura ao estudo do budismo.

Jamais devemos nos tornar arrogantes e achar que somos superiores aos outros por possuirmos certo conhecimento do budismo. Essa atitude errônea é um ato de calúnia ao Verdadeiro Budismo. O objetivo do estudo é aprofundar a fé e fortalecer a prática.

No romance Nova Revolução Humana, o presidente Ikeda escreveu:

“O conhecimento sobre o budismo é imprescindível para se distinguir corretamente as qualidades das religiões e também para discernir claramente o verdadeiro espírito e o ensino de Nitiren Daishonin. O presidente Toda disse que ‘a razão cria a fé, e a fé busca a razão’. Ou seja, aprofundando a razão com o estudo do budismo, fortalece-se também a fé, e o fortalecimento da fé possibilita uma maior profundidade no estudo. Por outro lado, como o coração do ser humano muda com muita facilidade, mesmo uma alegria cheia de ardor pode esfriar com o passar do tempo. Pior ainda quando ocorre uma perseguição religiosa, pois o costumeiro nas pessoas é criar logo a dúvida na prática da fé. Infelizmente esta é a conduta e a natureza do ser humano. Na ocasião daquela grande opressão sofrida pela Gakkai durante a Segunda Guerra Mundial, a maioria dos discípulos do presidente Makiguti abandonou a fé, com exceção do presidente Toda. Eles não conseguiram compreender o porquê de terem de sofrer daquela maneira se haviam iniciado a prática da fé para se tornarem felizes, embora Nitiren Daishonin tivesse elucidado claramente em suas escrituras a razão do surgimento das perseguições. Consequentemente, todos apostaram da fé por falta de conhecimento sobre o budismo. Com o estudo do budismo, podemos iluminar o caminho da fé pelo qual devemos trilhar como discípulo de Nitiren Daishonin.” (Vol. 2, págs. 14-15.)

O estudo do budismo abrange todos os fenômenos do universo, tudo que se refere à existência humana. Sem o estudo as pessoas tornam-se cegas à realidade da vida diária.

Numa ocasião, o presidente Ikeda sintetizou a finalidade do estudo do budismo em quatro pontos: 1) Estuda-se o budismo para adquirir uma correta visão da vida, da sociedade e dos objetivos; 2) Estuda-se o budismo para nutrir a prática da fé e o empenho nas atividades; 3) Estuda-se o budismo para avançar e crescer dia após dia; 4) Estuda-se o budismo para cultivar a capacidade de orientação e para prestar incentivos a todos os companheiros.

# Três Provas - Conceitos gerais (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1611, 14/07/2001, página A6.)

Em diversos momentos da vida, passamos por situações que exigem decisões rápidas. A necessidade de tomar uma decisão acontece tanto em momentos corriqueiros do dia-a-dia como também em outros mais importantes que determinam até mesmo o rumo de nossa existência. Naturalmente, a decisão que tomamos em muitas das situações é meramente intuitiva, muitas vezes embasada em uma experiência já vivida. Porém, determinadas situações exigem e possibilitam uma análise de julgamento com base em critérios claros e objetivos. Assim, por exemplo, uma boa escolha para a compra de um produto leva em conta critérios tais como preço, qualidade, adequação ao uso etc.

Quando o assunto é religião, dificilmente se faz uma avaliação de forma clara e objetiva. Geralmente, há uma visão de que o mais importante é a fé de uma pessoa, independentemente da religião que pratique. Porém, ao mesmo tempo, quando se analisa à luz de novas descobertas científicas, ou de princípios humanísticos, ou até mesmo do bom senso, pode-se facilmente observar incoerências e até aspectos negativos em muitas religiões.

O budismo, até mesmo devido ao grande número de escolas e ramificações que surgiram ao longo de quase três mil anos de sua história, define alguns conceitos que possibilitam julgar de forma objetiva a validade, a supremacia e a integridade de uma religião. De acordo com o budismo, a religião e sua prática são fatores que determinam fundamentalmente a questão da felicidade ou da infelicidade das pessoas.

Um dos conceitos budistas utilizado para o julgamento de uma religião é o das “Três Provas”, ou seja, a prova documental, a teórica e a real.

A prova documental é constituída das escrituras de uma religião pelas quais se conhece sua doutrina, e é também o meio para verificar se os ensinos propagados estão de acordo com essas escrituras. Porém, não é suficiente para comprovar a supremacia da religião, pois não analisa a veracidade dos ensinos contidos nas escrituras.

A prova teórica (raciocínio lógico) consiste em verificar a compatibilidade dos ensinos de uma religião com a razão humana. É o processo utilizado para examinar se suas idéias são universais, se estão de acordo com o raciocínio lógico, se são compatíveis com a realidade e se não contradizem as teorias científicas comprovadas. Essa prova ainda é um meio parcial para comprovar a veracidade de uma religião por depender da razão humana e de comparação.

A prova real é a mais importante das três. É o meio para avaliar uma religião pelos resultados obtidos na vida real dos praticantes. Essa é a confirmação prática da validade de uma doutrina.

Portanto, para comprovar a supremacia de uma religião é preciso basear-se nas Três Provas. Nunca se deve abraçar uma religião observando-a superficialmente, ou considerando apenas os meios pelos quais atrai a atenção das pessoas ou a forma como é propagada.

Atualmente, existem diversas religiões no mundo que fazem com que as pessoas fiquem confusas e elas acabam acreditando que todas são iguais. Porém, essa concepção revela nada mais do que a falta de um método de julgamento. Existem religiões que pregam seus ensinos em desacordo com a prova documental, outras ensinam a crença em dogmas sobrenaturais incompatíveis com a prova teórica, e há aquelas que mostram comprovações parciais ou privadas de universalidade que não satisfazem plenamente a prova real. São religiões que, no final, conduzem as pessoas à infelicidade.

# Três Provas (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1612, 21/07/2001, página A6.)

Façamos agora uma análise do Budismo de Nitiren Daishonin sob o ponto de vista das Três Provas.

Prova documental

A prova documental do Budismo de Nitiren Daishonin é constituída pelos inúmeros tratados doutrinais, pelos registros deixados por seus discípulos, gráficos, cartas de advertência às autoridades e cartas de incentivo aos discípulos. Graças aos esforços do segundo sumo prelado, Nikko Shonin, o sucessor imediato de Nitiren Daishonin, mais de setecentas escrituras foram reunidas, preservadas e transmitidas para a posteridade. Foi o próprio Nikko Shonin quem utilizou o termo Gosho (Go = título honorífico e Sho = escritos ou escrituras) para se referir às obras de Nitiren Daishonin.

Atualmente, devido à iniciativa e à dedicação de Jossei Toda, segundo presidente da Soka Gakkai, os seguidores do Budismo de Nitiren Daishonin podem ter acesso a essas escrituras. O presidente Toda teve a idéia de compilar todas as escrituras de Nitiren Daishonin recusada pelo clero do Templo Principal. Mas, mesmo assim, assumiu inteiramente este trabalho com o intuito de transmitir fielmente o espírito dos ensinamentos do Buda Original e de fazer com que o movimento pelo Kossen-rufu avançasse. Assim, com o apoio do sumo prelado aposentado da época, Hori Nitiko Shonin, no dia 28 de abril de 1952, foi lançada pela Soka Gakkai a publicação intitulada Nichiren Daishonin Gosho Zenshu (Coletânea das Escrituras de Nitiren Daishonin), contendo 426 documentos.

A SGI é hoje a única organização a adotar fielmente os ensinamentos contidos no Gosho de Nitiren Daishonin, sem a menor distorção.

Prova teórica

A prova teórica no Budismo de Nitiren Daishonin é a profunda filosofia de vida capaz de explicar de forma clara a todas as pessoas as questões fundamentais do ser humano. Com base na lei de causa e efeito, o budismo de Nitiren Daishonin elucida de forma racional, como e porque se manifestam os diversos acontecimentos na vida das pessoas, determinando sua felicidade ou infelicidade. Na escritura “O Supremo Líder do Mundo”, Daishonin declara: “Budismo é razão. A razão prevalecerá sobre o seu lorde.” (As Escrituras de Nitiren Daishonin [END], vol. 2, pág. 272.)

Os princípios filosóficos contidos no Budismo de Nitiren Daishonin são válidos para todas as pessoas, independentemente da raça, da cor ou do sexo, em qualquer que seja a época, e proporcionam a compreensão da mais nobre natureza de felicidade inerente na vida do ser humano.

Prova real

Na escritura “Três Mestres Tripitaka Oram pela Chuva”, Nitiren Daishonin afirma: “Para julgar o mérito das doutrinas budistas eu, Nitiren, acredito que os melhores padrões são o da razão e o da prova documental. Mas a prova real é ainda mais valiosa que ambas.” (END, vol. 6, pág. 168.)

Assim, o Budismo de Nitiren Daishonin considera a prova real como a mais importante das Três Provas. Trata-se da comprovação real na vida das pessoas que praticam, recitando o Nam-myoho-rengue-kyo.

No mundo da ciência, a validade de uma teoria deve ser comprovada por meio de experimentos práticos. Da mesma forma, a validade de uma religião deve ser confirmada por meio de resultados concretos obtidos com sua prática. Tais resultados devem ser comprovados universalmente, na forma de felicidade na vida de todas as pessoas que pratiquem o ensino.

O Budismo de Nitiren Daishonin é a única religião que mantém a supremacia sobre todas as outras porque cumpre perfeitamente as Três Provas.

# Prática individual e prática altruística (jigyo keta) (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1613, 28/07/2001, página A6.)

Conforme já foi estudado nesta coluna, “fé, prática e estudo” são os três princípios fundamentais do Budismo de Nitiren Daishonin. Vejamos agora um pouco mais sobre o significado dos dois tipos de prática: a individual (jigyo) e a altruística (keta). Em síntese, a prática individual consiste em recitar diariamente Gongyo e Daimoku ao Gohonzon e a prática altruística em propagar o budismo às outras pessoas (Chakubuku).

Na Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, o presidente Ikeda orienta: “Buda é um outro nome para uma pessoa de empenho incessante. O Buda atua continuamente em prol da felicidade das pessoas e para libertá-las de todos os tipos de autoritarismo. A frase ‘eu a tenho realizado ininterruptamente, sem nunca a negligenciar por um momento sequer (Mi-zo-zan-pai)’ descreve esse aspecto de ação e de empenho dinâmicos.” (Pág. 211.)

Certa vez, o segundo presidente da Soka Gakkai, Jossei Toda, afirmou: “Suponhamos aqui três hortas: a primeira sem plantações, a segunda com plantação de hortaliças e a terceira semeada com apenas uma semente que produza um tesouro. Admitam que crianças invadissem as hortas. As crianças não seriam advertidas na primeira, pouco repreendidas na segunda, mas severamente repreendidas na terceira. A prática da fé significa abraçar o Gohonzon, e equivale a plantar uma árvore que se transforma em felicidade absoluta. Em outras palavras, significa plantar a semente para se tornar Buda no ‘arrozal do seu coração’. A partir de então, embora invisível, os deuses budistas estarão se empenhando firmemente para sua proteção. A semente irá então brotar e desenvolver troncos e ramos; surgirão densas folhagens, e em seguida flores e frutos. Então, queira ou não, o preço da plantação irá valorizar cada vez mais. A isto, chamamos de estado de Buda ou a conquista de uma vida de verdadeira felicidade.” (Terceira Civilização, edição no 88, dezembro de 1975, pág. 19 — Revolução Humana, capítulo 7.)

O presidente Toda afirma ainda que quando iniciamos a prática, estamos na fase em que a semente está apenas germinando e se a semente for atacada por insetos e pragas, a planta não se desenvolverá. E se a plantação for invadida por ervas daninhas, suas raízes apodrecerão. Justamente por isso, ele nos solicita que retiremos as “ervas daninhas” do coração por meio da realização do Chakubuku e ensina que a recitação diária do Daimoku, pela manhã e à noite, é equivalente a fertilizar o solo do arrozal e que as pessoas que não conseguem evidenciar os benefícios é porque não estão “carpindo” suas “ervas daninhas”.

Dessa forma, ele orienta sobre a atitude correta da fé, incentivando-nos a dedicar persistentemente nas práticas individual e altruística e, assim, criar uma frondosa árvore repleta de benefícios.

# Prática individual e prática altruística (jigyo keta) (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1614, 04/08/2001, página A6.)

Jigyo: Buscando a perfeita fusão da vida com o Gohonzon

O termo jigyo (prática individual), de jigyo keta, refere-se ao ato de recitar diariamente o Daimoku ao Gohonzon visando à elevação do nosso estado de vida e à concretização do Kossen-rufu. Com esta prática, fazemos a fusão da nossa vida com o Gohonzon.

Sobre o significado da oração, em um diálogo com representantes da Divisão dos Estudantes da Soka Gakkai o presidente Ikeda comentou:

"O Gongyo é uma atividade diária na qual purificamos e treinamos o coração e a mente. É a força que abastece a 'máquina' para darmos uma partida revigorante ao nosso dia. É como se nos abastecêssemos antes de começarmos nossas atividades diárias...

"Quando recitamos o Nam-myoho-rengue-kyo e focalizamos a atenção no Gohonzon, a nossa vida e o Universo se unem como as engrenagens de uma máquina funcionando harmoniosamente com perfeita precisão, e passamos a seguir na direção da felicidade e da realização...

"Quando recitamos o Daimoku, todos os nossos problemas e sofrimentos se transformam em energia para a felicidade, em combustível para o desenvolvimento...

"Num certo sentido, não existe uma prática budista mais simples do que fazer o Gongyo e o Daimoku. Também no caso de um mecanismo, quanto mais sofisticada for a tecnologia, mais simples será sua operação. Da mesma forma, a superioridade absoluta do Budismo de Nitiren Daishonin nos capacita a extrair o estado de Buda por meio de uma prática mais simples.

"No entanto, uma vez que a prática budista é realizada em meio à nossa vida diária, é muito fácil ficarmos com preguiça ou negligenciá-la. Por isso, talvez não haja nenhuma prática mais difícil do que a da continuidade. Todavia, se desafiarmos para realizá-la um pouquinho mais a cada dia, sem perceber teremos construído um caminho para a felicidade na profundeza de nossa vida; teremos construído um sólido dique que impedirá de sermos arrastados para a infelicidade." (Brasil Seikyo, edição no 1.484, 14 de novembro de 1998, págs. 3-4.)

# Prática individual e prática altruística (jigyo keta) (3)

(Brasil Seikyo, edição nº 1615, 11/08/2001, página A6.)

Keta: Transmitindo a grandiosidade da filosofia budista

O termo Keta (prática altruística) refere-se ao ato de transmitir a grandiosidade da filosofia budista a outras pessoas — é um meio direto para a transformação do mau carma. O ato de ensinar o Budismo de Nitiren Daishonin é a expressão máxima da benevolência de uma pessoa.

Desde o estabelecimento do budismo, em 28 de abril de 1253, Nitiren Daishonin devotou-se incessantemente à propagação dos ensinos. E, apesar de sofrer inúmeras perseguições e ataques das autoridades governamentais e religiosas, ensinou aos seus discípulos que para realizar o Chakubuku é necessário ter o sentimento benevolente de "extrair o sofrimento e conceder a felicidade".

Na escritura "A Essência Real de Todos os Fenômenos", Daishonin nos ensina: "Não somente o senhor deve perseverar, mas também deve ensinar aos outros. Tanto a prática como o estudo surgem da fé. Deve contar aos outros com o melhor de sua habilidade, mesmo que seja somente a respeito de uma única sentença ou frase." (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. 1, pág. 369.)

No capítulo "Alegria" da Nova Revolução Humana, o presidente Ikeda descreve o espírito com que devemos nos empenhar na prática altruística da seguinte forma: "O espírito do Chakubuku de expor o verdadeiro ensino para conduzir todas as pessoas para a felicidade é imutável. Atualmente estamos criando no Japão uma grande onda de propagação e todos estão se esforçando muito. Nessa atividade é natural corrigirmos a visão errônea das pessoas sobre as religiões. Especialmente nesta época de pós-guerra, em que diversas religiões estão proliferando, não devemos permitir que as pessoas em geral sejam arrastadas para a infelicidade por acreditarem ingenuamente nas religiões de baixo nível. Por isso, devemos ensinar-lhes que existem também religiões enganosas para que todos cultivem uma visão crítica sobre elas. Essa é uma tarefa muito importante para a época atual." (Vol. 5, pág. 86.)

Em síntese, na prática diária do Gongyo, de manhã e à noite, oramos ao Gohonzon para realizarmos o Chakubuku. Na parte final do capítulo Juryo, lemos: "Mai-ji-sa-ze-nen. I-ga-ryo-shu-jo. Toku-nyu-mu-jo-do. Soku-jo-ju-bushin", que significa: "Medito constantemente: Como posso conduzir as pessoas ao caminho supremo e fazer com que adquiram rapidamente o corpo de um buda?" Portanto, ao recitarmos essa passagem do sutra, expressamos nosso desejo de que todas as pessoas se tornem budas e conquistem a felicidade absoluta.

Sobre este trecho, na Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, o presidente Ikeda comenta: "Aqueles que lutam pela felicidade das pessoas com o mesmo espírito do Buda e que lutam para vencer as forças que procuram obstruir sua felicidade são, sem dúvida alguma, seus emissários, os filhos do Buda.

"Colocar em prática a frase 'Medito constantemente: Como posso conduzir as pessoas ao caminho supremo e fazer com que adquiram rapidamente o corpo de um buda?' é o voto do Buda e também a determinação de seus discípulos. Se tivermos sempre a felicidade das pessoas como meta, a SGI continuará a florir eternamente." (Pág. 324.)

Enfim, empenhando-nos firmemente nos dois tipos de prática, individual e altruística, vamos conquistar a felicidade, buscando a nossa revolução humana e, ao mesmo tempo, cumprir a missão de propagar o verdadeiro humanismo ensinado na BSGI e concretizar a paz mundial, assegurando a felicidade de toda a humanidade.

# Dez Estados da Vida (jikkai) - Conceitos gerais (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1616, 18/08/2001, página A6.)

Os Dez Estados da Vida, também conhecidos como Dez Mundos, compõem a base da filosofia de vida do Budismo de Nitiren Daishonin. É uma teoria profunda e prática que esclarece, com simplicidade, as complicadas questões da vida.

Os diversos estados de vida, ou reações da vida que se manifestam em resposta às ações externas, foram escalonados em dez categorias básicas: Inferno, Fome, Animalidade, Ira, Tranqüilidade, Alegria, Erudição, Absorção, Bodhisattva e Buda. Esses estados não são condições fixas em que uma pessoa terá de viver por toda sua existência, mas condições fundamentais que existem de forma latente na vida de todos, sejam budistas ou não.

Os Dez Estados da Vida não se manifestam numa seqüência do mais baixo ao mais elevado, como se subíssemos uma escada. Em função dos fatores externos e de sua intensidade, subitamente, podemos sair do estado de Alegria para o estado de Inferno, por exemplo, ou vice-versa. Portanto, esses estados não são sentimentos meramente emocionais, espirituais ou físicos. Eles estão latentes na vida e manifestam-se no interior de uma pessoa como uma reação imediata e diretamente proporcional às influências externas, negativas ou positivas.

Costuma-se também classificar os Dez Estados da Vida agrupando-os em função de suas características, conforme breve descrição a seguir:

• Três e Quatro Maus Caminhos: Os três estados inferiores — Inferno, Fome e Animalidade — são conhecidos como Três Maus Caminhos; e, juntamente com o estado de Ira, constituem os Quatro Maus Caminhos. São estados de vida que se caracterizam pelo sofrimento em conseqüência do mau carma acumulado pelas pessoas.

• Ciclo dos Seis Caminhos: Os seis estados constituídos pelos Quatro Maus Caminhos e acrescidos dos estados de Tranqüilidade e de Alegria formam o Ciclo dos Seis Caminhos. Na vida diária, as pessoas manifestam esses seis estados em função de influências externas e são arrastadas por elas, não conseguindo manter autocontrole sobre as circunstâncias de sua vida.

• Dois Veículos: São os estados de Erudição e de Absorção, nos quais as pessoas conquistam uma certa independência na vida por meio da percepção obtida da verdade parcial. Entretanto, as pessoas nos Dois Veículos ficam apegadas à percepção apenas para o bem de si mesma e não se dedicam à felicidade dos outros.

• Quatro Nobres Caminhos: Os Dois Veículos — Erudição e Absorção — acrescidos pelos estados de Bodhisattva e Buda, formam os Quatro Nobre Caminhos, que são os quatro estados de vida superiores. São condições de vida alcançadas pelos esforços desenvolvidos pelas próprias pessoas quando conseguem se libertar do domínio negativo.

# Dez Estados da Vida (jikkai) - Três e Quatro Maus Caminhos (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1617, 25/08/2001, página A5.)

Os quatro mais baixos estados da vida, conhecidos como Quatro Maus Caminhos, são:

• Inferno: É a condição de vida mais baixa dentre os dez estados. Nele, a pessoa vive em um sofrimento constante em que não tem forças para influenciar suas circunstâncias de vida, nem esperanças com relação ao futuro; não pode fazer nada do que gostaria, nem mesmo desabafar suas angústias.

• Fome: É caracterizado pela obsessão de realizar os desejos e pela incapacidade de satisfazê-los. Nesse estado, as pessoas são completamente dominadas e controladas por desejos insaciáveis e terríveis insatisfações. São infelizes e impedidas de se desenvolverem e prosperarem.

• Animalidade: É um estado de vida em que as pessoas são conduzidas unicamente pelos instintos, agem compulsivamente com irracionalidade e sem moralidade. O fundamental de suas ações é aproveitar-se dos mais fracos e bajular os mais fortes. As pessoas nesse estado perdem o sentido da razão e suas emoções são facilmente dominadas pelo medo e pela covardia. Além disso, não conseguem encontrar soluções nem esperanças e resignam-se diante do destino.

Estes três estados formam os Três Maus Caminhos.

• Ira: É o quarto estado de vida que, associado aos Três Maus Caminhos, formam os Quatro Maus Caminhos. Nesse estado, as pessoas possuem consciência de seus atos, embora embasadas em pontos de vista distorcidos do certo e do errado, enquanto nos Três Maus Caminhos elas não têm controle sobre a vida, pois são completamente dominadas pelos desejos. No estado de Ira, as pessoas preocupam-se única e exclusivamente consigo mesmas, com seus próprios benefícios, pouco se importando com os demais ou com seus pontos de vista. São conduzidas pelo egoísmo e pela ambição de ser superior, derrubando outras pessoas.

As pessoas nesses quatro estados carecem de energia vital e não respeitam outros pontos de vista, procurando sempre satisfazer seus próprios desejos vorazes. São completamente destituídas de uma visão mais elevada, por isso, resolvem as questões à sua própria maneira, invariavelmente gerando mais causas negativas na vida que, por sua vez, resultam em efeitos negativos na forma de sofrimentos. Esse ciclo se repete constantemente, aprisionando a pessoa no seu mau carma. As pessoas que vivem nos Quatro Maus Caminhos não possuem uma visão de vida melhor. São conformistas por natureza e acham que a vida é somente da forma como vivem. Por isso, mergulhadas no egoísmo, são destituídas de qualquer sentimento altruísta de contribuir de alguma forma para a felicidade de outros.

# Dez Estados da Vida (jikkai) - Os Seis Caminhos (3)

(Brasil Seikyo, edição nº 1618, 01/09/2001, página A6.)

Os Quatro Maus Caminhos acrescidos dos estados de Tranqüilidade e Alegria constituem os Seis Caminhos, que se caracterizam basicamente pela busca da satisfação dos desejos pessoais.

• Tranqüilidade: É uma condição em que a pessoa pode controlar temporariamente seus impulsos e desejos com a razão. Assim, passa a ter a vida tranqüila e em harmonia com o ambiente em que vive. Não considera os problemas como ameaça a sua aparente estabilidade. As energias da vida estão sob considerável controle, imbuídas do desejo de viver em meio à afeição de parentes e amigos e em paz com seus próprios conceitos de moral e ética. Porém, pode cair instantaneamente nos "Três ou Quatro Maus Caminhos" pelo mais leve desvio ocorrido em suas circunstâncias de vida. De toda forma, Tranqüilidade é o estado normal dos seres humanos e é conhecido também como o estado de Humanidade.

• Alegria: É uma condição de vida de contentamento que se origina da concretização dos desejos e da solução dos problemas. Portanto, é um estado comumente almejado pelas pessoas como sendo de plena felicidade. As situações da vida, tais como: aquisição de nova casa, ingresso em universidade, casamento, jantar em um restaurante de primeira categoria, aprovação em bom emprego, solução de um problema de saúde, e muitas outras, representam naturalmente um momento de muita felicidade. Porém, como este estado está diretamente associado a uma determinada realização, como por exemplo a conquista de um bem material ou posição social, a felicidade é apenas relativa. Em outras palavras, a alegria desse estado é efêmera e desaparece com o passar do tempo ou com a mudança das circunstâncias.

A maioria das pessoas encontra-se nos Seis Caminhos, vivendo de acordo com suas próprias visões de vida. Não conseguem cultivar a benevolência de lutar pelo bem de outras e não possuem consciência da missão essencial como ser humano.

Como cada um desses seis estados manifesta-se de acordo com as causas externas, as pessoas vivem aprisionadas e em completa dependência das circunstâncias. Essa é a característica principal dos Seis Caminhos. São estados em que as pessoas são arrastadas exclusivamente pelas influências externas, ficando privadas da liberdade de manter autocontrole sobre as circunstâncias de sua vida. Por esta razão, costuma-se dizer que as pessoas vivem diariamente nos Seis Caminhos.

# Dez Estados de Vida (jikkai) - Os Quatro Nobres Caminhos (4)

(Brasil Seikyo, edição nº 1619, 08/09/2001, página A6.)

Os quatro estados de vida mais elevados — Erudição, Absorção, Bodhisattva e Buda — formam os “Quatro Nobres Caminhos”.

• Erudição: É a condição experimentada por uma pessoa que luta por um estado duradouro de contentamento e de estabilidade por meio da auto-reforma e do desenvolvimento próprio. Nesse estado, a pessoa dedica-se à criação de uma vida melhor, buscando idéias, conhecimentos e experiências de seus predecessores. A condição vivida por um cientista ao desenvolver pesquisas em busca de novas descobertas exemplifica esse estado.

• Absorção: É semelhante ao estado de Erudição, pois trata-se de uma condição em que a pessoa também busca a auto-reforma. Porém, não busca experiências com seus predecessores, consegue perceber os fenômenos da natureza sozinha. Os artistas e os filósofos vivem comumente nesse estado.

Os estados de Erudição e Absorção são conhecidos como “Dois Veículos”, pois conduzem as pessoas para uma certa independência na vida por meio da percepção obtida da verdade parcial. Contudo, nos “Dois Veículos”, as pessoas ficam apegadas à percepção para o bem de si mesmas e não lutam para beneficiar os outros.

• Bodhisattva: A pessoa nesse estado manifesta uma vida plena de benevolência e sua característica é dedicar-se à felicidade de outras pessoas. Essa benevolência difere essencialmente do conceito de caridade ou compaixão, e sua definição exata é “retirar o sofrimento e dar felicidade”. A caridade e a compaixão podem aliviar o sofrimento, mas não conseguem retirá-lo e nem dar a felicidade. A principal característica das pessoas nesse estado é a busca constante do estado de Buda, ao mesmo tempo em que procuram ensinar esse caminho para que outras tornem-se capazes de manifestar a força inerente da vida para conquistarem a felicidade absoluta.

• Estado de Buda: Constitui-se de uma condição de vida em que a pessoa adquire sabedoria que lhe permite compreender a verdadeira essência da vida, manifestar a profunda benevolência para com todas as pessoas e ter a percepção sobre as três existências da vida e sobre a Lei básica do universo. É uma condição de felicidade absoluta que nada pode corromper. Da mesma forma que nenhum estado de vida é estático, o estado de Buda é experimentado no decurso das contínuas atividades altruísticas diárias. Portanto, não se deve considerar o estado de Buda como objetivo máximo a ser alcançado somente no final da vida.

Cabe ressaltar que os Dez Estados de Vida, inclusive os Quatro Nobre Caminhos, estão todos inerentes na vida de todas as pessoas. Na escritura “O Verdadeiro Objeto de Devoção”, Nitiren Daishonin afirma: “A transição de tudo está clara para nós, porque o estado dos Dois Veículos (Erudição e Absorção) está presente nos seres humanos. Mesmo um frio vilão ama sua esposa e filhos. Ele, também, tem o Bodhisattva dentro da sua vida. O Estado de Buda é o mais difícil de demonstrar, mas desde que os outros nove mundos na realidade existem como estados da vida humana, o senhor deve ter fé de que o Estado de Buda também existe dentro da sua vida.” (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. 1, pág. 56.)

# Dez Estados de Vida (jikkai) - Conclusão (5)

(Brasil Seikyo, edição nº 1620, 15/09/2001, página A6.)

Na escritura “Carta de Ano Novo”, Nitiren Daishonin afirma: “Considerando a questão de onde estão o inferno e o Buda, um sutra diz que o inferno está debaixo da terra, enquanto um outro diz que o Buda está no Oeste. Entretanto, uma análise mais cuidadosa revela que ambos existem em nosso próprio corpo. De fato, o inferno está no coração da pessoa que insulta seu pai ou desrespeita sua mãe. É como a semente de lótus que contém tanto a flor como o fruto. Da mesma forma, o Buda habita nosso coração. Por exemplo, a pederneira contém o potencial para produzir fogo e as jóias possuem um valor intrínseco. Nós, seres humanos, não enxergamos nem nossos próprios cílios, que estão tão próximos, nem o céu distante. Da mesma maneira, não conseguimos compreender que o Buda existe em nosso coração.” (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. 1, pág. 413.)

Com a recitação do Nam-myoho-rengue-kyo e com a propagação do budismo, uma pessoa eleva cada vez mais sua condição de vida, fazendo com que o estado de Buda prevaleça e domine os demais estados, o que faz com que ela manifeste sabedoria para não ser arrastada pelas circunstâncias externas da vida.

Quando almejamos o estado de Buda e oramos Daimoku para esse fim, adquirimos energia vital e começamos a elevar o estado de vida que nos encontramos e vencemos os limites dos baixos estados, que nos prendem em nosso mau carma. Assim, elevamos a forma de encarar a vida e agimos com sabedoria no dia-a-dia. O que era complicado se torna fácil de ser resolvido. Em meio às situações insustentáveis, descobrimos meios ou surgem efeitos de causas do passado que decisivamente mudam as circunstâncias negativas de nossa vida. Com isso, comprovamos que “não há oração sem resposta” e “não existe beco sem saída” com a prática do budismo.

É infinitamente gratificante descobrir que o benefício não é “algo que vem de fora”, e sim está inerente em nossa vida. E a prática da fé possibilita sua manifestação.

O budismo baseia-se na convicção do potencial ilimitado inerente ao ser humano, que pode transformar tudo. Esse infinito potencial é chamado de estado de Buda. Almejar estados de vida mais elevados é libertar esse potencial. Por essa razão, praticar o budismo é a mais elevada causa que gera os mais elevados benefícios. Este é o motivo básico da recitação do Nam-myoho-rengue-kyo e o motivo de encorajar outras pessoas a fazerem o mesmo.

# Possessão Mútua dos Dez Estados (jikkai-gogu) - Conceitos gerais (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1621, 22/09/2001, página A6.)

O princípio de coexistência dos dez estados de vida, também conhecido como Possessão Mútua dos Dez Estados, esclarece a inter-relação entre esses estados. Literalmente significa que cada estado, desde o de Inferno até o estado de Buda, contém todos os dez estados.

Os sutras anteriores ao Sutra de Lótus sustentavam que os Dez Estados existiam independentemente entre si, considerando cada um deles como diferentes locais. Assim, por exemplo, considerava-se que o estado de Inferno situava-se a mil yujun sob a terra (um yujun é a distância que uma tropa de soldados avança num dia — aproximadamente 24 quilômetros), enquanto o estado de Fome situava-se a cinco mil yujun sob a terra. Já o estado de Alegria (ou o Céu) localizava-se num palácio em uma determinada montanha. Em contraste, o Sutra de Lótus negou a separação dos Dez Estados, expondo que todos se reúnem ao mesmo tempo. Além disso, expôs que todas as pessoas dos nove estados possuem a natureza de Buda na profundeza da vida e, portanto, todos possuem o potencial para atingir o Estado de Buda. Então, nos sutras anteriores ao Sutra de Lótus, os Dez Estados representavam diferentes locais, enquanto para o Sutra de Lótus passaram a representar os Dez Estados da Vida.

Na escritura “O Verdadeiro Objeto de Devoção”, Nitiren Daishonin declarou: “No quinto volume do Maka Shikan está dito que: ‘Uma única entidade de vida está dotada com os Dez Mundos. Cada um dos Dez Mundos está, ao mesmo tempo, dotado com todos os outros, de modo que uma entidade de vida na realidade contém uma centena de mundos.’” (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. 1, pág. 47.)

Assim, podemos entender que um determinado estado de vida coexiste com os demais estados na forma latente. Esta teoria confirma que os estados de vida não são condições estáticas, mas que um estado torna-se mais evidente do que outro de acordo com as causas externas que o motivaram, deixando os demais estados na condição não manifesta.

Enfim, o conceito de Possessão Mútua dos Dez Estados nos permite entender melhor o princípio dos Dez Estados de Vida, sob o ponto de vista de sua aplicação prática na vida diária.

# Possessão Mútua dos Dez Estados (jikkai-gogu) (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1623, 13/10/2001, página A6.)

Aplicação prática na vida

Observando a vida de uma pessoa, é possível perceber seu estado de vida básico. Podemos dizer que a tendência habitual da vida das pessoas, assim como sua própria personalidade, foi desenvolvida pelas causas acumuladas até o presente.

O princípio de Possessão Mútua dos Dez Estados explica que todas as pessoas têm um estado de vida básico e que, embora manifestem outros estados de acordo com as circunstâncias, acabam retornando a esse estado básico. Por exemplo: uma pessoa cujo estado básico é o de Ira, mesmo que manifeste momentaneamente o de Bodhisattva, retornará rapidamente ao estado de Ira. A maneira como encaramos as situações e a forma como as resolvemos estão diretamente relacionadas a este estado básico de vida. Se a tendência de uma pessoa é o estado de Inferno, as ações para satisfazer os desejos individuais do estado de Fome serão condizentes com o baixo nível de vida do estado de Inferno. Agindo para satisfazer a fome dos desejos, suas ações podem chegar a ser tão negativas a ponto de agredir ou até tirar a vida de alguém. No entanto, se o estado básico é o de Buda, as ações para satisfazer os desejos do estado de Fome serão elevadas e positivas. Portanto, se o estado básico de vida é elevado, não importando quão negativa seja a condição, as ações também serão elevadas.

Mesmo quando tornamos o estado de Buda nossa tendência básica, ainda possuímos os outros estados e, naturalmente, continuamos a ter preocupações e sofrimentos. Porém, a esperança torna-se o alicerce de nossa vida e passamos a manifestar uma alegria inabalável. A prática diária do Gongyo e do Daimoku é o meio para se atingir esta condição.

Certa vez, o presidente Toda disse: “Mesmo ficando doente, devemos manter a atitude de que ‘Eu estou bem. Sei que se orar ao Gohonzon, vou melhorar.’ O fato de manifestar o estado de Buda não quer dizer que somos capazes de viver desfrutando uma completa paz espiritual? Sim, porém, como o estado de Buda contém os outros nove estados, em algumas ocasiões ainda podemos ficar irados. O fato de experimentarmos a paz espiritual não significa que eliminamos a ira, por exemplo. Uma preocupação continua sendo uma preocupação. Contudo, sentimos em nosso interior uma profunda paz espiritual. A pessoa que manifesta esta condição de vida pode ser chamada de Buda.” (Brasil Seikyo, edição no 1.515, 7 de julho de 1999, pág. 3.)

O Kossen-rufu é uma luta para tornar o estado de Buda a tendência básica da vida das pessoas. Fundamentalmente isso se resume em criar laços cada vez maiores de amizade e de companheirismo.

A importância maior do princípio de Possessão Mútua dos Dez Estados é esclarecer que todas as pessoas, mesmo as que se encontram predominantemente nos estados mais baixos, estão dotadas com a suprema condição de vida chamada estado de Buda. Portanto, mesmo que se encontre na mais terrível condição, possui inerentemente a possibilidade de manifestar o potencial do estado de Buda e alcançar a felicidade.

# Inseparabilidade da vida e seu ambiente (esho funi): Conceitos gerais (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1624, 20/10/2001, página A6.)

Dentre os vários princípios expostos pelo budismo, existe também o esho funi, que elucida a íntima relação entre a vida e o meio ambiente.

Este conceito tem uma importância fundamental para entendermos as relações que estabelecemos ao longo da vida nos vários locais em que vivemos: família, trabalho, vizinhança, organização, enfim, na sociedade como um todo.

Para compreendermos melhor este princípio, podemos analisar a palavra esho funi da seguinte maneira:

Esho é a combinação das primeiras sílabas de e-ho e sho-ho. Sho-ho se refere ao sujeito, isto é, o ser dotado de vida, como por exemplo nós, seres humanos. E-ho se refere ao objeto que sustenta e possibilita a expressão da vida, isto é, o ambiente do ser vivo.

Funi significa dois fenômenos independentes, mas inseparáveis.

Assim, pelo seu próprio significado literal, o termo esho funi significa que a pessoa e seu ambiente são dois fenômenos independentes, porém unos em sua existência fundamental. Em outras palavras, a pessoa e seu ambiente formam uma vida única e completa, sendo que nenhuma pode existir separada da outra.

Na escritura “Os Presságios”, Nitiren Daishonin apresenta uma analogia que ilustra este conceito: “As dez direções são ‘ambiente’ (e-ho), e os seres sensíveis são ‘vida’ (sho-ho). O ambiente é como a sombra, e a vida, o corpo. Sem o corpo não pode haver sombra. Analogamente, sem a vida, o ambiente não pode existir, embora a vida seja sustentada pelo seu ambiente.” (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. 4, pág. 186.)

Assim, seguindo este raciocínio, não pode haver vida sem um ambiente no qual ela possa se manifestar, assim como não é possível existir um ambiente sem vida nele. Por outro lado, com o exemplo do corpo e da sombra, Daishonin nos mostra a maneira correta de considerarmos as diversas circunstâncias que nos cerca no dia-a-dia, especialmente quando se quer transformá-las. É importante conscientizarmo-nos de que a mudança das condições que nos rodeiam passa obrigatoriamente pela nossa própria transformação. Conforme o exemplo citado por Daishonin, querer transformar o ambiente sem a mudança de si próprio é tão absurdo quanto à tentativa de endireitar uma sombra sem mexer o corpo.

Enfim, podemos compreender o fato inegável de que a pessoa e seu ambiente são inseparáveis. Contudo, o princípio de esho funi não se restringe apenas a uma simples explicação da relação inseparável entre os dois, mas vai muito além, elucidando de que forma a vida se manifesta no ambiente, dando suas características peculiares.

# Inseparabilidade da vida e seu ambiente (esho funi) (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1625, 27/10/2001, página A5.)

Conforme publicado na edição anterior, o princípio de esho funi indica que uma pessoa e seu ambiente formam uma única e completa vida, ou seja, a vida não se restringe apenas aos aspectos físicos do corpo, mas se estende para o ambiente em que habita. Constitui-se de uma série de elementos que lhe dão característica única, manifestando diferentes aspectos e revelando sua individualidade nesse ambiente. Sob esse ponto de vista, não existem duas pessoas fisicamente iguais e com personalidades semelhantes.

A visão budista da vida embasada nos Três Princípios da Individualização (san seken) nos oferece melhor compreensão de como ela se manifesta no ambiente. Os Três Princípios da Individualização constituem-se dos cinco componentes da vida, do ambiente social e do ambiente natural.

Os cinco componentes da vida (go'on seken)

De acordo com a definição budista de Três Princípios da Individualização, uma pessoa é a "fusão temporária dos cinco componentes":

1) Forma: corpo, ou seja, a constituição física do corpo e dos seus órgãos.

2) Percepção: função de perceber claramente as informações externas e gravá-las em sua mente.

3) Concepção: função de elaborar concepções mentais e idéias sobre algum objeto ou informação percebida.

4) Vontade (força que motiva a ação): desejo de desencadear alguma espécie de resposta a partir das concepções mentais criadas ou das idéias de algum objeto percebido, assim como a própria resposta.

5) Consciência: conjunto global do consciente de uma pessoa, ou seja, a entidade que substancia e ativa as outras quatro funções.

Em resumo, cada pessoa é uma integração temporária da forma, percepção, concepção, vontade e consciência. De maneira mais ilustrativa, podemos dizer que cada uma possui, antes de mais nada, uma forma, que é o corpo; percebe as coisas que acontecem ao redor, como por exemplo, ouve uma música e a registra na mente; forma então uma idéia (concepção) sobre o que percebeu, por exemplo considerando a música alegre ou triste; em seguida, manifesta o desejo de responder à idéia que formou, como dançando, cantando ou chorando, a partir da impressão que teve da música; e, por fim, adquiri uma consciência sobre a interação com o ambiente externo, por exemplo o impacto que a música teve sobre as emoções.

Os cinco componentes se manifestam ainda de diferentes maneiras, de acordo com o estado de vida de uma pessoa. No livro "Vida — Um Enigma, uma Jóia Preciosa", o presidente Ikeda cita o seguinte exemplo: "Tanto a mulher vietnamita como o homem doente se encontram no estado de Inferno, no entanto não se identificam um com o outro, pois tanto as circunstâncias particulares como a personalidade individual de cada um são distintas." (Pág. 173.) Portanto, a vida de ambos, embora na mesma condição de vida (Inferno), se manifesta de diferente forma.

Assim, podemos entender que a integração dos cinco componentes, somados aos Dez Estados de Vida é o que torna cada pessoa única, tanto física como espiritualmente, e forma sua personalidade.

# Inseparabilidade da vida e seu ambiente (esho funi) (3)

(Brasil Seikyo, edição nº 1626, 03/11/2001, página A6.)

Apresentaremos a seguir a visão dos ambientes social e natural embasada nos Três Princípios da Individualização. Na edição anterior, vimos que os cinco componentes da vida se expressam de diferentes formas, de acordo com o estado de vida de uma pessoa. Simultaneamente, os seres vivos mostram diferenças entre si de acordo com seu ambiente social e natural.

Ambiente social (shujo seken)

Conhecido também como o "mundo dos seres vivos", refere-se ao relacionamento constante e de mútua influência entre todos os seres vivos. Em outras palavras, "ambiente social" indica que nenhum ser vivo pode viver totalmente isolado dos outros. Como ser humano, o "ambiente social" indica que vivemos a vida conjuntamente com outras pessoas.

Ambiente natural (kokudo seken)

O ambiente natural é o lugar onde os seres vivos habitam e do qual dependem para desenvolverem suas atividades vitais. Eles jamais podem viver isolados desse ambiente, pois é a essência de sua existência.

O "ambiente natural" não se refere apenas ao local físico, mas sim à condição do local, que, na verdade, é o reflexo da vida das pessoas que o habitam. Sobre isso, o presidente Ikeda cita: "Cada vida é individual e, enquanto se manifesta neste mundo, uma particular existência simultaneamente configura um meio ambiente com o qual seja compatível. Para ver a verdade disso basta olhar as circunvizinhanças de uma pessoa particular, pois, nesse meio, podemos distinguir claramente todas as inclinações e características de sua vida. Se tentarmos imaginar um ser humano sem meio ambiente, estaremos falando de nada, configurando-o miticamente. Na medida em que a vida estende sua influência à circunvizinhança, o meio ambiente automaticamente muda de acordo com a condição da vida. Então, o meio ambiente — que é um reflexo da vida interior dos seus habitantes — sempre adquire as características dos que nele existem." (Vida — Um Enigma, uma Jóia Preciosa, Editora Record, pág. 173.)

Em resumo, um ser vivo nasce (fusão dos cincos componentes), cresce e se desenvolve a partir da sua relação com o mundo a sua volta, constituído pelos seus pais, amigos, professores etc. (ambiente social). Esta interação com o mundo ao seu redor se dá num determinado ambiente, seja em casa, na escola, no trabalho ou na comunidade (ambiente natural).

Do ponto de vista de esho funi, os cinco componentes da vida constituem o sho-ho, que é o sujeito; os ambientes social e natural formam o e-ho, que é o ambiente. Os Três Princípios da Individualização fazem parte do itinen sanzen (Três Mil Mundos num Único Momento da Vida), que representa a vida integral de um ser.

Portanto, os cinco componentes da vida e os ambientes social e natural estão contidos dentro do próprio ser vivo. Desta forma, o conceito budista da vida revela a realidade que inclui tanto o sho-ho (sujeito) como o e-ho (ambiente) que são, portanto, unos e inseparáveis.

# Inseparabilidade da vida e seu ambiente (esho funi) (4)

(Brasil Seikyo, edição nº 1627, 10/11/2001, página A6.)

Enfim, entendendo o princípio budista de esho funi, compreendemos que as relações que estabelecemos com as pessoas, o local onde nos encontramos e vivemos, ou seja, tudo que se manifesta no nosso dia-a-dia está relacionado com o nosso estado de vida. Portanto, se hoje desfrutamos de um lar harmonioso e um bom ambiente de trabalho, ou se vivemos relações conflitantes, num ambiente permeado pelo ódio, trapaças e inveja, somos responsáveis por isso, pois tanto a felicidade como o sofrimento estão contidos em nossa vida.

Discorrendo sobre esse conceito, o presidente Ikeda afirmou: “Um trecho em ‘Ensinamentos Secretos em Três Partes’ nos diz o seguinte: ‘O Inferno é uma habitação de ferro em brasa e Fome é o lugar quinhentos yujun abaixo do mundo humano.’ De um lado, isto exprime graficamente a agonia do ambiente do Inferno: um estado no qual os seres vivos são privados dos seus desejos e do seu direito de viver. De outro, nos lembra de que o domicílio de uma pessoa no estado de Fome — quer dizer, uma situação em que os desejos instintivos não podem ser satisfeitos — fica a uma grande distância do mundo apropriado aos seres humanos. É como se essa pessoa estivesse confinada no fundo de um poço e não pudesse obter comida ou água.” (Vida — Um Enigma, uma Jóia Preciosa, Editora Record, págs. 173-174.)

E na escritura “Sobre atingir o estado de Buda nesta existência”, Nitiren Daishonin declara: “Se o senhor profere o nome do Buda, recita o sutra, ou simplesmente oferece flores e incenso, todos esses atos virtuosos implantarão benefícios e raízes de benevolência em sua vida. Com essa convicção o senhor deve se empenhar na fé. O sutra Vimalakirti declara que, quando se busca a condição de absoluta liberdade do Buda na mente dos mortais comuns, descobrirá que eles são entidades da iluminação, e que os sofrimentos do nascimento e da morte são nirvana. Também afirma que se a mente das pessoas é impura, sua terra será igualmente impura. Mas se sua mente é pura, assim será sua terra. Portanto, não há duas terras, pura e impura ao mesmo tempo. A diferença reside unicamente na mente boa ou má das pessoas.” (Os Escritos de Nitiren Daishonin, vol. 1, pág. 3.)

Segundo a filosofia de Nitiren Daishonin, a prática budista nos capacita a atingir o estado de Buda, a mais alta condição de vida. Manifestar o estado de Buda é construir uma condição de vida sólida, capaz de influenciar positivamente todo o ambiente em que vivemos. Isso é enfatizado claramente pelo presidente Ikeda na passagem a seguir: “Uma pessoa que atinge o estado de Buda é igual ao átomo que detona uma reação físsil. Sua força vital é pura e profusa e causa notáveis mudanças no âmago de outras vidas. Como a grama que começa a ressecar, mas que pode ser restaurada com uma boa chuva, ou como uma caravana é revitalizada pela água fresca ao chegar a um oásis, os indivíduos e seus ambientes podem ser infundidos do poder e da alegria de viver quando descobrem a força vital do estado de Buda.” (Vida — Um Enigma, uma Jóia Preciosa, págs. 177-178.)

# Três obstáculos e quatro maldades (sansho shima) - Conceitos gerais (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1628, 17/11/2001, página A6.)

O conceito budista de “três obstáculos e quatro maldades” (sansho shima) elucida e classifica os diversos tipos de obstáculos e impedimentos que surgem ao praticar o budismo. O Buda Original Nitiren Daishonin refere-se a esse princípio em várias de suas escrituras, como na “Carta aos Irmãos”, na qual consta a seguinte passagem: “Se professar o Verdadeiro Budismo, os sansho shima surgirão em sucessão.” (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. 1, pág. 239.)

Nessa frase, Nitiren Daishonin incentiva os irmãos Ikegami, mostrando que os obstáculos surgem justamente por se aprofundarem na prática da fé. Em outras palavras, os três obstáculos e as quatro maldades surgem a todo momento, tentando, de alguma forma, impedir nossa prática diária. Por isso, devemos estar sempre preparados para enfrentá-los.

Os três obstáculos são: 1) obstáculos dos desejos mundanos (bonno-sho), ou obstáculos causados pelos três venenos da avareza, ira e estupidez); 2) obstáculo do carma (go-sho), ou obstáculo gerado pelo mau carma criado por cometer qualquer um dos cinco pecados fundamentais ou dez maus atos. Esse obstáculo também é interpretado como oposição da esposa e dos filhos; e 3) obstáculo da retribuição (ho-sho), ou obstáculo das causas negativas criadas por ações dos três maus caminhos (Inferno, Fome e Animalidade). Pode ser interpretado também como os obstáculos impostos pelos soberano, pais ou outros em posição de autoridade.

As quatro maldades são: 1) impedimento dos cinco componentes (on-ma), ou obstruções causadas pelas funções físicas e mentais da pessoa; 2) impedimento dos desejos mundanos (bonno-ma), ou obstruções originadas dos três venenos, criando dúvida no Gohonzon; 3) impedimento da morte (shi-ma), ou obstrução à prática causada pelo medo que a morte vincula; e 4) impedimento do Demônio do Sexto Céu (tenshi-ma), tradicionalmente a perseguição por parte de homens do poder.

O ponto importante é reconhecer que os obstáculos e as maldades são funções tentando nos influenciar e nos amedrontar de forma a obstruir o desenvolvimento de nossa prática da fé. O surgimento dos obstáculos é, na verdade, a maior prova do progresso da nossa fé. Portanto, quando identificamos essas funções, devemos manifestar a força e a coragem para desafiá-las, e jamais permitir que nos derrotem. Quando enfrentamos com toda a perseverança e ultrapassamos esses obstáculos, podemos elevar a nossa condição de vida. Esse é o verdadeiro caminho dos seres humanos para a felicidade.

# Três obstáculos e quatro maldades (sansho shima) (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1629, 24/11/2001, página A6.)

Impedimento do Demônio do Sexto Céu

Dentre as quatro maldades, o impedimento causado pelo Demônio do Sexto Céu (tenshi-ma) é o mais difícil de superar. O Demônio do Sexto Céu manifesta-se como “agente positivo” que induz as autoridades ou os pais a perseguirem os praticantes do budismo.

Sobre isso, o presidente Ikeda orienta: “O budismo é uma eterna batalha entre o Buda e as funções malignas — entre as forças iluminadas e destrutivas inerentes na vida e no universo. É uma luta contra as funções malignas e aquelas que estão presas sob sua servidão, contra as forças que buscam obstruir a propagação budista, a felicidade das pessoas e o progresso do Kossen-rufu. O furioso ataque das funções malignas é extremamente forte porque o Demônio do Sexto Céu, o obstinado comandante dessas forças destrutivas, domina o mundo das questões humanas.” (Brasil Seikyo, edição no 1.582, 2 de dezembro de 2000, pág. 3.)

Mas de onde se originam os obstáculos?

As escrituras de Nitiren Daishonin ensinam que, de forma geral, derivam-se da escuridão fundamental inerente na vida (gampon no mumyo, em japonês). Essa escuridão é a fonte de todas as ilusões e age para obscurecer nossa natureza de Buda. Todos possuem dentro de si tanto a natureza iluminada como a escuridão fundamental. A iluminação e a ilusão possuem uma única entidade. Elas são, por assim dizer, dois possíveis aspectos ou expressões da vida. Porém, quando nos dedicamos à prática budista, podemos extrair e perceber a preciosa realidade da nossa natureza de Buda. Em contrapartida, quando preferimos a ilusão, nossa natureza de Buda permanece encoberta pela escuridão fundamental.

A ilusão, ou seja, a escuridão e o negativismo, manifesta-se na vida na forma de vários obstáculos, tanto internos como externos. Para superá-los, é importante empenhar-se na prática da fé buscando manifestar o estado de Buda e se dedicar tanto para a própria felicidade como para a de outros.

Na escritura “Carta aos Irmãos”, consta a seguinte passagem: “O sutra Rokuharamitsu afirma que se deve tornar senhor da sua mente em vez de permitir à sua mente dominá-lo.” (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. 1, pág. 243.) Nessa frase, Nitiren Daishonin ensina a jamais permitirmos ser dominados pelo sentimentalismo gerado pelas maldades ou forças negativas. Devemos, sim, ativar as forças protetoras e positivas do universo por meio da sincera oração ao Gohonzon. Assim, manifestaremos a alegria em todas as questões da vida, crescendo e nos desenvolvendo até chegarmos à nossa revolução humana.

Naturalmente, como seres humanos, mesmo sendo fervorosos praticantes do budismo, há ocasiões em que ficamos doentes ou nos acidentamos; outras vezes, podemos enfrentar incêndios ou calamidades, como enchentes ou secas; ou ainda, em nosso dia-a-dia, podemos ter aborrecimentos no trabalho ou até mesmo na comunidade. Todas essas dificuldades podem ser classificadas como os ‘três obstáculos e quatro maldades’ tentando impedir nossa atuação em prol da paz mundial. Por outro lado, essas mesmas dificuldades podem ser interpretadas como elementos que contribuem para a transformação do nosso carma, assim como a flor de lótus nasce em meio a águas lamacentas.

# Três obstáculos e quatro maldades (sansho shima) (3)

(Brasil Seikyo, edição nº 1630, 01/12/2001, página A6.)

Em um trecho da escritura “Carta aos Irmãos”, Nitiren Daishonin afirma: “Se a propagar, maldades surgirão infalivelmente. Se não fossem estas, não haveria modo de se saber que este é o ensino correto.” (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. 1, pág. 239.) Compreendendo essa frase, devemos nos empenhar ainda mais na prática da fé cientes de que o surgimento de obstáculos e maldades é a prova de que praticamos o Verdadeiro Budismo, capaz de nos conduzir à felicidade absoluta. Se uma pessoa pratica um ensino fraco, não encontrará impedimentos. Porém, quando se devota a um forte ensino, capaz de transformar seu mau carma, dissipar a escuridão inata na sua vida e evidenciar a suprema condição do estado de Buda, sua prática encontrará obstáculos.

Na escritura “Comportamento do Buda”, consta : “O quinto volume do Maka Shikan diz: ‘Desde que uma pessoa já tenha avançado na sua prática e compreensão, os três obstáculos e quatro maldades surgirão em sucessão.’ Afirma também: ‘A influência de tais obstáculos é como a de um javali arranhando uma montanha dourada somente para fazê-la brilhar; ou rios fluindo ao oceano para aumentar seu volume; ou combustível adicionado ao fogo para aumentar sua força; ou o vento soprando para expandir o corpo de um inseto chamado Gura.’” (Ibidem, pág. 169.) Com base nessa frase, ao defrontarmos com obstáculos e dificuldades, devemos fortalecer a prática da fé, para assim mudarmos nosso aspecto e transformarmos o sofrimento em felicidade.

O presidente Ikeda orienta: “O ouro também possui um profundo significado no budismo. Não pode ser destruído pelo fogo nem ser corrompido ou corroído pela água. Da mesma forma, uma pessoa que abraça uma filosofia verdadeira pode conduzir uma existência dourada, uma vida que não pode ser corrompida nem destruída por nenhum obstáculo nem maldade que estiver em seu caminho. É isso o que o budismo ensina. Conduzam uma existência dourada! — esse é o propósito fundamental do budismo e da vida.” (Brasil Seikyo, edição no 1.551, 8 de abril de 2000, pág. 3.)

Muitas vezes, acreditamos que receber benefícios visíveis é a única comprovação de que praticamos corretamente. Porém, com base no ensino de Nitiren Daishonin, o surgimento de obstáculos pode também ser uma imensa prova de nosso progresso na fé. O essencial é jamais sermos influenciados ou amedrontados por eles. Os sofrimentos podem ser um bom professor e um bom meio para nos levar a uma fé mais pura e a um estado de vida mais elevado. A verdadeira compreensão disso fortalecerá nossa convicção de que não haverá situação adversa que seja intransponível.

# Três obstáculos e quatro maldades (sansho shima) (4)

(Brasil Seikyo, edição nº 1631, 08/12/2001, página A6.)

Quando estabelecemos um objetivo e nos dedicamos firmemente visando à sua concretização, é natural encontrarmos diversos tipos de resistência, pois quanto maior nossa determinação e prática, maiores são os obstáculos. Por isso, ao enfrentarmos dificuldades, devemos fortalecer nossa determinação para resolvê-las. Com isso, faremos do obstáculo um trampolim para o nosso desenvolvimento. Na verdade, quanto maiores os obstáculos, maiores os benefícios que desfrutaremos.

O caminho para fortalecer nossa vida e superar os obstáculos está, sem dúvida, na ação concreta da prática budista de jigyo keta (prática individual e prática altruística). Quando canalizamos nossos esforços para o avanço do Kossen-rufu, enfrentando e ultrapassando todas as dificuldades, infalivelmente transformamos nossa vida e conquistamos uma inabalável felicidade.

O presidente Ikeda afirma: “Uma batalha resoluta, exatamente como um rio colidindo estrondosamente contra as rochas, encontrará inevitavelmente obstáculos e funções malévolas. Se os senhores perseverarem adiante, não permitindo a si próprios serem derrotados em suas batalhas, irão se mover como as ondas com crescente ímpeto e obterão grandes resultados — assim como um rio flui com crescente força a cada vez que colide contra as rochas, correndo com grande vigor.” (Brasil Seikyo, edição no 1.248, 6 de novembro de 1993, pág. 5.)

Em suas escrituras, Nitiren Daishonin salienta que enfrentar obstáculos e perseguições em prol da paz e da felicidade das pessoas é motivo de alegria, conforme declarou num trecho da “Resposta a Hyoe-no-Sakan”: “Existe, definitivamente, algo extraordinário no avanço e no recuo da maré, no levantar e no descer da lua, e nas mudanças das estações. Algo incomum acontece também quando uma pessoa comum atinge o estado de Buda. Indubitavelmente, com o aparecimento dos três obstáculos e quatro maldades o sábio alegrar-se-á, e o tolo se acovardará.” (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. 1, pág. 250.)

Em uma orientação, o presidente Ikeda afirmou: “Quando uma tempestade devastadora de obstáculos cair sobre nós, isso representa uma chance para transformarmos o nosso destino, uma oportunidade para assegurarmos a eterna felicidade da concretização do estado de Buda. Essa era a grande convicção do presidente Toda. Além do mais, Daishonin declarou: ‘Aqueles que têm coração de leão com certeza atingirão o estado de Buda, assim como Nitiren’ (The Writings of Nichiren Daishonin, vol. 1, pág. 35.)” (Brasil Seikyo, edição no 1.299, 3 de dezembro de 1994, pág. 3.)

Enfim, o Buda Original Nitiren Daishonin nos ensina, por meio do princípio de três obstáculos e quatro maldades, qual deve ser nossa atitude para superar as dificuldades e transformar o mau destino. Portanto, devemos nos conscientizar que a atitude correta na prática da fé perante as adversidades é o caminho para a edificação da prosperidade da nossa família e da conquista de um indestrutível estado de felicidade.

# Transformação do veneno em remédio (hendoku iyaku): Conceitos gerais (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1635, 12/01/2002, página A6.)

O princípio budista “transformação do veneno em remédio” (hendoku yaku, em japonês) indica que, por meio dos extraordinários benefícios do Gohonzon, pode-se transformar os infortúnios (veneno) em benefícios (remédio). Quando nos defrontamos com os inúmeros sofrimentos e dificuldades da vida, devemos aprofundar e fortalecer a prática da fé e, como conseqüência, conquistar grandiosos benefícios.

A frase “transformar o veneno em remédio” aparece primeiramente em uma obra chamada Daitido Ron (Tratado sobre o Sutra da Perfeita Sabedoria), na qual Nagarjuna1 compara o Sutra de Lótus a “um grande médico que transforma veneno em remédio”. Na escritura “Comparação entre o Sutra de Lótus e outros Sutras”, Nitiren Daishonin cita a seguinte passagem: “O primeiro foi o Bodhisattva Nagarjuna na Índia, que afirmou em seu Dai-ron2: ‘(O Sutra de Lótus) é como um grande médico que transforma o veneno em remédio...’” (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. 2, pág. 237.) O Sutra de Lótus revelou a possibilidade de as pessoas dos dois veículos, Erudição e Absorção, atingirem o estado de Buda, enquanto que nos ensinos provisórios eram condenadas como pessoas que haviam queimado as sementes do estado de Buda. Nitiren Daishonin interpreta de forma ampla essa frase, indicando que, por intermédio do poder da Lei Mística, a pessoa pode transformar o veneno dos Três Caminhos (desejos mundanos, carma e sofrimento) no remédio das Três Virtudes (verdade, sabedoria e liberdade).

Os Três Caminhos retratam o estado de ignorância dos mortais comuns, provocados pelos desejos mundanos ou ilusões, criando assim o mau carma, que por sua vez produz sofrimentos. Esse sofrimento gera um círculo vicioso, estimulando novos desejos, que no transcorrer do tempo cria mais sofrimentos.

As Três Virtudes caracterizam a vida do Buda; a “verdade” que o Buda compreendeu é a realidade última da vida; a “sabedoria” é a capacidade para compreender essa verdade; a “liberdade” é a independência dos sofrimentos de nascimento e morte. Essas Três Virtudes também correspondem respectivamente às Três Propriedades do Buda (Sanjin): vida, sabedoria e propriedade física iluminada do Buda.

A “transformação do veneno em remédio” significa a força benéfica da Lei Mística de transformar os Três Caminhos em Três Virtudes. Para nós, mortais comuns, isso é místico, pois uma situação se transforma em outra completamente oposta.

Em termos práticos, a “transformação do veneno em remédio” é um importante princípio que possibilita direcionar a vida das pessoas que abraçam o Gohonzon para um rumo positivo e otimista por meio da sincera prática da fé. Em especial, nos momentos de maior sofrimento, a determinação e a oração de “transformar o veneno em remédio” são, sem dúvida, os ingredientes indispensáveis para a conquista da vitória e da felicidade na vida.

Notas:

(1) Nagarjuna: Grande filósofo indiano do Budismo Mahayana do século III. Nascido em uma família brâmane, inicialmente estudou o Budismo Hinayana, mas depois dedicou-se ao estudo e propagação do Mahayana. Ele deixou muitos tratados sobre o Budismo Mahayana, entre outros o Daitido-ron (Tratado sobre o Sutra da Perfeita Sabedoria, Mahaprajna-paramitopadesha, em sânscrito), contribuindo para o desenvolvimento da filosofia budista.

(2) Dai-ron: Abreviatura de Daitido-ron, atribuído a Nagarjuna e traduzido por Kumarajiva (344-409). É um comentário de cem volumes sobre o Sutra da Perfeita Sabedoria (Mahaprajnaparamita, em sânscrito).

# Transformação do veneno em remédio (hendoku iyaku) (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1636, 19/01/2002, página A6.)

Simultaneidade de causa e efeito

Na escritura “Abertura dos Olhos”, Nitiren Daishonin cita a seguinte passagem: “Semelhantemente, o Sutra Shinjikan afirma: se desejar compreender as causas que existiram no passado, veja os resultados que são manifestados no presente. E se desejar compreender quais resultados serão manifestados no futuro, olhe as causas que existem no presente.” (As Escrituras de Nitiren Daishonin [END], vol. 2, pág. 164.)

Sabemos que os efeitos das causas, tanto positivas quanto negativas, retornam invariavelmente para nós mesmos. Contudo, sabemos que com a prática do budismo, recitando Daimoku ao Gohonzon, transformamos qualquer adversidade. Este é o conceito budista de “transformar o veneno em remédio”. Em uma orientação, o presidente Ikeda afirma: “O maravilhoso da fé no Budismo de Daishonin é a sua capacidade de transformar o maior sofrimento da vida de uma pessoa na sua maior felicidade, e de tornar os problemas mais difíceis fontes de crescimento e uma base para a grandiosa revolução humana.” (Brasil Seikyo, edição no 1.484, 14 de novembro de 1998, pág. 3.)

Do ponto de vista da simultaneidade de causa e efeito, a resposta às nossas orações toma forma nas profundezas de nossa vida no exato momento em que as oferecemos. Quando oramos Nam-myoho-rengue-kyo ao Gohonzon, colocamos em fusão o microcosmo de nossa existência individual com a energia vital do macrocosmo, isto é, de todo o Universo. Em outro trecho da mesma orientação, o presidente Ikeda comenta: “Ao fazermos o Gongyo e o Daimoku, nossa voz é transmitida ao Gohonzon e, infalivelmente, é compreendida no mundo dos budas e bodhisattvas. Poderíamos dizer que, quando realizamos o Gongyo e o Daimoku, falamos a linguagem dos budas e bodhisattvas. Então, mesmo que vocês não compreendam o significado literal do que estão pronunciando, enquanto realizam o Gongyo e o Daimoku, suas vozes atingirão todos os budas, bodhisattvas e deuses budistas de todo o Universo — as forças protetoras inerentes na vida do Universo. E, impreterivelmente, o Universo inteiro será movimentado para concretizar suas orações.” (Ibidem.)

Na escritura “O Daimoku do Sutra de Lótus”, Daishonin esclarece sobre os benefícios de se recitar o Nam-myoho-rengue-kyo, mesmo sem entender seu significado, da seguinte forma: “Afirma-se que se tocar uma corda de kotô feita com os tendões de um leão, todos os outros tipos de cordas romperão. E basta ouvir as palavras ‘picles de ameixa’ para que sua boca comece a encher de água. Mesmo na vida cotidiana existem tais prodígios. Assim quão maiores não são as maravilhas do Sutra de Lótus!” (END, vol. 3, pág. 185.)

No ensino de Sakyamuni, as causas feitas em existências passadas não podem ser mudadas. Deve-se acumular muitas causas positivas, suportando os efeitos dos carmas do passado e aguardando que numa existência futura receba os efeitos positivos. Em contrapartida, o Budismo de Nitiren Daishonin ensina que o mau destino pode ser transformado ainda na atual existência.

# Transformação do veneno em remédio (hendoku iyaku) (3)

(Brasil Seikyo, edição nº 1637, 26/01/2002, página A6.)

Qualquer pessoa, independentemente da posição social, fama ou fortuna, enfrenta adversidades constantemente. O Budismo de Nitiren Daishonin não ensina somente uma filosofia para superar as circunstâncias, mas, acima de tudo, a fé e a prática capaz de transformá-las em felicidade.

O presidente Ikeda orienta: “Enquanto se viver, existirão infindáveis sofrimentos e desafios como a doença, a morte, os problemas de relacionamentos, as insatisfações por não poder obter aquilo que se deseja etc. Não há como fugir deles. São realidades inexoráveis da vida. A prática da fé, o Daimoku, é a força que realiza infalivelmente o hendoku yaku (transformação do veneno em remédio). O sofrimento do “veneno” transforma-se no remédio chamado “felicidade”. Por meio do princípio de bonno soku bodai (desejos mundanos são iluminação), os problemas transformam-se em fonte de iluminação e felicidade. Quanto maiores os problemas e sofrimentos, maior será a felicidade a ser alcançada. Esta é a força do Daimoku e, por esta razão, aquele que recita a Lei Mística não teme nada, pois não há o que temer.” (Brasil Seikyo, edição no 1.222, 17 de abril de 1993, pág. 4.)

Geralmente, quando nos defrontamos com certos problemas, tendemos a considerá-los como de máxima gravidade e não enxergamos soluções. Embora tal tendência seja natural nos seres humanos, como praticantes desse budismo, devemos determinar transformar o veneno em remédio com base na recitação do Daimoku ao Gohonzon. Na escritura “O Recebimento de Novos Feudos”, Daishonin interpreta o princípio da “transformação do veneno em remédio” da seguinte forma: “O Daitido Ron do Bodhisattva Nagarjuna, ao elucidar que o Sutra de Lótus ultrapassa todos os demais ensinos da existência do Buda, declara: ‘(O Sutra de Lótus) é como um grande médico que transforma o veneno em remédio.’ Isso significa que um médico de habilidade inferior pode curar males comuns com remédio, ao passo que um grande médico pode curar até mesmo doenças graves com veneno poderoso.” (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. 6, pág. 255.)

Enfim, encaremos os momentos mais difíceis da vida como oportunidades para comprovarmos o princípio da “transformação do veneno em remédio”, elevando assim o próprio estado de vida, tal como orienta o presidente Ikeda: “Desde que se tenha fé, um grande mal também pode ser convertido em um grande bem. Mesmo os mais lamentáveis infortúnios podem ser transformados, infalivelmente, em uma grande felicidade, muito maior que as anteriores. Isso é a Lei Mística. Esse é o Budismo de Nitiren Daishonin.” (Brasil Seikyo, edição no 1.241, 11 de setembro de 1993, pág. 3.)

# Chakubuku e propagação do budismo (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1641, 23/02/2002, página A6.)

No budismo, o termo Chakubuku refere-se ao método de propagar o budismo às pessoas refutando os ensinos heréticos.

Realizar o Chakubuku é romper a causa básica da infelicidade — a natureza maléfica inata da vida — e ensinar às pessoas a grandiosidade da Lei Mística. Essa é a prática básica do budismo que visa à felicidade de cada pessoa e a prosperidade social com base no diálogo. É a prática de máxima benevolência como ser humano. É o caminho mais eficaz para a revolução humana, para o acúmulo de boa sorte e para a própria felicidade. É colocar o valor da vida acima de tudo, tornando-se uma pessoa que deseja a felicidade de outras, ampliando e aprofundando cada vez mais os laços de vida a vida como dignos seres humanos.

Sobre isso, o presidente Ikeda afirma: “A propagação é o sangue vital de uma religião. Uma religião cujos adeptos não se empenham para difundi-la perde a sua função básica: chegar ao coração das pessoas e ajudá-las. O presidente Toda declarou que a Soka Gakkai é uma organização para propagar o budismo. Ao declarar isso, ele estava definindo a missão da organização: propagar os princípios do verdadeiro humanismo, concretizar a paz na Terra e assegurar a felicidade de toda a humanidade.” (Terceira Civilização, edição no 375, novembro de 1999, pág. 17.)

E declarou ainda: “Nitiren Daishonin diz: ‘O caractere ku [do termo kudoku, ou benefício] significa eliminar a maldade, ao passo que o caractere doku significa produzir o bem.’ (Gosho Zenshu, pág. 762.) No Budismo de Nitiren Daishonin, benefício significa livrar-se da escuridão fundamental da vida para fazer surgir o bem. Para manifestar o benefício precisamos realizar nossa prática do Chakubuku, a propagação do ensino de Daishonin. Isso significa refutar as crenças errôneas que causam o sofrimento e fazer com que as pessoas vivam com base na Lei Mística... Mas Daishonin também diz: ‘Tanto o mestre como o discípulo cairão sem falha no inferno de incessantes sofrimentos se virem os inimigos do Sutra de Lótus e não os repreenderem.’(The Writings of Nichiren Daishonin, pág. 747.) A palavra ‘transmissão’ (do Sutra de Lótus) significa propagação. No Sutra de Lótus, os capítulos que seguem o capítulo ‘Revelação da vida Eterna do Buda’ explicam o benefício recebido com a propagação do ensino. Somente nos tornamos felizes quando nos empenhamos para ajudar os outros a se tornarem felizes com a fé na Lei Mística. Essa é a doutrina do benefício no budismo.” (Brasil Seikyo, edição no 1.525, 25 de setembro de 1999, pág. 3.)

# Chakubuku e propagação do budismo (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1642, 02/03/2002, página A6.)

Sintonizando-se com o desejo do Buda

Conforme citaremos a seguir, Nitiren Daishonin conclama aos discípulos em diversas escrituras a persistirem e dedicarem-se à propagação do budismo. Todas as pessoas que se empenham pelo Kossen-rufu e se esforçam arduamente para concretizarem o Chakubuku e propagar os ensinos budistas são as mais dignas de respeito, conforme consta em uma escritura: "A Lei não se propaga por si mesma. Por ser propagada pelas pessoas, tanto a Lei como as pessoas tornam-se dignas de respeito." (Gosho Zenshu, pág. 856.)

Numa passagem da escritura "Sobre Abraçar o Sutra de Lótus", Daishonin também declara que os benefícios e a proteção recebidos por aqueles que se dedicam para concretizar o Chakubuku são imensuráveis: "Quanto dura uma existência? Se pararmos para considerar, é como uma simples pernoite numa hospedaria à beira da estrada. Deve a pessoa esquecer esse fato e buscar fama e lucro mundanos? Embora possa ganhá-los, estes são mera prosperidade num sonho, um deleite que dificilmente merecerá louvor... Oro para que abrace a Lei Mística, que garante que a pessoa 'desfrutará paz e segurança nesta vida e boas circunstâncias na próxima'. Esta é a única glória que precisa buscar em sua presente existência, e é a ação que o moverá para o estado de Buda em sua próxima existência. Recite determinadamente o Nam-myoho-rengue-kyo e recomende outros a fazerem o mesmo. Isso permanecerá como a única lembrança de sua presente vida no mundo humano." (As Escrituras de Nitiren Daishonin [END], vol. 5, págs. 15-18.)

Na escritura "As Barragens da Fé" consta: "O Sutra de Lótus diz: 'Se alguém ensinar este sutra por mesmo um momento na temível era que virá, ele receberá o apoio de todos os céus.' Esta passagem enaltece que, nos Últimos Dias da Lei, quando pessoas más, maculadas pelos três venenos, predominarão, qualquer um que abrace o verdadeiro ensino durante mesmo um curto período será auxiliado e apoiado pelos céus." (END, vol. 3, pág. 237.)

O Buda também enfatiza a importância de propagarmos o budismo com o máximo de nossa capacidade, conforme consta na escritura "A Essência Real de Todos os Fenômenos": "Não somente o senhor deve perseverar, mas também deve ensinar aos outros. Tanto a prática como o estudo surgem da fé. Deve contar aos outros com o melhor de sua habilidade, mesmo que seja somente a respeito de uma única sentença ou frase." (END, vol. 1, pág. 369.)

Em uma outra passagem da mesma escritura, Daishonin revela sua convicção na realização do Kossen-rufu pelos seus discípulos: "A princípio, somente Nitiren recitou o Nam-myoho-rengue-kyo, mas então duas, três e cem o seguiram, recitando e ensinando a outras pessoas. Isto acontecerá também no futuro. Não é isso 'emergir da terra'? Sem dúvida, no tempo do Kossen-rufu a nação japonesa inteira recitará o Nam-myoho-rengue-kyo. Isso é tão claro como uma flecha mirar a terra e nunca errar seu alvo." (Ibidem, pág. 367.)

A SGI é uma organização de budistas que surgiu para realizar o Kossen-rufu, conforme o desejo do Buda. Concretizar o Chakubuku é uma expressão da sincera fé e gratidão pelos inúmeros benefícios recebidos por meio da prática do Verdadeiro Budismo.

# Chakubuku e propagação do budismo (3)

(Brasil Seikyo, edição nº 1643, 09/03/2002, página A6.)

Na “Tese sobre o estabelecimento do ensino correto para a paz da nação” (Rissho Ankoku Ron), Nitiren Daishonin descreve detalhadamente a situação crítica vivida pelo povo japonês de sua época tanto nos aspectos sociais e religiosos, como nos naturais. Em forma de perguntas e respostas entre um viajante e um anfitrião, ele demonstra com base em diversos sutras budistas que a causa fundamental da ocorrência de desastres e calamidades estava exatamente na prática de ensinamentos errôneos por diversos líderes religiosos da época. Portanto, o único caminho para transformar aquela situação e conduzir as pessoas à felicidade seria por meio do estabelecimento de um pensamento correto embasado no Verdadeiro Budismo. Assim, Daishonin deixou nessa tese não somente uma advertência para as autoridades e o povo da época, como também um método correto para estabelecer a verdade última na vida das pessoas. Em outras palavras, deixou a diretriz fundamental para a ampla propagação de seus ensinos no futuro. Por isso, considera-se que o Budismo de Nitiren Daishonin começa e termina nessa tese.

Vivemos atualmente uma época tumultuada pela crise econômica global e pelos conflitos étnicos, raciais e religiosos. Muitos estão à procura de uma filosofia que os conduza ao caminho da felicidade e do verdadeiro humanismo e que os leve a descobrir o propósito de sua existência.

Da mesma forma que estamos revolucionando nossa vida, vencendo vários obstáculos e obtendo diversos benefícios por meio da recitação do Nam-myoho-rengue-kyo (que alguém nos ensinou com toda a benevolência) devemos, por gratidão ao Gohonzon, concretizar o Chakubuku para mostrar a grandiosidade do Budismo de Nitiren Daishonin a todas as pessoas. Porém, não podemos nos esquecer que, quando realizamos o Chakubuku, somos o primeiro contato das pessoas com o Budismo de Daishonin. Embora a filosofia seja correta e seus ideais nobres, se demonstrarmos uma atitude negativa, será esse o conceito que terão da religião.

Muitas pessoas afirmam que decidiram iniciar a prática do budismo por terem observado mudanças concretas na vida dos praticantes (prova real). A esperança de mudar o próprio destino tem sido um fator determinante para a conversão de muitas pessoas.

O presidente Toda orientou: “Lembre-se de que se agir com profunda benevolência ao conversar com os outros, conseguirá tocar-lhes o coração. É importante ser sincero, cortês e ter a capacidade de integrar-se aos outros. As palavras ditas com convicção, sinceridade e paixão não podem falhar em persuadir o coração de outra pessoa. O coração humano é complexo. As pessoas podem demonstrar várias reações negativas no início e podem até discordar do que os senhores dizem. Mas por meio do diálogo sincero, poderão atingir o coração de outros indivíduos. Isso é como injetar um remédio eficaz numa pessoa doente. Com o tempo, seus sentimentos negativos dissipar-se-ão e a compreensão e simpatia tomarão seu lugar. Nesse sentido, é possível tornar todos os inimigos seus aliados. O poder da fé e o poder da Lei Mística tornam isto possível.” (Terceira Civilização, edição no 314, outubro de 1994, pág. 35.)

# Chakubuku e propagação do budismo (4)

(Brasil Seikyo, edição nº 1644, 16/03/2002, página A6.)

Concretizando o Chakubuku na época atual

No romance Nova Revolução Humana (NRH), o presidente Ikeda orienta: “Nitiren Daishonin nos prometeu que, se realizarmos o Chakubuku, poderemos transformar o nosso destino e alcançar o estado de Buda. Portanto, para a transformação do próprio destino e para a felicidade de si mesmo é que todos procuram realizá-lo. Além disso, essa ação salva os amigos da infelicidade e é a fonte que edifica a paz e a prosperidade da sociedade. Não existe outra ação mais nobre... Empenhar-se na propagação do budismo é a maior prova de amizade que direciona as pessoas para a felicidade e para a paz, além de ser uma prática de suprema benevolência como ser humano que eleva o próprio nível de vida. O importante é dialogar sobre o budismo com o sentimento de desejar a felicidade por compaixão aos sofrimentos das pessoas. Mesmo que elas não venham praticar neste momento, certamente chegará a hora em que despertarão para o budismo, desde que mantenhamos uma forte determinação e amizade... As pessoas que estão se empenhando na propagação possuem uma grande alegria, porque nelas pulsa a vida de um Bodhisattva da Terra.” (Vol. 2, págs. 175-176.)

Nossa organização propaga os ensinos de Nitiren Daishonin por meio do diálogo sincero de vida a vida, de visitas familiares, de reuniões de palestra e de outras atividades que possibilitam o encontro entre diversas pessoas. Engajando-nos nessas atividades, juntamente com a prática individual do Gongyo e do Daimoku, seremos capazes de edificar uma vida sólida e repleta de felicidade e, além disso, proporcionaremos o mesmo para toda a humanidade.

Ao realizarmos o Gongyo diariamente, também expressamos nosso desejo de que todas as pessoas tornem-se budas e atinjam a felicidade absoluta quando recitamos na parte final do trecho Jigague “Mai-ji-sa-ze-nen. I-ga-ryo-shu-jo. Toku-nyu-mu-jo-do. Soku-jo-ju-bu-shin”, que significa “Medito constantemente: Como posso conduzir as pessoas ao caminho supremo e fazer com que adquiram rapidamente o corpo de um Buda?”

Na Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, o presidente Ikeda explana: “Com essas palavras ressonantes e cheias de benevolência, são concluídos o trecho Jigague e o capítulo Juryo. Essa é uma passagem comovente, uma conclusão apropriada para esse poema épico pela salvação da humanidade. Nesses versos finais, aparece cristalizado o coração do Sutra de Lótus e o espírito de Sakyamuni.“ (Págs. 320-321.)

Portanto, vamos nos empenhar na realização do Chakubuku visando à felicidade das pessoas com base nas orientações do presidente Ikeda. Ele escreveu: “O budismo é como um grande oceano de benevolência a envolver os povos do mundo inteiro; é uma filosofia universal que expõe a igualdade, a liberdade e o respeito absoluto pela dignidade do ser humano. Por esta razão, os budistas devem respeitar todas as pessoas como dignos seres humanos por mais que existam diferenças de convicção, pensamento e religião. Eu creio que esse é o caminho dos seres humanos.” (NRH, vol. 5, pág. 89.)

O Kossen-rufu não é um ponto de chegada. É, na verdade, a própria correnteza da propagação do budismo no seio da sociedade. Esse é o próprio espírito da SGI!

# Diferentes corpos com a mesma mente (itai doshin) (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1645, 23/03/2002, página A6.)

O princípio budista itai doshin literalmente significa “diferentes” (i) “corpos” (tai) com a “mesma” (do) “mente” ou “pensamento” (shin).

O termo itai indica as diversas diferenças entre as pessoas, como sua individualidade, seu aspecto físico, sua natureza etc. O termo doshin indica “mesmo objetivo”, “mesma fé”. Portanto, partindo da premissa de “mesma fé”, devemos nos unir para propagar o budismo e estabelecer a felicidade individual e coletiva com união harmoniosa, sem jamais criar sentimentos negativos entre si.

Evidentemente, não se deve empregar o termo itai doshin de forma inadequada na organização, em situações que nada têm a ver com a fé das pessoas, tais como “Empreste-me dinheiro, pois devemos estar em itai doshin”, ou “Ajude-me nos meus negócios em itai doshin”, ou ainda “Vamos realizar negócios em conjunto, pois estamos em itai doshin” etc.

Itai doshin é, acima de tudo, o princípio da união harmoniosa entre os praticantes visando ao mútuo incentivo para o fortalecimento da prática da fé. Portanto, para os praticantes do Budismo de Nitiren Daishonin, doshin diz respeito à fé no Gohonzon e às ações para a concretização do Kossen-rufu. Por meio desse empenho em prol desses objetivos comuns, a individualidade e as características de cada um (itai) podem ser evidenciadas ao máximo. Portanto, somente com itai doshin é que se pode concretizar o Kossen-rufu mundial.

Na escritura “A Herança da Lei Última da Vida”, Daishonin afirma: “Todos os discípulos e crentes de Nitiren devem recitar o Nam-myoho-rengue-kyo transcendendo todas as diferenças entre si, em itai doshin, tal como o peixe e a água são inseparáveis. Aqui está o laço de união entre a nossa vida e a herança da lei última. Esta é a essência que Nitiren está propagando. Quando estão unidos assim, mesmo a grande esperança do Kossen-rufu pode ser realizada sem falha. Se qualquer um dos discípulos de Nitiren quebrar a união de itai doshin, destruirá o seu próprio castelo por dentro.” (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. 1, pág. 351.)

Em um sentido mais amplo, o movimento da SGI em escala mundial, em que as pessoas de diversos países, das mais variadas culturas e civilizações, empenham-se em prol da propagação do Verdadeiro Budismo visando à concretização do Kossen-rufu, vem comprovando claramente esses ditos dourados do Buda Original. Por isso, em nossa organização, onde nos empenhamos para propagar o Verdadeiro Budismo, objetivando a realização do Kossen-rufu, o itai doshin entre todos é uma condição indispensável para se concretizar os objetivos tanto individuais quanto coletivos.

# Diferentes corpos com a mesma mente (itai doshin) (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1646, 06/04/2002, página A6.)

O princípio de itai doshin enfatiza o respeito pelas características e diferenças individuais das pessoas. Além disso, ensina a união com inabalável convicção e crença na filosofia universal que revela a nobreza inata em todas as entidades vivas.

Em contrapartida, Daishonin ensina o termo dotai ishin, que significa “mesmo” (do) “corpo” (tai) com “diferentes” (i) “mentes ou pensamentos” (shin).

Na escritura “Sobre itai doshin”, Daishonin cita a seguinte passagem: “Hokibo e Sadobo, e os crentes de Atsuhara, unidos em sua corajosa fé, provaram a verdadeira força de itai doshin. Se itai doshin prevalece entre as pessoas, todas as suas metas serão alcançadas, enquanto que, com dotai ishin falharão em realizar qualquer coisa. Mais de três mil volumes da literatura confuciana e taoísta estão repletos de exemplos. O Rei Chou de Yin conduziu setecentos mil soldados a uma batalha contra o Rei Wu de Chou com meros oitocentos homens. O exército do Rei Chou, contudo, perdeu por falta de união defronte da unidade dos homens do Rei Wu. Mesmo um único indivíduo, com propósitos contraditórios consigo mesmo, é certo terminar em falha, mas uma centena ou um milhar de pessoas unidas em espírito certamente têm sucesso. Os japoneses são muitos em número, mas o espírito divisório destrói sua habilidade em realizar algo em comum. Em contraste, Nitiren e seus seguidores são poucos em número, mas por agirem em itai doshin realizarão sua grande missão de propagar o Sutra de Lótus. Muitos fogos enfurecidos são debelados por uma única chuva e muitas forças más são vencidas por uma única grande verdade. É isto o que Nitiren e seus seguidores são.” (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. 1, págs. 409-410.)

Conforme esta citação, o itai doshin em torno de um único objetivo é o ponto fundamental para se conquistar a vitória. Esse princípio se aplica não só a um grupo de pessoas, mas também a um único indivíduo, ou seja, o quanto suas ações estão embasadas em um pensamento claro e bem definido. Quando não há clareza nos objetivos é natural que suas ações tornem-se difusas e caiam em uma rotina nada frutífera. Isso é o que Daishonin ensina na frase “Mesmo um único indivíduo, com propósitos contraditórios consigo mesmo, é certo terminar em falha”.

Assim, como praticantes do Budismo de Nitiren Daishonin, vamos direcionar nossa fé para um claro doshin, estabelecendo objetivos bem definidos para conquistarmos a verdadeira vitória.

# Diferentes corpos com a mesma mente (itai doshin) (3)

(Brasil Seikyo, edição nº 1649, 27/04/2002, página A6.)

A união harmoniosa de itai doshin é um dos pontos mais importantes para concretizarmos nosso objetivo fundamental, a realização do Kossen-rufu, que é o próprio desejo do Buda Nitiren Daishonin. Pode-se afirmar que o avanço do Kossen-rufu em 180 países e territórios em todo o mundo por meio dos esforços da SGI é fruto dessa união harmoniosa em torno do presidente Ikeda.

Sobre a importância do itai doshin, no romance Nova Revolução Humana ele escreveu: "Nitiren Daishonin nos ensina sobre a prática da fé dizendo o seguinte: 'Siga a Lei e não as pessoas.' Portanto, a base fundamental da nossa fé é a Lei. E para concretizarmos o sublime objetivo do Kossen-rufu devemos impulsionar as atividades com a firme e forte união de todos os companheiros. Se existirem entre os senhores pessoas que não se simpatizam com seus dirigentes ou que reclamam que são mais antigos na prática da fé do que eles e, por isso, merecem ser dirigentes, estarão trocando a base fundamental, que é a Lei, pelo seu sentimentalismo em relação às pessoas.

"Essa atitude é um comportamento infantil de pessoas que estão sendo derrotadas pelas suas próprias fraquezas, como também de pessoas que se desviaram do caminho correto da prática da fé. No final, estarão criando a infelicidade por si mesmas.

"Ao contrário, se os senhores apoiarem o dirigente central, serão da mesma forma protegidos pelos outros. Isso se chama Lei de Causa e Efeito.

"Por outro lado, as pessoas que se tornaram dirigentes deverão agir com humildade e sem prepotência, procurando sempre cuidar da melhor forma de seus membros. Os dirigentes existem justamente para oferecer uma dedicada assistência a todos os companheiros, pois todos que lutam pelo Kossen-rufu são budas e Bodhisattvas da Terra. E a boa sorte que poderão acumular é proporcional ao empenho com que incentivam os membros.

"Em todo caso, os senhores devem manter a confiança e o respeito mútuos por serem companheiros, cobrindo por outro lado as falhas de cada um. Desta forma, serão capazes de criar uma forte união e multiplicar suas forças. Nas escrituras de Nitiren Daishonin consta: 'Se itai doshin prevalece entre as pessoas, todas as suas metas serão alcançadas, enquanto que, com dotai ishin falharão em realizar qualquer coisa.'

"Portanto, se os senhores atuarem unidos em prol do Kossen-rufu, tudo se transformará numa grande vitória." (Brasil Seikyo, edição no 1.466, 27 de junho de 1998, pág. 7.)

E no artigo intitulado "Brasil — Sol do Kossen-rufu Mundial", da série Reflexões sobre a Nova Revolução Humana, ele comenta: "Oh! Meus amados companheiros! Vocês são como o sol que aquece o Brasil! Vamos juntos construir o grande castelo da harmonia humana, o maior e mais majestoso do mundo!" (Ibidem, edição no 1.642, 2 de março de 2002, pág. A3.)

Enfim, como membros da BSGI, vamos renovar nossa decisão de nos empenhar cada vez mais pelo Kossen-rufu do Brasil em itai doshin, ultrapassando as dificuldades oriundas das diferentes características individuais de cada pessoa para assim construirmos o grande castelo da harmonia humana, que é o próprio desejo do presidente Ikeda.

# A tartaruga de um olho (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1638, 02/02/2002, página A6.)

Quando estudamos as escrituras de Nitiren Daishonin, conhecemos diversas parábolas e contos budistas. Daishonin utiliza essas parábolas com o intuito de transmitir a essência do budismo de forma simples e para melhor compreensão para todos os praticantes.

Uma dessas parábolas, citadas em diversas passagens das escrituras, é a da tartaruga de um olho, que ilustra a raridade de as pessoas se encontrarem com o Gohonzon. Em outras palavras, exemplifica que o fato de abraçarmos o Gohonzon e recitarmos o Nam-myoho-rengue-kyo é algo extraordinário.

Na escritura “A Tartaruga de um Olho e o Tronco Flutuante de Sândalo”, Daishonin descreve em detalhes a parábola da tartaruga de um olho da seguinte forma: “Para ilustrar a extrema raridade de encontrar este sutra, o Buda comparou-a com a dificuldade da tartaruga de um olho encontrar um tronco flutuante de sândalo com uma abertura sobre ele. Esta seria a essência dessa analogia: no leito do oceano, a oitenta mil yojana1 de profundidade, vive uma tartaruga. Ela não tem membros nem nadadeiras. Seu ventre é quente como ferro em brasa, e o dorso de seu casco é gelado como as Montanhas Nevadas. O que essa tartaruga anseia dia e noite, da manhã ao anoitecer, o desejo que expressa a cada momento, é resfriar seu ventre e aquecer o dorso do seu casco.

“O pé de sândalo vermelho é considerado sagrado e comparado a um sábio entre as outras pessoas. Todas as outras árvores são consideradas comuns e são comparadas às pessoas ignorantes. A madeira desse pé de sândalo tem o poder de resfriar o ventre da tartaruga. A tartaruga deseja por todos os meios subir no tronco do sândalo e colocar seu ventre na abertura do mesmo para resfriá-lo, e ao mesmo tempo expor o dorso ao sol para aquecê-lo. Entretanto, pelas leis da natureza, ela pode subir à superfície do oceano uma vez a cada mil anos e, mesmo assim, é difícil para ela encontrar um tronco de sândalo. O oceano é vasto e a tartaruga pequena, e os troncos flutuantes são poucos. Mesmo encontrando troncos de outras madeiras, raramente encontra um de sândalo. Mesmo tendo a sorte de encontrar um tronco de sândalo, raramente ele tem uma abertura do tamanho do seu ventre. Se a abertura for muito grande e cair dentro dela, não poderá aquecer o dorso do seu casco e ninguém poderá tirá-la de lá. Se a abertura for muito pequena, a tartaruga não poderá colocar seu ventre dentro dela, e as ondas a arrastarão para fora, fazendo-a mergulhar de volta para o fundo do oceano.

“Mesmo quando, vencendo todas as adversidades, a tartaruga encontra um tronco flutuante de sândalo com uma abertura do tamanho adequado, por ela ter um só olho, a sua visão é distorcida, e vê o tronco ir para leste quando ele está realmente indo para oeste. Assim, quanto mais apressadamente ela nada para subir no tronco, mais se afasta dele. Quando o tronco vai para leste, ela o vê indo para oeste e, de maneira semelhante, confunde o sul com o norte. E assim, sempre se afasta do tronco e jamais se aproxima dele.” (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. 3, págs. 243-244.)

Nota:

1) Yojana: Unidade de medida na antiga Índia, equivalendo à distância que o exército real marcharia num dia. As avaliações variam entre 9,6km, 18km ou 24km.

# A tartaruga de um olho (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1640, 16/02/2002, página A6.)

Analogia com o budismo

A dificuldade de a tartaruga de um olho encontrar um tronco flutuante de sândalo em meio ao imenso oceano é uma analogia utilizada por Daishonin para ilustrar o quanto é difícil o ser humano encontrar o Gohonzon. Outros troncos flutuantes, tais como os de pinheiro e de ciprestes, são fáceis de encontrar, porém os de sândalo são mais difíceis. Isso significa que é muito mais fácil encontrar outros ensinos do que o Verdadeiro Budismo. Além disso, mesmo abraçando o Gohonzon, a dificuldade de recitar o Daimoku é exemplificada pela raridade de se encontrar uma cavidade adequada sobre o tronco de sândalo.

Na escritura "A Tartaruga de um Olho e o Tronco Flutuante de Sândalo", Daishonin esclarece: "O oceano representa o mar dos sofrimentos do nascimento e da morte e a tartaruga representa a nós, os seres vivos. Sua falta de membros indica nossa falta de boa sorte. O calor de seu ventre representa os oito infernos quentes aos quais somos levados pela nossa ira e ressentimento, e o frio do dorso de seu casco representa os oito infernos frios que resultam da nossa cobiça e ganância. Sua permanência no fundo do oceano por mil anos indica que caímos nos três maus caminhos e não podemos emergir facilmente. Sua ascensão à superfície somente uma vez em cada mil anos ilustra a dificuldade de emergir dos três maus caminhos e nascer como ser humano mesmo uma só vez em incontáveis kalpas, na época em que o Buda Sakyamuni apareceu neste mundo." (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. 3, págs. 244-245.)

Sobre a questão de a tartaruga confundir o Leste com o Oeste e o Norte com o Sul após encontrar o tronco flutuante de sândalo, Daishonin compara à atitude dos seres humanos de considerarem os ensinos superiores como inferiores, e vice-versa. Trata-se, portanto, do comportamento não raro das pessoas de não conseguir discernir o ensino verdadeiro capaz de conduzi-las à iluminação.

Enfim, com essa parábola, Daishonin ensina sobre a extraordinária boa sorte de encontrarmos o Gohonzon e de recitarmos Daimoku na época atual. Em um outro trecho da mesma escritura ele afirma: "Assim, temos nascido em incontável número de países, onde passamos por inumeráveis sofrimentos e ocasionalmente desfrutamos prazeres, mas nem uma só vez nascemos num país onde o Sutra de Lótus tenha se propagado. Ou, mesmo que tenhamos eventualmente nascido em tal país, não recitamos Nam-myoho-rengue-kyo. Jamais sonhamos em recitá-lo e nem ouvimos outros recitarem-no." (Ibidem, pág. 243.)

Sendo assim, conscientes da rara oportunidade de conhecermos e praticarmos o Budismo de Nitiren Daishonin nesta época, vamos renovar as decisões para avançar corajosamente a cada dia.

# Unicidade de mestre e discípulo (shitei funi) (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1650, 04/05/2002, página A6.)

Um dos princípios fundamentais do budismo é o da unicidade de mestre e discípulo (shitei funi, em japonês). No termo “shitei funi”, shi significa mestre, tei, discípulo e funi, inseparabilidade ou unicidade. É um conceito que explica que não há distinção entre mestre e discípulo, por mais diferentes que sejam suas personalidades. Além disso, essa relação transcende os limites de tempo e espaço e constitui a mais elevada e fundamental forma de relacionamento humano.

Por que o budismo dá importância à unicidade de mestre e discípulo? A resposta fica clara quando entendemos que a Lei é a base de todas as coisas. No budismo, mestre é o Buda, ou a pessoa iluminada para a Lei; o discípulo é a pessoa que busca a iluminação. A diferença entre ambos reside apenas na iluminação atingida pelo Buda. Porém, perante a Lei, ambos são iguais e encontram-se unidos.

O presidente Ikeda orienta: “Não há nada mais belo para um ser humano que os laços de mestre e discípulo. Não existe nada mais forte. A relação de mestre e discípulo é a essência do budismo. Mas devemos nos lembrar de que um mestre não é um ser superior; mestre e discípulo são companheiros que se empenham juntos na vida real para alcançar um mesmo ideal.” (Brasil Seikyo, edição no 1.583, 9 de dezembro de 2000, pág. A3.)

Na vida, é fundamental ter um mestre capaz de orientar como vivermos dignamente. Podemos encontrar, em muitos campos, sobretudo na educação, mestres que procuram ensinar seus conhecimentos teóricos e práticos ligados a um determinado aspecto. Porém, no budismo, mestre é aquele que direciona nossa vida à felicidade e dedica-se junto com os discípulos pelo supremo ideal da paz mundial e da felicidade de toda a humanidade.

Nenhum empreendimento épico pode ser alcançado em uma única geração. Somente quando o espírito do mestre é herdado pelos discípulos e transmitido continuamente a sucessivas gerações é que esse empreendimento é alcançado.

No budismo, as pessoas, por meio de um verdadeiro mestre e uma verdadeira doutrina, podem adquirir a capacidade de tornarem-se buda, enquanto que, nas demais religiões, jamais podem evidenciar o potencial para se igualar ou se tornar um deus.

Essa relação é o fundamento de todo o avanço da Soka Gakkai ao longo de todos esses anos. Iniciou-se com o professor Tsunessaburo Makiguti, que possuía o ardente desejo de concretizar os ideais de Nitiren Daishonin. Seu espírito foi herdado por Jossei Toda que, querendo concretizar os desejos de seu mestre, reergueu a Gakkai após a guerra, contando com a ajuda daquele que seria seu sucessor, o presidente Ikeda, que também, com um espírito de verdadeiro discípulo, vem se empenhando para cumprir os ideais de seu mestre. E foi por meio deste espírito que a Soka Gakkai se expandiu atualmente para 180 países e territórios, consolidando-se como uma organização promotora do Kossen-rufu mundial, o grande desejo do Buda Original Nitiren Daishonin.

# Unicidade de mestre e discípulo (shitei-funi) (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1651, 11/05/2002, página A6.)

Ter um mestre que as direcionem ao verdadeiro caminho da felicidade é fundamental para as pessoas atuarem de forma sábia em qualquer local com base em suas orientações. Esse é o motivo pelo qual o budismo enfatiza a importância da relação entre mestre e discípulo.

Mas, que tipo de mestre devemos buscar? Existem muitas pessoas que, iludidas por belas palavras, confiam cegamente em pessoas que buscam apenas honras e posições. Mesmo sofrendo perseguições, Nitiren Daishonin combateu incansavelmente esse tipo de pessoa, não se preocupando com sua própria segurança e sim com a felicidade dos seus discípulos. Nos dias atuais, o presidente Ikeda age exatamente com o mesmo espírito de Nitiren Daishonin e, apesar de também sofrer inúmeras críticas e ataques infundados, a exemplo do clero da Nitiren Shoshu, luta como um verdadeiro leão para proteger seus discípulos de influências negativas. Portanto, como discípulos, devemos nos empenhar para vencer as circunstâncias negativas, construir a verdadeira felicidade e atingir a vitória na vida, correspondendo assim aos anseios do nosso Mestre.

Em um discurso, o presidente Ikeda afirmou: “Quando nos dedicamos firmemente ao caminho de mestre e discípulo, podemos manifestar a sabedoria e a força ilimitadas e inerentes em nossa vida. Nada neste mundo é mais forte que a luta unida de mestre e discípulo. Não existe nada mais alegre.” (Brasil Seikyo, edição no 1.628, 17 de novembro de 2001, pág. A3.)

E enfatizou ainda: “A relação de mestre e discípulo é a essência do Budismo de Nitiren Daishonin e a base do espírito da Soka Gakkai. No famoso Gosho ‘Sobre as Flores e as Sementes’, Daishonin escreveu: ‘Dizem que se um mestre tem um bom discípulo, ambos atingirão o estado de Buda, mas se um mestre criar um mau discípulo, ambos cairão no inferno. Se mestre e discípulo não tiverem o mesmo espírito, não poderão realizar nada.’ (The Writings of Nichiren Daishonin, pág. 909). Em resumo, a relação de mestre e discípulo depende do discípulo.” (Brasil Seikyo, edição no 1.470, 25 de junho de 1998, pág. 3.)

Comumente, o discípulo é encarado como um ser subserviente ao mestre. Por isso, muitos podem pensar que a relação entre mestre e discípulo é algo ultrapassado. Porém, no budismo, essa relação tem como base a perfeita igualdade. Em termos práticos, no Budismo de Nitiren Daishonin, e mais especificamente na SGI, o discípulo deve agir com o espírito de atuar onde o mestre não pode estar, levando seus ideais a todos os locais.

O presidente Ikeda orienta: “A relação de mestre e discípulo é essencialmente rigorosa. Tudo depende da seriedade com que o discípulo é capaz de aceitar e agir de acordo com cada palavra do mestre. Um verdadeiro discípulo esforça-se para concretizar os objetivos do mestre, sem imitá-lo, mas colocando suas palavras em ação... As pessoas que meramente tentam imitar o mestre, agindo só na aparência, de alguma maneira acabam indo para o caminho errado. Isso realmente aconteceu na época do presidente Toda e continua a acontecer atualmente. Há um caminho para cada discípulo, e este caminho encontra-se unicamente no esforço de concretizar os ideais do mestre.” (Ibidem, edição no 1.548, 18 de março de 2000, pág. A3.)

# Unicidade de mestre e discípulo (shitei funi) (3)

(Brasil Seikyo, edição nº 1652, 18/05/2002, página A6.)

No Capítulo Hoben (Meios) do Sutra de Lótus, o qual recitamos diariamente no Gongyo, Sakyamuni descreve sua compreensão de que todos possuem o estado de Buda. A mensagem desse capítulo, conforme explanou o presidente Ikeda no livro Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo (PHJ), é o ensino fundamental do Sutra de Lótus e pode ser resumido nas frases “Eu próprio sou um Buda” e “Venerem o sol do estado de Buda em seu coração”. (PHJ, pág. 47.) Assim, o Sutra de Lótus é um ensino que tem como base a premissa irrefutável de que todas as pessoas são iguais, ninguém é superior ou inferior. Por isso, não há diferenças essenciais entre mestre e discípulo.

Um buda expõe o ensino de sua iluminação com o objetivo de direcionar seus discípulos a despertarem para a Lei e atingirem o mesmo estado iluminado. Embora sejam independentes, são inseparáveis, pois quando o discípulo atinge a iluminação, ele se torna o mestre de outras pessoas, num processo de contínuo aperfeiçoamento em direção ao futuro. Nisso reside o significado do princípio de unicidade de mestre e discípulo.

Não é necessário que o mestre e o discípulo vivam na mesma época ou lugar para que exista essa relação. Esse princípio transcende os limites de tempo e espaço, e constitui a mais fundamental e elevada forma de relacionamento humano.

O budismo não escraviza os praticantes com dogmas pré-concebidos. Ao contrário, é uma filosofia viva e prática transmitida de pessoa a pessoa, de mestre para discípulo. É dito que os ensinos de um mestre somente podem ser transmitidos para um discípulo que mantém um puro espírito de procura. Se não fosse assim, o budismo não poderia ser compreendido, nem tampouco os ensinos de um mestre poderiam fluir continuamente para as novas gerações.

O princípio de unicidade de mestre e discípulo abre as portas para atingirmos o estado de Buda nesta existência, pois nos estimula a concretizar e superar os ideais do nosso mestre. Portanto, a grandiosidade do mestre se reflete nas ações do discípulo.

Em uma orientação, o presidente Ikeda afirma: “O presidente Toda freqüentemente dizia: ‘A relação de mestre e discípulo não é firmemente estabelecida quando você se tornar um bom discípulo. A relação de mestre e discípulo depende do comprometimento do discípulo.’ Quando o discípulo busca o mestre e empenha-se sinceramente para crescer, sua vida e seu espírito ressoam com a vida e o espírito do mestre, e suas capacidades ilimitadas anteriormente ocultas são desvendadas.” (Brasil Seikyo, edição no 1.330, 5 de agosto de 1995, pág. 3.)

Nos dias de Nitiren Daishonin, seus ensinos foram transmitidos e herdados pelo seu discípulo Nikko Shonin. Nos dias atuais, a SGI, sob a liderança do presidente Ikeda, está promovendo em uníssono a veracidade do budismo em meio à sociedade. Tornemo-nos, então, verdadeiros discípulos que participam ativamente desse histórico momento do budismo, divulgando os ideais da SGI para as futuras gerações.

# O pássaro das Montanhas Nevadas - Kankutyo

(Brasil Seikyo, edição nº 1653, 25/05/2002, página A6.)

Na escritura de Nitiren Daishonin “Carta a Niike” consta a seguinte passagem: “Nas profundezas das Montanhas Nevadas vive um pássaro chamado Kankutyo que, torturado pelo frio paralisante, chora dizendo que fará um ninho na manhã seguinte. Todavia, quando o dia irrompe, ele se esquece das horas na luz morna da manhã, deixando de construir seu ninho. Dessa forma, continua chorando em vão durante toda a vida. Isso é também verdadeiro com as pessoas. Quando caem no inferno e sufocam em suas chamas, desejam renascer humanas e juram deixar tudo de lado para servir os Três Tesouros e atingir a iluminação na existência seguinte. Porém, mesmo nas raras ocasiões em que renascem sob forma humana, os ventos da fama e da fortuna sopram com violência e a luz da prática budista é facilmente apagada. Sem qualquer escrúpulo, desperdiçam suas riquezas em insignificâncias, mas restringem mesmo a menor contribuição ao Buda, à Lei e ao Sacerdote. Isso é muito sério, pois estão sendo influenciados pelos mensageiros do inferno. Este é o significado de ‘O bem aos centímetros convida o mal aos metros’.” (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. 4, pág. 281.)

As “Montanhas Nevadas”, freqüentemente citadas nas escrituras budistas, correspondem às altas montanhas ao norte da Índia, como a Himalaia. De acordo com essa parábola budista, nessas montanhas vivia um pássaro chamado Kankutyo, que passava todas as noites chorando por enfrentar um intenso frio. Em meio a isso, sua decisão era construir seu próprio ninho ao amanhecer para se proteger do frio da noite. Porém, quando amanhecia, aquecia-se com os calorosos raios solares, esquecia-se completamente do sofrimento da noite, passava o dia cantando e não construía seu ninho. Assim, diz-se que esse pássaro passava toda a vida sem construir seu ninho, sofrendo pelo frio todas as noites.

Daishonin cita essa parábola como uma analogia da existência dos seres humanos. Ao nascer, todos teriam assumido a missão de se empenharem pelo Kossen-rufu visando a acumular boa sorte para não caírem no estado de Inferno. Porém, dominados pelos desejos da fama e da fortuna, deixam de lado esse objetivo e se esquecem da decisão primordial, e isso as fazem cair nos baixos estados de vida.

Em outras palavras, o que é comum nas pessoas é empenhar-se firmemente na prática da fé nos momentos de dificuldades, manifestando uma forte determinação de prosseguir nessa prática por toda a sua existência. No entanto, quando as circunstâncias negativas e os sofrimentos se transformam, é comum esquecer-se da decisão e, dominado pela rotina, estagnar-se na prática e deixar de progredir e de se aprimorar.

Enfim, como praticantes do budismo, é importante renovarmos nossas decisões a cada dia e agir concretamente para realizá-las.

# Revolução humana (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1654, 01/06/2002, página A6.)

O termo “revolução humana” foi utilizado pela primeira vez pelo segundo presidente da Soka Gakkai, Jossei Toda. Logo após o lançamento do Seikyo Shimbun, ele escreveu um romance que seria publicado em série nesse jornal. O presidente Ikeda descreve esse episódio da seguinte forma: “Logo após a publicação da primeira edição do Seikyo Shimbun na primavera de 1951, o Mestre disse um dia com a mão no bolso do paletó:

“— Escrevi um romance. Já que vai sair no jornal, talvez seja necessária a publicação em série.

“O Mestre parecia estar acanhado, porém satisfeito.

“O material para o primeiro número já estava pronto e guardado dentro de seu bolso. Assim, nasceu o romance Revolução Humana, que ele escreveu sob o pseudônimo de Myo Goku. Senti nesse intante que um dia teria que dar continuidade a esse romance.” (Revolução Humana, vol. 1, pág. 7.)

Na seqüência, o presidente Ikeda esclarece a razão que o levou a continuar escrevendo essa obra nas seguintes frases:

“Compreendi na ressonância de sua voz que minha missão era transmitir corretamente para a posteridade o espírito e a vida do Mestre Jossei Toda; e este era seu desejo...

“Seja como for, a grandiosa revolução humana de uma única pessoa irá um dia impulsionar a mudança total do destino de um país e, além disso, será capaz de transformar o destino de toda a humanidade. — Eis o assunto do romance.” (Ibidem, págs. 8-9.)

Com essas palavras, sentimos a profundidade do significado do termo “revolução humana”, que abrange a reforma individual da vida de cada pessoa, ou seja, sua forma de viver, pensar e agir visando a fortalecer seu caráter e transformar seu mau carma.

Revolução humana não é algo extraordinário ou distante da nossa vida diária. Ela se desenvolve enquanto buscamos o auto-aprimoramento e criamos a paz no local onde vivemos por meio de nossa própria atuação.

A vida é uma constante luta contra nossas próprias tendências negativas. Nós mudamos constantemente. Mas a questão fundamental é se essas mudanças nos fazem avançar ou retroceder, ou seja, mudar nosso foco egocêntrico e limitado ou adquirir uma visão mais ampla dos acontecimentos que nos cercam.

Nada é mais imprescindível, e ao mesmo tempo mais difícil, que transformar a si mesmo. É mais fácil dizer “Este é meu jeito”. Porém, precisamos desafiar e transformar nossas tendências negativas para que elas não cresçam com o passar dos anos. O Budismo de Nitiren Daishonin abre o caminho justamente para isso: permite descobrirmos a entidade do “eu superior e essencial”, ou seja o Nam-myoho-rengue-kyo nas profundezas da nossa vida. Por meio da recitação do Nam-myoho-rengue-kyo, nossa vida se torna repleta de energia vital e de sabedoria, criando assim forças para enfrentarmos as dificuldades em direção à própria revolução humana.

# Revolução humana (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1655, 08/06/2002, página A6.)

A prática do Budismo de Nitiren Daishonin, que se baseia na recitação do Gongyo e do Daimoku diariamente, proporciona o fortalecimento do estado interior das pessoas, fazendo com que manifestem uma força ilimitada para transformar as adversidades em oportunidades e avançar rumo à revolução humana.

Por isso, o budismo ensina que todas as pessoas, sem exceção, possuem inerentemente um ilimitado potencial e que, por meio do desafio contínuo em busca da revolução humana, ele será manifestado. Com isso, elas podem estabelecer uma personalidade independente e invencível, sendo capazes de ultrapassar todas as situações que a vida impõe com coragem, sem cair em impasses. Dessa forma, são capazes de criar um ritmo de pleno avanço por toda a existência, encarando os sofrimentos como oportunidades de aperfeiçoamento.

É um erro analisar a vida apenas com base nas características do presente. Se uma pessoa simplesmente disser: “Eu sou tímida e serei assim por toda a minha existência”, jamais será capaz de evidenciar seu verdadeiro potencial para avançar. Mas sem ser necessário mudar totalmente suas características, é possível tornar-se uma pessoa que, embora seja tímida, dirá as palavras certas nos momentos adequados e com convicção, por exemplo. O mesmo ocorre com uma pessoa impaciente; ela poderá aproveitar essa característica para que as tarefas ao seu redor sejam concretizadas de forma rápida e eficiente.

Porém, vale ressaltar que a luta pela revolução humana deve ser empreendida juntamente com outras pessoas, que contribuirão para polirmos nossa vida e mudarmos alguns aspectos que nos fazem retroceder. Unirmos aos outros visando a um objetivo comum — a felicidade da humanidade —, contribuirá muito para avançarmos.

O grandioso movimento pela propagação do Budismo de Nitiren Daishonin promovido em nossa organização nas diversas formas de atividades não tem outro objetivo senão proporcionar uma oportunidade concreta para as pessoas realizarem a revolução humana, dedicando-se em prol das demais.

# Kossen-rufu (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1657, 29/06/2002, página 8A.)

Literalmente Kossen-rufu significa “declarar e propagar amplamente o ensino”. Kossen quer dizer “propagar e transmitir amplamente” os princípios filosóficos de um ensino às pessoas, e rufu significa tornar o ensino amplamente conhecido na sociedade. O caractere ru (fluxo) de rufu significa “uma corrente como a de um grande rio”, e fu (tecido) é “espalhar-se como um rolo de tecido”. O ensino da Lei Mística não tem nada a ver com formalidades ou misticismos. Ele flui livremente para toda a humanidade. Como um rolo de tecido sendo desenrolado, espalha-se cobrindo tudo ao seu redor, ou seja, rufu indica a prática do budismo pelas pessoas que o conheceram. Kossen é a ação de propagar o ensino e rufu o seu resultado. Portanto, no Budismo de Nitiren Daishonin, o Kossen-rufu é o movimento para transmitir o ensino supremo que conduz as pessoas de todas as classes e nações à felicidade e, portanto, o mais elevado princípio da paz embasado em uma correta filosofia e capaz de proporcionar a verdadeiros e duradouros benefícios na vida diária de cada um.

O Kossen-rufu a que todos nos empenhamos já estava previsto nos próprios ensinos do Buda Sakyamuni. O Sutra de Lótus previu que, após o declínio do Budismo de Sakyamuni nos Últimos Dias da Lei, surgiria o Verdadeiro Budismo, que seria propagado pelo mundo. O termo aparece no 23o capítulo (Os feitos anteriores do Bodhisattva Rei dos Remédios) do Sutra de Lótus, que declara: “No quinto período de 500 anos após minha morte, realize o Kossen-rufu mundial e jamais permita que seu fluxo cesse.” E, de fato, Nitiren Daishonin declarou o Nam-myoho-rengue-kyo dos Três Grandes Ensinos Fundamentais como a Lei a ser propagada nos Últimos Dias da Lei. Então, em 12 de outubro de 1279, inscreveu integralmente sua iluminação no supremo objeto de devoção para todos os povos, o Dai-Gohonzon.

Os ensinamentos budistas esclarecem dois aspectos do Kossen-rufu: o da entidade da Lei e o da substanciação.

O Kossen-rufu da entidade da Lei corresponde ao estabelecimento do Dai-Gohonzon, o Supremo Objeto de Devoção, como base dos Três Grandes Ensinos Fundamentais. Portanto, ao inscrever o Dai-Gohonzon, Nitiren Daishonin estabeleceu o Kossen-rufu da entidade da Lei.

O Kossen-rufu da substanciação corresponde à ampla aceitação da fé no Dai-Gohonzon pelas pessoas. Por meio da propagação dos ensinos de Daishonin, cada vez mais pessoas do mundo inteiro reconhecerão o Dai-Gohonzon como objeto de devoção. Esse fato constitui o Kossen-rufu da substanciação, ou seja, o aspecto que indica a concretização do Kossen-rufu pelas pessoas, e Daishonin confiou esta tarefa aos seus discípulos.

Em suma, o ponto de partida para o Kossen-rufu nos Últimos Dias da Lei foi o estabelecimento do Dai-Gohonzon (Kossen-rufu da entidade da Lei). E a fé das pessoas no Dai-Gohonzon (Kossen-rufu da substanciação) é o que substância e promove a ampla propagação do Budismo de Nitiren Daishonin. Sem um ou outro, o Kossen-rufu não poderia ser realidade.

# Kossen-rufu (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1658, 06/07/2002, página A6.)

Na época de Nitiren Daishonin, o povo japonês enfrentava diversas dificuldades, miséria, fome, doenças, epidemias sem controle, além de desastres naturais como terremotos, inundações, secas prolongadas, maremotos etc. Preocupado em como amenizar esses sofrimentos, ele estudou profundamente todos os sutras e ensinos do Buda Sakyamuni durante anos, o que resultou na elaboração de sua mais importante escritura, a Tese sobre o Estabelecimento do Ensino Correto para a Paz da Nação (Risho Ankoku Ron). Nela, Daishonin esclarece que as causas dos sofrimentos do povo estão na crença em ensinos errôneos que caluniam a Lei Universal.

Sobre isso, o presidente Ikeda escreveu: “Na ideologia da Nembutsu, que classifica o mundo como ‘terra impura’, as pessoas não conseguem visualizar nenhuma esperança nesta existência, tornam-se pessimistas e apáticas. Além disso, o ato de ensinar que após a morte alcança-se o ‘Paraíso da Terra Pura’, que fica no ‘distante horizonte’, desvia as pessoas da realidade, conduzindo-as para a fuga e a resignação, podendo mesmo incentivar o suicídio. Dessa condição jamais poderá surgir o ânimo e a vivacidade em busca do aperfeiçoamento como ser humano, muito menos a força para a edificação da sociedade.

“Nitiren Daishonin tentou reformar o modo de vida da classe social que detinha maior influência no poder por meio de sua tese. Declarou que a seita Nembutsu era a fonte maligna da infelicidade e admoestou os governantes a abraçarem o Verdadeiro Budismo.

“A religião muda a concepção das pessoas, transforma seu espírito e modifica a essência de sua vida. De acordo com o ensino religioso, as pessoas tornam-se fortes ou fracas, estúpidas ou sábias, assim como construtivas ou destrutivas. Se o âmago do ser humano, que é o sujeito da criatividade, transformar-se, a sociedade e o meio ambiente também alcançarão uma ampla reforma. Este é o princípio exposto no Rissho Ankoku Ron.” (Nova Revolução Humana, vol. 2, pág. 31.)

É exatamente neste espírito em que se embasa a grande correnteza do Kossen-rufu. O presidente Makiguti utilizou esse termo pela primeira vez em uma audiência pública na época em que a Soka Kyoiku Gakkai (predecessora da Soka Gakkai) estava sendo violentamente atacada pelas autoridades. Arrastado pela insanidade do nacionalismo, o Japão havia se lançado na Segunda Guerra Mundial, controlando as pessoas com o regime militar. Nessa época em que o clero da Nitiren Shoshu havia distorcido e perdido completamente o espírito do Kossen-rufu, Makiguti, com mais de 70 anos de idade, realizou mais de 240 reuniões de diálogo [no período entre maio de 1941 a junho de 1943] e partiu sozinho em viagens por todo o país, convertendo mais de quinhentas pessoas ao Budismo de Nitiren Daishonin [entre 1930, ano da fundação da Soka Kyoiku Gakkai, e julho de 1943, quando foi preso].

Este é exatamente o espírito do Rissho Ankoku Ron e do Kossen-rufu defendido com a própria vida pelo primeiro presidente, Tsunessaburo Makiguti, e perpetuado digna e unicamente pela Soka Gakkai.

# Kossen-rufu (3)

(Brasil Seikyo, edição nº 1659, 13/07/2002, página A6.)

O movimento de propagação da SGI ao qual nos dedicamos não se trata meramente de mais uma opção de escolha religiosa. Trata-se, na verdade, de uma dedicação de pessoa a pessoa, de vida a vida, para abrirmos o caminho da revolução humana de cada uma.

O presidente Ikeda afirma: “Assim como um tecido, o Kossen-rufu é produzido com linhas verticais e horizontais. As linhas verticais representam a transmissão do ensino de mestre para discípulo, de pai para filho, de veterano para novato. As linhas horizontais representam a transmissão imparcial desse ensino, transcendendo as fronteiras nacionais, as classes sociais e todas as outras distinções.” (Brasil Seikyo, edição no 1.496, 20 de fevereiro de 1999, pág. 4.)

“Kossen-rufu não é um mero slogan. Somente as palavras, por mais alto que sejam proferidas, não terão nenhum significado a menos que tomemos uma ação concreta. Se não colocarmos o Kossen-rufu em ação, não poderemos transmitir às futuras gerações o grande caminho que Nitiren Daishonin abriu para a suprema felicidade.” (A Grande Correnteza para a Paz, vol. 2, pág. 136.)

Desafiar as circunstâncias para concretizar o Kossen-rufu nos possibilita transformar nosso carma e receber imensuráveis benefícios. Portanto, quando nos empenhamos seriamente nas atividades da Soka Gakkai, todos os desejos pessoais são concretizados naturalmente.

Em diversas escrituras, Nitiren Daishonin enfatiza a importância da dedicação em prol do Kossen-rufu, como consta nas frases: “Se o senhor acende uma lanterna para os outros, esta também iluminará seu caminho.” (Gosho Zenshu, pág. 1.598.)

“Pequenos riachos se juntam e formam o grande oceano, e minúsculas partículas de poeira se acumulam para constituir o Monte Sumeru. Quando eu, Nitiren, inicialmente abracei a fé no Sutra de Lótus, era como uma única gota d’água ou uma única partícula de pó em todo o Japão. Porém, posteriormente, quando duas pessoas, três, dez e, eventualmente, dez bilhões de pessoas vierem a recitar o Sutra de Lótus e transmiti-lo aos outros, então elas formarão um Monte Sumeru de maravilhosa iluminação, um grande oceano de nirvana! Não busque nenhum outro caminho para atingir o estado de Buda!” (As Escrituras de Nitiren Daishonin [END], vol. 3, págs. 82-83.)

“Virá o tempo em que todas as pessoas, inclusive aquelas de Erudição, Absorção e Bodhisattva, entrarão no caminho para o estado de Buda, e a Lei Mística florescerá por toda a terra. Nesse tempo, pelo fato de todas as pessoas recitarem o Nam-myoho-rengue-kyo juntas, o vento não fustigará os galhos ou ramos, nem a chuva cairá torrencialmente a ponto de cavar o solo. O mundo tornar-se-á como nas épocas de Fu Hsi e Shen Nung na China antiga. Os desastres serão expelidos da terra e as pessoas se livrarão do infortúnio. Elas também aprenderão a arte de viver longa e plenamente.” (END, vol. 3, pág. 149.)

Assim, como praticantes do Budismo de Nitiren Daishonin, é fundamental dedicar-se em prol do Kossen-rufu com a convicção de que as grandes transformações que o mundo hoje tanto necessita encontra-se nessa batalha.

# Espírito de doação (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1660, 20/07/2002, página A6.)

Discorreremos agora sobre o espírito de doação embasado no ponto de vista do Budismo de Nitiren Daishonin e aplicado à realidade da vida diária dos praticantes da época atual.

Há inúmeras escrituras budistas que se referem ao ato de oferecer sinceramente doações ao Buda ou à Lei manifestando gratidão pelos benefícios alcançados. Assim, este ato é algo bastante praticado pelos budistas, mesmo aqueles dos ensinos provisórios.

Em primeiro lugar, de acordo com as escrituras, o ato de oferecer doações pode ser classificado de diversas formas, dentre as quais destacam-se: oferecimentos materiais, à Lei, prático e racional.

O oferecimento material constitui-se, como o próprio nome diz, de oferecer bens materiais. Nos dias de Daishonin, seus discípulos, tais como Abutsu-bo e Nanjo Tokimitsu, mesmo arriscando a própria vida, enviavam alimentos, vestimentas e outras necessidades materiais ao Buda Original quando ele encontrava-se exilado. Na escritura "Sobre a Torre de Tesouro", enviada a Abutsu-bo, Daishonin escreveu: "Também recebi o seu oferecimento à Torre de Tesouro, de um kan de moedas, arroz e outros artigos." (As Escrituras de Nitiren Daishonin [END], vol. 3, pág. 231.)

O oferecimento à Lei corresponde ao ato de se empenhar em prol da propagação do verdadeiro ensino exatamente de acordo com as palavras do Buda, com o propósito de salvar as pessoas da infelicidade. Portanto, realizar o Chakubuku, mesmo enfrentando calúnias e difamações, é oferecer verdadeiramente a vida à Lei.

Com relação aos oferecimentos prático e racional, na escritura "O presente de arroz", Daishonin escreveu: "Como essas práticas dizem respeito aos sábios e honrados, são impossíveis para os mortais comuns. Porém, os mortais comuns devem ter em mente a 'forte determinação' de tornarem-se budas. Quando consideramos cuidadosamente a que exatamente essa forte determinação se refere, verificamos que se trata da doutrina da observação da mente. Quando indagamos a que exatamente a doutrina da observação da mente se refere, chegamos à conclusão de que oferecer o único manto ao Sutra de Lótus equivale a remover a pele da mão; e que em tempos de fome, oferecer o alimento, que é o único meio de sustento da vida, corresponde a oferecer a própria vida ao Buda.

"Os benefícios advindos desses atos não são de modo algum inferiores àqueles obtidos pelo Bodhisattva Rei dos Remédios ao queimar seus braços, ou aos do Menino das Montanhas Nevadas ao oferecer seu corpo ao demônio. Portanto, para os sábios, o oferecimento prático [oferecer a própria vida à Lei] é apropriado. Para os mortais comuns, o oferecimento racional [oferecer sinceramente aquilo que é importante para a própria vida] é apropriado. Esse ensino é chamado de paramita de doação para observação da mente, exposto no sétimo volume do Maka Shikan (Grande Concentração e Discernimento)." (The Writings of Nichiren Daishonin, págs. 1.125–1.126.) Assim, Daishonin louva a doação enviada pelo seu discípulo na forma de alimentos que sustentam a vida, afirmando que seu benefício será comparável ao recebido pelos sábios do passado que ofereceram literalmente a própria vida. Na escritura "O oferecimento de um robe de verão", Daishonin enfatiza: "Há dois tipos de devotos do Sutra de Lótus: santos e mortais comuns. O santo despe-se de sua pele e usa-a para transcrever a palavra de um Sutra. Se o mortal comum oferece o seu único robe ao devoto do Sutra de Lótus, então, o Buda aceita-o como igual à pele que o santo removeu." (END, vol. 4, pág. 227.)

# Espírito de doação (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1661, 27/07/2002, página A6.)

No budismo, o espírito fundamental da doação é o sentimento de gratidão e de sinceridade. São inúmeras as passagens das escrituras em que Daishonin enaltece esse espírito manifestado por seus discípulos ao oferecerem algo a ele, ao mesmo tempo em que lhes assegura imensuráveis benefícios. Mesmo no Budismo de Sakyamuni, há diversas passagens e parábolas que ensinam sobre a importância da sinceridade no ato de contribuir em prol da Lei e os benefícios resultantes disso.

Um exemplo que ilustra a importância da sinceridade nesse ato e que é citado diversas vezes por Daishonin em suas escrituras, é o dos meninos Tokusho e Musho. Certa vez, eles brincavam tranqüilamente e avistaram o Buda Sakyamuni. Fizeram então um bolo de lama e ofereceram ao Buda com toda a sinceridade, pois era a única coisa que poderiam doar naquele momento. Como resultado desse espírito, diz-se que, após cem anos, Tokusho renasceu como um grande rei (rei Asoka) e Musho como sua esposa ou irmão.

Uma outra parábola budista que ilustra os grandiosos benefícios de um oferecimento sincero é relatado em um sutra budista e mencionado por Daishonin em uma carta de incentivo escrita a uma seguidora que lhe enviara doações. Diz-se que, certa vez, o rei Ajase ofereceu uma grande quantidade de óleo combustível ao Buda Sakyamuni com o desejo de lhe proporcionar luz por meio das lamparinas. Uma pobre mulher, ao saber disso, desejou também oferecer a todo custo um pouco de luz ao Buda. Porém, sua condição miserável não lhe permitia comprar o óleo para a lamparina. Então, ela decidiu cortar seu próprio cabelo para vendê-lo e, com o dinheiro, adquiriu o óleo para uma única lamparina, oferecendo-o sinceramente ao Buda Sakyamuni. Diz-se que o óleo doado pelo rei Ajase iluminava a noite das montanhas onde se encontrava Sakyamuni como se fosse a luz do dia; porém, as luzes de suas lamparinas foram rapidamente se apagando quando o óleo foi acabando. Entretanto, a única lamparina alimentada com o óleo doado pela pobre mulher permaneceu acesa durante toda a noite sem se apagar em nenhum momento, mesmo sob forte ventania. O Buda Sakyamuni profetizou então que, como resultado da sincera doação feita pela pobre mulher, ela se tornaria infalivelmente um Buda na próxima existência.

Em uma outra carta escrita para uma de suas seguidoras, Sajiki Nyobo, que havia lhe enviado um robe de verão, Daishonin enaltece os benefícios de um oferecimento na frase a seguir: “O seu robe de verão foi oferecido aos budas dos 69.384 caracteres que compõem o Sutra de Lótus. Deste modo, equivale a 69.384 robes. E, como cada um desses 69.384 budas abrangem todos os 69.384 caracteres do Sutra, é como se tivesse oferecido essa quantidade de robes a cada um deles. Para ilustrar, suponha um vale de mil ri quadrados coberto com espessa grama. Quando uma centelha pequena como um feijão é colocada sobre uma simples folha de capim, o incêndio espalha-se por todo o campo num instante, fazendo irromper um imensurável e ilimitado lençol de fogo. O mesmo é o caso deste robe. Embora seja apenas um, foi oferecido aos Budas de todos os caracteres do Sutra de Lótus. Esteja firmemente convicta de que os benefícios deste oferecimento estender-se-ão aos seus pais, seus avós e a um número incontável de outras pessoas, e ainda ao marido que a senhora tanto ama.” (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. 4, págs. 227-228.)

Vale ressaltar que a sinceridade descrita no budismo está sempre associada a algum tipo de ação concreta e desafiadora à altura das circunstâncias vividas pelo praticante da doação.

# Espírito de doação (3)

(Brasil Seikyo, edição nº 1662, 10/08/2002, página A6.)

Analisemos agora a forma de realizar doações na época atual, dos Últimos Dias da Lei, como praticantes do Budismo de Nitiren Daishonin.

Na verdade, quando praticamos o budismo, estamos a todo momento praticando a doação tanto na forma de Lei como materialmente. Por exemplo, as atividades da SGI têm como propósito fundamental o desenvolvimento do Kossen-rufu, conforme o desejo do próprio Buda Original, visando à felicidade da humanidade. Conseqüentemente, ao dedicarmos nosso tempo a essas atividades estamos, sem dúvida, praticando um ato de oferecimento na forma de Lei. Da mesma maneira, quando nos empenhamos para realizar o Chakubuku visando à felicidade das pessoas, enfrentando muitas vezes diversos tipos de calúnias e difamações, isso também representa um ato de oferecimento ao budismo. Por outro lado, a participação sincera no suporte financeiro às atividades é considerada um oferecimento material comparável às doações realizadas diretamente ao Buda Original pelos seus discípulos durante sua existência. No romance Nova Revolução Humana, o presidente Ikeda descreve sobre isso da seguinte forma: “Essa contribuição é destinada exclusivamente a cumprir o sagrado desejo de Daishonin de realizar o Kossen-rufu. E se é promovida com essa finalidade, é então um oferecimento ao Buda Original. Sendo assim, não há outro oferecimento ou outro grande bem que supere a contribuição promovida na Gakkai. Conseqüentemente, os benefícios provenientes desse nobre ato serão realmente imensuráveis.” (Vol. 4, pág. 80.)

Nos dias de hoje, os oferecimentos realizados pelos santos e sábios da antigüidade são impraticáveis, tais como o Bodhisattva Rei dos Remédios e o Menino das Montanhas Nevadas que literalmente dedicaram a vida ou parte do corpo em prol do budismo. E, naturalmente, não podemos enviar oferecimentos diretamente ao Buda como fizeram os discípulos de Daishonin em sua época. Por isso, à luz das próprias escrituras de Daishonin, o espírito de doação na atualidade é a sincera dedicação em prol do Kossen-rufu, e a gratidão e a sinceridade em servir à Lei deve ser a mesma em qualquer época.

Descrevendo sua dedicação nesse ato, o presidente Ikeda escreveu: “Shin-iti limitou as despesas de sua vida diária ao mínimo necessário e manteve sempre o princípio de que empregaria todo o seu salário em prol do Kossen-rufu e das atividades da Gakkai. Ele fazia desse ato uma alegria e orgulho pessoal. Chegou até a suportar o frio do inverno sem ter um casaco. Quando recebia o salário depois de muito tempo de atraso, destinava uma parte para dar suporte às atividades do presidente Toda em prol do Kossen-rufu. Shin-iti estava absolutamente convencido de que os benefícios e a boa sorte que conseguiu acumular como resultado dessa dedicação possibilitaram-no ultrapassar sua doença e também obter a condição de liderar a Soka Gakkai com toda a segurança como seu presidente. Sua atuação não advinha de uma ordem de alguém. Eram iniciativas tomadas espontaneamente e as realizava com coragem e satisfação como expressão de sua sincera fé embasada na decisão de devotar a sua vida em prol do Kossen-rufu.” (Ibidem, pág. 81.)

# Espírito de doação (4)

(Brasil Seikyo, edição nº 1663, 17/08/2002, página A6.)

Finalizando o tema “espírito de doação”, apresentamos resumidamente a história do rico mercador Sudatta, que construiu o Monastério Jetavana como um oferecimento ao Buda Sakyamuni. [Essa história é mencionada por Nitiren Daishonin na escritura “O Rico Sudatta” (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. 6, págs. 185-186), endereçada a Nanjo Tokimitsu como resposta a uma doação que ele havia feito.]

A história do rico Sudatta ilustra os imensuráveis benefícios provenientes do nobre ato de oferecer uma doação ao budismo e é detalhadamente descrita pelo presidente Ikeda no romance Nova Revolução Humana, no qual consta:

“Num passado distante, Sudatta e sua esposa viveram na Índia. Apesar de serem muito pobres, possuíam uma profunda fé nos ensinos do Buda. Certo dia, Sudatta conseguiu uma pequena porção de arroz. A esposa cozinhou com a intenção de saboreá-lo junto com o marido assim que ele retornasse. Entretanto, um discípulo de Sakyamuni chamado Aniruddha bateu à porta munido de uma tigela de esmola. Ao vê-lo, a esposa de Sudatta reverenciou-o respeitosamente e como doação encheu a tigela com o arroz que acabara de preparar. Em seguida, outros discípulos de Sakyamuni, tais como Subhuti, Mahakashyapa, Maudgalyayana e Shariputra, foram bater à porta de sua casa, um após o outro, com suas tigelas de esmola. A esposa de Sudatta doou arroz a cada um deles. Por último, foi o próprio Sakyamuni. Quando ele pediu uma porção de comida, a esposa de Sudatta ofereceu com toda a alegria o restante do arroz que sobrara na panela. Era um gesto de extrema generosidade, uma expressão de sua fé em reverência ao Buda. Pouco tempo depois, Sudatta retornou para casa. Ele parecia faminto.” (Vol.4, págs. 75-76.)

A esposa relatou então o acontecimento ao marido, que foi prontamente aprovado com toda a alegria por Sudatta. O presidente Ikeda prossegue a descrição dessa história: “Dizem que por meio desse oferecimento, Sudatta tornou-se um homem virtuoso e muito respeitado. A decisão sincera e sem hesitação da esposa e a alegria de seu marido exemplificam o eterno espírito de doação nascido de uma fé pura e genuína. Essa sinceridade é o seu verdadeiro espírito e a fonte básica de abundante boa sorte. Depois de Sudatta tornar-se um homem rico e virtuoso, construiu e doou o Monastério Jetavana para Sakyamuni. Sudatta decidira construir um magnífico monastério para oferecer a Sakyamuni, num lugar tranqüilo e que não fosse nem muito longe nem muito perto de Shravasti, a capital de Kosala. Após pensar em vários locais, ele escolheu o bosque que pertencia ao príncipe Jetri. Sudatta foi ao encontro dele e explicou que gostaria de comprar o bosque para construir um monastério.” (Ibidem, pág. 76.)

O presidente Ikeda continua então narrando a dificuldade que Sudatta encontrou para adquirir o bosque, utilizando todo o ouro que possuía em casa. Porém, com sua abnegada dedicação e sinceridade, ele conseguiu o que havia determinado: o bosque para doar o Monastério ao Buda.

O presidente Ikeda prossegue: “Ao ser informado por Sudatta de seu desejo de doar o monastério, Sakyamuni respondeu solenemente: ‘Gostaria que esse monastério não fosse doado somente para mim, mas para toda a comunidade de budistas para que todos possam utilizá-lo.’ O Monastério Jetavana tornou-se então um local amplamente utilizado por todos os praticantes. Esse espírito foi seguido mais tarde pelos templos budistas, e atualmente é representado pelos centros comunitários da Soka Gakkai. Sem dúvida, o oferecimento do Monastério Jetavana beneficiou a vida de Sudatta com uma boa sorte ainda maior. O espírito de devoção em realizar a doação eleva o estado de vida e proporciona imensuráveis benefícios, e isso, por sua vez, aprofunda a convicção na prática da fé. Esta é a fórmula do budismo que coloca as pessoas na órbita da felicidade.” (Ibidem, pág. 78.)

# A importância da fé (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1665, 31/08/2002, página A6.)

Em um diálogo com os jovens, o presidente Ikeda afirmou: “Fé significa eterna esperança; é o segredo para um ilimitado autodesenvolvimento. A fé é o princípio fundamental para o crescimento... A fé é um assunto de importância fundamental para nós. Vocês poderão se tornar genuínos sucessores da Soka Gakkai ou grandes líderes do século XXI somente se estabelecerem em sua vida uma sólida base de forte e inabalável fé. Tudo se resume unicamente na fé. Ela contém a verdade, a coragem, a sabedoria e a boa sorte. Inclui também a benevolência e a humanidade, bem como a paz, a cultura e a felicidade.” (Brasil Seikyo, edição no 1.484, 14 de novembro de 1998, pág. 3.)

A palavra “fé”, escrita em caracteres chineses, tem dois significados: não enganar, isto é, ser autêntico; e não duvidar. Miao-lo afirma: “O significado da fé integral é que, enquanto a razão é a mãe da fé, a fé é a mãe da prática.” Assim, a fé no budismo é razão, opondo-se à irracionalidade. Tient’ai afirma: “Crer significa não ter dúvidas.”

Na escritura “Significado da Fé”, Nitiren Daishonin diz: “O que chamamos de fé não é nada extraordinário. Assim como uma mulher estima seu marido, como um homem dá sua vida pela sua esposa, como os pais não abandonam seus filhos, ou como uma criança se recusa a deixar sua mãe, da mesma maneira devemos depositar nossa confiança no Sutra de Lótus, em Sakyamuni, em Taho e em todos os Budas e Bodhisattvas das dez direções, bem como nos deuses celestiais e divindades benevolentes, e recitar Nam-myoho-rengue-kyo.” (As Escrituras de Nitiren Daishonin [END], vol. 6, pág. 93.)

Com a sincera fé somos capazes de conquistar tudo. Por meio dela, devemos avançar dia a dia, construir um caminho seguro, um alicerce sólido.

De toda forma, tendo abraçado o Gohonzon inscrito pelo Buda Original para a felicidade de toda a humanidade, é de suma importância exercitarmo-nos diariamente na prática tanto individual como altruística para aprofundarmos a fé, tal como afirma Daishonin na célebre frase de sua escritura “Resposta a Kyo’o”: ”Tudo depende da sua fé. Uma espada será inútil nas mãos de um covarde. A poderosa espada do Sutra de Lótus deve ser manejada por alguém corajoso na fé.” (END, vol. 1, pág. 276.)

Se nos empenharmos firmemente, com uma fé destemida, certamente poderemos conquistar a grandiosa vitória na vida, superando todo o tipo de obstáculos e dificuldades e alcançar a felicidade absoluta. Assim, não teremos nada do que nos arrepender no futuro.

# A importância da fé (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1666, 07/09/2002, página A6.)

No Budismo de Nitiren Daishonin a prática da fé é exercitada em meio à própria vida diária. Por isso, mantê-la sem negligenciá-la não é uma tarefa fácil. Num diálogo com jovens o presidente Ikeda afirmou: “Talvez não haja nenhuma prática mais difícil do que a da continuidade. Todavia, se desafiarmos para realizá-la um pouquinho mais a cada dia, sem perceber teremos construído um caminho para a felicidade nas profundezas da nossa vida; teremos construído um sólido dique que impedirá de sermos arrastados para a infelicidade.” (Brasil Seikyo, edição no 1.484, 14 de novembro de 1998, pág. 4.) Em outras palavras, o ponto fundamental para conquistarmos a verdadeira felicidade está justamente na continuidade da prática da fé por meio do desafio diário de avançar mesmo que seja um passo por vez.

Em uma de suas escrituras enviadas a Shijo Kingo, Daishonin afirma: “Muitas pessoas ouvem e abraçam este sutra, mas quando assim o fazem, ocorrem dificuldades e somente um pouco delas podem continuar em sua fé. Aceitá-la é fácil, mas mantê-la é difícil. Porém, a iluminação encontra-se no ato de mantê-la.” (As Escrituras de Nitiren Daishonin [END], vol. 1, pág. 279.)

São várias as orientações que o presidente Ikeda vem dando com relação à importância da continuidade da prática, certa vez ele disse que “o estabelecimento de uma fé resoluta que não vacila sob nenhuma circunstância é o mais importante. Em outras palavras, o objetivo essencial da profunda fé é desenvolver uma fé inabalável e uma personalidade sólida, bem como construir um modo de vida e uma conduta igualmente sólidos. Fundamentados nessa base de fé inabalável, devem ser flexíveis com relação à maneira de empenhar-se para promover ainda mais o Kossen-rufu, efetuando todas as espécies de atividades a fim de transformarem as dificuldades (veneno) em fontes de crescimento (remédio)”.

E Nitiren Daishonin também afirma na escritura “Resposta ao Lorde Ueno”: “Atualmente, existem pessoas que têm fé no Sutra de Lótus. Entretanto, alguns crêem como chamas ardentes, enquanto outros, como água corrente. Quando os primeiros ouvem sobre o budismo, entusiasmam-se como o fogo, mas quando se afastam são dominados pela mente disposta a abandonar a fé. ‘Como água corrente’ significa crer continuamente sem nunca retroceder. Como o senhor freqüentemente tem me visitado independentemente das circunstâncias, sua fé é comparável à água corrente. Quão digno de respeito!” (END, vol. 1, pág. 419.)

A analogia da prática da fé com “chamas ardentes” refere-se às pessoas que se entusiasmam com o budismo no início mas logo esmorecem diante da realidade da vida diária. Em contrapartida, a fé de “água corrente” caracteriza-se pela busca contínua do auto-aprimoramento por meio da recitação diária do Gongyo e do Daimoku e de ações para aplicar o poder da oração nas questões do cotidiano. Portanto, a fé de “água corrente” é consolidada pelos desafios da vida diária e manifesta-se no empenho em resolver as questões pessoais, como relacionamento familiar, dificuldades econômicas ou de trabalho, dedicando-se ao mesmo tempo nas atividades da organização em prol do Kossen-rufu.

# Nikko Shonin, o sucessor de Nitiren Daishonin (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1667, 14/09/2002, página A6.)

Um dos personagens de suma importância na história do Budismo de Nitiren Daishonin é Nikko Shonin. Vamos conhecer um pouco sobre sua vida para compreendermos melhor a filosofia de Daishonin.

Em 1258 Nitiren Daishonin visitou o templo Jissoji para desenvolver pesquisas na biblioteca local com o intuito de esclarecer as causas das calamidades e desastres que assolavam o Japão. Ele preparava-se para escrever a "Tese sobre o estabelecimento do ensino correto para a paz da nação". Nessa ocasião, Nikko, que estava com 13 anos de idade, serviu-o e tornou-se seu discípulo, recebendo de Nitiren Daishonin o nome de Hoki-bo Nikko. A partir de então, Nikko serviu-o devotadamente, acompanhando-o até mesmo em seus exílios à península de Izu e à ilha de Sado.

Nos últimos anos da vida de Daishonin, já estabelecido em uma região remota do monte Minobu, Nikko Shonin compilou as preleções sobre o Sutra de Lótus proferidas pelo seu mestre, as quais são conhecidas como "Registro dos Ensinos Orais". Ele empenhou-se também de forma excepcional na liderança da propagação do Verdadeiro Budismo, participando vigorosamente de inúmeros debates com líderes de seitas heréticas. As regiões de Kamakura, dos montes Minobu e Fuji, de Atami, Kai e Suruga e a vila de Atsuhara foram alguns dos locais onde Nikko empreendeu uma intensa campanha de propagação.

Aos 61 anos de idade, sentindo a aproximação de sua morte, Nitiren Daishonin designou Nikko Shonin como seu legítimo sucessor por meio de dois documentos de transferência escritos em setembro de 1282 e em 13 de outubro de 1282, no dia de sua morte.

Após o falecimento de Daishonin, dos seis sacerdotes seniores que juraram proteger o Verdadeiro Budismo, somente Nikko Shonin compreendeu profundamente a verdadeira intenção do Buda Original e preservou seus ensinos com pura fé, criando a base para a propagação, e os transmitiu às futuras gerações. Além disso, criou várias gerações de discípulos herdeiros do espírito de Daishonin que dariam continuidade aos ensinamentos de seu mestre. Por essa razão, Nikko Shonin representa a figura do sacerdote no conceito dos três tesouros do Budismo de Nitiren Daishonin.

Nikko Shonin faleceu no dia 6 de fevereiro de 1333, 24 dias após escrever "Os Vinte e Seis Artigos de Advertência", que contêm as orientações para os futuros discípulos que herdaram o verdadeiro espírito de Nitiren Daishonin e assegurarão a realização do Kossen-rufu. Em 10 de novembro de 1332 Nikko Shonin transferiu todos os ensinos do Verdadeiro Budismo a Nitimoku Shonin, que viria a ser o terceiro sumo prelado.

# Nikko Shonin, o sucessor de Nitiren Daishonin (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1668, 21/09/2002, página A6.)

A dedicação incansável de Nikko Shonin para incentivar os seguidores de Daishonin é bastante conhecida, especialmente na ocasião da Perseguição de Atsuhara, quando os clérigos da seita Tendai, irados pelo sucesso alcançado por ele em sua campanha de propagação do Budismo de Daishonin, começaram a atacar os novos convertidos. Posteriormente, planejaram um ataque com um grupo de guerreiros a vários camponeses desarmados, que também eram recém-convertidos, e os prenderam sob falsa acusação de roubo.

Devido ao incansável empenho de Nikko Shonin em visitar pessoalmente a área de Atsuhara, os seguidores mantiveram a fé sem sucumbir às grandes perseguições que recaíam sobre eles. E, por meio do exemplo de Nikko Shonin, esses seguidores, todos camponeses, compreenderam a magnificência do budismo e a grandiosidade de Daishonin, tendo Nikko na liderança no pior momento da perseguição, quando vinte camponeses foram aprisionados e três deles decapitados.

Ele enviava relatos detalhados dos acontecimentos para Nitiren Daishonin, que se encontrava no Monte Minobu.

Assim, Nitiren Daishonin envia constantes palavras de encorajamento aos seus seguidores vítimas de perseguições.

A Perseguição de Atsuhara tem um significado extremamente importante pois, diferentemente das perseguições dirigidas ao Buda Original, essa era aos seus seguidores. Contudo, apesar da ameaça das autoridades, eles perseveraram na fé e Nitiren Daishonin convenceu-se de que estavam fortes o suficiente para dedicarem a vida pela Lei Mística. Isso o levou a inscrever o Dai-Gohonzon, em 12 de outubro de 1279, visando a felicidade de toda a humanidade.

Pelo fato de Nitiren Daishonin e Nikko Shonin, mestre e discípulo, valorizarem o ser humano e, por isso, entenderem o coração das pessoas, eles encorajavam os seguidores de Atsuhara a superarem a perseguição.

Na Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo o presidente Ikeda comenta: “Em todas as épocas, a compreensão do coração das pessoas é a base para a vitória. Um líder genuíno, um verdadeiro líder do budismo, dedica-se ao máximo para compreender o coração das pessoas, seus pensamentos e suas lutas... Os senhores não poderão compreender o coração das pessoas se se mantiverem distante delas.”

No poema “Brasil, Seja Monarca do Mundo!”, discorrendo sobre a importância da coragem dos discípulos, ele escreveu:

A história da humanidade

aguarda perseverante

como a aurora

que se ergue,

a vitória de um povo

sobre seus opressores.

Sua gente heróica

move a história

E é a força

que abrirá o futuro.

# Nikko Shonin, o sucessor de Nitiren Daishonin (3)

(Brasil Seikyo, edição nº 1669, 28/09/2002, página A6.)

Somente Nikko Shonin seguiu Nitiren Daishonin e o serviu, suportando perseguições junto com ele e propagando corajosamente seus ensinos de acordo com seu desejo. Por ele ter lutado em sintonia com o espírito de seu mestre, o Buda Original, compreendeu sua intenção: promover a ampla propagação do Objeto de Devoção dos Três Grandes Ensinos Fundamentais dos Últimos Dias da Lei para a felicidade de todas as pessoas.

Após o falecimento de Nitiren Daishonin, seus ensinos foram amplamente transmitidos para a posteridade por Nikko Shonin, que se levantou sozinho contra os cinco sacerdotes seniores, pois, apesar de eles terem jurado proteger o Verdadeiro Budismo, sob pressão das autoridades, gradativamente começaram a desviar-se dos ensinos de Daishonin e passaram a adorar imagens do Buda Sakyamuni, declarando-se sacerdotes da seita Tendai. Assim livraram-se das perseguições e prometeram orar pela nação e por seus governantes. Nikko Shonin refutou rigorosamente essas atitudes e preservou os ensinos de seu mestre. Se ele permanecesse em silêncio, indubitavelmente a história da “retidão dos cinco sacerdotes seniores” teria prevalecido sobre a verdadeira intenção de Nitiren Daishonin. Na verdade, esses cinco sacerdotes não compreenderam a verdadeira intenção do Buda Original.

Pode-se saber se o espírito do mestre foi transmitido corretamente observando a conduta dos discípulos. Não importa o quanto uma pessoa clame manter os Três Grandes Ensinos Fundamentais, se ela não age em prol do Kossen-rufu e da felicidade das pessoas, perdeu de vista o desejo do Buda Original.

A unicidade entre mestre e discípulo era o que permeava a vida de Nikko Shonin. Ele era o único em quem o Buda podia confiar e que enfrentava todas as dificuldades para proteger e propagar seus ensinos. Exatamente como seu mestre, ele consagrou sua vida à grande causa de sustentar o Verdadeiro Budismo para salvar os povos do mundo todo, preservando os Três Grandes Ensinos Fundamentais. Isso fica bem claro em suas mais de oitenta cartas existentes até hoje, nas quais se pode notar o quanto ele respeitava Daishonin como o Buda Original e sua atitude rigorosa de proteger o Budismo de Nitiren Daishonin em suas observações sobre o Gohonzon.

Após setecentos anos, quando o espírito do Buda Original estava prestes a se extinguir novamente, surgiu a Soka Gakkai — uma organização que herdou seus ensinos e que avança de acordo com seu desejo. A Soka Gakkai, que se baseia totalmente no Gohonzon e no Gosho, é a única organização de seguidores harmoniosamente unidos que transmite corretamente o propósito do Buda Original.

Por isso, em um mundo de valores invertidos, precisamos mais do que nunca elevar persistentemente o brado da verdade e da justiça. A missão do discípulo é vencer e mostrar a prova real do correto ensino, assim como fez Nikko Shonin.

# Shijo Kingo, um discípulo exemplar (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1670, 05/10/2002, página A6.)

Shijo Kingo é um dos mais conhecidos seguidores de Nitiren Daishonin, tendo sido um de seus discípulos mais próximos. Nasceu em 1230 e seu nome completo era Shijo Nakatsukasa Saburo Zaemon-no-jo Yorimoto. Sucedeu seu pai em servir à família Ema, pertencente ao clã Hojo, mantendo uma conceituada reputação perante o Lorde Ema Mitsutoki. Além de sua habilidade como samurai, possuía um excelente conhecimento de Medicina.

Kingo converteu-se ao budismo por volta de 1256, aos 26 anos de idade, na mesma época em que outros discípulos, tais como os irmãos Ikegami e Kudo Yoshitaka, também tornaram-se seguidores de Nitiren Daishonin. Percebendo que com a prática do budismo o povo japonês poderia superar os sofrimentos que enfrentava, abraçou de forma fervorosa os ensinamentos de Nitiren Daishonin e enfrentou vários desafios para dar continuidade a sua fé. Nessa época, havia três anos que Daishonin tinha estabelecido seu budismo com a recitação do Nam-myoho-rengue-kyo pela primeira vez. Posteriormente, Shijo Kingo tornou-se um dos personagens centrais entre os discípulos leigos de Nitiren Daishonin da região de Kamakura. Juntamente com outros seguidores, como por exemplo Toki Jonin, dedicou-se constantemente a apoiar e proteger o Buda Original.

Durante toda sua vida, Shijo Kingo recebeu diversas cartas de Nitiren Daishonin, as quais continham inúmeros incentivos não só sobre a prática da fé, mas também sobre a conduta e o comportamento que deveria ter no dia-a-dia, especialmente com seus colegas de trabalho e com o Lorde Ema. As frases abaixo foram extraídas das cartas recebidas por Kingo:

“Por outro lado, não deve comentar com outras pessoas lamentando-se de que este mundo é difícil de ser suportado. Se o senhor proceder dessa forma, estará agindo contra a atitude de um sábio.” (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. 1, pág. 296.)

“O senhor deve tornar-se um indivíduo que as pessoas de Kamakura possam comentar que Nakatsuka Saburoza-emon-no-jo foi brilhante em servir ao soberano, ao budismo e às pessoas da sociedade.” (Ibidem, pág. 297.)

“Aceitá-la [a fé] é fácil, mas mantê-la é difícil. Porém, a iluminação encontra-se no ato de mantê-la.” (Ibidem, pág. 281.)

“Os infortúnios de Kyo’o Gozen serão mudados em boa sorte. Reúna a sua fé e ore a este Gohonzon. Então, o que é que não pode ser alcançado?” (Ibidem, pág. 276.)

“Recebi a notícia do nascimento de seu bebê. Parabéns! Como seu bebê nasceu num dia tão feliz, seu desejo realizou-se tal como a maré reflui ou as flores silvestres abrem-se na primavera. Assim, apressei-me em dar-lhe um nome. Chame-o Tsukimaro.” (Ibidem, pág. 257.)

Os diversos escritos de Daishonin revelam que Shijo Kingo foi uma pessoa corajosa, leal, franca e impulsiva. Ele deixou registrado na história o exemplo de um digno praticante e, além disso, o comportamento de um verdadeiro discípulo, disposto a defender seu mestre com sua própria vida.

# Shijo Kingo, um discípulo exemplar (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1672, 19/10/2002, página A5.)

Uma das passagens marcantes da vida de Shijo Kingo ocorreu durante a perseguição de Tatsunokuti, ocasião em que demonstrou seu espírito de proteger seu mestre com sua própria vida. Nessa perseguição, ocorrida em 12 de setembro de 1271, os guerreiros liderados por Hei-no-Saemon conduziam Daishonin para Tatsunokuti com o plano de executá-lo. No trajeto até a praia de Tatsunokuti, o cortejo passou próximo à residência de Shijo Kingo, que, ao tomar conhecimento do que ocorreria, imediatamente correu para acompanhar seu mestre determinado a morrer a seu lado, caso fosse executado. Contudo, no momento da execução, um objeto brilhante cruzou o céu, iluminando toda a praia e amedrontando os guerreiros, e o plano de acabar com a vida de Nitiren Daishonin foi malsucedido.

A relação entre Shijo Kingo e Nitiren Daishonin é um exemplo de unicidade de mestre e discípulo, conforme o Buda Original descreve nesta passagem das escrituras: “O senhor acompanhou Nitiren, jurando dar sua vida como um devoto do Sutra de Lótus. Seu feito é infinitamente maior do que o de Hung Yen, que rasgou seu estômago e inseriu o fígado de seu falecido lorde, Yi Kung, para salvá-lo da humilhação e desonra. Quando alcançar o Pico da Águia, em primeiro lugar contarei que Shijo Kingo, como Nitiren, decidiu morrer pelo Sutra de Lótus.” (As Escrituras de Nitiren Daishonin [END], vol. 3, pág. 196.)

Daishonin confiou a Shijo Kingo importantes tratados, como por exemplo “Abertura dos Olhos”, um dos seus dez principais escritos, que revela o Objeto de Devoção em forma de pessoa. Além disso, diante das dificuldades impostas pelo Lorde Ema devido a sua fé no Budismo de Daishonin, Kingo recebeu do Buda Original diversas cartas enfatizando a importância de estar ao lado das pessoas que enfrentam dificuldades, incentivando-o a manter a firme lealdade ao Lorde Ema. Foi ainda um dos poucos discípulos que recebeu o Gohonzon antes da inscrição do Dai-Gohonzon. Isso pode ser comprovado quando, em 1273, Nitiren Daishonin escreveu uma carta à segunda filha de Shijo Kingo, intitulada “Resposta a Kyo’o”, dizendo: “Creia neste Gohonzon com todo o seu coração. O Nam-myoho-rengue-kyo é como o rugido do leão. Que doença pode, portanto, ser um obstáculo?” (END, vol. 1, pág. 275.)

Em todas as ocasiões, a convicção de Kingo era a de jamais abandonar o budismo, não importando o que ocorresse. Depois de algum tempo, ele reconquistou a confiança do Lorde Ema e também tudo o que havia perdido, recebendo um feudo três vezes maior do que aquele que possuía anteriormente. Nos últimos anos da vida de Nitiren Daishonin, como profundo conhecedor da Medicina, Kingo acompanhou-o de perto e lhe prescreveu diversos medicamentos.

Shijo Kingo faleceu em 13 de março de 1300. Manteve firmemente sua fé durante os 44 anos em que praticou o Budismo de Nitiren Daishonin, seguindo o verdadeiro caminho de mestre e discípulo. Dedicou-se também em proteger a todo o custo todos os discípulos de Daishonin, mesmo arriscando sua própria vida.

Certamente, mesmo nos dias de hoje, o exemplo de Shijo Kingo e as diversas orientações recebidas por ele diretamente do Buda Original devem servir como importante referência para todos nós, que buscamos o caminho correto para a comprovação dos benefícios da prática budista em meio à realidade da vida diária.

# Benefícios conspícuos e inconspícuos

(Brasil Seikyo, edição nº 1673, 26/10/2002, página A6.)

A religião e sua prática são fatores que determinam fundamentalmente a felicidade ou a infelicidade das pessoas. Por isso, é extremamente importante julgar sua validade, supremacia e integridade. Um dos conceitos budistas utilizados para isso é o das "Três Provas": documental, teórica e real. A prova real é considerada a mais importante, pois avalia os resultados obtidos na vida das pessoas por meio da prática da religião. Nitiren Daishonin afirma: "Para julgar o mérito das doutrinas budistas, eu, Nitiren, acredito que os melhores padrões são o da razão e o da prova documental. Mas a prova real é ainda mais valiosa que ambas." (As Escrituras de Nitiren Daishonin [END], vol. 6, pág. 168.)

No budismo, a comprovação real da prática se manifesta sob duas formas de benefícios: conspícuos e inconspícuos. Os benefícios conspícuos se referem à comprovação real que se manifesta de forma visível e perceptível na vida dos praticantes, já os inconspícuos são imperceptíveis no momento presente, mas com o passar do tempo florescem de forma tão extraordinária, muito além das próprias expectativas. Embora seja natural buscarmos os benefícios conspícuos, no Budismo de Nitiren Daishonin os verdadeiros benefícios são os inconspícuos. Na escritura "Ensino, Prática e Prova", Daishonin afirma: "Aqueles que obtiveram o benefício durante os Primeiros e Médios Dias da Lei receberam benefícios 'conspícuos', pois a relação que estabeleceram com o Sutra de Lótus no transcurso da existência do Buda, finalmente havia amadurecido. Por outro lado, aqueles nascidos atualmente, nos Últimos Dias da Lei, receberam a semente do estado de Buda pela primeira vez, e o benefício deles é, portanto, inconspícuo." (END, vol. 4, pág. 235.)

O benefício inconspícuo pode ser comparado ao crescimento de uma planta a partir da semente. É natural que seu desenvolvimento até se tornar uma frondosa árvore leve muitos anos, enfrentando e ultrapassando as mais variadas intempéries. Embora seu crescimento diário seja totalmente imperceptível, com o passar dos anos ela poderá exibir toda a sua exuberância. Similarmente, no momento em que abraçamos o Gohonzon dos Três Grandes Ensinos Fundamentais e iniciamos a prática, o grandioso benefício da nossa revolução humana não se manifesta repentinamente. Embora não seja perceptível uma mudança de um dia para o outro, por meio de uma contínua e sincera prática da fé, tal como a água corrente, certamente poderemos realizar nossa revolução humana e, conseqüentemente, receber extraordinários benefícios. Portanto, o ponto fundamental é a continuidade da prática da fé, sem jamais ser derrotado perante as adversidades do dia-a-dia.

Vale ressaltar que, com a prática do Budismo de Daishonin, os benefícios conspícuos também podem ser plenamente conquistados. Por exemplo, ao abraçar o Gohonzon e iniciar a prática do budismo, comumente se manifesta um benefício perceptível como uma primeira comprovação real na vida. Uma outra situação em que podemos comprovar os benefícios conspícuos é aquela em que, diante de um sério problema oramos com toda a seriedade e sinceridade diante do Gohonzon, obtendo como resposta sua transformação. Por outro lado, os benefícios conspícuos manifestam-se também como conseqüência dos benefícios inconspícuos.

Enfim, como seguidores do Budismo de Daishonin, devemos praticar todos os dias comprovando os benefícios conspícuos em nossa vida, ao mesmo tempo em que avançamos diariamente em direção aos grandiosos benefícios inconspícuos.

# A vida de Sakyamuni (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1674, 19/11/2002, página A6.)

Sakyamuni viveu na antiga Índia há cerca de três mil anos e desenvolveu uma profunda e eterna filosofia de vida, freqüentemente conhecida como a biblioteca de oitenta mil sutras. Assim, refutou a filosofia do bramanismo que dominava a Índia daquela época.

Nasceu como príncipe do clã Sakya, que mantinha o domínio de um pequeno reino ao norte da Índia, próximo ao Himalaia, e seu nome de infância era Siddharta Gautama. Diz-se que sua mãe, a rainha Maya, veio a falecer uma semana após seu nascimento, e em conseqüência, Sakyamuni foi criado por uma tia materna. Por ser um príncipe, ele sempre desfrutou de muito conforto, possuindo vários palácios à sua disposição, além de vários criados para servi-lo. Foi educado também em diversas artes visando à sua formação como um príncipe que herdaria o trono no futuro.

Sakyamuni casou-se com a bela Yashodhara, com quem teve um filho que mais tarde tornou-se um dos seus dez principais discípulos, chamado Rahula.

Quando todos achavam que ele seguiria a vida de príncipe e herdaria o trono, Sakyamuni resolveu abandonar tudo e seguir a vida religiosa. Em seu pensamento havia questões como “Os homens lutam e matam para dominar os outros com a força militar. Contudo, a conquista da glória, do poder e da supremacia será da mesma forma destruída um dia por uma outra força militar. Além disso, ninguém pode escapar dos sofrimentos da velhice, da doença e da morte. O mais importante não seria buscar uma forma de superar esses sofrimentos?” (Nova Revolução Humana, vol. 3, pág. 100.) Assim, aos dezenove anos, renunciou à vida no palácio e decidiu buscar o caminho do espírito humano, ciente de que não seria possível conquistar a felicidade enquanto os seres humanos não conseguissem solucionar essas questões básicas da vida.

Partindo em direção à capital da época, Sakyamuni resolveu procurar um mestre que pudesse guiá-lo na busca da solução das questões que trazia consigo. Nessa busca encontrou um brâmane que havia atingido um estágio chamado “lugar onde nada existe”; em pouco tempo Sakyamuni atingiu esse estágio, porém não conseguiu encontrar suas respostas. Procurou então uma segunda pessoa, um brâmane que havia atingido um estágio denominado “lugar onde não há pensamento nem ausência de pensamento”; novamente Sakyamuni atingiu esse estágio com rapidez, porém concluiu que não era esse tipo de percepção que procurava. Ele queria atingir uma percepção que libertasse as pessoas dos sofrimentos da velhice, da doença e da morte.

Sakyamuni tentou também as práticas de austeridades para purificar o corpo, atingindo um grau de mortificação que nenhum asceta ousava chegar, porém percebeu que essa prática também não o conduziria ao caminho correto.

Após praticar e conhecer várias austeridades e ensinos, decidiu que se sentaria em baixo de uma árvore de Bodhi (figueira) e meditaria até que atingisse a iluminação. A partir de então passou a travar uma intensa luta no âmago de sua vida, com seu próprio eu, seus sofrimentos, medos, desejos mundanos, ilusões etc. Assim, alcançou o domínio sobre a natureza mística da vida, por meio da qual obteve também a convicção de que poderia desenvolver ilimitadamente sua condição de vida. Todas as adversidades, obstáculos e perseguições já eram para ele como partículas de pó diante do vento.

Fonte: Nova Revolução Humana, vol. 3, págs. 100-127.

# A vida de Sakyamuni (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1675, 16/11/2002, página A6.)

Após atingir a iluminação sob a árvore Bodhi aos trinta anos de idade, Sakyamuni levantou-se como um grande leão em prol da felicidade das pessoas e começou a caminhar vividamente para propagar seus ensinos.

Preocupado em quem poderia ajudá-lo a propagar a percepção que ele havia atingido, procurou os ascetas com quem havia praticado austeridades antes de seguir seu próprio caminho para atingir a iluminação. Ao ouvirem sobre sua iluminação, eles duvidaram no início, mas logo tornaram-se seus discípulos.

Sakyamuni viveu parte de sua vida em um local chamado Parque dos Cervos, e começou a propagar seus ensinos de acordo com a compreensão das pessoas e com a ajuda dos ascetas. Desde então, durante cinqüenta anos, pregou diversos sutras, explanando importantes princípios de forma extensa e variada. Cada sutra, apesar de conter uma profunda filosofia, é como se fosse apenas um fragmento. Para a compreensão total de sua filosofia, fez-se necessária uma sistematização organizada de todos os seus sutras. Um dos métodos de sistematização, considerado o mais perfeito, foi estabelecido por Tient'ai e é conhecido como os cinco períodos e oito ensinos. De acordo com esse método, no quinto período, correspondente aos oito últimos anos de sua vida, Sakyamuni pregou o mais elevado dos seus ensinamentos, o Sutra de Lótus de 28 capítulos, considerado como a própria razão do seu advento neste mundo.

Analisando a vida de Sakyamuni, podemos perceber alguns pontos importantes para a nossa prática budista nos dias de hoje, em especial como membros da SGI. Por exemplo, quando ainda jovem, ele abandonou o mundo secular e partiu em busca da resposta às questões fundamentais da vida. Apesar de seu empenho em procurar diversos mestres do bramanismo, acabou não conseguindo seu intento. Com isso, percebe-se o quanto é importante encontrar um verdadeiro mestre que nos direcione ao correto caminho da felicidade. Por outro lado, a dedicação fortemente motivada de Sakyamuni para transmitir às pessoas acerca de sua própria iluminação é também um ponto muito importante a ser constantemente observado em nossas ações visando à felicidade das pessoas. Quando nos dedicamos a ensinar o budismo a outras pessoas, ajudando-as a compreender a visão budista sobre as questões da vida, devemos manifestar o desejo de "extrair-lhes o sofrimento" para ensinar-lhes o correto caminho para a felicidade, sempre considerando seu grau de entendimento.

Agindo sempre como um nobre humanista, Sakyamuni promovia palestras com diversas pessoas, criando oportunidades para apresentarem suas dúvidas, expondo assim seus ensinos por meio de diálogos livres e abertos. Ele falava das profundezas de sua vida, exprimindo do âmago de seu ser o amor e a benevolência por todas as pessoas. O estímulo e o caloroso sentimento que transmitia por meio de seu diálogo repleto de humanismo constituíram a fonte do amplo desenvolvimento do budismo. Em contrapartida, devido à rápida divulgação de seus ensinos, Sakyamuni enfrentou diversos tipos de perseguições durante toda a sua vida.

Na Nova Revolução Humana, o presidente Ikeda comenta: "Ninguém pode escapar dos sofrimentos da vida, nem mesmo um Buda. A fé é justamente a força que possibilita todas as pessoas a erguerem-se das profundezas dos sofrimentos para então dedicar a vida em prol do cumprimento da missão. Eis o caminho do Buda, o caminho do sábio e o caminho dos homens." (Vol. 3, pág. 144.)

De toda forma, mesmo enfrentando inúmeras provações, Sakyamuni permaneceu inabalável em suas convicções. Até o momento de sua morte, com mais de oitenta anos de idade, propagou o budismo para o bem de toda a humanidade.

# Três Princípios da Individualização da Vida (sanseken) (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1676, 23/11/2002, página A6.)

A vida manifesta seus diferentes aspectos e revela seu caráter distinto no mundo real. Todas as formas de vida têm qualidades individuais e únicas.

Os três princípios da individualização da vida (sanseken) constituem-se nos cinco componentes da vida (go'on seken), no ambiente dos seres vivos ou ambiente social (shujo seken) e no ambiente natural (kokudo seken). Os seres vivos são indivíduos que manifestam a qualquer momento um dos dez estados. Os cincos componentes são os elementos constituintes que se unificam temporariamente para formar um ser vivo, e o ambiente é onde os seres vivos conduzem suas atividades. Podemos julgar os três princípios da individualização como as três dimensões do mundo fenomenal no qual os dez estados se manifestam.

Os cincos componentes da vida são:

1) Forma (shiki): O aspecto físico da vida, o qual possui atributos como forma e cor. A forma também indica os órgãos sensoriais — olhos, ouvidos, nariz, língua e corpo — por meio dos quais percebemos o mundo exterior.

2) Percepção (ju): É a função de receber as informações externas por meio dos seis órgãos sensoriais (os cinco sentidos mais a "mente", que integra as impressões sensoriais).

3) Concepção (so): Função pela qual a vida compreende e elabora idéias sobre aquilo que foi percebido.

4) Volição (gyo): É o desejo de agir com relação àquilo que foi percebido e sobre o qual foi concebida uma idéia.

5) Consciência (shiki): É a função de discernir, fazer avaliações, distinguir o bem do mal etc. Ao mesmo tempo, age para apoiar e integrar as demais quatro funções.

Em termos dos aspectos físicos da vida, a "forma" corresponde ao aspecto físico e os outros quatro, aos aspectos espirituais. Entretanto, uma vez que o corpo e a mente são inseparáveis, os cincos componentes devem ser compreendidos como um todo.

As diferenças dos dez estados manifestam-se em cada um dos cincos componentes. Uma pessoa no estado de Inferno perceberá e reagirá a um certo fenômeno de uma forma absolutamente diferente do que faria no estado de Buda. O carma que ela cria também será diferente. Assim, as ações dos cinco componentes são coloridas pelo carma individual formado em sucessivas existências e também agem para acumular mais carma. "On", de go'on, traduzido como "componentes", significa "acumular" e "obscuro ou véu". Nos estados não iluminados da vida, os cincos componentes agem para "acumular" sofrimento e "obscurecer" a natureza de Buda. Quando baseados no estado de Buda, agem para acumular boa sorte e são cobertos de benevolência.

# Três Princípios da Individualização da Vida (sanseken) (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1677, 30/11/2002, página A6.)

Os cinco componentes da vida expressam-se de diferentes modos de acordo com suas dez condições. Ao mesmo tempo, os seres vivos mostram distinções de acordo com seu ambiente. Assim, enquanto o princípio dos cinco componentes analisa o ser vivo em suas funções físicas e psíquicas constituintes, o princípio do ambiente do ser vivo (kokudo seken) o considera um indivíduo integrado capaz de interagir com seu ambiente. O princípio do ambiente dos seres vivos (shujo seken) pode também ser interpretado no plural, para indicar todos os outros seres vivos com quem o indivíduo se relaciona, ou seja, o ambiente social.

Nesse sentido, o princípio dos seres vivos aponta para a verdade de que vivemos num estado de permanente inter-relação e dependência mútua com outros seres vivos.

O princípio do ambiente natural significa o local onde os seres vivos habitam e do qual dependem para sua sobrevivência. Nele se incluem os seres insensíveis, como as montanhas, rios, plantas etc. Não somente os seres vivos mas sua terra possui inerentemente os dez estados. Entretanto, ela não tem condições de vida independente. De acordo com o princípio da unicidade da vida e seu ambiente, ela manifesta o estado de Inferno, Tranqüilidade, Bodhisattva etc. em resposta à condição de vida daqueles que nela habitam. A implicação mais significativa aqui é a de que se pode transformar o ambiente por meio da elevação do estado de vida. A iluminação não reside em qualquer princípio especial. Ao contrário, pela evidência de seu estado de Buda inato qualquer pessoa pode tornar seu ambiente na “terra do Buda”.

Os três princípios da individualização servem também para explicar as diferenças entre os seres vivos. As diferenças mais básicas expressas nos três princípios são aquelas dos dez estados.

Segundo o Grande Mestre Tient’ai, “uma terra deste mundo possui também os dez fatores”. O ambiente contém todos os dez fatores e cada um deles, por sua vez, é dotado dos dez estados e, assim, teoricamente, o ambiente pode manifestar o estado de Buda.

Enfim, os três princípios estão inerentes em nossa vida. Portanto, quando abraçamos o Gohonzon e aprofundamos nossa fé, manifestamos o estado de Buda em nossa existência individual.

Os três princípios da individualização da vida apareceram pela primeira vez no Daitido Ron de Nagarjuna, porém quem os desenvolveu como um componente do princípio de itinen sanzen (três mil mundos em uma existência momentânea da vida) foi Tient’ai. De acordo com esse princípio, cada um dos cem mundos decorrentes da possessão mútua dos dez estados contém os dez fatores e, por meio dos três princípios da individualização, chega-se aos três mil mundos.

# Fusão entre sujeito e objeto (kyoti myogo) (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1678, 07/12/2002, página A6.)

No budismo tudo está relacionado com a realidade diária. Uma vez que colocamos um princípio em prática, jamais o esquecemos, pois ele passa a fazer parte de nossa vida. Isso também se aplica ao princípio budista de fusão entre sujeito e objeto (kyoti myogo, em japonês). Todos os dias, ao recitarmos o Daimoku ao Gohonzon, exercitamos a prática desse princípio, ou seja, realizamos a fusão entre o sujeito (cada um de nós) e o objeto (Gohonzon).

Literalmente, kyoti myogo significa a fusão do sujeito e do objeto por meio da Lei Mística. “Kyo” é o objeto, ou a realidade objetiva; “ti” o sujeito, ou a sabedoria subjetiva; e “myogo”, fusão. Portanto, kyoti myogo corresponde à fusão da realidade objetiva ou da verdadeira natureza do Buda inerente à vida de todas as pessoas e a sabedoria subjetiva para compreender essa verdade.

O Buda Original Nitiren Daishonin denominou a Lei que possibilita a fusão da realidade e da sabedoria como “Nam-myoho-rengue-kyo”. Ele incorporou sua própria iluminação — a fusão da realidade e da sabedoria — sob a forma do Gohonzon, o Objeto de Devoção. Quando recitamos o Nam-myoho-rengue-kyo com uma sincera fé, a nossa vida torna-se una com a vida do Buda (Gohonzon).

“Fusão” não significa uma condição em que entramos em algum outro plano além de nossa realidade. Da mesma forma, o estado de Buda que revelamos com nossa prática da fé não significa que atingimos um estado de vida fora da nossa realidade.

Como mortais comuns, é natural vários pensamentos surgirem em nossa mente durante as orações, chegando até mesmo a atrapalhar nossa concentração. Nossa postura nesse caso é naturalmente a de continuar se empenhando, uma vez que a prática do Gongyo e do Daimoku nos faz manifestar nossa natureza de Buda, purificando nossa vida.

As perturbações no pensamento podem ter origem na impureza da vida. Em vez de nos preocuparmos com esses pensamentos, o importante é ter consciência de que a prática é um exercício diário, e o desafio e a persistência são fundamentais para transformarmos essas perturbações em determinação para concretizarmos nossos objetivos.

# Fusão entre sujeito e objeto (Kyoti myogo) (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1679, 14/12/2002, página A6.)

Afirmando que o Gohonzon está dentro de nós mesmos, na escritura “Sobre atingir o estado de Buda nesta existência” Daishonin escreveu: “Contudo, mesmo que recite e acredite no Myoho-rengue-kyo, se pensa que a Lei existe fora de seu coração, o senhor não está abraçando a Lei Mística, mas um ensino inferior.” (Os Escritos de Nitiren Daishonin, vol. 1, pág. 2.)

No interior de nossa vida estão contidos todos os estados de vida — desde o estado de Inferno ao de Buda. Somos mortais comuns porque não sabemos manifestar a natureza de Buda inerente. Por isso, temos de estabelecer uma relação com o Gohonzon por meio da recitação do Daimoku. Com isso, a natureza de Buda intrínseca em nossa vida começa a se manifestar, comprovando a frase “A voz executa o trabalho do Buda”.

Sobre o significado das orações ao Gohonzon, o presidente Ikeda orienta: “[Na palavra “honzon”] o caractere “hon” denota a verdade fundamental da vida e do Universo, e “zon” significa veneração e reverência a essa verdade suprema. Se uma pessoa abraça como objeto de suprema adoração algo que não é a verdade fundamental do Universo, sua vida ficará confusa e sem rumo. Por exemplo, há pessoas que consideram o dinheiro, os meios de comunicação de massa, a ciência e a tecnologia, ou as altas qualificações acadêmicas como objetos de suprema adoração.

“No Budismo de Nitiren Daishonin, a Lei fundamental do Universo é venerada como o supremo objeto de adoração. Essa Lei é também a essência de nossa própria vida. (...)

“Quando oramos ao supremo objeto de adoração — o Gohonzon — o princípio budista de ‘fusão entre sujeito e objeto’ (kyoti myogo) é colocado em prática. O ‘objeto’, isto é, a ‘realidade objetiva’ do Gohonzon e o ‘sujeito’ ou a ‘sabedoria’ de nossa mente fundem-se no nível mais profundo. Em outras palavras, a oração constitui uma fusão da Lei fundamental do Universo e de nossa mente.

“Podemos comparar isso com as engrenagens de uma máquina. Quando uma pequena engrenagem encaixa seus dentes aos de uma engrenagem maior, conseguirá se movimentar com uma força extraordinária, o que não faria por si própria. Da mesma forma, quando fundimos o microcosmo de nossa própria vida à vida do Universo, somos capazes de manifestar uma ilimitada força que nos permitirá superar quaisquer dificuldades. Todos os deuses budistas, budas e bodhisattvas das dez direções — as funções protetoras do Universo — serão ativados para que possamos concretizar nossas orações. (...)

“O Nam-myoho-rengue-kyo é o som do grandioso ritmo do Universo, a fonte propulsora de toda a atividade universal, e também o coração e a essência do Universo.

“A Lei Mística é a fonte de todas as mudanças. É por isso que quando recitamos a Lei Mística — o Nam-myoho-rengue-kyo — conseguimos ativar as forças do Universo para nos apoiar. O ritmo do Nam-myoho-rengue-kyo foi denominado como o ritmo do próprio Universo.” (Brasil Seikyo, edição no 1.516, 24 de julho de 1999, pág. 3.)

# As Escrituras de Nitiren Daishonin (Gosho) (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1684, 18/01/2003, página A5.)

Nitiren Daishonin, o Buda Original, expôs o princípio das Três Provas como a base para avaliar a veracidade e a profundidade das religiões. São elas: provas documental, teórica e real.

A prova documental, em especial, consiste em verificar a concordância dos ensinos de uma seita com os sutras budistas. Os discípulos de Sakyamuni documentaram todos os ensinamentos do Buda após seu falecimento nos sutras. Por isso, qualquer idéia ou interpretação que não esteja de acordo com esses sutras não pode ser considerada budista.

No Budismo de Nitiren Daishonin, as escrituras constituem a prova documental e são chamados de Gosho. Sho significa escritura(s) e Go é um prefixo honorífico.

É importante ler o Gosho não só com os olhos, mas com o coração, com um sincero sentimento de gratidão e espírito de procura. Nitiren Daishonin escreveu muitas de suas cartas em meio às perseguições, aos exílios nas ilhas de Sado, em Izu, e em seu retiro no Monte Minobu. Foi em meio a todas essas provações que ele dedicou palavras de encorajamento a seus discípulos e deixou-lhes o maior legado, o Gohonzon.

O presidente Ikeda orienta: “Algo especial que gostaria de dizer-lhes é: Leia o Gosho regularmente! Mesmo que seja um pouco já está bom. Mesmo que seja uma única frase. Apenas abrir o Gosho já é um começo. De qualquer maneira, vamos nos empenhar em ler as escrituras de Daishonin. Tentem adquirir o hábito de recorrer ao Gosho e às palavras de Daishonin enquanto são jovens. O Gosho está cheio de iluminação. Quando abrimos suas páginas, somos banhados pelos ‘raios da filosofia’ e pelo ‘sol da vida’. O Gosho é a voz de Nitiren Daishonin; é a coletânea de suas palavras e ensinos dourados. É importante ter o espírito de ler o Gosho e estudá-lo. Mesmo que se esqueçam do que leram, algo ficará gravado nas profundezas de sua vida. Estimar o Gosho não significa absolutamente deixá-lo fechado o tempo todo e nunca tocá-lo! Daishonin ensina que abraçar o Gohonzon é a própria iluminação. E, de fato, somente por meio de uma forte fé em total fusão com o estudo do Gosho é que podemos ser iluminados e realizar nossa revolução humana. A partir de hoje, gostaria que vocês, membros da Divisão dos Jovens, começassem a desafiar a si próprios a ler o Gosho um pouquinho cada dia, nem que seja uma ou duas linhas.” (Brasil Seikyo, edição no 1.438, 15 de novembro de 1997, pág. 3.)

“Como uma organização diretamente ligada a Nitiren Daishonin, a base imutável da Soka Gakkai será sempre o Gosho.” (Terceira Civilização, edição no 366, fevereiro de 1999, pág. 17.)

# As Escrituras de Nitiren Daishonin (Gosho) (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1685, 25/01/2003, página A5.)

Em relação aos textos de outras religiões, as escrituras de Nitiren Daishonin possuem uma característica que a distingue: o próprio fundador, Nitiren Daishonin, as escreveu de próprio punho.

A primeira carta registrada historicamente foi “Sobre atingir o estado de Buda nesta existência” (Issho Jobutsu Sho), enviada a seu discípulo Toki Jonin em 1255, dois anos após ter estabelecido seu ensino em 28 de abril de 1253.

Nitiren Daishonin confiou seus ensinamentos a seis de seus principais discípulos: Nissho, Nitiro, Niko, Nitio, Nitiji e Nikko. Após seu falecimento, em 13 de outubro de 1282, os cinco primeiros, que ficaram conhecidos como cinco bonzos seniores, recusaram-se a seguir o sexto, Nikko Shonin (1246-1333), designado pelo próprio Daishonin como seu sucessor imediato. Esses bonzos chegaram a queimar algumas cartas, principalmente as que Nitiren havia endereçado a seus discípulos, pelo simples fato de não terem sido escritas em chinês clássico, mas em katakana, considerado inferior e vergonhoso pelos intelectuais da época.

Nikko Shonin esforçou-se diligentemente para coletar, copiar e preservar as escrituras de seu mestre. Devido ao seu empenho, a maior parte das mais importantes escrituras de Daishonin foi resguardada até hoje. O Gosho coletado inclui tratados doutrinais, registros orais, cartas de advertência, gráficos, cartas a seguidores etc. Mais de setecentas das escrituras de Daishonin, incluindo cópias e fragmentos, permanecem até o presente.

Ao banharmo-nos na sabedoria das palavras contidas no Gosho, compreendemos a profunda benevolência do Buda de tentar extinguir a miséria do coração de toda a humanidade.

No capítulo “Dinâmico Avanço” da Nova Revolução Humana o presidente Ikeda escreveu: “Muitas cartas escritas em Sado revelam o rigor de Nitiren ao ensinar a verdadeira atitude na prática do budismo buscando eliminar a dúvida e a fraqueza do coração de seus discípulos. Na escritura ‘Abertura dos Olhos’ consta: ‘Mesmo que os deuses me abandonem e toda a espécie de dificuldades me ocorram, ainda assim darei minha vida em prol da Lei.’ (As Escrituras de Nitiren Daishonin [END], vol. 2, pág. 166.) Nitiren registrou sua própria decisão de consagrar sua vida em prol do Kossen-rufu sem se importar com as perseguições e dificuldades. Era seu brado para despertar seus discípulos da visão distorcida de esperar apenas a proteção dos deuses e a tranqüilidade na vida diária.

“E Nitiren completa essa frase com as seguintes palavras: ‘Seja tentado pelo bem ou ameaçado pelo mal, aquele que abandonar o Sutra de Lótus terá o carma do inferno como destino.’

“Na escritura ‘Aspiração à Terra do Buda’ ele afirma: ‘A vida é limitada pelo tempo e não devemos poupá-la no anseio de atingir a Terra do Buda.’ (END, vol. 5, pág. 145.) Ele declara que o supremo objetivo da vida encontra-se no ato de devotar todos os esforços em prol do Kossen-rufu.

“Ele escreveu também: ‘Quando um mau imperador profana a verdadeira Lei e os bonzos heréticos ficam do lado dele para banir um sábio, aqueles que conseguem manter o espírito de mestre e discípulo atingirão certamente o estado de Buda.’ (END, vol. 1, pág 196.)

“Nitiren ensina que o espírito de lutar com base na unicidade de mestre e discípulo é o caminho para a iluminação. Em outras palavras, ele afirma que as dificuldades são condições indispensáveis para se conquistar a felicidade absoluta. Por isso recomenda que as pessoas acatem as dificuldades com alegria e também como benefícios. Ele próprio afirma que se não fossem as pessoas que o perseguiram, não poderia provar que era o verdadeiro devoto do Sutra de Lótus.

“Pode parecer contraditório praticar o budismo e sofrer dificuldades. Porém esta é a suprema fórmula da transformação do ‘negativo’ em ‘positivo’ e é o que gera a mudança na vida das pessoas e proporciona a revolução humana.” (Brasil Seikyo, edição no 1.683, 11 de janeiro de 2003, pág. A7.)

# As Escrituras de Nitiren Daishonin (Gosho) (3)

(Brasil Seikyo, edição nº 1686, 01/02/2003, página A5.)

Na história do budismo, Hori Nitiko Shonin (1876-1957) foi uma importante figura que realizou um brilhante trabalho de compilação dos escritos de Nitiren Daishonin. Ele começou a carreira monástica aos 17 anos e tornou-se o 59o sumo prelado (1925-1927), mas afastou-se do cargo para continuar suas pesquisas. Grande parte das traduções das escrituras baseia-se em compilações feitas por ele.

Certa ocasião, o presidente Ikeda orientou: “O Sr. Toda sempre dizia com forte convicção que, sem dúvida , a razão pela qual muitos líderes da Soka Gakkai abandonaram a fé ao serem perseguidos pelas autoridades durante a guerra deveu-se ao fato de não terem compreendido profundamente os ensinamentos de Nitiren Daishonin e por carecerem de uma base firme do estudo do budismo. Chegou à conclusão de que o único modo de realizar o Kossen-rufu com êxito é cada membro gravar os ensinamentos do Gosho em sua vida, estabelecendo dessa forma uma fé inabalável.” (Terceira Civilização, edição no 366, fevereiro de 1999, pág. 17.)

No dias de hoje todos os praticantes do Budismo de Nitiren Daishonin têm acesso ao Gosho graças à iniciativa do segundo presidente Jossei Toda, que decidiu compilar e publicar a coletânea completa das escrituras como parte dos eventos comemorativos do 700o aniversário de fundação do Verdadeiro Budismo, que seria celebrado no dia 28 de abril de 1952. O presidente da SGI, Daisaku Ikeda, também participou ativamente desse empreendimento juntamente com seu mestre e descreveu os detalhes dessa luta em seu ensaio “A publicação do Gosho”.

Devido à falta de uma obra completa das escrituras, antes da publicação do Gosho pelo presidente Toda os membros da Soka Gakkai da época viam-se obrigados a utilizar publicações de outras escolas Nitiren. Infelizmente poucas publicações continham os ensinos confiados de Nitiren Daishonin a Nikko Shonin.

Quando o presidente Toda propôs ao clero da Nitiren Shoshu que publicasse uma obra com todos os escritos de Daishonin, teve a idéia prontamente recusada. Essa tarefa foi então transferida para a Soka Gakkai sem qualquer ajuda do Templo Principal, que na época tinha como prioridade arrecadar fundos para a construção do sino em substituição ao que fora doado para o governo japonês durante a guerra para ser derretido e transformado em armamento. Além disso, o clero temia a perseguição do governo, por isso havia proibido a impressão do Gosho. Vários episódios ilustram isso. Em 29 de maio de 1941, por exemplo, em um documento intitulado ‘8o Decreto do Departamento de Estudo de Budismo’, a Nitiren Shoshu apagou quatorze trechos das escrituras temendo a repressão do governo militar. Uma das frases apagadas foi: “Nitiren é o maior dos sábios do mundo.” (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. 1, pág. 212.). Da mesma forma, todos os trechos em que Daishonin declara sua condição de Buda Original foram eliminados, sendo, ao contrário, apresentado como Buda provisório e como um simples bodhisattva, ao passo que o imperador era considerado um ser absoluto.

Em 24 de agosto de 1941, o clero proibiu a publicação do Gosho por meio do decreto no 2.177, em que sustentava o argumento de que as cartas de Daishonin foram escritas no período Kamakura (século XIII) e que, dessa forma, não tinham valor por serem documentos velhos e ultrapassados.

Apesar de todas as dificuldades, dando continuidade à laboriosa tarefa de Hori Nitiko Shonin de compilar os textos, a Soka Gakkai assumiu todas as demais tarefas, como a revisão e os elevados custos para imprimir uma nova edição numa época pós-guerra.

Assim, a nova edição do Gosho foi finalmente concluída em 28 de abril de 1952, intitulada Nichiren Daishonin Gosho Zenshu. No prefácio, o presidente Toda expressa seu sentimento com as seguintes palavras: “Meu eterno desejo é que este precioso texto seja difundido por toda a Ásia e pelo mundo inteiro.”

Desde então, o estudo do Gosho pelos membros da Soka Gakkai resultou no enorme progresso com relação à iniciação de inúmeras pessoas aos ensinos de Nitiren Daishonin.

# As Escrituras de Nitiren Daishonin (Gosho) (4)

(Brasil Seikyo, edição nº 1687, 08/02/2003, página A5.)

Em julho de 1966, 14 anos após a publicação do Gosho Zenshu, a Soka Gakkai, visando ao futuro desenvolvimento do Kossen-rufu, sob a coordenação do presidente Ikeda, elaborou a primeira tradução do Gosho para o inglês a fim de servir como base para a tradução em outros idiomas. A primeira obra traduzida foi o Gosho "Resposta a Kyo'o".

No capítulo "Contínuas Vitórias" da Nova Revolução Humana, o presidente Ikeda descreve o incansável empenho realizado nesse trabalho de tradução do Gosho:

"O trabalho de tradução não era uma tarefa simples e fácil. Não bastava também ter conhecimento literal das línguas japonesa e inglesa. Era preciso, antes de mais nada, ter um perfeito conhecimento do budismo para interpretar corretamente as escrituras de Nitiren Daishonin. Caso contrário, seus ensinos não poderiam ser traduzidos e transmitidos com perfeição. (...) Reunir tradutores com todas essas qualificações entre os membros da Gakkai era uma outra grande dificuldade. Antes de começar a traduzir uma escritura para o inglês, a primeira tarefa era a de interpretá-la e transcrevê-la em japonês moderno consultando-se dicionários de termos budistas, explanações do presidente Yamamoto e os líderes do Departamento de Estudo de Budismo. (...)

"Além de estudarem a história e as tradições da época em que Daishonin expôs seus ensinamentos, era necessário também ter conhecimento da cultura ocidental para elaborar uma tradução mais adequada. A tradução era um trabalho árduo e pouco reconhecido, realizado nos bastidores das atividades do Kossen-rufu sem receber aplausos nem as luzes da ribalta. Entretanto, sua contribuição para o desenvolvimento do Kossen-rufu mundial foi imensurável. Pode-se dizer que um grande e nobre trabalho é realizado em silêncio, sem interesse por aplausos ou louvores. (...)

"Com a experiência acumulada ao longo de muitos anos, todas as traduções realizadas até então foram revisadas em todo o seu teor para publicá-las num só volume em 1999, contendo 172 escrituras do total de pouco mais de 430 obras que compõem o original Nichiren Daishonin Gosho Zenshu (Coletânea Completa das Escrituras de Nitiren Daishonin). (...)

"Nos intervalos de suas intensas atividades, Shin-iti empenhava-se na redação de suas explanações a fim de transmitir os princípios filosóficos para o estabelecimento da paz perene no mundo, mesmo que esse árduo trabalho prejudicasse sua saúde.

"Por mais que os ensinamentos de Nitiren Daishonin sejam importantes e verdadeiros, não exercerão nenhum valor se as pessoas do mundo atual não puderem entendê-los por causa da barreira da linguagem. Por isso mesmo, Shin-iti devotava sua vida ao trabalho de explanar e transmitir os princípios filosóficos do grandioso Budismo de Nitiren Daishonin.

"Tanto a tradução das escrituras para o inglês como a publicação das explanações constituíram-se num feito inédito no trabalho de transmitir a correta interpretação do Budismo de Nitiren Daishonin, tornando-se um monumento de ouro do século XX." (Brasil Seikyo, edição no 1.657, 29 de junho de 2002, pág. A7.)

# As Escrituras de Nitiren Daishonin (Gosho) (5)

(Brasil Seikyo, edição nº 1688, 15/02/2002, página A5.)

Os dez principais escritos

Nikko Shonin, sucessor imediato de Nitiren Daishonin, designou as cartas de seu mestre de Gosho (literalmente, “Escritos Dignos de Respeito”) e agiu decididamente para preservá-los para as gerações posteriores. Ele também classificou os dez, cinco e os três escritos mais importantes de Nitiren Daishonin. Em ordem cronológica, os dez principais são:

1) “Sobre a Recitação do Daimoku do Sutra de Lótus” (Sho Hokke Daimoku Sho)*

2) “Tese sobre o estabelecimento do ensino correto para a paz da nação” (Risho Ankoku Ron) — Os Escritos de Nitiren Daishonin, vol. 1, pág. 9.

3) “Abertura dos Olhos” (Kaimoku Sho) — As Escrituras de Nitiren Daishonin (END), vol. 2, pág. 61.

4) “O Verdadeiro Objeto de Devoção” (Kanjin no Honzon Sho) — END, vol. 1, pág. 49.)

5) “A Essência do Sutra de Lótus” (Hokke Shuyo Sho) — END, vol. 2, pág. 15.

6) “Seleção do Tempo” (Senji Sho) — END, vol. 3, pág. 17.

7) “Retribuição aos Débitos de Gratidão” (Hoon Sho) — END, vol. 4, pág. 15.

8) “Os Quatro Estágios da Fé e os Cinco Estágios da Prática” (Shishin Gohon Sho) — END, vol. 6, pág. 15.

9) “Carta a Shimoyama” (Shimoyama Goshosoku)*

10) “Perguntas e Respostas sobre o Objeto de Devoção” (Honzon Mondo Sho)*

Ainda segundo Nikko Shonin, os três principais escritos são: “Tese sobre o estabelecimento do ensino correto para a paz da nação”, “Abertura dos Olhos” e “O Verdadeiro Objeto de Devoção”. As cinco principais escrituras são as três anteriores e “Seleção do Tempo” e “Retribuição aos Débitos de Gratidão”.

“Abertura dos Olhos” é um tratado elaborado para todos os seus discípulos. Valendo-se do conceito das três virtudes de soberano, mestre e pais como padrão, o Buda compara o confucionismo, o bramanismo e o budismo, e também os vários níveis de ensinamentos budistas, concluindo que a Lei suprema está oculta nas profundezas do capítulo Juryo. Esse escrito afirma que a pessoa iluminada por essa Lei é o Buda perfeitamente dotado das três virtudes de soberano, mestre e pais em relação a todas as pessoas dos Últimos Dias da Lei. Portanto, é conhecida como a obra que define o verdadeiro objeto de devoção em termos de pessoa.

“O Verdadeiro Objeto de Devoção” é conhecida como a obra que define o objeto de devoção em termos de Lei porque estabelece a base teórica para o Gohonzon como o objeto de devoção para atingir o estado de Buda nos Últimos Dias da Lei e ensina o princípio de juji soku kanjin, ou seja, “abraçar o Gohonzon é a própria iluminação”.

A “Tese sobre o estabelecimento do ensino correto para a paz da nação” é um tratado de advertência enviado ao regente aposentado Hojo Tokiyori em 16 de julho de 1260. Escrito em forma de diálogo entre um hóspede e seu hospedeiro, atribui as causas dos desastres que assolavam o Japão à calúnia ao Sutra de Lótus e à crença em falsos ensinamentos, particularmente nos da seita da Terra Pura. Prediz que mais dois desastres — a luta interna e a invasão estrangeira — ocorreriam se o país insistisse em apoiar ensinos enganosos e sacerdotes heréticos.

(*) Escrituras disponíveis apenas em japonês.

# As Escrituras de Nitiren Daishonin (Gosho) (6)

(Brasil Seikyo, edição nº 1689, 22/02/2003, página A5.)

Soka Gakkai — avançando em exato acordo com o Gosho

No capítulo “Pacificação da Terra” da Nova Revolução Humana consta a seguinte passagem: “‘Rissho’ significa estabelecer a verdade, isto é, indica a propagação do verdadeiro ensino budista. Em outras palavras, indica o ato de conscientizar as pessoas sobre a dignidade da vida e o respeito pelos seres humanos estabelecendo esses fundamentos como princípios básicos da sociedade humana. E seu objetivo é o ‘Ankoku’, a pacificação da Terra (ou país), que indica a paz e a prosperidade social.

“Dessa forma a missão da Soka Gakkai é concretizar o Rissho Ankoku proposto por Nitiren Daishonin. Se uma religião afastar-se de seu objetivo primordial de oferecer soluções aos sofrimentos da vida real do ser humano estará declarando sua própria morte.

“Como conclusão Nitiren revela que o modo mais seguro de transformar a sociedade assolada por infortúnios e sofrimentos e estabelecer a paz na terra inicia-se no ato de uma pessoa estabelecer a verdade em seu coração." (Vol. 4, pág. 156.)

O presidente Ikeda disse certa vez: “Abraçando este mesmo espírito de Daishonin, a Soka Gakkai desde seus primórdios vem avançando em exato acordo com o Gosho promovendo a revolução humana de cada pessoa.

“Na margem de uma das páginas do Gosho que pertenceu ao presidente Makiguti, estão escritas, numa caligrafia firme, as palavras: ‘O que é ser um praticante budista?’ Na mesma página, a passagem, ‘Se existe o devoto do Sutra de Lótus, os três tipos de inimigos precisam igualmente existir’ (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. 2, pág. 162.), está sublinhado em vermelho.

“Conforme previsto no Gosho, quando nos dedicamos pelo avanço do Kossen-rufu, as forças negativas ficam agitadas. Elas aparecem sem falha para tentar obstruir o caminho de um verdadeiro budista. Lutando contra elas, provamos ser praticantes e budas. O presidente Makiguti compreendeu essa verdade última do budismo. Eis porque quando essas forças demoníacas se juntam dentro do clero da Nitiren Shoshu nós reconhecemos os clérigos pelo que eles são e lutamos acirradamente contra eles. Ele [Makiguti] sabia que mesmo seu aprisionamento por quinhentos dias estava em exato acordo com o Gosho.

“É para reconhecer as funções maléficas que devemos estudar os ensinos de Daishonin. O estudo é a nossa espada na luta contra as forças negativas.

“Por exemplo, outra grave ofensa contra o Budismo de Nitiren Daishonin ocorreu mais recentemente com o estabelecimento da seita Nikken que defende a teoria de que o ‘sumo prelado é o Buda Original e Nitiren Daishonin, um Buda provisório’, e que o ‘Gosho é um ensino parcial’.

“Na prisão, o presidente Makiguti leu o Gosho com sua vida. Ele deixou um modelo eterno para a Soka Gakkai e para a SGI. No Gosho, ele sublinhou com dois traços a passagem ‘Este é o meu juramento’ (Ibidem, pág. 166.) que aparece na ‘Abertura dos Olhos’. E de próprio punho escreveu a palavra ‘juramento’ proeminentemente na margem. Cinqüenta anos se passaram desde a morte de Makiguti (em 1944). Talvez alguns considerem sua vida, com sua morte na prisão, uma tragédia. Mas hoje, ao redor do mundo, muitos estão louvando sua vida, que foi devotada à concretização de seu voto. Vamos orgulhosamente trilhar a estrada da eterna glória baseados no Gosho e diretamente ligados a Daishonin, assim como o nosso presidente fundador fez.” (Brasil Seikyo, edição no 1.293, 22 de outubro de 1994, pág. 3.)

# As Escrituras de Nitiren Daishonin (Gosho) (7)

(Brasil Seikyo, edição nº 1691, 15/03/2003, página A5.)

As Vinte e Seis Advertências de Nikko Shonin ? Preceitos para assegurar a realização do Kossen-rufu

Na época de Daishonin, Nikko Shonin e os demais bonzos seniores juraram propagar o budismo visando à realização do Kossen-rufu. Porém, logo após a morte do mestre, esses bonzos, temendo a opressão do governo, associaram-se à escola Tendai, transgredindo os preceitos de Daishonin e chegando até mesmo a alterar partes de seus escritos. Um deles, Mimbu Niko, entre outras calúnias, chegou a aprovar o entalhamento de estatuetas de Sakyamuni pela autoridade local, tornando-se inimigo de Nikko.

Nessas circunstâncias, Nikko Shonin não encontrou outra alternativa senão partir do Monte Minobu e instalar-se em uma área cedida por Nanjo Tokimitsu. Nikko Shonin construiu então o Templo Principal na planície do Monte Fuji e assim preservou o Verdadeiro Budismo. Além disso, estabeleceu preceitos básicos a serem seguidos eternamente, intitulados ?Vinte e Seis Artigos de Advertência?. Neles, Nikko Shonin enfatiza que, uma vez perdida a fé, a pura correnteza do budismo poderia ser interrompida ou transformada em correnteza de águas turvas. Essas vinte e seis advertências podem ser consideradas como um verdadeiro testamento de Nikko Shonin, escritas a pouco mais de vinte dias antes de seu falecimento, aos 88 anos de idade.

Sobre isso, no capítulo ?Aprimoramento? da Nova Revolução Humana o presidente Ikeda escreveu: ?A princípio, esses preceitos fundamentais foram elaborados para serem obedecidos pelos clérigos da Escola Fuji (atualmente chamada Nitiren Shoshu). Contudo, a Soka Gakkai veio colocando em prática esse espírito de Nikko Shonin, acatando-o com todo o rigor. Qual é então a natureza desse espírito? Isso está claramente definido na introdução das vinte e seis advertências de Nikko, em que consta: ?Descrevo os presentes artigos a fim de que sejam observados no futuro e com o único propósito de assegurar o dito dourado do Kossen-rufu.? O espírito fundamental de Nikko Shonin não era outro senão servir em prol do Kossen-rufu. O objetivo da Soka Gakkai é também o mesmo. O Kossen-rufu significa concretizar a paz mundial e a felicidade de toda a humanidade com base na filosofia da benevolência exposta por Nitiren Daishonin. Esta é a missão da Soka Gakkai.? (Vol. 2, pág. 87.)

O presidente Ikeda explanava os ?Vinte e Seis Artigos de Advertência? com a esperança de que um dia os maus bonzos entendessem esses preceitos de Nikko Shonin. Lamentavelmente, naquela época já existiam dentro do clero bonzos que menosprezavam e zombavam dos membros da Soka Gakkai, acreditando pertencerem a uma classe superior em relação aos adeptos.

# As Escrituras de Nitiren Daishonin (Gosho) (8)

(Brasil Seikyo, edição nº 1692, 22/03/2003, página A5.)

Na seqüência da explanação sobre os Vinte e Seis Artigos de Advertência descrita no capítulo Aprimoramento da Nova Revolução Humana, o presidente Ikeda comenta o artigo 17, que se refere à atitude do sumo prelado: “Mesmo que o sumo prelado em exercício dite normas arbitrárias que se oponham ao budismo, ninguém deve adotá-las em absoluto.”

O presidente Ikeda descreve então um episódio ocorrido em 1943, quando o primeiro presidente da Soka Gakkai, Tsunessaburo Makiguti, o diretor-geral Jossei Toda e os seus principais dirigentes foram convocados pelo clero a comparecerem ao Templo Principal. E, então, na presença do sumo prelado da época, eles ouviram a inacreditável sugestão do clero de que a Gakkai também aceitasse o talismã xintoísta. Na época, o Templo Principal já havia se curvado diante do poder do governo militarista japonês para salvaguardar a si próprio, aceitando o talismã xintoísta e consagrando-o em suas dependências. Justamente com base no espírito ditado nos preceitos de Nikko Shonin, principalmente no artigo 17 que condena as normas arbitrárias expostas pelo sumo prelado, o presidente Makiguti respondeu categoricamente que jamais aceitaria o talismã.

Logo depois, em 6 de julho, Makiguti, Toda e os demais dirigentes foram presos um após outro devido à recusa de abraçar a religião do imperador. O presidente Ikeda descreve então na Nova Revolução Humana: “Foi uma grande perseguição que assolou a Soka Gakkai. Quando ocorreram essas prisões, o clero apressou-se em proibir a peregrinação dos membros da Gakkai. Era o temor por qualquer comprometimento. Pelas próprias mãos do sumo prelado os sagrados preceitos do budismo foram distorcidos, colocando-o na iminência de se extinguir. Mas, graças à Soka Gakkai, que atuou legitimamente em defesa da Verdadeira Lei, a transmissão da prática da fé ensinada por Daishonin foi preservada.” (Vol. 2, pág. 91.)

Concluindo esse assunto, segue um trecho de uma orientação do presidente Ikeda:

“O budismo de Daishonin é um ensino grandioso que ilumina toda a humanidade. Não foi por isso que ele concedeu o Gohonzon a ‘todas as pessoas do mundo’? Mas o mundo e a época foram inundados por um ataque de mudanças inexoráveis e sem fim. Nada permanece o mesmo. O nosso desafio é como compreender corretamente a essência dos fenômenos que ocorrem em meio a essa mudança incessante. Nitiren Daishonin escreveu: ‘Quando a pessoa conhece o Sutra de Lótus, compreende o significado de todos os assuntos mundanos.’ (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. 1, pág. 91.) O budismo oferece conceitos sólidos e corretos sobre o mundo, a humanidade e a sociedade, e também um conceito universal da história e, de fato, todos os conhecimentos. É por isso que uma pessoa que vê com os ‘olhos do budismo’ é forte e destemida em qualquer situação. Essa é a razão de ser tão importante estudar as escrituras de Nitiren Daishonin.” (Brasil Seikyo, edição no 1.293, 22 de outubro de 1994, pág. 3.)

Com essa convicção, devemos sempre ter em mente o princípio de “seguir a Lei e não a pessoa” em todas as nossas atividades e atuações, conseguindo discernir os mais variados fenômenos e acontecimentos tendo sempre como base as escrituras de Nitiren Daishonin.

# Seis atos difíceis e nove fáceis (roku ran ku i) (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1693, 29/03/2003, página A5.)

Em alguns dos principais escritos de Nitiren Daishonin, tais como “O Verdadeiro Objeto de Devoção” e “Abertura dos Olhos”, para ilustrar a dificuldade de “crer” e “compreender” os dez estados de vida inerentes em cada pessoa, em especial o estado de Buda, é apresentado o princípio de “seis atos difíceis e nove fáceis”. Esse princípio é citado durante a Cerimônia no Ar descrita no 11o Capítulo do Sutra de Lótus (Hoto, “Surgimento da Torre de Tesouro”). Nessa cerimônia, o Buda Sakyamuni senta-se ao lado do Buda Taho (Muitos Tesouros) e faz três declarações, solicitando que os presentes propagassem o Sutra de Lótus após sua morte. No decorrer da terceira declaração, ele apresenta as comparações conhecidas como “seis atos difíceis e nove fáceis” para frisar a grande dificuldade de se abraçar e propagar o Sutra de Lótus após sua morte.

Os “seis atos difíceis” são: 1) Propagar amplamente o Sutra de Lótus, 2) Copiá-lo ou levar alguém a copiá-lo, 3) Recitá-lo mesmo que durante um curto tempo, 4) Ensiná-lo mesmo que seja a uma única pessoa, 5) Ouvir sobre o Sutra de Lótus e 6) Manter a fé no Sutra de Lótus. Já os “nove fáceis” constituem-se de: 1) Ensinar inúmeros sutras que não o Sutra de Lótus, 2) Erguer o Monte Sumeru e arremessá-lo para além de incontáveis terras de budas do Universo, 3) Chutar um sistema principal de mundos para outro ponto com um dos dedos do pé, 4) Manter-se o mais alto possível no céu pregando inúmeros sutras que não o Sutra de Lótus, 5) Segurar o céu com uma das mãos e percorrer o Universo com ele, 6) Colocar a Terra sobre a unha do dedo do pé e elevar-se até o céu Brahma, 7) Atravessar uma pradaria em chamas carregando uma carga de feno nas costas sem deixá-la queimar, 8) Pregar oitenta e quatro mil ensinos e fazer com que seus ouvintes adquiram os seis poderes sobrenaturais,1 9) Possibilitar inúmeras pessoas a atingirem o estágio de arhat2 e a adquirirem os seis poderes sobrenaturais.

Sakyamuni utilizou esse princípio para enfatizar a grande dificuldade de se abraçar o sutra e ensiná-lo para outras pessoas na era maléfica após seu falecimento. Embora os “nove atos fáceis” pareçam ser impossíveis de se alcançar, são ainda fáceis quando comparados com a dificuldade de se propagar o Sutra de Lótus nos Últimos Dias da Lei, isto é, o Gohonzon. Esse princípio elucida também a necessidade da tolerância na prática do Verdadeiro Budismo.

Ao analisarmos os “atos fáceis”, percebemos que todos se referem a ações tomadas dentro do mundo exterior, não requerendo uma transformação no interior das pessoas. Já os “atos difíceis” possibilitam-nos a “crer” e “compreender” o ilimitado potencial inerente em nossa vida — o estado de Buda, pois esse é o ensino que habilita todas as pessoas a realizarem a revolução humana.

Notas:

(1) Seis poderes sobrenaturais: 1) O poder de estar em qualquer lugar que desejar, 2) O poder de ver qualquer coisa em qualquer lugar, 3) O poder de ouvir qualquer som em qualquer lugar, 4) O poder de salvar os pensamentos de todas as mentes, 5) O poder de saber as vidas passadas e 6) O poder de erradicar as ilusões.

(2) Arhat ou Arakan: Refere-se àquele que atingiu o mais alto dos quatro estágios dos homens de erudição na prática dos ensinos Hinayana, isto é, o mais alto estágio da iluminação. Indica também alguém digno de respeito. Com o surgimento do Budismo Mahayana, contudo, o termo passou a referir-se exclusivamente aos santos do Budismo Hinayana.

# Seis atos difíceis e nove fáceis (roku ran ku i) (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1694, 05/04/2003, página A5.)

Conforme apresentado na parte anterior, os “seis atos difíceis e nove fáceis” são comparações utilizadas por Sakyamuni para ilustrar o quão difícil seria abraçar e propagar o budismo, especialmente na época atual dos Últimos Dias da Lei. Em outras palavras, tais comparações indicam a importância e a grandiosidade da ação de se propagar o budismo para a felicidade das pessoas, isto é, a realização do Chakubuku.

Analisando-se o conceito pregado por diversas religiões, observa-se que muitas delas defendem a idéia de que para se alcançar a união perfeita com o “absoluto” os seguidores devem alcançar o paraíso (caso da seita Nembutsu), ou sair do ciclo de nascimento e morte (como no bramanismo e em alguns ensinos budistas provisórios). Porém, esse tipo de conceito possui o efeito desastroso de fazer com que as pessoas depreciem sua realidade imediata e busquem suas respostas em outro tempo ou espaço, o que facilmente leva a denegrir e subjugar o espírito humano.

Em contrapartida, o Budismo de Nitiren Daishonin baseia-se exatamente no princípio de que o estado de Buda é inerente à vida de todo o ser humano, isto é, que a felicidade absoluta pode ser alcançada na presente existência por todas as pessoas.

Na explanação da escritura “Sobre atingir o estado de Buda nesta existência”, o presidente Ikeda afirma: “Quanto sofrimento poderia ser eliminado do mundo se apenas estivéssemos profundamente convencidos de nossa própria natureza de Buda! (...) Na parte final deste Gosho, Daishonin afirma: ‘Uma vez que o senhor sabe que a sua vida é a verdade mística, compreende que a vida de todos os outros também são.’ Se entendermos realmente que todas as vidas são, no final, budas, jamais teremos prazer em ver o sofrimento de outrem, ou pensaremos que podemos ser felizes com o sacrifício de outras pessoas. Quanto mais profundamente estivermos convencidos de que nós e todos os demais somos entidades da Lei Mística, menos tenderemos a ferir ou a depreciar a nós mesmos e aos outros, e mais nos disporemos à conduta considerada humana.”

Em uma outra ocasião, ele orientou: “Aqueles que propagam a Lei são dignos de respeito. Tudo é decidido pelas pessoas. As pessoas são o que mais importa. Nitiren Daishonin disse que ‘a Lei não se propaga por si mesma. Por ser propagada pelas pessoas, tanto a Lei como as pessoas tornam-se dignas de respeito’. (Gosho Zenshu, pág. 856.) A pessoa que propaga a Lei é digna de respeito. Todos os membros da SGI que estão se empenhando pelo Kossen-rufu e dedicando-se arduamente para conduzir a prática do Chakubuku e a propagação dos ensinos são os mais dignos de respeito.

“Os membros da SGI que dedicam a vida ao Kossen-rufu são ‘grandes bodhisattvas do Pico da Águia’. São respeitosos Bodhisattvas da Terra. Tenhamos um grande orgulho disso e vamos sempre nos lembrar de respeitar uns aos outros.

“Devemos louvar os nobres filhos do Buda. ‘A voz executa o trabalho do Buda.’ (Gosho Zenshu, pág. 708.) Se uma pessoa compreende que as outras são dignas de respeito mas permanece em silêncio, então ficará irreconhecida. Mas se usar a voz para louvar outra pessoa, ambas receberão benefícios.” (Brasil Seikyo, edição no 1.240, 4 de setembro de 1993, pág. 3.)

# Os Três Tesouros (san-pô) (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1695, 12/04/2003, página A5.)

Um dos princípios mais importantes dos ensinamentos budistas são os Três Tesouros. Eles se referem aos três elementos essenciais que definem a linhagem de uma doutrina. Assim, analisando os Três Tesouros, pode-se verificar se a linhagem está sendo seguida de acordo com o ensino do fundador.

Os Três Tesouros são: Tesouro do Buda, que se refere ao próprio Buda; Tesouro da Lei, que corresponde ao ensino revelado pelo Buda; e Tesouro do Sacerdote, que se refere ao discípulo que herda, transmite e propaga a Lei ou o ensino do Buda.

Dessa forma, percebe-se que todas as correntes religiosas e filosóficas não teriam sentido sem esse princípio. Toda religião possui seu fundador, seu ensino e sua perpetuação por meio dos discípulos. Se um desses pontos forem alterados, perderá sua linhagem original e sua veracidade, deixando de ser a mesma religião. Costumes, formalidades, tendências sofrem evoluções e mudanças. Porém, os príncípios conceituais de uma doutrina são eternos. São chamados de Três Tesouros porque jamais perderão a grandiosidade de seu valor.

No Budismo de Sakyamuni, o Tesouro do Buda é Sakyamuni, o Tesouro da Lei são os Vinte e Oito Capítulos do Sutra de Lótus e o Tesouro do Sacerdote é o Bodhisattva Jogyo.

No Budismo de Nitiren Daishonin, o Tesouro do Buda é Nitiren Daishonin, o Tesouro da Lei é o objeto de devoção do Verdadeiro Budismo (Gohonzon) e o Tesouro do Sacerdote é Nikko Shonin, sucessor imediato de Nitiren Daishonin.

Nitiren Daishonin é o Buda eterno que incorpora as três virtudes de Soberano, Mestre e Pais. Ele enfrentou incontáveis perseguições para abrir o caminho direto ao estado de Buda para todas as pessoas. Em relação a esse ponto, Nitikan Shonin, 26o sumo prelado, escreveu em “A prática desta escola”: “Como poderia ser qualquer outra pessoa, o Tesouro do Buda do tempo sem início? Nenhum outro senão o nosso fundador, Nitiren Daishonin. Desde antes de gohyaku-jintengo (remoto passado), ele pensava constantemente em como fazer com que todas as pessoas entrassem no mais elevado Caminho e atingissem rapidamente o estado de Buda. Com esse forte juramento, fez seu advento nos Últimos Dias da Lei e, sem poupar a própria vida, revelou-nos a Suprema Lei. Com sua profunda benevolência, como poderia não ser o Tesouro do Buda nos Últimos Dias da Lei?”

O Tesouro da Lei corresponde ao Dai-Gohonzon que Nitiren Daishonin inscreveu em 12 de outubro de 1279. O Gohonzon é a manifestação da vida eterna do Buda. É também a entidade do Buda da unicidade de Pessoa (Nitiren Daishonin) e Lei (Nam-myoho-rengue-kyo) e possui incontáveis outras virtudes insondáveis.

Na escritura “Os Quatro Débitos de Gratidão”, Nitiren Daishonin afirma: “Tanto o Tesouro do Buda como o Tesouro da Lei são, invariavelmente, perpetuados pelos sacerdotes.” (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. 5, pág. 133.) Mesmo que o Tesouro do Buda e o Tesouro da Lei sejam imensuráveis, sem alguém que os transmita corretamente não podem perdurar.

Nitiren Daishonin transferiu seus ensinamentos a seu sucessor imediato, Nikko Shonin. Dos seis bonzos seniôres que juraram proteger o Verdadeiro Budismo após a morte do Buda, somente Nikko Shonin compreendeu totalmente a profundidade da iluminação de Nitiren Daishonin. Suportando bravamente as terríveis pressões, ele preservou os ensinos de Nitiren Daishonin com sua pureza e assegurou sua transmissão às futuras gerações. Assim, Nikko Shonin é reverenciado como Tesouro do Sacerdote.

# Os Três Tesouros (san-pô) (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1696, 19/04/2003, página A5.)

Os Três Tesouros é um conceito fundamental do Budismo de Nitiren Daishonin. Tendo-os como base, as pessoas podem se desenvolver e promover a propagação do Verdadeiro Budismo.

Em contrapartida, a atual problemática do clero está firmada, entre outros pontos, na má compreensão do significado dos Três Tesouros. O sumo prelado e os sacerdotes colocam-se em posição superior aos adeptos e às demais pessoas somente por usarem sobrepelizes. Em março de 1991, o clero da Nitiren Shoshu publicou um artigo surpreendente em sua revista oficial Dai-Nitiren. Esse artigo declara: "O sumo prelado é o único dotado da herança do sangue vital do budismo, devendo ser cultuado tal como o Dai-Gohonzon do Supremo Santuário. A fé no Dai-Gohonzon e no sumo prelado deve ser absoluta." Em uma outra edição, foram publicadas afirmações não menos absurdas de que "O sumo prelado Nikken Shonin é o Nitiren Daishonin da atualidade" e que "o sumo prelado se inclui na condição de Tesouro do Sacerdote". Assim, a partir do momento em que o sumo prelado se coloca como os "Três Tesouros da época atual", apesar de conhecer o real significado dos Três Tesouros, o clero desviou-se completamente do propósito fundamental do Budismo Nitiren.

O presidente da SGI, Daisaku Ikeda, escreveu: "Nittatsu Shonin afirma que o 'Gohonzon é a incorporação dos Três Tesouros'. Isso significa que o Gohonzon é a entidade única que incorpora os Três Tesouros da Lei, do Buda e do Sacerdote. Portanto, o ato de consagrarmos o Gohonzon no oratório de nossa casa e de nos devotarmos à fé e à prática é uma correta atitude de devoção aos Três Tesouros. A base fundamental do Budismo Nitiren é o Gohonzon, o qual é considerado como 'supremo e fundamental objeto de respeito e devoção'. Este é um ponto essencial claramente definido. De forma mais ampla, Nittatsu Shonin afirma também que os seguidores, clérigos e leigos são uma forma de Tesouro do Sacerdote, uma vez que protegem e transmitem o budismo. Porém, ele é claro em sua advertência ao afirmar que os indivíduos que nutrem o sentimento de que outras pessoas devem reverenciá-los por serem Tesouros do Sacerdote estão sendo arrogantes. (...) As pessoas que acreditam na Verdadeira Lei devem ser sábias e perspicazes. Jamais sejam enganados pela heresia disfarçada como justiça. Para isso, tenham como princípios de discernimento as próprias razões da doutrina, e julguem corretamente o justo e o perverso, o bem e o mal, com base nos fundamentos do Budismo." (Brasil Seikyo, edição no 1.145, 21 de setembro de 1991, pág. 3.)

De toda forma, conhecer os princípios budistas, como os Três Tesouros, é fundamental para discernir o correto caminho da prática do Verdadeiro Budismo. Somente com a visão ampliada pela sabedoria e pela benevolência visando livrar as pessoas do sofrimento é que se consegue ampliar o caminho para o Kossen-rufu mundial. E esse é o desejo e o decreto do Buda Original Nitiren Daishonin.

Na história da Soka Gakkai, devido aos sucessivos presidentes que compreenderam o real significado dos Três Tesouros do Budismo de Nitiren Daishonin — Gohonzon, Nitiren Daishonin e Nikko Shonin — e protegeram-nos com o risco da própria vida, é que inúmeras pessoas abraçaram o Gohonzon e despertaram para a natureza de Buda existente na vida. Assim, o correto caminho da fé para os membros da Soka Gakkai é proteger esses Três Tesouros.

# Os Três Tesouros (san-pô) (3)

(Brasil Seikyo, edição nº 1697, 26/04/2003, página A5.)

Os Três Tesouros do Budismo de Nitiren são:

• Tesouro do Buda

Nitiren Daishonin nasceu como filho de uma família de pescadores, em 16 de fevereiro de 1222, na Província de Awa (atual Tiba), no Japão. Em 1233, entrou para o sacerdócio no templo Seityoji e começou a estudar o budismo.

De 1238 a 1242 ele viveu em Kamakura, o centro do governo japonês na época, a fim de estudar o budismo. Após retornar a Seityoji, foi para Quioto e Nara, centros de estudo do budismo.

Em Quioto, estudou exaustivamente todos os sutras de Sakyamuni e concluiu que o Sutra de Lótus é seu supremo ensino.

Após dez anos de estudos, Nitiren Daishonin, então com 32 anos, retornou a Seityoji e, em 28 de abril de 1253, recitou pela primeira vez o Nam-myoho-rengue-kyo, expondo seu ensino.

Vinte e seis anos após ter recitado pela primeira vez o Nam-myoho-rengue-kyo e ter enfrentado severas perseguições instigadas pelas seitas tradicionais, percebeu que a época era propícia e seus discípulos estavam plenamente conscientes da superioridade de seus ensinos e haviam desenvolvido uma firme fé. Realizou então o propósito de seu advento neste mundo inscrevendo o Dai-Gohonzon.

Nitiren Daishonin faleceu em 13 de outubro de 1282, aos 60 anos, após transferir todos os seus ensinos a seu discípulo imediato, Nikko Shonin.

• Tesouro da Lei

O Dai-Gohonzon, Supremo Objeto de Devoção do Verdadeiro Budismo, foi inscrito por Nitiren Daishonin em 12 de outubro de 1279, visando à felicidade de toda a humanidade.

Nitiren Daishonin definiu a Lei que permeia o Universo como Nam-myoho-rengue-kyo e a incorporou na forma do Gohonzon, um mandala perfeitamente dotado de todos os Dez Mundos (Inferno, Fome, Animalidade, Ira, Tranqüilidade, Alegria, Erudição, Absorção, Bodhisattva e Buda, que simbolizam as manifestações comportamentais das pessoas em seu dia-a-dia). Ele ensinou que é preciso ter fé no Gohonzon para se atingir o estado de Buda.

• Tesouro do Sacerdote

Byakuren Ajari Nikko, sucessor imediato de Nitiren Daishonin, segundo sumo prelado e fundador do Templo Principal Taissekiji, nasceu em 1246 em Kajikazawa, na Província de Kai. Aos 7 anos entrou para o sacerdócio. Em 1258, Nitiren Daishonin visitou o templo Jissoji para fazer pesquisas na biblioteca de sutras desse templo, preparando-se para escrever sua “Tese sobre o estabelecimento do ensino correto para a paz da nação”. Nessa ocasião, Nikko, com 13 anos de idade, teve a oportunidade de servi-lo, tornando-se seu discípulo. Ele recebeu de Nitiren Daishonin o nome de Hoki-bo Nikko. Desse momento em diante, Nikko serviu devotadamente a Daishonin, acompanhando-o até mesmo em seus exílios a Izu e à Ilha de Sado.

No final de sua vida, sentindo a aproximação de sua morte, Nitiren Daishonin nomeou Nikko Shonin como seu sucessor por meio de dois documentos de transferência escritos em setembro de 1282 e em 13 de outubro de 1282, no dia de sua morte.

Pouco tempo após o funeral de Daishonin, os cinco sacerdotes seniores começaram a se desviar de seus ensinos, passando a adorar imagens do Buda Sakyamuni e até declarando-se sacerdotes da seita Tendai.

Assim, devido a vários fatores que contrariavam os ensinos de seu mestre e sentindo que não poderia proteger seus ensinos no Monte Minobu, Nikko Shonin partiu na primavera de 1289, levando consigo o Dai-Gohonzon, as cinzas de Nitiren Daishonin e outros tesouros, instalando-se nas terras doadas por Nanjo Tokimitsu, dando início à contrução do Templo Principal Taissekiji.

Pouco antes de falecer, em 1333, aos 87 anos de idade, Nikko Shonin escreveu os Vinte e Seis Artigos de Advertência aos sacerdotes e praticantes leigos para preservar os ensinos de Daishonin.

# Unicidade de corpo e mente (shiki shin funi) (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1698, 03/05/2003, página A5.)

Há muito tempo a ciência vem avançando rumo a uma visão cada vez mais integrada do ser humano. A medicina psicossomática, que se dedica à compreensão da relação entre o corpo e a mente, desenvolveu-se com grande rapidez na última década, trazendo luz ao obscuro pensamento dualista do século XX.

Essa complexa interação entre o mundo físico e o mental é denominada no budismo de “unicidade de corpo e mente” ou “não-dualidade de corpo e mente” (shiki shin funi), e é interpretada como a “mente influenciando o corpo”, e vice-versa.

Em termos literais, shiki é uma abreviação de shiki ho e indica a matéria e os fenômenos físicos que possuem forma e cor, dentre eles o próprio corpo humano. Shin é a abreviação de shin po, que indica os fenômenos espirituais e mentais (raciocínio, sentidos, emoção e desejo). Funi, que é a forma abreviada de nini funi, significa “dois, porém não dois”, que poderia ser entendido como “dois fenômenos, porém não dois em sua essência”. Isso significa que, embora corpo e mente sejam duas classes separadas de fenômenos, na essência são dois aspectos indivisíveis de uma mesma realidade. Em outras palavras, nem o corpo nem a mente existem em entidades separadas e um não pode existir sem o outro. Portanto, corpo e mente são componentes inseparáveis da vida.

Em seu livro Vida — Um enigma, uma Jóia Preciosa, o presidente Ikeda cita um episódio que ilustra essa interação: “Certa vez, um médico me mostrou um notável exemplo de como um estímulo mental pode afetar não somente as ações de um homem, mas também seu estado psicológico. Num determinado hospital — relatou-me o doutor — duas mulheres cuidavam de um menino doente. Uma era sua mãe e a outra uma enfermeira contratada. Depois de fazer uma série de testes sanguíneos em ambas, o médico notou que quando a criança passava bem, as duas tinham um nível normal de pH. Quando o paciente se aproximava de um estado crítico, aumentava o conteúdo de ácido no sangue da mãe. Em outras palavras, a sua ansiedade afetava até a composição do elemento sanguíneo. Já no caso da enfermeira as coisas se passaram de maneira diferente, embora não houvesse razão para considerá-la insensível ou pouco dedicada ao trabalho de recuperação da criança. É natural, certamente, que uma mãe seja profundamente afetada pela doença do filho, mas é de extremo interesse o fato de seu estado mental causar notável mudança na sua condição física. Esta é, sem dúvida, uma ilustração de como o trabalho do espírito pode manifestar-se no mundo da matéria.” (Pág. 26.)

Fontes de consulta: Fundamentos do Budismo, pág. 46. Síntese do Budismo, pág. 130.

# Unicidade de corpo e mente (shiki shin funi) (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1699, 10/05/2003, página A5.)

O reconhecimento científico de que os processos biológicos do corpo influenciam a mente, e vice-versa, está em perfeito acordo com a teoria budista de “unicidade de corpo e mente”, como podemos observar nas palavras do professor assistente de psiquiatria e diretor médico do Programa de Prevenção da Depressão na Velhice, Mark Miller: “Sabemos que viúvas que perderam os maridos recentemente sofrem supressão nos sistemas imunológicos. Só agora estamos começando a entender a sutil interação entre ciclos de sono e insônia, ritmos circadianos, sensibilidade à luz e como estes podem afetar a emoção humana. Nunca houve uma época mais excitante ou esperançosa para estar envolvido neste campo. À medida que a pesquisa nessas áreas progride, torna-se mais aparente que o conceito budista de shiki shin funi continuará a ser validada.” ( Terceira Civilização, edição no 311, julho de 1994, pág. 29.)

Que os fenômenos físicos e mentais são condições interdependentes é incontestável. Contudo, segundo a filosofia budista, ambos possuem uma fonte comum denominada energia vital, uma força que cria, nutre e mantém a vida.

Sobre isso, o presidente Ikeda comentou: “No mais profundo interior de todos os seres, existe a primacial força que faz com que vivam. A mesma força suporta a matéria inorgânica no sistema de harmonias e ritmos da grande existência cósmica. No budismo, essa força total é denominada por nomes diversos, porém o mais apropriado é Myoho, a Lei Mística. Essa é a energia de que precisa toda vida, que cria e recria a existência, tanto a espiritual como a material.” (Ibidem, edição no 402, março de 2002, pág. 6.)

Nesse sentido, o budismo enfatiza que tanto a condição física como a mental são expressões de uma energia primordial que mantém todos os fenômenos do Universo.

Com base nesse conceito, podemos dizer que uma fraca energia vital reflete-se numa saúde frágil (debilitada pela doença e pelo cansaço) e numa atividade mental apática, desmotivada e sem vigor. Pelo contrário, se conseguimos manifestar uma poderosa energia, então tanto nosso corpo como nossa mente experimentarão grande disposição, sabedoria e criatividade.

No “Registro dos Ensinos Orais” consta: “Devoção de uma vida significa a lei física e espiritual da vida. O princípio último incorpora a unicidade das duas leis.” Aqui, “princípio último” indica a verdadeira entidade da vida, que é o Nam-myoho-rengue-kyo. Portanto, quando devotamos nossa vida à Lei Mística e nela baseamos nossas ações, estamos realizando a prática nos dois aspectos, o físico e o espiritual da nossa vida.

Nitiren Daishonin incorporou o princípio último no Gohonzon, a entidade do Nam-myoho-rengue-kyo. Com a prática diária do Gongyo, nós devotamos os aspectos físico e espiritual da nossa vida ao Gohonzon. Com essa prática, nossa vida funde-se à do Buda e nossa natureza de Buda brota dentro de nosso ser. Assim, por meio da recitação do Nam-myoho-rengue-kyo ao Gohonzon, podemos manifestar a energia vital com toda a sua intensidade, evidenciando assim o potencial inerente em cada um de nós.

Fontes de consulta: Fundamentos do Budismo, pág. 46. Síntese do Budismo, pág. 130.

# Três Grandes Ensinos Fundamentais (sandai hiho) (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1700, 17/05/2003, página A5.)

Os Três Grandes Ensinos Fundamentais (ou Leis Secretas) constituem o núcleo e a essência do Budismo de Nitiren Daishonin por revelarem de forma explícita a Lei Mística (lei universal e eterna), possibilitando todas as pessoas dos Últimos Dias da Lei atingir a iluminação.

Na escritura "Resposta a Shijo Kingo", Nitiren Daishonin afirma: "Agora, o ensino que Nitiren está propagando pode parecer limitado mas é, na realidade, imensamente profundo. Isso é verdade porque ele se aprofunda mais que os ensinos expostos por Tien'tai e Dengyo. Ele revela as três coisas importantes contidas no capítulo Juryo (Revelação da Vida Eterna do Buda) do ensino essencial. Praticar simplesmente os sete caracteres do Nam-myoho-rengue-kyo pode parecer limitado, mas como essa lei é a mestra de todos os budas do passado, presente e futuro, a mestra de todos os bodhisattvas do Universo e o guia que possibilita a todos atingirem o estado de Buda, sua prática é imensamente profunda." (As Escrituras de Nitiren Daishonin [END], vol. 1, pág. 268.)

Nessa passagem, Nitiren esclarece que ele é o Buda dotado das três virtudes de soberano, mestre e pais que conduz toda a humanidade à iluminação. Revelou sobre os Três Grandes Ensinos Fundamentais que guardava em seu coração, elucidando que a prática do budismo consiste essencialmente em ter fé no Gohonzon e recitar o Nam-myoho-rengue-kyo. Ressalta ainda que a causa fundamental para atingir o estado de felicidade absoluta é por meio da Lei suprema.

A lei universal e eterna refere-se ao Objeto de Devoção, à oração e ao local de consagração do Verdadeiro Budismo. São conhecidos como "secretos" pela tradução literal do termo japonês sandai hiho (san = três, dai = grande, hi = secreto, hô = lei ou ensino), cujo significado é no sentido de "fundamental" e não na forma literal, pelas razões conforme segue:

1) Esse ensino foi mencionado somente indiretamente nos textos do 16o capítulo Juryo (Revelação da Vida Eterna do Buda) do Sutra de Lótus (ensino superior do Buda Sakyamuni).

2) Foi exposto indiretamente por ser um ensino a ser propagado somente nos Últimos Dias da Lei (terceiro milênio após a morte de Sakyamuni e eras subseqüentes).

3) Pelo mesmo motivo, não foi divulgado pelos sucessores de Sakyamuni na Índia e na China, apesar de conhecerem-no.

4) Foi revelado somente por Nitiren Daishonin, o Buda Original dos Últimos Dias da Lei, por ser o Buda possuidor da missão de conduzir as pessoas dos Últimos Dias da Lei à felicidade absoluta.

5) É também chamado de "secreto" por ser um ensino que transcende a compreensão das pessoas em geral.

Na Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, o presidente Ikeda declara: "Nós, que vivemos com base na eterna Lei Mistíca, conduzimos uma existência de tranqüilidade, alegria e satisfação eterna. Com um estado de vida de absoluta liberdade como se estivéssemos viajando livremente pelo espaço infinito do Universo, podemos avançar ao longo do grande caminho da felicidade. O capítulo Juryo revela, portanto, o ensino secreto que nos possibilita experimentar a suprema alegria tanto na vida como na morte." (Pág. 140.)

Fontes de consulta: Fundamentos do Budismo, pág. 100. Exame do Budismo 2002 — Apostila para Admissão e 1o Grau, pág. 22. Explanações das END, vol. 2, pág. 106. Preleção do Capítulos Hoben e Juryo, pág. 140.

# Três Grandes Ensinos Fundamentais (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1929, 01/03/2008, página A8.)

Pergunta: Qual o verdadeiro significado do termo “supremo santuário”?

Resposta: Os preceitos budistas têm com finalidade impedir os atos contra o ensino do Buda e a conseqüente infelicidade decorrente disso. No período após o falecimento do Buda Sakyamuni, os preceitos eram altamente valorizados e o Budismo Hinayana em particular estabeleceu vários deles como não matar, não roubar e não mentir. Os preceitos aumentavam conforme crescia o número de grupos no clero budista. Os 250 preceitos e os 500 preceitos foram estabelecidos como as regras completas de disciplina para os monges e as monjas, respectivamente. A observação dos preceitos acabou se tornando a mais importante característica do Budismo Hinayana.

Com o tempo, surgiu um movimento contrário ao Hinayana, como uma reação ao aumento de complicados preceitos. Esse movimento posteriormente passou a ser chamado de Budismo Mahayana, que valorizava o espírito de Sakyamuni colocando-o acima dos preceitos, simplificando-os enormemente. Tanto o Hinayana como o Mahayana possuem o kaidan, palavra japonesa que designa santuário, que significa um local em que as pessoas que decidiram viver de acordo com os ensinos do Buda juram observar os preceitos e as regras monásticas. Kai significa literalmente preceitos e dan indica uma plataforma elevada usada para a ordenação. Assim, kaidan significa um santuário onde são feitos os juramentos em uma cerimônia.

Não há no Budismo Nitiren nenhum outro preceito além de abraçar o Gohonzon e recitar o Nam-myoho-rengue-kyo; portanto, o local onde a pessoa recita o Daimoku ao Gohonzon é o Supremo Santuário.

No ano de 1279, Nitiren Daishonin inscreveu o Dai-Gohonzon, objeto de devoção, cumprindo o propósito de seu advento e legou-o a toda a humanidade, tanto daquela época quanto do futuro. Os locais onde cada Gohonzon, que são transcrições do Dai-Gohonzon, está consagrado, podem também ser chamados de santuários.

O Buda Original declara que os Três Grandes Ensinos Fundamentais constituem a doutrina oculta nas profundezas do 16o capítulo do Sutra de Lótus — Revelação da Vida Eterna do Buda —, em que consta: “Deixarei este remédio eficaz aqui. Devem tomá-lo e não duvidar de sua cura”. Do ponto de vista do Budismo Nitiren, esse “remédio eficaz” representa o Gohonzon; “Deixarei este remédio eficaz aqui” indica o local da prática onde o Gohonzon está consagrado; e “devem tomá-lo” significa que todas as pessoas devem recitar o Daimoku ao Gohonzon.

O objeto de devoção do budismo é chamado também de supremo ensino fundamental por abranger todos os três ensinos fundamentais, pois tanto o Daimoku como o local onde o Gohonzon é consagrado existem em função do objeto de devoção. O Daimoku é recitado diante do Gohonzon, e o local de consagração é onde se reverencia o Gohonzon.

Todas as pessoas possuem dentro de si o Nam-myoho-rengue-kyo, ou a natureza de Buda. No entanto, esse estado é invisível e não o enxergamos com os olhos de mortal comum. Do mesmo modo que é necessário um espelho para melhor se arrumar, também é preciso de algo para enxergar a natureza de Buda inerente na vida.

Fonte:

• Terceira Civilização, edição no 452, abril de 2006, pág. 56.

# Três Grandes Ensinos Fundamentais (sandai hiho) (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1701, 24/05/2003, página A5.)

Os Três Grandes Ensinos Fundamentais constituem o desdobramento da lei universal de Nam-myoho-rengue-kyo, revelada por Nitiren em 28 de abril de 1253.

Compreendida pelo Buda como a lei única e básica, foi desdobrada em três formas, denominado no budismo de "Três Preceitos", considerados como condições indispensáveis para a prática, que são: disciplina, meditação e sabedoria. Assim foi desdobrada para possibilitar todas as pessoas dos Últimos Dias da Lei a atigingir a iluminação, ou felicidade absoluta.

A "disciplina" refere-se ao ato de refutar o errado, pela verdade e pela justiça, derrotando o mal. É o comportamento adotado para disciplinar os três meios — pensamentos, palavras e ações —, que criam as causas negativas.

O presidente Ikeda orienta: "Em síntese, quando chega a hora de agir, devemos agir. Temos de empenhar uma batalha completa e incansável contra a maldade. Quando agimos assim, as tendências negativas da nossa vida, nosso carma negativo, desaparecem." (Brasil Seikyo, edição no 1.417, 14 de junho de 1997, pág. 3.)

No Budismo de Nitiren Daishonin, a "disciplina" equivale ao "Local de Consagração" por ser onde as pessoas realizam a prática da "Oração" acreditando no "Objeto de Devoção", evidenciando o estado de Buda e o correto comportamento na vida.

A "meditação" é o ato de serenizar a mente, extraindo a dúvida para perceber a verdade. No Budismo de Nitiren Daishonin, equivale ao "Objeto de Devoção", por ser a base para as pessoas despertarem para a verdade, tendo o Kossen-rufu como meta. Pode-se dizer ainda que "meditação" é o comprometimento que surge na vida das pessoas, que as faz manifestar a benevolência e jamais perder de vista o caminho da vitória, conduzindo a vida em prol de um nobre ideal pela paz e felicidade das pessoas.

A "sabedoria" é a mente que julga corretamente a verdade de todos os fenômenos. No Verdadeiro Budismo, corresponde à "Oração", por ser o meio de evidenciá-la, possibilitando-nos atingir a iluminação e realizar ações humanísticas em prol das pessoas.

Em uma orientação, o presidente Ikeda declara: "Qual o propósito de cultivarmos a sabedoria? Qual o objetivo da fé? A resposta é vencer na vida, na sociedade e como seres humanos; é vencer sem falta para que possamos assegurar a felicidade e criar a paz. Fortes são aquelas pessoas que têm esse espírito fundamental do objetivo e missão. Aqueles que esquecerem de seus objetivos são fracos." (Ibidem, edição no 1.623, 13 de outubro de 2001, pág. A3.)

Fontes de consulta: Fundamentos do Budismo, pág. 100. Exame do Budismo 2002 — Apostila para Admissão e 1o Grau, pág. 22. Explanações das END, vol. 2, pág. 106. Preleção do Capítulos Hoben e Juryo, pág. 140.

# Três Grandes Ensinos Fundamentais (sandai hiho) (3)

(Brasil Seikyo, edição nº 1702, 07/06/2003, página A5.)

Os três preceitos para a iluminação estão contidos inteiramente nos Três Grandes Ensinos Fundamentais. A "disciplina" está contida no local de consagração; a "meditação", no objeto de devoção; e a "sabedoria", na oração. Por essa razão, o Budismo de Nitiren Daishonin é a única religião que proporciona o caminho real para a felicidade das pessoas.

• Objeto de devoção

O objeto de devoção do Budismo Nitiren é a incorporação do Nam-myoho-rengue-kyo na forma de um diagrama, o Dai-Gohonzon, inscrito por Nitiren Daishonin em 12 de outubro de 1279. Esse objeto de devoção está fundamentado no princípio de "unicidade de pessoa e Lei", que prova sua absoluta supremacia e revela que tanto a "pessoa" como a "Lei" formam uma única entidade. A "Lei" é a suprema Lei do Universo (Nam-myoho-rengue-kyo), e "pessoa" o Buda dotado dessa Lei (Nitiren Daishonin). O Gohonzon é a "entidade única de pessoa e Lei", pois incorpora simultaneamente as condições de "pessoa como objeto de devoção" (Nitiren Daishonin) e "Lei como objeto de devoção" (Nam-myoho-rengue-kyo).

• Supremo Ensino Fundamental

O objeto de devoção é chamado também de Supremo Ensino Fundamental (ou Lei Secreta) por abranger os demais, pois tanto o Daimoku como o local de consagração existem em função do objeto de devoção. O Daimoku é recitado diante do Gohonzon, e o local de consagração é onde se reverencia o Gohonzon.

Os Três Grandes Ensinos Fundamentais desdobram-se também em mais seis: objeto de devoção de pessoa e Lei, Daimoku de fé e prática e local de consagração oficial e extensivo.

• Oração do Verdadeiro Budismo

Manifestando nossa convicção no objeto de devoção, recitamos continuamente o Nam-myoho-rengue-kyo que corresponde à oração ou Daimoku. Essa oração é composta de fé e prática. A recitação do Gongyo e do Daimoku individualmente corresponde à "oração de fé". E o ato de ensinar o caminho da felicidade para outras pessoas, procurando convertê-las ao budismo, corresponde à "oração de prática".

Quando recitamos o Daimoku de fé e prática diante do objeto de devoção, que denota a prática mais suprema do Universo, transformamos nossa vida, conquistamos infinitos benefícios e caminhamos diretamente rumo à felicidade absoluta.

• Local de consagração

O local de consagração corresponde ao local em que se encontra consagrado o objeto de devoção, onde as pessoas realizam a recitação do Gongyo e do Daimoku. Refere-se tanto ao local da consagração do Dai-Gohonzon, denominado como "local oficial", como também o de todos os demais locais onde o Gohonzon está consagrado, denominados como "local extensivo".

O presidente Ikeda orienta: "Recitar Daimoku é a base do Budismo de Nitiren Daishonin. Quando recitamos um sonoro Daimoku, o sol se levanta em nosso coração. Nós nos enchemos de energia. A compaixão brota. A nossa sabedoria brilha. Todos os budas e deuses budistas de todo o Universo atuam em nosso favor. A vida torna-se estimulante." (Brasil Seikyo, edição no 1.358, 16 de março de 1996, pág. 3.)

Fontes de consulta: Fundamentos do Budismo, pág. 100. Exame do Budismo 2002 — Apostila para Admissão e 1o Grau, pág. 22. Explanações das END, vol. 2, pág. 106. Preleção do Capítulos Hoben e Juryo, pág. 140.

# Três Grandes Ensinos Fundamentais (4)

(Brasil Seikyo, edição nº 1929, 01/03/2008, página A8.)

Pergunta: Qual o verdadeiro significado do termo “supremo santuário”?

Resposta: Os preceitos budistas têm com finalidade impedir os atos contra o ensino do Buda e a conseqüente infelicidade decorrente disso. No período após o falecimento do Buda Sakyamuni, os preceitos eram altamente valorizados e o Budismo Hinayana em particular estabeleceu vários deles como não matar, não roubar e não mentir. Os preceitos aumentavam conforme crescia o número de grupos no clero budista. Os 250 preceitos e os 500 preceitos foram estabelecidos como as regras completas de disciplina para os monges e as monjas, respectivamente. A observação dos preceitos acabou se tornando a mais importante característica do Budismo Hinayana.

Com o tempo, surgiu um movimento contrário ao Hinayana, como uma reação ao aumento de complicados preceitos. Esse movimento posteriormente passou a ser chamado de Budismo Mahayana, que valorizava o espírito de Sakyamuni colocando-o acima dos preceitos, simplificando-os enormemente. Tanto o Hinayana como o Mahayana possuem o kaidan, palavra japonesa que designa santuário, que significa um local em que as pessoas que decidiram viver de acordo com os ensinos do Buda juram observar os preceitos e as regras monásticas. Kai significa literalmente preceitos e dan indica uma plataforma elevada usada para a ordenação. Assim, kaidan significa um santuário onde são feitos os juramentos em uma cerimônia.

Não há no Budismo Nitiren nenhum outro preceito além de abraçar o Gohonzon e recitar o Nam-myoho-rengue-kyo; portanto, o local onde a pessoa recita o Daimoku ao Gohonzon é o Supremo Santuário.

No ano de 1279, Nitiren Daishonin inscreveu o Dai-Gohonzon, objeto de devoção, cumprindo o propósito de seu advento e legou-o a toda a humanidade, tanto daquela época quanto do futuro. Os locais onde cada Gohonzon, que são transcrições do Dai-Gohonzon, está consagrado, podem também ser chamados de santuários.

O Buda Original declara que os Três Grandes Ensinos Fundamentais constituem a doutrina oculta nas profundezas do 16o capítulo do Sutra de Lótus — Revelação da Vida Eterna do Buda —, em que consta: “Deixarei este remédio eficaz aqui. Devem tomá-lo e não duvidar de sua cura”. Do ponto de vista do Budismo Nitiren, esse “remédio eficaz” representa o Gohonzon; “Deixarei este remédio eficaz aqui” indica o local da prática onde o Gohonzon está consagrado; e “devem tomá-lo” significa que todas as pessoas devem recitar o Daimoku ao Gohonzon.

O objeto de devoção do budismo é chamado também de supremo ensino fundamental por abranger todos os três ensinos fundamentais, pois tanto o Daimoku como o local onde o Gohonzon é consagrado existem em função do objeto de devoção. O Daimoku é recitado diante do Gohonzon, e o local de consagração é onde se reverencia o Gohonzon.

Todas as pessoas possuem dentro de si o Nam-myoho-rengue-kyo, ou a natureza de Buda. No entanto, esse estado é invisível e não o enxergamos com os olhos de mortal comum. Do mesmo modo que é necessário um espelho para melhor se arrumar, também é preciso de algo para enxergar a natureza de Buda inerente na vida.

Fonte:

• Terceira Civilização, edição no 452, abril de 2006, pág. 56.

# Três Propriedades Iluminadas (sanjin) (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1703, 14/06/2003, página A5.)

O conceito de “Três Propriedades Iluminadas do Buda”, ou “Três Atributos da Vida do Buda”, ou simplesmente “Três Corpos”, foi estabelecido no Budismo Mahayana para organizar as diferentes visões sobre os budas que aparecem nos diversos sutras budistas. Os três corpos são: o corpo da Lei (hos shin), o corpo da recompensa (hô shin) e o corpo manifesto ou da conformidade (ô jin). O corpo da Lei corresponde à entidade da Lei, isto é, à verdade fundamental da iluminação do Buda. O corpo da recompensa corresponde à sabedoria do Buda conquistada como recompensa da prática de bodhisattva. Diferentemente do corpo da Lei, que não é algo material, o corpo da recompensa pode ser entendido como algo real, embora imperceptível às pessoas comuns. O corpo manifesto corresponde ao aspecto físico que o Buda assume para salvar as pessoas.

Nos ensinos pré-Sutra de Lótus de Sakyamuni apareceram inúmeros budas possuidores de um desses atributos. Em outras palavras, esses três atributos representavam três tipos de budas: o Buda do corpo da Lei, o Buda do corpo da recompensa e o Buda do corpo manifesto. Entretanto, no capítulo Juryo (Revelação da Vida Eterna do Buda) do Sutra de Lótus, Sakyamuni revela que atingiu a iluminação em um remoto passado de gohyaku jintengo. De acordo com essa afirmação, os três corpos não são entidades independentes entre si, mas três aspectos integrados ou três atributos de um único Buda que atingiu a iluminação em um passado remoto.

Na escritura “A consagração de uma imagem do Buda Sakyamuni feita por Shijo Kingo”, Nitiren Daishonin escreve: “As três propriedades dos corpos são: primeiro, o corpo Darma (Lei) do Tathagata; segundo, o corpo de Júbilo do Tathagata; e terceiro, o corpo manifesto do Tathagata. Esses três tipos de corpos do Tathagata estão invariavelmente contidos em todos os budas. Se tomarmos a Lua como exemplo, poderemos dizer que ela em si seja comparável ao corpo Darma, sua luz ao corpo de júbilo, e seu reflexo ao corpo manifesto. Assim como uma única lua apresenta esses três diferentes aspectos, também um único Buda possui as virtudes desses três diferentes corpos. As doutrinas dos cinco tipos de visão e dos três corpos não são expostas em nenhum lugar fora do Sutra de Lótus. Portanto, o Grande Mestre Tient’ai declarou: ‘O Buda, no decorrer de todas as três existências, possui consistentemente os três corpos. Porém, nos vários ensinos, ele manteve isso em segredo e não o transmitiu’. Nessa passagem, a frase ‘nos vários ensinos’ não se refere somente aos sutras Kegon, Hodo e Hannya, mas à totalidade do corpo de sutras exceto o Sutra de Lótus. E a frase ‘ele manteve em segredo e não o transmitiu’ significa que, em todo o corpo de escrituras salvo o capítulo Juryo do Sutra de Lótus, o Senhor Sakyamuni ocultou uma doutrina e não a revelou em lugar nenhum.” (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. 6, págs. 241-242.)

Fontes de consulta: Fundamentos do Budismo, pág. 18. Preleção do Capítulos Hoben e Juryo, pág. 149.

# Três Propriedades Iluminadas (sanjin) (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1704, 21/06/2003, página A5.)

Na Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo o presidente Ikeda escreveu: “As palavras nyorai juryo do título do capítulo literalmente significam ‘sondar a extensão da vida do Buda’. Sondar a duração da vida do Buda é também sondar a vastidão dos benefícios acumulados por ele. Quanto mais longa a duração de sua vida, mais pessoas ele conduzirá à felicidade e, conseqüentemente, mais benefícios ele acumula. Em decorrência disso, Tient’ai afirma que o termo juryo (‘sondar a extensão da vida’) significa medir e elucidar os benefícios. Em outras palavras, significa examinar e esclarecer os benefícios de vários budas. Segundo Tient’ai, o benefício do Buda consiste especificamente das Três Propriedades Iluminadas do Buda: a propriedade da Lei (a percepção da verdade), a da sabedoria (a sabedoria da percepção) e a da manifestação (a forma física adequada ao mundo em que aparece). Tient’ai esclarece ainda que o verdadeiro Buda — que habita eternamente este mundo e possui a virtude dessas três propriedades — é Sakyamuni, que atingiu a iluminação no remoto passado. Em contraste, do ponto de vista do Budismo de Nitiren Daishonin, a fonte fundamental dos benefícios do Buda eterno dotado com as Três Propriedades Iluminadas é o Nam-myoho-rengue-kyo. Portanto, todos os benefícios do Buda que atingiu a iluminação no remoto passado derivam do Nam-myoho-rengue-kyo.” (Pág. 149.)

Na seqüência, o presidente Ikeda cita as passagens do Ongui Kuden (Registro dos Ensinos Orais) para concluir que os Três Corpos são, na verdade, as propriedades inerentes em todos os seres vivos que podem se manifestar com a recitação do Nam-myoho-rengue-kyo: “Afirma-se que este Buda verdadeiro é naturalmente dotado com as Três Propriedades Iluminadas. ‘Naturalmente dotado’ significa possuí-las na forma original e natural. Nitiren Daishonin diz: ’Naturalmente dotado com as Três Propriedades’ refere-se ao devoto do Sutra de Lótus dos Últimos Dias da Lei. O título honorífico para alguém naturalmente dotado com as três propriedades é Nam-myoho-rengue-kyo.’ Ele também afirma: ‘Nyorai refere-se a todos os seres vivos. Mais especificamente, refere-se aos discípulos de Nitiren’. Se recitarmos séria e sinceramente o Nam-myoho-rengue-kyo, ele diz, ‘a cada momento, a cada instante, manifestar-se-ão em nós as Três Propriedades com as quais somos naturalmente dotados’.” (Ibidem.)

Em suma, o conceito de “Três Corpos” que nos ensinos pré-Sutra de Lótus de Sakyamuni se referia a atributos isolados dos diversos budas, no Budismo de Nitiren Daishonin indica os atributos inerentes em todos os seres vivos que podem ser manifestados com a recitação do Nam-myoho-rengue-kyo. Assim, o Buda não é nenhum ser extraordinário, abstrato ou irreal longe da compreensão humana, mas a natureza intrínseca na vida de todos os seres vivos, dotada com os três atributos iluminados.

Fontes de consulta: Fundamentos do Budismo, pág. 18. Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, pág. 149.

# Ganken Ogo (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1705, 28/06/2003, página A5.)

A partir desta edição, a seção Budismo na Vida Diária tratará de temas em forma de perguntas e respostas, iniciando com o princípio de ganken ogo.

1) Na Nova Revolução Humana li sobre ganken ogo. Poderia me explicar a respeito?

Ganken ogo é um conceito budista que literalmente significa “combinação do desejo e do carma”. Explicando melhor, representa o fato de nascer em um mundo de impurezas, como conseqüência do forte desejo de salvar a humanidade por meio da propagação da Lei Mística. Em outras palavras, indica o desejo da própria pessoa de nascer em uma circunstância desfavorável para transformar sua vida e comprovar os benefícios da prática budista para as demais pessoas.

2) Então, eu mesmo optei nascer aqui no Brasil e passar por todas estas circunstâncias?

De fato, por meio do conceito de ganken ogo, o budismo ensina que as pessoas, conscientes de sua missão como Bodhisattvas da Terra, manifestaram o desejo de nascer exatamente neste local e nesta situação com o intuito de ultrapassarem suas dificuldades com base na prática da fé para assim comprovarem a grandiosidade do Budismo de Nitiren Daishonin. E assim, por meio dessa comprovação real, poderiam incentivar outras pessoas a também praticarem o budismo e desfrutarem benefícios. Em um outro sentido, todos os seres humanos nascem com uma missão que somente eles pode concretizar. Portanto, o nascimento de uma pessoa não é uma mera circunstância do acaso.

3) Mas eu já não poderia ter nascido em uma condição de felicidade?

Por exemplo, se uma pessoa que não enfrentou problemas ou dificuldades lhe dissesse que se tornou feliz por meio da prática do budismo, provavelmente suas palavras não tocariam de forma profunda sua vida. Ao contrário, uma pessoa que enfrentou sérias dificuldades, como problemas financeiros, e as transformou por meio da prática budista, transformando a situação e alcançando a felicidade, isso certamente despertaria a curiosidade em todos de saber como ela conseguiu essa mudança em sua vida. Assim, ela comprovaria a veracidade desse ensino e incentivaria muitos outros a ultrapassarem suas dificuldades com base em seu exemplo. De forma semelhante, quando alguém consegue vencer uma grave doença tornando-se saudável, isso leva coragem e esperança às pessoas.

4) Então, minha transformação pode ajudar outras pessoas?

Correto. A transformação da vida de uma pessoa é motivo de grande alegria para as demais, além de encorajar e dar esperança para quem estiver passando pelos mesmos problemas. Não é maravilhoso quando vemos uma família feliz que ultrapassou problemas de desarmonia familiar e tornou-se modelo para outras famílias que ainda enfrentam as mesmas aflições? Mesmo aqueles que não praticam o budismo acompanham nosso desenvolvimento, e todas as transformações são observadas por eles. Sua vitória será motivo de alegria para todos. Quanto maiores forem as dificuldades enfrentadas na vida, maior será a comprovação dos benefícios da prática da fé.

Fonte de consulta: Nova Revolução Humana, vol. 1, págs. 197-198.

# Ganken Ogo (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1706, 05/07/2003, página A5.)

5) Há alguma passagem das escrituras budistas que menciona o conceito de ganken ogo?

No próprio Sutra de Lótus há citações que ilustram esse princípio. Há também interpretações sobre o Sutra de Lótus desenvolvidas por Miao-lo que o elucidam claramente. Já o Buda Original Nitiren Daishonin o cita na escritura "Abertura dos Olhos" da seguinte forma: "Com este meu corpo, cumpri as promessas do sutra. Quanto mais as autoridades do governo se enfurecem comigo, maior é minha alegria. Por exemplo, existem bodhisattvas do Hinayana que, não tendo livrado a si mesmo da ilusão, optam voluntariamente por nascer em más circunstâncias para ajudar as pessoas (ganken ogo), estabelecendo o mau carma a si mesmo. Assim, se um deles vê que sua mãe e seu pai caíram no inferno e estão sofrendo, ele cria propositalmente o carma adequado com a esperança de também cair no inferno e compartilhar seus sofrimentos. Sofrer pelos outros é uma alegria para ele. O mesmo acontece comigo cumprindo as profecias." (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. 2, pág. 100.)

6) Então, Daishonin também enfrentou dificuldades?

O Buda Original Nitiren Daishonin nasceu com a missão de revelar a Lei fundamental da vida para a felicidade de toda a humanidade. Durante sua existência, enfrentou inúmeras adversidades. Ele foi perseguido e atacado, culminando com a Perseguição de Tatsunokuti, em 12 de setembro de 1271, na qual as autoridades tentaram decapitá-lo. E foi nessa ocasião que ele revelou sua verdadeira identidade de Buda Original dos Últimos Dias da Lei, conforme consta em outra passagem da escritura "Abertura dos Olhos": "No décimo segundo dia do nono mês do ano passado, entre as horas do rato e do boi (23 e 3 horas), esta pessoa chamada Nitiren foi decapitada. Foi sua alma que chegou a esta ilha de Sado e, no segundo mês do ano seguinte, está escrevendo isto em meio à neve, pretendendo enviá-lo aos seus seguidores fiéis." (Ibidem, pág. 147.)

A Soka Gakkai, desde a sua fundação, vem se empenhando intensamente em prol da felicidade das pessoas em torno dos seus sucessivos presidentes. Porém, ao longo de seus mais de setenta anos, também vem ultrapassando, em torno dos três primeiros presidentes, diversas adversidades, como críticas, difamações e injustiças, comprovando a grande vitória e direcionando as pessoas ao verdadeiro caminho da felicidade. Hoje, em torno do presidente Ikeda, todos estamos nos empenhando com a grande missão de transformarmos as condições adversas de nossa vida para comprovar a grandiosidade do budismo, propagando-o para a felicidade de todas as pessoas.

Então, vamos nos esforçar para colocar o princípio de ganken ogo em prática, evitando as lamentações e buscando a comprovação real da mudança das atuais circunstâncias, contribuindo assim para a felicidade de muitas outras pessoas.

Fonte de consulta: Nova Revolução Humana, vol. 1, págs. 197-198.

# Yu myo sho jin (avanço corajoso e ininterrupto) (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1707, 12/07/2003, página A5.)

1) Li em um discurso do presidente Ikeda sobre “yu myo sho jin”, e observei que esse termo consta no Gongyo. Poderia abordar algo a respeito?

Yu myo shojin é uma passagem do Sutra de Lótus do Buda Sakyamuni, e de fato consta em um trecho do capítulo Hoben (Meios) o qual recitamos diariamente no Gongyo. Literalmente, cada palavra tem o seguinte significado: “Yu” = coragem, “myo” = enérgico ou aplicar nossos esforços ao limite, “sho” = perfeito ou puro e “jin” = esforço ou avanço incessante. Portanto, “yu myo sho jin” literalmente significa “empenho e avanço corajoso e ininterrupto”.

2) Mas, para nós, que praticamos o Budismo de Nitiren Daishonin, há algum significado especial?

Sim. Apesar de ter sido utilizado por Sakyamuni para se referir às práticas dos ensinos pré-Sutra de Lótus e ao ensino teórico, isto é, à primeira metade do Sutra de Lótus, para nós, praticantes do Budismo de Nitiren Daishonin, é um termo que nos oferece uma importante diretriz. Na Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, citando uma passagem das Escrituras em Seis Volumes do 26o sumo prelado, Nitikan Shonin, o presidente Ikeda afirma que “corajosa e ininterruptamente” significa exercitar corajosamente o poder da fé ao máximo. Ele afirma: “A prática budista deve ser conduzida com determinação e coragem. Quando nos desafiamos corajosamente com o espírito de realizar ‘muito mais hoje do que ontem’ e ‘muito mais amanhã do que hoje’, estamos praticando verdadeiramente.”

3) Então, é com esse espírito que devemos recitar diariamente o Gongyo e o Daimoku?

De fato, a recitação diária do Gongyo e do Daimoku é um verdadeiro desafio que requer uma fé contínua e corajosa. Para se ultrapassar os inúmeros obstáculos e maldades de nossa vida objetivando a verdadeira felicidade, certamente é necessário coragem e continuidade na fé. Ainda na Preleção, o presidente Ikeda afirma: “Sem esse espírito corajoso e ininterrupto, não podemos romper os grilhões do destino nem vencer os obstáculos e maldades. Nossa prática diária do Gongyo é um drama de desafio e de criação de valor em nossa vida. Quando nos levantamos corajosamente com fé, a escuridão do desespero e da angústia dissipa-se em nosso coração, emitindo a luz da esperança e do progresso. Esse espírito de levantar-se com coragem é o espírito da fé. Do ponto de vista do Budismo de Nitiren Daishonin, ‘ininterrupto’ significa recitar o Daimoku ‘das práticas individual e altruística’ (jigyo keta). Desse espírito corajoso surge o empenho ininterrupto.”

Fontes de consulta: Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, págs. 62-63. Discurso do presidente Ikeda em Hatioji — 1o de maio de 1999.

# Yu myo sho jin (avanço corajoso e ininterrupto) (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1708, 19/07/2003, página A5.)

4) Mas como aplicar esse princípio na vida diária, não ficando somente na teoria?

O budismo é oração e ação. Assim, podemos aplicar esse princípio em nossa vida por meio da firme decisão de vencer em todos os aspectos, sejam eles pessoais, organizacionais ou em qualquer área de atuação, tornando-nos pessoas que jamais desistem dos objetivos e que buscam ardentemente a concretização de tudo o que foi idealizado. Se objetivamos algo, devemos manifestar toda a coragem e determinação até atingirmos o resultado que almejamos. E a força motriz para manter essa disposição é a recitação sincera e consistente do Daimoku. Nitiren Daishonin afirma em suas escrituras: "O Nam-myoho-rengue-kyo é a prática 'ininterrupta do auto-aprimoramento'." (Gosho Zenshu, pág. 790.) Assim, para a pessoa que se empenha com esse sentimento, não existe a palavra "desistir".

5) A diretriz dedicada pelo presidente Ikeda à Divisão Masculina de Jovens da BSGI em sua mensagem de felicitações no início deste ano não é exatamente esse princípio?

Realmente, na mensagem enviada em 11 de janeiro de 2003 o presidente Ikeda dedicou uma diretriz para todas as divisões da BSGI. Em particular, para a DMJ ele afirmou: "Viva a Divisão Masculina de Jovens de intrépido espírito de luta!" "Intrépido espírito de luta" — eis o espírito de yu myo sho jin, o profundo desejo do mestre em criar uma DMJ incomparável e de atuação exemplar. Na Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo consta: "Um jovem certa ocasião perguntou ao presidente fundador da Soka Gakkai, Tsunessaburo Makiguti, como poderia desenvolver a habilidade de julgar o bem e o mal. O presidente Makiguti respondeu-lhe: 'Se tiver seriedade e coragem para praticar a religião mais notável do mundo, compreenderá.' Ele ainda disse: 'É preciso se empenhar corajosa e ininterruptamente e entrar em ação. Embora seja agora uma pessoa de idade, eu também estou praticando dessa forma.'"

6) Então, yu myo sho jin é o verdadeiro espírito da SGI?

O próprio presidente Ikeda cita na Preleção: "'Empenhar-se corajosa e ininterruptamente' é realmente a fonte do espírito da Soka Gakkai. Quando nos desafiamos corajosamente na fé, nossa vida é estimulada, a sabedoria brota e nosso ser transborda de alegria e esperança. Uma pessoa que se empenha corajosa e ininterruptamente, a cada momento, faz causas para o auto-aprimoramento e é eternamente vitoriosa. Aqueles que lutam com sinceridade e tolerância, com o espírito do rei-leão, estão com certeza empenhando-se corajosa e ininterruptamente."

Tal como o exemplo do majestoso Rio Amazonas, forte e sereno, que jamais interrompe seu curso, jamais recua ou retrocede e não se perde em sua trajetória até o oceano, vamos avançar com o "intrépido espírito de luta", yu myo sho jin, visando a alcançar infalivelmente nossos objetivos.

Fontes de Pesquisa: Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, págs. 62-63. A Grande Correnteza para a Paz, vol. 6, pág. 165.

# Transformando a fé em sabedoria (ishin daiê) (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1709, 26/07/2003, página A5.)

1) O que significa “transformar fé em sabedoria”?

Esse princípio budista indica que a fé é a verdadeira causa para se manifestar a mais elevada sabedoria. Ao mesmo tempo, significa que ela, por si só, conduz as pessoas à iluminação. Sakyamuni discorre no Sutra de Lótus sobre o personagem Sharihotsu, que apesar de sua excelente sabedoria, só conseguiu chegar à plena percepção da vida por meio da fé nos ensinamentos budistas. Em outras palavras, por mais que se empenhasse e se dedicasse com base em sua própria sabedoria, Sharihotsu não alcançaria a iluminação. Dessa forma, para se atingir a iluminação é necessário uma forte fé embasada não apenas na sabedoria individual. Para fundamentar isso, Nitiren Daishonin utiliza o conceito de “transformar a fé em sabedoria”, mostrando que os mortais comuns, mesmo que não possuam sabedoria, podem alcançar sem falta a iluminação por meio da fé. Na escritura “Os quatro estágios da fé e os cinco estágios da prática”, ele afirma: “E como nossa sabedoria é inadequada, ele [o Buda] nos ensina a substituí-la pela fé, fazendo dessa simples palavra ‘fé’ o fundamento.” (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. 6, pág. 192.) Para facilitar a compreensão, podemos dizer que com a sincera prática diária do Gongyo e do Daimoku, somos capazes de manifestar a máxima sabedoria inerente em nossa vida.

2) Qual o significado de “sabedoria adquirida por meio da fé”?

O significado de “sabedoria” é, na verdade, muito mais profundo do que simplesmente “inteligência” ou “conhecimento”. Na Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, o presidente Ikeda afirma que, em essência, sabedoria significa ter um “coração magnânimo”, isto é, humanidade e caráter sustentados pela força, amplitude e profundidade de espírito. Em um trecho da Preleção consta: “No budismo, fé significa ter um coração límpido, flexível e aberto. Fé é a função da vida humana que dispersa as nuvens escuras da dúvida, da angústia e do arrependimento e direciona o coração a algo grandioso.” Exemplificando, uma pessoa de fé é aquela que jamais se desespera e que cultiva uma verdadeira personalidade e estabilidade emocional em todos os momentos da vida, mesmo diante de uma grande dificuldade. A fé se transforma em sabedoria, por exemplo na busca de novas alternativas, não importando quantas vezes tenha tentado. Portanto, a fé nos torna pessoas alegres e persistentes e a sabedoria nos proporciona a melhor maneira de manifestar essas reações adquiridas pela fé.

3) Em termos práticos, como podemos cultivar a fé?

No budismo, quando nos referimos à fé, é muito importante não esquecer o princípio de “fé, prática e estudo”. Se possuímos a fé, mas não temos a prática, como poderemos comprovar sua veracidade? Da mesma forma, se possuímos a prática e não temos o estudo, não conseguiremos entender o porquê de muitas situações que passamos na vida. E se possuímos o estudo, mas não acreditamos (não temos a fé) na filosofia, como podemos praticar? Nesse caso, o estudo do budismo é fundamental para entender os fatos do dia-a-dia. Além disso, o estudo fortalece a fé, e é ela que faz com que realizemos uma prática correta. Em resumo, somente por meio da fé, da prática e do estudo que podemos adquirir a verdadeira sabedoria.

Fontes de consulta: A Grande Correnteza para a Paz, vol. 4, pág. 178. Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, págs. 53-61.

# Transformando a fé em sabedoria (ishin daiê) (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1710, 09/08/2003, página A5.)

4) Na parte inicial do Gongyo há uma citação referente à sabedoria do Buda. O que isso significa?

Essa parte é a frase “Niji sesson. Ju sanmai. Anjo ni ki...”, do capítulo Hoben (Meios) do Sutra de Lótus, e significa: “Nesse momento, o Buda levantou-se serenamente de sua meditação e dirigiu-se a Sharihotsu dizendo: ‘A sabedoria dos budas é infinitamente profunda e imensurável. O portal dessa sabedoria é difícil de compreender e de transpor. Nenhum dos homens de Erudição ou de Absorção é capaz de compreendê-la.’” Trata-se da afirmação do Buda Sakyamuni de que mesmo Sharihotsu, com sua insuperável sabedoria, não poderia compreender a sabedoria do Buda. Na Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, o presidente Ikeda explica o significado desse trecho sob o ponto de vista do Budismo de Nitiren Daishonin, mencionando a seguinte explanação do presidente Toda: “O trecho ‘a sabedoria dos budas é infinitamente profunda e imensurável’ significa que a sabedoria do Nam-myoho-rengue-kyo é infinitamente profunda e imensurável. A passagem ‘o portal dessa sabedoria é difícil de compreender e de transpor’ refere-se ao ‘portal da fé’ no Gohonzon. Transformando a fé em sabedoria, podemos entrar pelo ‘portal dessa sabedoria’. Esse portal é ‘difícil de compreender e de transpor’.” O presidente Ikeda complementa ainda: “Se acreditamos no Gohonzon e nos dedicamos à prática e ao estudo como Nitiren Daishonin ensina, então, de acordo com o princípio de ‘transformar fé em sabedoria’, podemos desenvolver um estado de vida de suprema felicidade. Eis o significado de transpor o ‘portal da fé’ para avançar ao longo do caminho da realização do estado de Buda nesta existência.”

5) A sabedoria é um fator fundamental para a vitória?

Em uma orientação, o presidente Ikeda cita um conto no qual a seguinte questão é levantada: “Boa sorte, prosperidade ou sabedoria: qual é a mais forte?” Esse conto diz: “Há muito tempo, três amigas, a Prosperidade, a Boa Sorte e a Sabedoria, decidiram verificar qual era a mais forte. Cada uma das três achava que era a mais forte e que, sem elas, as outras eram inúteis. Assim, elas concederam a prosperidade a um jovem fazendeiro; concederam-lhe então a boa sorte. Porém, sem a sabedoria, o fazendeiro foi incapaz de fazer uso da prosperidade e da boa sorte que recebeu. No final ele perdeu tudo. Então, a Prosperidade e a Boa Sorte foram forçadas a admitir que haviam perdido e a Sabedoria declarou vitória. E daquele dia em diante as pessoas citam o provérbio: ‘Sem sabedoria não pode haver prosperidade nem boa sorte.’” (A Grande Correnteza para a Paz, vol. 4, pág. 178.)

6) Como manifestar essa sabedoria no dia-a-dia?

Por exemplo, no momento em que enfrentamos sérios problemas, aparentemente insolúveis, sentindo-nos num verdadeiro beco sem saída, ao recitarmos Daimoku com uma inabalável determinação, podemos nos tornar pessoas fortes, manifestando a sabedoria para visualizar um caminho que solucione esses problemas. Além disso, com sabedoria enxergamos as dificuldades como oportunidades para transformar o mau carma de nossa vida. Assim, quando uma pessoa manifesta a sabedoria por meio da fé, torna-se inabalável diante de quaisquer adversidades e capaz de ultrapassá-las com otimismo e esperança. Enfim, com base no princípio “ishin daiê”, vamos nos empenhar para sermos pessoas sábias, tendo como base a prática budista para realizarmos nossa revolução humana.

Fontes de consulta: A Grande Correnteza para a Paz, vol. 4, pág. 178. Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, págs. 53-61.

# Transformando a fé em sabedoria (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1799, 11/06/2005, página A7.)

A Sabedoria do Buda (2a e última parte)

Pergunta: Como podemos evidenciar a sabedoria do Buda?

Resposta: Os ensinamentos contidos no Sutra de Lótus deixam claro que todos os seres humanos possuem potencialmente a “sabedoria do Buda”. Portanto, a “sabedoria do Buda” não é algo exclusivo a um ou outro “Buda” mas pode ser manifestada por qualquer pessoa por meio da fé. Trata-se do princípio budista de “transformar a fé em sabedoria”.

Analisando os Dez Estados de Vida, podemos entender que o estado de Buda é a condição que podemos alcançar quando se obtém a sabedoria para compreender a realidade máxima da própria vida, a infinita benevolência para direcionar constantemente as atividades para objetivos nobres. O estado de Buda é o estado ideal que pode ser atingido por meio da prática budista. Em outras palavras, o estado de Buda manifesta-se na vida diária como as ações de um bodhisattva — boas ações ou atos benevolentes.

O presidente Ikeda afirma: “A sabedoria do Buda que somente pode ser compreendida e compartilhada entre os budas é a essência real de todos os fenômenos, e a essência real consiste especificamente dos Dez Fatores: aparência, natureza, entidade, poder, influência, causa interna, relação, efeito latente, efeito manifesto e consistência do início ao fim. A frase “todos os fenômenos” indica a vida nos Dez Mundos (shoho, em japonês) e seu ambiente (eho), ou todos os seres vivos e o ambiente no qual habitam. Em outras palavras, refere-se à natureza, à todas as coisas e fenômenos. A essência real, assim como indica o termo, significa a realidade exatamente como ela é. A essência real de todos os fenômenos pode ser considerada como a verdade clara e sem disfarces de todas as coisas. Assim, a resolução de problemas e conflitos crônicos da sociedade certamente pode ser alcançada a partir da elevação do estado de vida e da compreensão clara da essência desses fatos.” (Terceira Civilização, edição no 431, julho de 2004, pág. 13.)

Em suma, acreditar no Gohonzon e dedicar-se à prática e ao estudo, tal como Nitiren Daishonin nos ensina, é o caminho para evidenciar a sabedoria do Buda inerente em nossa própria vida. No dia-a-dia, é natural que surjam diversos problemas e dificuldades em nossa vida. Porém, seja quais forem as circunstâncias, não devemos nos esquecer de que a sabedoria do buda manifesta-se por meio da fé, isto é, da recitação do Nam-myoho-rengue-kyo. No escrito “A felicidade neste mundo”, consta: “Considere tanto o sofrimento e a alegria como fatos da vida e continue orando o Nam-myoho-rengue-kyo, não obstante o que aconteça. (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. III, pág. 199.)

Assim, a cada momento vamos nos empenhar na prática da fé e evidenciar a sabedoria do Buda para que possamos realizar a revolução humana e conduzir nossa vida rumo à máxima felicidade.

Referência:  Preleção dos capítulos Hoben e Juryo.

# Dez Fatores da Vida (junyoze) (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1711, 16/08/2003, página A5.)

1) Quando recitamos o Gongyo, repetimos três vezes o trecho final do capítulo Hoben — “Sho-i-sho-ho. Nyo-ze-so. Nyo-ze-sho... Nyo-ze-hon-ma-ku-kyo-to” —, por quê?

Nesse trecho, o Buda Sakyamuni expõe “a essência real de todos os fenômenos” e os “Dez Fatores da Vida” (junyoze). Podemos dizer que essa é a parte mais importante do capítulo Hoben (Meios) do Sutra de Lótus, e explica que todos os fenômenos e toda a vida existente no Universo manifestam os Dez Fatores, que são: 1) Aparência (Nyo-ze-so), 2) Natureza (Nyo-ze-sho), 3) Entidade (Nyo-ze-tai), 4) Poder (Nyo-ze-riki), 5) Influência (Nyo-ze-sa), 6) Causa interna (Nyo-ze-in), 7) Relação (Nyo-ze-en), 8) Efeito latente (Nyo-ze-ka), 9) Efeito manifesto (Nyo-ze-ho) e 10) Consistência do início ao fim (Nyo-ze-hon-ma-ku-kyo-to). O fato de recitarmos três vezes está baseado em uma declaração do Buda Original na escritura “A Doutrina de Itinen Sanzen”, conforme explana o presidente Ikeda na Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo (pág. 129). Ler os Dez Fatores três vezes significa manifestar as três verdades da não-substancialidade, da existência temporária e do Caminho Médio em nossa vida. Significa também manifestar as três propriedades iluminadas do Buda, isto é, a propriedade da Lei, da Sabedoria e da Benevolência. Além disso, Nitiren Daishonin declarou: “Há maior benefício em ler três vezes (essa passagem).” O presidente Ikeda complementa então na Preleção: “Em síntese, lemos o trecho três vezes para proclamar que nossa vida é a de um nobre Buda e para aumentar os benefícios da fé.”

2) Poderia explicar melhor cada um dos dez fatores?

A aparência, a natureza e a entidade descrevem a composição essencial de todos os fenômenos da vida do ponto de vista estático. Resumidamente, a “aparência” indica os atributos externos da vida que podemos perceber ou observar, tais como a cor e a forma. A “natureza” se refere ao aspecto espiritual da vida, isto é, às características que não podem ser vistas externamente, como a mente e a consciência. A “entidade” é a essência da vida que permeia e integra a “aparência” e a “natureza”.

Já o poder, a influência, a causa interna, a relação, o efeito latente e o efeito manifesto analisam o modo como operam todos os fenômenos, ou seja, explicam as ações e funções da vida do ponto de vista dinâmico. O “poder” indica a capacidade de agir ou a energia inerente que todos possuem. A “influência” é a ação dirigida ao exterior. A “causa interna” é a causa direta, inerente à vida, que produz um efeito correspondente. A “relação”, também chamada de “causa externa”, indica as diversas condições indiretas que ativam a causa interna para produzir seus efeitos. Assim, quando a “causa interna” é submetida a condições propícias da “relação”, produz efeitos nas profundezas da vida. Esses efeitos correspondem ao “efeito latente”. O “efeito manifesto” é a manifestação em forma de resultado concreto e perceptível do “efeito latente”. E, finalmente, a “consistência do início ao fim” indica a perfeita integração ou a coerência que existe entre esses nove fatores em cada momento da vida.

Fontes de consulta: Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, págs. 118-136. Terceira Civilização, edição no 320, abril de 1995, págs. 22-23. Brasil Seikyo, edição no 1.352, 27 de janeiro de 1996, págs. 3-4.

# Dez Fatores da Vida (junyoze) (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1712, 23/08/2003, página A5.)

3) Todas as pessoas possuem os Dez Fatores da Vida?

Todos nós, sem exceção, vivemos dentro da estrutura dos Dez Fatores da Vida. Ninguém poderia dizer que não possui “aparência”, pois se assim fosse, estaríamos diante de uma pessoa invisível. Da mesma forma, ninguém poderia afirmar não ter personalidade, nem energia, ou que não desempenha nenhuma atividade, por menor que seja. Tampouco poderia existir uma situação em que a “aparência” correspondesse a uma pessoa, a “natureza” a outra e a “entidade” a uma terceira pessoa, pois há uma consistência entre todos esses fatores que juntos formam a totalidade de cada indivíduo.

4) Os Dez Fatores se aplicam somente aos seres humanos?

Não. As flores, por exemplo, possuem “aparência”, “natureza” e “entidade” da beleza; “poder”, “influência”, “causa interna”, “relação”, “efeito latente”, “efeito manifesto” e também a ‘consistência do início ao fim’, pois todos esses fatores estão integrados de forma coerente com a vida de uma flor. Até mesmo a objetos sem vida, como a rocha, o céu, a Lua, as estrelas, o Sol, as casas, os carros, os móveis e os utensílios, pode-se aplicar este conceito. Conforme explanação do presidente Ikeda na Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, a “Essência Real dos Dez Fatores” existe no ambiente (sociedade), da mesma forma que ocorre em nossa vida e em nosso dia-a-dia. Enfim, os Dez Fatores descrevem a composição de todas as formas de vida e fenômenos existentes no Universo.

5) Como podemos, então, aplicar o conceito da “Essência Real dos Dez Fatores” na vida diária?

Na Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, o presidente Ikeda escreve: “Muitos fatos ocorrem sucessivamente no curso da vida. Há sofrimentos e alegrias, ventos favoráveis e desfavoráveis. Todos esses fenômenos oferecem oportunidades para fazermos brilhar em nossa vida a ‘essência real’ do estado de Buda. Podemos usar tudo o que nos ocorre para expandir nossa felicidade. Isso é o que significa conduzir uma vida iluminada pela sabedoria da ‘Essência Real de Todos os Fenômenos’.”

Diariamente, ao realizarmos o Gongyo, recitando o trecho do capítulo Hoben — “Sho-i-sho-ho... Nyo-ze-hon-maku-kyo-to — estamos louvando a natureza do Buda inerente em nossa vida, assim como na de todas as outras pessoas. Portanto, com a plena convicção de que possuímos esse infinito potencial inerente, vamos nos esforçar para manifestá-lo, superando todos os tipos de circunstâncias. O presidente Ikeda traduz esta mensagem do capítulo Hoben em uma única frase: “Faça com que o Sol do estado de Buda desponte em seu coração.”

Fontes de consulta: Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, págs. 118-136. Terceira Civilização, edição no 320, abril de 1995, págs. 22-23. Brasil Seikyo, edição no 1.352, 27 de janeiro de 1996, págs. 3-4.

# Amenizar o efeito cármico (tenju kyoju) (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1713, 30/08/2003, página A5.)

1) Qual o significado do princípio budista tenju kyoju?

Literalmente, significa “amenizar o efeito cármico”. Trata-se do princípio de que uma pessoa pode experimentar os efeitos do mau carma do passado de uma forma mais amena por meio da fé e da prática budista.

De acordo com o budismo, os sofrimentos vividos por uma pessoa no presente são conseqüências de ações do passado, isto é, das causas acumuladas, que originaram o carma. Assim, todas as pessoas estão sujeitas às más causas anteriores, criadas tanto nesta como em existências passadas, gerando diversos sofrimentos. Entretanto, com a fé e a prática do Budismo Nitiren, que ensina a mais elevada lei da vida, as pessoas tendem naturalmente a criar cada vez menos causas negativas e mais causas positivas, amenizando assim os efeitos do mau carma.

Em relação ao carma, o presidente Ikeda escreveu na Nova Revolução Humana: “Baseado na lei de causa e efeito que permeia as três existências — passado, presente e futuro —, o budismo revela a causa fundamental do carma e indica o caminho da transformação do destino. O que o budismo expõe então a respeito de como o carma é formado? Ele não foi criado por uma outra pessoa; é algo que nós próprios criamos em nossas existências passadas. Embora seja um pouco mais difícil de entender, o carma é formado pelo acúmulo de atos praticados pelo nosso corpo, boca e mente. Isso refere-se às atuações do nosso corpo, às palavras ditas por nossa boca e às ações de nossa mente e pensamento. Por exemplo, as ações de enganar as pessoas e torná-las infelizes ou de tirar a vida são causas que formam o carma negativo.” (Nova Revolução Humana, vol. 3, pág. 34.)

2) Como podemos identificar nosso carma?

Como mortais comuns, julgamos ser impossível saber o mau carma que criamos no passado. Porém, quando praticamos o budismo e defrontamos com várias dificuldades, compreendemos o mau carma criado no passado. Isso é como compreender como nosso quarto estava sujo quando o limpamos. A prática da fé pode ser comparada a esse trabalho de limpeza aplicado à nossa vida, envolvendo laboriosas tarefas para remover o mau carma, fazendo com que a natureza de Buda resplandeça brilhantemente.

Dessa forma, amenizar o efeito cármico refere-se ao processo em que, por meio da recitação do Daimoku ao Gohonzon, reduzimos a intensidade desses efeitos negativos e desagradáveis. Como o Nam-myoho-rengue-kyo é a própria lei do Universo, sua recitação se torna uma causa positiva de tão grande poder e magnitude que supera qualquer outra causa negativa. Se compararmos nossa vida a um balanço de lucros e perdas, a recitação sincera do Daimoku equivaleria ao ato de saldar uma dívida com o pagamento de um valor muito mais elevado.

Fontes de pesquisa: Explanação das Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. 2, págs. 87-97. Guia Prático do Budismo.

Nova Revolução Humana, vol. 3.

# Amenizar o efeito cármico (tenju kyoju) (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1714, 06/09/2003, página A5.)

3) É possível perceber que estamos amenizando o carma negativo?

Perceber o processo de amenizar o efeito cármico exige sabedoria e paciência. Os fatos estão naturalmente abertos a um grande número de interpretações. No final, o significado dos acontecimentos da vida depende do ponto de vista da pessoa que o enfrenta e, acima de tudo, da maneira como o encara. Por isso, torna-se vital recitar Daimoku para avaliar corretamente os fatos e, principalmente, canalizá-los com esperança e otimismo rumo à transformação do carma negativo.

Outro ponto importante é saber analisar os detalhes ao longo do tempo e não somente avaliar uma situação isolada, de forma precipitada, em um determinado momento da vida.

Enfim, a felicidade ou a infelicidade depende fundamentalmente da determinação da fé que mantivermos. Se orarmos ao Gohonzon e produzirmos a força vital do Nam-myoho-rengue-kyo, que é a lei eterna do Universo, poderemos transformar sem falta qualquer carma.

4) Qual a importância de se amenizar o efeito cármico na presente existência?

Na escritura “Amenizar o Efeito Cármico”, o Buda Original Nitiren Daishonin afirma: “O Sutra do Nirvana ensina o princípio ‘tenju kyoju’, que significa ‘amenizar o efeito cármico’. Se o mau carma do passado de uma pessoa não for expiado nesta existência, ela deverá passar pelos sofrimentos do inferno no futuro. Mas, se experimentar extremas privações nesta existência por causa do Sutra de Lótus, os sofrimentos do inferno dissipar-se-ão instantaneamente. Quando morrer, obterá os benefícios da Alegria e Tranqüilidade, assim como os dos Três Veículos e os do Supremo Veículo.” (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. 1, pág. 233.) Assim, Daishonin esclarece a importância de transformar o mau carma acumulado desde o passado por meio da prática budista no presente momento.

Na Nova Revolução Humana, o presidente Ikeda escreve: “A causa maior que forma o mais negativo dos carmas é caluniar a Verdadeira Lei sob a influência de falsas religiões, porque isso constitui um ato de oposição à Lei fundamental da vida. Agora, com relação à questão da vida após a morte, a resposta é que a vida funde-se com o grande Universo. O presidente Toda comparou esse estado com o de dormir no final de um dia. O ato de despertar do sono é o início de um novo dia e isso seria comparativamente a existência futura. A vida é, portanto, uma sucessão desses atos. O importante aqui é que o carma não desaparece com a morte e continuará seu curso pela próxima existência. Se uma pessoa morrer em meio a um extremo sofrimento e infortúnio, nascerá no futuro carregando as mesmas dificuldades. Se receber a morte odiando os outros com rancor e repugnância, nascerá num ambiente em que terá de viver detestando as pessoas. Não há como fugir do destino mesmo com a morte. Portanto, não é possível libertar-se dos sofrimentos mesmo que se cometa suicídio.” (Nova Revolução Humana, vol. 3, pág. 34.)

Por fim, lembremo-nos constantemente de que, mais importante do que uma análise correta sobre o carma, é sabermos como mudá-lo de forma concreta. O budismo ensina exatamente o modo prático para transformá-lo positivamente.

Fontes de pesquisa: Explanação das Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. 2, págs. 87-97. Guia Prático do Budismo.

Nova Revolução Humana, vol. 3.

# O espírito de dedicar a própria vida (fu-ji-shaku-shin-myo) (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1715, 13/09/2003, página A5.)

1) Qual o significado da passagem fu-ji-shaku-shin-myo do Sutra de Lótus?

Essa passagem aparece no capítulo Juryo que recitamos diariamente no Gongyo. Literalmente, significa “não hesitar mesmo que isso custe a própria vida” ou “não poupar a própria vida”, e está inserida na frase “Quando ver o Buda é seu único pensamento, não hesitando mesmo que isso custe a própria vida.” (I-shin-yo-ken-butsu. Fu-ji-shaku-shin-myo.) É, portanto, uma frase que ensina a atitude correta da fé, de querer, do fundo do coração, ver o Buda, não poupando a própria vida. Em outras palavras, este termo indica uma prática corajosa e incansável, com o mais elevado espírito de procura.

2) Poderia discorrer sobre personagens citados nos sutras que exemplificam este espírito?

Em diversas escrituras, Nitiren Daishonin, o Buda Original dos Últimos Dias da Lei, cita os personagens Sessen Doji (Menino das Montanhas Nevadas) e Bodhisattva Yakuo (Rei dos Remédios) como exemplos do espírito de dedicar a própria vida. Na “Carta a Myoiti-Ama”, por exemplo, Daishonin escreveu a seguinte passagem quando do falecimento de seu marido: “Seu marido devotou a vida ao Sutra de Lótus... É certo que seu falecido marido receberá os mesmos benefícios que Sessen Doji e o Bodhisattva Yakuo. Seja nas órbitas do Sol e da Lua, ele observará sua esposa e seus filhos no espelho do céu durante as vinte e quatro horas do dia. Como a senhora e seus filhos são mortais comuns, não poderão vê-lo nem ouvi-lo, da mesma forma como o surdo não pode ouvir o trovão nem o cego ver o Sol. Por isso, não tenha dúvidas, ele definitivamente protegerá a senhora e, além disso, certamente estará com a senhora o tempo todo.” (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. 1, págs. 336-337.)

De acordo com o Sutra do Nirvana, certa vez, Taishaku, um dos deuses budistas, disfarçado de demônio, recitou a metade de um verso budista. Sessen Doji, ao ouvir essa metade do verso, desejou ardentemente ouvir o restante. Então, ofereceu seu corpo ao demônio em troca para ouvir a última metade do verso. Ao ouvir a segunda metade, Sessen Doji gravou o verso budista nas pedras e nas árvores ao seu redor e, em seguida, entregou seu corpo ao demônio. Diz-se que nesse momento o demônio retomou a sua identidade original de Taishaku e elogiou a atitude de Sessen Doji de dedicar a própria vida, afirmando que, no futuro, certamente atingiria a iluminação. Em relação ao Bodhisattva Yakuo, o capítulo Yakuo (23o, “Rei dos Remédios”) do Sutra de Lótus descreve sua iluminação em corpo e mente por meio de suas práticas austeras em uma existência passada. Então, por gratidão, o Bodhisattva Yakuo ofereceu luz ao Buda queimando seu próprio cotovelo.

Fonte de consultas: Preleção dos Capítulos Hoben Juryo, págs. 285-287.

# O espírito de dedicar a própria vida (fu-ji-shaku-shin-myo) (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1716, 20/09/2003, página A5.)

3) Em termos práticos, como podemos manifestar o espírito de dedicar a própria vida?

Embora os exemplos citados nos ensinos budistas provisórios, tais como o de Sessen Doji, refiram-se a atitudes de se dedicar literalmente a vida, o espírito de Fu-ji-shaku-shin-myo, à luz do Budismo de Nitiren Daishonin não significa que devemos menosprezar ou negligenciar a vida. Sobre isso, o presidente Ikeda explana na Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo: "A expressão 'não hesitando mesmo que isso custe a própria vida' não significa que devemos menosprezar a vida. Quem vê a vida com essa frieza está contrariando o espírito fundamental do Sutra de Lótus. O verdadeiro significado dessa passagem é que devemos superar o apego egoístico ao 'eu inferior' e, em vez disso, embasar nossa vida no 'eu superior' de verdadeira nobreza e dignidade. O real significado de 'não hesitando mesmo que isso custe a própria vida' é que devemos nos empenhar para dar máxima expressão ao potencial que possuímos, enquanto habitamos este mundo real baseando-nos firmemente na Lei Mística." (Pág. 286.)

Portanto, jamais devemos colocar nossa vida em risco desnecessário. Por exemplo, ao participarmos nas atividades da organização, é importante tomarmos o máximo cuidado ao retornar para casa, pois, caso contrário, estaríamos sendo negligentes com nossa própria vida. Em uma orientação, o presidente Ikeda afirma: "Em um Gosho, Daishonin diz: 'A proteção dos deuses depende da força da fé.' (The Writings of Nichiren Daishonin, pág. 953) Se baixarmos a guarda, até mesmo os deuses budistas vão nos abandonar. A negligência é um grande inimigo. Nós devemos evitá-la a todo custo." (Brasil Seikyo, edição no 1.615, 11 de agosto de 2001, pág. A3.)

O espírito de "não hesitando mesmo que isso custe a própria vida" é, enfim, superar as questões internas e dedicar-se em prol do Kossen-rufu, manifestando o mais sincero espírito de procura e buscando o constante autoaprimoramento, isto é, a própria revolução humana.

4) Em que tipo de ação está contido este espírito?

Este espírito é claramente manifestado quando dedicamos nossa vida pela felicidade de outras pessoas, na concretização do Kossen-rufu. Em uma orientação, o presidente Ikeda diz: "Um dos escritos de Daishonin que lemos incontáveis vezes também diz: 'Não desperdice sua vida em vão para depois lamentar-se pelos dez mil anos seguintes.' Mas o que significa não desperdiçar a vida? De acordo com minha firme convicção, significa dedicar a vida a cumprir o juramento de mestre e discípulo, concretizando o Kossen-rufu, que resulta diretamente na paz mundial." (Brasil Seikyo, 10 de maio de 2003, edição no 1.699, pág. A3.)

Fontes de consulta: Preleção dos Capítulos Hoben Juryo, págs. 285-287.

# Nove consciências (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1717, 27/09/2003, página A5.)

1) O que são as nove consciências?

O budismo identifica nove tipos de funções espirituais de percepção, denominadas nove consciências. Os cinco primeiros tipos são percepções sensoriais obtidas diretamente pelos cinco órgãos dos sentidos: visão, audição, olfato, paladar e tato. Da sexta à nona consciência estão as funções perceptivas da mente. A sexta consciência é o poder que integra os cincos sentidos e faz um julgamento de forma inclusiva. Por exemplo, diante de um objeto bonito, mas de péssimo odor, temos a tendência de rejeitá-lo imediatamente. A sétima, denominada manas em sâncrito, representa o poder do pensamento. Em vez de criar um julgamento sobre o que foi percebido pelos cinco sentidos, nessa consciência procuramos encontrar uma certa ordem à luz das experiências vividas e das circunstâncias externas. Em outras palavras, é nessa consciência que existe a manifestação da razão, que é característica apenas dos seres humanos. Como resultado dessa consciência, manifestam-se os valores, conceitos e princípios que herdamos de outras pessoas, como nossos ancestrais, e o que aprendemos no dia-a-dia ou desenvolvemos pela busca de conhecimentos. Assim, por meio dessa consciência, manifesta-se a característica do ego, da discriminação, do auto-apego etc.

A oitava consciência é chamada de alaya, em sâncrito, e corresponder ao que a psicologia moderna denomina de inconsciente. Na consciência alaya, que significa repositório em sânscrito, acumulam-se todas as experiências vividas na forma de ações, pensamentos e palavras, do passado ao presente, ou seja, o carma. Dessa forma, mesmo que uma pessoa não se lembre do que fez em um passado próximo ou distante, tudo fica registrado nessa consciência e, de acordo com a lei da causalidade, não pode escapar da manifestação dos efeitos de todas as causas acumuladas.

Por fim, a nona consciência, denominada amala em sânscrito, significa imaculada. Ela encontra-se na parte mais profunda da vida humana, livre das impurezas que o indivíduo possa trazer como resultado de suas ações passadas e acumuladas na oitava consciência. Nitiren Daishonin elucida essa nona consciência como sendo o próprio estado de Buda, que se estende eternamente do infinito passado ao infinito futuro na vida de todas as pessoas.

Fontes de consulta: Fundamentos do Budismo. Terceira Civilização, edições nos 420 e 421, agosto e setembro de 2003.

# Nove consciências (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1718, 04/10/2003, página A4.)

2) De forma prática, como se manifestam as nove consciências no dia-a-dia?

Vejamos uma situação onde há um problema de relacionamento entre duas pessoas. Via de regra, nesse tipo de situação, cada uma das envolvidas analisa os fatos de acordo com sua conveniência e razão, convencendo-se plenamente de que a outra está errada. Assim, reage negativamente, com desrespeito, ofensa, agressão etc. Essas atitudes, muitas vezes, são decorrentes apenas de um julgamento ao nível da sexta consciência, isto é, a pessoa cria uma antipatia meramente pelo o que os seus cinco sentidos tenham captado, antes de uma análise racional no âmbito da sétima consciência. Porém, na maioria das vezes, um julgamento racional baseado em acontecimentos anteriores, isto é, a sétima consciência, acaba criando uma reação negativa. Em qualquer desses casos, as correspondentes ações, palavras e pensamentos resultantes acumulam-se na oitava consciência, na forma de carma negativo. E, dessa forma, cria-se um ciclo vicioso e negativo, alimentando cada vez mais causas negativas. Contudo, o que o budismo ensina é que no âmbito mais profundo de nossa vida se encontra a consciência amala, imaculada e límpida. Se analisarmos o problema com base nela, poderemos então mudar nosso comportamento, tendo uma conduta mais compreensiva, tolerante e até mesmo de gratidão com as pessoas.

3) Como adquirir forças para manifestar essa compreensão em meio às duras circunstâncias diárias?

Foi justamente para isso que o Buda Original revelou a Lei fundamental da vida, o Nam-myoho-rengue-kyo. Com a sincera recitação do Daimoku, pode-se manifestar coragem e convicção, que proporciona o desenvolvimento do estado de Buda. Assim, desenvolve-se a capacidade e sabedoria para conduzir a vida de forma segura, equilibrada e correta. Na escritura “Resposta à Dama Nitinyo”, Nitiren Daishonin afirma: “Nunca procure o Gohonzon em outros lugares. Ele somente pode habitar o coração das pessoas comuns como nós, que abraçamos o Sutra de Lótus e recitamos o Nam-myoho-rengue-kyo. O corpo é o palácio da nona consciência, a entidade que fundamentalmente reina sobre todas as funções espirituais do homem.” (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. 1, pág. 325.)

4) Há uma relação entre as nove consciências e os dez estados de vida?

Como citado no início, as nove consciências são funções espirituais de percepção. Nesse sentido, quanto mais se eleva o estado de vida, mais se aprofunda a correta percepção e compreensão dos fenômenos da vida. Assim, uma pessoa que vive no ciclo dos seis estados inferiores — Inferno, Fome, Animalidade, Ira, Tranqüilidade e Alegria — tem a característica de percepção da vida conforme as seis primeiras consciências. Já os estados de Erudição e Absorção, isto é, os dois veículos, estão relacionados com as percepções da sétima consciência. O estado de Bodhisattva caracteriza-se pela elevada capacidade do ser humano de perceber a vida pela oitava consciência. Por fim, o estado de Buda é a própria nona consciência conforme descreveu o Buda Original Nitiren Daishonin.

Fontes de consulta: Fundamentos do Budismo. Terceira Civilização, edições nos 420 e 421, agosto e setembro de 2003.

# Preceito da adaptação a costumes locais (zuiho bini) (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1719, 11/10/2003, página A5.)

1) O que significa zuiho bini?

Esse princípio budista significa praticar o budismo de acordo com a condição e a cultura do local sem perder sua essência. Refere-se às tradições e formalidades budistas criadas e aplicadas pelo próprio homem em respeito e agradecimento aos benefícios da prática da fé. Na escritura "A recitação dos capítulos Meios e Revelação da Vida Eterna do Buda", Nitiren Daishonin afirma: "Quando examinamos cuidadosamente os sutras e tratados, constatamos a existência de um princípio conhecido como 'seguir os costumes da região' que diz respeito a isso. Esse preceito significa que, enquanto não implicar em nenhum ato ofensivo, então mesmo que se tenha de adaptar um pouco os ensinos budistas, é melhor evitar ir contra os hábitos e costumes do país. Este é um preceito exposto pelo Buda." (Os Escritos de Nitiren Daishonin, vol. 1, pág. 183.) Portanto, nas questões em que o Buda não tenha proibido expressamente, pode-se agir de acordo com o costume local, desde que o espírito fundamental do budismo não seja violado.

2) Poderia então dar alguns exemplos da aplicação prática do princípio de zuiho bini?

Devido a sua própria origem, as tradições e as formalidades budistas foram fortemente influenciadas pela cultura oriental principalmente da Índia, China e Japão. Mesmo as diversas formas de oferecimentos ao Gohonzon, como a água, as folhas verdes (shikimi), as velas, o incenso, o sino e outros, são oriundos de tradições daqueles países. Por isso, a utilização, por exemplo, da "vela elétrica" em locais onde há risco de incêndio ou de folhas verdes artificiais que não atraem insetos, nos dias atuais, são perfeitamente válidos. Desnecessário dizer que a questão fundamental é a sinceridade do espírito de doação repleto de fé e de gratidão que manifestamos perante o Gohonzon.

Um outro exemplo é em relação à forma de se sentar diante do Gohonzon durante a prática diária do Gongyo e do Daimoku. Embora hoje nos pareça mais do que natural sentarmos na cadeira para realizarmos a prática, por ocasião de sua primeira viagem ao exterior para a propagação do budismo, em outubro de 1960, o presidente Ikeda já manifestava este tipo de preocupação com base no princípio de zuiho bini, conforme descreve no capítulo "Alvorecer" da Nova Revolução Humana:

"Kiyoshi Jujo comentou:

"— A diferença nos hábitos e costumes é uma questão a ser pensada seriamente. Por exemplo, eu acho que sentar ao estilo japonês na hora de realizar o Gongyo é um sofrimento para os estrangeiros. Além disso, quase todas as residências aqui da América têm piso de madeira. Será que o modo de se sentar não pode ser mudado?

"Shin-iti Yamamoto respondeu de imediato:

"— Sim, obviamente. Precisamos pensar também na questão de realizar o Gongyo sentado na cadeira. Para quem não está acostumado a ficar de joelhos, com certeza é um sofrimento terrível que pode ser até uma tortura. Desse jeito, mesmo recitando o Gongyo, não é possível sentir alegria. Por isso, o budismo ensina o princípio de zuiho bini. Isto quer dizer que, desde que se mantenha fiel ao princípio do Budismo de Nitiren Daishonin que é a fé no Gohonzon, a forma como propagá-lo e ensiná-lo pode ser adaptada aos costumes e hábitos de cada localidade e de acordo com as características e tendências da época." (Vol. 1, pág. 24.)

Fontes de consulta: Nova Revolução Humana, vol. 1. Terceira Civilização, edição no 413, janeiro de 2003, pág. 22.

# Preceito da adaptação a costumes locais (zuiho bini) (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1721, 25/10/2003, página A5.)

3) Então, o princípio de zuiho bini é bastante importante para a aceitação do Budismo de Nitiren Daishonin em diversos países?

A importância desse princípio é atestada mesmo na história da propagação do Budismo de Sakyamuni. Muitos anos após sua morte, a ordem budista dividiu-se em diversas correntes, nas quais as principais eram o Mahayana (composto por monges progressistas) e o Hinayana (composto por monges conservadores). A corrente Mahayana que, partindo da Índia, percorreu o norte da Ásia, chegando à China, Coréia e Japão, incorporou a cultura dos costumes locais, evoluindo com o tempo e tornando-se acessível às pessoas; em contrapartida, a corrente Hinayana, que se propagou pelo sudeste da Ásia, manteve as práticas budistas primitivas como austeridades e meditações, perdendo sua força com o tempo.

No caso do Budismo de Nitiren Daishonin, como vertente do budismo Mahayana, tornou-se universal, sem perder a essência do Sutra de Lótus e sendo fundamentado na própria realidade.

A propagação do Budismo de Nitiren Daishonin em escala mundial, iniciada pelo presidente Ikeda em 1960 e presente hoje em 186 países e territórios, certamente se deveu à aplicação prática do princípio de zuiho bini, tornando-o acessível e compreensível a todas as pessoas, respeitando as culturas, tradições e hábitos de cada localidade.

4) O princípio de zuiho bini influencia a forma de realização das atividades da organização?

Sim. As atividades promovidas pela SGI em cada país levam em conta sua cultura e seus costumes, sem, contudo, perder a essência do Budismo de Nitiren Daishonin em conduzir as pessoas à felicidade absoluta, isto é, ao caminho da iluminação ou do estado de Buda por meio da recitação do Nam-myoho-rengue-kyo. No capítulo “Alvorecer” da Nova Revolução Humana, o presidente Ikeda afirma: “Meu maior receio é de os dirigentes caírem na inflexibilidade de aplicar o mesmo método de atuação no Japão em todo o mundo, considerando-o como o único e absoluto meio. Isso seria como impor a todas as pessoas do mundo os modos típicos do Japão. Se pensar que essa é a maneira correta de fazer a prática da fé, o budismo será visto como um ensino estreito e limitado. Dessa maneira, em vez de ser budismo, será chamado de ‘religião japonesa’. O Budismo de Nitiren Daishonin não é um ensino apenas para os japoneses, é uma religião para toda a humanidade.” (Vol. 1, pág. 25.)

Mesmo a atual forma da realização do Gongyo, constituída da recitação do capítulo Hoben e do trecho Jigague do capítulo Juryo do Sutra de Lótus, adotada pelos membros da SGI, é um exemplo da aplicação do princípio de zuiho bini a um aspecto que se enquadra como kegui (formalidades da doutrina) da prática budista.

Vale lembrar que o budismo expõe os princípios de keho (doutrina) e kegui (formalidades da doutrina). Keho refere-se aos ensinos e às leis expostas no budismo, isto é, seus aspectos imutáveis, enquanto kegui trata das formalidades e cerimônias da prática budista que podem passar por mudanças e adaptações de acordo com a época, as condições de seus praticantes e o estágio do Kossen-rufu.

Enfim, na SGI desenvolve-se a prática do Budismo de Nitiren Daishonin, aplicando o princípio de zuiho bini em conformidade com a própria época e respeitando cada pessoa como um extraordinário valor humano da sociedade.

Fontes de consulta: Nova Revolução Humana, vol. 1. Terceira Civilização, edição no 413, janeiro de 2003, pág. 22.

# Desejos mundanos são iluminação (bonno soku bodai) (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1722, 08/11/2003, página A5.)

1) Qual o significado do princípio budista “desejos mundanos são iluminação” (bonno soku bodai)?

A essência deste princípio pode ser encontrada no Sutra de Lótus. Trata-se de um conceito baseado na visão de que se pode alcançar a iluminação sem eliminar os desejos mundanos. Esta visão é totalmente contrária à do Budismo Hinayana, que pregava a idéia de que a erradicação dos desejos mundanos seria o pré-requisito para se atingir a iluminação.

No Budismo de Nitiren Daishonin, este princípio indica que, com base em sua prática, pode-se transformar os desejos mundanos em iluminação, sem precisar erradicá-los. Na Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, o presidente Ikeda afirma: “Em vez de fazer com que abandonemos nossos desejos mundanos, nossa prática budista possibilita-nos discernir sua verdadeira natureza e utilizá-los como uma força motriz para a felicidade.”

2) O que são os desejos mundanos?

O termo “desejos mundanos” muitas vezes pode ser associado à idéia de imoralidade ou de perversidade. Porém, esta é uma interpretação errada. A palavra “mundano” é utilizada no sentido de algo derivado do “mundo”. Portanto, “desejos mundanos” deve ser entendido como “desejos do mundo” ou como “desejos materiais”. Muitas pessoas almejam um bom emprego, enquanto outras, uma bela casa. Há aquelas que lutam para superar o carma de doença ou para criar um bom relacionamento familiar. Todos estes desejos fazem parte da vida de qualquer pessoa humana e compreendem os desejos mundanos, que evidentemente não podem ser erradicados. Porém, a prática do Budismo de Nitiren Daishonin faz com que estes desejos se transformem em iluminação, isto é, em felicidade.

3) Como transformar os desejos mundanos em iluminação?

O simples fato de possuirmos desejos não significa que estamos automaticamente “iluminados”. A palavra chave para a transformação dos desejos mundanos em iluminação é a recitação do Nam-myoho-rengue-kyo ao Gohonzon. Quando recitamos Daimoku com sincera fé ao Gohonzon, podemos desenvolver o autocontrole para não sermos dominados pelos desejos mundanos, mas sim para que eles se tornem a força propulsora para o próprio crescimento. Na escritura Resposta a Kyo’o, Nitiren Daishonin afirma: “O Nam-myoho-rengue-kyo é como o rugido de um leão. Que doença pode, portanto, ser um obstáculo?” (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. 1, pág. 275.) Assim, quando se fortalece a prática da fé, mesmo uma grave doença deixará de ser um obstáculo para a felicidade. Pelo contrário, poderá se tornar um trampolim para o próprio desenvolvimento. E, naturalmente, essa transformação se aplica não só em relação a uma doença, mas também a outros tipos de problemas, desejos ou sofrimentos inerentes à vida diária. Esta transformação é justamente a aplicação prática do princípio de “desejos mundanos são iluminação”.

Fontes de consulta: Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, págs. 90-91. Terceira Civilização, edição no 341, janeiro de 1997, págs. 24-25.

# Desejos mundanos são iluminação (bonno soku bodai) (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1723, 15/11/2003, página A7.)

4) A transformação dos desejos mundanos em iluminação está associada à elevação do estado de vida?

De fato, quando elevamos nosso estado de vida, os diversos tipos de desejos mundanos, muitas vezes oriundos da nossa própria personalidade, acabam sendo redirecionados para um lado positivo da vida. Por exemplo, uma pessoa fortemente materialista e egoísta que almeja seu enriquecimento mesmo às custas da infelicidade de outros, com a prática da fé ao Gohonzon e a compreensão da profunda filosofia de vida do Verdadeiro Budismo, passa a manifestar um sentimento de se empenhar pela felicidade dos outros e pelo auto-aprimoramento como um valor humano para o Kossen-rufu. Assim, aquele intenso desejo inicial, de caráter puramente egoísta, transforma-se em um forte desejo de se desenvolver para contribuir em prol da felicidade das pessoas, demonstrando e comprovando o caminho da própria revolução humana. O que nos permite elevar o estado de vida são, sem dúvida, os esforços que empreendemos com base na recitação do Gongyo e do Daimoku, pois assim fazemos a causa para manifestar a sabedoria necessária para concretizar nossos objetivos. Na Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, o presidente Ikeda cita as seguintes palavras de seu mestre, o segundo presidente Jossei Toda: “O Gohonzon possibilita-nos perceber nossos apegos a desejos mundanos exatamente como são. Acredito que cada um dos senhores tenha apegos. Eu também tenho. Por termos apegos, podemos conduzir uma vida interessante e significativa. Por exemplo, para ter sucesso nos negócios ou realizar muito Chakubuku, precisamos ter apegos com relação a essas atividades. Nossa fé permite-nos manter esses apegos de forma que não nos façam sofrer. Em vez de sermos controlados pelos apegos, precisamos fazer pleno uso deles a fim de sermos felizes.”

Quando entendemos o princípio de bonno soku bodai, percebemos que da mesma forma que todos os seres humanos buscam seus desejos, todos podem também manifestar o estado de Buda nesta existência.

5) Os desejos e apegos envolvem também a sociedade como um todo?

A existência dos desejos e apegos é uma condição da nossa existência no mundo real. Conseqüentemente, assim como cada um de nós, individualmente, a sociedade como um todo também é regida por desejos e necessidades das mais variadas naturezas. Na obra Escolha a Vida, o presidente Ikeda enfatiza: “É essencial controlar o desejo para que ele possa desempenhar um papel na direção da humanidade, da sociedade e de todo o Universo no caminho da vida criativa. O controle, e não tentativas vãs de extinção, é a maneira certa de lidar com os desejos.” (Pág. 315.) Dessa forma, entendendo melhor o princípio de bonno soku bodai, vamos determinar nossos objetivos baseando-se na prática em primeiro lugar, conscientes de que este esforço influenciará positivamente não apenas nossa vida, mas também toda a sociedade.

Fontes de consulta: Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, págs. 90-91. Terceira Civilização, edição no 341, janeiro de 1997, págs. 24-25.

# Três mil mundos num único momento da vida (itinen sanzen) (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1725, 29/11/2003, página A5.)

1) O que significa itinen sanzen?

A palavra “itinen”, geralmente traduzida como “um único momento da vida” ou “uma existência momentânea da vida”, significa também “uma única mente”, ou “único pensamento”. “Sanzen”, ou literalmente “três mil”, é indicativo de “três mil mundos” ou “três mil domínios”. Assim, itinen sanzen é um princípio filosófico que elucida a vida como uma entidade que contém três mil mundos ou domínios em um único momento.

Esse princípio foi estabelecido por Tient’ai, da China, em sua obra Grande Concentração e Discernimento (Maka Shikan), tendo como base a “essência real de todos os fenômenos” contida no capítulo Meios (Hoben) do Sutra de Lótus. O número “três mil” é resultado do seguinte cálculo: 10 (Dez Mundos, ou Dez Estados de Vida) X 10 (Dez Mundos) X 10 (Dez Fatores) X 3 (Três Domínios da Existência, ou Três Princípios da Individualização). A qualquer momento, a vida manifesta os Dez Mundos, e cada um deles possui o potencial para todos os outros estados, formando a Possessão Mútua dos Dez Mundos, ou seja, 100 (10x10) mundos. Cada um dos cem mundos possui os Dez Fatores, o que leva a um total de 1.000 fatores potenciais que podem operar em um dos Três Domínios da Existência, totalizando 3.000 mundos ou domínios.

Na escritura “O objeto de devoção para a observação da mente”, Nitiren Daishonin escreveu: “No 5o volume do Maka Shikan consta: ‘Uma única entidade de vida está dotada com os Dez Mundos. Cada um dos Dez Mundos está, ao mesmo tempo, dotado com todos os outros, de modo que uma entidade de vida, na realidade, contém uma centena de mundos. Cada um destes mundos, por sua vez, contém trinta domínios, que significa que em uma centena de mundos, há três mil mundos. Os três mil domínios da existência estão todos contidos numa única entidade de vida. Se não há vida, não há domínios, mas, se há vida, ela contém todos os três mil domínios... Ninguém pode compreender a vida sozinha. O ensino último de Tient’ai é para revelar a vida.’”

2) Para entender melhor, quais são os vários princípios contidos no itinen sanzen?

Os Dez Estados de Vida, ou Dez Mundos, são: Inferno, Fome, Animalidade, Ira, Tranqüilidade, Alegria, Erudição, Absorção, Bodhisattva e Estado de Buda. Cada um dos Dez Estados, por sua vez, possui os Dez Estados, constituindo a Possessão Mútua dos Dez Mundos. Em um outro trecho da escritura “O objeto de devoção para a observação da mente”, Nitiren Daishonin afirma: “Quando observamos uma outra pessoa, percebemos que está alegre em um momento e irada no seguinte, calma numa ocasião e avarenta em outra, tola às vezes e perversa em outras. Estar irado é Inferno, estar avarento é Fome, ser tolo é Animalidade, ser perverso é Ira, estar contente é Alegria e estar calmo é Tranqüilidade. Estes mundos, os Seis Caminhos, são claros em sua aparência física. Olhar mais intimamente é também descobrir os remanescentes Quatro Nobres Mundos, mesmo que estejam dormentes.”

Fontes de consulta: Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, págs. 118 a 123. Apostila do Exame de Budismo de 1997, pág. 70. Nova Revolução Humana, volume 1, pág. 178. Brasil Seikyo, edição no 1.605, Caderno de Estudo.

# Três mil mundos num único momento da vida (itinen sanzen) (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1726, 06/12/2003, página A5.)

3) Quais são os Dez Fatores da Vida?

Os Dez Fatores manifestam-se em qualquer um dos Dez Mundos e são: aparência (nyo ze so), natureza (nyo ze sho), entidade (nyo ze tai), poder (nyo ze riki), influência (nyo ze sa), causa interna (nyo ze in), relação (nyo ze en), efeito latente (nyo ze ka), efeito manifesto (nyo ze ho) e consistência do início ao fim (nyo ze honmatsu kukyoto).

Na Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, o presidente Ikeda explana: "Sua própria existência é um 'fenômeno'. Suas feições fisionômicas, postura e assim por diante constituem a 'aparência' do 'fenômeno' que é sua vida. Além disso, o que existe em seu coração, embora invisível aos olhos, tais como traços de sua personalidade — tolerância, impaciência, gentileza e discrição — ou os vários aspectos de seu temperamento, constituem sua 'natureza' (nyo ze sho). Sua totalidade física e espiritual, ou seja, sua 'aparência' (nyo ze so) e sua 'natureza' (nyo ze sho) juntas formam sua 'entidade' (nyo ze tai), a pessoa que você é. Da mesma forma, sua vida tem várias energias ('poder'), e elas produzem várias ações externas ('influência'). Além disso, sua própria vida passa a ser uma causa ('causa interna') que, ativada por condições internas e externas ('relação'), gera mudanças em si mesma ('efeito latente'), e em seu devido momento esses efeitos latentes manifestam-se de forma concreta ('efeito manifesto'). Esses nove fatores também ligam sua vida e seu ambiente sem nenhuma omissão nem inconsistência ('consistência do início ao fim'). Esse é o verdadeiro aspecto dos Dez Fatores de sua vida." (Pág. 119.)

4) Quais são os Três Princípios de Individualização da Vida?

Os Três Princípios de Individualização da Vida, ou Três Domínios da Existência, são:

1) Domínio dos cinco componentes da vida:

· Forma: Indica o aspecto da vida, que possui atributos como forma e cor. Inclui também os órgãos dos cinco sentidos — visão, olfato, audição, paladar e tato — pelos quais percebemos o mundo exterior.

· Percepção: É a função de receber as informações externas pelos seis órgãos sensoriais — os cinco sentidos e a mente, que integram as impressões sensoriais.

· Concepção: Essa é a função pela qual a vida compreende e elabora idéias sobre aquilo que foi percebido.

· Volição: Significa a vontade de agir com relação àquilo que foi percebido e sobre o qual foi concebida uma idéia.

· Consciência: Essa é a função da vida de discernir fazendo avaliação, distinguir o bem do mal etc. Ao mesmo tempo, ela age para apoiar e integrar as demais quatro funções.

2) Domínio dos seres vivos ou ambiente social: Indica uma verdade comum de que vivemos nossa vida conjuntamente com outras pessoas, por exemplo nossa família.

3) Domínio do ambiente ou ambiente natural: Significa o lugar onde os seres vivos habitam (o espaço) e do qual dependem para resolver suas atividades vitais.

Os Três Domínios da Existência não devem ser vistos de uma forma isolada entre si, mas de forma integrada, os quais manifestam qualquer um dos Dez Mundos.

Fontes de consulta: Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, págs. 118 a 123. Apostila do Exame de Budismo de 1997, pág. 70. Nova Revolução Humana, volume 1, pág. 178. Brasil Seikyo, edição no 1.605, Caderno de Estudo.

# Três mil mundos num único momento da vida (itinen sanzen) (3)

(Brasil Seikyo, edição nº 1728, 01/01/2004, página 10.)

5) Como podemos relacionar nossa prática diária com o princípio de itinen sanzen?

Nossa condição de vida afeta nossa percepção do mundo e nossa ação em relação a ele. A prática do Gongyo e do Daimoku nos possibilita elevar essa condição e perceber a essência real dos fatos com sabedoria e coragem para agir diante das situações. Elevando nosso estado de vida, podemos sair do ciclo de sofrimento e de causas negativas e transformar nosso ambiente. Porém, como seres humanos, temos altos e baixos, motivo pelo qual devemos nos exercitar constantemente.

Todos nós somos Bodhisattvas da Terra que nascemos com a missão de propagar o budismo. Quando nos conscientizamos disso e direcionamos nosso itinen, isto é, nossa "mente única" em prol do grandioso ideal do Kossen-rufu, podemos criar uma condição de vida forte e inabalável.

Em uma orientação, o presidente Ikeda afirma: "O Grande Mestre Miao-lo da China disse estas palavras: 'O corpo e a mente da pessoa permeiam todos os fenômenos num único momento.' (The Writings of Nichiren Daishonin, pág. 366) Nossa vida está fundamentalmente em união com a própria vida do Universo. Todos os tesouros do Universo existem em cada pessoa; e cada pessoa é uma entidade infinitamente digna de respeito. Portanto, com nossa fé, podemos transformar a nós próprios e também nossa família, e podemos ainda mudar a comunidade em que vivemos, o país e o mundo inteiro, direcionando-os para a esperança, a paz e a felicidade. Essa é a prática do supremo princípio budista dos três mil mundos num único momento da vida. É uma batalha para elevar a vida de toda a humanidade." (Brasil Seikyo, edição no 1.605, 26 de maio de 2001, pág. A3.)

Um exemplo concreto da extraordinária influência do forte itinen de uma pessoa foi demonstrado pelo próprio presidente Ikeda por ocasião de sua primeira viagem ao Brasil no ano de 1960, diante de sérias dificuldades e da saúde debilitada, descrito com as seguintes palavras na Nova Revolução Humana: "Contudo, eu irei. Existem companheiros que estão me aguardando. Jamais cancelaria a viagem sabendo que eles estão me esperando. O senhor sabe perfeitamente que o maior objetivo desta viagem é a visita ao Brasil. Chegamos até aqui exatamente para isso. Não podemos desistir na metade do caminho. Houve alguma vez em que o presidente Toda recuou em meio a uma luta? Eu sou discípulo do presidente Toda! Eu vou. Vou sem falta, custe o que custar! Se tiver de tombar, então tombarei em combate! Que desventura pode haver nisso?!" (Vol. 1, pág. 178.) Certamente, a determinação do presidente Ikeda naquele momento definiu a construção e o desenvolvimento da BSGI dos dias atuais.

6) Como podemos relacionar o princípio de itinen sanzen com o Gohonzon?

No trecho final da escritura "O Objeto de Devoção para a Observação da Mente", Nitiren Daishonin afirma: "Demonstrando profunda compaixão pelos ignorantes da gema dos três mil mundos em uma existência momentânea da vida, o Buda colocou-a dentro dos cinco caracteres [do Myoho-rengue-kyo], com os quais adornou os pescoços dos que vivem nos Últimos Dias."

O "Buda" mencionado nesta frase indica Nitiren Daishonin; os "cinco caracteres", o objeto de devoção isto é, o Gohonzon; e a "gema", o Nam-myoho-rengue-kyo, que é o próprio princípio dos três mil mundos num único momento da vida (itinen sanzen) em termos práticos. Portanto, Nitiren Daishonin inscreveu o Gohonzon para a salvação de todas as pessoas dos Últimos Dias da Lei e incorporando esse princípio.

Fontes de consulta: Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, págs. 118 a 123. Apostila do Exame de Budismo de 1997, pág. 70. Nova Revolução Humana, volume 1, pág. 178. Brasil Seikyo, edição no 1.605, Caderno de Estudo.

# Dois aspectos da prática do Budismo de Nitiren Daishonin: keho e kegui (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1730, 10/01/2004, página A5.)

1) Qual o significado de keho e kegui?

O budismo expõe os princípios de keho (Lei) e kegui (forma). Keho refere-se aos ensinos e às leis expostas no budismo, enquanto kegui trata das formalidades e cerimônias da prática budista.

No Budismo de Nitiren Daishonin, keho refere-se ao Supremo Objeto de Devoção (Dai-Gohonzon) dos Três Grandes Ensinos Fundamentais, estabelecido em 12 de outubro de 1279, bem como aos princípios expostos em suas escrituras (Gosho). Por outro lado, kegui engloba aspectos tais como a forma de realização do Gongyo, o manuseio e a consagração do Gohonzon, o oratório e seus acessórios, entre outros.

2) Em nossa prática diária, quais os exemplos que se enquadram nos aspectos de keho e kegui?

O keho diz respeito aos ensinamentos budistas, ou seja, aos aspectos imutáveis do Budismo de Nitiren Daishonin. Assim, são considerados aspectos de keho a prática do Nam-myoho-rengue-kyo, isto é, a recitação do Daimoku, por ser a essência da doutrina de Nitiren Daishonin; o Gohonzon, considerado como a entidade da lei; e todos os princípios contidos no Gosho escrito pelo próprio Buda Original.

O kegui refere-se às formalidades e às cerimônias da prática diária. Assim, são considerados aspectos de kegui o formato da realização do Gongyo, as orações silenciosas, o ritual das cerimônias, os cuidados com o Gohonzon, os acessórios da prática diária como juzu, sino, vela, incenso, folhas verdes, entre outros. Nesse caso, eles podem passar por mudanças e adaptações de acordo com a época, as condições de seus praticantes e o estágio do Kossen-rufu, a fim de abrir o caminho da felicidade para um maior número de pessoas por meio da doutrina do Budismo de Nitiren Daishonin. A atual forma da recitação do Gongyo diário constituída da leitura dos trechos essenciais dos capítulos Hoben e Juryo do Sutra de Lótus, bem como a seqüência das orações (silenciosas) foram adotadas pela SGI exatamente com base nesse princípio budista.

3) Nesse caso, qual o aspecto mais importante para a correta prática do budismo?

Os dois aspectos, tanto da Lei (keho) como da forma (kegui), são importantes para a correta prática do budismo. Porém, enquanto o aspecto da Lei é imutável com o passar do tempo, os aspectos da forma podem passar por adaptações de acordo com a época e o desenvolvimento do Kossen-rufu. Obviamente, essas adaptações devem ser sempre baseadas nos ensinamentos budistas e nos princípios contidos nas escrituras de Nitiren Daishonin.

Nitiren Daishonin nos ensina que mesmo um único Daimoku recitado possui incalculável benefício. Portanto, o mais importante é o coração repleto de fé, a continuidade na prática e a comprovação real de estar progredindo dia após dia com base no Budismo de Nitiren Daishonin.

Certa ocasião, o presidente Ikeda orientou: “O ensino essencial no Budismo de Nitiren Daishonin é recitar o Nam-myoho-rengue-kyo ao Gohonzon. Estudá-lo e propagá-lo são de significado ímpar no âmbito da prática da fé. Todas as outras questões pertencem ao campo da formalidade a qual varia de acordo com a condição da época. O Budismo de Nitiren Daishonin é seu correto caminho da prática e é uma filosofia convincente para qualquer pessoa nos dias de hoje. Desde que Nitiren Daishonin será sempre o Buda dos Últimos Dias da Lei, ele não iria propor um ensino que não fizesse sentido para as gerações futuras.”

Fontes de consulta: “Instruções sobre a prática do Gongyo” de 17 de maio de 2002, Conselho Central da BSGI. “Questões sobre a prática do Gongyo” (Terceira Civilização, maio de 2001, pág. 33.)

“Kossen-rufu” (Terceira Civilização, outubro de 2002, pág. 26.)

# Kuon Ganjo (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1731, 17/01/2004, página A5.)

1) Qual a importância do conceito de kuon ganjo?

Quando analisamos de forma mais profunda os princípios filosóficos do Budismo de Nitiren Daishonin, inevitavelmente chegamos ao conceito de kuon ganjo. Sendo assim, seu entendimento é de fundamental importância para um melhor esclarecimento sobre essa vasta religião.

2) Qual o significado dos termos "kuon" e "ganjo"?

Literalmente, "kuon" significa "remoto passado" e "ganjo", o "início de tudo". Juntos, "kuon ganjo" indicam o "tempo sem início". Sob o ponto de vista do Budismo de Nitiren Daishonin, esse conceito não se refere apenas a um determinado momento ocorrido há muito tempo atrás ou no infinito passado. Podemos pensar em kuon ganjo como o momento (ou a realidade) que existiu no infinito passado e que se mantém até hoje, neste exato instante, e que continuará a existir pelo mais distante futuro. No Registro dos Ensinos Orais, Nitiren Daishonin explica que "'Kuon' significa o que não foi trabalhado, que não foi melhorado, mas que existe na forma como sempre existiu", ou seja, que está como é originalmente, desde o infinito passado.

3) O que é exatamente essa "realidade que sempre existiu e que não foi modificada?

Conclusivamente, é nossa própria vida. De forma um pouco mais detalhada, isso indica que, originalmente (desde kuon ganjo), possuímos os Dez Estados de Vida, incluindo o estado de Buda. Na Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, o presidente Ikeda afirma: "O Buda da iluminação real no remoto passado significa uma vida dotada com os Dez Mundos e que existe eternamente." (Pág. 163.) Em outro trecho, ele descreve: "Kuon ganjo refere-se à origem fundamental da vida e do Universo. Essa vida primordial é a vida do Buda da Liberdade Absoluta de kuon ganjo, que é o próprio Nam-myoho-rengue-kyo. Nitiren Daishonin afirmou: 'Remoto passado significa Nam-myoho-rengue-kyo.' Quando a ilusão interior é dissipada, achamos que a vida, fundamentalmente, não tem início nem fim; 'tornar-se um Buda' quer dizer revelar e fazer surgir essa vida original, tal como ela é." (Pág. 176.)

4) Então, o conceito de kuon ganjo oferece uma visão sobre a vida e o Universo?

Sim. Ainda na Preleção, o presidente Ikeda explana: "Sobre o assunto, o presidente Toda dizia: 'A vida de Nitiren Daishonin, como a nossa, não tem início nem fim. A isso chamamos de kuon ganjo. O próprio Universo é uma grande entidade viva, sem começo nem fim. Porém, a Terra, isoladamente, tem um começo e um fim.' Nossa vida não é uma 'criação' produzida por algum 'criador' ou por uma 'divindade'. Ela existe junto com o Universo, e dessa forma continuará existindo infinitamente. Pode-se dizer que a vida é tanto criadora como criação." (Ibidem.)

Assim, nossa vida, bem como o Universo como um todo, sempre existiu e sempre existirá, por um período infindável e sem limites. Eis o conceito de kuon ganjo.

Fontes de consulta: "A sabedoria do Sutra de Lótus, um diálogo sobre religião no século XXI". Brasil Seikyo, edições nos 1.471, 1.472, 1.477, 1.478, 1.491 e 1.492. Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, págs. 139 a 177.

# Kuon Ganjo (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1732, 24/01/2004, página A5.)

5) Estudando o conceito de kuon ganjo, podemos compreender mais profundamente tudo o que está em nossa volta, tanto as pessoas como as circunstâncias?

Sim. Na verdade, estamos rodeados de grandes companheiros com os quais viemos lutando juntos desde kuon ganjo, compartilhando angústias e vitórias. O presidente Ikeda cita na Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo as seguintes palavras do segundo presidente da Soka Gakkai, Jossei Toda, referindo-se a kuon ganjo: "Fazendo um retrospecto, sinto como se fosse ontem que vivemos naquele mundo puro e agradável. Como é possível esquecermos o mundo magnífico onde um dia vivemos? Como é possível esquecermos os amigos com quem passamos a vida alegremente em absoluta liberdade? E como é possível esquecermos a promessa feita juntos na assembléia em que o Sutra de Lótus foi exposto?" (Pág. 165.) O presidente Ikeda, então, complementa: "Quando despertamos para kuon ganjo, este mundo saha tornar-se-á um mundo fundamentalmente feliz, puro e maravilhoso. Um mundo totalmente habitado por amigos que vivem em harmonia." (Ibidem.) Enfim, tudo na vida possui um profundo significado, que podemos captá-lo por meio de uma visão sábia e aprimorada pela magnífica filosofia e prática do Budismo de Nitiren Daishonin.

6) Com que atitude podemos então enfrentar as dificuldades do dia-a-dia?

Temos a tendência de enxergar os fatos do dia-a-dia somente com base em nossa atual existência. Isso inclui o casamento, a família, o trabalho, os problemas de saúde etc. Entretanto, quando analisamos à luz do conceito de kuon ganjo, podemos compreender e despertar para a origem primordial de nossa vida. Podemos então tornar cada momento, desde o passado, o presente e o futuro, como o momento original do kuon ganjo. Na Preleção, o presidente Ikeda também afirma: "Para nós, que abraçamos e acreditamos no Gohonzon, que realizamos a prática do Gongyo e do Daimoku, cada dia é kuon ganjo. Podemos viver cada momento como kuon ganjo. O grande escritor Romain Rolland disse: 'Viva o presente. Reverencie cada dia. Ame o presente, respeite o presente...' Nitiren Daishonin ensinou a grande alegria de viver o 'agora' — o momento presente, que abarca tanto o passado eterno como o futuro infinito."

Portanto, o modo de vida embasado no conceito de kuon ganjo, ensinado no Budismo de Nitiren Daishonin, possibilita-nos enfrentar os impasses do dia-a-dia com vigor e esperança. E, sem dúvida, nossas atividades em prol do Kossen-rufu, objetivando a felicidade de todas as pessoas e a concretização da paz mundial, representam um movimento concreto para abrir e aperfeiçoar essa condição de vida.

Fontes de consulta: "A sabedoria do Sutra de Lótus, um diálogo sobre religião no século XXI". Brasil Seikyo, edições nos 1.471, 1.472, 1.477, 1.478, 1.491 e 1.492. Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, págs. 139 a 177.

# Kuon Ganjo (3)

(Brasil Seikyo, edição nº 1733, 31/01/2004, página A5.)

7) Qual a origem do conceito de kuon ganjo?

O capítulo “Revelação da Vida Eterna do Buda” (Juryo) do Sutra de Lótus expõe o princípio de gohyaku jintengo, ou remoto passado, que é um período de tempo inimaginavelmente longo. Numa analogia, se pegássemos todas as partículas (átomos, em termos atuais) de todas as estrelas e planetas do Universo e, para cada uma, associássemos cerca de dezesseis milhões de anos, chegaríamos a um tempo inimaginavelmente longo. Diz-se que mesmo esse tempo é muito curto quando comparado ao gohyaku jintengo. Esse capítulo do Sutra de Lótus expõe que Sakyamuni, o fundador do Budismo na Índia, atingiu a iluminação pela primeira vez muito antes de gohyaku jintengo. Essa é uma forma literal e mais superficial de se entender o “remoto passado”, segundo os ensinos de Sakyamuni. Mas de um ponto de vista mais profundo, baseando-se nos ensinos de Nitiren Daishonin, o “remoto passado” é o “tempo sem início”, ou kuon ganjo.

Diariamente, no Gongyo, recitamos o trecho Jigague do capítulo “Revelação da Vida Eterna do Buda” (Juryo), cujo principal tema é justamente a eternidade da vida do Buda. Assim, pode-se dizer que com a recitação diária do Jigague diante do Gohonzon enaltecemos a realidade de kuon ganjo em nossa vida na circunstância atual.

8) Como a iluminação de Sakyamuni num remoto passado pode ter algo a ver conosco?

Sakyamuni descreve no Sutra de Lótus sua própria percepção e iluminação. Porém, o que ele retrata no sutra é o aspecto último da nossa própria vida, isto é, que todos nós atingimos a iluminação, originalmente, num passado inimaginavelmente distante. Em outras palavras, significa que nossa própria vida está dotada com o eterno estado de Buda. E é justamente o Budismo de Nitiren Daishonin que esclarece esse ponto.

9) O que o Budismo de Nitiren Daishonin explica sobre isso?

A partir dos ensinos de Nitiren Daishonin, podemos descobrir o que possibilitou Sakyamuni atingir a iluminação no remoto passado de gohyaku jintengo. A causa fundamental de sua iluminação foi exatamente a Lei de Nam-myoho-rengue-kyo. Sobre isso, o presidente Ikeda comenta: “A identidade original de todos os budas é um estado de vida iluminado para o Nam-myoho-rengue-kyo. Esse estado de vida é tanto a essência da iluminação como a vida do Buda verdadeiro. Do ponto de vista do Budismo de Nitiren Daishonin, o ‘Buda verdadeiro’ é o Buda de Nam-myoho-rengue-kyo.” (Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, pág. 155.) Vale ressaltar que sem a revelação da Lei que possibilitou todos os budas a atingirem a iluminação, isto é, o Nam-myoho-rengue-kyo, não seria possível entender como as pessoas comuns dos dias atuais poderiam atingí-la. Portanto, o Buda Original Nitiren Daishonin abriu o caminho para que todas as pessoas comuns da época atual atingissem o estado de Buda com a Lei do Nam-myoho-rengue-kyo. E, mais do que isso, ensinou que nossa vida, que é de kuon ganjo, é infinitamente preciosa e una com o Universo. Essa compreensão nos leva a respeitar a vida de cada ser humano, abrindo o caminho para uma sincera compreensão mútua, convivência harmoniosa e resolução de conflitos.

Em “A sabedoria do Sutra de Lótus, um diálogo sobre religião no século XXI”, o presidente Ikeda explica: “O Buda do tempo sem início, ou kuon ganjo, o Buda que existe eternamente sem início ou fim é a própria vida do Universo. É o constante e incessante trabalho de conduzir todos à iluminação, sem um instante de pausa. De fato, esse Buda eterno e nós próprios somos um só. Isso significa que nós próprios viemos trabalhando para conduzir as pessoas à felicidade e empenhando-nos pelo Kossen-rufu desde o remoto passado, e não somente nesta existência.” (Brasil Seikyo, edição no 1.491, 16 de janeiro de 1999, pág. 3.)

Fontes de consulta: “A sabedoria do Sutra de Lótus, um diálogo sobre religião no século XXI”. Brasil Seikyo, edições nos 1.471, 1.472, 1.477, 1.478, 1.491 e 1.492. Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, págs. 139 a 177.

# Hosshaku Kempon (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1734, 07/02/2004, página A5.)

Qual é o significado de Hosshaku Kempon?

Hosshaku Kempon é um termo budista de profundo significado. Literalmente, a palavra Hosshaku Kempon significa “rejeitar o transitório e revelar o verdadeiro”. Indica o ato de um buda descartar a posição transitória ou provisória e revelar a sua verdadeira identidade. Vejamos alguns exemplos concretos da aplicação deste termo na história do budismo.

No 16o capítulo do Sutra de Lótus, “Revelação da Vida Eterna do Buda” (Juryo), Sakyamuni declara: “Todos os seres dos mundos de Alegria, Tranqüilidade e também de Ira acreditam que o Buda Sakyamuni, após deixar o palácio dos Sakyas, sentou-se no local da meditação não muito distante da cidade de Gaya e ali atingiu a suprema e perfeita iluminação. No entanto, homens de fé devota, já se passaram infindáveis centenas de milhares de nayutas de kalpas desde que eu na realidade atingi o estado de Buda.” (Preleção dos capítulos Hoben e Juryo, Editora Brasil Seikyo, pág. 160). Por meio dessa frase, Sakyamuni descarta a sua identidade provisória de um Buda que atingiu a iluminação em sua existência na Índia sob a árvore bodhi revelando o seu aspecto verdadeiro da iluminação alcançada em um longínquo passado, há incontáveis existências. A isso chamamos de “rejeitar o transitório e revelar o verdadeiro”, isto é, Hosshaku Kempon.

Como se aplica este conceito na vida de Nitiren Daishonin?

Nitiren Daishonin escreveu na escritura “Abertura dos Olhos”, a seguinte passagem: “No décimo segundo dia do nono mês do ano passado, entre as horas do Rato e do Boi (23h e 3h), esta pessoa chamada Nitiren foi decapitada. Foi a sua alma que chegou a esta ilha de Sado e, no segundo mês do ano seguinte, está escrevendo isto em meio à neve, pretendendo enviá-lo aos seus seguidores fiéis.” (As Escrituras de Nitiren Daishonin [END], vol. 2, pág. 147.) Essa é justamente a referência à Perseguição de Tatsunokuti, ocorrida em 12 de setembro de 1271, quando Daishonin manifestou a sua verdadeira identidade como Buda Original dos Últimos Dias da Lei, abandonando o seu aspecto transitório. Assim, este acontecimento é conhecido como o momento do Hosshaku Kempon de Nitiren Daishonin.

Em relação à identidade de Daishonin como o Buda original dos Últimos Dias da Lei, Nitikan Shonin, o vigésimo sexto sumo prelado, conhecido como o restaurador do Verdadeiro Budismo, faz referência à seguinte passagem da escritura “Resposta a Kyo’o”, escrita também na ilha de Sado em 15 de agosto de 1273: “Eu, Nitiren, inscrevi minha vida em tinta sumi, assim, creia no Gohonzon com todo o seu coração. O coração do Buda é o Sutra de Lótus, mas a vida de Nitiren não é nenhuma outra senão o Nam-myoho-rengue-kyo.” (Ibidem, vol. 1, pág. 276.)

Fontes de Consulta: 1. Brasil Seikyo, edições no 1.477, 1.478 e 1.491, pág. 3. 2. Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, Editora Brasil Seikyo, págs. 166–171. 3. Revista Terceira Civilização, edições no 395, de julho de 2001 e 396, de agosto de 2001.

# Hosshaku Kempon (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1736, 21/02/2004, página A5.)

Poderia descrever em mais detalhes sobre a perseguição de Tatsunokuti?

Em 1271, o Japão foi assolado por uma terrível seca. O governo ordenou a Ryokan, o famoso e respeitado prior do templo Gokurakuji, que orasse por chuva. Quando Daishonin soube disso, desafiou Ryokan por meio de uma carta, declarando estar disposto a tornar-se seu discípulo se ele fosse bem-sucedido em fazer chover. Mas, se falhasse, Ryokan deveria tornar-se seu discípulo. Ryokan aceitou o desafio mas, apesar de suas orações e de centenas de sacerdotes assistentes, nenhuma chuva caiu. Ao contrário, Kamakura foi assolada por fortes vendavais. No final, Ryokan não só se recusou a seguir Daishonin como também começou a tramar contra ele em conluio com Hei no Saemon. Como conseqüência, em 10 de setembro de 1271, Hei no Saemon intimou Nitiren Daishonin a comparecer à corte para responder a uma série de acusações infundadas. Dois dias depois, em 12 de setembro de 1271, Daishonin foi levado para a localidade de Tatsunokuti, próxima a Kamakura, onde seria decapitado conforme a determinação de Hei no Saemon. Entretanto, no último momento, um objeto esférico luminoso surgiu repentinamente no céu aterrorizando os soldados que, então, desistiram da execução. Depois disso, Daishonin declarou ter nascido de novo, agora como o Buda dos Últimos Dias da Lei.

O presidente Ikeda descreve sobre este acontecimento em suas Reflexões sobre a Nova Revolução Humana: “Naquela manhã, a luz resplandecente da aurora iluminou Tatsunokuti. O alvorecer da verdade e da justiça rasgou o escuro véu da conspiração. Foi o triunfo da benevolência pelas pessoas sobre o aspecto demoníaco do poder; o triunfo da iluminação fundamental sobre a escuridão fundamental. O estado de Buda venceu, fazendo o Demônio do Sexto Céu tremer de medo. Foi a vitória sobre os vis assassinos, que tencionavam matar o devoto do Sutra de Lótus.” (Terceira Civilização, edição no 396, agosto de 2001, pág. 37.)

Que paralelo podemos traçar entre este acontecimento há mais de 700 anos e os dias de hoje?

Este acontecimento da perseguição de Tatsunokuti nos faz entender o verdadeiro espírito de Nitiren Daishonin. O presidente Ikeda cita as seguintes observações do presidente Toda: “Algumas pessoas dizem que Daishonin foi grandioso porque resistiu a grandes perseguições. Isso é verdadeiro, mas o que o tornou ainda mais grandioso foi que, mesmo suportando todas as formas de perseguições, ele continuou a lutar com imensa benevolência para conduzir todas as pessoas à iluminação.” (Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, editora Brasil Seikyo, pág. 168.)

Nos dias de hoje, o eterno caminho da SGI baseia-se exatamente neste espírito do Buda Original, como se tivesse herdado o legado triunfante da justiça e da verdade do acontecimento de Tatsunokuti. Em outras palavras, é o espírito benevolente de revelar e comprovar a verdade e a justiça, conduzindo as pessoas à felicidade, mesmo diante de inúmeras perseguições, obstáculos, calúnias, difamações e críticas infundadas. Em suas Reflexões sobre a Nova Revolução Humana, o presidente Ikeda cita um comentário de um membro da organização: “Nitiren Daishonin dedicou sua vida à luta para conduzir todas as pessoas à felicidade. Sinto um imenso orgulho pelo fato de o sangue vital da fé, consagrado ao Kossen-rufu, fluir somente na SGI.” (Terceira Civilização, edição no 395, de julho de 2001.)

# Hosshaku Kempon (3)

(Brasil Seikyo, edição nº 1738, 06/03/2004, página A5.)

O conceito de Hosshaku Kempon pode ser aplicado também em nossa vida?

Na Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, o presidente Ikeda escreve: “O Hosshaku Kempon de Nitiren Daishonin não deve ser visto como algo sobrenatural, como se ele passasse a ocupar uma posição inacessível às pessoas comuns. O que Nitiren Daishonin na realidade revelou em Tatsunokuti foi a suprema conduta como ser humano. Por meio de seu próprio exemplo, Daishonin revelou a existência grandiosa e digna de um ser humano. Ele certamente não deixou de ser uma pessoa, um ser humano. Ao contrário, manifestou a vasta condição de vida dentro dele a fim de possibilitar que todas as pessoas elevassem sua condição de vida.” (Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo [PHJ], Editora Brasil Seikyo, pág. 168.)

Assim, embora seja em um nível totalmente diferente, cada um de nós deve manifestar a sua verdadeira identidade, o que se torna possível pela fé e prática em prol do Kossen-rufu, levantando-se com base na profunda consciência de seguidores e discípulos de Nitiren Daishonin.

Como poderia descobrir a minha verdadeira identidade?

Com certeza, esta questão está diretamente ligada à compreensão da natureza básica da presente existência e assim despertar para a verdadeira missão de realizar o Kossen-rufu.

Em “A Sabedoria do Sutra de Lótus, um Diálogo sobre Religião no Século XXI”, o presidente Ikeda comenta: “O trecho da passagem do Gosho que o senhor citou minutos atrás — ‘As pessoas podem viver muito tempo, mas raramente vão além dos cem anos’ — é realmente verdadeiro. O presidente Toda freqüentemente fazia a seguinte observação: ‘Em cem anos, a contar deste momento, todas as pessoas aqui presentes já estarão mortas’. Este mundo é como um ‘sonho durante um breve cochilo’. Do ponto de vista da eternidade, quase não há diferença entre uma vida ‘longa’ e uma vida ‘curta’. Portanto, o que conta não é a extensão da vida de uma pessoa, mas de que forma ela vive sua existência. O que realizamos, quanto conseguimos elevar nosso estado de vida, o número de pessoas que ajudamos a encontrar a felicidade — esses são os fatores que realmente contam.” (Brasil Seikyo, edição no 1.472, 8 de agosto de 1998, pág. 3.)

Além disso, o presidente Ikeda afirma: “Sempre que nos encontrarmos em um beco sem saída, devemos desafiar a própria fraqueza e reunir o grande poder da fé para solucionar a situação. Segundo o presidente Toda, isto é o que significa para nós o Hosshaku Kempon. Fé significa lutar contra os impasses. Fé é uma batalha entre o Buda e a maldade. No budismo, a vitória ou a derrota é a questão primordial.” (PHJ, pág. 170).

Assim, pode-se dizer que o desafio de vencer a si próprio, principalmente nos momentos mais difíceis da vida, com a plena consciência da missão de realizar o Kossen-rufu, nos conduz a esta descoberta da nossa verdadeira identidade.

# Hosshaku kempon (4)

(Brasil Seikyo, edição nº 1739, 11/03/2004, página A5.)

No âmbito da nossa organização, como poderia ser aplicado o conceito de hosshaku kempon?

O presidente Ikeda afirma na Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo: “O hosshaku kempon da Soka Gakkai foi no dia 3 de maio de 1951, quando Jossei Toda tornou-se segundo presidente.” (pág. 169). Naquela ocasião, a grande declaração do presidente Toda, jurando aumentar em 750 mil o número de famílias da Soka Gakkai, fez com que despertasse no coração de todos os membros a plena consciência de que eram todos com a missão de Bodhisattvas da Terra e os verdadeiros seguidores do Buda Original. Em outras palavras, em resposta ao brado do mestre, os membros levantaram-se para concretizar esse nobre objetivo do Kossen-rufu que é o próprio desejo de Nitiren Daishonin. Portanto, pode-se dizer que o hosshaku kempon em nossa organização encontra-se no momento em que todos se levantam com a consciência de que são filhos do buda, possuidores de uma ligação direta com Nitiren Daishonin.

Ainda nessa preleção, o presidente Ikeda escreve: “Na mesma época, o presidente Toda disse repetidas vezes: ‘Fazendo um retrospecto, desde a primavera de 1943, o presidente Makiguti sempre dizia que a Soka Gakkai tinha de fazer o hosshaku kempon. Caso não revelássemos o aspecto de hosshaku kempon, algo estaria errado conosco. Todos nós ficamos parados e perplexos, sem saber o que fazer.’ No final, o Sr. Toda revelou o espírito do presidente Makiguti. A relação de mestre e discípulo é a chave do hosshaku kempon.” (PHJ, pág. 169).

Então, o ato de revelar a verdadeira identidade está diretamente relacionado à missão de cada um?

De fato, revelar a verdadeira identidade significa conscientizar-se da mais nobre missão como Bodhisattva da Terra. Entretanto, o ponto importante é que esta conscientização nasce da luta de cada um por meio da fé e da prática em prol do Kossen-rufu, revelando esta ‘verdadeira identidade’ nas próprias ações concretas do dia-a-dia. Em outras palavras, longe de ser um princípio abstrato, trata-se de uma luta constante em busca da manifestação do infinito potencial contido em nossa vida por meio do ilimitado poder do Gohonzon. Novamente, referindo-nos à Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, o presidente Ikeda declara: “Nitiren Daishonin diz: ‘Manhã após manhã levantamos com o Buda, noite após noite com o Buda descansamos. Momento a momento atingimos o Caminho, momento a momento revelamos o verdadeiro.’ (Gosho Zenshu, pág. 737.) Ele afirma que ‘momento a momento revelamos o verdadeiro’. Quando nos empenhamos em recitar Daimoku e realizar as atividades pelo Kossen-rufu, o ‘Buda da Liberdade Absoluta’ — o verdadeiro eu — surge em nossa vida, nossa sabedoria e coragem são ativadas e podemos desfrutar um estado de vida de total liberdade. É isso o que significa para nós o hosshaku kempon.” (PHJ, pág. 170).

Em resumo, é fortemente desejável que possamos a cada dia fortalecer a nossa sincera prática da fé, trilhando pelo caminho de mestre e discípulo e nos empenhando nas atividades em prol do Kossen-rufu para manifestar a nossa verdadeira identidade e assim desfrutarmos uma elevada condição de vida sob todos os aspectos.

# Bodhisattva da Terra (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1740, 20/03/2004, página A5.)

Inicialmente, qual é o significado do termo budista “bodhisattva”?

A palavra “bodhisattva”, originária do sânscrito, é composta de “bodhi”, que significa “sabedoria do Buda” ou “iluminação”, e “sattva”, “seres sensíveis”. Assim, podemos entender o termo “bodhisattva” como seres humanos que manifestam a sabedoria do buda ou a iluminação.

No budismo Hinayana, o termo “bodhisattva” era utilizado quase que exclusivamente para se referir às existências passadas do Buda Sakyamuni. Já no budismo Mahayana, bodhisattva passou a designar todos aqueles que aspiram à iluminação desenvolvendo práticas altruísticas. No Japão, o título “bodhisattva” chegou a ser atribuído a determinados sacerdotes pelos seus seguidores ou pela própria corte imperial como uma demonstração do mais alto respeito.

Sob o ponto de vista do conceito budista de Dez Mundos ou Dez Estados de Vida, Bodhisattva indica o nono estado de vida, que se caracteriza pela benevolência e a busca da iluminação de si próprio e de outros. O estado de Bodhisattva está inerente em nossa condição humana e pode ser manifestado a qualquer momento assim como os demais estados de vida. Portanto, ações altruísticas, como a promoção de trabalhos sociais voluntários para ajudar as pessoas que perderam suas casas e pertences numa enchente ou para conscientizar os jovens sobre os malefícios do uso de drogas, representam a manifestação do estado de Bodhisattva. Em suas orientações, o presidente Ikeda cita constantemente diversas personalidades que atuam em meio à sociedade como modelos de conduta humana, dignos de verdadeiros bodhisattvas, tais como Mahatma Gandhi, que buscou a felicidade de seu povo e dedicou-se com o sentimento de salvar as pessoas.

Em nosso caso, quando estamos, por exemplo, participando de uma reunião no bloco ou na comunidade, ou quando realizamos visitas e diálogos visando a incentivar os companheiros, manifestamos certamente uma elevada condição de vida de bodhisattva que busca extrair o sofrimento ou a dificuldade da vida das pessoas. Porém, como seguidores do Verdadeiro Budismo, cabe ressaltar que somente por meio da correta prática da fé, conseguimos transpor da condição de vida de Bodhisattva para a do estado de Buda.

Então, qual é o significado de Bodhisattva da Terra?

A figura do Bodhisattva da Terra aparece no 15o capítulo do Sutra de Lótus, “Emergindo da Terra” (Yujutsu). Tendo acabado de expor a primeira metade do Sutra de Lótus, isto é, os quatorze primeiros capítulos e conhecida como ensino teórico, o Buda Sakyamuni perguntou à audiência: “Quem propagará o Sutra de Lótus neste mundo saha após a minha morte?” Muitos dos discípulos do Buda que ouviram seus ensinos declararam: “Nós certamente o propagaremos.” Entretanto, o Buda rejeitou-os dizendo: “Não podem propagar este sutra porque não são persistentes o suficiente para vencer os grandes obstáculos da era maléfica que virá após a minha morte.” Nesse ponto, um incalculável número de bodhisattvas emergiram da terra, liderados pelo Bodhisattva Práticas Superiores (Jogyo). O Buda Sakyamuni encarregou exatamente eles da propagação da Lei Mística nos Últimos Dias da Lei. Portanto, de acordo com este trecho do Sutra de Lótus, os Bodhisattvas da Terra se referem a todas as pessoas que se dedicam na propagação da Lei Mística na época atual, dos Últimos Dias da Lei.

A “terra” da qual emergiram estes inumeráveis bodhisattvas representa o “mundo da verdade”, ou seja, o próprio Nam-myoho-rengue-kyo. Portanto, são os bodhisattvas que surgiram da grande Lei do Universo e que atuarão junto à humanidade. Logo, os Bodhisattvas da Terra são aqueles que, além de se dedicarem com o forte desejo de salvar as pessoas do sofrimento, contribuindo ativamente para o bem da sociedade, propagam a lei do Nam-myoho-rengue-kyo para que todos possam criar, por si mesmos, as condições para a transformação de sua vida e de seu mau carma. Em outras palavras, a ação concreta dos Bodhisattvas da Terra encontra-se na prática altruística da realização do Chakubuku, visando à felicidade de outras pessoas.

Fontes de consulta: • Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, Editora Brasil Seikyo, págs. 141–147. • Fundamentos do Budismo, Editora Brasil Seikyo, pág. 81.

# Bodhisattva da Terra (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1741, 27/03/2004, página A5.)

Pode-se dizer que eu sou um Bodhisattva da Terra?

Na escritura “A Essência Real de Todos os Fenômenos”, o Buda Original Nitiren Daishonin afirma: “Não deve haver discriminação entre os que propagam os cinco caracteres do Myoho-rengue-kyo durante os Últimos Dias da Lei, sejam homens ou mulheres. Se não fossem Bodhisattvas da Terra, seria impossível recitar este Daimoku.” (END, vol. I, pág. 367.)

Portanto, todos aqueles que se empenham em propagar o Verdadeiro Budismo nos Últimos Dias da Lei para conduzir as pessoas à felicidade, extraindo o sofrimento na essência de suas vidas com o Nam-myoho-rengue-kyo, são considerados Bodhisattvas da Terra. O presidente Ikeda orienta: “O tesouro mais inestimável nesta era maligna dos Últimos Dias da Lei são as pessoas que seguem o caminho do bodhisattva — em outras palavras, as pessoas que, apesar de serem caluniadas e atacadas, continuam a realizar esforços para o benefício dos outros, a se dedicar pela felicidade das pessoas e propagar a Lei Mística. Essas pessoas são o supremo tesouro. E não são ninguém mais que todas vocês.” (Brasil Seikyo, edição no 1.707, 12 de julho de 2003, pág. 3.)

Em suma, a pessoa que pratica o Verdadeiro Budismo e o propaga para a felicidade de outras nesta época difícil e conturbada dos Últimos Dias da Lei, sem medir esforços, com o único propósito de concretizar o Kossen-rufu, o grande desejo do Buda Original, está certamente comportando-se como um autêntico Bodhisattva da Terra.

Qual é a missão como Bodhisattva da Terra?

Em um trecho da série “Diálogo sobre a Religião Humanística”, o presidente Ikeda comenta: “O fato de ter compreendido sua missão como Bodhisattva da Terra levou o presidente Toda a dirigir a Soka Gakkai como segundo presidente de acordo com os desejos dos membros. E, no dia da posse, ele declarou com a força do rugido de um leão o grandioso e histórico juramento da Soka Gakkai de atingir o número de 750 mil famílias.” (Terceira Civilização, edição no 409, setembro de 2002, pág. 17.) Nesta mesma série, é apresentado um trecho do discurso de posse do segundo presidente Jossei Toda em 3 de maio de 1951: “Se nosso desejo é nos levantar na época atual com o mesmo desejo do Buda e realmente nos devotar ao melhoramento do mundo, o único caminho que temos a seguir é capacitar as outras pessoas a praticarem o Budismo de Daishonin. Essa é a melhor maneira para atingir a felicidade pessoal, o caminho mais direto para a paz mundial e a chave para trazer a prosperidade para a nação. Creio portanto que a propagação do Budismo de Nitiren Daishonin é a forma mais elevada de prática budista.” (Ibidem.)

Assumindo para si a realização do juramento de seu mestre, o presidente Ikeda liderou a grandiosa campanha de propagação do budismo para todo o mundo. A exemplo do nosso mestre, cabe a cada um de nós assumir com total responsabilidade, a nossa missão como Bodhisattvas da Terra, colocando em prática o empenho pessoal em prol da realização do Kossen-rufu. Praticando este budismo com esta consciência, seja no Gongyo e Daimoku diários, como também na promoção do Chakubuku, estaremos sem dúvida trilhando um caminho repleto de boa sorte por toda a nossa vida. Em uma orientação, o presidente Ikeda nos mostra qual é a verdadeira missão de um bodhisattva citando como exemplo o segundo presidente Jossei Toda: “No período em que ficou preso na época da guerra — resultado da perseguição perpetrada pelas autoridades militares — o segundo presidente da Soka Gakkai, Jossei Toda, despertou para a compreensão de que ele próprio era um Bodhisattva da Terra. Graças a essa experiência, ele declarou: ‘A essência da revolução humana é atingir um estado de vida em que, das profundezas do próprio ser, a pessoa é livre de dúvidas e de ilusões sobre a vida e compreende sua verdadeira missão.’ A ‘verdadeira missão’ não é outra senão o Kossen-rufu, o objetivo fundamental de nossa prática budista.” (Brasil Seikyo, edição no 1.684, 18 de janeiro de 2003, pág. A3.)

Fontes de consulta: • Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, Editora Brasil Seikyo, págs. 141–147. • Fundamentos do Budismo, Editora Brasil Seikyo, pág. 81.

# Bodhisattva da Terra (3)

(Brasil Seikyo, edição nº 1742, 03/04/2004, página A5.)

Em termos práticos, qual deve ser a atuação de um Bodhisattva da Terra na época atual?

Conforme mencionado anteriormente, o Boshisattva da Terra tem como principal missão a propagação do budismo para erradicar o sofrimento e a tristeza da vida das pessoas. É a missão de levar esperança à humanidade mesmo enfrentando adversidades e perseguições. Na escritura "A Essência Real de Todos os Fenômenos", Nitiren Daishonin escreve: "A princípio somente Nitiren recitou o Nam-myoho-rengue-kyo, mas então duas, três e cem seguiram, recitando e ensinando a outras pessoas. Isto acontecerá também no futuro. Não é isto 'emergir da terra'?" (As Escrituras de Nitiren Daishonin, Editora Brasil Seikyo, vol. I, pág. 367.)

Portanto, o ato de ensinar a Lei Mística, isto é, o Nam-myoho-rengue-kyo para outras pessoas, de dialogar sobre a filosofia budista expondo toda a sua grandiosidade e de agir dignamente em todas as frentes da vida na sociedade, isto é, na família, no trabalho e nos círculos de amizade, constitui a atuação concreta como Bodhisattva da Terra.

Um outro aspecto relevante na atuação como um verdadeiro Bodhisattva da Terra está na luta em prol da justiça e da verdade, protegendo a linhagem do Budismo de Nitiren Daishonin e refutando as ações das maldades que tentam obstruir o fluxo do Kossen-rufu, tal como a seita Nikken.

Quais são as qualidades de um Bodhisattva da Terra?

No Sutra de Lótus, o Buda Sakyamuni descreve algumas características dos Bodhisattvas da Terra. Uma delas é a de "firmes em seu propósito e pensamento", isto é, pessoas de persistência e de inabalável determinação que levam a decisão tomada até o fim.

O sutra descreve também os Bodhisattvas da Terra como pessoas "hábeis para aprender o caminho do Bodhisattva, que não se deixam influenciar por assuntos mundanos, tais como o lótus que floresce em águas pantanosas". Em relação a esta característica, o presidente Ikeda explica: "Em um mundo corrompido pelas cinco impurezas, os membros da SGI, sem se deixar influenciar, vivem sua existência vigorosa e genuinamente no mundo do budismo. Eles vieram salvando as pessoas das águas turvas da sociedade. Aqueles que relutam em misturar-se com o povo e abandonam a sociedade, retirando-se nas montanhas, não podem cumprir a missão como Bodhisattvas da Terra." (Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, Editora Brasil Seikyo, pág. 142.)

Uma outra característica importante dos Bodhisattvas da Terra que o Buda Sakyamuni enfatiza é que são "hábeis em perguntas e respostas difíceis". Isto significa que conseguem conduzir com sabedoria e destreza diálogos de vida a vida com as pessoas, sabendo compreender a essência de seus sofrimentos e mostrando-lhes o verdadeiro caminho da felicidade por meio do Nam-myoho-rengue-kyo. Outra qualidade de um bodhisattva é a coragem de enfrentar qualquer adversidade, sem temer as forças malévolas que tentam obstruir o caminho do Kossen-rufu. Também são perseverantes e determinados, isto é, jamais abandonam sua fé, um amigo ou uma pessoa que está sofrendo. Em um outro trecho, o presidente Ikeda afirma: "'Correta, digna e virtuosa' refere-se ao brilho do coração e à vida dos senhores, que transborda de magnetismo humano que atrai fortemente as pessoas. Ninguém pode deixar de convencer-se diante dessa grandiosa virtude humana. Deste modo, cada um dos senhores tem o poder dos Bodhisattvas da Terra." (Ibidem, pág. 143.)

Fontes de consulta: • Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, Editora Brasil Seikyo, págs. 141–147. • Fundamentos do Budismo, Editora Brasil Seikyo, pág. 81.

# Gohyaku jintengo (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1744, 17/04/2004, página A5.)

Visando melhorar cada vez mais a compreensão da matéria, o “Budismo na Vida Diária” passa a ser publicado na forma de um diálogo entre personagens fictícios indicados como (A), (B) e (C).

(A): Para aprofundarmos a nossa compreensão sobre a filosofia de vida exposta pelo budismo, em especial sobre a questão do estado de Buda inerente em nossa própria vida, gostaríamos de dialogar sobre o princípio de gohyaku jintengo exposto por Sakyamuni no Sutra de Lótus.

(B): Nos sutras provisórios e no ensino teórico do Sutra de Lótus (sua primeira metade), Sakyamuni afirma que atingiu a iluminação aos trinta anos de idade sob a árvore bodhi, na cidade de Gaya na Índia. Já no ensino essencial do Sutra de Lótus (sua segunda metade), Sakyamuni refuta esta idéia de que atingiu a iluminação pela primeira vez na Índia e revela a sua iluminação original em um remoto passado denominado gohyaku jintengo.

(C): Mais especificamente, no 16o capítulo do Sutra de Lótus, “Revelação da Vida Eterna do Buda” (Juryo), consta a seguinte passagem: “Suponhamos que uma pessoa possa reduzir quinhentos quatrilhões de nayuta asamkhya de grandes mundos em partículas de pó. Então, movendo-se para o leste, cada vez que passa por quinhentos quatrilhões de nayuta asamkhya de mundos deixa cair uma partícula de pó. Essa pessoa continua rumando para o leste até derrubar todas as partículas de pó. Suponhamos que todos esses mundos, tendo recebido ou não uma partícula de pó, sejam uma vez mais reduzidos a pó. Digamos que cada partícula represente um kalpa. O tempo transcorrido desde que eu na realidade atingi a iluminação supera esse número em cem quatrilhões de nayuta asamkhya de kalpas.”

(B): O termo gohyaku jintengo significa literalmente “quinhentos kalpas de partículas de pó” onde ‘quinhentos’ é uma abreviação de “quinhentos quatrilhões de nayuta asamkhya de grandes mundos”. E, ainda por cima, nayuta e asamkhya são unidades numéricas da antiga Índia para indicar magnitudes extraordinariamente grandes (de acordo com algumas fontes, nayuta corresponde a cem bilhões e asamkhya a 1059 [cinqüenta e nove zeros]).

(A): Sem dúvida, a analogia utilizada pelo Buda Sakyamuni para se referir ao passado remoto em que atingiu a iluminação é impressionante. Na cosmologia da antiga Índia, um ‘mundo’ corresponde ao Universo todo. Na “Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo”, o presidente Ikeda explica: “Mesmo um único mundo equivale a um espaço imenso com um Sol e uma Lua, tendo como centro o Monte Sumeru, que se eleva a uma altura inimaginável. Um ‘grande mundo’ consiste de um bilhão de mundos como esse. No capítulo Juryo, entretanto, Sakyamuni fala de ‘quinhentos quatrilhões de nayuta asamkhya de grandes mundos’. Isso indica um número de mundos tão impressionante que supera até mesmo a magnitude do cosmos tal como o conhecemos.”

(B): A idéia anteriormente revelada nos sutras provisórios e no ensino teórico do Sutra de Lótus de que Sakyamuni atingiu a iluminação pela primeira vez na Índia é chamada de ‘percepção inicial da iluminação’. Já o conceito exposto no capítulo Juryo de que ele se tornou um Buda no passado inimaginavelmente distante é chamado de ‘iluminação original no remoto passado’.

Fontes de consulta: • Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, Editora Brasil Seikyo, págs. 172–175. • Síntese do Budismo, Editora Brasil Seikyo. • Apostila de matérias de Exame de Budismo de 2o Grau e Grau Médio, 2002, Editora Brasil Seikyo.

# Gohyaku jintengo (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1745, 24/04/2004, página A5.)

Visando a melhorar cada vez mais a compreensão da matéria, o “Budismo na Vida Diária” passa a ser publicado na forma de um diálogo entre personagens fictícios indicados como (A), (B) e (C).

(C): Agora que conhecemos sobre a impressionante analogia a respeito do remoto passado exposto pelo Buda Sakyamuni para se referir à sua “iluminação original no remoto passado”, que tal dialogarmos sobre como este conceito de gohyaku jintengo se relaciona com os Dez Estados da vida inerentes em nós?

(A): Podemos continuar o nosso diálogo novamente com base na Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo desenvolvida pelo presidente Ikeda de uma forma bastante acessível e de fácil compreensão para todos.

(B): Há um outro trecho do capítulo Juryo do Sutra de Lótus no qual consta a seguinte passagem: “Todos os seres do mundo da Alegria, da Tranqüilidade e também da Ira acreditam que o Buda Sakyamuni, após deixar o palácio dos Sakyas, sentou-se no local da meditação não muito distante da cidade de Gaya e ali atingiu a suprema e perfeita iluminação. No entanto, homens de fé devota, já se passaram infindáveis centenas de milhões de nayuta de kalpas desde que eu na realidade atingi o estado de Buda.” (PHJ, pág. 160.) Assim, Sakyamuni descarta sua condição provisória de um buda que apenas atingiu o Caminho em sua presente existência e revela sua verdadeira identidade como o Buda que atingiu a iluminação no remoto passado.

(A): A idéia da iluminação de Sakyamuni em sua existência na Índia, sob a árvore bodhi, está associada ao conceito de que para se tornar um buda é necessário extinguir a vida dos nove mundos. Em outras palavras, nos ensinos provisórios e no próprio ensino teórico do Sutra de Lótus (os quatorze primeiros capítulos), a causa para se atingir a iluminação estava no ato de erradicar a vida dos nove mundos.

(C): Pensando bem, a idéia de ter de abandonar a vida dos nove mundos (Inferno, Fome, Animalidade, Ira, Tranqüilidade, Alegria, Erudição, Absorção e Bodhisattva) para se alcançar a iluminação é algo impraticável na vida real das pessoas. Creio que uma tentativa de se colocar em prática tal idéia levaria a uma vida totalmente isolada do mundo real, isto é, da sociedade e do convívio com as outras pessoas, até mesmo da própria família.

(A): E mesmo assim não estaríamos abandonando a vida dos nove mundos, não é? Enfim, é uma idéia totalmente fora da realidade.

(B): Já no conceito da “iluminação original no remoto passado”, como a vida do Buda foi iluminada no remoto passado, ela é plenamente dotada com os nove mundos. O presidente Ikeda comenta: “Essa verdadeira causa e efeito de atingir o estado de Buda somente podem ser esclarecidos por meio da refutação do conceito de que Sakyamuni atingiu a iluminação pela primeira vez em sua primeira existência e da revelação de sua iluminação original no remoto passado. Mesmo que Sakyamuni fale sobre a consecução do estado de Buda nos sutras anteriores e no ensino teórico do Sutra de Lótus, uma vez que esta discussão está fundamentada na idéia de que ele atingiu a iluminação pela primeira vez em sua presente existência, isto é tão frágil quanto grama sem raízes. Em síntese, o Buda da iluminação real no remoto passado significa uma vida dotada com os Dez Mundos e que existe eternamente. Em termos de espaço, isto é vida cósmica; em termos de tempo, é a vida eterna. Ou seja, na realidade, o aspecto íntimo de nossa própria vida. A ‘iluminação original no remoto passado’ indica abrir ou obter acesso à infinita e imensurável vida, a vida cósmica e eterna.” (Ibidem, págs.162 e 163.)

Fontes de consulta: • Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, Editora Brasil Seikyo, pág. 160. • Síntese do Budismo, Editora Brasil Seikyo. • Apostila de matérias do Exame de Budismo para 2o Grau e Grau Médio, 2002, Editora Brasil Seikyo.

# Gohyaku jintengo (3)

(Brasil Seikyo, edição nº 1746, 08/05/2004, página C5.)

Visando a melhorar cada vez mais a compreensão da matéria, o “Budismo na Vida Diária” passa a ser publicado em forma de um diálogo entre personagens fictícios indicados como (A), (B) e (C).

(C): O conceito de “iluminação original no remoto passado” pode ser analisado também sob o ponto de vista do princípio da possessão mútua dos dez mundos.

(A): De fato, na escritura “Abertura dos Olhos”, Nitiren Daishonin afirma: “Portanto, a causa e o efeito dos Dez Mundos conforme expostos nos sutras anteriores e nos ensinos teóricos do Sutra de Lótus são rejeitados, e a causa e o efeito dos Dez Mundos do ensino essencial são revelados.” (As Escrituras de Nitiren Daishonin, Editora Brasil Seikyo, vol. II, pág. 87.) Em relação a essa frase, o presidente Ikeda explana da seguinte forma na Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo: “Isso significa que a vida do Buda, iluminada originalmente no remoto passado, é plenamente dotada com os nove mundos, podendo manifestá-los livremente. O mundo do estado de Buda existe permanentemente na vida dos nove mundos, e os nove mundos existem eternamente na vida do Buda. A ‘iluminação original no remoto passado’ indica o conceito da vida expresso pelo princípio da Possessão Mútua dos Dez Mundos. Isso é o que indica a passagem ‘a causa e o efeito dos Dez Mundos do ensino essencial’ citada em “Abertura do Olhos.” (PHJ, Editora Brasil Seikyo, pág. 162.)

(C): De toda a forma, o ponto importante é que todas as pessoas, e não somente o Buda Sakyamuni, possuem em essência uma vida dotada com os dez mundos. Nitiren Daishonin é o Buda Original que definiu a lei do Nam-myoho-rengue-kyo como a verdadeira causa que possibilitou a Sakyamuni atingir o estado de Buda no passado distante de gohyaku jintengo. O presidente Ikeda afirma: “O Budismo de Nitiren Daishonin, por meio do que podemos chamar uma interpretação ‘popular’ ou ‘humanista’, descortina as palavras do capítulo Juryo para todas as pessoas.” (Ibidem, pág. 163.)

(A): Referindo-nos mais uma vez à Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, podemos entender melhor este conceito de “remoto passado” sob o ponto de vista do Budismo de Nitiren Daishonin: “‘Remoto passado’ refere-se à vida que existe eternamente e é dotada com os Dez Mundos; em outras palavras, indica o Gohonzon que incorpora os Dez Mundos. ‘Iluminação original’ refere-se à manifestação do Gohonzon que existe na vida de cada um de nós e a obtenção de acesso aos seus benefícios. Este é o significado de ‘iluminação original no remoto passado’ do ponto de vista do Budismo de Nitiren Daishonin.” (Ibidem, pág. 164.)

(B): A vida humana é sem dúvida cheia de mistérios. Pelo que entendi, Sakyamuni expôs no capítulo Juryo do Sutra de Lótus um profundo princípio filosófico sobre o que é esta vida humana por meio de uma espetacular analogia do gohyaku jintengo, mostrando que as pessoas comuns, da forma como são e no lugar onde estão, podem todas conquistar a felicidade absoluta por possuírem inerentemente o estado de Buda. E Nitiren Daishonin revelou a lei do Nam-myoho-rengue-kyo tornando acessível a todas as pessoas este caminho do estado de Buda.

(C): Penso também que a forma correta de exercer a prática de um verdadeiro bodhisattva é justamente a da realização do Chakubuku, para que mais e mais pessoas possam despertar para o seu próprio potencial do supremo estado de Buda, por meio da recitação do Nam-myoho-rengue-kyo.

(B): Vamos então, colocar em prática o que aprendemos nesse diálogo, agindo de forma concreta em nossa vida diária, com base na prática do Gongyo e do Daimoku ao Gohonzon e nos esforços para a realização do Chakubuku em meio aos nossos amigos da sociedade.

# Parábola do bom médico (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1747, 15/05/2004, página C5.)

Visando a melhorar cada vez mais a compreensão da matéria, o “Budismo na Vida Diária” passa a ser publicado em forma de um diálogo entre personagens fictícios indicados como (A), (B) e (C).

(A): As escrituras budistas são bastante ricas em parábolas que ilustram os diversos aspectos da prática da fé e a grandiosidade do Nam-myoho-rengue-kyo e do Gohonzon do Budismo de Nitiren Daishonin. Na Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, o presidente Ikeda comenta sobre essas parábolas: “Com exemplos e metáforas fáceis de serem compreendidos pelas pessoas comuns, ele conseguia tocar seus corações. Quando o coração de uma pessoa se comove, seu estado de vida se eleva. As parábolas do Buda são uma expressão de seu desejo benevolente: ajudar, por todos os meios possíveis, as pessoas a mudarem a si próprias e a serem felizes. Elas são também a cristalização de sua sabedoria.” 1

(B): Uma dessas parábolas, bastante conhecida, é a do bom médico e do filho doente descrita no décimo sexto capítulo do Sutra de Lótus, Revelação da Vida Eterna do Buda (Juryo).

(C): Na escritura ‘Resposta a Takahashi Nyudo’, Daishonin escreve: “Com a chegada dos Últimos Dias da Lei, contudo, quanto a esses sutras Hinayana, sutras Mahayana e o Sutra de Lótus [confiados respectivamente a Mahakashyapa, Ananda e outros, aos bodhisattvas Monju, Miroku e outros, e a Yakuo, Kanon e outros], embora as palavras desses sutras ainda permaneçam, não servirão mais como remédio das doenças dos seres vivos. Os males serão muito graves e esses remédios, ineficazes demais. Nesse tempo, o Bodhisattva Práticas Superiores (Jogyo) fará o seu advento no mundo e concederá a todos os seres vivos de Jambudvipa os cinco caracteres do Myoho-rengue-kyo.” 2 Resumidamente, Daishonin mostra nessa frase que o único remédio para curar as pessoas dos Últimos Dias da Lei dos seus males é o Nam-myoho-rengue-kyo e não os ensinos provisórios do Buda Sakyamuni.

(B): Pode-se dizer que nós, as pessoas dos Últimos Dias da Lei, somos portadoras da “doença da vida” causada pelos três venenos da avareza, ira e estupidez e que pode ser curada somente por meio do “remédio” da Lei Mística.

(A): Vejamos então a parábola do bom médico e do filho doente descrita no Sutra de Lótus. O trecho do capítulo Juryo que descreve esta parábola inicia-se com as seguintes palavras: “Imaginem, por exemplo, que haja um médico sábio e habilidoso que sabe como preparar remédios para curar eficazmente todos os tipos de doença. Ele tem muitos filhos, talvez dez, vinte ou até mesmo cem. O médico viaja para uma terra distante para tratar de um determinado assunto. Na ausência do pai, os filhos bebem um certo tipo de veneno que os faz enlouquecerem de dor e contorcerem-se no chão. Nesse momento, o pai retorna para casa e percebe que eles haviam tomado veneno. Alguns haviam perdido totalmente a razão, enquanto outros, não. Ao notarem que o pai havia retornado de tão longe, felizes, os filhos o abraçam implorando-lhes de joelhos: ‘Que bom que está aqui a salvo. Fomos estúpidos ao tomar veneno por engano! Suplicamo-lhe que nos cure e nos deixe continuar a viver!’”3

Fontes de consulta: 1. Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, Editora Brasil Seikyo, pág. 237. 2. As Escrituras de Nitiren Daishonin, Editora Brasil Seikyo, vol. VI, pág.142. 3. Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, Editora Brasil Seikyo, págs. 236 e 239.

# Parábola do bom médico (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1748, 22/05/2004, página C5.)

Visando a melhorar cada vez mais a compreensão da matéria, o “Budismo na Vida Diária” passa a ser publicado em forma de um diálogo entre personagens fictícios indicados como (A), (B) e (C).

(C): O pai, médico, percebendo a grave doença acometida pelos filhos no retorno de sua viagem, prepara e oferece-lhes então um excelente remédio contendo ervas medicinais que reúnem todas as qualidades de cor, fragrância e sabor.

(A): Em relação a esta cena, o presidente Ikeda comenta na Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo: “Há algum pai que, ao ver seus filhos sofrendo, não tentaria aliviar a dor deles? Vem-me à mente a imagem de um pai desesperado que corre para juntar e moer ervas medicinais em um pilão, prepara apressadamente o remédio e diz ‘Sei que estão se sentindo muito mal... Esperem só mais um pouco. Eu vou dar a vocês um remédio para tomar’.”1

(B): Realmente, podemos sentir a benevolência do Buda em compartilhar os sofrimentos de todas as pessoas como se fossem dele próprio e acima de tudo, de se empenhar sem medir esforços para aliviar-lhes a dor e oferecer-lhes alegria e felicidade.

(A): O presidente Ikeda comenta ainda: “A benevolência de Sakyamuni é como o amor de uma mãe bondosa que partilha incondicionalmente o sofrimento das pessoas. Ao mesmo tempo, também é como o amor de um pai rigoroso, que trava uma permanente luta para extirpar o sofrimento e infundir a verdadeira paz e alívio. Jossei Toda, segundo presidente da Soka Gakkai, explicou: ‘Este ensino do Nam-myoho-rengue-kyo corresponde ao amor de um pai rigoroso’.” 2

(C): Então, na época atual dos Últimos Dias da Lei, Nitiren Daishonin, que revelou o Nam-myoho-rengue-kyo, pode ser considerado este “pai rigoroso” mencionado pelo presidente Ikeda, não é mesmo? É como se o Nam-myoho-rengue-kyo fosse o “remédio” contendo as qualidades de cor, fragrância e sabor capaz de aliviar o sofrimento das pessoas.

(B): Porém, obviamente, para que um remédio produza efeito é necessário que seja ingerido. Na descrição da parábola, o Sutra de Lótus prossegue: “As crianças que ainda estavam com a mente sã compreendem que se trata de um remédio excelente tanto na cor como na fragrância; pelo fato de beberem-no rapidamente, conseguem se curar por completo da enfermidade. As que haviam perdido a razão alegram-se igualmente ao ver o pai regressar e suplicam-lhe que as cure, porém, quando este lhes dá o remédio, recusam-se a tomá-lo. Por que? Porque o veneno havia penetrado profundamente e a mente delas já não mais raciocinava como antes. Assim, embora o remédio tivesse excelente cor e fragrância, elas não percebem o bem que ele faz.”3

(A): Este trecho da parábola mostra a condição dos filhos que perderam a razão e não conseguem tomar o remédio preparado pelo pai, muito embora se sintam contentes com o seu regresso e supliquem a ele para que os cure. O veneno já havia penetrado profundamente em sua vida e não conseguiam manter-se lúcidos.

(C): Em relação a este trecho da parábola, o presidente Ikeda explica: “Em outras palavras, o poder da natureza de Buda não pode manifestar-se pelo fato de as ilusões estarem profundamente arraigadas. Mesmo que essas pessoas também anseiem pela felicidade e ainda que a causa fundamental para atingi-la esteja bem diante de seus olhos, não conseguem se dar conta disso. Incapazes de reconhecer o ‘remédio de excelente cor e fragrância’ pelo que é, desconfiam que seja algo ruim. Não apenas não conseguem crer na Lei Mística como também a refutam expressamente. São ‘pessoas de mente distorcida’ que confundem o bem com o mal, o verdadeiro com o falso.” 4

Fontes de consulta: 1. Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, Editora Brasil Seikyo, pág. 245. 2. Ibidem. 3. Ibidem, pág. 250. 4. Ibidem, págs. 251 e 252.

# Parábola do bom médico (3)

(Brasil Seikyo, edição nº 1749, 29/05/2004, página A5.)

Visando a melhorar cada vez mais a compreensão da matéria, o “Budismo na Vida Diária” passa a ser publicado em forma de um diálogo entre personagens fictícios indicados como (A), (B) e (C).

(A): De fato, embora tenha sido descrita na época de Sakyamuni, esta parábola parece estar se referindo à realidade dos dias atuais. Analisando-se a sociedade atual, as pessoas buscam um “tratamento” para os seus problemas e sofrimentos, mas no final se recusam a tomar o “remédio” da Lei Mística.

(B): Vejamos então a parte final desta parábola: “O pai pensa: ‘Meus pobres filhos! O veneno ingerido afetou-lhes a mente por completo. Apesar de estarem felizes por me verem e pedirem que os cure, recusam-se a tomar este excelente remédio. Agora terei de recorrer a algum meio para que tomem o remédio’. Assim sendo, ele diz para as crianças: ‘Ouçam, meus filhos, estou ficando velho e fraco. Minha vida está chegando ao fim. Deixo aqui este excelente remédio para vocês. Devem tomá-lo sem se preocupar se fará efeito’. Logo após ter dado essas instruções, ele parte rumo a outras terras, de onde envia um mensageiro para anunciar aos filhos: ‘Vosso pai faleceu’. Nesse momento, os filhos, ao escutarem que o pai os havia abandonado e morrido, são tomados pela dor e consternação e pensam: ‘Se nosso pai ainda estivesse vivo, teria piedade de nós e faria algo para nos salvar. Porém, ele nos abandonou e morreu em alguma terra distante. Agora somos órfãos desprotegidos e não temos ninguém em quem confiar!’ Sentindo essa angústia constante, por fim recobram a razão e compreendem que o remédio de fato tem excelente cor, fragrância e sabor. As crianças tomam o remédio, sendo curadas de todos os efeitos do veneno. O pai, ao saber da cura dos filhos, regressa imediatamente para casa e aparece diante deles uma vez mais.”1

(C): Assim, o pai, bom médico, induziu os filhos a tomarem o remédio ocultando-se deles, pois se tivesse permanecido junto com eles, continuariam se recusando a tomar. Foi o meio hábil utilizado pelo pai, pedindo a um mensageiro que comunicasse o seu falecimento em terras distantes, que fez com que os filhos tomassem o remédio e assim conduzi-los à felicidade.

(B): Naturalmente, podemos analisar esta parábola sob a ótica do budismo de Nitiren Daishonin, aplicando-a à nossa realidade atual. O bom médico corresponde exatamente ao Buda Nitiren Daishonin que deixou o grande remédio benéfico do Nam-myoho-rengue-kyo visando a conduzir todas as pessoas dos Últimos Dias da Lei à iluminação.

(A): Então, cada um de nós que se empenha na promoção do Kossen-rufu de acordo com os ensinamentos de Nitiren Daishonin está justamente fazendo o papel do “mensageiro” desta parábola, não é?

(B): Com toda a certeza, estamos trilhando pelo correto caminho de um verdadeiro Bodhisattva da Terra.

(C): Para concluir, vamos ler mais este trecho das considerações do presidente Ikeda: “Nem mesmo o bom médico poderia salvar seus filhos sem a intervenção do mensageiro. Da mesma forma, sem o movimento popular dos Bodhisattvas da Terra, que abraçam o grande remédio benéfico da Lei Mística, a humanidade não poderia ser salva nesta era repleta de maldades. Juntos, vamos avançar orgulhosamente pelo glorioso caminho da vida dos Bodhisattvas da Terra.” 2

Fontes de consulta: 1. Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, Editora Brasil Seikyo, págs. 254, 256–257. 2. Ibidem, págs 259–260.

# Três poderosos inimigos (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1750, 05/06/2004, página A5.)

(B): Estudando a vida de Nitiren Daishonin, observamos uma sucessão de perseguições por parte de diversos setores da sociedade japonesa da época: autoridades governamentais, sacerdotes ou mesmo pessoas comuns. Situações semelhantes podem ser verificadas também ao longo da história da Soka Gakkai. Como o budismo explica tais perseguições?

(A): Em várias de suas escrituras, Nitiren Daishonin enfatiza que enfrentar obstáculos e perseguições em prol do budismo deve ser motivo de alegria, uma vez que eles oferecem uma oportunidade para desenvolver nosso estado de Buda. Por exemplo, em 'O ensino, a capacidade, o tempo e o país', Daishonin declara: "E conforme eu, Nitiren, pondero sobre a verdade dessas palavras do Buda, compreendo que essas três espécies de inimigos são de fato uma realidade. Se eu não os fizer aparecer, não serei um verdadeiro devoto do Sutra de Lótus." (As Escrituras de Nitiren Daishonin, Editora Brasil Seikyo, vol. III, pág. 124.)

(B): O que são essas três espécies de inimigos citadas nessa escritura?

(C): No décimo terceiro capítulo do Sutra de Lótus, "Devoção Encorajadora", consta que os praticantes que propagarem o verdadeiro ensino budista (Sutra de Lótus) na era dos Últimos Dias da Lei enfrentarão diversos insultos provocados por três tipos de perseguidores chamados de Três Poderosos Inimigos ou Três Tipos de Inimigos. O ponto em comum nos três é a "arrogância" de pensarem que atingiram a iluminação e agirem com prepotência achando-se superiores às outras pessoas.

(A): De acordo com a classificação definida pelo Grande Mestre Miao-lo, da China, os Três Poderosos Inimigos são: 1) Leigos arrogantes: pessoas leigas que, sem conhecer o budismo, caluniam e atacam os devotos do Sutra de Lótus com espadas e bastões; 2) Bonzos arrogantes: bonzos ardilosos e arrogantes que pensam terem alcançado uma percepção que, na verdade, não atingiram e por isso caluniam e perseguem os devotos do Sutra de Lótus; e 3) Sacerdotes arrogantes: bonzos respeitados pelo povo em geral que, temendo a perda da fama e fortuna, induzem as autoridades a perseguirem os devotos do Sutra de Lótus.

(C): Isso explica que mesmo homens e mulheres leigos que desconhecem o budismo podem difamar e atacar os devotos do Sutra de Lótus, isto é, os seguidores do Budismo de Nitiren Daishonin na época atual.

(B): Ser uma ou duas vezes "insultado" ou "amaldiçoado" e "difamado" é fácil de suportar. Porém, ser amaldiçoado e difamado constantemente por várias pessoas é algo muito difícil de suportar. O filósofo francês Alain (pseudônimo de Emile-Auguste Chartier) afirma: "Não há dúvida de que não existe sequer uma única pessoa que pudesse suportar, por um longo tempo, uma avalanche de insultos e maldições de pessoas do mundo todo. A pessoa que é amaldiçoada caminha para sua própria ruína."

(A): Concordo plenamente. A menos que tenham passado por tais abusos, não poderão compreender essa afirmação. Mas um verdadeiro bodhisattva é aquele que, não obstante os maus tratos e as perseguições, continua avançando tranqüilamente enquanto protege os outros. Este foi exatamente o comportamento do Buda Original Nitiren Daishonin durante a sua vida. E é também o próprio espírito de nossa organização, vivido diretamente pelos seus três sucessivos presidentes.

Fontes de consulta: 1. Apostila de Exame de Budismo de Segundo Grau e Grau Médio, Editora Brasil Seikyo, 2002. 2. Brasil Seikyo, edição no 1.440, de 6 de dezembro de 1997, pág. 3. 3. Ibidem, edição no 1.441, de 13 de dezembro de 1997, pág. 3. 4. Terceira Civilização, edição no 424, dezembro de 2003, págs. 20–29.

# Três poderosos inimigos (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1751, 12/06/2004, página A5.)

(C): Em relação ao primeiro dos “Três poderosos inimigos”, isto é, os “leigos arrogantes”, refere-se às pessoas que não sabem distinguir entre o superior e o inferior, e profundo e superficial, no que diz respeito aos ensinos budistas. Comumente, essas pessoas perseguem insistentemente os seguidores do Verdadeiro Budismo, sob a influência do segundo e do terceiro dos três poderosos inimigos, ou seja, os “bonzos arrogantes” — clérigos astutos que traem os devotos e os “sacerdotes arrogantes” — clérigos reverenciados por todos e que, temendo perder fama ou lucro, induzem as autoridades a perseguirem os devotos do Sutra de Lótus.

(B): Então, pode-se dizer que a característica mais marcante dos “leigos arrogantes” é a de se tornarem hostis ao Verdadeiro Ensino, confiando cegamente em determinadas autoridades e líderes religiosos. Tais pessoas nunca se preocupam em buscar a verdade por si próprias e se tornam incapazes de distinguir o certo do errado.

(A): Já em relação ao segundo e ao terceiro grupo dos “Três poderosos inimigos”, observa-se que ambos se referem aos bonzos. O capítulo “Devoção Encorajadora” do Sutra de Lótus considera os maus bonzos como os piores inimigos dos ensinos budistas.

(C): As principais características dos bonzos que fazem parte do segundo grupo de perseguidores dos devotos do Sutra de Lótus, os “bonzos arrogantes”, são: (1) Sabedoria perversa (não possuem a sinceridade de admitir o ensino correto); (2) Adulação (em relação às autoridades e às pessoas de poder); (3) Orgulho e Presunção, afirmando terem alcançado a percepção que não atingiram (atitude de menosprezar os outros, baseando-se unicamente nos seus próprios conhecimentos).

(A): O terceiro grupo de poderosos inimigos, os “sacerdotes arrogantes”, não se refere a bonzos em geral, mas àqueles que desfrutam de um elevado respeito perante o público como se fossem altos sacerdotes. Entretanto, são eles que se aproveitam desse prestígio para satisfazerem suas ambições de fama e fortuna, caluniando os devotos do Sutra de Lótus. Além disso, compactuam com as autoridades e usam o poder para perseguir os devotos. O Sutra de Lótus mostra que, dentre as forças que impedem a propagação do ensino correto, a dos “bonzos arrogantes” é pior que a dos “leigos arrogantes”, e a dos “sacerdotes arrogantes”, pior que a dos “bonzos arrogantes”.

Fontes de consulta: 1. Apostila de Exame de Budismo de Segundo Grau e Grau Médio, Editora Brasil Seikyo, 2002. 2. Brasil Seikyo, edição no 1.440, de 6 de dezembro de 1997, pág. 3. 3. Ibidem, edição no 1.441, de 13 de dezembro de 1997, pág. 3. 4. Terceira Civilização, edição no 424, dezembro de 2003, págs. 20–29.

# Três poderosos inimigos (3)

(Brasil Seikyo, edição nº 1752, 19/06/2004, página A5.)

(B): De acordo com as escrituras budistas, em qual época surgiriam os “Três poderosos inimigos”?

(C): Os “Três poderosos inimigos” surgiriam nos Últimos Dias da Lei. O Sutra de Lótus descreve os Últimos Dias da Lei como uma “era de conflitos em que a Lei pura se perderá e será obscurecida”. Em outras palavras, seria uma época em que os ensinos provisórios que Sakyamuni expôs como simples “meios” se dividem em diversas escolas distintas, que entram em conflito umas com as outras. É também uma era em que as pessoas não reconhecem o Sutra de Lótus como o ensino correto que prega o bem supremo para se atingir o estado de Buda.

(A): Quando as pessoas propagam o Sutra de Lótus nesta era, os diversos ensinos expostos por Sakyamuni dificultam a prática do Sutra de Lótus e provocam a ação da natureza maléfica inerente na vida que bloqueia o caminho para atingir o estado de Buda. O Sutra de Lótus esclarece que essas perseguições que surgiram depois da morte de Sakyamuni assumem a forma de ataques perpetrados pelos “Três poderosos inimigos”.

(C): Nitiren Daishonin empreendeu uma luta para propagar o Sutra de Lótus nos Últimos Dias da Lei, estabelecendo a lei do Nam-myoho-rengue-kyo e o Gohonzon como o supremo objeto de devoção para a felicidade de todas as pessoas. Daishonin tinha a plena consciência de que, ao fazê-lo, teria de suportar ataques ferozes das funções do mal. Quanto mais tenazmente lutarmos, mais as funções malévolas tentarão nos impedir. Em síntese, Nitiren Daishonin provocou o ataque dos três poderosos inimigos, que surgiram exatamente como o Sutra de Lótus havia predito, e perseverou com toda a firmeza e coragem.

(B): Na escritura “Abertura dos Olhos”, Daishonin cita um comentário do Grande Mestre Miao-lo: “Desses três tipos de arrogância, o primeiro (leigos arrogantes) pode ser superado. O segundo (bonzos arrogantes) é mais significativo que o primeiro, e o terceiro (sacerdotes arrogantes) é o maior de todos. Isso acontece porque o segundo é mais difícil de ser reconhecido na sua forma real, e o terceiro é ainda mais difícil de ser reconhecido.” (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. II, pág. 148.)

(A): Há também a seguinte passagem nesta mesma escritura “Abertura dos Olhos”: “Aqueles que não têm olhos, aqueles que têm um só olho e aqueles que têm visão perversa não podem ver estes três tipos de inimigos do Sutra de Lótus que apareceram no começo dos Últimos Dias da Lei. Mas aqueles que alcançaram uma parte do olho do Buda podem ver quem são eles.” (Ibidem. pág. 160.)

(C): Esta frase de Daishonin nos mostra que somente as pessoas de ação, isto é, as pessoas que lutam, podem reconhecer a verdadeira natureza da maldade. Certa vez, um jovem perguntou a Tsunessaburo Makiguti, primeiro presidente da Soka Gakkai, como alguém poderia desenvolver a habilidade para distinguir o bem do mal. O presidente Makiguti respondeu: “Se você possui tenacidade e coragem para praticar a maior religião do mundo, virá a compreender.”

Fontes de consulta: 1. Apostila de Exame de Budismo de Segundo Grau e Grau Médio, Editora Brasil Seikyo, 2002. 2. Brasil Seikyo, edição no 1.440, de 6 de dezembro de 1997, pág. 3. 3. Ibidem, edição no 1.441, de 13 de dezembro de 1997, pág. 3. 4. Terceira Civilização, edição no 424, dezembro de 2003, págs. 20–29.

# Três poderosos inimigos (4)

(Brasil Seikyo, edição nº 1753, 26/06/2004, página A5.)

(B): Analisando o segundo e o terceiro grupo dos “Três Poderosos Inimigos”, que se referem à arrogância dos reverendos, verificamos que os falsos religiosos se convencem de que são melhores do que qualquer pessoa e, assim, desprezam-nas. Além disso, para se fazerem parecer superiores, os falsos religiosos necessitam de uma certa distância para se isolarem das pessoas comuns.

(A): Exatamente por essa razão, eles não suportam o pensamento de igualdade do Sutra de Lótus, que ensina que todas as pessoas são budas. Para os propósitos desses falsos religiosos, a iluminação deve ser um estado que não pode ser facilmente alcançado. Quanto mais o Buda for visto como alguém fora do alcance dos seres humanos, maior será a própria autoridade deles como intermediários entre as pessoas e o Buda. Poderíamos dizer que os falsos religiosos tentam estabelecer um “monopólio” sobre o Buda.

(C): Eles agem tentando aumentar a distância entre as pessoas e Nitiren Daishonin, dizendo que elas não podem atingir a iluminação a menos que tenham um “intermediário” especial.

(B): Podemos fazer uma analogia com um corretor inescrupuloso que aumenta os preços arbitrariamente a fim de aumentar seus lucros. Fundamentalmente, o Budismo de Nitiren Daishonin ensina a direta fusão entre a pessoa e o Gohonzon, de acordo com o princípio de que “abraçar o Gohonzon é observar a própria mente (e perceber os Dez Mundos inerentes)”, e “alcançar imediatamente a verdadeira percepção” (isto é, atingir o estado de Buda na presente forma).

(C): O importante é ter fé, e estar ligado a uma pessoa que ensina o correto caminho da prática. No mundo do Budismo de Nitiren Daishonin, não há necessidade — nem agora nem nunca — de reverendos sem fé e que não praticam o budismo, mas que meramente impõem a autoridade religiosa.

(A): A nossa batalha diária contra os obstáculos e maldades e os “Três Poderosos Inimigos” do budismo é uma prova de que decididamente nos tornaremos felizes e atingiremos o estado de Buda. Somente perseverando com tenacidade em nossa prática budista é que podemos consolidar um estado de eterna felicidade nas profundezas de nossa vida. É crucial, portanto, não retrocedermos.

(C): Praticar a fé com o comprometimento de combater os “Três Poderosos Inimigos” é o caminho mais curto para se atingir o estado de Buda. Conseqüentemente, quando uma tempestade devastadora de obstáculos cair sobre nós, isso representa uma chance para transformar o nosso destino, uma oportunidade para assegurar a eterna felicidade da concretização do estado de Buda. Na escritura “Carta de Sado”, Nitiren Daishonin declara: “Quando um mau imperador profana o Verdadeiro Budismo e os bonzos heréticos ficam ao lado dele, banindo um bonzo sábio, aqueles com o coração de leão certamente atingirão o estado de Buda, tal como Nitiren fez.” (END, vol. I, pág. 196.)

(B): Assim, vamos avançar sem jamais sermos influenciados e derrotados pelos “Três Poderosos Inimigos”. Vamos vencer infalivelmente.

Fontes de consulta: 1. Apostila de Exame de Budismo de Segundo Grau e Grau Médio, Editora Brasil Seikyo, 2002. 2. Brasil Seikyo, edição no 1.440, de 6 de dezembro de 1997, pág. 3. 3. Ibidem, edição no 1.441, de 13 de dezembro de 1997, pág. 3. 4. Terceira Civilização, edição no 424, dezembro de 2003, págs. 20–29.

# Torre do Tesouro (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1754, 10/07/2004, página A5.)

(A): Ouvi dizer numa explanação do Sutra de Lótus sobre a Torre do Tesouro. O que seria esta Torre do Tesouro?

(B): De acordo com o Sutra de Lótus, por ocasião da Cerimônia no Ar surgiram incontáveis Bodhisattvas da Terra diante de uma imensa torre adornada por jóias e tesouros e em seu interior se encontravam o Buda Sakyamuni e o Buda Muitos Tesouros (Taho). Segundo descrições, esta gigantesca torre emergiu da terra a uma altura inimaginável que ligava o céu à terra, sua largura também era imensa e adornada com sete tesouros e vários objetos preciosos, possuía incontáveis bandeiras, cinco mil parapeitos e dez mil salas. Os quatro lados da torre emitiam uma fragrância de sândalo que impregnavam todo o mundo. Suas bandeiras e dosséis eram feitos de sete tesouros, que eram: ouro, prata, lápis-lazúli, conchas do mar, ágata, pérola e cornalina.

(C): Esta torre que se ergueu no ar, numa sucessão de eventos extraordinários em cenas realmente cinematográficas pelas proporções descritas, é conhecida como a Torre do Tesouro. As suas dimensões seriam de 500 yojana de altura e de 250 yojana de largura e de profundidade o que equivaleria, mesmo em um cálculo moderado, a um terço do tamanho do globo terrestre.

(A): Mas qual o significado desse episódio no Sutra de Lótus onde a Torre do Tesouro se ergueu?

(B): Sakyamuni explica na passagem do Sutra de Lótus que a Torre do Tesouro surgiu justamente porque ali se juntaram os budas de todas as direções para assegurar que a Lei fosse eterna. Isto é, ali se juntaram os budas que propagariam a Lei por toda a eternidade, nos Últimos Dias da Lei. Foi o momento em que se fez o juramento da difícil tarefa para a qual estavam se propondo. Estas pessoas que ali se juntaram para realizar este juramento eram, nada mais nada menos, os Bodhisattvas da Terra, ou seja, nós mesmos, que juramos diante da Torre do Tesouro propagar o ensino da Lei Mística enfrentando e superando todas as adversidades que surgissem.

(C): No diálogo sobre a sabedoria do Sutra de Lótus, o presidente Ikeda comenta sobre o surgimento da Torre do Tesouro: “A cerimônia que tem lugar no capítulo ‘Surgimento da Torre do Tesouro’ é um espelho que revela a verdadeira identidade de nossa vida.” (Brasil Seikyo, edição no 1.418, de 21 de junho de 1997, pág. 3.)

(A): Então, esse episódio retrata a nossa própria condição como Bodhisattvas da Terra, não é?

(B): De fato, esta Torre do Tesouro apareceria exatamente quando os Bodhisattvas se levantassem e propagassem a Lei para todas as pessoas, reconfirmando o seu próprio juramento.

Fontes de consulta: • Brasil Seikyo, edição no 1.249, 13 de novembro de 1993, pág. 3. • Ibidem, edição no 1.246, 16 de outubro de 1993, pág. 6. • A sabedoria do Sutra de Lótus — um diálogo sobre a religião no século XXI.

# Torre do Tesouro (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1755, 17/07/2004, página A5.)

(C): No Diálogo Sobre a Sabedoria do Sutra de Lótus, o presidente Ikeda apresenta a seguinte observação do segundo presidente da Soka Gakkai, Jossei Toda, sobre a Torre do Tesouro: "Certa vez, perguntei a um pesquisador que havia se tornado bonzo: 'O Sutra de Lótus diz que a Torre do Tesouro aparece sempre que o Sutra de Lótus está sendo exposto. Mas Nitiren Daishonin expôs o Sutra de Lótus e a Torre do Tesouro não apareceu. Por quê?' O homem pareceu ficar perplexo. Quando Abutsu-bo perguntou a Daishonin sobre a Torre do Tesouro, Daishonin disse-lhe: 'Abutsu-bo é a própria Torre do Tesouro, e a Torre do Tesouro é o próprio Abutsu-bo.' Seu corpo é a própria Torre do Tesouro. Dentro da Torre do Tesouro, de sua própria vida, estão sentados os dois Budas, Sakyamuni e Muitos Tesouros. E eles convocaram o Bodhisattva Práticas Superiores (Jogyo)." (Brasil Seikyo, edição no 1.418, de 21 de junho de 1997, pág. 3.)

(A): Isto mostra claramente que a Torre do Tesouro somos nós mesmos, isto é, ela existe dentro de nós. A Torre do Tesouro não se encontra em algum lugar fora como os ensinos teóricos tentam mostrar. A Torre do Tesouro está inerente em nós, na nossa própria vida.

(B): Neste mesmo diálogo, o presidente Ikeda esclarece muito bem esta questão: "Abutsu-bo queria aprender o significado da Torre do Tesouro. Daishonin explicou-lhe de forma simples: A Torre do Tesouro não é nada a não ser o senhor próprio... Uma vez que entendemos que nós, que veneramos o Gohonzon, somos nós próprios a torre de muitos tesouros, que necessidade temos de mais compreensão doutrinal? Estamos estudando o Sutra de Lótus dessa maneira para firmar nossa compreensão de seu significado essencial e para aprofundar nossa fé e sermos capazes de conversar sobre o Sutra de Lótus com os outros." (Ibidem.)

(A): Portanto, somente quando nós evidenciarmos nosso estado de Buda poderemos "ver" a Torre do Tesouro que existe em nossa vida. E, certamente, nós possuímos a Torre do Tesouro dentro de nós. Nosso corpo é a própria Torre do Tesouro! A vida é o maior tesouro do Universo! E é por isso que Nitiren Daishonin ensinou que não devemos procurar o Gohonzon ou a Lei fora de nós mesmos, pois ela existe inerente em nossa vida.

(C): Em uma orientação, o presidente Ikeda afirma: "Nós acreditamos no Gohonzon. Acreditamos na Lei Mística. Isso significa que nós próprios somos a entidade da Lei Mística. Nós somos a entidade de grande boa sorte, somos a Torre do Tesouro. Portanto, jamais seremos derrotados. Não precisamos temer nada... Nossa vida é a nobre 'Torre do Tesouro'. Mas essa é uma verdade que não conseguimos perceber. Perceber isso é de fato 'ver a Torre do Tesouro'." (Ibidem, edição no 1.246, 16 de outubro de 1993, pág. 3.)

(B): Em outras palavras, se somos a Torre do Tesouro, uma ilimitada boa sorte existe em nossa vida. Quando nos dedicamos à luta do Kossen-rufu, isto é, em prol da felicidade das pessoas, podemos evidenciar esta condição elevada inerente na nossa vida.

(C): Além disso, não devemos nos deixar vencer pelas dificuldades da vida diária. Devemos conduzir nossa existência acreditando no nosso enorme potencial e ao mesmo tempo fazendo as outras pessoas descobrirem a Torre do Tesouro que existe dentro delas.

Fontes de consulta: • Brasil Seikyo, edição no 1.249, 13 de novembro de 1993, pág. 3. • Ibidem, edição no 1.246, 16 de outubro de 1993, pág. 3. • A Sabedoria do Sutra de Lótus — Um Diálogo sobre a Religião no século XXI.

# Torre do Tesouro (3)

(Brasil Seikyo, edição nº 1756, 24/07/2004, página A5.)

(A): Até aqui, entendemos que a Torre do Tesouro nada mais é que o nosso próprio corpo, nossa própria vida. Por outro lado, sabemos que o Nam-myoho-rengue-kyo é a nossa própria vida. A Torre do Tesouro então não seria o Nam-myoho-rengue-kyo?

(B): No Diálogo sobre a Sabedoria do Sutra de lótus, o presidente Ikeda esclarece: "Nitiren Daishonin declara: '[Em termos de Myoho-rengue-kyo], o ar representa rengue, a terra, Kyo e o céu, myoho.'(Gosho Zenshu, pág.742.) Em outras palavras, a Torre do Tesouro flutuando no ar entre o céu e a terra são, em sua totalidade, o Myoho-rengue-kyo. O Universo em sua totalidade, representado pelo céu e pela terra, é o Myoho-rengue-kyo. Nossa vida é o Myoho-rengue-kyo. E a Torre do Tesouro é também o Myoho-rengue-kyo. Isso ressalta a grande verdade de que nossa vida e o Universo são unos. A Torre do Tesouro tem uma conexão profunda com os cinco caracteres do Myoho-rengue-kyo. Ou, mais precisamente, como Daishonin disse, a Torre do Tesouro é o próprio Myoho-rengue-kyo." (Brasil Seikyo, edição no 1.418, 21 de junho de 1997, pág. 3.)

(C): Em outras palavras, o Gohonzon existe dentro de nós, assim como a própria Lei, como também a Torre do Tesouro. Portanto, a Torre do Tesouro simboliza a vida, e as pessoas que acreditam e propagam a Lei Mística do Nam-myoho-rengue-kyo. Na época atual dos Últimos Dias da Lei, não há outra Torre do Tesouro a não ser figuras de homens e mulheres que abraçam o Sutra de Lótus. Aqueles que recitam o Nam-myoho-rengue-kyo, independentemente da condição em que se encontram ou a posição social, são a própria Torre do Tesouro.

(A): Em conclusão, quando nos empenhamos em prol da paz e da felicidade das pessoas, isto é, da realização do Kossen-rufu, estamos cumprindo o nosso próprio juramento como Bodhisattvas da Terra diante da Torre do Tesouro na Cerimônia do Ar, não é?

(B): Sim. Cada momento em que nos dedicamos nessa luta estamos reconfirmando este juramento, cumprindo em outras palavras com a nossa própria missão.

(C): Por outro lado, conforme já vimos, o Gohonzon é a própria Torre do Tesouro. Quando estamos diante do Gohonzon e recitamos Daimoku, este ato simboliza a reconfirmação do juramento. E, propagando a Lei Mística às pessoas visando a felicidade delas, estamos cumprindo esse juramento. Daí a grande importância da realização do Chakubuku.

(A): Por fim, entendendo o significado da Torre do Tesouro, vamos aprimorar a nossa prática da fé, conduzindo uma vida cada vez mais digna e correta, tal como afirma esta orientação do presidente Ikeda no Diálogo sobre a Sabedoria do Sutra de Lótus: "Praticar a fé significa conduzir a mais correta vida. Adquirir sabedoria significa atingir a mais profunda compreensão da natureza humana. A Torre do Tesouro existe na vida humana. Compreendê-la nesses termos é ver além de nossas diferenças aparentes e perceber a dignidade da própria vida. A razão para isso é que no nível mais essencial da vida não há seres superiores ou inferiores. Todos possuem vida da mesma forma. Ao nível da vida não há diferenças de gênero, cor da pele ou etnia. Não há discriminações com base na riqueza ou na posição social. Todos são iguais. Portanto, basear-se na Torre do Tesouro pode ser considerado como estabelecer uma visão da dignidade da vida de absoluta igualdade. É o verdadeiro humanismo." (Ibidem, edição no 1.419, de 28 de junho de 1997, pág. 3.)

Fontes de consulta: • Brasil Seikyo, edição no 1.249, 13 de novembro de 1993, pág. 3. • Ibidem, edição no 1.246, 16 de outubro de 1993, pág. 3. • A Sabedoria do Sutra de Lótus — Um Diálogo sobre a Religião no século XXI.

# Cerimônia do Ar (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1757, 31/07/2004, página A5.)

(A): O que é a Cerimônia do Ar e qual o seu significado?

(B): Foi uma cerimônia apresentada pelo Buda Sakyamuni no 11o capítulo do Sutra de Lótus, intitulado “Surgimento da Torre do Tesouro” (Hoto). Para entendermos melhor seu significado, precisamos analisar o contexto geral. A Cerimônia do Ar é precedida por um outro importante acontecimento, que foi a exposição da Torre do Tesouro. De acordo com Sakyamuni, essa torre era algo de tamanho e valor inimagináveis. Em cálculos atuais, ela mediria algo em torno de 7 mil quilômetros de altura por 3.500 quilômetros de largura e profundidade. Além disso, era plenamente adornada com sete tipos de jóias preciosas. Ou seja, não havia nada mais valioso do que essa torre em todo este imenso Universo.

(C): De acordo com a interpretação do Buda Original Nitiren Daishonin, nos Últimos Dias da Lei a Torre do Tesouro é a própria vida de todos os homens e mulheres que abraçam o Sutra de Lótus, conforme a seguinte passagem da escritura “Sobre a Torre do Tesouro”: “Nos Últimos Dias da Lei, não há outra Torre do Tesouro além dos corpos dos homens e mulheres que abraçam o Sutra de Lótus.”

(B): O local onde todos se encontravam durante a explanação do Buda era denominado Pico da Águia. Em um determinado momento, Sakyamuni suspende a Torre do Tesouro a um plano mais elevado, no ar, e convoca todos os discípulos, bodhisattvas e divindades das dez direções. Sentado na parte superior da torre, ao lado do Buda Muitos Tesouros (Taho), questiona quem irá propagar seus ensinos nos Últimos Dias da Lei após a sua morte. Embora todos os presentes se manifestassem favoravelmente a esta indagação, o Buda nega que eles teriam condições de realizar tal façanha. Nesse momento, a terra se abre e emergem milhões de Bodhisattvas da Terra liderados pelo Bodhisattva Práticas Superiores (Jogyo) e Sakyamuni apresenta-os como os portadores da missão de propagar a Lei nos Últimos Dias da Lei, época que seria caracterizada como um período de muitas impurezas. Após essa cena, o Buda retorna com todos ao Pico da Águia. Por este episódio ter ocorrido no ar, é conhecida como a Cerimônia do Ar.

(A): Qual seria o significado em relação ao local do acontecimento desta cerimônia e a ocorrência no ar?

(B): Para entendermos esta questão, é interessante estudarmos o contexto da pregação do Sutra de Lótus, conhecido como três assembléias e dois locais. O sutra inicia-se com a pregação de Sakyamuni no Pico da Águia. Em seguida, Sakyamuni eleva toda a assembléia para o ar e finalmente retorna para o Pico da Águia onde conclui a pregação. A primeira assembléia é a que ocorre inicialmente no Pico da Águia; em seguida, a assembléia é elevada para a Cerimônia do Ar; e finalmente a terceira é a que ocorre após o retorno ao Pico da Águia. Com relação aos dois locais, os mesmos seriam justamente o Pico da Águia e o ar. No contexto dos vinte e oito capítulos do Sutra de Lótus, a primeira assembléia ocorre do primeiro capítulo até a primeira metade do décimo primeiro capítulo, “Surgimento da Torre do Tesouro”. A Cerimônia do Ar inicia-se na metade final do décimo primeiro capítulo e prossegue até o vigésimo segundo capítulo, “Transferência”. Finalmente, a terceira assembléia ocorre a partir do vigésimo terceiro capítulo, “Rei dos Remédios”, até o final do Sutra de Lótus, no vigésimo oitavo capítulo.

Fontes de consulta: • Brasil Seikyo, edição no 1.418, 21 de junho de 1997, pág. 3. • Ibidem, edição no 1.419, 28 de junho de 1997, pág. 3. • Ibidem, edição no 1.424, 2 de agosto de 1997, págs. 3 e 4. • Ibidem, edição no 1.425, 9 de agosto de 1997, pág. 3. • As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. III, pág. 231.

# Cerimônia no Ar (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1758, 07/08/2004, página A5.)

(A): Mas por que o Buda Sakyamuni teria utilizando esta forma de pregação em três assembléias e dois locais?

(C): Na verdade, essa forma de pregação se deve à infinita benevolência do Buda. O Buda conduz todas as pessoas, de sua condição atual, para o estado de iluminação, a fim de despertá-las e incentivá-las a cumprirem sua missão. Esse é o sentido de elevá-las de um plano (Pico da Águia) para outro (Ar), e finalmente retornar ao plano inicial (Pico da Águia). Nesse sentido, o Buda ensina que a iluminação somente existe no campo real de luta. Em outras palavras, o local onde devemos cumprir nossa missão é justamente onde vivemos, com todas as circunstâncias limitadas e difíceis que possuímos. A iluminação não é um estado divino, místico e fora da realidade. O Buda existe para servir as pessoas, oferecendo condições e incentivos para que todos possam compreender a verdade, transformar seus sofrimentos e desfrutar esse supremo estado de vida. Nesse sentido, não há outro local para se comprovar a façanha de realizar a revolução humana, a não ser no próprio meio onde habitamos e com todos aqueles com quem vivemos.

(B): Podemos agora analisar o significado da Cerimônia no Ar sob o ponto de vista da nossa prática da fé. No “Diálogo sobre a Sabedoria do Sutra de Lótus”, o presidente Ikeda esclarece essa questão relembrando a percepção alcançada pelo segundo presidente, Jossei Toda, na prisão.

(A): O presidente Toda foi aprisionado na época da Segunda Guerra Mundial devido a sua recusa em aceitar a imposição do governo militar japonês da crença oficial do país, o xintoísmo, protegendo assim o Budismo de Nitiren Daishonin.

(B): Na prisão, o presidente Toda estudou profundamente o Sutra de Lótus e percebeu que a sua essência se encontra no Gohonzon inscrito por Nitiren Daishonin. No “Diálogo sobre a Sabedoria do Sutra de Lótus”, o presidente Ikeda comenta: “Ele compreendeu, em outras palavras, que não há o menor desvio entre as palavras e frases do Sutra de Lótus e o ensino de Daishonin. E, diante dessa compreensão, verteu lágrimas de alegria.”

(C): No romance Revolução Humana, o presidente Ikeda descreve a cena em que o senhor Toda examina o Gohonzon em sua casa, esmiuçando todos os seus caracteres, logo após ser libertado da prisão: “Falando consigo mesmo, em murmúrio, ele confirmou que aquela cerimônia solene e misteriosa do Kokuê (Cerimônia no Ar) estava sendo representada pelas ideografias do Gohonzon. Cheio de emoção, as tépidas lágrimas de alegria escorriam pelas suas faces.” (Vol. I, pág. 39.)

(B): E assim, o presidente Ikeda apresenta a seguinte conclusão nesse mesmo Diálogo sobre a Sabedoria do Sutra de Lótus: “Quando reverenciamos o Gohonzon com forte fé, então esse local, qualquer que seja, torna-se a mais pura das terras, pois torna-se o local da Cerimônia no Ar, o Pico da Águia. Aí surge a Torre de Tesouro.”

Fontes de consulta: • Brasil Seikyo, edição no 1.418, 21 de junho de 1997, pág. 3. • Ibidem, edição no 1.419, 28 de junho de 1997, pág. 3. • Ibidem, edição no 1.424, 2 de agosto de 1997, págs. 3 e 4. • Ibidem, edição no 1.425, 9 de agosto de 1997, pág. 3. • As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. III, pág. 231.

# Cerimônia no Ar (3)

(Brasil Seikyo, edição nº 1759, 14/08/2004, página A5.)

(A): Até aqui, pudemos entender que no final das contas, a Cerimônia no Ar foi retratada por Nitiren Daishonin na forma do Gohonzon. Assim, quando realizamos o Gongyo e o Daimoku diante do Gohonzon, é como se estivéssemos participando da Cerimônia no Ar, não é mesmo?

(B): Vejamos mais um trecho das palavras do presidente Ikeda no "Diálogo sobre a Sabedoria do Sutra de Lótus": "Nós, por outro lado, podemos participar da eterna Cerimônia no Ar aqui e agora. Fazemos com que a Torre do Tesouro brilhe em nossa vida, em nossa existência diária e em nossos lares. Essa é a grandiosidade da fé no Gohonzon. Ele está sempre próximo e refletido em nossa realidade imediata. A Cerimônia no Ar, em contraste com as cerimônias no Pico da Águia que a precederam e a sucederam, tem lugar num mundo que transcende o tempo e o espaço. Ela não ocorre num tempo histórico e num local específicos. Precisamente por essa razão, podemos participar da Cerimônia no Ar em qualquer lugar e em qualquer tempo. Quando oramos ao Gohonzon (que retrata a Cerimônia no Ar) no presente momento, tornamo-nos unos com a vida eterna e universal e, exatamente onde estamos, manifestamos o vasto estado de vida que abrange todo o Universo. Nesse sentido, nossa prática diária do Gongyo e a recitação do Daimoku são uma 'jornada da vida' numa escala ainda maior do que aquela do astronauta que olha a Terra do espaço exterior."

(C): Podemos dizer que a Cerimônia no Ar é, em síntese, a expressão do ardente e sublime desejo dos discípulos ao mestre de cumprirem com suas missões, jurando dedicar-se à propagação da Lei e pela felicidade das pessoas. Conforme ensinado por Nitiren Daishonin, a Torre do Tesouro representa o Gohonzon consagrado em nossos lares. Por isso, quando recitamos o Gongyo e Daimoku a esse Gohonzon, retornamos ao âmago de nossa vida, e assim, nesse estado imaculado, podemos reconhecer e manifestar com toda intensidade esse nosso juramento. De fato, isso eleva nossa consciência e sentimento e conseqüentemente surge a sabedoria para agirmos. Contudo, muitas vezes, em vez de manifestarmos assim, ficamos, durante as orações, apenas lamentando a má sorte na vida, os aborrecimentos, as decepções, as revoltas etc.

(A): Na escritura "Sobre a Torre de Tesouro" enviada a Abutsu-bo, Nitiren Daishonin ensina: "O senhor pode pensar que ofereceu presentes à Torre do Tesouro do Buda Taho, mas isso não é verdade. O senhor os ofereceu a si mesmo."

(B): Portanto, tudo aquilo que manifestamos ou oferecemos ao Gohonzon, na verdade estamos fazendo a nós mesmos. Então, se apenas reclamamos, somos ingratos e negativos, o efeito é esse que teremos na vida. Em contrapartida, se elevamos nossa mente e disposição para dedicarmos sinceramente à causa do Kossen-rufu, da mesma forma, esses serão os maravilhosos resultados obtidos com a prática da fé. Conforme ensina o presidente Ikeda, o Gongyo e Daimoku são a solene Cerimônia no Ar que revivemos todos os dias diante do Gohonzon e nos possibilita manifestar todo nosso inerente potencial em prol da felicidade de si e dos outros.

Fontes de consulta: • Brasil Seikyo, edição no 1.418, 21 de junho de 1997, pág. 3. • Ibidem, edição no 1.419, 28 de junho de 1997, pág. 3. • Ibidem, edição no 1.424, 2 de agosto de 1997, págs. 3 e 4. • Ibidem, edição no 1.425, 9 de agosto de 1997, pág. 3. • As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. III, pág. 232.

# Sutra de Lótus (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1760, 21/08/2004, página A5.)

(A): Todos os dias pela manhã e à noite recitamos o Gongyo, que é a leitura parcial do Sutra de Lótus. Qual é o significado de “sutra” e como surgiu o Sutra de Lótus?

(B): Todo tipo de compilação ou registros de um ensino budista é conhecido como “sutra”. O primeiro Buda, fundador do budismo, conhecido como Sakyamuni, sempre questionou a razão pela qual as pessoas passavam pelos quatro sofrimentos fundamentais da vida, isto é, nascimento, doença, velhice e morte. Dedicou-se então durante toda a sua vida a meditações e exercícios budistas, em busca da resposta a esta questão fundamental. E, finalmente, nos oito últimos anos de sua vida, Sakyamuni pregou o Sutra de Lótus considerado o ensino mais importante.

(C): Ocorre que na época de Sakyamuni, os ensinos eram transmitidos apenas oralmente, de uma geração para outra. Nas épocas iniciais do budismo, a escrita não era utilizada para tradições religiosas. Os ensinos transmitidos oralmente por Sakyamuni foram, mais tarde, compilados pelos seus seguidores na forma de sutras. O Sutra de Lótus é justamente a compilação dos ensinos mais elevados deixados por Sakyamuni para seus discípulos.

(A): Se seus discípulos compilaram seus ensinos na posteridade, quando exatamente isso ocorreu e de que forma foi escrito o Sutra de Lótus?

(C): A época e a língua utilizada para a primeira compilação do Sutra de Lótus não são conhecidas com exatidão. Entretanto, pesquisas estimam que a sua compilação deva ter ocorrido em torno do século I ou II da era cristã, cerca de cinco séculos após a morte de Sakyamuni. As versões existentes do Sutra de Lótus estão escritas em sânscrito budista, e a primeira versão para a língua chinesa ocorreu por volta do ano 255 d.C. Acredita-se também que tenha havido pelo menos seis traduções para o chinês. Porém, de todas as traduções, a de Kumarajiva tem sido considerada, desde os tempos antigos, como a melhor de todas e adotada pelo próprio Buda Original Nitiren Daishonin.

(B): O título do Sutra de Lótus em sânscrito, Saddharma-pundarika Sutra, pode ser interpretado como “Lótus Branco da Verdade Absoluta”, que remete à idéia de que, embora o lótus cresça em um pântano, as pétalas de suas flores são puras e imaculadas. Assim, a flor de lótus simboliza a pureza em meio à impureza, isto é, a iluminação em meio às questões seculares da vida.

(C): De acordo com a tradução de Kumarajiva, o Sutra de Lótus é dividido em 28 capítulos que consistem de uma combinação de textos em prosa e em versos, descrevendo diversos tipos de parábolas. Sob o ponto de vista dos locais em que Sakyamuni realizou a pregação, o Sutra de Lótus pode ser dividido em três partes. A primeira parte consiste de dez capítulos, do 1o ao 10o. A segunda é composta de doze capítulos, do 11o ao 22o, e a terceira parte consiste de seis capítulos, do 23o ao 28o. Essa divisão de três partes é denominada de “três assembléias e dois locais”, ou seja, a Cerimônia no Pico da Águia, a Cerimônia no Ar e a segunda Cerimônia no Pico da Águia.

• Síntese do Budismo. • Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo do Sutra de Lótus. • BSGI — Por uma Sociedade de Paz. • Revista Terceira Civilização, edição no 407, julho de 2002, págs. 6–15.

# Sutra de Lótus (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1761, 28/08/2004, página A5.)

(A): E qual o significado do Sutra de Lótus no contexto do Budismo de Nitiren Daishonin?

(B): Após vários anos de estudo sobre as diversas escolas budistas de sua época, Nitiren Daishonin (1222-1282) concluiu que o verdadeiro ensino do budismo poderia ser encontrado no Sutra de Lótus, a essência da iluminação do Buda Sakyamuni, e que todos os outros sutras eram meros expedientes que conduziam ao Sutra de Lótus. E, assim, no dia 28 de abril de 1253, recitou pela primeira vez o Nam-myoho-rengue-kyo, estabelecendo o Verdadeiro Budismo e declarando que este era o único ensino capaz de conduzir as pessoas dos Últimos Dias da Lei à iluminação. Mais tarde, aproximadamente 27 anos depois, em 12 de outubro de 1279, inscreveu o Dai-Gohonzon (supremo objeto de devoção) para toda a humanidade. Assim, o Buda Original Nitiren Daishonin abriu o caminho para que todas as pessoas desta era dos Últimos Dias da Lei pudessem atingir a iluminação. Na Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, o presidente Ikeda afirma: "O budismo é sempre prática e ação. Possibilitar as pessoas vencerem suas dificuldades e estabelecerem uma vida de suprema felicidade requer diálogo, um enérgico diálogo. É nessa prática e ação que pulsa o 'âmago do Sutra de Lótus'."

(C): Nesta mesma preleção, o presidente Ikeda cita as seguintes palavras do segundo presidente Jossei Toda sobre o significado do Sutra de Lótus sob o ponto de vista do Budismo de Nitiren Daishonin: "Quando digo que Nitiren Daishonin leu o Sutra de Lótus, tenham em mente que ele não estava lendo literalmente o Sutra de Lótus que Sakyamuni expôs. Ele estava lendo o sutra em termos do significado contido em suas profundezas, a partir de seu estado de vida como o Buda Original dos Últimos Dias da Lei."

(B): Pode-se dizer, então, que Daishonin utilizou o Sutra de Lótus para explicar o Nam-myoho-rengue-kyo a todas as pessoas dos Últimos Dias da Lei, revelando que todas elas possuem o estado de Buda em sua vida.

(A): Há algum significado especial sobre a recitação de trechos do Sutra de Lótus em nossa prática diária do Gongyo?

(C): Em nossa prática diária do Gongyo da manhã e da noite, recitamos um trecho do segundo capítulo, Hoben ("Meios"), e um outro do décimo sexto capítulo, Juryo ("Revelação da Vida Eterna do Buda"), do Sutra de Lótus. Esses dois capítulos são considerados os mais importantes dentre todos os 28 capítulos do Sutra de Lótus. O capítulo Hoben é considerado o mais importante dos primeiros quatorze capítulos do Sutra de Lótus (denominados ensino teórico) e o Juryo, dos últimos quatorze capítulos (ensino essencial). Cabe ressaltar que na prática do Gongyo, nós recitamos estes trechos do Sutra de Lótus não sob o ponto de vista literal do budismo de Sakyamuni, mas sim de acordo com o ensino do Nam-myoho-rengue-kyo de Nitiren Daishonin.

(B): Na verdade, a "prática principal" do Budismo de Nitiren Daishonin é recitar o Nam-myoho-rengue-kyo e a recitação dos capítulos Hoben e Juryo é chamada de "prática complementar". O 26o sumo prelado, Nitikan Shonin, explicou a relação entre a "prática principal" e a "prática complementar" comparando-as ao alimento e ao tempero, respectivamente. O tempero serve para dar um gosto a mais, ou seja, "complementar" ou acentuar o sabor do alimento, que é a fonte "principal" de nutrientes. O benefício da prática principal (Daimoku) é imenso, e realizar a "prática complementar" (Gongyo) aumenta ainda mais o poder do benefício da "prática principal".

• Síntese do Budismo. • Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, pág. 40. • BSGI — Por uma Sociedade de Paz. • Revista Terceira Civilização, edição no 407, julho de 2002, págs. 6–15.

# Sutra de Lótus (3)

(Brasil Seikyo, edição nº 1762, 04/09/2004, página A6.)

(A): Soube que Sakyamuni pregou o Sutra de Lótus fazendo uso de diversas parábolas. Qual seria a explicação para este fato?

(C): Realmente, tanto no Sutra de Lótus como nos sutras provisórios, Sakyamuni usou muitas parábolas para facilitar o entendimento de seus discípulos com relação aos seus ensinos. As parábolas citadas nos ensinos pré-Sutra de Lótus elucidam a sabedoria do Buda apenas sob um determinado ângulo e, portanto, de forma parcial. Já no Sutra de Lótus, suas parábolas revelam a percepção e a sabedoria do Buda exatamente como elas são, de uma forma completa. Na Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, o presidente Ikeda comenta: "Precisamente pelo fato de o espírito benevolente do Buda ser tão forte é que ele expôs habilidosamente as parábolas na esperança de facilitar ao máximo a compreensão de seu ensino."

(B): Por outro lado, sob o ponto de vista do Budismo de Nitiren Daishonin, pode-se dizer que todos os sutras, incluindo os vinte e oito capítulos do Sutra de Lótus, são nada mais que extraordinárias parábolas para ajudar as pessoas a compreenderem o Gohonzon e o Nam-myoho-rengue-kyo.

(C): Além disso, se analisarmos sob o ponto de vista da nossa prática nos dias de hoje, as comprovações da fé que se manifestam em nossa vida diária são verdadeiras "parábolas" que explicam os grandiosos benefícios do Gohonzon e incentivam as pessoas que estão nos observando a nossa volta. Sobre isso, o presidente Ikeda afirma: "Quando falam do poder da Lei Mística, as pessoas podem mencionar suas vitórias como uma 'parábola', dizendo 'olhe só para ele, por exemplo', ou 'veja a revolução humana que ela está realizando'. Nesse sentido, vamos compor muitos dramas da revolução humana em benefício de outros. Vamos adornar nossa vida com 'várias histórias de relações causais' e 'várias parábolas'."

(A): Isso significa, então, que uma prática da fé, sincera e correta, é o caminho para se aplicar a essência do Sutra de Lótus em nossa vida diária, não é mesmo?

(B): Com certeza, a base desta prática está justamente na recitação do Daimoku, conforme explicação contida na obra BSGI — Por uma Sociedade de Paz: "O Nam-myoho-rengue-kyo cobre todas as leis, todas as matérias e todas as formas de vida existentes no Universo. Se o expandirmos, é idêntico à vida do Universo, e se o condensarmos, é igual à vida dos seres humanos. Mesmo que se encontre na escuridão dos sofrimentos, a pessoa que recita o Nam-myoho-rengue-kyo tem a capacidade de mudar plenamente essa condição para a máxima felicidade. Nitiren Daishonin declarou que este mundo é o local para desfrutar a felicidade e seu budismo ensina que recitando o Nam-myoho-rengue-kyo pode-se alcançar a felicidade e expandi-la para a sociedade."

(C): Um outro ponto importante nessa prática são as ações diárias em prol do nobre empreendimento do Kossen-rufu visando à felicidade e ao bem-estar da sociedade. Na Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, o presidente Ikeda nos incentiva com as seguintes palavras: "'Devoto do Sutra de Lótus' refere-se àqueles que se dedicam à missão de salvar as pessoas do mundo inteiro pelos dez mil anos ou mais dos Últimos Dias da Lei. E Kossen-rufu indica o ato de os próprios indivíduos prestarem sua contribuição para o bem-estar das pessoas e da sociedade com base na Lei Mística, atuando como 'devotos', isto é, como 'pessoas de ação'."

(B): Em suma, se tivermos seriedade e responsabilidade ao realizarmos o nosso Gongyo e Daimoku todas as manhãs e noites, aliado ao estudo e às ações em prol do Kossen-rufu, certamente estaremos acumulando maior boa sorte, criando as causas para uma vida repleta de vitórias e alcançando um estado de felicidade absoluta, no qual nada poderá abalar.

Fontes de consulta: • Síntese do Budismo. • Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, págs. 39, 88 e 90. • BSGI — Por uma Sociedade de Paz, págs. 18–19. • Revista Terceira Civilização, edição no 407, julho de 2002, págs. 6–15.

# Bodhisattva Jamais Desprezar (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1763, 11/09/2004, página A5.)

(A): Um personagem comumente mencionado nas escrituras budistas é o Bodhisattva Fukyo. Poderia descrevê-lo?

(B): É um bodhisattva descrito no 200 capítulo do Sutra de Lótus, denominado também de capítulo Fukyo. Com base no seu significado literal, o Bodhisattva Fukyo é conhecido também como Bodhisattva Jamais Desprezar. Este capítulo pertence à segunda metade do Sutra de Lótus, isto é, os ensinos essenciais do Sutra de Lótus.

(C): Para compreendermos melhor a seqüência, devemos entender que nos três capítulos que seguem o 160 capítulo do Sutra de Lótus, "Revelação da Vida Eterna do Buda" (Juryo), isto é, do 170 ao 190 capítulos, Sakyamuni expõem sobre os benefícios da propagação. O 200 capítulo, denominado "Bodhisattva Jamais Desprezar", expõe sobre a boa sorte e os benefícios recebidos pelas pessoas que propagam o Sutra de Lótus bem como os infortúnios encontrados por aqueles que caluniam os devotos do sutra.

(B): O Bodhisattva Jamais Desprezar tinha esse nome porque independentemente de quem encontrasse, com outros monges, freiras, leigos ou leigas, curvava-se em reverência a todos eles e os louvava dizendo: "Eu os reverencio profundamente e jamais ousaria tratá-los com desprezo ou arrogância. Por quê? Porque os senhores estão praticando o caminho de bodhisattva e certamente atingirão o estado de Buda."

(C): Essa passagem é composta de vinte e quatro caracteres chineses, razão pela qual é conhecida como o "Sutra de Lótus de vinte e quatro caracteres" propagado pelo Bodhisattva Jamais Desprezar. Em "A Sabedoria do Sutra de Lótus — Um Diálogo sobre a Religião no Século XXI", o presidente Ikeda explica: "O quê exatamente o Sutra de Lótus expõe? O sutra está condensado nesta passagem de vinte e quatro caracteres: 'Eu o respeito profundamente. Jamais o desprezaria nem o trataria com arrogância, pois uma vez que está conduzindo a prática de bodhisattva, o senhor infalivelmente tornar-se-á um Buda.' Todos os seres vivos possuem a natureza de Buda, o estado de Buda. É esse estado de Buda que o Bodhisattva Jamais Desprezar reverencia. O Sutra de Lótus de vinte e quatro caracteres não afirma abertamente que todas as pessoas possuem a natureza de Buda. Mas, com certeza, é isso que está afirmando nessas palavras. Essa é a mais nobre filosofia da dignidade da vida. Enquanto há inumeráveis religiões que pregam a 'igualdade', elas freqüentemente querem dizer que os seres humanos são iguais na capacidade de pecar. Porém, o Sutra de Lótus ensina que todas as pessoas são os nobres filhos do Buda; que todos são igualmente entidades do estado de Buda. Essa diferença é de fundamental importância."

(A): Então, o que o Bodhisattva Fukyo ou Jamais Desprezar nos mostra é que a vida de todas as pessoas, mesmo que sejam adeptas de uma outra filosofia e não percebam que possuem o estado de Buda em seu interior, é também uma entidade do estado de Buda e, conseqüentemente merecem todo o respeito.

Fontes de consulta: • Brasil Seikyo, edição no 1.535, 11 de dezembro de 1999, págs. 3 e 4.

# Bodhisattva Jamais Desprezar (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1764, 18/09/2004, página A6.)

(B): Um aspecto interessante a se observar é quanto às circunstâncias da época em que surge o Bodhisattva Jamais Desprezar no Sutra de Lótus. O sutra descreve esta época como aquela em que o verdadeiro ensino se perde e todos os “monges de extrema arrogância” tornam-se poderosos.

(C): Esta época em que o verdadeiro ensino se perde e a Lei desaparece é definida no budismo como o fim dos Médios Dias e início dos Últimos Dias da Lei. O advento do Buda Original Nitiren Daishonin se deu exatamente em um período em que o espírito do verdadeiro ensino havia se perdido, permanecendo somente os ensinos superficiais.

(B): Se analisarmos a história da Soka Gakkai, observaremos também que o seu florescimento começou exatamente em uma época em que o Budismo de Nitiren Daishonin estava claramente em crise e a Lei estava prestes a se extinguir devido à negligência do clero.

(A): De fato, por exemplo, na Segunda Guerra Mundial (1939–1945), os clérigos da Nitiren Shoshu, preocupados apenas em manter sua posição privilegiada perante as autoridades militaristas japonesas, aceitaram o talismã xintoísta, desprezando completamente o verdadeiro espírito do Buda Original Nitiren Daishonin. Em oposição a essa grave calúnia, o primeiro presidente da Soka Gakkai, professor Tsunessaburo Makiguti, e seu discípulo, o professor Jossei Toda, opuseram-se veementemente a aliar a Soka Gakkai a essa conduta caluniosa, mantendo-se firmes ao preservar a pureza do Verdadeiro Budismo. Como conseqüência, foram presos, caluniados e oprimidos pelas autoridades militares e por muitos integrantes da sociedade japonesa da época. A atual problemática do clero que, sob a liderança do sumo prelado Nikken tentou iludir e desviar a correta e pura fé dos adeptos, chegando ao absurdo de excomungar toda a SGI, também refletiu-se na forma de um avanço sem precedentes do Kossen-rufu mundial com a propagação do Budismo de Nitiren Daishonin para 190 países e territórios até o momento.

(C): A conclusão é clara. O surgimento e o grande avanço da Soka Gakkai ocorreram justamente nos períodos em que maus monges haviam perdido a pureza e a consciência da verdadeira e correta fé, tal como exposto no Sutra de Lótus sobre a época do Bodhisattva Jamais Desprezar.

(B): O presidente Ikeda orienta que a história da vida do Bodhissattva Jamais Desprezar se aplica à Soka Gakkai, como consta num trecho de “A Sabedoria do Sutra de Lótus — Um Diálogo sobre a Religião no Século XXI”: “Temos sido constantemente ridicularizados pela sociedade japonesa, que possui uma forte tendência de reverenciar o poder e desprezar as pessoas comuns. Muitos zombaram de nossa organização chamando-a de ‘um bando de pobres e doentes’. No entanto, o presidente Toda declarou irredutivelmente que o foco principal de uma verdadeira religião deve ser ajudar os pobres e doentes.”

Fonte de consulta: • Brasil Seikyo, edição no 1.535, 11 de dezembro de 1.999, págs. 3 e 4.

# Bodhisattva Jamais Desprezar (3)

(Brasil Seikyo, edição nº 1765, 25/09/2004, página A5.)

(A): O espírito do Bodhisattva Jamais Desprezar descrito no Sutra de Lótus é realmente extraordinário. Mas, parece-me que o mais importante como praticantes do Budismo de Nitiren Daishonin é procurarmos a aplicação em nossa vida diária.

(C): Sobre esta questão, o presidente Ikeda nos orienta: "Temos sido 'constantemente desprezados por indivíduos que não compreenderam esse sublime espírito. Contudo, temos ido corajosamente ao encontro daqueles que estão sofrendo, oferecendo-lhes verdadeiro apoio. E enquanto atuamos desse modo, ensinamos-lhes a compreender que podem tornar-se definitivamente felizes cultivando o estado de Bodhisattva em sua vida. Encorajamos firmemente essas pessoas, conscientizando-as da Lei Mística. Dedicamos uma grande energia para ensinar e cuidar de cada ser humano com base no diálogo de pessoa a pessoa. Esse é o comportamento dos 'bodhisattvas que jamais desprezam os outros'."

(B): Em um outro trecho da mesma orientação, o presidente Ikeda afirma: "Um buda não é um ser de outro mundo que emite uma luz radiante. Um buda é o primeiro a mergulhar nas furiosas ondas da sociedade. E quem age dessa forma enfrentará perseguições infalivelmente e será até atacado. Porém, um indivíduo astuto, que despreza os outros e busca somente proteger a si próprio, não é um buda. Na verdade, tal indivíduo é um 'demônio'. Os membros da Soka Gakkai, incluindo o presidente Toda, têm se esforçado continuamente para concretizar a paz e a felicidade em prol da humanidade. A luz do verdadeiro budismo não brilha em outro lugar fora dessas ações. Esse foi o ponto que o presidente Toda enfatizou em sua última explanação sobre o Sutra de Lótus."

(C): Essa atitude é tão importante que o Buda Original Nitiren Daishonin retrata esse significado em uma passagem da escritura "As Três Espécies de Tesouro": "A essência de todos os ensinos de Sakyamuni é o Sutra de Lótus e a essência da prática do Sutra de Lótus está exposta no capítulo Jamais Desprezar." (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. I pág. 299.)

(A): Podemos então concluir que a nossa atitude como Bodhisattvas da Terra de conduzir esforços em meio à sociedade visando a felicidade das pessoas, e enfrentando perseguições, constitui o próprio ensino do capítulo "Bodhisattva Jamais Desprezar". O presidente Ikeda retrata esse bodhisattva dizendo que não era uma pessoa eloqüente. Não demonstrava superioridade. Apenas seguia plantando a semente do Sutra de Lótus no coração das pessoas com uma simplicidade tão grande que chegava a parecer ingenuidade. No passado, presente e futuro, o espírito do Sutra de Lótus vive em tal conduta. Esse é o próprio comportamento dos membros da SGI. Os que estão lutando na linha de frente desse movimento são, na verdade, os próprios Bodhisattvas Jamais Desprezar.

Fonte de consulta: • Brasil Seikyo, edição no 1.535 de 11 de dezembro de 1999, págs. 3 e 4.

# O Caminho do Meio (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1766, 09/10/2004, página A5.)

(A): É comum ouvir músicas, assistir filmes ou mesmo conversar com pessoas que estimulam a "viver intensamente cada momento da nossa vida". Percebo que, às vezes, as pessoas ficam em dúvida sobre como analisar esse tipo de mensagem.

(B): Em um de seus discursos, o presidente Ikeda diz que o Sr. Toda ensinou que jamais devemos ter quaisquer arrependimentos na vida. Ele dizia: "Repita para si mesmo de manhã e à noite as palavras de Daishonin, 'não passe a sua vida em vão para arrepender-se disto pelos dez mil anos futuros' (END, vol. V, pág. 154.), e lute com uma fé que fortaleça dia após dia, mês após mês, ano após ano. Isto deve formar a base para seus planos para o ano vindouro e por toda a sua vida. Comece por decidir o que quer fazer. E uma vez decidido, avance em direção ao seu objetivo com coragem e vigor." Em outras palavras, o mais importante é termos um foco na vida e, então, lutarmos intensamente para alcançá-lo. Outro conceito budista que nos ajuda a conduzir com sabedoria a nossa vida é o do Caminho do Meio.

(A): Embora a palavra "meio" denote moderação, o termo não deve ser interpretado como uma atitude passiva, não é mesmo?

(B): Correto. Neste caso, a palavra "meio" refere-se à conciliação e ao equilíbrio; não à falta de garra ou mesmo ao comodismo. Ter uma postura de ficar "em cima do muro" ou fazer as coisas pela metade não tem nenhuma relação com o conceito de Caminho do Meio.

(C): Em sua Proposta de Paz do ano de 2002 intitulada "O Humanismo do Caminho do Meio — O Alvorecer de uma Civilização Global", o presidente Ikeda observa: "As formas de pensamento ideológico sempre vinculam um grau de rígida categorização. Porém, a filosofia da Soka Gakkai fundamentada no budismo não requer uniformidade. Em vez disso, ela focaliza a compreensão das reais condições dos tempos e, então, faz as opções mais favoráveis." Esse é o Caminho do Meio. Isso não deve ser confundido com uma adaptação sem princípios morais ou simplesmente 'seguir conforme a corrente'. Nós não tentamos "melhorar" o indivíduo ou a sociedade impondo-lhes ideais ou formas pré-existentes. A característica de nossa filosofia está na capacidade de abranger mesmo as entidades opostas e possibilitá-las a evidenciar potenciais positivos inerentes a elas. Isso, porém, de modo nenhum sugere a falta de um sistema de princípios básicos consistentes."

Ele acrescenta: "Era isso que eu queria enfatizar em minha declaração de que a nossa filosofia tem como característica a capacidade de incluir até mesmo entidades contraditórias e trazer à tona potenciais positivos inerentes. Em outras palavras, impelir as pessoas a fazer uma escolha entre duas entidades aparentemente contraditórias estimula a discriminação onde não há motivo algum para existir."

Fontes de consulta: •Proposta de Paz de 2002 "O Humanismo do Caminho do Meio — O Alvorecer de uma Civilização Global", Terceira Civilização, edição no 405, encarte especial. •Brasil Seikyo, edição no 1.218, 13 de março de 1993, pág. 4.

# O Caminho do Meio (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1767, 16/10/2004, página A5.)

(C): O Caminho do Meio é um conceito que implica uma visão equilibrada da vida e no controle dos impulsos e do comportamento das pessoas. Em um sentido mais amplo, esse princípio refere-se à visão correta da vida ensinada pelo Buda e às ações que geram felicidade para si próprio e para os outros. Por essa razão, o budismo é também referido como o Caminho do Meio, indicando uma transcendência e conciliação dos extremos e de opiniões opostas.

(A): Trazendo para as situações do nosso cotidiano, podemos perceber a aplicação deste conceito de várias formas: por meio do bom senso, de atitudes sábias em relação a determinadas questões, por não optarmos pelo radicalismo em determinadas situações, por respeitarmos as individualidades, por buscar o consenso e não a imposição, entre outros.

(B): Nitiren Daishonin afirmou: “Budismo é razão.” Isto significa que a forma de aplicar o conceito do Caminho do Meio dependerá de cada situação. Quando estivermos combatendo um grande mal, como por exemplo no Movimento Renascença, clamando por justiça, temos que ser fortes e agir em determinados momentos com firmeza e rigorosidade ressaltando os ensinos de Nitiren Daishonin. O sentimento que deve nos impulsionar, entretanto, é a benevolência budista que anseia erradicar a miséria enraizada dentro da vida das pessoas que estão sob a influência dos ensinos superficiais. Dessa forma, notamos que o Caminho do Meio significa, acima de tudo, bom senso.

(C): Quando falamos de bom senso, percebemos que o diálogo é uma poderosa e eficiente arma para aplicarmos na prática o conceito do Caminho do Meio.

(B): De fato! Em um outro trecho da mesma proposta de paz de 2002, o presidente Ikeda afirma: “Diante de nós abre-se subitamente o grande caminho do diálogo, a capacidade de transcender diferenças e compartilhar os sentimentos mais profundos com toda e qualquer pessoa. Esse tem sido o princípio condutor de meus esforços para promover o que costumo chamar de diplomacia humana (...) Sem o diálogo, os seres humanos estão fadados a caminhar nas trevas de sua própria hipocrisia dogmática. O diálogo é a luz com a qual dissolvemos essa escuridão, que ilumina e torna visível cada um de nossos passos e o caminho adiante.”

(A): Nesse ano da “Vitória Total Soka” vamos juntos estabelecer a vitória em todos os aspectos da nossa vida, comprovando a cada dia a grandiosidade do Caminho do Meio!

Fontes de consulta: • Proposta de Paz de 2002: O Humanismo do Caminho do Meio — O Alvorecer de uma Civilização Global, Terceira Civilização, edição no 405, encarte especial.

# Os Irmãos Ikegami (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1768, 23/10/2004, página A6.)

(A): Hoje, poderíamos falar sobre dois grandes personagens da história do budismo: os irmãos Ikegami.

(B): É claro! Eles são um grande exemplo da importância da prática da fé para vencer as dificuldades e estabelecer a harmonia familiar.

(C): Conte-nos um pouco sobre eles resumidamente.

(B): Os irmãos Munenaka e Munenaga Ikegami eram oficiais do governo de Kamakura e fiéis seguidores de Daishonin. Seu pai, Yasumitsu, possuía um importante cargo no ministério de construções. Era também devoto do bonzo Ryokan, considerado por muitos como um buda vivo, que liderava a seita Shingon-Ritsu, contrário aos ensinos de Daishonin.

(A): Até então, Yasumitsu tolerava seus filhos como seguidores de Nitiren. Mas, para ele, a situação estava se tornando insuportável, pois Munenaka se tornava a cada dia um seguidor ainda mais fervoroso. Em 1275, Yasumitsu, fortemente influenciado por Ryokan, repentinamente deserdou seu filho mais velho, Munenaka, devido à sua fé.

(B): Naquela época, ser deserdado significava a perda do direito de sucessão, além de receber diversas sanções socioeconômicas. A ética confuciana no Japão do século XIII pregava obediência aos pais. E a família, não o indivíduo, era soberana. Ser deserdado poderia facilmente condenar o indivíduo e toda a sua família e descendentes à pobreza e à desgraça.

(C): Que situação terrível! E o que aconteceu ao seu irmão, Munenaga?

(A): Esta seria uma ótima oportunidade para que Munenaga, cuja fé era instável, assumisse a condição de sucessor de Yasumitsu. Yasumitsu criou propositadamente uma situação para provocar um rompimento entre os irmãos, persuadindo o filho mais novo a abandonar a crença nos ensinos de Daishonin.

(B): Dentro desse contexto, Nitiren Daishonin escreveu “Carta aos Irmãos”, advertindo-os rigorosamente, especialmente Munenaga. Ele incentiva a ambos para não serem influenciados pela ação do pai e criarem condições para que ele viesse a praticar o verdadeiro ensino.

(A): Ele afirma: “Agora os senhores, dois irmãos, são como o eremita e seu discípulo. Se um dos senhores desistir no meio do caminho, ambos falharão em alcançar o estado de Buda. Os senhores são como as duas asas de um pássaro ou os dois olhos de um homem, e suas esposas são seus apoios.”

(B) Como Munenaga ainda estava ao lado do pai, Nitiren o advertia rigorosamente sobre o seu apego à sua posição e prosperidade dizendo que “foi esta falta de coragem que o impediu até agora de atingir o estado de Buda, embora o senhor tenha professado a fé no Sutra de Lótus muitas vezes”.

Referências: • As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. I, págs. 239 e 243. • Terceira Civilização, edição no 325, dezembro de 1995, encarte especial. • Diálogo sobre a juventude, vol. I, págs. 25 e 26. • Brasil Seikyo, edição no 1.621, 22 de setembro de 2001, pág. C3.

# Os Irmãos Ikegami (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1769, 30/10/2004, página A6.)

(C): Como os Irmãos Ikegami (Munenaka e Munenaga) enfrentaram esta difícil situação de desentendimento familiar? Eles conseguiram suportar e transformar o autoritarismo do pai (Yasumitsu)? Acredito que foi preciso muita sabedoria e coragem para lidar com um obstáculo como esse!

(A): Sim. Ambos levantaram-se conscientes com forte fé e forjaram uma indestrutível união inspirada pelas palavras de encorajamento de Daishonin por meio de vários escritos. Ao final, Yasumitsu, movido pela profunda sinceridade e união dos irmãos, decide aceitar a prática, convertendo-se ao Budismo de Nitiren Daishonin em 1278, após 22 anos de forte oposição. A partir deste drama familiar, os Irmãos Ikegami, comprovaram a veracidade das palavras de Daishonin.

(C): Que maravilhoso! Acima de tudo, Yasumitsu pôde perceber a verdade e sentiu os verdadeiros laços de confiança entre os seus filhos. Esse fato, apesar de ter acontecido há muito tempo, reserva-nos uma série de lições, não é mesmo?

(A): Sem dúvida. Por meio dessa bela história dos irmãos Ikegami, aprendemos que a base da harmonia familiar deve ser construída com a sincera prática da fé.

(B): E isso nos remete a duas das diretrizes da Soka Gakkai, não é? “Prática da fé para criar a harmonia familiar” e “Prática da fé para vencer as dificuldades”.

(C): Esta é uma prova concreta de revolução familiar. De fato, essa é uma situação muito comum enfrentada por muitos de nossos companheiros que compõem uma família na qual nem todos praticam o budismo.

(A): Lembrei-me de uma passagem em que o presidente Ikeda orienta os jovens: “Talvez vocês se perguntem: ‘Por que eu nasci nesta família? Por que meus pais não são tão legais como os outros?’ Mas a realidade é que nasceram neste planeta, exatamente nesta cidade, e com essa família que é, nada mais nada menos, que a sua família. Vocês não nasceram em outra família. Neste fato é que se encontra o significado de tudo. No budismo não existe casualidade. Tudo tem um significado.”

(C) Tendo essa consciência, com base na recitação de Daimoku, podemos transformar qualquer situação adversa em nosso lar.

(B) Nossa postura e comprovação na vida diária, sem dúvida, constituem na maior prova que poderíamos oferecer aos nossos familiares e, assim, dar os primeiros passos rumo à revolução familiar.

Referências: 1. As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. I, págs. 239 e 243. 2. Terceira Civilização, edição no 328, dezembro de 1995, encarte especial. 3. Diálogo sobre a juventude, vol. I, págs. 25 e 26. 4. Brasil Seikyo, edição no 1.621, 22 de setembro de 2001, pág. C3.

# O princípio místico da verdadeira causa (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1770, 06/11/2004, página A7.)

(A): Iniciamos hoje um assunto que está diretamente ligado com a prática de bodhisattva conhecido como Princípio Místico da Verdadeira Causa (Hon'nin-myô, em japonês).

(B): Se não me engano, este princípio é citado numa passagem do capítulo Juryo do Sutra de Lótus, certo?

(C): Sim. Esse princípio é mencionado numa passagem que revela a doutrina essencial dos princípios místicos de "verdadeira causa" e "verdadeiro efeito". Embora aparente ser um tema muito complexo, veremos que na prática é exatamente a descrição do movimento humanístico da SGI que se empenha incansavelmente no cultivo ao respeito pela dignidade da vida e pela propagação da Lei.

(A): A Verdadeira Causa refere-se à causa fundamental que nos leva a atingir o estado de Buda. É a principal fonte de felicidade. Nitiren Daishonin identificou esta "verdadeira causa", ou a lei fundamental que possibilita todos os budas a alcançarem a iluminação como sendo a Lei do Nam-myoho-rengue-kyo.

(C): Por estar além da compreensão teórica é chamado de "Princípio Místico da verdadeira Causa".

(A): Podemos identificar esse princípio no seguinte trecho do Sutra de Lótus: "Uma vez eu também realizei a prática de bodhisattva, a vida que eu alcancei ainda perdura sem se exaurir." Esta passagem descreve que a vida de sabedoria que Sakyamuni desenvolveu realizando práticas de bodhisattva no remoto passado é imensurável.

(B): Que tal discutirmos mais detalhadamente sobre o significado desta passagem?

(C): De forma simplificada, a prática de bodhisattva, ou a prática para beneficiar os outros, é o próprio caminho para polir a sabedoria de uma pessoa e acumular boa sorte. Um rico coração dedicado à felicidade dos outros é a chave para cultivar a sabedoria ilimitada.

(A): Na Preleção dos capítulos Hoben e Juryo, consta que nossa prática budista não consiste em venerar o verdadeiro efeito — o estado de Buda. O melhor exemplo disso está no comportamento do Buda Original Nitiren Daishonin, que mesmo depois de ter abandonado a sua identidade provisória de Bodhisattva Práticas Superiores (Jogyo) e revelado sua verdadeira identidade de Buda Original durante a perseguição de Tatsunokuti, empenhou-se como mortal comum na prática de bodhisattva. O mortal comum é em si, supremo. Essa é a essência do ensino de Nitiren Daishonin.

Referências: Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, págs. 216–219.

# O princípio místico da verdadeira causa (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1771, 13/11/2004, página A5.)

(B): O objetivo da prática da fé, como budistas, não fica restrito a alcançar o estado de Buda, não é?

(A): Correto. Pelo princípio de "Abraçar a Lei Mística é a própria iluminação", quando abraçamos o Gohonzon podemos imediatamente manifestar o estado de Buda em nossa vida. O próximo passo é, tendo como base o estado de Buda, destemidamente mergulhar na sociedade dominada pelos nove estados visando salvar as pessoas dos sofrimentos causados pela escuridão inata da vida. Esta é a atitude dos bodhisattvas da Verdadeira Causa.

(C): Assim, de acordo com o princípio místico da Verdadeira Causa, nossa prática consiste em ir e vir constantemente entre a prática individual de realizar Gongyo e Daimoku e a prática altruística de propagar a Lei Mística (Chakubuku). A chave para manifestar o estado de Buda encontra-se na continuidade dessas atividades.

(A): Em síntese, o Budismo da Verdadeira Causa existe no constante e incansável empenho para elevarmos cada vez mais a nossa vida cotidiana e a sociedade atual com a suprema filosofia de vida de Nitiren Daishonin. Por essa razão, os princípios "a fé é a própria vida diária" e "o budismo é a própria sociedade" são fundamentais no Budismo de Nitiren Daishonin.

(B): Em algumas ocasiões ouvi uma orientação relacionando os Princípios Místicos da Verdadeira Causa e do Verdadeiro Efeito com a unicidade de mestre e discípulo. Como podemos entender este conceito?

(A): Numa mensagem do presidente Ikeda a membros da região de Tóquio consta: "O Budismo de Nitiren Daishonin é o ensino da Verdadeira Causa. O mestre é o verdadeiro efeito, e a verdadeira causa são os discípulos. Com base nesse princípio, o mestre e seus seguidores praticam juntos, eternamente, a Lei Mística da Verdadeira Causa. Em conseqüência, se uma pessoa assumir a postura do 'verdadeiro efeito' e acreditar que já conseguiu o necessário ou que não haverá problema deixar o trabalho mais árduo para os outros, será melhor não ficar esperando receber o verdadeiro benefício da fé. Em suas escrituras, observamos que com freqüência Daishonin pede a seus seguidores que se esforcem cada vez mais. Até mesmo para as pessoas que já praticavam havia décadas ele pedia que fortalecessem a fé mais do que nunca."

(C): É verdade. Em inúmeras escrituras ele incentiva seus discípulos a fortalecerem a fé. Um exemplo é a famosa passagem da escritura "A Felicidade neste mundo": "Apenas ore Nam-myoho-rengue-kyo. (...) Sofra o que tiver que sofrer. Desfrute o que existe para ser desfrutado. Considere tanto o sofrimento como a alegria como fatos da vida, e continue orando Nam-myoho-rengue-kyo, não obstante o que aconteça. Então, experimentará a infinita alegria da Lei. Fortaleça a sua fé mais do que nunca."

Referências: . Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, págs. 216–219. . Brasil Seikyo, edição no 1.437, 8 de novembro de 1997, pág. A3. .As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. III, pág. 199.

# O princípio místico da verdadeira causa (3)

(Brasil Seikyo, edição nº 1772, 20/11/2004, página A5.)

(A): Nitiren Daishonin, mesmo após revelar sua identidade como Buda Original durante a Perseguição de Tatsunokuti, continuou realizando ações em benefício das pessoas dos Últimos Dias da Lei. Daishonin e manifestou o supremo aspecto como ser humano ao abandonar o provisório e revelar o verdadeiro.

(B): Mesmo com o risco de sua própria vida e o exílio na Ilha de Sado, Daishonin protegeu destemidamente cada um de seus discípulos. Fico comovido quando imagino a grandiosidade do estado de vida do Buda Original e reflito constantemente em como aplicar seu exemplo no meu dia-a-dia.

(A): No livro Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, consta: “O espírito do Budismo da Verdadeira Causa existe no coração que vibra de esperança pelo futuro. ‘Agora é o momento certo’, ‘o futuro começa agora’. Viver desta forma, desafiando continuamente nossa circunstância atual voltado para o futuro, é viver embasado no princípio místico da Verdadeira Causa.”

(C): O presidente Toda certa vez descreveu os Bodhisattvas da Terra da seguinte forma: “Eles nascem por livre e espontânea vontade neste mundo corrupto para salvar aqueles que sofrem. Por livre vontade, eles se colocam em uma posição em que podem fazer boas causas e nascem no mundo com o carma que eles mesmos escolheram. Fazem isso para desempenhar o drama da transformação do carma e comprovar a grandiosidade do budismo.”

(B): Entendo. Porém, mesmo sendo budistas, muitos de nós nos abalamos quando deparamos com grandes dificuldades. Como podemos superá-las?

(A): Sobre este tema o presidente Ikeda nos orienta: “Não importando o que aconteça, seja na alegria ou no sofrimento, o mais importante é jamais retrocedermos diante das adversidades.” E também acrescenta: “Não devemos ter um espírito fraco com tendência à lamentação e à dúvida. O itinen, — a determinação de uma pessoa — pode mudar tudo. Quando estabelecemos um forte itinen voltado para o futuro, (...) podemos mudar todos os aspectos de nossa existência e evidenciar um grandioso estado de vida de felicidade indestrutível.”

(C): O mais importante, conforme consta nessa preleção, é o momento presente. Nossa determinação, neste instante, permite romper os grilhões da causalidade cármica por meio da força que surge de nosso interior e adentrar assim no caminho correto da felicidade.

(A): Recitar Gongyo e Daimoku é o exercício básico que nos permite regressar à essência de nossa vida. O avanço ininterrupto a partir desse ponto primordial é a fé no Budismo da Verdadeira Causa que, em si, contém o espírito da “esperança ilimitada” e “do avanço eterno”.

Referências:  Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, págs. 216–219.  Brasil Seikyo, edição no 1.437, 8 de novembro de 1997, pág. A3.  As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. III, pág. 199.

# Nitimoku Shonin — Incansável admoestador do budismo (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1774, 04/12/2004, página A5.)

(A): Quando analisamos a história dos personagens do Budismo de Nitiren Daishonin, passamos a entender melhor como aplicar os princípios budistas em nossa vida diária. O terceiro Sumo Prelado, sucessor de Nikko Shonin, foi um homem de ação! Com muita seriedade se dedicou ao estudo do budismo e à prática da fé. Sem poupar a própria vida, Nitimoku assumiu a nobre missão de proteger e propagar os ensinos de Nitiren Daishonin.

(C): Gostaria de aprender mais a respeito desse personagem.

(B): Seu nome de infância foi Toraomaru. Ele nasceu em 1260, em Hatake, atual província de Shizuoka no Japão. Toraomaru viveu uma infância tranqüila e foi educado num ambiente familiar harmonioso. Posteriormente toda a sua família veio a abraçar fervorosamente o budismo sob a orientação de Nikko Shonin. Toraomaru sempre demonstrou forte vocação para o estudo.

(A): Contudo, a realidade de sua família era bem diferente da realidade social caótica em que vivia o povo do Japão. Toraomaru, desde jovem, tomou pleno conhecimento dessa situação. Como agravante, o país sofria com inúmeras calamidades naturais, tais como grandes terremotos, incêndios, pragas e enchentes. Desde então, percebeu o contraste de sua vida com a terrível situação de seu país.

(B): Aos 13 anos, ingressou no templo Sotozan, da seita Shingon. Naquela época os templos serviam não somente para treinar os bonzos, mas também como escola para filhos de samurais, como era o caso de Toraomaru. Dessa forma, era comum a maioria dos alunos deixar os templos após completar os estudos básicos. Porém, ele estudou seriamente e aprofundou bastante os seus conhecimentos sobre o budismo.

(A): Um ano depois, o jovem sacerdote Nikko Shonin chegou ao templo. Durante sua permanência lá, Nikko manteve um debate com um estudioso chamado Shikibu Sozu, o mais brilhante dos bonzos daquele templo e também mestre de Toraomaru. Nikko venceu com facilidade refutando claramente os ensinos da Shingon. O jovem Toraomaru ouviu atentamente o debate e percebeu a superioridade do ensino exposto por Nikko Shonin.

(B): Toraomaru decidiu estudar e praticar sob a orientação de Nikko e pediu-lhe que o aceitasse como seu discípulo. Nikko o aceitou pouco tempo depois e ele iniciou a sua vida religiosa com a aprovação dos familiares partindo, então, para o Monte Minobu. Lá encontrou pela primeira vez com Nitiren Daishonin e outros discípulos e recebeu o nome de Nitimoku. O jovem discípulo começou assim a receber orientações de Nikko Shonin e também ouvir importantes ensinos do budismo diretamente de Nitiren Daishonin.

(A): Com muita sinceridade, Nitimoku dedicou-se ao aprendizado e à prática budista. Independentemente da tarefa a cumprir em Minobu, um local de gélido inverno, ele mantinha sempre uma grande disposição, pois tinha a convicção de que este era o caminho para polir sua vida e possibilitar seu desenvolvimento. Ao mesmo tempo adquiriu habilidade em debater com estudiosos de outras seitas, sempre comprovando a supremacia do Budismo de Nitiren Daishonin.

(C): Ouvindo esta descrição, imediatamente nos lembramos de inúmeros valores humanos da BSGI, em especial, os da Divisão dos Jovens, que atuam com toda a sinceridade nos bastidores e ao mesmo tempo na linha de frente das atividades. A época era diferente, mas o espírito de não poupar a própria vida em prol do Kossen-rufu permanece aceso até os dias de hoje! Somente quando desafiamos as nossas questões pessoais e nos dedicamos às atividades, estudamos o budismo, colocamos em prática as orientações do mestre e, principalmente, dialogamos vida a vida com as pessoas, enfim, quando assumimos a nossa missão como Bodhisattvas da Terra, é que conseguimos conquistar a nossa própria felicidade! Assim como fez Nitimoku Shonin!

Fonte: • Encarte da Revista Terceira Civilização, edição no 320, abril de 1995.

# Nitimoku Shonin — Incansável admoestador do budismo (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1774, 04/12/2004, página A7.)

(A): Vamos continuar nossa discussão sobre a vida de Nitimoku Shonin. Certo dia, em setembro de 1282, sentindo sua saúde declinar rapidamente, Nitiren Daishonin escolheu Nikko Shonin para sucedê-lo e legou os seus ensinos a ele para a futura prosperidade do Verdadeiro Budismo. Acompanhado pelos discípulos, dentre eles Nikko e Nitimoku, o mestre decidiu deixar então o gélido Monte Minobu para recuperar as forças e continuar sua incansável luta. Durante a viagem, Daishonin ministrou muitos ensinos aos seus discípulos no desejo de confiar-lhes o trabalho a ser realizado após sua morte. Daishonin faleceu no dia 13 de outubro daquele ano na residência dos irmãos Ikegami, região em que se situa hoje o Bairro de Ota, na parte sul de Tóquio.

(B): Apesar de profundamente triste com o acontecimento, Nitimoku empenhou-se integralmente pela continuidade das obras de Daishonin e, ao retornar a Minobu, apesar de bastante jovem, foi designado como um dos guardiões do túmulo de Daishonin.

(A): O que Nitimoku jamais poderia imaginar foi a súbita transformação na atitude dos bonzos seniores contra Nikko Shonin. Movidos pela inveja ao jovem sucessor, passaram a praticar atos traiçoeiros contrários aos ensinos de Daishonin e, por fim, acabaram abandonando-o, criando cada qual sua própria seita.

(C): Que atitude deplorável! Certamente Nitiren Daishonin ficaria indignado com esta postura egoísta que ameaçava a pureza do Verdadeiro Budismo.

(B): Esta foi exatamente a reação de Nitimoku diante deste episódio. Sentindo um profundo respeito por Nikko Shonin que se levantou para proteger o Budismo de Nitiren Daishonin, Nitimoku jurou devotar-se ao novo mestre. Ele sabia que esta era a única forma de garantir a pureza do Verdadeiro Budismo para o futuro.

(A): Por toda a sua vida, Nitimoku dedicou-se ao aprendizado e à prática do budismo. Ele compreendia os ensinos budistas melhor que os outros e, acima de tudo, destacava-se por sua extrema habilidade em debater com estudiosos de outras seitas.

(B): Ocorreu um episódio no ano de 1282, quando Nitimoku contava com apenas 22 anos. Daishonin fora desafiado para um debate pelo eminente bonzo Nikkaido Issehoin, da seita Tendai, acompanhado de mais de quarenta adeptos. Devido à doença do mestre, os discípulos próximos a Daishonin procuraram afastar os intrusos. Daishonin, sorrindo, chamou seus discípulos e encarregou Nitimoku do debate. Nitimoku, com seu flamejante desejo pela felicidade do povo do país, derrotou totalmente seus oponentes.

(A): Além de ser um excelente debatedor, Nitimoku dedicou-se com todo o afinco à propagação do budismo, tanto em meio ao povo como entre as autoridades de sua época. Afirma-se que ele foi o primeiro dos discípulos de Daishonin a advertir o imperador. Ele construiu templos e também uma escola de estudos budistas. Além das inúmeras viagens realizadas ao norte do Japão, ele realizou mais de 42 viagens a Kamakura e Quioto a fim de admoestar as autoridades governamentais. Numa ocasião, já com 74 anos, ele relata que estava sentindo fortes dores no pé esquerdo devido ao incansável e rigoroso esforço em meio ao frio insuportável.

(C): É comovente imaginar a dedicação desse discípulo que jamais recuou diante das dificuldades. Ele viveu sua existência em prol do cumprimento de sua missão como discípulo.

Fonte: • Encarte da Revista Terceira Civilização, edição no 320, abril de 1995.

# Nitimoku Shonin — Incansável admoestador do budismo (3)

(Brasil Seikyo, edição nº 1775, 11/12/2004, página A5.)

(A): Não é uma tarefa fácil descrever todos os feitos de Nitimoku Shonin. Em reconhecimento por sua abnegada dedicação como discípulo, no dia 10 de novembro de 1332, no templo Mieido, Nikko Shonin transferiu todos os ensinos de Nitiren Daishonin a Nitimoku Shonin, tornando-o terceiro sumo prelado. Este fato aconteceu alguns meses antes do falecimento de Nikko.

(B): Nesta época, o Japão passava por conflitos políticos relacionados ao poder do governo. Nitimoku, por sua vez, sabia que a única forma de mudar o destino do país era por meio da propagação do Budismo de Nitiren Daishonin.

(A): A respeito dessa situação, o presidente Ikeda relata: “Uma impenetrável cortina de escuridão privou o povo da paz, segurança e felicidade. A proteção da justiça já não podia ser encontrada em lugar nenhum. Sob tais circunstâncias, Nitimoku Shonin assumiu sozinho um solene esforço de realizar o princípio de Rissho Ankoku, a paz na Terra por meio da propagação da Lei, buscando assim atender aos anseios de Nitiren Daishonin e Nikko Shonin, dedicando sua vida ao supremo caminho de mestre e discípulo.” Em mais de quarenta advertências, ele procurou despertar o governo e o imperador ao Verdadeiro Budismo.

(B): Em 15 de novembro de 1333, após recitar pela última vez o Gongyo, Nitimoku Shonin partiu desta vida de contínuas vitórias aos 73 anos de idade. Suas próprias ações em prol das pessoas revelaram o verdadeiro espírito do Budismo de Nitiren Daishonin — a dedicação à causa do Kossen-rufu.

(C): Na verdade, esta é também a essência do espírito da Soka Gakkai! Foi com este nobre sentimento que os presidentes Makiguti e Toda trilharam o sublime cumprimento de suas missões até o último momento de sua vida. E é esta a razão pela qual o presidente Ikeda confia todo o futuro aos jovens valores da SGI.

(B): O objetivo primordial do Budismo de Nitiren Daishonin é levar a felicidade a toda a humanidade. Você concorda que este propósito só pode existir com a prática do Chakubuku?

(C): Claro, concordo plenamente! Podemos encontrar nas atividades da Soka Gakkai o próprio espírito de Nitimoku Shonin que propagou incansavelmente a Lei prezando cada ser humano.

(A): Jamais devemos nos esquecer do espírito de gratidão para com este grandioso mestre, pois por meio de seus árduos esforços temos hoje a oportunidade de praticar o Verdadeiro Budismo e promover uma grande onda de expansão da felicidade, coragem e esperança a muitas pessoas ainda que numa diferente época e em diferentes países. Desta forma, estamos assinalando uma grandiosa e significativa história em nossa vida tão grandiosa como a existência de Nitimoku Shonin.

Fontes:  Encarte da Revista Terceira Civilização, edição no 320, abril de 1995.  Brasil Seikyo, edição no 1.768, 23 de outubro de 2004, pág. A3.

# Fé como “chamas ardentes” e fé de “água corrente” (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1777, 01/01/2005, página B6.)

Por que é difícil manter o entusiasmo na prática da fé?

Muitas vezes encontramos pessoas que estão repletas de ânimo e paixão na prática do Verdadeiro Budismo durante certo tempo. Nesse período, participam em tudo, com uma força e entusiasmo contagiantes, até mesmo extraordinários. De repente, quase inexplicavelmente, o “fogo” desaparece e, então, é substituído pela negligência e uma prática rotineira. No budismo, este tipo de fé é denominado de “chamas ardentes”

Este princípio é citado na seguinte passagem da escritura “Resposta ao Lorde Ueno”: “Atualmente, existem pessoas que têm fé no Sutra de Lótus. Entretanto, algumas crêem como chamas ardentes, enquanto outras como água corrente. Quando as primeiras ouvem sobre o budismo, entusiasmam-se como o fogo, mas quando se afastam são dominadas pela mente disposta a abandonar a fé. ‘Como água corrente’ significa crer continuamente sem nunca retroceder. Como o senhor freqüentemente tem me visitado independentemente das circunstâncias, sua fé é comparável à água corrente. Quão digno de respeito!”

As chamas de uma fogueira elevam-se vigorosamente enquanto houver lenha. À medida que a lenha é consumida pelo fogo, as chamas vão perdendo a intensidade, restando no final apenas um monte de cinzas. É isso o que ocorre com o nosso entusiasmo na prática da fé caso nossa prática diária seja apenas amparada em objetivos imediatos ou de curto prazo.

Quando praticamos sozinhos, seja devido a uma viagem temporária, ao nosso dia-a-dia atribulado, por nossa timidez, ou por algum outro motivo, não é raro tendermos à auto-satisfação, tornando-nos incapazes de pensar em novos objetivos para desafiar. Imperceptivelmente, nossa mente se assemelha a um espelho que pode ficar embaçado, e nossa prática, torna-se rotineira e sem paixão.

Na escritura “A dificuldade de manter a fé”, enviada a Shijo Kingo, Daishonin afirma: “Aceitar a fé é fácil, mantê-la é difícil. Mas o estado de Buda encontra-se na continuação da fé.” Em outras palavras, devemos estar cientes de que o desenvolvimento dessa “fé como água corrente” não é uma tarefa fácil. Quando recebemos o Gohonzon, esse fato foi um efeito, uma demonstração da imensa boa sorte que já possuímos inerentemente em nossa vida como seres humanos. Manter a fé, entretanto, depende inteiramente das causas que criamos a partir de então. É sempre mais difícil criar as causas positivas. Daishonin nos encoraja aqui a não ficarmos muito impacientes ou cegamente obsessivos quanto aos nossos objetivos imediatos. Literalmente, ele não deseja que nos desgastemos. Não há nada de errado em manter uma paixão flamejante pelo Kossen-rufu, mas Daishonin nos pede que sempre temperemos essa paixão com uma determinação de praticar consistentemente, com base numa visão de longo alcance da realidade da vida.

A decisão flamejante pode ser uma grande força motriz para as pessoas superarem as dificuldades, elevar o padrão de vida e atingir a felicidade absoluta. Essa paixão tem a tendência natural de aumentar ou diminuir. Contudo, quando embasada na missão e no objetivo comum de empreender a realização do Kossen-rufu, sua intensidade poderá ser mantida por toda a vida.

Por essa razão, é importante fazermos parte da BSGI, que promove diversas atividades para a criação de valores humanos e que oferece oportunidades para os membros trocarem incentivos e desenvolverem a própria vida com base no budismo, mantendo sempre acesas as “chamas ardentes” da prática da fé.

Fontes:  As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. I, págs. 279, 417–419.  Terceira Civilização, edição no 166, junho de 1982, págs. 49–50.  Brasil Seikyo, edição no 1.593, Caderno de Estudo.

# Fé como “chamas ardentes” e fé de “água corrente” (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1778, 08/01/2005, página A6.)

Perseverança: chave para a vitória

Por que a continuidade é importante na prática da fé?

Na primeira parte deste tema publicada na edição anterior, discorreu-se sobre a fé como “chamas ardentes”, ou seja, um tipo de prática que, embora aparente ser vigorosa e entusiasmada no início, com o tempo tende a decair.

O outro tipo de prática citado por Nitiren Daishonin é o de “água corrente”. A característica dessa prática é a busca contínua do auto-aprimoramento por meio da recitação diária do Gongyo e do Daimoku e de ações para aplicar o poder da oração nas questões da vida cotidiana. No trecho da escritura “Resposta ao Lorde Ueno”, citada na primeira parte, consta: “‘Como água corrente’ significa crer continuamente sem nunca retroceder. Como o senhor freqüentemente tem me visitado independentemente das circunstâncias, sua fé é comparável à água corrente. Quão digno de respeito!” (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. I, págs. 417–419.)

Se a água estagna, tende a tornar-se impura, acumulando sujeira e fazendo surgir insetos nocivos. Do mesmo modo, se a água da fé parar de correr, ela se torna impura. A prática se torna mecânica e sem alegria. Essa estagnação conseqüentemente irá se manifestar de forma negativa na vida diária, influenciando a pessoa a abandonar a prática da fé. Para se evitar essa estagnação é importante manter a constância na prática diária, cultivando a relação de mestre e discípulo, o espírito de gratidão e o senso de missão.

“Água corrente” não significa tampouco um estado tranqüilo como o de um rio que corre calmamente pela planície sem enfrentar obstáculos em seu curso. Refere-se, na verdade, a uma correnteza que, nascida de um filete d’água no alto da montanha, desce a encosta ininterruptamente, junta em seu curso outras correntezas e torna-se um pujante rio até desaguar no imenso oceano.

A “fé de água corrente” consolida-se pelos desafios da vida diária e manifesta-se no empenho para resolver as questões pessoais, de relacionamento familiar, dificuldades econômicas ou de trabalho, dedicando-se ao mesmo tempo todo o esforço às atividades da organização. Receber o Gohonzon é naturalmente o efeito de uma imensa boa sorte já acumulada na vida. A continuidade na fé, entretanto, depende inteiramente das causas criadas a partir de então. Portanto, manter ou não a “fé de água corrente” é de exclusiva responsabilidade de cada pessoa. Sobre esse ponto, o presidente Ikeda incentiva:

“Nossa vida diária é uma constante batalha para romper a inércia. Assim, não importando o que possa nos acontecer, não há necessidade para tornarem-se pessimistas. Observando da mais profunda perspectiva, cada problema é um teste de nossa fé, que nos provê uma oportunidade, e é um ponto crucial para ampliar a nossa felicidade e avançarmos ainda mais para atingirmos o estado de Buda.” (A Grande Correnteza para a Paz, vol. V, pág. 202.)

A grandiosa correnteza do Kossen-rufu é fruto da continuidade de cada pessoa na prática da fé, comprovando a vitória da perseverança e da coragem na própria vida, como afluentes de um grande rio que jamais cessa seu avanço. Assim, é importante que cada integrante da BSGI leve avante a prática do Budismo de Nitiren Daishonin com profunda consciência da missão pessoal com relação ao Kossen-rufu, mantendo com seriedade e esforço as “chamas ardentes” da prática da fé para que perdurem eternamente como “água corrente”.

Fontes: - Brasil Seikyo, edição no 1.593, Caderno de Estudo. - Guia Prático do Budismo, pág 86.

# Quatorze calúnias (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1779, 15/01/2005, página A7.)

A prática da fé reflete-se nas atitudes diárias

Podemos dizer que nossos sofrimentos são todos causados devido ao nosso mau carma criado no passado?

É bastante comum a postura de atribuirmos todos os nossos sofrimentos a um carma negativo que formamos em alguma época no passado. No entanto, quando nos aprofundamos no estudo do budismo entendemos que muitas dessas dificuldades não são necessariamente efeitos de ações passadas, mas ao contrário, resultam de atitudes que praticamos no dia-a-dia que nada têm a ver com os ensinamentos budistas.

Muitas dessas atitudes são, na realidade, contrárias aos ensinamentos budistas movidas principalmente por influências dos ensinos provisórios, crenças e costumes regionais que incorporamos antes mesmo de conhecer o budismo. Há também aquelas que acabamos aceitando devido à influência da própria sociedade atual. Dessa forma, mesmo que nos dediquemos intensamente na recitação do Gongyo e Daimoku, nossos benefícios são reduzidos ou até mesmo apagados pelo que chamamos, no budismo, de calúnias.

Quando Nitiren Daishonin encontrava-se no Monte Minobu, recebeu oferecimentos de um seguidor chamado Matsuno Rokuro Zaemon que certa vez questionou-o sobre a diferença dos benefícios obtidos quando um sábio recita Daimoku e quando nós recitamos. Nitiren Daishonin responde da seguinte forma: “Não existe diferença nos benefícios do Daimoku. O ouro é o mesmo, seja nas mãos de um tolo ou de um sábio. Contudo, existirá uma diferença caso recitar Daimoku opondo-se ao espírito do Sutra de Lótus.”

Na sequência desta carta, Daishonin cita um trecho das “Anotações sobre Palavras e Frases do Sutra de Lótus” (Hokke Mongu Ki) de Miao-lo, em que explana sobre o espírito do Sutra de Lótus, referindo-se às quatorze calúnias: “Um erudito enumera os tipos de males da seguinte forma: ‘São quatorze as causas do mal: 1) arrogância, 2) negligência, 3) julgamento egoístico, 4) julgamento superficial, 5) avareza, 6) recusa à compreensão, 7) descrença, 8) recusa a ouvir, 9) dúvida errônea, 10) calúnia, 11) desrespeito aos crentes, 12) ódio aos crentes, 13) desconfiança aos crentes, 14) inveja aos crentes’. Estas quatorze calúnias aplicam-se igualmente aos clérigos e aos leigos. Quão temível é o pecado de cometer qualquer uma destas calúnias.”

Do ponto de vista do budismo de Nitiren Daishonin, as dez primeiras referem-se a calúnias contra o próprio budismo e as quatro últimas contra as pessoas que abraçam o Gohonzon e praticam o verdadeiro budismo. Portanto, uma pessoa que acredita e coloca em prática o budismo com toda a seriedade estará deixando de cometer as dez primeiras calúnias de forma natural. Porém, de acordo com esta passagem, ainda restam quatro causas que podem obstruir os benefícios que são relacionadas a atos contra os seguidores do budismo. Assim, aqueles que praticam o budismo devem estar constantemente atentos para não cometerem uma das quatro últimas calúnias. “Desrespeito”, “Ódio”, “Desconfiança” e “Inveja” em relação àqueles que abraçam o Gohonzon e praticam o budismo. De acordo com este trecho da escritura de Nitiren Daishonin, quando se comete uma destas calúnias, mesmo que se recite Daimoku, e independentemente se é clérigo ou leigo, não se conquista benefícios.

Daqui podemos entender que é importante que todos aqueles que abraçam o Gohonzon intensifiquem dia após dia sua prática da fé e avancem continuamente visando a sua própria felicidade absoluta e o Kossen-rufu mundial, nunca se esquecendo de prezar e respeitar os demais companheiros que também oram diante do Gohonzon.

Fontes: - As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. I, págs. 374–375. - Brasil Seikyo, edição no 1.589, 21 de janeiro de 2001, pág. A2.

# Quatorze calúnias (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1780, 22/01/2005, página A7.)

Aprimorar a fé e respeitar as pessoas

Pergunta: Poderia explicar mais detalhes sobre as quatorze calúnias que obstruem nossos benefícios no budismo?

Conforme pudemos acompanhar na primeira parte deste tema, as quatorze calúnias são citadas no escrito “Resposta ao Lorde Matsuno” e também no terceiro capítulo Hiyu (“Parábolas”) do Sutra de Lótus. Elas são enumeradas da seguinte forma: (1) arrogância; (2) negligência; (3) julgamento arbitrário e egoísta; (4) compreensão presunçosa e superficial; (5) apego aos desejos mundanos; (6) falta de espírito de procura; (7) falta de crença; (8) aversão; (9) dúvida ilusória; (10) difamação; (11) desprezo; (12) ódio; (13) inveja e (14) rancor. Do ponto de vista do Budismo de Nitiren Daishonin, as dez primeiras referem-se a calúnias contra o próprio budismo e as quatro últimas contra as pessoas que abraçam o Gohonzon e praticam o Verdadeiro Budismo.

A arrogância (1) refere-se à atitude das pessoas que desprezam os ensinos budistas julgando-se acima deles. A negligência (2) na prática da fé refere-se à falta de dedicação nos três princípios da fé, da prática e do estudo. O julgamento arbitrário e egoísta (3) manifesta-se quando a pessoa faz uma interpretação parcial dos ensinos budistas. Ocorre quando ela simplesmente julga o budismo unicamente com base em sua própria opinião e conveniência. A compreensão presunçosa e superficial (4) existe na falta de entendimento profundo do budismo ao mesmo tempo em que não se procura aprimorá-lo. Esta atitude é comum nas pessoas que não buscam o estudo do budismo. O apego aos desejos mundanos (5) ocorre quando a pessoa dedica-se a alcançar seus objetivos sem ter como base a prática da fé. A falta de espírito de procura (6) é observada quando não existe o empenho em compreender os ensinos budistas, impossibilitando a pessoa até mesmo de diferenciar o budismo de outros ensinos.

A falta de crença (7) é notada na total falta de fé no budismo. A aversão (8) é manifestada pela oposição e crítica direta aos ensinos budistas. A dúvida ilusória (9) é caracterizada pela desconfiança e dúvidas com relação à efetividade deste ensino. A difamação (10) encontra-se no ato de menosprezar o ensino visando rebaixar a grandiosidade do budismo.

O desprezo (11) é observado no ato de menosprezar os seguidores budistas. O ódio (12) é notado na falta de tolerância contra praticantes do budismo numa clara manifestação do domínio do estado de ira. A inveja (13) aos praticantes tem como meta a destruição da união harmoniosa da ordem budista. Finalmente, o rancor (14) refere-se aos ressentimentos guardados contra os praticantes budistas.

Em um discurso, o presidente Ikeda cita as palavras do primeiro presidente da Soka Gakkai, Tsunessaburo Makiguti, que, referindo-se às calúnias cometidas pelos clérigos da Nitiren Shoshu em sua época, escreveu: “A calúnia contra a Lei não está limitada às pessoas que não abraçam a fé nem se aplica somente àquelas de outras escolas de Nitiren que acreditam em ensinos heréticos. Ela se aplica até mesmo aos seguidores do Verdadeiro Budismo que nutrem inveja daqueles que sinceramente conduzem uma vida de grande bem. Essas pessoas são descritas com estas palavras: ‘Embora essas pessoas acreditem no Sutra de Lótus, não obterão benefício e em vez disso incorrerão em punição’. (Brasil Seikyo, edição no 1.261, 19 de fevereiro de 1994, pág. 4.)

No escrito “Resposta ao Lorde Matsuno”, Daishonin nos ensina que mesmo que abracemos o Gohonzon, se nossas ações estiverem voltadas contra o espírito fundamental do Sutra de Lótus haverá, sim, diferença nos resultados da recitação do Daimoku, isto é, nossos benefícios serão obstruídos. O significado de opor-se ao espírito do Sutra de Lótus refere-se especificamente aos quatorze tipos de calúnias.

Portanto, este princípio nos ensina que para desfrutarmos de todos os imensuráveis e ilimitados benefícios contidos no Gohonzon devemos nos aplicar continuamente ao aprimoramento de nossa fé em meio às atividades da SGI sempre prezando e respeitando nossos companheiros que também abraçaram e recitam o Daimoku diante do Gohonzon.

Fontes:  As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. I, págs. 374–375.  Grande Dicionário de Filosofia Budista (em japonês).

# Sessen Doji — O Menino das Montanhas Nevadas

(Brasil Seikyo, edição nº 1781, 29/01/2005, página A6.)

A felicidade absoluta encontra-se na vida devotada ao supremo ensino

Por que Sessen Doji é mencionado como referência para se atingir o Estado de Buda?

Encontramos a menção a Sessen Doji em diversos escritos de Nitiren Daishonin referindo-se aos benefícios de seu sincero espírito de procura e de seu espírito de devotar a própria vida em seu desejo de ver o Buda. Esses imensuráveis benefícios são, por exemplo, atestados em "O Presente de Arroz":

"Mesmo os mortais comuns, todavia, podem alcançar o estado de Buda se fizerem de um ponto uma parte insuperável de sua vida — um puro espírito de procura. Em seu mais profundo sentido, um espírito de procura é o desejo de compreender e viver o significado dentro das palavras dos sutras. O que é viver os ensinos essenciais do sutra? Em um sentido, é oferecer a sua única roupa ao Sutra de Lótus, um ato equivalente a arrancar a própria pele. Num tempo de fome, oferecer ao Buda a única tigela de arroz do qual depende a sua vida é dedicá-la ao Buda. Os benefícios de tal dedicação são tão grandes quanto os que o Bodhisattva Yakuo recebeu queimando o seu próprio cotovelo, ou Sessen Doji oferecendo a sua carne a um demônio [para receber um ensino budista]."

Mas quem foi na realidade Sessen Doji? Esse foi o nome do Buda Sakyamuni numa existência anterior, quando praticava austeridades nas Montanhas Nevadas (Sessen, em japonês) em busca da iluminação. Sua história é descrita no 14o volume do Sutra Nirvana. Naquele tempo Sessen Doji havia dominado o ensino brâmane e outros ensinos não-budistas, mas ainda não havia ouvido falar de budismo. O deus Taishaku, para testar sua resolução, surgiu diante dele na forma de um demônio faminto e recitou a metade de um verso de um ensino budista: "Tudo é mutável, nada é constante. Esta é a Lei de nascimento e morte." Ao escutar isso, Sessen Doji rogou que lhe ensinasse a segunda metade. O demônio concordou, mas exigiu sua carne e seu sangue em troca. Sem hesitar, Sessen Doji consentiu e o demônio recitou: "Extinguindo o ciclo de nascimento e morte, a pessoa penetra na alegria do nirvana." Após anotar esse ensino nas pedras e árvores para que outras pessoas que passassem por lá pudessem ler também, Sessen Doji atirou-se de uma alta árvore em direção à boca do demônio. Então, o demônio transformou-se novamente em Taishaku e o apanhou antes que caísse. Ele louvou a disposição de Sessen Doji em oferecer a sua vida pela Lei e predisse que ele certamente atingiria o estado de Buda.

No Budismo de Nitiren Daishonin, o ato de "oferecer a vida" não significa sacrificar literalmente a própria vida. Na verdade, por meio da oração ao Gohonzon oferecemos nossa vida de mortal comum, que contém todos os nove estados de vida e, em conseqüência dessa devoção, manifestamos o estado de Buda inerente em nós. Em nossa vida diária, as ações que desenvolvemos em prol do Kossen-rufu, participando das diversas atividades promovidas na organização, podem ser consideradas também como uma forma de "oferecer a vida" ou "devotar a vida" ao budismo.

O trecho "Fuji-shaku-shin-myo" do capítulo Juryo que recitamos todos os dias no Gongyo expressa esse espírito de dedicação. Sua tradução significa "Em seu sincero desejo de ver o Buda, eles não poupam sua vida". A própria palavra Nam, de Nam-myoho-rengue-kyo, possui o significado de dedicar-se ao budismo, ou ainda a perfeita relação de nossa vida com a Lei do Universo. Dessa forma, indica que a natureza de Buda manifesta-se em nosso interior.

Geralmente as pessoas relacionam oferecimento a bens de grande valor material. Entretanto, o budismo define a vida como sendo o mais precioso tesouro. Se o dinheiro fosse uma condição para atingir o estado de Buda, os ricos poderiam atingi-lo e os pobres não. Nitiren Daishonin nega esse pensamento e afirma que, como todos possuem a vida, o mais precioso dos tesouros, podem criar a causa para atingir o estado de Buda tendo como referência a sinceridade de Sessen Doji.

Referências:  Terceira Civilização, edição no 347,julho de 1997, pág. 33.  As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. I, pág. 431.  Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, pág. 281.  Brasil Seikyo, edição no 1.772, 20 de novembro de 2004, pág. A5.  Ibidem, edição no 1.649, 27 de abril de 2002, Caderno de Estudo, págs. C-4 e C-5.

# Niji — “Nesse momento” (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1782, 05/02/2005, página A6.)

Criando “nesse momento” as condições para a felicidade

Pergunta: “Nesse momento” ou “Niji”, como consta no Sutra de Lótus, significa que no budismo existe um momento determinado para se alcançar a felicidade?

Com relação à frase “Nesse momento” (Niji) que abre o capítulo Hoben do Sutra de Lótus, o presidente Toda explicou: “‘Nesse momento’ refere-se ao conceito de tempo empregado no budismo. Difere do tempo no sentido que costumamos usar para indicar as horas, as estações do ano ou para especificar uma época.

“Nem é comparável à típica introdução dos contos infantis ‘Era uma vez...’. O tempo, no sentido aqui expresso, refere-se ao momento em que um buda, percebendo a ansiedade das pessoas em ouvi-lo, aparece a fim de expor seu ensino.”

A questão do tempo é algo complexo e essencial dentro da perspectiva da vida. Sabemos que na nossa vida tudo tem seu devido tempo. Existe o período em que passamos dentro da barriga de nossa mãe, a época de crescimento na infância e adolescência, a de estudar, de se formar e a de trabalhar, e assim por diante. Não podemos obrigar uma criança recém-nascida a se formar na faculdade, assim como não podemos exigir que uma árvore já dê frutos amadurecidos, tudo depende da época e das condições propícias.

No budismo acontece algo muito parecido, pois um buda somente pode expor a Lei quando se reúne quatro condições: tempo, resposta, capacidade e Lei. Tempo, no budismo, indica aquele em que o Buda aparece para expor a Lei em resposta à capacidade das pessoas que buscam seu ensino. Em outras palavras, é o tempo em que o Buda e os seres humanos se encontram.

Do ponto de vista do Verdadeiro Budismo de Nitiren Daishonin, podemos interpretar “nesse momento” como indicativo do tempo em que o Buda Original iniciou seu empenho para salvar a humanidade com a propagação da Lei Mística. Além disso, também podemos dizer que “neste momento” indica o tempo em que os discípulos de Daishonin levantam-se unidos ao mestre para realizar o Kossen-rufu.

Se analisarmos nossa prática, entendemos que “nesse momento” existe somente quando oramos ao Gohonzon e manifestamos determinação e consciência de nossa missão pelo Kossen-rufu. É preciso determinar, orar e agir. Se não o fizermos, nosso ambiente em nada mudará. Mesmo que decorram cinco ou dez anos, “este momento” jamais chegará. Somente nossa sincera determinação pelo Kossen-rufu cria o “tempo”.

Em conclusão, “nesse momento” refere-se ao momento em que nós, espontaneamente, determinamos realizar algo pelo Kossen-rufu e não quando é solicitado que o façamos. Refere-se a “este momento”, o tempo de sua missão.

O presidente Ikeda certa vez orientou: “‘O que importa é o coração.’ (WND, pág. 1.000.) Nisso se encontra a essência da vida. Nosso coração e nossa mente envolvem toda a sociedade, o mundo e o Universo. Tudo se decide pela determinação em nosso coração neste exato momento.”

Referências: •Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, págs. 50-52. •Brasil Seikyo, edição no 1.735, 14 de fevereiro de 2004, pág. C1.

# Niji — “Nesse momento” (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1783, 12/02/2005, página A5.)

Criando “nesse momento” as condições para a felicidade

Pergunta: De acordo com a frase “nesse momento” ou niji, está correto entender que na prática budista podemos transformar nossa vida a partir de agora?

O grande escritor Romain Rolland disse: “Viva o presente. Reverencie cada dia. Ame o presente, respeite o presente...”. Goethe escreveu: “Um único momento é decisivo. Determina a existência do homem e estabelece o seu destino.”

No budismo, Nitiren Daishonin nos ensina a grande alegria de viver o “agora” — o momento presente, que abarca tanto o passado eterno como o futuro infinito.

Enfatizando a importância do momento presente (niji) no poema “Brasil, Seja Monarca do Mundo!”, oferecido pelo presidente Ikeda aos membros do Brasil em 2001, consta: “Atuem agora e vivam o presente / com a certeza de que neste exato instante / está se erguendo o futuro. / Deixem seus méritos gravados / na história de suas contínuas vitórias! / A dificuldade no momento presente / será a glória em seu futuro! / O desbravar do caminho do novo século / será proporcional a sua caminhada!”

Independentemente da situação em que se encontra, quando uma pessoa se dedica seriamente à prática budista, é sua fé no presente, e não seu carma do passado, que exerce influência determinante em sua vida. Assim, com esse grande poder da fé, podemos “começar a partir de agora”, em qualquer momento que determinarmos. Essa é a ênfase que Daishonin faz na escritura “Carta de Ano-Novo”, em que nos ensina que celebrar esse dia fazendo oferecimentos ao Gohonzon é uma fonte de imensa boa sorte. Naturalmente, essa atitude é válida não somente no Ano-Novo, mas também na partida de cada novo dia. Nitiren Daishonin exalta também o desenvolvimento que uma pessoa alcança por manter essa atitude na vida diária, tornando-se mais virtuosa e amada por todos.

“Nesse momento”, refere-se ao instante em que criamos a seguinte determinação do fundo do coração: “Hei de me levantar agora e lutar!” É a partir desse instante que o destino começa a mudar, a vida começa a se desenvolver e a história tem início.

Desta forma, o niji da transformação de nossa vida é definido pela qualidade de nossa determinação individual com que nos levantamos em prol da realização do Kossen-rufu.

Referências: •Brasil Seikyo, edição no 1.729, 1o de janeiro de 2004, pág. A10. •Preleção dos capítulos Hoben e Juryo, págs. 50-52 e págs. 139-177. •Brasil Seikyo, edição no 1.617, 25 de agosto de 2001, pág. A3.

# Os Quatro Poderes (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1784, 19/02/2005, página A7.)

Ativando nosso ilimitado potencial a partir dos poderes da fé e da prática

Pergunta: Há uma forma específica para se orar e extrair os benefícios do Gohonzon?

No curso de nossa prática da fé, freqüentemente passamos por momentos em que nos deparamos com a dúvida sobre a eficácia de nossas orações. E levantamos as seguintes questões: “Recito duas, três horas de Daimoku diariamente, e não consigo resolver meu problema” ou “pratico há mais de dez anos e ainda não transformei o meu carma de doença”.

Quando estudamos o budismo encontramos inúmeras escrituras em que Nitiren Daishonin expressa sua convicção em relação aos benefícios provenientes da recitação do Daimoku ao Gohonzon, como na escritura “Sobre a Oração”: “Mesmo que fosse possível errar ao apontar a terra, que a maré não tivesse fluxo nem refluxo, que o Sol se levantasse no Oeste, jamais aconteceria de as orações do devoto do Sutra de Lótus ficarem sem ser concretizadas.” (Gosho Zenshu, pág. 1.351.)

Acreditando nessas palavras com toda a sinceridade, incontáveis companheiros vieram realizando sua revolução humana desde o início da Soka Gakkai, conquistando imensuráveis benefícios.

Mas existem também aqueles que, apesar de terem abraçado o budismo, ainda não conseguiram superar suas dificuldades. Qual seria o motivo para não estarem extraindo os benefícios do Gohonzon? Existe alguma forma especial para se conseguir obter os benefícios do Gohonzon? Bem, podemos citar uma série de causas possíveis tais como: falta de Daimoku, de empenho nas atividades da organização; de sinceridade, ou mesmo, pensar que “ainda não chegou o momento”. Talvez um ou vários desses pontos estejam corretos, mas há ainda uma razão essencial que engloba as demais.

O Budismo Nitiren revela o princípio dos Quatro Poderes que representam o poder do Buda, da Lei, da fé e da prática. Os poderes do Buda e da Lei estão contidos no próprio Gohonzon. O que em muitos casos não ocorre é a manifestação de nossos poderes da fé e da prática que dependem unicamente de cada um. Somente quando unimos esses quatro poderes é que conseguimos concretizar os objetivos. Os quatro poderes da Lei Mística, uma vez ativados, permitem que as orações de uma pessoa sejam respondidas, capacitando-a atingir a iluminação.

Em uma passagem do romance Nova Revolução Humana, consta: “Quanto mais forte for a nossa fé, maior será a proteção das funções budistas. No Gohonzon estão contidos os poderes do Buda e da Lei. E os benefícios desses poderes são extraídos por meio da nossa fé e da nossa prática, isto é, dos poderes da fé e da prática. Entretanto, existem pessoas que praticam, mas no fundo duvidam que seus objetivos sejam concretizados. Uma vez que oram com dúvidas, naturalmente nada se torna possível. O fator principal para produzir os benefícios é a inabalável fé no Gohonzon, além da gratidão, sinceridade e determinação. Diante do poder benéfico do Gohonzon, seus pedidos ainda são pequenos. Por isso, empenhem-se ainda mais na prática da fé e desfrutem grandes benefícios.”

Por exemplo, quando sentamos diante do Gohonzon e recitamos horas de Daimoku, achando que automaticamente os benefícios se manifestarão, significa que estamos deixando de ativar o poder da fé. Quando o resultado não aparece, acabamos responsabilizando o Gohonzon ou os fatores externos. Ao contrário, uma atitude corajosa e a oração com a disposição de: “Juro que resolverei meu problema financeiro”, “Juro que transformarei meu carma de doença”, “Juro que resolverei esta questão”, com certeza resultará em vitória. Nesse momento, transferimos para nós a responsabilidade de encontrar um caminho, e nos imbuímos de coragem e dinamismo, ativando verdadeiramente os poderes da fé e da prática. Na realidade, não nos dirigimos ao Gohonzon para “mendigar” benefícios, mas, como consta nas próprias orações silenciosas, para oferecer orações e criar uma cerimônia de sinceridade e decisão.

Referências:  Brasil Seikyo, edição no 1.541, 29 de janeiro de 2000, pág. 3.  Ibidem, edição no 1.509, 22 de maio de 1999, Caderno de Estudo, pág. C2.  Ibidem, edição no 1.706, 5 de julho de 2003, pág. A5.

# Os Quatro Poderes (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1785, 26/02/2005, página A6.)

Ativando nosso ilimitado potencial a partir dos poderes da fé e da prática

Pergunta: Como podemos aplicar o princípio dos Quatro Poderes?

Na primeira parte desta matéria fizemos uma referência a um importante princípio budista conhecido como “Os Quatro Poderes” que é composto pelo poder do Buda, da Lei, da fé e da prática. Este princípio revela que é por meio da interação dos quatro poderes que nossas orações são respondidas e podemos evidenciar a ilimitada sabedoria do Buda. Vamos entender mais como podemos aplicar este princípio em nossa vida diária a partir de um escrito de Nitiren Daishonin encaminhado a Kyo’o, filha de seu discípulo Shijo Kingo.

No famoso escrito “Resposta a Kyo’o”, consta: “Creia neste mandala com todo o seu coração. O Nam-myoho-rengue-kyo é como o rugido de um leão. Que doença pode, portanto, ser um obstáculo?”

Tal como o leão desprende toda a sua força ao atacar, Nitiren Daishonin, como Buda Original, dedicou sua vida com o objetivo de inscrever o Gohonzon para a iluminação de todas as pessoas. A iluminação do Buda do tempo sem começo está incorporada no Gohonzon. Quando o abraçamos, podemos manifestar a natureza iluminada inerente em nossa vida. O termo sânscrito “mandala” significa “perfeitamente dotado”, indicando que o Gohonzon incorpora todos os poderes e princípios do budismo. É também traduzido como “total concentração de benefícios”, indicando que todos os benefícios possíveis são também inerentes ao Gohonzon. Entretanto, ao dizer “Creia neste mandala com todo o seu coração”, Nitiren Daishonin ensina que, embora o poder do Gohonzon seja realmente ilimitado, é a nossa fé que nos permite extrai-lo.

O poder do Buda representa a benevolência do Buda de salvar todas as pessoas. O poder da Lei indica a ilimitada força da Lei Mística de conduzir todas as pessoas à iluminação. Ambos estão incorporados no Gohonzon e são tão vastos e inimagináveis quanto o próprio cosmos. Entretanto, esses poderes somente podem ser extraídos por meio dos poderes da fé e da prática da própria pessoa. Os poderes do Buda e da Lei contidos no Gohonzon são absolutos.

O poder da fé é acreditar no Gohonzon. O poder da prática é recitar o Nam-myoho-rengue-kyo para si e para os outros. Ao contrário dos poderes do Buda e da Lei, os poderes da fé e da prática exercidos pelo praticante são relativos. Em outras palavras, se fortalecermos os poderes da fé e da prática, não haverá limites para os poderes do Buda e da Lei, pois o Gohonzon é absoluto. Se duvidarmos achando que o poder do Gohonzon é limitado, estaremos limitando nossos poderes da fé e da prática. Por isso, Nitiren Daishonin incentivava mesmo os seguidores convictos como Shijo Kingo, que recebeu esta carta em nome de sua filha que se encontrava adoecida, a aprofundar a fé cada vez mais.

A fé nos ensinos de Nitiren Daishonin não se refere a uma aceitação passiva ou à dependência de algo externo, mas a um poder pessoal ativo que podemos desenvolver infinitamente, capacitando-nos transcender nossas limitações e mudar nosso destino.

Podemos aprender observando as atitudes de Nitiren Daishonin, que quando alguém (ou nós próprios) estiver passando por algum problema, não se deve procurar conselhos ou fórmulas específicas para resolvê-lo. Ao contrário, o mais importante é despertar a confiança no poder absoluto do Gohonzon para que nossas orações contenham uma renovada determinação, para, então, resolvermos o problema. Daishonin também nos ensina a apoiarmo-nos mutuamente, recitando Daimoku para aqueles que sofrem, da mesma maneira que recitaríamos se o problema fosse nosso. Esse é o verdadeiro ato de benevolência e o significado de considerar o sofrimento dos outros como o seu próprio.

A “doença” que é citada por Daishonin não se restringe à indisposição física. Qualquer frustração ou sofrimento profundo, seja resultante da pobreza ou de problemas de relacionamento humano, pode ser considerado como “doença” a ser sanada por meio da nossa fé no Gohonzon.

Para ativarmos nossos poderes da fé e da prática, Nitiren Daishonin ressaltou em muitas ocasiões a importância de uma fé e prática intensas até o último instante da vida. Em uma de suas cartas consta: “Esteja completamente determinado a convocar o grande poder da fé e a recitar o Nam-myoho-rengue-kyo com a prece de que a sua fé será firme e correta no momento de sua morte. Nunca procure qualquer outro modo de herdar e manifestar a Lei última em sua vida. Somente então o senhor será capaz de transformar os desejos mundanos em iluminação e os sofrimentos da vida e da morte em nirvana. Seria inútil abraçar o Sutra de Lótus sem o sangue vital da fé”.

Referências: □ Brasil Seikyo, edição no 1.665, 31 de agosto de 2002, matéria da Reunião de Palestra. □ Ibidem, edição no 1.509, matéria da Reunião de Palestra. □ As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. I, págs. 275 e 353.

# Comparação Quíntupla (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1786, 05/03/2005, página A7.)

O Sutra de Lótus é o ensino que capacita todas as pessoas a cultivarem o nobre caráter do Buda

Pergunta: Ouve-se falar sobre diferentes tipos de budismo. Como posso distinguir o Budismo de Nitiren Daishonin das demais seitas?

Existe uma grande variedade de religiões e, entre elas, o budismo. Como as outras religiões, o budismo também possui muitas vertentes, muito diferentes entre si. Nitiren Daishonin utilizou a comparação entre os ensinos dessas religiões para analisar sua superioridade ou não. Em um de seus mais importantes escritos Abertura dos Olhos, encontramos o princípio da Comparação Quíntupla (Goju no sotai) que demonstra a superioridade do Nam-myoho-rengue-kyo sobre todos os outros ensinos.

A Comparação Quíntupla apresenta cinco níveis de comparação que distinguem o certo do errado, o superior e o inferior e as caractersticas profundas ou superficiais de cada uma. São elas:

1. Comparação entre os ensinos não-budistas e o budismo (Naigue sotai): Mostra que o budismo é superior por fundamentar-se na Lei de Causa e Efeito.

2. Comparação entre Budismo Hinayana e Budismo Mahayana (Daisho sotai): A corrente Mahayana ensina o ideal de vida de bodhisattva (levar a iluminação a todas as pessoas) e, assim, supera a corrente Hinayana que estabeleceu práticas para a iluminação própria, caindo em um profundo egoísmo.

3. Comparação entre o Mahayana Provisório e Mahayana Verdadeiro (Gonditsu sotai): O Sutra de Lótus (conhecido como o Mahayana Verdadeiro) é o ensino mais elevado de Sakyamuni, o fundador do budismo na Índia, por ensinar o potencial que todos têm de atingir o estado de Buda.

4. Comparação entre os ensinos teórico e essencial do Sutra de Lótus (Honjaku sotai): No ensino essencial do Sutra de Lótus (últimos quatorze capítulos) é revelado, ao contrário dos capítulos anteriores, que Sakyamuni atingiu a iluminação num passado extremamente distante. Somente por meio do ensino essencial fica claro que todas as pessoas podem atingir o estado de Buda, pois nele é revelado pela primeira vez o conceito da eternidade da vida.

5. Comparação entre o Budismo de Sakyamuni e o de Nitiren Daishonin (Shudatsu sotai): O Budismo de Nitiren Daishonin é superior por revelar diretamente o Nam-Myoho-Rengue-Kyo, tornando acessível a todas as pessoas a causa fundamental para se atingir o estado de Buda nesta existência, ao passo que no budismo de Sakyamuni, a iluminação fica somente ao alcance das pessoas que praticaram austeridades por incontáveis existências.

Conforme se avança da primeira à última comparação, o caminho para se atingir a iluminação, ou seja, a felicidade absoluta, vai ficando mais claro e acessível às pessoas comuns. Daishonin usa a analogia de que “todas as pedras são invariavelmente inferiores ao ouro, mas o próprio ouro pode ser classificado em diversos quilates” para explicar que há diferenças mesmo entre os ensinos mais elevados. Também, com a frase “uma lanterna é inútil quando o sol se levanta”, ele mostra a importância de se abraçar o ensino mais elevado existente. Por meio do princípio da Comparação Quíntupla, pode-se concluir que o Budismo Nitiren é superior às demais religiões devido à profunda doutrina dos Três Grandes Ensinos Fundamentais detalhada no escrito Abertura dos Olhos.

Não somente na época de Daishonin como também por todo o futuro, o princípio da Comparação Quíntupla por ele revelado é como uma bússola que nos permite identificar com clareza e objetividade a validade dos inúmeros ensinos que encontramos nas religiões.

O filósofo alemão Karl Marx argumentava que “a religião é o ópio do povo”. Com certeza, há religiões que agem como o ópio. Elas tornam-se instrumentos da natureza malévola do poder autoritário, servindo para entorpecer o espírito das pessoas ensinando-lhes a se conformarem com sua sorte na vida e a buscarem a felicidade somente após a morte. Sua função é manter o povo na ignorância.

Contudo, existem aquelas que, determinadas a despertar as pessoas, não sucumbem a nenhum poder, que se devotam a lutar contra a opressão num esforço para capacitar todas as pessoas a viverem com liberdade e dignidade. Esse é o espírito do Sutra de Lótus. Esse é o propósito de uma religião do século XXI.

Referências:  Apostila de Matérias do Exame de Budismo 2002, 2o Grau e Médio, pág. 31–34.  As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. I, pág. 310.  Ibidem, vol. II, págs. 63–66.  Ibidem, págs.86–87.  Ibidem, pág. 319.  Ibidem, vol. IV, págs. 19–20.  Brasil Seikyo, edição no 1.580, 18 de novembro de 2000, pág. 4.  Ibidem, edição no 1.544, 19 de fevereiro de 2000, pág. 4.  Budismo — o Primeiro Milênio, Editora Record, pág. 90.

# Comparação Quíntupla (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1787, 12/03/2005, página A6.)

O Sutra de Lótus é o ensino que capacita todas as pessoas a cultivarem o nobre caráter do Buda

Pergunta: Se a Comparação Quíntupla esclarece a superioridade do budismo, por que é tão difícil encontrar e aceitar o Budismo de Nitiren Daishonin?

Resposta: Como vimos na edição anterior, pelo princípio da Comparação Quíntupla, Nitiren Daishonin revela para toda a posteridade os cinco critérios que devem ser adotados para identificar com clareza e objetividade a validade dos inúmeros ensinos que encontramos nas religiões. Trata-se de um princípio de fundamental importância, visto que encontramos em nossa sociedade atual uma grande diversidade de seitas e escolas religiosas apresentando cada qual sua doutrina sobre a vida e a morte.

Por outro lado, encontramos pensamentos bastante superficiais em nossa sociedade de que “todas as religiões são iguais”, “todas as religiões têm a mesma força”, “o importante é ter fé, independentemente da religião” etc. No budismo, este pensamento seria comparável à atitude indiferente de tomar um táxi ou ônibus, sem nos preocuparmos com o estado de conservação do veículo e também não atentarmos se o motorista está ou não embriagado.

Na quinta comparação, Nitiren Daishonin nos ensina que por meio da recitação do Nam-myoho-rengue-kyo revelado por ele em 28 de abril de 1253, todas as pessoas tornam-se aptas a evidenciar na presente existência o estado de Buda inerente, ao passo que no Budismo de Sakyamuni, essa condição somente é alcançada com a prática de austeridades por incontáveis existências. Aqui podemos perceber a superioridade do ensino de Daishonin capaz de conduzir todas as pessoas, sem exceção, à sua revolução humana e à felicidade absoluta.

Entretanto, mesmo sendo o mais elevado dos ensinos, este fato não torna o Budismo de Nitiren Daishonin fácil de encontrar e praticar. Ao contrário, Daishonin nos revela esta dificuldade na escritura “A Tartaruga de um Olho e o Tronco Flutuante de Sândalo”, em que ilustra a raridade de encontrarmo-nos com o Gohonzon dentre tantos outros ensinos. Ele exemplifica com essa história mencionada no vigésimo sétimo capítulo do Sutra de Lótus que o fato de abraçarmos o Gohonzon e recitarmos o Nam-myoho-rengue-kyo é algo raro e extraordinário.

Sobre a dificuldade de se atingir o estado de Buda, no escrito “Três Mestres Tripitaka Oram por Chuva”, consta: “Portanto, o melhor modo de atingir o estado de Buda é encontrar um zentishiki, ou bom amigo. Até onde a sabedoria de alguém pode levá-lo? Se a pessoa possui pelo menos sabedoria suficiente para distinguir o quente do frio, deve procurar um bom amigo. Contudo, encontrar um bom amigo é a coisa mais difícil de acontecer. Assim, o Buda comparou-a à raridade de uma tartaruga de um olho só achar um tronco flutuante com uma cavidade no tamanho certo para comportá-la, (...) Além do mais, nestes maléficos Últimos Dias da Lei, os maus companheiros são mais numerosos do que as partículas de pó que compõem a terra, ao passo que a quantidade de bons amigos é menor do que a de grãos de areia que se consegue amontoar sobre a unha de um dos dedos da mão.”

Num discurso proferido em 2003, o presidente Ikeda comentou: “Num único ano, vocês conseguem realizar o que as pessoas em geral levariam anos. Vocês são realmente extraordinários! Como se já não estivessem bastante ocupados cuidando da família, sendo bons vizinhos na comunidade e trabalhando arduamente, vocês também conversam com as pessoas sobre a filosofia e os ideais do budismo, promovem nossas publicações, incentivam os companheiros, participam das reuniões de palestra e das reuniões de Daimoku, estudam a doutrina budista e, acima de tudo, recitam o Gongyo de manhã e à noite todos os dias! Mas é exatamente por desafiar assim que vocês conseguem acumular imensuráveis benefícios e atingir uma felicidade indestrutível. Este é o estado de vida de um Buda.”

Como resultado das incansáveis atividades da Soka Gakkai liderada pelos três presidentes, o verdadeiro Budismo de Nitiren Daishonin é hoje abraçado por pessoas de 190 países e regiões do mundo, constituindo-se numa rede global de “bons amigos” sem precedentes na história do budismo que comprovam diariamente a supremacia da Lei em sua própria vida.

Referências: •Apostila de Matérias do Exame de Budismo — 2002, 2o Grau e Médio, págs. 31-34. •Brasil Seikyo, edições nos 1.728 e 1.729, 1o de janeiro de 2004, págs. A4-A5. •Ibidem, edição no 1.638, 2 de fevereiro de 2002, pág.A6. •Ibidem, edição no 1.640, 16 de fevereiro de 2002, pág. A6. •END, vol. III, págs 244-246. •Ibidem, vol. VI, pág. 167.

# Os Quatro Sofrimentos (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1788, 19/03/2005, página A7.)

Um ensino que soluciona a questão fundamental da vida e da morte

Pergunta: A que se refere os quatro sofrimentos citados nos Registros dos Ensinos Orais e em diversos sutras?

Resposta: Isso é atribuído a um episódio que teria acontecido com o fundador do budismo, Sakyamuni. Ele nasceu como filho herdeiro do clã Sakya há mais de dois mil anos, nas colinas ao sopé do Himalaia, na Índia.

Sua mãe morreu após o seu nascimento e ele foi criado por sua tia. Apesar de viver em meio à riqueza, Sakyamuni possuía uma inteligência e sensibilidade aguçadas e começou a refletir constantemente sobre o significado da vida e do mundo procurando uma verdade eterna.

Conta-se que, ao sair do palácio em quatro ocasiões, Sakyamuni encontrou no portão leste um homem enfraquecido devido à idade avançada; no portão sul, uma pessoa doente; no portão oeste, defrontou-se com um cadáver (talvez por ser comum na época a prática de cremar os corpos em locais públicos) e, finalmente, saindo pelo portão norte, encontrou um asceta religioso. Supõe-se que esses encontros foram decisivos para a sua determinação em renunciar ao mundo secular.

O homem idoso, o doente e o cadáver representavam os sofrimentos do envelhecimento, doença e morte, que ao lado do nascimento, ou da própria vida, são chamados de quatro sofrimentos. O nascimento representa o início da manifestação cármica. A doença, a agonia. A velhice a solidão e a morte, o medo. Estes sofrimentos são inerentes à própria vida e estão fora do alcance da tecnologia e do poder da ciência para solucioná-los, ainda que a civilização progrida. Em resumo, o que levou Sakyamuni a renunciar à posição social de príncipe, com todas as honras e glórias, foi sua busca para solucionar as quatro questões universais, ou os quatro sofrimentos do nascimento, envelhecimento, doença e morte.

Como resultado, quando contava aproximadamente com trinta anos, após passar vários anos praticando diversas espécies de austeridades, estava meditando sob uma árvore numa localidade que ficou posteriormente conhecida como Bodhgaya e, finalmente, atingiu a iluminação, tornando-se o Buda ou o “Iluminado”, encontrando assim a chave para a questão dos quatro sofrimentos.

Simplificando, Sakyamuni despertou para a Lei da Vida que permeia o Universo, a natureza e todos os outros fenômenos. Aqui, “Lei” significa uma verdade ou princípio eterno. Sakyamuni iluminou-se para a verdade de que todo o Universo é uma entidade e que nada existe à parte da Lei da Vida. Por meio dessa iluminação, ele foi capaz de solucionar a questão dos quatro sofrimentos básicos da vida.

A palavra “Buda” significa “aquele que despertou” ou um ser que se “iluminou” para a verdade. Era um nome muito comum usado na Índia nos dias de Sakyamuni, indicando que qualquer um que desperte para a verdade torna-se um Buda, uma visão igualitária do budismo em que a verdade é acessível a todos. Por essa razão, o budismo não se resume unicamente no ensino do Buda, mas o que capacita todos a se tornarem Budas.

Os quatro sofrimentos da vida são causados pelo pensamento de que a pessoa existe independentemente da natureza do Universo e que se pode viver uma vida egocêntrica, centralizada nos apegos pessoais e regida pela indiferença em relação ao sofrimento alheio. Ao basearmos nossa existência na vida cósmica que eternamente permeia o imenso Universo, podemos transformar os quatro sofrimentos nas quatro nobres virtudes do Buda — eternidade, felicidade, verdadeiro eu e pureza. A finalidade última dos ensinos de Sakyamuni era esclarecer este único ponto.

A diferença fundamental em relação ao Budismo de Nitiren Daishonin é que o Budismo de Sakyamuni apenas elucidou a existência da Lei da Vida que tem o poder de libertar as pessoas dos quatro sofrimentos. Daishonin, por sua vez, revelou esta Lei na forma de Nam-myoho-rengue-kyo, habilitando todas as pessoas dos Últimos Dias da Lei a evidenciarem seu potencial inerente e assim vencer os quatro sofrimentos.

Referências:  Síntese do Budismo, Editora Brasil Seikyo, págs. 10 a 25.  Brasil Seikyo, edição no 1.742, 3 de abril de 2004, pág. 3.

# Os Quatro Sofrimentos (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1789, 26/03/2005, página A6.)

Um ensino que soluciona a questão fundamental da vida e da morte

Pergunta: Como podemos experimentar a felicidade se todas as pessoas, sem exceção, têm que lidar com os quatro sofrimentos?

Resposta: Os quatro sofrimentos (nascimento, envelhecimento, doença e morte) são causados pelo pensamento de que a pessoa existe independentemente da natureza do Universo e que se pode viver uma vida egocêntrica, centralizada nos apegos pessoais e regida pela indiferença em relação ao sofrimento de outras pessoas. O nascimento representa o início da manifestação cármica. A doença, a agonia. A velhice, a solidão e a morte, o medo.

O renomado antropólogo cultural Prof. Nur Yalman, da Universidade de Harvard, também considera que os conceitos primordiais do budismo estão essencialmente em acordo com as pessoas pois segundo ele, todas elas têm de lidar com os quatro sofrimentos não obstante o poder, a riqueza e a fama que possam acumular. Num diálogo com o presidente Ikeda, ele disse: “Somente o budismo confronta essas urgentes questões da condição humana e proporciona respostas claras e profundas que todas as pessoas conseguem aceitar e realmente colocar em prática em sua vida.”

Notamos com freqüência ao nosso redor que, em busca da solução dos quatro sofrimentos muitas pessoas agarram-se em vão ao poder, à riqueza e à fama, acreditando serem elas a chave para libertá-las desta rigorosa realidade da vida tal como se procura fugir da própria sombra. Podemos dizer que este é o próprio reflexo de uma sociedade que carece de uma verdadeira filosofia de vida.

Sobre a difícil questão de como podemos atingir a verdadeira felicidade mesmo lidando com os quatro sofrimentos, no romance Nova Revolução Humana, capítulo “Avanço Dinâmico”, durante uma explanação do “Registro dos Ensinos Orais” (Ongui Kuden), o presidente Ikeda orientou:

“Esses quatro sofrimentos revelam o aspecto real do curso da vida e cada um possui um profundo significado e valor. Daishonin afirma que o ato de nascer e viver equivale ao ouro. Entretanto, as pessoas são derrotadas facilmente pelas dificuldades, perdem a alegria de viver e se arrastam como se estivessem carregando um fardo tão pesado quanto o chumbo.

“Contudo, o budismo possibilita a todos vencerem os sofrimentos e ensina o caminho para alcançar a felicidade. Para isso, em primeiro lugar, devemos definir o nosso principal objetivo de vida. Nitiren Daishonin nos orienta a dedicá-la ao Kossen-rufu, deixando de sermos arrastados apenas pela busca da fortuna, posição social, fama e poder. As pessoas em geral vêem o brilho do humanismo naqueles que devotam seus esforços ao bem-estar social, prestando assistência aos necessitados. Esse é o aspecto de nossos membros que se empenham pelo Kossen-rufu. (...) No caminho do Kossen-rufu não há vítimas nem perdas. Todo o empenho transforma-se em boa sorte e em grandes benefícios para nossa própria vida.

“O brilho da vida surge quando nos conscientizamos da nossa missão e tomamos a iniciativa de cumpri-la com toda a coragem. A prática da fé não é nenhuma obrigação; é antes de mais nada um direito. Contudo, se somos passivos e agimos somente sob o comando de nossos dirigentes, acabamos considerando a prática da fé como uma obrigação e não sentimos nenhuma alegria. Porém, se tomamos a iniciativa e atuamos espontaneamente, a dedicação na prática da fé e nas atividades será repleta de alegria e satisfação... é com essa disposição que revelamos uma vida tão brilhante quanto o ouro.”

Neste mundo egoísta, orar e dedicar-se arduamente pela felicidade dos outros e também pela própria felicidade é sublime e digno de admiração. O fato de os membros da SGI empenharem-se pelo Kossen-rufu dia e noite, quer seja por meio das reuniões ou em visitas familiares, mesmo enfrentando críticas e ofensas, é uma prova de que são Bodhisattvas da Terra.

Na época atual, tal como em um oásis, temos o privilégio de praticar o budismo e de polir nossa vida por meio das atividades da SGI. Ao mesmo tempo estamos contribuindo pela expansão do humanismo em nossa sociedade. Esta é a grandiosa chave que possibilita-nos a solucionar os quatro sofrimentos e, assim, experimentar a ilimitada alegria juntamente com nossos familiares e companheiros em nossa vida diária.

Referências:  Brasil Seikyo, edição no 1.742, 3 de abril de 2004, pág. A3.  Ibidem, edição no 1.677, 7 de dezembro de 2002, pág. A7.  Brasil Seikyo, edição no 1.527, 9 de outubro de 1999, pág. 3.

# Os Quatro Reis Celestiais

(Brasil Seikyo, edição nº 1790, 09/04/2005, página A5.)

As pessoas que se devotam ao Kossen-rufu recebem o benefício da proteção

Pergunta: Quem são os “Quatro Reis Celestiais” e como agem para servir os praticantes budistas?

Resposta: Os Quatro Reis Celestiais são funções do Universo simbolizadas graficamente no Gohonzon, representando um dos Dez Estados da Vida: o estado de Tranqüilidade. No Gohonzon, todos os Dez Estados são igualmente iluminados pela Lei do Nam-myoho-rengue-kyo, assim como todas as demais funções existentes no Universo.

Essa totalidade da vida expressa no Gohonzon é o que o torna absoluto. Isso explica o porquê de não adorarmos imagens que representariam apenas uma condição específica da vida. Os Quatro Reis Celestiais são: o Grande Rei Celestial Defensor da Nação (Dai Jikoku Tenno); o Grande Rei Celestial de Ampla Visão (Dai Komoku Tenno); o Grande Rei Celestial Ouvidor de Muitos Ensinos (Dai Bishamon Tenno) e o Grande Rei Celestial da Ascensão e do Progresso (Dai Zojo Tenno).

Eles são os senhores dos quatro quadrantes do mundo que servem ao deus budista Taishaku (Shakra, em sânscrito) e seus generais. Habitam os quatro lados do sopé do Monte Sumeru. Jikokuten protege o leste, Komokuten guarda o oeste, Bishamonten cuida do norte e Zojoten defende o sul.

Suas funções são proteger o mundo, discernir e punir o mal e encorajar a aspiração à iluminação, ouvir os ensinos budistas e proteger o local onde o Buda expõe seus ensinos e aliviar as pessoas de seus sofrimentos. Vários sutras, como o Sutra da Luz Dourada, referem-se a eles como guardiões do budismo.

Na “Tese sobre o Estabelecimento do Ensino Correto para a Paz da Nação”, Daishonin cita passagens de sutras em que comprovam que os Quatro Reis Celestiais e outras divindades budistas decidem abandonar a nação em que o governante rejeita e calunia o verdadeiro ensino. As calamidades assolam a nação quando é abandonada pelos sábios e divindades do bem em conseqüência da prática de heresias que se opõem à Verdadeira Lei.

Nessa tese, Daishonin também enfatiza a importância dessas funções protetoras do Universo: “Quando Bonten, Taishaku, os deuses do Sol e da Lua, os Quatro Reis Celestiais e todas as outras forças protetoras ouvem esse som [o som de nossas vozes recitando o Nam-myoho-rengue-kyo], como poderiam deixar de brilhar com um esplendoroso brilho? Como poderiam deixar de nos proteger? Devemos estar convictos disso.” (The Major Writings of Nitiren Daishonin, vol. VII, pág. 188.)

Daishonin declara que se recitarmos Daimoku com fé e sinceridade, seremos protegidos por todos os deuses budistas e as forças protetoras do Universo em todas as circunstâncias de nossa vida.

Na cerimônia do Sutra de Lótus, os Quatro Reis Celestiais surgem com seu exército de dez mil deuses e no 26o Capítulo do Sutra de Lótus (Dharani), os reis celestes Vaishravana (Bishamonten) e Protetor da Nação (Jikokuten) recitam individualmente um dharani para salvaguardar os praticantes do Sutra de Lótus fazendo seu juramento juntamente com outros bodhisattvas e divindades budistas. Ambos representam os quatro reis celestes que protegem o budismo e como são reis do estado de Tranqüilidade, possuem um grandioso poder.

Em termos atuais, a função dos Quatro Reis Celestiais pode ser notada em muitos dos líderes de discernimento da sociedade. É próprio desses líderes proteger todos os praticantes do Kossen-rufu sem exceção. De fato, como podemos acompanhar na atualidade, inúmeros líderes, intelectuais e educadores mundiais de grande renome elogiam e louvam a SGI por suas contribuições humanísticas em diversos campos da sociedade.

Esta é a prova real do dedicado empenho e sincera prática da fé dos membros da SGI que atuam incansavelmente como os verdadeiros “praticantes do Kossen-rufu” na era de Mappo.

Do ponto de vista do Sutra de Lótus, uma vez que os membros da SGI estão propagando a Lei Mística que proporciona benefícios a todas as pessoas, eles se classificam como “tesouros da humanidade”. No mundo atual, os “praticantes do Kossen-rufu” são a SGI e seus membros. Portanto, o ato de protegê-los corresponde ao ato de proteger a própria humanidade.

Fontes:  Glossário dos Escritos de Nitiren Daishonin, pág. 136.  BSGI — Por uma Sociedade de Paz.  Brasil Seikyo, edição no 1.599, 14 de abril de 2001, pág. A3.  Ibidem, edição no 1.597, 31 de março de 2001, pág. A3.  Ibidem, edição no 1.563, 8 de julho de 2000, pág. 3.  Soka Gakkai Dictionary of Buddhism.  The Major Writings of Nichiren Daishonin.

# Bodhisattva Som Maravilhoso

(Brasil Seikyo, edição nº 1791, 16/04/2005, página A6.)

Difusor dos Sons do Universo

Pergunta: Quem é o Bodhisattva Som Maravilhoso? Qual a sua relação com as atividades culturais baseadas no budismo?

Resposta: No Ongui Kuden (Registro dos Ensinos Orais) consta: “O Bodhisattva Som Maravilhoso representa os seres vivos dos Dez Mundos. O termo “Maravilhoso” (myo) significa inescrutável e o termo “som” (on) significa as palavras e sons proferidos por todos os seres vivos. Essas são as vozes da Lei Mística, os sons maravilhosos que ecoam eternamente pelas três existências do passado, presente e futuro. Agir em prol da felicidade de alguém dependendo da necessidade dessa pessoa é benevolência; esse é o trabalho de um bodhisattva.

Consta também no Ongui Kuden que o “som maravilhoso” significa as vozes extraordinárias de Nitiren e seus seguidores recitando o Nam-myoho-rengue-kyo nos Últimos Dias da Lei. (Gosho Zenshu, pág.774.)

O Bodhisattva Som Maravilhoso aparece na assembléia em que o Buda Sakyamuni prega o Sutra de Lótus. Esse bodhisattva desce dos céus dançando e vem para o mundo saha cheio de conflitos transmitir ilimitada esperança e coragem aos seres vivos por meio da apresentação de canções e melodias celestiais.

Em outras palavras, o Bodhisattva Som Maravilhoso representa o som do Universo, as vozes de todos os seres.

Todas as atividades, desde o movimento dos planetas até o dos átomos e moléculas, são governados por algum tipo de ritmo ou “princípios musicais”. Todo o Universo está tocando um “som maravilhoso”. O próprio Universo é uma sinfonia da vida, um coral cantado por todos os seres e fenômenos — uma serenata, um noturno, uma balada, uma ópera, uma suíte.

O escultor Auguste Rodin (1840–1917) disse que a arte é o reflexo da natureza nos seres humanos. Dessa forma, é vital polirmos nosso espelho interior. Quando afinamos e exercitamos o “instrumento” do eu, fazemos com que o maravilhoso som do Universo vibre em nossa vida; fazemos com que ele se reverbere e ecoe. A prática budista nos ensina como fazer isso.

A base disso tudo é a Lei Mística. É o Nam-myoho-rengue-kyo. Portanto, o Gongyo é essencialmente uma “canção de despertar” que faz com que o sol surja em nosso coração, e também um noturno, uma “Sonata ao Luar”, que ilumina nosso coração com a luz da Lua durante a noite. Recitar o sutra é como declamar um poema. E recitar Daimoku é como cantar uma obra musical. Nossa prática diária é a atividade mais cultural de todas.

Nitiren Daishonin escreveu: “Pode-se conhecer a prosperidade de um país pelas melodias tristes ou alegres que nele se escutam.” Em outras palavras, os “sons” — os sons da época — permitem-nos predizer o futuro de um país e saber se ele está destinado ao florescimento ou ao declínio. Quando falamos de “som”, estamos nos referindo à voz humana e, por extensão, às artes, à cultura e, claro, à música. Historicamente, as pessoas acreditavam que o treinamento musical cultivava o caráter. Os antigos gregos concordavam com essa noção e o povo da antiga China também. Platão dava grande importância ao estudo de música. Ele acreditava que o ritmo e a harmonia criavam pessoas notáveis. E a ênfase de Confúcio “na conduta e na música” é também bem conhecida. Parece que ele considerava que se podia cultivar um caráter equilibrado com o estudo de música.

O Kossen-rufu é um grande movimento cultural que também dá suprema importância à música e às artes. O Taiyo Ongakutai (banda masculina), a Nova Era Kotekitai (banda feminina) e todos os grupos horizontais da BSGI refletem esse espírito.

É comum observarmos as pessoas que assistem esses grupos apresentarem-se ficarem invariavelmente comovidas. Eles atuam com o espírito do Bodhisattva Som Maravilhoso, pois levam alegria às pessoas, estão expandindo o espírito da amizade e criando ondas da paz.

A música não tem fronteiras. Ela abre o caminho que une o coração das pessoas. Faz com que a oração pela paz ressoe nas profundezas do coração da humanidade. Difundir estes sons maravilhosos é uma das formas de cumprir a missão de Bodhisattva da Terra nos dias atuais.

Fontes: Brasil Seikyo, edição no 1.555, 13 de maio de 2000, pág. 3. Ibidem, edição no 1.556, 20 de maio de 2000, pág. 4.

# Os Cinco Tipos de Visão

(Brasil Seikyo, edição nº 1792, 23/04/2005, página A6.)

Torne-se mestre de sua mente e jamais permita que ela o domine

Pergunta: Por que pessoas que passam pelas mesmas situações têm reações tão diferentes entre si? Há algum princípio básico que elucida esta diferença de percepção entre as pessoas?

Resposta: No escrito “Resposta a Soya Nyudo”, consta a seguinte passagem: “Cada ideograma do Sutra de Lótus é, sem exceção, como um buda que atingiu a iluminação em nosso mundo real. Entretanto, são meros caracteres aos olhos dos mortais comuns. (...) os cegos não conseguem ver os caracteres do Sutra de Lótus, enquanto aos olhos dos mortais comuns não passam de meras letras. As pessoas nos dois veículos vêem-nos como ‘existência e não-existência’, os bodhisattvas enxergam nos caracteres inúmeros ensinamentos, e os budas consideram-nos como palavras douradas do Buda Sakyamuni. (...) Entretanto, as pessoas que praticam o Sutra de Lótus com concepções distorcidas estão rejeitando o mais sublime de todos os ensinos. Tenha cuidado para não ser influenciado pela dúvida e concentre-se na aspiração de atingir a iluminação. O Sutra dos Seis Paramitas afirma: ‘Torne-se mestre de sua mente e jamais permita que ela o domine’.”

Nitiren Daishonin afirma que cada palavra do Sutra de Lótus elucida a iluminação do Buda Sakyamuni como também esclarece que todas as pessoas são dotadas com a natureza de Buda. Ensina também que suas palavras representam a benevolência do Buda de conduzir todas as pessoas à felicidade. Entretanto, os mortais comuns vêem-nas apenas como meras letras.

O budismo ensina que existem cinco tipos de visão (ou cinco tipos de faculdade perceptiva): 1) visão de mortal comum, também chamada “visão física”, capaz de distinguir a cor e a forma; 2) visão celestial ou divina, capaz de perceber as coisas na escuridão, a grande distância ou além dos limites físicos da obstrução; 3) visão da sabedoria, ou capacidade própria das pessoas dos dois veículos de perceber que todas as coisas existem numa relação de dependência e que todos os fenômenos carecem de substância; 4) visão da Lei (do Darma), com a qual os bodhisattvas percebem a natureza de todos os ensinos para salvar as pessoas; e 5) visão do Buda, que percebe a verdadeira natureza da vida pelo passado, presente e futuro. A visão do Buda inclui todos os quatro tipos de visão. Em outras palavras, o Buda possui os cinco tipos de visão.

O olho do Buda é o olho que tem a mais ampla perspectiva, mesmo se estiver voltado àqueles objetos ou fenômenos que vimos com nosso olho físico. O olho da Lei não é o olho do conhecimento ou da sabedoria, mas subjacente à essa sabedoria está o espírito benevolente dedicado exclusivamente à salvação das outras pessoas.

Obviamente, ter conhecimento é importante, mas é muito provável que uma perspectiva baseada apenas no saber seja limitada e estereotipada. Em contraste, o olho da sabedoria é flexível e sem preconceito. Sem ser influenciado pelas limitações do conhecimento e da informação, pode-se perceber claramente o bem e o mal, e o certo e o errado, em todos os fenômenos. Essa visão é completamente livre da tendência geral do homem, que freqüentemente lhe permite ver como feio o que é belo e como insignificante o que é importante.

A maneira como as pessoas encaram os fatos, além de ser uma conseqüência imediata do estado de vida, revela também sua tendência básica que provém de causas acumuladas desde o passado. Aqui está a importância da prática budista para transformar nosso carma e elevar o estado de vida a fim de enxergarmos os inúmeros ensinamentos do Sutra de Lótus como palavras douradas do Buda Sakyamuni.

A frase “Torne-se mestre de sua mente” significa conduzir a vida com base nas regras e concepções corretas, mantendo perfeito controle sobre os sentimentos. E a frase “jamais permita que ela o domine” significa não ser levado pelo sentimentalismo.

Uma vida dedicada ao cumprimento do Kossen-rufu e à felicidade de outras pessoas é o supremo caminho para conquistar a verdadeira liberdade. Na época atual, é pelo sincero empenho às atividades da SGI que podemos aprimorar os cinco tipos de visão, possibilitando-nos distinguir a verdade da falsidade além de compreender a essência dos acontecimentos ao nosso redor como sendo fenômenos e manifestações da Lei.

Referências: □Brasil Seikyo, edição no 1.766, 9 de outubo de 2004, pág. A2. □Terceira Civilização, edição no 411, novembro de 2002, págs. 20. □Ibidem, edição no 434, outubro de 2004, págs. 18–31.

# Os benefícios da alegre aceitação (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1794, 07/04/2005, página A6.)

Pergunta: Qual é a importância da alegria da fé no budismo?

Resposta: No Sutra de Lótus do Buda Sakyamuni há um capítulo intitulado “Os benefícios da alegre aceitação”. Trata-se do 18o capítulo que discorre sobre os benefícios da prática budista quando nos empenhamos com alegria na fé, explanando o princípio de “benefício desfrutado pela qüinquagésima pessoa”.

No Diálogo sobre a sabedoria do Sutra de Lótus consta esta passagem: “O Bodhisattva Maitreya (Miroku) pergunta quantos benefícios receberá uma pessoa que aceita com alegria ouvir o Sutra de Lótus. O Buda responde que após seu falecimento, ou seja, nos Últimos Dias da Lei, haverá pessoas que se alegrarão ao ouvir o Sutra de Lótus. Ele acrescenta que não importa quais sejam as circunstâncias dessas pessoas, sejam jovens ou idosas, elas irão à cidade e ao campo, a lugares tranqüilos e tumultuados e, de acordo com sua capacidade, explanarão o ensino que ouviram aos seus pais, parentes, amigos e conhecidos. Por sua vez, aqueles que ouviram o ensino dessas pessoas compartilharão com os outros. Dessa forma, o ensino se propagará continuamente até alcançar a qüinquagésima pessoa.

Sob o ponto de vista do Budismo Nitiren, a alegria ao ouvir o Sutra de Lótus indica a alegria de ouvir sobre o Nam-myoho-rengue-kyo e o Gohonzon. Portanto, na época atual, a propagação contínua até a qüinquagésima pessoa corresponde exatamente ao movimento desenvolvido em nossa organização transmitindo de pessoa a pessoa a convicção e o sentimento de realização obtidos por meio da prática budista.

No escrito “Perguntas e respostas sobre abraçar o Sutra de Lótus” consta: “O benefício desfrutado pela qüinquagésima pessoa que se alegra em ouvir o Sutra de Lótus é maior do que aqueles adquiridos ao se oferecer donativos durante oitenta anos.” (Os Escritos de Nitiren Daishonin, vol. I, pág. 155.)

Portanto, mesmo que pareça diminuir a alegria até chegar à qüinquagésima pessoa, ainda assim, os benefícios de se ouvir sobre o Nam-myoho-rengue-kyo são realmente imensos. De acordo com o sutra, os donativos durante oitenta anos incluem todos os tipos de materiais preciosos, tais como ouro, prata, lápis-lazúli, ágata, coral, excelentes veículos e palácios adornados com sete tipos de tesouros, tudo durante um período de oitenta anos. Além disso, o doador oferece não apenas objetos materiais, mas também, quando percebe que alguém envelhece e se aproxima da morte, compartilha os ensinos do Buda com essa pessoa.

O presidente Ikeda explica esse princício da seguinte forma: “Isso significa que o simples fato de ouvir sobre o Gohonzon e pensar ‘Que maravilhoso! Eu tenho sorte de aprender sobre este ensino!’ gera um enorme benefício. Aqueles que respondem dessa maneira, abraçam a fé e compartilham-na com os outros e de acordo com sua capacidade terão todas as suas orações respondidas, obterão enorme boa sorte e atingirão uma condição em que todos os desejos são concretizados sem falha. A passagem que fala sobre a qüinquagésima pessoa é uma prova documental desse princípio.”

Referências:  Terceira Civilização, edição no 130, junho de 1979, pág. 56.  Brasil Seikyo, edição no 1.527, 9 de outubro de 1999, pág. 3.  Ibidem, edição no 1.774, 4 de dezembro de 2004, pág. A2.

# Os benefícios da alegre aceitação (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1795, 14/05/2005, página A6.)

Pergunta: Como podemos desenvolver a verdadeira alegria da fé?

Resposta: No Diálogo sobre a Sabedoria do Sutra de Lótus, o presidente Ikeda escreve: “Daishonin disse o seguinte sobre a alegria: ‘A ‘alegria’ significa uma satisfação compartilhada com as pessoas’; e ‘a ‘alegria’ é compartilhar a sabedoria e a benevolência com os outros’. (Gosho Zenshu, pág. 761.) O ponto principal é que a alegria é algo que compartilhamos com os outros. Preocupar-se unicamente com a própria felicidade é egoísmo. Preocupar-se apenas com a felicidade dos outros é hipocrisia. A verdadeira felicidade é tornar-se feliz junto com os outros. O presidente Toda disse o seguinte: ‘Não há nenhuma dificuldade em se tornar feliz sozinho. Isso é fácil. Ajudar as outras pessoas a se tornarem felizes é a base de nossa fé’.” (Brasil Seikyo, edição no 1.527 de 9 de outubro de 1999, pág. 3.)

Esta idéia é mais do que natural em nosso dia-a-dia, pois como poderemos dizer que somos felizes, com saúde, dinheiro e harmonia, se quando saímos para a rua nos deparamos com violência ou sofrimentos de outras pessoas? Da mesma forma, como poderíamos dizer que somos felizes pelo fato de os amigos, os familiares e conhecidos terem plena prosperidade, se ainda passo por dificuldades? O budismo mostra que os dois pontos têm de ser alcançados. A minha iluminação e a iluminação das pessoas que me cercam estão relacionadas. É como acender a lanterna durante uma caminhada; quando acendo a minha lanterna acabo iluminando o caminho de quem está ao meu lado.

Em suma, o capítulo “Os Benefícios da Alegre Aceitação” explica que o grande benefício se origina do fato de incentivar com coragem as outras pessoas a praticarem o Verdadeiro Budismo. A propagação não é uma mera explicação teórica e filosófica, mas sim, a convicção e o sentimento capazes de tocar o coração de outras pessoas.

Nenhum benefício pode se equiparar à alegria de propagar a Lei Mística. Nada é maior do que a alegria de ver outras pessoas tornando-se felizes como resultado de nossos próprios esforços, com diálogo e sinceridade. E, quando nos alegramos diante da felicidade dos outros, nossa própria vida torna-se cada vez mais pura. É um ciclo que fortalece a nossa fé.

Por outro lado, o comportamento que temos diante de um problema mostra como está a nossa alegria da fé. Quando surge um obstáculo podemos agir de duas formas: uma é lamentando ou reclamando da má sorte; a outra forma é determinando ser ainda mais forte, a enfrentar e desafiar esse obstáculo, como uma maneira de auto-aprimoramento e crescimento. Esta última forma é como geralmente agem as pessoas que desfrutam da alegria da fé.

Referências: Terceira Civilização, edição no 130, Junho de 79, pág. 56. Brasil Seikyo, edição no 1.527, 9 de outubro de 1999, pág. 3. Ibidem, edição no 1.774, 4 de dezembro de 2004, pág. A2.

# Vencer o estado de Ira determina a felicidade na vida (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1796, 21/05/2005, página A6.)

Pergunta: Muitas vezes, apesar de estarmos praticando o budismo, acabamos manifestando estados negativos de vida, como por exemplo o estado de Ira. Por quê?

Resposta: Logo que começamos a praticar o Budismo de Nitiren Daishonin, um dos primeiros princípios que aprendemos é Os Dez Estados da Vida, também conhecidos como Dez Mundos. Trata-se de uma teoria profunda e prática que esclarece, com simplicidade, as complicadas questões da vida.

Dentre Os Dez Estados da Vida, há os quatro inferiores, conhecidos como Os Quatro Maus Caminhos. O quarto deles é o estado de Ira, no qual as pessoas possuem consciência de seus atos, embora sem discernimento sobre certo e errado. Além disso, no estado de Ira, as pessoas preocupam-se apenas consigo mesmas, com seus próprios benefícios, pouco se importando com as demais e seus pontos de vista. São conduzidas pelo egoísmo e sentem-se superiores, derrubando outras.

No escrito “As Barragens da Fé” consta: “Há vários graus de calúnia. Mesmo entre as pessoas que abraçam o Sutra de Lótus, poucas são aquelas que o sustentam firmemente tanto na mente como na ação. Porém, aquelas que o mantêm com firmeza não sofrerão grave conseqüência, ainda que tenham cometido ofensas contra o budismo. A sólida fé expiará os efeitos tão seguramente quanto uma enchente extingue as chamas.”

Em nosso dia-a-dia, as maldades manifestam-se com a intenção de impedir nosso avanço. É como uma regra. Para todo esforço para frente há uma força contrária. Em tese, com base no ponto de vista do budismo, a vida é uma constante batalha contra essas maldades. Sendo assim, há muitas situações em nossa vida que decorrem destas manifestações, mas não percebemos que estamos sendo influenciados por elas.

Da mesma forma acontece com o estado de Ira. Mesmo exercitando a prática budista, muitas vezes não percebemos que estamos vivendo neste nível de vida. Por exemplo, uma pessoa que recita várias horas de Daimoku por dia, mas na primeira oportunidade não hesita em criticar ou mesmo ofender e agredir o outro. Ou aquela que também recita bastante Daimoku, participa ativamente nas atividades, mas vive em conflitos com outros, impondo seus pontos de vista ou não aceitando os dos outros.

O nosso estado de vida é conseqüência do acúmulo de atitudes positivas e negativas que realizamos ao longo da nossa vida. Ao mesmo tempo, influencia o modo de enxergarmos as coisas. Por exemplo, um acidente de carro pode ser resolvido por uma simples discussão e conseqüente entendimento. Entretanto, os envolvidos automaticamente optam pelo estado de Ira e tentam resolver o assunto com xingamentos, ofensas e até palavrões. Para quebrar este ciclo vicioso, é necessário uma prática verdadeiramente correta e uma firme determinação que seja capaz de elevar nosso estado de vida e atrair situações que nos estimulem a fazer cada vez mais causas positivas e não as negativas. Eis o que o presidente Ikeda afirma: “O nosso estado de espírito determina a nossa vida. A conseqüência de tudo o que realizamos — se seremos felizes ou miseráveis — é decididamente afetada pela nossa atitude básica.”

Referências:  As Escrituras de Nitiren Daishonin, volume III, pág. 235.  Brasil Seikyo, edição no 1.337, 30 de julho de 1995, pág. 3.  Ibidem, edição no 1.617, 25 de agosto de 2001, pág. A3.

# Vencer o estado de Ira determina a felicidade na vida (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1797, 28/05/2005, página A4.)

Pergunta: Como podemos vencer estes estados inferiores na nossa vida?

Resposta: Em uma orientação, o presidente da SGI, Daisaku Ikeda, esclarece esta questão, citando um trecho dos escritos de Nitiren Daishonin: “Existe um poderoso rei chamado Ashura que pode lutar contra Bonten, Taishaku e os Quatro Reis Celestiais. Ashura penetrou na mente dos líderes das escolas budistas Zen, Nembutsu e Ritsu e, em seguida, apoderou-se da mente dos líderes das nações e da mente do povo, causando a extinção de todos os sábios. É extremamente difícil até para Bonten e Taishaku evitar que esse grande mal ocorra. Mais ineficazes ainda para combater esse mal serão os deuses protetores do povo japonês com seu poder insignificante. Essa grande maldade somente poder ser evitada com a proteção dos grandiosos Bodhisattvas da Terra, que emergiram tão inumeráveis como as partículas de pó de mil mundos, o Buda Sakyamuni, o Buda Muitos Tesouros (Taho) e todos os budas do Universo.” (Gosho Zenshu, pág. 141.)

Em seguida, o presidente Ikeda observa: “Em outras palavras, somente o poder dos Bodhisattvas da Terra é capaz de vencer as conspirações e tramas de clérigos e líderes políticos corruptos que são dominados pelo estado de Ira e manifestam o comportamento de ashuras (demônios briguentos da mitologia indiana). Em exato acordo com essa passagem do Gosho, a SGI, que é uma reunião de Bodhisattvas da Terra, alcançou o magnífico pico da vitória. Essa é verdadeiramente uma extraordinária conquista. Em seu tratado “O Ensino Tríplice Secreto”, o 26o sumo-prelado Nitikan Shonin descreve os ashuras como tão enormes que quando ficam em pé no oceano, a água cobre apenas seus joelhos. Nos sutras os ashuras são descritos como tendo 84 mil yojanas de altura, sendo que as águas dos quatro grandes oceanos não chegam nem a ultrapassar seus joelhos. Isso demonstra o quanto eles são convencidos de sua própria importância. São incapazes de ver a si próprios da maneira como realmente são. No entanto, quando esses indivíduos arrogantes são repreendidos por alguém mais forte que eles, encolhem-se e revelam sua verdadeira natureza e fogem. Essa natureza dos ashuras também é claramente elucidada por Daishonin no escrito “Carta de Sado”. Quando os ashuras são confrontados por forças superiores, eles rapidamente revelam sua natureza verdadeira e insignificante. Na “Carta de Sado”, Daishonin afirma que o arrogante, sem dúvida, temerá um forte inimigo. Por exemplo, o insolente Shura, quando reprovado por Taishaku, encolheu-se e escondeu-se em uma flor de lótus num lago frio. (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. I, pág. 197.)

No romance Nova Revolução Humana, consta: “A transformação gradativa ao longo dos anos, à medida que crescemos e amadurecemos, faz parte do processo natural da vida. Porém, a revolução humana ocorre quando ultrapassamos o ritmo normal de crescimento e embarcamos numa rápida mudança para melhor. (Brasil Seikyo, edição no 1.706, 5 de julho de 2003, pág. A2.)

Então, vamos vencer com coragem, convicção e sabedoria por meio de uma correta prática da fé e clara compreensão dos princípios que regem a vida.

Referências: 1. As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. III, pág. 235. 2. Brasil Seikyo, edição no 1.337, 30 de julho de 1995, pág.3. 3. Ibidem, edição no 1.617, 25 de agosto de 2001, pág. A3.

# A sabedoria dos Budas é infinitamente profunda e imensurável (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1798, 04/06/2005, página A5.)

A Sabedoria do Buda (1a parte)

Pergunta: Qual o significado de “sabedoria do Buda”?

Resposta: O termo “sabedoria do Buda” aparece em diversos escritos budistas e indica a mais elevada sabedoria de um Buda em relação ao verdadeiro aspecto de todos os fenômenos. No segundo capítulo do Sutra de Lótus, justamente no trecho inicial que recitamos todos os dias em nosso Gongyo da manhã e da noite, consta a seguinte passagem: “Nesse momento, o Buda levantou-se serenamente de sua meditação e dirigiu-se a Sharihotsu, dizendo: A sabedoria dos budas é infinitamente profunda e imensurável. O portal dessa sabedoria é difícil de compreender e de transpor. Nenhum dos homens de erudição ou de absorção é capaz de compreendê-lo.” (Niji sesson. Ju sanmai. Anjo ni ki. Go sharihotsu. Sho-bu-ti-e. Jinjin muryo. Go ti-e mon. Nangue nannyu. Issai shomon. Hyaku-shi-butsu. Sho fu no ti.) (Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, pág. 59.)

Entre os discípulos do Buda Sakyamuni, Sharihotsu era conhecido como o mais notável em sabedoria e insuperável entre os intelectuais, representando assim os homens de erudição e de absorção, isto é, dos dois veículos. Entretanto, neste trecho do Sutra de Lótus, Sakyamuni declara categoricamente que nem mesmo este erudito poderia compreender a sabedoria do Buda.

O que é então esta sabedoria do Buda? Na Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, o líder da SGI esclarece: “A sabedoria dos budas é a sabedoria que brilha como um sol dentro do Buda. Sakyamuni louva essa sabedoria como sendo infinitamente profunda e imensurável. A sabedoria do Buda é infinitamente profunda porque ela atinge a verdade fundamental da vida. A sabedoria do Buda é imensurável porque sua luz ilumina tudo completamente. A sabedoria dos budas revela e ilumina a vida em sua totalidade. Portanto, afirma-se que a condição de vida do Buda é vasta e profunda.” (PHJ, pág. 56.)

Na seqüência da mesma preleção, consta: “A sabedoria é o caminho para a felicidade. Dinheiro, capacidade para subir na vida, posição social, nada disso nos possibilita sobrepujar os sofrimentos fundamentais do nascimento, velhice, doença e morte. O único caminho é cultivar a sabedoria com a qual nossa vida está inerentemente dotada. O propósito do Sutra de Lótus é capacitar todas as pessoas a cultivarem a suprema sabedoria em seu coração e avançarem ao longo do caminho de indestrutível felicidade. (Ibidem, pág. 56.)

A sabedoria dos homens de erudição e de absorção não seria suficiente para compreender esta “sabedoria do Buda”, pois mesmo que pudessem captar o seu conteúdo, não conseguiriam perceber a profunda intenção do Buda.

No terceiro capítulo, “Parábolas”, do Sutra de Lótus, Sakyamuni afirma que até mesmo Sharihotsu “obteve acesso por meio da fé”. Nitiren Daishonin também afirma em seus escritos que “a sabedoria significa Nam-myoho-renguekyo” e que “o portal significa fé”.

Referência:  Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo.

# Os Cinco Critérios de Propagação (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1800, 18/06/2005, página A6.)

Pergunta: O que são os Cinco Critérios de Propagação?

Resposta: São cinco critérios estabelecidos por Nitiren Daishonin para demonstrar a forma correta de se propagar o seu ensino, o Nam-myoho-rengue-kyo, não só em sua época no Japão, mas válido para todo o futuro e em qualquer lugar do mundo. São eles: o ensino, a capacidade das pessoas, o tempo, o país e a seqüência de propagação. Cada um destes cinco critérios podem ser explicados da seguinte forma:

(1) Correto entendimento do ensino. Significa reconhecer as diferenças entre muitos ensinos budistas e discernir suas profundezas relativas. Para isso foram estabelecidos sistemas de classificação comparativa, como por exemplo, a Comparação Quíntupla. Em resumo, o significado de compreender o ensino está em reconhecer a superioridade do Sutra de Lótus em relação a todos os outros sutras e que o Nam-myoho-rengue-kyo é o ensino mais profundo que capacita todas as pessoas dos Últimos Dias da Lei a atingirem o estado de Buda.

(2) Correto entendimento da capacidade das pessoas. A capacidade compreende vários fatores, como a tendência de vida das pessoas, a natureza da ligação ou falta de ligação com o budismo, e a sua capacidade de compreender e crer nos ensinos budistas. Em resumo, compreender a capacidade das pessoas significa perceber o ensino adequado para que elas possam atingir o estado de Buda. Em nossa época sabemos que as pessoas dos Últimos Dias da Lei não receberam ainda a semente do estado de Buda, e assim não podem se beneficiar do budismo. Pelo contrário, elas precisam receber diretamente a semente da iluminação, praticando o budismo da semeadura, ou seja, o budismo do Nam-myoho-rengue-kyo. Reconhecer esse fato significa compreender a capacidade das pessoas.

(3) Correto entendimento do tempo. O desenvolvimento do budismo após o falecimento do Buda Sakyamuni é dividido em três períodos conhecidos como os Primeiros, Médios e Últimos Dias da Lei. Os Primeiros Dias da Lei constituem o tempo em que o espírito do Budismo de Sakyamuni foi corretamente transmitido e o seu ensino conduziu muitas pessoas à iluminação. Os Médios Dias são o período em que o ensino de Sakyamuni foi gradualmente obscurecido, ficando reduzido à formalidade e beneficiando pessoas em número cada vez menor. Nos Últimos Dias, ele perde totalmente a capacidade de levar as pessoas à iluminação. O Sutra de Lótus revela que, nos Últimos Dias da Lei, surgiria o Bodhisattva Jogyo que propagaria uma Lei que seria a essência do Sutra. Nitiren Daishonin definiu essa Lei como Nam-myoho-rengue-kyo. Reconhecer que estamos agora nos Últimos Dias da Lei em que o Nam-myoho-rengue-kyo deve ser propagado, significa compreender o tempo.

(4) Correto entendimento do país. Significa discernir a natureza de um determinado país ou a ligação da sociedade com o budismo. Daishonin afirma que alguns países caluniam ativamente a Verdadeira Lei, alguns a desconhecem completamente e outros estão relacionados exclusivamente com os ensinos Hinayana ou Mahayana, ou mesmo com ambos. O Japão, por exemplo, é um país exclusivamente Mahayana, repleto de pessoas que caluniam a Verdadeira Lei. Portanto, neste caso, a Lei Mística deve ser propagada para salvar todas as pessoas, incluindo aquelas que se opõem a ela.

(5) Correto entendimento da seqüência da propagação. O ponto importante neste critério é o de não propagar um ensino inferior àquele que já foi propagado, pois isso degrada a Lei Budista. O novo ensino deve ser superior àqueles que prevalecem na ocasião. No Japão, onde o ensino teórico do Sutra de Lótus já havia sido estabelecido pelo Grande Mestre Dengyo, durante os Médios Dias da Lei, deve ser propagado o ensino essencial do Sutra de Lótus, especificamente, a verdadeira Lei indicada no capítulo Juryo. Reconhecer isso é compreender a seqüência da propagação.

# Os Cinco Critérios de Propagação (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1801, 25/06/2005, página A6.)

Pergunta: Qual é a importância dos Cinco Critérios de Propagação?

Resposta: Os Cinco Critérios de Propagação são, sem dúvida, um método para a avaliação da superioridade do Nam-myoho-rengue-kyo do Budismo de Nitiren Daishonin. Entretanto, diferentemente do conceito de Três Provas, que são o ponto vital para as pessoas que aceitam o ensino correto, os Cinco Critérios são aspectos que devemos conhecer para propagar o budismo em uma sociedade.

Os estudiosos budistas do passado haviam estabelecido vários aspectos que deveriam ser compreendidos e considerados para se propagar o budismo. Nitiren Daishonin organizou esses critérios num sistema integral, estabelecendo as cinco diretrizes para a propagação. No escrito “O Ensino, a Capacidade, o Tempo e o País” (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. III, pág. 117.), Daishonin explica essas cinco diretrizes demonstrando, por meio de cada uma delas, porque o Sutra de Lótus é o supremo ensino. Embora esse Gosho, em particular, refira-se somente ao Sutra de Lótus, podemos entendê-lo, à luz de outros escritos de Daishonin, como sendo o Sutra de Lótus dos Últimos Dias de Lei, ou seja, o Nam-myoho-rengue-kyo dos Três Grandes Ensinos Fundamentais.

Nesse escrito, podemos observar que Nitiren Daishonin fala sobre os Cinco Critérios de Propagação, dividindo sua explicação em três partes. Na primeira, ele explica cada uma das cinco diretrizes e define como os verdadeiros líderes do budismo devem propagar esse ensino. A seguir, ele esclarece porque o Sutra de Lótus deve ser propagado, e refuta as idéias errôneas das seitas que estão confusas com esses cinco critérios. Na terceira parte, Daishonin declara que os que praticam e propagam o Sutra de Lótus nos Últimos Dias da Lei, quando predomina o mal, estão destinados a encontrar os Três Poderosos Inimigos, conforme predito no Sutra de Lótus.

No romance Nova Revolução Humana, capítulo “Alvorecer”, o personagem Shin-iti Yamamoto (pseudônimo de Daisaku Ikeda) dialoga com seu mestre, o segundo presidente da Soka Gakkai, Jossei Toda, pouco antes de ele falecer. Toda conta que havia sonhado com uma viagem ao México: “Eles estavam esperando. Todos aguardavam ansiosamente a chegada do Budismo de Nitiren Daishonin. Como eu quero viajar para o mundo, para a jornada do Kossen-rufu... Shin-iti, o mundo é o seu desafio, seu verdadeiro palco. E o mundo é imenso e vasto. (...) Shin-iti, viva. Você precisa viver! Viva o máximo que puder e percorra o mundo!” (vol. I, pág. 5.)

Naturalmente, os povos, as etnias, os costumes, as tradições e as culturas são diferentes em cada país. Por isso mesmo, a aplicação prática dos Cinco Critérios de Propagação é de suma importância para o amplo e correto desenvolvimento do Kossen-rufu em cada localidade. Afinal, o objetivo primordial do Budismo de Nitiren Daishonin é o estabelecimento da paz e da felicidade de todas as pessoas do mundo, indistintamente.

Enfim, é fortemente desejável que, conscientizando-nos deste importante princípio budista, possamos nos empenhar objetivando o Kossen-rufu da localidade onde vivemos, mostrando o caminho da verdadeira felicidade de cada pessoa e do bem-estar da sociedade com base no mais profundo ensino do Nam-myoho-rengue-kyo.

# Nanjo Tokimitsu (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1802, 09/07/2005, página A4.)

Pergunta: Quem foi Nanjo Tokimitsu?

Resposta: Iniciando a prática do budismo ainda na infância, Nanjo Tokimitsu foi um discípulo de total confiança do Buda Original Nitiren Daishonin, mantendo a pura fé por toda a sua vida. Ultrapassando inúmeras dificuldades e sustentando sempre o espírito de proteger o Verdadeiro Budismo, foi também o braço direito de Nikko Shonin, o sucessor imediato de Daishonin. Tokimitsu havia perdido o seu pai com apenas sete anos de idade e tornou-se ainda jovem o lorde do distrito Ueno, província de Suruga. Por essa razão, ficou conhecido também como o Lorde Ueno.

Em 1275, quando tinha dezesseis anos de idade, Nanjo Tokimitsu encontrou-se pela primeira vez com Nikko Shonin, iniciando desde então uma intensa campanha de propagação do budismo na província de Suruga. À medida que o movimento de Chakubuku avançava sob a liderança de Nikko Shonin, os Três Obstáculos e as Quatro Maldades surgiam em sucessão, culminando com a famosa Perseguição de Atsuhara em setembro de 1279, ocasião em que vinte fiéis camponeses acabaram sendo aprisionados por Hei-no-Saemon. Apesar de ser ainda um jovem adolescente, como líder dos adeptos de Daishonin na região e como lorde do distrito de Ueno, Nanjo Tokimitsu ofereceu toda a proteção aos camponeses diante das perseguições das autoridades. Porém, isto causou a fúria do governo de Kamakura que não aprovava seu comportamento e se vingou aplicando pesadas taxas e impostos a ponto de deixar o próprio Tokimitsu em uma condição financeira miserável. Conseqüentemente, até mesmo as necessidades básicas de um oficial samurai, tais como de manter o seu próprio cavalo e de proporcionar vestimentas adequadas para a sua esposa e os seus familiares, ficaram seriamente comprometidas.

Mesmo passando por tais dificuldades, Nanjo Tokimitsu continuou a enviar importantes oferecimentos a Nitiren Daishonin que se encontrava retirado no Monte Minobu. Tais oferecimentos são descritos por Daishonin em diversos escritos dedicados a Nanjo Tokimitsu e, sem dúvida, eram decorrentes da sua pureza e sinceridade da prática da fé. Em todas as ocasiões, o Buda Original exalta o sentimento de gratidão aos oferecimentos recebidos e enaltece o espírito de doação do seu discípulo, mostrando o quão extraordinários são os benefícios provenientes deste ato. No escrito “Resposta a Lorde Ueno”, é citada a passagem sobre dois meninos que quando avistaram o Buda Sakyamuni, reverenciaram-no e ofereceram bolinhos de lama com toda a sinceridade por não possuírem nada a oferecer; e, como benefício deste sentimento, viriam a renascer mais tarde como um grande rei e sua esposa.

Nos dias de hoje, embora as condições sejam totalmente distintas da época de Nanjo Tokimitsu, é fortemente desejável que possamos manifestar esta mesma sinceridade do espírito de doação tanto em nossa prática diária da recitação do Gongyo e do Daimoku diante do Gohonzon, como também nas diversas atividades da organização objetivando o progresso do Kossen-rufu. Sem dúvida, a dedicação em prol da Lei com o mais sincero espírito de doação se reverte em imensuráveis benefícios na vida.

# Nanjo Tokimitsu (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1803, 16/07/2005, página A6.)

Pergunta: Nos dias de hoje, qual a importância de conhecer a vida de Nanjo Tokimitsu?

Resposta: Nanjo Tokimitsu foi um discípulo exemplar do Buda Original Nitiren Daishonin e recebeu dele um grande número de escritos. Diante das mortes prematuras de seu pai e de seu irmão mais velho, Tokimitsu assumiu o cargo hereditário de administrador da área de Fuji e se tornou um seguidor do Budismo de Nitiren Daishonin ainda bastante jovem.

Embora as circunstâncias de vida nos dias atuais sejam totalmente diferentes daquelas vividas por Nanjo Tokimitsu, o mais importante em conhecer sua história está em aprender o espírito fundamental da prática do budismo, aplicando-o em nossa vida diária, especialmente nos momentos de maior dificuldade.

Na parte anterior, aprendemos sobre o espírito de doação manifestado por Tokimitsu, que mesmo diante de sérias dificuldades financeiras, enviava constantemente as suas contribuições e mantimentos para o Buda Original.

No escrito “O Portão do Dragão”, Nitiren Daishonin o encoraja a empenhar-se dedicando a própria vida em busca da iluminação que é o objetivo final da nossa prática da fé. Citando o exemplo da batalha de milhares de carpas que tentam subir a cachoeira Portão do Dragão na China, enfrentando sua forte correnteza, os inúmeros predadores e caçadores, até alcançarem o topo para se tornarem um dragão, Daishonin mostra-lhe como é difícil manter a fé em busca do estado de Buda, por sermos facilmente influenciados e vulneráveis às pressões, ilusões e impedimentos causados por agentes externos. Esse escrito foi dedicado a Nanjo Tokimitsu por ocasião da perseguição de Atsuhara em que simples camponeses, discípulos de Daishonin, haviam sido aprisionados e posteriormente executados devido a sua fé no Verdadeiro Budismo. Mesmo para os dias de hoje, esta postura da prática da fé de jamais desistir diante das dificuldades é um ponto de grande importância na busca do objetivo da felicidade absoluta.

Um outro aspecto do comportamento da prática da fé bastante conhecido da vida de Nanjo Tokimitsu consta em um outro escrito que ele recebeu de Daishonin: “Atualmente, existem pessoas que têm fé no Sutra de Lótus. Entretanto, alguns crêem como chamas ardentes, enquanto outros como a água corrente. Quando os primeiros ouvem sobre o budismo, entusiasmam-se como o fogo, mas quando permanecem afastados são dominados pela mente disposta a abandonar a fé. Como água corrente significa crer continuamente sem nunca retroceder. Como o senhor freqüentemente tem me visitado independentemente das circunstâncias, a sua fé é comparável à água corrente. Quão digno de respeito! (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. I, pág. 419.)

Com certeza, a continuidade na prática da fé tal como a correnteza de um rio é um dos aspectos mais importantes que devemos, em qualquer época, exercitar em nossa vida, independentemente das circunstâncias adversas que possamos encontrar.

Enfim, os muitos escritos dedicados por Daishonin a Nanjo Tokimitsu nos ensinam importantes posturas da fé no budismo que, quando colocadas em prática, nos capacitam a ultrapassar os obstáculos e dificuldades tão comuns no cotidiano de qualquer pessoa.

# Pico da Águia (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1804, 23/07/2005, página A6.)

Pergunta: Onde se localiza o Pico da Águia?

Resposta: Ao estudarmos o budismo, ouvimos freqüentemente sobre o Pico da Águia. De maneira geral, a doutrina budista é recheada de parábolas e expressões estranhas aos dias de hoje, com os quais não estamos acostumados. O Pico da Águia, por todo o ritual cerimonioso e místico que representa, com toda certeza é mais um deles. Todavia, embora exista realmente uma correlação muito mística e significativa desse tema com o budismo, o Pico da Águia está relacionado a uma montanha que de fato existe e pode ser visitada mesmo nos dias de hoje.

De acordo com os registros históricos, foi no Pico da Águia que Sakyamuni expôs seu ensino mais elevado, o Sutra de Lótus. Essa montanha localiza-se ao nordeste de Rajagrilha, que era a capital de Magadha na antiga Índia. Este local também é conhecido pelo nome de Pico do Abutre.

No Diálogo sobre a Sabedoria do Sutra de Lótus, o presidente da SGI, Daisaku Ikeda, dialoga com os líderes do Departamento de Estudo do Budismo da Soka Gakkai, sobre o Pico da Águia:

"Suda: Tive a oportunidade de conhecer o Pico da Águia em 1990, como membro da primeira Delegação Cultural de Jovens da SGI a visitar a Índia. Esperava que fosse um lugar solene e profundamente místico e sagrado, mas ele tornou-se um pico rochoso consideravelmente comum!

"Ikeda: E também não é muito alto. De acordo com uma fonte, ele foi chamado de Pico da Águia porque seu formato se assemelha à cabeça de uma águia. Dizem que Sakyamuni com freqüência pregava a Lei em seu cume." (vol. I, pág. 100.)

O Pico da Águia é citado no Sutra de Lótus como sendo o local em que o Buda convocava a assembléia de seus inúmeros discípulos. Dentre esses discípulos participavam divindades celestes, reis dragões, reis kimnara e muitos outros seres não-humanos. Este vasto número de seres que totalizava pelo menos várias centenas de milhares ou até mesmo vários milhões reuniam-se para ouvir a pregação do Sutra de Lótus.

Entretanto, pelas dimensões do local e considerando que não havia nenhum tipo de recurso eletrônico para ampliar a voz do interlocutor, era impossível de se imaginar que tal proeza fosse possível de ser realizada, como eles comentam a seguir:

"Ikeda: Sim, foi um encontro grande e extraordinariamente diversificado. Mas, sabemos que esse número tão grande de seres não poderia ter-se reunido de uma só vez no Pico da Águia.

"Suda: É verdade. Minha impressão após visitar o Pico da Águia é de que cerca de cem pessoas no máximo poderiam ter-se sentado e ouvido a pregação de Sakyamuni de cada vez. Por ser um pico extremamente rochoso, lá não há sombra. Portanto, ficar nesse local por qualquer período de tempo durante o verão estava totalmente fora de cogitação. Quando o visitamos, um de nossos guias indianos passou mal devido ao calor.

"Ikeda: Para reiterar a observação feita pelo segundo presidente da Soka Gakkai, Jossei Toda, a qual mencionei anteriormente: 'Aqueles que se reuniram [no Pico da Águia] foram os homens de erudição e os bodhisattvas que habitavam na própria vida de Sakyamuni. Portanto, nada impede que participassem da assembléia até mesmo dez milhões desses homens de erudição e bodhisattvas.'" (Ibidem, págs.101–102.)

Ou seja, o Sutra de Lótus é uma expressão da própria vida do Buda, então, milhões de pessoas podem participar dessa reunião sem nenhum problema.

# Pico da Águia (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1805, 30/07/2005, página A6.)

Pergunta: Qual é o significado do Pico da Águia em nossa vida?

Resposta: Certa ocasião, questionado se o Inferno e o Pico da Águia existem realmente, o presidente Ikeda disse: “Sim, eles existem. Mas não se encontram em nenhum lugar. O estado de Fome não está em algum lugar além de Saturno, tampouco o Pico da Águia se encontra do outro lado do sol. Gostaria que vocês estudassem os Dez Mundos, mas o importante é lembrar-se de que, assim como os Dez Mundos existem em cada pessoa, também estão presentes no Universo.” (Brasil Seikyo, edição no 1.577, 28 de outubro de 2000, pág. 3.)

Aprendemos que os Dez Mundos habitam o nosso próprio ser. Tanto o estado de Inferno como o estado de Buda existem dentro de cada indivíduo e no próprio Universo. Continuando, resumidamente, o presidente Ikeda nos ensina que a vida de uma pessoa, cuja tendência básica é viver no estado de Inferno, mesmo após a sua morte, irá se fundir com o estado de Inferno do Universo. De forma análoga, uma pessoa que vive manifestando o estado de Bodhisattva e Buda, tanto na vida como na morte, irá atrair e fundir-se com esses mesmos estados do Universo. Então, o mais importante é manifestarmos profundamente esse espírito elevado que está contido no âmago do nosso ser. Na mesma orientação citada acima, o presidente Ikeda afirma: “Estamos falando de conseguir uma grande energia vital para romper as correntes do sofrimento. A grande força vital envolve a benevolência e a sabedoria e também a boa sorte e o benefício. Isso significa ser infinitamente radiante e benevolente. É viver uma existência com ilimitada sabedoria. Quando todo seu ser transborda de vitalidade, este doloroso mundo saha transforma-se em um mundo de radiante alegria. Esse é o Pico da Águia. (Ibidem.)

Portanto, aqueles inumeráveis seres de todos os diferentes tipos que se reuniram no Pico da Águia para ouvir sobre o Sutra de Lótus simbolizam as funções e as atividades inerentes na própria vida. Em termos de Dez Mundos, a assembléia do Pico da Águia é formada por seres que representam todos os nove estados de vida, do Inferno ao Bodhisattva.

Um outro aspecto que deve ser ressaltado é que o Sutra de Lótus inicia-se e termina no Pico da Águia; mas, no meio, o cenário altera-se para o ar onde se realiza a Cerimônia no Ar. O Pico da Águia é um lugar físico verdadeiro onde Sakyamuni pregou seus ensinos; porém, a Cerimônia no Ar em que surge a colossal Torre de Tesouro transcende a realidade da vida e é algo que está distante da própria imaginação. De forma sucinta, essa imensa e espetacular Torre de Tesouro representa exatamente o estado de Buda que se encontra dentro da vida de cada pessoa. No escrito “Carta a Abutsu-bo”, respondendo a uma pergunta sobre a Torre de Tesouro, Nitiren Daishonin escreve: “Portanto, Abutsu-bo é a própria Torre de Tesouro, e esta é o próprio Abutsu-bo.” (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. I, pág. 347.)

Por meio da infinita benevolência do Buda Original, Nitiren Daishonin incorporou o significado da Torre de Tesouro revelando o objeto de devoção — o Gohonzon — para a felicidade de toda a humanidade e pela eternidade dos Últimos Dias da Lei.

Nos dias atuais, a prática diária do Gongyo e do Daimoku diante do Gohonzon é o caminho para extrairmos a energia vital do estado de Buda inerente em nossa vida para, assim, retornarmos ao desafio em meio à realidade da vida diária e da sociedade. Por isso mesmo, no Budismo Nitiren, a vida diária iguala-se à fé e vice-versa. Este é o significado da forma de exposição do Sutra de Lótus que da assembléia realizada no Pico da Águia eleva-se à Cerimônia no Ar, retornando novamente ao Pico da Águia.

Referência:  A Sabedoria do Sutra de Lótus: Uma discussão sobre a religião no século XXI, vol. I.

# Rei Adorno Maravilhoso (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1806, 06/08/2005, página A5.)

Realizando a nossa revolução familiar

Pergunta: Quem foi o Rei Adorno Maravilhoso?

Resposta: O Rei Adorno Maravilhoso (Rei Myoshogon) aparece no 27o capítulo do Sutra de Lótus (“Os feitos anteriores do Rei Adorno Maravilhoso”), e recebe este nome por ter se tornado um rei ornamentado com o maravilhoso benefício da Lei Mística. Apesar de ser originalmente seguidor do bramanismo, ele procurou o Buda por insistência de sua esposa, Virtude Pura (Dama Jotoku), e de seus dois filhos, Repositório Puro (Jozo) e Visão Pura (Joguen). (Glossário, págs. 9–10.)

De acordo com este capítulo, os dois irmãos, Repositório Puro e Visão Pura, ouviram sobre o Sutra de Lótus de um Buda chamado Rei Flor da Sabedoria e da Constelação de Nuvem e Som de Trovão. Os dois irmãos pediram à sua mãe, Virtude Pura, que fosse com eles para ouvir o Buda. Ela respondeu que deveriam, antes, convencer o pai, um devoto praticante do bramanismo, e sugeriu que lhe apresentassem os poderes sobrenaturais para mostrar-lhe a força do budismo. Eles, então, exibiram poderes místicos diante do rei, tais como andar sob a água e levitar, despertando nele o desejo de ouvir o ensino do Buda. Assim, juntamente com a esposa, os dois filhos, ministros e servos, o rei foi ao encontro do Buda. O rei proclamou que seus filhos foram os agentes positivos (zentishiki), pois o haviam conduzido ao budismo. Então, ele, sua esposa e todo seu séquito renunciaram à vida secular e tornaram-se discípulos do Buda. Na seqüência deste capítulo do Sutra de Lótus, Sakyamuni identifica o Rei Adorno Maravilhoso como sendo o Bodhisattva Virtude da Flor (Ketoku), presente na assembléia no Pico da Águia. Além disso, identifica a esposa Virtude Pura como um nobre bodhisattva, e os filhos Repositório Puro e Visão Pura como os bodhisattvas Rei dos Remédios (Yakuo) e Supremo Remédio (Yakujo), respectivamente.

Podemos comparar a história descrita neste capítulo do Sutra de Lótus com o espírito de realizar a revolução familiar. A mãe e os filhos fazem com que o pai, que está em uma posição de autoridade, corrija seu modo de ser, ou seja, eles levantam-se para concretizar o Kossen-rufu. Por outro lado, em uma analogia mais genérica, o Rei Adorno Maravilhoso pode ser comparado a um líder ou a uma autoridade da sociedade com visão errônea sobre a vida, enquanto os membros da SGI, que se empenham dia após dia pela felicidade das pessoas, podem ser equiparados à mãe e aos filhos.

A prática da fé no Budismo Nitiren possibilita a transformação do carma familiar. Naturalmente, existem pessoas que enfrentam problemas de desarmonia na família, ou mesmo a oposição à sua prática budista. Porém, independentemente das adversidades, o budismo ensina que as dificuldades surgem para que as pessoas possam erradicar o carma negativo de sua vida. O importante é a decisão de assumir a responsabilidade de transformar a situação negativa, deixando de lado o pensamento de que a culpa é de outras pessoas. Tudo depende da própria condição de vida e do sincero sentimento de buscar o desenvolvimento pessoal. Quaisquer que sejam os sofrimentos e tristezas, a firme oração diante do Gohonzon com a determinação de realizar a revolução humana, possibilita às pessoas a abrirem, infalivelmente, um novo caminho em sua vida.

# Rei Adorno Maravilhoso (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1807, 13/08/2005, página A6.)

A profunda ligação com nossos familiares

Pergunta: Qual a relação cármica que temos com nossos familiares?

Em relação às pessoas que formam a nossa família, os escritos de Nitiren Daishonin nos mostram que temos uma profunda relação cármica. No escrito "Carta a Jakuniti-bo", Daishonin afirma: "Não há dúvidas de que eles são meus pais, e eu seu filho, devido às forças cármicas." (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. I, pág. 145.) E, sobre o casamento, ele cita na "Carta aos Irmãos": "Isto não é um assunto somente desta existência." (Ibidem, pág. 241.) Por existir esta significativa ligação, é importante que possamos desenvolver um relacionamento harmonioso na família, de mútua cooperação, visando a felicidade de todos.

Naturalmente, não há como escapar dos quatro sofrimentos do nascimento, velhice, doença e morte. Um dia teremos de nos despedir de nossos familiares. Este é o "sofrimento de ter de se separar dos entes queridos". No entanto, a Lei Mística nos garante que podemos permanecer juntos existência após existência. Algumas vezes, podemos nos relacionar como pai e filho, outras como marido e mulher, ou ainda como irmãos ou amigos íntimos. Embora nossos relacionamentos assumam várias formas, podemos ter a convicção de que sempre nasceremos próximos uns dos outros. Este princípio nos é ensinado pelo exemplo da família do Rei Adorno Maravilhoso citado no Sutra de Lótus.

Porém, quando observamos a realidade prática da nossa vida diária, verificamos que o convívio familiar entre pais e filhos ou marido e mulher nem sempre é tão perfeito. O importante, como praticantes do Budismo de Nitiren Daishonin, é não lamentarmos e, conscientes da relação cármica que temos com a família, avançarmos com toda a coragem e a determinação de transformá-la infalivelmente, manifestando um resultado positivo. Afinal, as dificuldades surgem para nos capacitar a atingir o estado de Buda nesta existência. Quando compreendemos isso e agimos no dia-a-dia com esse pensamento, os nossos problemas serão solucionados. Por outro lado, se simplesmente culpamos os familiares e continuamos a reclamar, estamos retardando a transformação do nosso carma. A fé na Lei Mística e a recitação do Daimoku diante do Gohonzon nos capacita a alcançar até mesmo o impossível.

No Universo existem infindáveis formas de vida. Temos a imensa boa sorte de haver nascido como seres humanos, e ainda mais, podermos orar ao Gohonzon e atuar em prol do nobre ideal do Kossen-rufu. No Diálogo sobre a Sabedoria do Sutra de Lótus, o presidente Ikeda comenta: "E nascemos bem em meio à luta em prol do Kossen-rufu. Como são profundos nossos laços cármicos! Que imensa missão temos a cumprir! Não existem coincidências no budismo. É realmente como o sutra diz: 'Nós recebemos o benefício da grandiosa boa sorte desde existências passadas e assim nascemos nesta época em que podemos nos encontrar com a Lei do Buda.' Viver com a consciência desse fato solene é a maior satisfação, é transbordar de alegria. Devemos realizar a prática da fé com sinceridade, considerando cada dia como um tesouro. Quando praticamos com emoção e entusiasmo, recebemos benefícios sem demora. Os dois irmãos do capítulo 'Rei Adorno Maravilhoso' manifestam a determinação de praticar uma 'fé pura'." (Brasil Seikyo, edição no 1.568, 19 de agosto de 2000, pág. 4.)

# “Confiar na Lei e não nas pessoas”

(Brasil Seikyo, edição nº 1808, 20/08/2005, página A6.)

Pergunta: Qual é a origem do princípio budista de “confiar na Lei e não nas pessoas” (Eho fu-enin)?

Resposta: De acordo com o Sutra Nirvana, há quatro normas a serem seguidas pelos praticantes budistas: (1) Confiar na Lei e não nas pessoas; (2) Confiar no significado do ensino e não nas suas palavras textuais; (3) Confiar na verdadeira sabedoria e não em pensamentos específicos; (4) Confiar nos sutras completos e finais e não nos sutras que não sejam completos e finais. Assim, a primeira destas quatro normas diz respeito exatamente a “Confiar na Lei e não nas pessoas”.

No escrito “Um sábio e um homem ignorante”, Nitiren Daishonin escreveu: “Portanto, no sexto volume do Sutra Nirvana, seu ensino final, proferido no bosque das árvores shala, nosso compassivo pai, o senhor Sakyamuni, declarou: ‘Confie na Lei e não nas pessoas’. Mesmo quando grandes bodhisattvas como Fuguen e Monju, homens que retornaram ao estágio que precede imediatamente a iluminação total, expõem os ensinos budistas, se eles não o fizerem com o texto do sutra na mão, então, não se deve dar ouvido a eles. O Grande Mestre Tient’ai afirma: ‘Aquilo que está de acordo com os sutras deve ser aceito e acatado. Porém, não deposite fé em nada que palavras ou significados deixem de fazê-lo’. Aqui, vemos que a pessoa deve aceitar aquilo que está claramente declarado no texto dos sutras, mas rejeitar qualquer coisa que não possa ser sustentado pelo texto. O Grande Mestre Dengyo diz: ‘Conte com as pregações do Buda e não deposite fé nas tradições transmitidas oralmente, que exprimem a mesma idéia da passagem do comentário de Tient’ai. E o Bodhisattva Nagarjuna diz: ‘Acredite em tratados que são fiéis ao sutra, não acredite naqueles que distorcem o sutra.’ Essa passagem pode ser compreendida com o significado de que mesmo entre os vários sutras, a pessoa deve descartar os ensinos provisórios, apresentados antes do Sutra de Lótus e depositar sua fé neste sutra, o Lótus. Assim, tanto sutras como tratados tornam perfeitamente nítido que a pessoa deve rejeitar todos os escritos que não sejam o Sutra de Lótus.” (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. V, pág. 48.)

Aplicando esses conceitos aos dias atuais, podemos entender, resumidamente, que o ensino correto a ser praticado é exatamente o Budismo de Nitiren Daishonin que revelou a lei do Nam-myoho-rengue-kyo e o supremo objeto de devoção, o Gohonzon. Atualmente, a SGI é a única organização que segue fielmente os ensinos de Daishonin tendo como base o Gohonzon e o Gosho. Em um outro trecho desse mesmo escrito, consta: “É por isso que o Buda deixou-nos o dito dourado ‘Confie na Lei e não nas pessoas’, e é por este motivo que se afirma que aqueles que encontram a Lei Verdadeira são tão poucos quanto os grãos de areia que podem ser colocados sobre a unha de um dedo da mão. Se houver alguém que conheça quais dos ensinos budistas são verdadeiros e quais são falsos, então eu devo procurá-lo, torná-lo meu mestre e tratá-lo com adequado respeito.” (Ibidem, pág. 40.)

Naturalmente, a maioria das pessoas toma o primeiro contato com o budismo por meio de amigos ou familiares. Ao mesmo tempo, aprende-se sobre o budismo e a forma correta de praticá-lo pelos diversos companheiros da organização. Entretanto, de acordo com este princípio budista, é importante que cada pessoa desenvolva a sua própria convicção da prática da fé, isto é, no Nam-myoho-rengue-kyo e no Gohonzon, tendo sempre como base as orientações do presidente da SGI que nos aponta para os verdadeiros ensinos budistas na época atual.

# A importância da continuidade na prática da fé (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1809, 27/08/2005, página A6.)

Pergunta: No budismo, sabemos da importância da continuidade na prática da fé. Poderia discorrer sobre este tema com base nos escritos budistas?

Resposta: De fato, no Budismo de Nitiren Daishonin, um ponto importante é justamente a atitude de se manter a prática da fé de forma contínua, dia após dia, durante toda a vida. O objetivo fundamental da prática budista é conquistar a felicidade absoluta ou a iluminação, ultrapassando todos os tipos de sofrimentos e problemas inerentes na vida de qualquer pessoa.

Há diversas passagens dos escritos e dos sutras budistas que se referem a esta questão, mostrando não só a importância dessa continuidade, mas também a atitude com que devemos manter a nossa prática da fé.

No capítulo Juryo (Revelação da Vida Eterna do Buda) do Sutra de Lótus consta o seguinte trecho: “As pessoas possuem naturezas, desejos, comportamentos, pensamentos e julgamentos diferentes. Por essa razão emprego diferentes ensinos, várias parábolas e histórias sobre relações causais para possibilitá-las a criarem boas causas. Esta prática, própria de um Buda, eu a tenho realizado ininterruptamente, sem nunca a negligenciar por um momento sequer.”1

Neste trecho, Sakyamuni afirma que pelo fato das pessoas terem comportamentos, desejos e aspirações diferentes, ele prega os seus ensinos de maneiras variadas também, de acordo com o entendimento de cada pessoa. Para exemplificar essas formas diferenciadas ele utiliza parábolas metáforas, histórias etc.

E, na parte final, “eu a tenho realizado ininterruptamente, sem nunca a negligenciar por um momento sequer” (“Mi-zo-zan-pai”), afirma ter realizado essas ações incessantemente. O objetivo dessas ações empreendidas pelo Buda era conduzir todas as pessoas à felicidade por meio da propagação do budismo, salvando-as assim dos sofrimentos. Refere-se, portanto, à propagação e à realização da prática da fé de forma ininterrupta. Em outras palavras, são ações que visam o pleno entendimento das pessoas com relação à prática da fé, à propagação do budismo e à concretização do Kossen-rufu.

Portanto, esse trecho, “Mi-zo-zan-pai”, nos faz entender a importância da continuidade, independentemente das adversidades e dos sofrimentos que venham a surgir em nossa vida, por meio da atitude de nos levantarmos e enfrentarmos todas as circunstâncias sempre com forte e sincero espírito de luta. Enfim, vamos avançar sempre com coragem, determinação, plena disposição e dinamismo, sem jamais negligenciar, retroceder ou nos afastarmos desse caminho de paz e de criação de valores.

Fonte: 1. Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, pág. 208.

# A importância da continuidade na prática da fé (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1810, 03/09/2005, página A6.)

Pergunta: De que forma aplicamos o conceito de “mi-zo-zan-pai” no dia-a-dia?

Resposta: Aplicar esse conceito que significa “eu a tenha realizado ininterruptamente, sem nunca a negligenciar por um momento sequer”, é especialmente difícil nos momentos de maior dificuldade na vida. Por isso, o ponto de partida para manter esse espírito é realizar o exercício diário da prática do Budismo Nitiren, recitando Gongyo e Daimoku. Além disso, a prática da fé altruística visando a felicidade de outras pessoas, que é desenvolvida principalmente por meio das diversas atividades na organização em prol do Kossen-rufu, constitui o caminho para a aplicação prática desse conceito.

Na Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, o presidente da SGI, Daisaku Ikeda, explana sobre este trecho do sutra, citando o segundo presidente Jossei Toda: “Com relação à passagem ‘sem nunca negligenciar por um momento sequer’ (“mi-zo-zan-pai”), Jossei Toda, segundo presidente da Soka Gakkai, disse em uma ocasião com uma certa dose de humor: ‘Nós temos nossos domingos, mas para o Gohonzon não há descanso. Seria realmente inconveniente se o Gohonzon dissesse para nós: ‘Hoje é meu dia de folga’. Ou se tivéssemos uma dor de estômago à noite e ao orarmos ao Gohonzon percebêssemos que ele está dormindo e que não quer acordar’. Ele também observou: ‘É natural que pessoas como nós passemos uma ou duas horas trabalhando em benefício de outras. Mesmo assim, nossos esforços equivalem a não mais de um centésimo de milésimo ou a um quadrilionésimo da prática executada pelo Buda. Pensando assim, não podemos deixar de nos esforçar mais’. Quando saía para participar de alguma reunião ou para uma orientação, o presidente Toda repetia com freqüência a seguinte frase: ‘Não negligencio um momento sequer’. Mesmo que estivesse fatigado ou fisicamente debilitado, ele continuava a dizer: ‘como o Buda nunca negligenciou sua prática mesmo que por um momento, eu, que tenho dedicado minha vida a esta missão, também devo empenhar-me ao máximo’.” (pág. 212.)

E na seqüência, o presidente Ikeda afirma: “Vamos lutar e avançar não com impaciência, mas sim com tranqüilidade. O que significa para nós a frase ‘sem nunca negligenciá-la por um momento sequer’? Significa lutar sempre corajosa e animadamente. Não importando as ondas de adversidades com as quais nos defrontemos, devemos nos levantar e enfrentá-las com espírito de luta. Agindo dessa forma, estaremos de acordo com essa passagem. Esse espírito direciona nossa vida para a saúde e longevidade. ‘Eu cumprirei minha missão plenamente em prol das pessoas e da sociedade!’ Quando assim determinarmos, estaremos vivendo o caminho eterno do Buda conforme caracterizado pelas palavras “sem nunca a negligenciar por um momento sequer”, que constam no capítulo Juryo.” (Ibidem, pág. 213.)

O grandioso movimento de expansão do Kossen-rufu e o extraordinário desenvolvimento da SGI nos dias de hoje são frutos de uma prática assídua, com o espírito de “nunca negligenciar”, de cada um de seus integrantes. Paralelamente, por meio de seus constantes e abnegados esforços, eles experimentam as infinitas alegrias e benefícios da prática da fé.

Fonte: Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, págs. 208–213.

# A atitude na prática revela a fé (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1811, 10/09/2005, página A6.)

Pergunta: Existem pessoas que se dedicam há muito tempo na prática da fé mas, aparentemente, não demonstram um desenvolvimento satisfatório. Por que isso acontece?

Resposta: Antes de mais nada, é importante ressaltar que uma mesma situação adversa pode ter várias causas, o que torna difícil identificar exatamente sua origem. Entretanto, se o Gohonzon é absoluto e ainda assim não desfrutamos de plena felicidade (que como já vimos, não significa ausência de problemas), algum aspecto de nossa prática certamente deve ser aprimorado. Uma das possíveis causas pode estar relacionada ao nosso próprio comportamento. O tempo de nossa prática no budismo não é necessariamente um indicativo de fé sincera e de que não necessitamos de aprimoramento.

O conceito budista denominado gyotai soku shinjin ("a atitude na prática revela a fé") demonstra que, uma vez que a prática da fé é a própria vida diária, nossa fé encontra expressão em nosso comportamento no dia-a-dia. Em um dos escritos de Nitiren Daishonin consta: "Não deve comentar com outras pessoas, lamentando que este mundo é difícil de ser suportado. Se o senhor proceder desta forma, estará agindo contra a atitude de um sábio." (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. I, pág. 296.) Essa passagem nos ensina que, mesmo praticando a fé, se possuirmos a atitude de reclamar, isso destruirá nossa boa sorte. Em outras palavras, esse é um comportamento que não se adequa a uma pessoa sábia.

De fato, sem que percebamos, devido à nossa condição de mortal comum, constantemente somos dominados por um "mundo da ilusão", sendo arrastados pelos três venenos da avareza, ira e estupidez. Esse "mundo da ilusão", conforme a explicação do presidente da SGI, Daisaku Ikeda, é "um mundo em que a vida é dominada pela ignorância (escuridão) quanto ao seu próprio significado. Essa ignorância é a própria fonte da miséria e do sofrimento das pessoas". (Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, pág. 198.)

Na série Diálogo sobre a Sabedoria Humanística, o presidente Ikeda afirma: "Não há diferença substancial entre o mortal comum e o Buda. A diferença reside em sua mente, em suas ações. Devemos sempre nos lembrar da exortação de Daishonin de acreditar que a nossa própria vida é uma entidade do Myoho-rengue-kyo, bem como de sua advertência de que se buscarmos a iluminação fora de nós, não estaremos praticando a Lei Mística mas um ensino inferior.

"Os benefícios de Myoho-rengue florescem dessa firme fé. A fé sincera no Myoho-rengue-kyo manifesta-se como a condição de vida iluminada do Buda. A fé contínua na Lei Mística é a própria consecução do estado de Buda." (Terceira Civilização, edição no 419, julho de 2003, pág. 27.)

# A atitude na prática revela a fé (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1812, 17/09/2005, página A6.)

Pergunta: Sempre ouço falar sobre termos um veterano para nos direcionar na prática da fé, mas qual é a sua importância?

Resposta: Naturalmente, quando iniciamos nossa prática no Budismo de Nitiren Daishonin passamos a nos relacionar com inúmeros membros dentro da BSGI. Veteranos ou recém-convertidos, todos, sem exceção, têm o objetivo comum de realizar a própria revolução humana ultrapassando suas dificuldades individuais com base nos ensinos de Nitiren Daishonin. Com o intuito de vencermos os obstáculos e maldades que se levantam em nossa jornada da prática da fé, é sempre importante contarmos com os incentivos e orientações dos membros mais experientes.

Neste relacionamento entre novatos e veteranos, é preciso ressaltar alguns aspectos para que possamos ininterruptamente avançar em união harmoniosa.

O papel do veterano não é o de resolver as dificuldades das pessoas. Ao aprendermos com suas vitórias pessoais conquistadas por meio da sincera prática da fé, podemos revigorar nossa coragem e convicção. O budismo tem como base a rigorosa Lei de Causa e Efeito. Sem a nossa sincera dedicação na fé, não iremos colher os imensuráveis benefícios do Gohonzon. Infelizmente, pode-se criar equivocadamente o estereótipo da figura do veterano "super-humano", que está imune aos problemas do dia-a-dia. Muito pelo contrário, do ponto de vista do budismo todos são seres humanos que possuem os Dez Estados da Vida. Não é raro encontrarmos veteranos desafiando obstáculos inimagináveis com destemida fé ao mesmo tempo em que se empenham em desenvolver os mais jovens.

Outro aspecto que também devemos considerar é a seguinte passagem: "Todos os discípulos e crentes de Nitiren devem recitar o Nam-myoho-rengue-kyo transcendendo todas as diferenças entre si, em itai doshin, tal como o peixe e a água são inseparáveis. Aqui está o laço de união entre a nossa vida e a herança da Lei Última." (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. I, pág. 351.) Desta passagem podemos extrair que o importante são a forte união e o companheirismo em que juntos, novatos e veteranos, decidem concretizar o grande ideal do Kossen-rufu, incentivando e fortalecendo-se mutuamente por meio do diálogo de vida a vida para extinguir a miséria do coração.

No romance Nova Revolução Humana, consta: "Nitiren Daishonin nos ensina sobre a prática da fé dizendo o seguinte: 'Siga a Lei e não as pessoas.' Portanto, a base fundamental de nossa fé é a Lei. E para concretizar o sublime objetivo do Kossen-rufu, devemos impulsionar as atividades com a firme e forte união de todos os companheiros." (Vol. VII, págs. 83–84.)

Portanto, a base de nossa crença deve ser sempre a fé na Lei Mística ao mesmo tempo em que aproximamo-nos das pessoas que possuem inabalável fé. É uma ilusão nos apegarmos aos aspectos superficiais ou formais tais como o nosso tempo de prática ou o nosso status social. De acordo com o princípio budista gyotai soku shinjin (a atitude na prática revela a fé), a fé de uma pessoa encontra expressão em seu comportamento diário. Portanto, o "nosso veterano na prática da fé" são todos aqueles que comprovam com suas próprias ações e atitudes a veracidade dos ensinos de Nitiren Daishonin.

# O Bodhisattva Perceptor dos Sons do Mundo (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1813, 24/09/2005, página B6.)

Pergunta: Quem é o Bodhisattva Perceptor dos Sons do Mundo?

Resposta: Também conhecido como Kan'non, é o protagonista do 25o capítulo do Sutra de Lótus, "Portal Universal do Bodhisattva Perceptor dos Sons do Mundo".

Neste capítulo, respondendo à pergunta do Bodhisattva Mente Inexaurível, Sakyamuni explica que Perceptor dos Sons do Mundo tem este nome porque ele percebe e salva todos aqueles que estão aflitos, não importando onde estejam, e que sinceramente invocam seu nome. No Budismo de Nitiren Daishonin isso corresponde a recitar o Nam-myoho-rengue-kyo ao Gohonzon. Além de proteger as pessoas de "sete desastres", Perceptor dos Sons do Mundo livra-as dos três venenos da avareza, ira e estupidez e ainda concede orações às crianças. Nos momentos em que enfrentam dificuldades ou perigos também incuti coragem às pessoas. Em virtude de seus poderes, ele tornou-se um bodhisattva muito conhecido e adorado em toda a Ásia.

Sobre o significado de seu nome, Nitiren Daishonin diz que "Perceptor" significa percepção perfeita, "mundo", refere-se à maravilhoso, e "sons" à capacidade de atingir o estado de Buda. Ele diz também que "mundo" diz respeito aos seres dos dez mundos. Numa passagem do 25o Capítulo do Sutra de Lótus consta: "Ele olha para os seres vivos com benevolência." Olhar as pessoas com benevolência não significa olhá-las com pena, mas com a consciência de que "esta pessoa é realmente um buda mas está sofrendo porque não percebe isso".

À luz dos ensinos de Daishonin, a figura do Bodhisattva Perceptor dos Sons do Mundo representa um aspecto da própria vida do Buda Original e está contido no Gohonzon. É um símbolo da ilimitada benevolência do Buda Original. Entretanto, apesar de toda a sua popularidade, ainda hoje muitas pessoas não compreendem que a fonte de seu poder vem da Lei Mística ou da recitação do Nam-myoho-rengue-kyo para obter sua proteção.

Notamos com certa freqüência a atitude errônea de esperar que Perceptor dos Sons do Mundo assim como as demais funções protetoras budistas se movimentem para nos proteger. Não devemos nos acomodar e sermos negligentes a ponto de pensarmos que pelo simples fato de praticarmos o budismo tudo no final ficará bem ou que as coisas de alguma maneira darão certo. Somos protegidos pelo Perceptor dos Sons do Mundo apenas quando ele é ativado em nossa própria vida pela nossa corajosa e inabalável fé. É a fé, a recitação de Daimoku e a ação pelo Kossen-rufu que ativam essa poderosa força.

O segundo presidente da Soka Gakkai, Jossei Toda, costumava dizer rigorosamente: "É uma indolência e uma falta de responsabilidade simplesmente desejar o benefício sem se devotar ao Gohonzon." Por isso, o presidente da SGI, Daisaku Ikeda, afirma que aqueles que oram com toda sinceridade e se empenham em prol do Kossen-rufu constroem em sua vida uma fortaleza de segurança e tranqüilidade. Segundo ele, nenhum esforço é desperdiçado na SGI. Embora isso não seja evidente no momento, com certeza a boa sorte aparecerá com o tempo.

Jossei Toda também observou: "Em nosso mundo é indispensável possuir percepção e capacidade aguçadas para distinguir corretamente e compreender profundamente as tendências na sociedade e a época, e até mesmo antecipá-las antes que aconteçam."

Por meio da corajosa e sincera fé podemos evidenciar este poder em nossa vida e reconhecer os "sons" do sofrimento de uma pessoa, não importando quem seja e agir de forma a extrair os seus sofrimentos e substituí-los por felicidade.

Fontes: • Glossário dos Escritos de Nitiren Daishonin. • Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo. • Ibidem, edição no 1.494, 1o de março de 1997, pág. 3. • Ibidem, edição no 1.488, 12 de dezembro de 1998, pág. 4. • Brasil Seikyo, edição no 1.558, 3 de junho de 2000, pág. 3. • Ibidem, edição no 1.559, 10 de junho de 2000, pág. 3. • Ibidem, edição no 1.560, 17 de junho de 2000, pág. 3. • Ibidem, edição no 1.561, 24 de junho de 2000, pág. 3.

# O Bodhisattva Perceptor dos Sons do Mundo (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1814, 08/10/2005, página A5.)

Pergunta: Como incentivar as pessoas a abraçarem a Lei Mística?

Resposta: Apesar de existirem inúmeras respostas para esta pergunta, vamos analisá-la nesta ocasião do ponto de vista das funções e poderes do Bodhisattva Perceptor dos Sons do Mundo (Kannon).

Na edição anterior discorremos que esse bodhisattva era caracterizado pela sua ilimitada benevolência e que poderíamos manifestar seu poder em nossa vida mediante a fervorosa e inabalável fé na Lei Mística com a recitação do Nam-myoho-rengue-kyo.

Por exemplo, na série Uma discussão sobre a religião no Século XXI, o presidente da SGI, Daisaku Ikeda, fez a seguinte pergunta: "O que toca mais profundamente o coração das pessoas?" Embora admita que existem inúmeras respostas para esta pergunta, ele considera a benevolência e a amabilidade entre as atitudes que ficam registradas em nosso coração.

É na atitude de compartilhar sinceramente nossas preocupações com os outros, de orar para a superação de seus problemas como se fossem nossos, na sincera consideração pelos demais e no incentivo rigoroso repleto desses sentimentos que espontaneamente sensibilizamos as pessoas. Todas estas virtudes são características do Perceptor dos Sons do Mundo, que também é citado com o nome Perceptor dos Sons do Mundo Mãe Benevolente.

De fato, a seriedade com que oramos e a nossa incansável e sincera dedicação pela felicidade das pessoas ultrapassando nossas próprias limitações é o que nos faz tocá-las profundamente. É a própria virtude do Perceptor dos Sons do Mundo.

Podemos aprender a partir do seguinte relato do presidente Ikeda como incentivar as pessoas a praticar este ensino: "Há quarenta (e cinco) anos, neste mesmo mês, em 19 de outubro de 1960, fui à América do Sul como parte do itinerário de minha primeira visita ao exterior. Não estava bem de saúde. A programação exaustiva começou a cobrar seu tributo e eu tive uma febre de quase quarenta graus. Os dirigentes que viajavam comigo eram contra a realização dessa longa viagem ao Brasil. Mas pensei comigo: 'Se não for agora, talvez nunca tenha outra chance.' Estava determinado a ir a todo custo. Nada poderia deter-me. Se tombasse, que fosse em combate. Esse era meu sentimento.

"E então, embora lutasse contra a doença, dei meu primeiro passo pelo Kossen-rufu do Brasil. Iniciei uma intensa programação de atividades com os membros pioneiros e plantei ali as sementes do Kossen-rufu. Sinto-me realmente cheio de alegria ao observar o magnífico desenvolvimento que meus queridos membros brasileiros alcançaram. Eu os saúdo. Eu louvo o Brasil! Louvo sua tradição de contínuas vitórias, de triunfo total! Viva o Brasil! 'É pique, é pique!' Brasil!"

Ao voltarmos nossos olhos ao mundo da SGI, notamos que este é o local ideal em que o intercâmbio de corações ocorre em sua plenitude. Independentemente do que a pessoa estiver passando, os membros da SGI apóiam-se uns aos outros, compartilhando suas preocupações e incentivando-se. É aqui que podemos ouvir os sentimentos dos que estão imersos em preocupações. Ao mesmo tempo, quando recebemos e encorajamos os outros, nós próprios somos encorajados.

A SGI não é forte porque tem uma estrutura organizacional forte, mas sim porque é formada por laços de coração. Perceptor dos Sons do Mundo é assim chamado porque ele ouve com grande benevolência todas as vozes e sons do mundo, as vozes das pessoas que estão sofrendo, e as abraça e responde a todas elas. Ele ouve, compreende e atua em resposta aos ardentes sentimentos de cada pessoa. A SGI, por meio de suas atividades, manifesta o papel do Perceptor dos Sons do Mundo, ouvindo as vozes do povo e fortalecendo cada ser humano a evidenciar seu ilimitado potencial inerente.

Fontes: • Glossário dos Escritos de Nitiren Daishonin. • Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo. • Brasil Seikyo, edição no 1.558, 3 de junho de 2000, pág. A3. • Ibidem, edição no 1.582, 2 de dezembro de 2000, pág. A3.

# Consistência do início ao fim (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1816, 22/10/2005, página A6.)

Pergunta: É muito comum fazermos muitas decisões diante do Gohonzon e desistirmos no “meio do caminho” por uma série de razões. Existe algum princípio budista que enfatiza a importância da persistência e da continuidade?

Resposta: Numa edição anterior desta série “Budismo na Vida Diária” estudamos o princípio dos Dez Fatores que correspondem à passagem final do capítulo Hoben que recitamos diariamente no Gongyo. São eles: 1) Aparência (Nyo-ze-so); 2) Natureza (Nyo-ze-sho); 3) Entidade (Nyo-ze-tai); 4) Poder (Nyo-ze-riki); 5) Influência (Nyo-ze-sa); 6) Causa interna (Nyo-ze-in); 7) Relação (Nyo-ze-en); 8) Efeito latente (Nyo-ze-ka); 9) Efeito manifesto (Nyo-ze-ho) e 10) Consistência do início ao fim (Nyo-ze-hon-ma-ku-kyo-to).

O Budismo de Nitiren Daishonin enfatiza a importância do princípio de “consistência do início ao fim”. Ou seja, não devemos viver apenas de decisões, mas concretizar os objetivos efetivamente, mantendo a fé do início ao fim com base em uma firme e resoluta oração, com a certeza de que a vida está sendo conduzida para o melhor caminho.

Em “Carta a Niike”, Daishonin afirma: “Lute ainda mais pela fé e jamais seja derrotado pela negligência. Todos parecem crer sinceramente quando abraçam inicialmente o Sutra de Lótus mas, com o passar do tempo, tendem a dedicar-se menos. Empenhe-se no desenvolvimento da fé até o último momento de sua vida. Caso contrário, arrepender-se-á. Por exemplo, a viagem de Kamakura a Quioto leva doze dias. Se viajar onze dias e parar antes de completar o décimo segundo dia, como poderá admirar a lua da linda capital?” (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. IV, pág. 279.)

No trecho que menciona a viagem de Kamakura a Quioto, Daishonin ressalta que a prática budista e a felicidade absoluta dependem da persistência e da perseverança de jamais desistirmos de nossos sonhos e metas no meio do caminho.

Sobre isso, o presidente da SGI, Daisaku Ikeda, ressalta: “Cada um de vocês certamente defrontará com as adversidades da vida. E haverá momentos em que não terão amigos por perto para incentivá-los. Devem perseverar sozinhos contra as dúvidas que surgirem na mente e também quando a derrota começar a sussurrar suas tentações doces e sedutoras. A solução dos seus problemas não será dada pelas pessoas que os cercam. Somente o espírito intrépido de força e incentivo que brota das profundezas da vida é que pode efetuar a transformação. Esta energia espiritual é o que constitui a energia fundamental de uma pessoa.” (A Grande Correnteza para a Paz, vol. I, pág. 220.)

Num diálogo com representantes da Divisão Feminina de Jovens, ele compara, em termos de existência, a juventude ao “início” e os capítulos finais da vida, ao “fim”.

“Mesmo que se esteja sofrendo agora, é preciso desafiar cada dia a fim de polir a si mesmas. Estudando e aprendendo, dedicando-se em benefício de outras pessoas enquanto manifestam ilimitada expressão de seu potencial no campo de sua missão. Aqueles que são bem-sucedidos em seus empreendimentos irão, conseqüentemente, de acordo com o princípio de ‘consistência do início ao fim’, saborear a total realização e satisfação.

“A diferença entre os que vivem e os que não vivem desta forma torna-se normalmente aparente após os quarenta anos de idade. A fase dos quarenta anos é um momento decisivo para as mulheres. Até essa época devem lutar, paciente e resolutamente, para assentarem uma sólida base de indestrutível felicidade para sua vida.” (Brasil Seikyo, edição no 1.206, 9 de janeiro de 1993, pág. 3.)

Referências: • Brasil Seikyo, edição no 1.711, 16 de agosto de 2003, pág. A5. • Ibidem, edição no 1.721, 25 de outubro de 2003, pág. C2. • Terceira Civilização, edição no 436, dezembro de 2004, pág. 8.

# Consistência do início ao fim (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1817, 29/10/2005, página A6.)

Pergunta: Como fazer com que nossos filhos, demais familiares e pessoas do nosso convívio tenham fé?

Resposta: No romance Nova Revolução Humana, o presidente da SGI, Daisaku Ikeda, cita o escrito "Sobre Atingir o Estado de Buda nesta Existência": "Se pensa que o estado de Buda existe fora do seu coração, isto já não é mais Lei Mística." (END, vol. I, pág. 107.) E comenta: "De acordo com esta frase, o budismo ensina que todas as leis do Universo estão contidas na vida e na determinação das pessoas. Por essa razão, a grandiosa revolução humana ou transformação interior de uma única pessoa é capaz de transformar o destino de seus familiares, de uma nação como também o de toda a humanidade. Portanto, um dos aspectos do modo de vida dos budistas é acatar que as causas de todos os efeitos encontram-se em si mesmos." (Brasil Seikyo, edição no 1.572, 23 de setembro de 2000, pág. A7.) Ou seja, a questão sobre como incentivar nossos filhos e familiares a realizarem a prática da fé passa necessariamente por esse princípio.

Ainda sobre esta questão, na série "Diálogo sobre a religião do século XXI", o presidente Ikeda enfatiza que o mais importante é ajudar nossos filhos a aprenderem a respeitar e a gostar da SGI sem pressioná-los.

Em outro trecho do diálogo, ele observa: "Como a fé é um empreendimento para a vida inteira, já é o bastante o fato de eles compreenderem com o passar do tempo. Não é sábio ser inflexível e tentar forçá-los a praticar. (...) A questão principal é que tudo é enfim decidido pela fé dos pais. Em particular — e digo isso com base na experiência de centenas de milhares de pessoas — a fé da mãe é crucial. É isso o que significa 'consistência do início ao fim'. 'Início' significa a fé dos pais e 'fim', a fé dos filhos. Essencialmente, não há separação entre as duas.

"Se os pais praticarem com alegria, e em conseqüência disso receberem benefícios à medida que avançam, os filhos compreenderão naturalmente. Independentemente do quanto estimarmos, mimarmos e idolatrarmos nossos filhos, será tudo em vão se não conseguirmos ensinar-lhes esse espírito. Se em seu íntimo uma pessoa ridiculariza a SGI, que é uma organização dedicada à concretização do desejo e do decreto do Buda, ela própria será ridicularizada por sua família e pelos demais que estão ao seu redor." (Ibidem, edição no 1.569, 26 de agosto de 2000, pág. A3.)

O princípio da "consistência do início ao fim" também esclarece que se houver uma única pessoa que abraça o Verdadeiro Budismo, sua vitória assegurará a vitória de todas as futuras gerações. Neste caso 'início' se refere à pessoa que se levantou e despertou para a grandiosidade da Lei Mística e 'fim' se refere aos seus familiares imediatos assim como todos aqueles que o apóiam em suas atividades diárias.

Nitiren Daishonin escreveu: "O Venerável Maudgalyayana depositou sua fé no Sutra de Lótus, que é o maior bem que há, e assim não somente ele atingiu o estado de Buda como também seu pai e sua mãe. E, por mais extraordinário que pareça, todos os pais e mães das sete gerações precedentes e das sete gerações posteriores e, de fato, de incontáveis existências anteriores e posteriores, puderam tornar-se budas. Além disso, todos os seus filhos, esposas ou maridos, servidores, apoiadores e incontáveis outras pessoas não somente puderam fugir dos três maus caminhos como também atingiram o primeiro estágio da segurança e, então, o estado de Buda, o estágio da perfeita iluminação." (WND, pág. 820.) Se um simples indivíduo levanta-se pela verdade, sua linhagem brilhará radiantemente.

Dessas passagens dos escritos podemos compreender que nossa sincera fé e aprimoramento em nossa revolução humana podem beneficiar imensuravelmente nossos filhos e familiares, pois conforme nós mudamos, nosso mundo muda também. Por meio de nossa transformação interior, conforme o princípio da "consistência do início ao fim", seremos finalmente capazes de criar filhos que amem e se simpatizem profundamente com os ideais da SGI.

Referências:

• Brasil Seikyo, edição no 1.743, 10 de abril de 2004, pág. A3.

• Preleção do Sutra de Lótus, págs. 125 e 126.

# Benevolência Budista (Jihi) (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1818, 05/11/2005, página A7.)

Pergunta: A caridade é uma prática comum na sociedade ocidental no auxílio às pessoas mais carentes e instituições necessitadas. Qual a visão budista e a posição da BSGI em relação a isso?

Resposta: Na obra Escolha a Vida, um diálogo do presidente Ikeda com o renomado historiador Arnold Toynbee, Ikeda explica que os atos de dar e receber no sentido moderno da caridade incorporam implicitamente o sentido de que o que recebe é inferior ao que dá, ética ou economicamente, ou ambas as coisas.

As religiões carentes de uma filosofia que não estimule as pessoas a se esforçarem, permitindo que fiquem apenas esperando que a resposta dos seus pedidos caia do céu são, na realidade, religiões que corrompem o ser humano. Em vez de enfatizar a prática da caridade, o budismo incentiva seus seguidores a combaterem a causa básica dos sofrimentos inerentes à vida das pessoas, ou seja, a crença nos ensinos superficiais e a ilusão do apego aos desejos mundanos.

Na maioria das situações, a caridade limita-se a aliviar apenas o efeito do sofrimento das pessoas que passam por algum infortúnio, e não leva em consideração a causa essencial dos sofrimentos humanos.

O princípio budista de benevolência (jihi) incorpora a própria essência da sabedoria oriental. Jihi (benevolência) é definido no budismo como “tirar o sofrimento e dar felicidade”. O caractere hi (literalmente, sofrimento) significa os esforços que uma pessoa faz para eliminar a causa fundamental do sofrimento, ao mesmo tempo que compartilha o sofrimento do outro e se solidariza como se esse sofrimento fosse seu. Ji (consideração) significa a prática benevolente baseada na forte determinação de nutrir e proteger a vida dos outros.

Do ponto de vista do budismo, existem duas formas de praticar o bem: o bem menor e o bem maior (ou supremo). Não é raro a BSGI receber convites para participar de campanhas, projetos sociais, trabalhos comunitários etc, que muitas vezes são embasados em sentimentos como caridade, piedade ou misericórdia. Essas fazem parte do bem menor e são, em sua maioria, ações e responsabilidades governamentais por tratarem-se de direitos adquiridos pelo cidadão comum. Na condição de bodhisattvas, sabemos que a atitude mais nobre que podemos empreender em prol da verdadeira felicidade de um indivíduo é a realização do Chakubuku, ou seja, ensiná-lo sobre a rigorosa Lei de Causa e Efeito (...) e conduzi-lo pelo caminho da verdadeira felicidade que o levará à revolução humana.

Pensando desta forma, a verdadeira benevolência é ensinar o budismo às pessoas (bem maior ou supremo). A missão original da religião reside essencialmente em salvar os seres humanos no nível mais profundo da vida, a dimensão espiritual. O trabalho da BSGI é ensinar às pessoas sobre as batalhas espirituais e as batalhas mais profundas da vida necessárias para conduzir uma existência de esperança baseadas no Budismo de Nitiren Daishonin. Com base nesse espírito primordial, a BSGI e a SGI não constróem, por exemplo, hospitais, asilos etc. Podemos dizer que a SGI é um “hospital da vida” que oferece cura para os males da humanidade num nível mais fundamental. Esta é a missão da SGI e da BSGI.

Referências: Escolha a Vida, pág. 316. Glossário — Os Escritos de Nitiren Daishonin Brasil Seikyo, edição no 1.247, 23 de outubro de 1993, pág. 4. Ibidem, edição no 1.577, 28 de outubro de 2000, pág. A2. Ibidem, edição no 1.641, 23 de fevereiro de 2002, pág. A2. Ibidem, edição no 1.747, 15 de maio de 2004, pág. A2.

# Benevolência Budista (Jihi) (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1819, 12/11/2005, página A6.)

Pergunta: Freqüentemente aprendemos que ensinar o budismo às pessoas é uma grande demonstração de benevolência. Qual a relação entre praticar o Chakubuku e o princípio da benevolência budista?

Resposta: O Chakubuku é um método de propagação do budismo que refuta o apego de uma pessoa a conceitos errôneos, conduzindo-a, dessa forma, a uma correta visão da vida.

Realizar o Chakubuku equivale a romper a causa básica da infelicidade — a natureza maléfica inata na vida — e conduzir uma outra pessoa à grandiosa benevolência da Lei verdadeira. É a prática básica para a realização da felicidade de cada pessoa e para a prosperidade social. É o trabalho de estimular a vida por meio do diálogo. É a prática da máxima benevolência. É o caminho mais eficaz para a revolução humana, para o acúmulo de boa sorte e para a felicidade. É colocar o valor da vida acima de todas as diferenças, tornando-se uma pessoa que deseja a felicidade de todas as outras, ampliando e aprofundando cada vez mais os laços de vida a vida como autêntico ser humano.

Desde a época em que declarou o estabelecimento de seu ensino, Daishonin jamais recuou um único passo em sua grande e meritória luta pelas pessoas, as quais ele amava como se fossem seus próprios filhos. No escrito “Abertura dos Olhos”, ele revela seu juramento antes do estabelecimento de seu ensino em 28 de abril de 1253. Ele diz que estava plenamente consciente de que se não o revelasse [e proclamasse o correto ensino budista para os Últimos Dias da Lei] ele “estaria carecendo de benevolência”. (The Major Writings of Nichiren Daishonin, vol. I, pág. 95.)

Em “Retribuição aos Débitos de Gratidão”, Daishonin declara: “Se a benevolência de Nitiren for realmente grandiosa e abrangente, o Nam-myoho-rengue-kyo será propagado pelos dez mil anos e mais, por toda a eternidade.” (WND, pág. 736.) E no Ongui Kuden (Registro dos Ensinos Orais), ele afirma: “O Nam-myoho-rengue-kyo que eu, Nitiren, recito agora capacitará todas as pessoas dos dez mil anos e mais dos Últimos Dias da Lei a atingirem o estado de Buda.” (Gosho Zenshu, pág. 720.)

Herdando o corajoso e benevolente espírito de Daishonin, os presidentes Makiguti e Toda enfrentaram os Três Poderosos Inimigos em prol da felicidade das pessoas. Por exemplo, quando saiu da prisão ao final da Segunda Guerra Mundial, Jossei Toda declarou: “Quero banir a miséria da face da Terra!” Esse foi o desejo mais acalentado em toda a sua vida. “Enquanto houver no mundo pessoas sofrendo e vivendo na miséria — ou melhor, enquanto houver pessoas — nossa luta pelo Kossen-rufu jamais cessará.” Desse juramento iniciou-se o histórico movimento de 750 mil conversões em sete anos.

Em uma explanação do presidente Ikeda sobre o escrito “Abertura dos Olhos”, ele observa: “Não importa o quanto uma pessoa aparente ser benevolente, se ela falhar em empreender ações, é como se não tivesse benevolência. (...) O oposto da benevolência é a falsa amizade — agir falsamente como amigo (...). Daishonin proclamava: ‘A vida das pessoas hoje carece de qualquer senso de benevolência (...) Não é a falta de benevolência a característica primordial da época atual?’”

A sociedade atual é muito cruel e impiedosa. Nesta sociedade carente de benevolência, os membros da SGI, correspondendo à ordem e desejo do Buda Original, estão dedicando-se incansavelmente para aliviar os sofrimentos das pessoas e partilhar a verdadeira alegria. Eles estão comprovando a verdade das profundezas da vida repletos de uma genuína preocupação por seus amigos e pela comunidade em que vivem.

Referências:

• Glossário – Os escritos de Nitiren Daishonin.

• Brasil Seikyo, edição no 1.408, 5 de abril de 1997, pág. 3.

• Ibidem, edição no 1.546, 4 de março de 2000, pág. 6.

• Ibidem, edição no 1.638, 2 de fevereiro de 2002, pág. A3.

• Terceira Civilização, edição no 422, outubro de 2003, pág. 7.

# O Grande Bem e o Grande Mal (Dai-aku Dai-zen Gosho) (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1820, 19/11/2005, página A5.)

Pergunta: O que significa a frase “Quando um grande mal ocorre, um grande bem o sucederá”?

Resposta: Esta frase consta no escrito de Nitiren Daishonin “O Grande Mal e o Grande Bem” (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. IV, pág. 255) e é extraída do seguinte trecho: “Grandes acontecimentos não têm pequenos presságios. Quando um grande mal ocorre, um grande bem o sucederá. Como a pior calúnia já predomina em todo o país, a Lei Suprema se propagará sem falta. O que qualquer um dos senhores tem a reclamar?”

Temos poucas informações sobre o recebedor desta carta e a data em que foi escrita. De acordo com alguns estudiosos, ela teria sido escrita em fevereiro de 1275 e, pelo seu conteúdo, foi enviada a um dos seguidores de Daishonin que estaria enfrentando dificuldades por causa de sua fé.

Resumidamente, podemos perceber claramente a inabalável convicção e benevolência de Daishonin face à oposição ao budismo. No trecho “Quando um grande mal ocorre, um grande bem o sucederá”, ele nos incentiva a não lamentarmos as dificuldades que possamos encontrar ao sustentar e propagar a Lei.

Como mortais comuns, a reação natural ao nos depararmos com o “grande mal” ou grandes obstáculos no decorrer de prática da fé é de lamentarmos e, dependendo de sua intensidade, até mesmo duvidarmos deste ensino. Ciente disso, Nitiren Daishonin, manifestando sua ilimitada benevolência, nos ensina a correta postura para conseguirmos superar vitoriosamente os mais profundos sofrimentos. Ele nos ensina a cultivar uma fé límpida, clara e sem o mínimo de dúvidas. Se cultivarmos essa prática conseguiremos infalivelmente transformar o veneno em remédio, ou melhor, os sofrimentos em felicidade e o grande mal em grande bem.

O presidente Ikeda nos incentiva: “Desde que se tenha fé, um grande mal também pode ser convertido em um grande bem. Mesmo os mais lamentáveis infortúnios podem ser transformados, infalivelmente, em uma grande felicidade, muito maior que as anteriores. Isto é a Lei Mística. Este é o Budismo de Nitiren Daishonin.”

E, sem dúvida, a chave para se manifestar uma vida de alegria, mesmo diante de grandes dificuldades, para assim conquistar o “Grande Bem”, está na recitação de Daimoku, conforme os ditos dourados de Nitiren Daishonin — “O Nam-myoho-rengue-kyo é a maior das alegrias”.

Referências:

Brasil Seikyo, edição no 1.241, 11 de setembro de 1993, pág. 3.

Ibidem, edição no 1.761, 28 de agosto de 2004, pág. C4.

# O Grande Bem e o Grande Mal (Dai-aku Dai-zen Gosho) (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1821, 26/11/2005, página A7.)

Pergunta: De acordo com o escrito de Nitiren Daishonin “O Grande Mal e o Grande Bem”, é possível concluir que, como budistas, sempre que ocorre algum grande obstáculo em nossa vida receberemos em seguida grandes benefícios?

Resposta: O Budismo de Nitiren Daishonin esclarece que todos os fenômenos da vida podem ser observados sob a luz da rigorosa Lei de Causa e Efeito que permeia todo o Universo.

No escrito “O Grande Mal e o Grande Bem” (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. IV, pág. 255), Daishonin externa sua convicção de que “grandes acontecimentos não têm pequenos presságios. Quando um grande mal ocorre, um grande bem o sucederá. O que qualquer um dos senhores têm a reclamar?”

Essa frase, contudo, não deve ser lida simplesmente como se a ocorrência de um grande mal fosse a nossa garantia da sucessão de um grande bem. Não basta apenas aguardar o grande bem, esperando passivamente que o grande mal se extingua. Budismo é razão. Em particular, precisamos atentamente estudar o significado da palavra “presságio”. Não devemos entendê-la como algo que irá acontecer automaticamente sem nenhum esforço.

O que o budismo nos ensina é que, ao defrontarmo-nos com um “grande mal”, devemos ter a determinação de produzir um “grande bem”, agindo e nos esforçando para tal. E é assim que o “grande mal” se torna o verdadeiro “presságio” para o “grande bem”.

Tal como Daishonin afirma na frase “O que qualquer um dos senhores têm a reclamar?”, quando nos conscientizamos de que um “grande mal” é um presságio para um “grande bem”, podemos encarar o “grande mal” não como um motivo para lamentações, mas até mesmo como fator de alegria e motivação para a conquista do “grande bem”. O presidente da SGI, Daisaku Ikeda, afirma que o sofrimento é a mãe das realizações. As preocupações e os fracassos, desde que não sejamos derrotados por eles, possibilitam-nos aprofundar a fé e tornam-se a matéria-prima com a qual construimos a felicidade.

Há também uma tendência constante de as pessoas dizerem que qualquer ocorrência ruim é um “obstáculo”, como uma simples justificativa, ou até uma solução aparentemente baseada na prática da fé. Essa atitude tem uma tendência maior de conformismo do que de budismo. E isso pode tornar-se uma heresia, isto é, uma atitude de atentar contra a própria felicidade.

Com relação à missão da SGI perante a humanidade que se encontra em busca de paz e segurança, em sua mensagem comemorativa do Dia da SGI o presidente Ikeda observa: “Nitiren Daishonin declara: ‘Um grande mal pressagia a chegada de um grande bem. Se o mundo todo for atirado ao caos, não há dúvidas de que o Kossen-rufu será concretizado pelo mundo inteiro.’ (END, vol. VI, pág. 162.) Finalmente chegou a hora da verdadeira atuação em prol do Kossen-rufu. O verdadeiro espírito dos budistas é ser solidário com as pessoas que sofrem ao mesmo tempo em que transmitem coragem e se levantam juntos para transpor as adversidades. (...) Por maiores que sejam as dificuldades a serem superadas, na SGI existe a filosofia e a convicção que sustentam a confiança nos seres humanos e existe também a coragem e a sabedoria que transformam conflitos e ódios em compreensão e simpatia. A nossa SGI é uma instituição que constrói a rede de solidariedade da paz e da cultura por meio das forças do diálogo e dos homens sem nunca depender do poder das armas e da violência.

“Por essas razões, peço a todos que avancem sempre em harmonia tendo como lema ‘diferentes corpos com uma única mente’. Por favor, prezem os jovens e os desenvolvam amplamente, pois tudo depende e é decidido pelos valores humanos. Criá-los significa cultivar a esperança do mundo.” (Brasil Seikyo, edição no 1.781, 29 de janeiro de 2005, pág. A2.)

# Sharihotsu — O Supremo em Sabedoria (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1822, 03/12/2005, página A7.)

Pergunta: Para evidenciarmos a sabedoria do Buda não bastaria estudarmos os princípios budistas?

Resposta: Uma ótima referência para esta questão é a vida de um importante personagem na história do budismo chamado Sharihotsu (ou Shariputra). Ele é conhecido como um dos dez principais discípulos do Buda Sakyamuni e ficou famoso pela sua notável inteligência. Também é conhecido como “O Supremo em Sabedoria”. No Sutra de Lótus, ele é o primeiro a compreender o princípio do veículo único do Buda.

Nascido em uma família de brâmanes em Magadha, Sharihotsu possuía a reputação de um jovem de incomparável sabedoria. Apesar de estudar ardentemente o bramanismo, percebeu que esse ensino não revelava a verdade que tanto procurava e, insatisfeito, começou a buscar um mestre em quem pudesse confiar plenamente.

Certo dia, ao conhecer Assaji, um dos discípulos de Sakyamuni, Sharihotsu pôde aprender a lei da causalidade. A partir da nobre e digna conduta de Assaji durante a exposição deste princípio, Sharihotsu pode imediatamente deduzir com sua inteligência a grandeza da personalidade de Sakyamuni e da verdade que ele pregava. Ele concluiu que, se o discípulo era tão brilhante, o ensinamento de seu mestre era provavelmente excelente, o que o impeliu a procurá-lo e posteriormente tornar-se seu discípulo.

No segundo volume do Sutra de Lótus, o Buda disse a Sharihotsu: “É por meio de sua fé, e não de sua inteligência, que o senhor poderá atingir o estado de Buda.” (Passagem do 18o capítulo do Sutra de Lótus.) Isso explica que mesmo Sharihotsu, insuperável em sabedoria, somente atingiu o estado de Buda abraçando e acreditando firmemente no sutra. Somente a compreensão não o levou à iluminação.

Neste trecho, Daishonin mostra a importância da fé como fator indispensável para conquistar a felicidade absoluta. Naturalmente, não significa que a compreensão não tenha a devida importância na prática da fé. Porém, o que fica claro é que uma mera compreensão teórica do budismo, sem fé, não conduz ao estado de Buda. Em outras palavras, por mais que a pessoa diga que alcançou um vasto conhecimento sobre o budismo e que o compreendeu integralmente, isso não passa de simples arrogância que, no final, irá impedi-la de tornar-se um buda. Na verdade, do ponto de vista da profundidade do budismo, todo o conhecimento não ultrapassa o limite de um “reduzido conhecimento”.

Em conclusão, o ponto básico para atingir a iluminação é a fé na Lei Mística, enquanto a compreensão é o meio para se aprofundar ainda mais a fé. Para ilustrar, Daishonin cita o exemplo de Sharihotsu, que entendeu o budismo somente pela fé e não pela vasta inteligência e sabedoria. Isso indica que mesmo que uma pessoa tenha dificuldade em compreender a doutrina budista, se mantiver uma sincera fé poderá alcançar perfeitamente os propósitos da prática do budismo: a iluminação. Cabe ressaltar que nesses propósitos inclui-se a prática altruísta de ensinar o budismo a outras pessoas. E é exatamente neste ponto que reside a importância de se ampliar a compreensão e o conhecimento sobre o budismo.

# Sharihotsu — O Supremo em Sabedoria (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1823, 10/12/2005, página A8.)

Pergunta: Que outros fatos relacionados a Sharihotsu são importantes na história do budismo?

Resposta: Conforme aprendemos na edição anterior, Sharihotsu (ou Shariputra) é conhecido como um dos dez principais discípulos de Sakyamuni. Era também conhecido por sua inigualável sabedoria.

No Sutra de Lótus, Sakyamuni faz diversas referências a Sharihotsu adotando-o como representante de todos os seus discípulos. Por exemplo, temos a seguinte passagem no capítulo Meios: "A sabedoria dos budas é infinitamente profunda e imensurável. O portal dessa sabedoria é difícil de compreender e de transpor. Nenhum dos homens de Erudição ou de Absorção é capaz de compreendê-la."

Trata-se da afirmação do Buda Sakyamuni de que mesmo Sharihotsu, com sua insuperável sabedoria, não poderia compreender a sabedoria do Buda. Sob o ponto de vista do Budismo de Nitiren Daishonin, numa ocasião o presidente Toda fez a seguinte explanação sobre esta passagem: "O trecho 'a sabedoria dos budas é infinitamente profunda e imensurável' significa que a sabedoria do Nam-myoho-rengue-kyo é infinitamente profunda e imensurável. A passagem 'o portal dessa sabedoria é difícil de compreender e de transpor' refere-se ao 'portal da fé' no Gohonzon. Transformando a fé em sabedoria, podemos entrar pelo 'portal dessa sabedoria'."

Sharihotsu também é conhecido por sua intensa dedicação em preservar a união harmoniosa dentro da ordem budista. Ao longo de vários anos de dedicação na propagação de seus ensinos, Sakyamuni também foi alvo da ira dos invejosos que o atacaram com críticas e difamações.

Um dos discípulos do Buda, Devadatta, que inicialmente dedicara-se com sinceridade ao caminho da prática budista, posteriormente ficou completamente dominado pela arrogância e ambição.

Por diversas vezes Devadatta tentou destruir a união harmoniosa entre mestre e discípulos clamando ser o sucessor direto de Sakyamuni. Além disso, atentou várias vezes contra a vida do Buda. Quando Devadatta revelou sua natureza de malfeitor e tentou usurpar a ordem religiosa fundada por Sakyamuni, este instruiu imediatamente seu discípulo Sharihotsu a combatê-lo com todo o rigor.

Juntamente com outro importante discípulo, Mokuren (Maudgalyayana), empenhou-se firmemente para esclarecer aos aproximadamente quinhentos discípulos sobre o maldoso plano arquitetado por Devadatta e a sua intenção de fragmentar a ordem budista além de afirmar com muita eloqüência a retidão dos ensinos do Buda.

Finalmente, todos compreenderam que não haviam percebido o plano de Devadatta devido à falta de capacidade de distinguir o verdadeiro do falso e, assim, decidiram voltar para a ordem de Sakyamuni.

A grandiosidade da luta de Sharihotsu não se resumia a sua capacidade individual. Seu verdadeiro valor encontrava-se em utilizar sua capacidade no momento mais decisivo, possibilitando assim hastear altivamente a bandeira da vitória. Como resultado, a Ordem de Sakyamuni pôde superar a ameaça de cisão.

- Ibidem, edição no 1.710, 9 de agosto de 2003, pág. A5.

Nova Revolução Humana, vol. III, págs. 129-141.

# Trinta e Duas Feições do Buda (Sanjuni so) (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1824, 17/12/2005, página A8.)

Pergunta: No escrito “Carta a Niike”, encontramos uma citação sobre as trinta e duas feições e oitenta características dos budas e bodhisattvas. Podemos adquiri-las à medida que nos desenvolvemos na prática budista?

Resposta: A passagem que trata das trinta e duas feições do Buda em “Carta a Niike” é: “Atingir o estado de Buda não é algo extraordinário. Se recitar o Nam-myoho-rengue-kyo com a totalidade de sua vida, o senhor ficará dotado das trinta e duas feições e oitenta características do Buda. Sakyamuni afirmou: ‘No início, jurei tornar todas as pessoas perfeitamente iguais a mim, sem qualquer distinção entre nós.’ Portanto, não é difícil tornar-se um buda. O ovo de um pássaro nada contém além de líquido, mas dele se desenvolve um bico, dois olhos e todas as partes que formam um pássaro que voa pelo céu. Nós também somos como o ovo, ignorantes e vis, mas quando nutridos pela recitação do Nam-myoho-rengue-kyo, que é como o calor do pássaro-mãe, desenvolvemos o bico das trinta e duas feições do Buda e as penas das oitenta características e ficamos livres para voar pelos céus do verdadeiro aspecto de todos os fenômenos e da realidade última. Isto é o que significa a passagem do sutra: ‘Todas as pessoas estão envolvidas ‘pela casca da ignorância’, faltando-lhes o ‘bico da sabedoria.” (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. IV, pág. 279.)

Com ela, Nitiren Daishonin apresenta uma clara visão de que todas as pessoas possuem inerentemente a natureza de Buda, que pode ser evidenciada sem falta com a recitação do Nam-myoho-rengue-kyo. Essas trinta e duas feições e oitenta características indicam o desenvolvimento de qualidades excepcionais de uma pessoa, inerentes em sua própria vida, ao evidenciar a natureza de Buda, tal como um ovo transformando-se em pássaro. Por meio da prática budista diária, a pessoa que recita o Nam-myoho-rengue-kyo evidenciará qualidades extraordinárias, as quais nem imaginava possuir.

Tais feições podem ser consideradas símbolos de sabedoria, benevolência, habilidades e outras características do Buda, inspirando admiração nas pessoas motivando-as a buscar o caminho da prática budista.

Devemos considerar as trinta e duas feições do Buda como imagens que servem para despertar nas pessoas o desejo do auto-aprimoramento. As descrições que representam os budas como seres dotados de atributos grandiosos criam nas pessoas o anseio de conhecê-los, o que as inspira a se empenhar para atingir o estado de Buda.

Quando recitamos o Nam-myoho-rengue-kyo com toda a sinceridade, manifestamos o estado de Buda. Recitando o Gongyo e Daimoku (prática individual) e ensinando o budismo às pessoas (prática altruística), estabelecemos o estado de Buda como nossa condição básica de vida.

Quando nos devotamos sinceramente à prática budista, todos os nossos traços de personalidade, nossas habilidades e outras características florescem completamente. O budismo exposto por Nitiren Daishonin é superior a todos os ensinos porque capacita-nos a atingir a iluminação da forma exata como somos.

Fontes de consulta:

• Brasil Seikyo, edição no 1.717, 27 de setembro de 2003, pág. C2.

• Ibidem, edição no 1.685, 25 de janeiro de 2003, pág. C1.

• Terceira Civilização, edição no 342 , fevereiro de 1997, pág. 24.

• Ibidem, edição no 398, outubro de 2001, pág. 12.

# Trinta e Duas Feições do Buda (Sanjuni so) (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1826, 01/01/2006, página B3.)

Pergunta: Em inúmeras seitas budistas notamos a enorme ênfase colocada em imagens, estátuas e outros acessórios para louvar a grandiosidade do buda. Não é raro também encontrarmos monges que utilizam-se de mantos, adereços e outros símbolos para se apresentarem como possuidores das feições do buda e, assim, impor uma suposta superioridade sobre as pessoas leigas. Qual é o significado desses símbolos no Budismo de Nitiren Daishonin?

Resposta: As Trinta e Duas Feições do Buda são relacionadas no Daitido Ron da seguinte maneira: (1) planta dos pés plana; (2) marcas de uma Roda da Lei na sola de cada pé; (3) dedos das mãos longos e delgados; (4) calcanhares largos e chatos; (5) pés e mãos espalmados; (6) membros extremamente flexíveis; (7) dorsos dos pés protuberantes; (8) pernas esbeltas como a de um cervo; (9) mãos que se estendem além dos joelhos mesmo quando de pé; (10) órgãos genitais ocultos; (11) um corpo de igual largura e altura; (12) pêlos do corpo voltados para cima; (13) um pêlo crescendo a partir de cada poro; (14) pele dourada; (15) luz irradiando do corpo; (16) pele fina e flexível; (17) músculos das mãos, pés, ombros e nuca bem desenvolvidos; (18) músculos das axilas bem desenvolvidos; (19) tronco exuberante como o de um leão; (20) um corpo amplo e aprumado; (21) ombros fortes; (22) quarenta dentes; (23) dentes nivelados; (24) quatro dentes caninos brancos; (25) bochechas cheias como as de um leão; (26) sentido do paladar insuperável; (27) uma língua extremamente longa e ampla; (28) uma voz que pode alcançar o céu Brahma; (29) olhos da cor das flores de lótus azuis; (30) cílios longos como os de uma vaca; (31) intumescência de carne protuberante que lembra um topete no topo da cabeça; e (32) um tufo de cabelos brancos entre as sobrancelhas, enrolados para a direita.

Conforme estudado na primeira parte deste tema, tais feições servem para motivar as pessoas a perseverarem na prática budista. As descrições que representam os budas como seres dotados de atributos grandiosos e maravilhosos criam nas pessoas o anseio de conhecê-los, o que subseqüentemente as inspira a se empenharem para atingir o estado de Buda. Essas imagens servem como um meio para despertar nas pessoas o desejo de avançar e de buscar o auto-aprimoramento e podem ser consideradas símbolos de sabedoria, benevolência, habilidades e outras características do buda.

Entretanto, para os seguidores do Budismo Nitiren, é importante compreender que budas majestosos são simples ilusões, que nada têm a ver com a realidade. Os únicos budas verdadeiros são as pessoas comuns que extraem a cada momento a eterna força vital do tempo sem começo. Não existe nenhum buda separado das pessoas. Um buda que está acima das pessoas é uma falsificação, é um meio. Em muitas ocasiões, na própria história do budismo houve casos em que monges e até mesmo leigos procuraram utilizar-se dos símbolos e imagens para obterem ganhos pessoais. O exemplo mais recente foi a ação da seita Nikken que, representando uma suposta elite eclesiástica, quis dominar os adeptos e colocá-los num patamar de rebanho a serviço dos bonzos.

Com relação às aparências, o presidente Toda certa vez orientou rigorosamente: “Não sejam influenciados pelas aparências dos outros!” — essas palavras do presidente Toda foram dirigidas especialmente aos membros da Divisão Feminina de Jovens. É importante não se deixar influenciar pelas diferenças superficiais e não se preocupar em se comparar aos outros em termos de aparência, dinheiro e assim por diante; isso tudo é ilusão. A aparência ou a forma externa é irrelevante. O importante é o coração e as ações de uma pessoa. Nitiren Daishonin declara que o objeto de respeito fundamental, o Gohonzon, existe dentro dos mortais comuns que empreendem ações em prol do Kossen-rufu.

O Sutra de Lótus ultrapassa todos os outros sutras ao sustentar que os seres humanos podem atingir o estado de Buda na sua forma presente e, assim, transformar seu mundo na Terra do Buda. De acordo com esse ensino, não precisamos aguardar até algum ponto específico no futuro para sermos felizes, mesmo que ainda não tenhamos alcançado uma meta específica. Nitiren Dasihonin, ao revelar o Nam-myoho-rengue-kyo, legou-nos uma prática para extrair o estado de Buda que temos inerente neste exato instante, experimentando, desse modo, a felicidade nesta existência, estabelecendo verdadeiramente o “paraíso na terra”.

Fontes:

• Brasil Seikyo, edição no 1.542, 5 de fevereiro de 2000, pág. A3.

• Ibidem, edição no 1652, 18 de maio de 2002, pág. A2.

• Ibidem, edição no 1689, 22 de fevereiro de 2003, pág. A3.

• Ibidem, edição no 1717, 27 de setembro de 2003, pág. C2.

• Terceira Civilização, edição no 398, outubro de 2001, pág. 12.

# Surihandoku (em sânscrito, Shuddhipanthaka)

(Brasil Seikyo, edição nº 1831, 11/02/2006, página A6.)

Pergunta: Quem foram os irmãos Suri e Handoku? Quais exemplos eles ensinam a todos os praticantes budistas?

Resposta: De acordo com algumas fontes, Surihandoku é o mais jovem de dois irmãos que se tornaram discípulos de Sakyamuni. Ambos eram provenientes de uma família brâmane. O mais velho era inteligente enquanto o mais jovem tinha uma péssima memória. Uma outra fonte cita que os irmãos Suri e Handoku tinham péssima memória. Quando sua mãe chamava Suri, os dois vinham correndo ao seu encontro. E quando chamava Handoku, novamente os dois apareciam juntos. Eles não conseguiam aprender o próprio nome e não sabiam distinguir quem era Suri ou Handoku.

O presidente da SGI, Daisaku Ikeda, baseando-se na primeira fonte, comenta: "Muito embora Surihandoku tenha se tornado discípulo de Sakyamuni juntamente com seu irmão mais velho, não importava quão tenazmente se esforçava, sua prática era fraca e não progredia. Por isso, era ridicularizado por todos. Certo dia, foi abandonado até pelo próprio irmão, que o levou para a ordem de seguidores de Sakyamuni dizendo: 'Você não progrediu em nada. É inútil. Vá para casa!'." (Brasil Seikyo, Edição no 1.282, 30 de julho de 1994, pág. 3.)

Surihandoku ficou muito triste e passou a perguntar-se se haveria algum ensino capaz de salvá-lo. Ao vê-lo profundamente desanimado, Sakyamuni aproximou-se, e após incentivá-lo, conduziu-o novamente à ordem de seguidores, o que renovou a determinação de seu jovem discípulo.

No escrito "Os Três Mestres Tripitaka Oram por Chuva" enviada em 22 junho de 1275, Daishonin escreve: "Shuddhipanthaka (em japonês, Surihandoku) era incapaz de memorizar um ensino de quatorze caracteres mesmo em um período de três anos e, mesmo assim, atingiu o estado de Buda. Devadatta, por outro lado, memorizou sessenta mil textos sagrados mas caiu no inferno de incessantes sofrimentos. Esses exemplos representam exatamente a situação do mundo nesta era dos Últimos Dias da Lei. Jamais pense que elas dizem respeito somente a outras pessoas e não a nós mesmos." (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. VI, pág. 119.)

O presidente Ikeda ressalta: "Sakyamuni instruiu Surihandoku a aprofundar seu estado de vida enquanto servia alegremente aos filhos do Buda. (...) Surihandoku perseverou em sua prática de ação sincera, seguindo exatamente o que seu mestre ensinava. E ele venceu. No Sutra de Lótus consta que ele e seu irmão se tornariam um Buda chamado Enviado da Luz Universal. Embora superficialmente possa ter parecido um tolo, na verdade revelou ter uma vida sábia e extremamente valiosa." (Ibidem.)

Do exemplo de Surihandoku, compreendemos que a grandeza de uma pessoa de fé não é algo determinado pelo histórico da vida dela, pelos seus títulos ou talentos intelectuais. Há aqueles que apóiam e tornam-se a base para os demais e que se dedicam silenciosamente em prol dos filhos do Buda. Este espírito da fé e a humanidade para empreender estes esforços não devem ser esquecidos. Antes de todos os outros, tais pessoas são respeitáveis e atingirão o estado de Buda.

O mundo do Budismo Nitiren é um mundo de igualdade; o Gohonzon beneficia todas as pessoas sem distinção. É também um mundo de bons amigos (zentishiki). Sakyamuni e Nitiren Daishonin prezavam as pessoas sinceras, independentemente da posição social, e sempre protegiam incondicionalmente as pessoas simples.

A SGI também vive junto com as pessoas e as valoriza acima de tudo. Não há na atualidade outro mundo tão grandioso quanto o sublime mundo de pessoas e sinceridade da SGI. A missão da SGI é de avançar sempre junto com as pessoas e de uma maneira fiel aos seus princípios primordiais.

Outro exemplo que aprendemos com esses irmãos é a importância da união na prática budista. Num escrito de Daishonin endereçado a três discípulos, Ota Saemon, Soya Nyudo e Kimbara Hokkyo, ele escreve: "Havia dois irmãos chamados Suri e Handoku. Ambos respondiam ao nome Suri Handoku. Os senhores, três crentes, são como eles. Quando um dos senhores vem me visitar, sinto como se todos os três estivessem aqui comigo." (Ibidem, vol. I, pág. 233.)

Nessa passagem, Daishonin instrui-nos, como discípulos, a avançar com total união de forma que possamos também ser chamados por um único nome. O importante é avançarmos em união superando harmoniosamente quaisquer diferenças que possam surgir.

Fontes de consulta:

• As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. VI, pág. 173.

• Brasil Seikyo, edição no 1.282, 30 de julho de 1994, pág. 3.

• Suri e Handoku, Editora Brasil Seikyo.

# Abutsu-bo, um modelo de espírito de procura (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1832, 18/02/2006, página A7.)

Pergunta: Poderia esclarecer quem foi Abutsu-bo?

Resposta: Endo Tamemori, que posteriormente veio a ser conhecido por Abutsu-bo, era um guerreiro samurai que serviu o imperador aposentado Juntoku, em Quioto. Numa tentativa fracassada de destronar o regime Hojo, Juntoku acabou sendo exilado juntamente com seu leal samurai Endo à miserável Ilha de Sado, acusados de rebelião contra o Shogunato Kamakura.

Após a morte de Juntoku, Endo assumiu o nome budista de Abutsu-bo, contração do nome do buda Amida, reverenciando incessantemente sua imagem pelo repouso de seu mestre. Tornou-se também um respeitado líder de uma vila agrícola que rodeava o vale central da Ilha de Sado, vale esse em que Nitiren Daishonin cumpriu seu exílio no período de 1271 a 1274. Daishonin fora exilado a esta ilha logo após a Perseguição de Tatsunokuti liderada por Hei no Saemon, sub-chefe da polícia militar da época.

Nitiren viveu nesse período numa cabana de madeira chamada San-maido, adotada como abrigo para os visitantes de um cemitério das proximidades. Cadáveres de indigentes e criminosos eram amontoados e abandonados lá. Este era o aspecto da Ilha de Sado. Um local gélido em que neve se acumulava e nunca derretia e para o qual eram enviados os criminosos do Japão. Os demais moradores, na maioria seguidores da seita Nembutsu, eram inclusive instruídos a manterem distância dos exilados e de maneira alguma oferecer qualquer tipo de ajuda. Todos, incluindo Abutsu-bo, odiavam Nitiren Daishonin, enfurecidos por ele criticar a crença no Buda Amida. Numa noite, Abutsu-bo aproximou-se da cabana em ruínas, e encontrou Daishonin e Nikko Shonin. Disposto a matar Daishonin, começou a questioná-lo sobre as denúncias ao Buda Amida. À medida que ouvia respostas a todas as questões e sobre a grandiosidade da Lei Mística, Abutsu-bo ficou comovido pela elevada condição de vida e benevolência de Nitiren Daishonin e finalmente desfez-se de sua fé e jurou segui-lo por toda a vida. Estava tão impressionado que, ao retornar ao lar, converteu também sua esposa, Senniti-ama.

Desde então, Abutsu-bo passou a proteger Daishonin enviando-lhe alimentos juntamente com Senniti-ama arriscando a própria vida. O casal levava, inclusive, penas de escrever e outras necessidades. Abutsu-bo chegou a levar uma mesa para tornar mais fácil a Nitiren Daishonin a tarefa de escrever suas obras. Como resultado desta devoção de Abutsu-bo, pesados impostos caíram sobre ele e seu feudo foi confiscado.

Com o apoio de Abutsu-bo, Daishonin foi capaz de escrever muitos de seus mais importantes trabalhos em Sado, incluindo os escritos “Carta de Sado”, “O Objeto de Devoção para a Observação da Mente” e “Abertura dos Olhos”.

Em reconhecimento à sua pura fé, Nitiren Daishonin inscreveu-lhe o Gohonzon. Podemos entender a consideração de Daishonin para com seu idoso discípulo na seguinte passagem do escrito “Sobre a Torre de Tesouro”: “Abutsu-bo, você merece ser chamado de líder desta província do norte. Seria possível que o Bodhisattva Jogyo tivesse renascido neste mundo como Abutsu-bo e tivesse vindo me visitar? Quão maravilhoso! Está além de minha capacidade compreender o porquê o senhor possuir tão pura fé.”

Devido à sinceridade e pureza da fé e coragem inabalável de Abutsu-bo, podemos hoje e por toda a posteridade, compartilhar algumas das mais importantes obras de Daishonin em que ele concentrou a essência de seus ensinos.

Fontes de consulta:

• Terceira Civilização, edição no 363, novembro de 1998, pág. 36.

• Prefácio, Os Escritos de Nitiren Daishonin, vol. I.

# Abutsu-bo, um modelo de espírito de procura (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1833, 25/02/2006, página A7.)

Pergunta: O que podemos aprender a partir da prática de Abutsu-bo?

Resposta: No início de 1274, Nitiren Daishonin foi perdoado de seu exílio à ilha de Sado por Hojo Tokimune. No momento de sua partida da ilha foi acompanhado pelo idoso casal Abutsu-bo e Senniti-ama, que se dedicaram sinceramente durante três anos servindo e protegendo o mestre no exílio. Na despedida, eles determinaram manter e propagar todos os ensinamentos de Daishonin em Sado.

Assim que retornou a Kamakura, Daishonin foi convocado para se apresentar diante de Hei no Saemon, subchefe da polícia militar. Saemon queria saber quando as forças mongóis atacariam o Japão. Daishonin assegurou-lhe que a invasão ocorreria dentro de um ano e advertiu-o que as orações das outras seitas budistas não poderiam salvar a nação. Como sua advertência foi ignorada, e também por ser a terceira advertência não atendida pelo governo, Daishonin deixou Kamakura e partiu em maio de 1274 para viver no sopé do Monte Minobu.

Em Sado, conforme os dias passavam, a ansiedade do idoso Abutsu-bo de reencontrar Daishonin aumentava. Finalmente, ele decidiu visitar Daishonin no Monte Minobu mesmo que isso significasse arriscar sua vida numa longa e perigosa viagem. Ele sabia que teria de atravessar a fúria do Mar do Norte do Japão para chegar ao Monte Minobu e caminhar aproximadamente 400 milhas através de densas florestas e terrenos acidentados, atravessando montanhas e campos. Nitiren Daishonin elogiou especialmente a esposa de Abutsu-bo, Senniti-ama, por sua sinceridade em encorajar o marido a viajar para reencontrá-lo em Minobu.

Abutsu-bo fez ao todo três viagens. Em 21 de março de 1279, aos 91 anos de idade, Abutsu-bo faleceu pacificamente em Sado.

O presidente Ikeda afirma que o admirável e destemido espírito de procura de Abutsu-bo é como o espírito dos membros da SGI que viajam até o Japão para aprimorarem-se na prática da fé e como dos membros atuais do Grupo Muitos Tesouros (Taho-kai) [Grupo da Soka Gakkai no Japão formado por membros com mais de 65 anos].

Em seus escritos, Daishonin descreve o significado da Torre de Tesouro enfatizando a sinceridade dos oferecimentos de seu estimado discípulo. Por exemplo, em “Carta a Abutsu-bo” consta: “Nos Últimos Dias da Lei, não há outra Torre de Tesouro além das figuras de homens e mulheres que abraçam o Sutra de Lótus”, e “Abutsu-bo é a própria Torre de Tesouro e esta é o próprio Abutsu-bo. Qualquer outra interpretação é desnecessária”.

Numa outra passagem encontramos: “O senhor pode pensar que ofereceu doação à Torre de Tesouro do Buda Taho, mas não é exatamente isso. O senhor ofereceu a si mesmo.” (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. I, pág. 347.)

Aqui Nitiren Daishonin assegura que fazer oferecimentos ao Gohonzon é o mesmo que fazer oferecimentos a si mesmo. Portanto, estimar e valorizar o Gohonzon equivale a estimar e valorizar a si próprio. Aqui reside o âmago da fé e a essência do budismo.

Daishonin esclarece que nos Últimos Dias da Lei nós próprios que recitamos o Nam-myoho-rengue-kyo, independentemente da posição social, somos a Torre de Tesouro (Gohonzon) e que a Torre de Tesouro (Gohonzon) somos nós. Este ensino foi totalmente ignorado e distorcido pelo clero [da seita Nikken] que colocou a si próprio numa posição de respeito acima dos adeptos e manteve os seguidores subservientes pelo seu autoritarismo.

A admiração de Daishonin pela pura fé de seu discípulo motivou-o a nomeá-lo de Abutsu Shonin. O título “Shonin” significa “O Honrado”. Era para pessoas como Abutsu-bo que Daishonin concedia os títulos de “sábio”, “honrado” e “digno”. Esta descrição também aplica-se da mesma forma a todos nós que lutamos e superamos as dificuldades com base na prática da fé dentro do harmonioso mundo da Soka Gakkai.

Fontes de consulta:

Brasil Seikyo, edição no 1.249, 13 de novembro de 1993, pág. 3.

Ibidem, edição no 1.401, 8 de fevereiro de 1997, pág. 4.

Terceira Civilização, edição no 243, novembro de 1988, pág. 36.

Os escritos de Nitiren Daishonin.

# Dosho e Domyo — Os mensageiros do céu

(Brasil Seikyo, edição nº 1834, 04/03/2006, página A7.)

Pergunta: Quem são os mensageiros Dosho e Domyo e como podemos perceber sua atuação?

Resposta: No escrito de Nitiren Daishonin "A Lei Causal da Vida" (Dosho Domyo Gosho, em japonês) consta a seguinte passagem: "O Buda ensinou que as pessoas, desde o momento do nascimento, são servidas por dois mensageiros do céu, Dosho e Domyo, que as acompanham de perto como se fossem as sombras das pessoas, jamais deixando-as mesmo por um segundo. Revezando-se, eles vão aos céus contar os bons e maus atos da pessoa, importantes ou não, nos mínimos detalhes. Portanto, os céus já devem estar cientes da sua fé. Quão encorajador!" (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. I, págs. 263-264.)

Dosho e Domyo são conhecidos no budismo como duas funções protetoras que foram selecionadas dentre Bonten, Taishaku e os deuses do sol e da lua, como mensageiros do céu para habitar respectivamente os ombros esquerdo e direito de uma pessoa desde o seu nascimento até o final de sua existência e observar cada um de seus atos. Todas as ações da pessoa sejam elas maldosas ou benevolentes são reportadas às demais funções protetoras sem omitir um único detalhe. Eles são descritos no sutra Kegon e também mencionados no oitavo volume do Maka Shikan, do Buda Tient'ai.

Eles são citados em outros escritos tais como "A Supremacia da Lei", "Sobre o Comportamento do Buda" e "A Unicidade entre Marido e Esposa" (este último não traduzido ainda para o idioma português). Dosho e Domyo simbolizam as funções da Lei de Causa e Efeito em nossa vida, isto é, todas as causas acumuladas em prol do Kossen-rufu, mesmo que ninguém esteja observando são infalivelmente registradas.

Num diálogo com líderes da Divisão dos Jovens da Soka Gakkai, o presidente Ikeda explica a ação destes mensageiros da seguinte forma: "Dia após dia, muitos de nossos membros [da Soka Gakkai] estão fazendo visitas familiares sinceramente, incentivando e ajudando os outros membros e propagando os ensinos budistas entre seus amigos. Cada um deles está realizando esforços sinceros e esmerados. Ninguém mais, no entanto, está ciente de seus esforços.

"Mas todos os seus esforços despercebidos merecerão conseqüentemente o elogio e a gratidão de seus amigos e companheiros. 'Eles vinham até aqui para ver-me', ou 'Estava caindo uma chuva fortíssima, mas eles vieram mesmo assim para incentivar-me quando eu mais precisava!'. Essas palavras de estima podem ser também consideradas como a ação de Dosho e Domyo." (Brasil Seikyo, edição no 1.298, 26 de novembro de 1994, pág. 3.)

Numa explanação sobre o escrito "Carta à Mãe de Oto Gozen", consta: "Nosso espírito muda nosso ser; ele muda nossa vida. Por que o Buda tem uma vida tão indestrutível quanto o diamante? Em resposta a essa questão, Sakyamuni explica que é porque ele protege resoluta e plenamente a Lei Mística. Ter um forte espírito pelo Kossen-rufu possibilita-nos desenvolver uma vida como o diamante. O menino que ofereceu um bolo de lama a Sakyamuni renasceu posteriormente como o Rei Asoka.

"Há muitos membros hoje que desenvolveram uma condição de vida que lhes permite viajar livremente pelo mundo graças aos benefícios de terem caminhado incansavelmente por estreitas ruas e avenidas para encorajar os amigos durante os primórdios de nosso movimento. E pode ser que aqueles responsáveis pela sonorização das reuniões, como resultado da boa sorte e benefício que conquistaram, estejam criando a boa sorte para renascer no futuro como grandes músicos.

"Nas atividades pelo Kossen-rufu, absolutamente nenhum esforço é desperdiçado. Tudo fica gravado em nossa vida e possibilita-nos estabelecer uma vida como o diamante e um estado de vida totalmente livre. Também, ao superarmos nossas fraquezas e empenharmo-nos diariamente em prol dos amigos, atingimos a vitória como seres humanos. Definitivamente, nossa vitória ou derrota na vida não é decidida por ninguém mais. Nós decidimos por nós mesmos. Uma pessoa que persevera resolutamente no caminho que escolheu é vitoriosa." (Ibidem, edição no 1.725, 29 de novembro de 2003, pág. C3.)

Fonte de consulta:

• The Major Writings of Nichiren Daishonin, vol. V, pág. 155.

# A Escuridão Fundamental da Vida (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1835, 11/03/2006, página A7.)

Pergunta: Recentemente, tenho ouvido nas atividades o tema “Escuridão Fundamental da Vida”. Como podemos identificá-la agindo em nossa vida e na sociedade?

Resposta: “Escuridão” significa cegueira em relação à verdade, particularmente, à verdadeira natureza da própria vida. Também conhecida como ignorância fundamental, refere-se à ilusão mais profundamente enraizada e inerente na vida que origina todas as outras ilusões e todos os desejos mundanos. O termo “escuridão fundamental” (gampon no mumyo, em japonês) é usado em contraste à iluminação fundamental ou à natureza de Buda inata (gampon no hossho). De acordo com o sutra Shrimala, a escuridão fundamental é a ilusão mais difícil de ser vencida e só pode ser erradicada por meio da sabedoria do Buda. É isso o que quer dizer a frase do escrito de Daishonin: “Manifeste uma profunda fé polindo seu espelho dia e noite. Como deve poli-lo? Não há outra forma senão devotar-se à recitação do Nam-myoho-rengue-kyo.” (Os Escritos de Nitiren Daishonin, vol. I, pág. 4.)

Uma vez ignorante da natureza de sua própria existência, a pessoa tomada pela escuridão também ignora a natureza da vida das demais. É por essa razão que atos bárbaros são praticados no mundo inteiro e, de certa forma, com o “consentimento” da maioria das pessoas. As guerras são um exemplo. O que justifica a matança de vários seres humanos nesses conflitos? Por mais razões que sejam apresentadas (políticas, econômicas e ideológicas), nada justifica tirar a vida de alguém. Porém, em várias partes do mundo. as guerras continuam a eclodir.

Na vida diária, as principais características das pessoas guiadas pela escuridão fundamental são:

• Orgulho, arrogância e preconceito: Preocupadas em aparentar serem exemplos de virtude, desprezam as pessoas e criam inimizade. Não conseguem enxergar valor ou qualidades em outras pessoas.

• Mentira: Para encobrir as próprias falhas, mentem e não se envergonham disso. São hábeis em distorcer os fatos, chegando a se convencer de que o que dizem é a mais pura verdade. Essas pessoas vivem de ilusão. Incapazes de destruir a maldade em seu coração, preferem destruir as outras pessoas. A infelicidade dos outros é sua maior alegria.

• Egoísmo: Tudo o que faz está voltado para si próprio. Para autopreservar-se e conseguir o que deseja, vale-se, principalmente, de seu poder de causar cisões, separando pessoas ou provocando desarmonia entre elas.

O propósito principal da prática budista é “iluminar” a “escuridão” da vida, isto é, compreender as causas que geram o sofrimento e, assim, agir para mudar a própria condição ou situação.

Elevar o estado de vida das pessoas, munindo-as de coragem e sabedoria para mudar, é o propósito primordial do budismo. É fazer com que elas compreendam a essência real de todos os fenômenos, deixando de encarar a vida e as circunstâncias ao redor de maneira superficial, cheia de fantasias ou desespero. Uma pessoa iluminada, ou no estado de Buda, é aquela que manifesta sabedoria e eleva-se acima das dificuldades para enxergar sua essência e vencê-las.

Em um dos seus discursos, o presidente Ikeda declara: “O mundo atual carece intensamente de esperança, de uma perspectiva positiva pelo futuro e de uma sólida filosofia. Não há nenhuma luz brilhante a iluminar o horizonte. Tudo está num impasse — a economia, a política e as questões ambientais e humanitárias. E os próprios seres humanos — a força motriz de todas essas esferas, também estão perdidos e não sabem como avançar.

“É por isso que nós, os Bodhisattvas da Terra, aparecemos. É por isso que o Budismo do Sol de Nitiren Daishonin é tão essencial. Nos levantamos, segurando bem alto a tocha da coragem e a filosofia da verdade e da justiça. Nós começamos a agir para romper corajosamente a escuridão dos quatro sofrimentos do nascimento, velhice, doença e morte, e também a escuridão da sociedade e do mundo.”

Fontes de Consulta:

•Brasil Seikyo, edição no 1.387, 19 de outubro de 1996, pág. 4.

•Terceira Civilização, edição no 450, fevereiro de 2006, pág. 44.

# A Escuridão Fundamental da Vida (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1836, 18/03/2006, página A6.)

Pergunta: Poderia exemplificar com trechos de alguns escritos de Nitiren Daishonin como podemos vencer a escuridão fundamental inerente em nossa vida?

Reposta: O budismo elucida que a escuridão fundamental ou ilusão, a força da qual o mal se origina, existe na vida humana. Ao mesmo tempo, ensina também que as pessoas podem livrar-se dessa ignorância e manifestar sua natureza do Darma, ou iluminação inerente.

Embora o Sutra de Lótus [de Sakyamuni] afirme iluminar a escuridão da ignorância fundamental, na realidade, não tem sido capaz de iluminar a escuridão dos Últimos Dias da Lei. Ao ler o Sutra de Lótus, resistido a perseguições e propagado a Lei Mística [o ensino oculto nas profundezas do Sutra de Lótus] com devoção abnegada, Daishonin confirmou sua missão como Bodhisattva Práticas Superiores, o líder dos Bodhisattvas da Terra, aquele que dissipa a escuridão da ilusão fundamental.

Sobre a iluminação dos seres humanos na sua forma presente, Daishonin nos ensina em “A Frase Essencial”: “[Isto é ainda mais extraordinário do que] produzir fogo de uma pedra tirada do fundo de um rio, ou uma lamparina que ilumina um local que permaneceu em total escuridão por centenas, milhares e dezenas de milhares de anos. Se mesmo os fatos comuns deste mundo são considerados místicos, então, ainda mais místico é o poder da Lei budista!” (The Writings of Nichiren Daishonin, pág. 923.)

No momento em que uma lamparina é acesa o ambiente é iluminado, independentemente do tempo que permaneceu na escuridão. E quando o sol surge, a escuridão desaparece num instante. Mesmo que sejamos pressionados pelo peso de nosso carma negativo, pelos desejos mundanos e os sofrimentos de nascimento e morte, o fato é que possuímos a natureza de Buda dentro de nós para evidenciarmos e atingirmos a iluminação em nossa presente forma. Podemos mudar definitivamente nosso destino e atingir o estado de Buda por meio da forte fé na Lei Mística.

Em outro escrito de Daishonin consta: “Se acender uma lamparina para uma outra pessoa, iluminará também o seu próprio caminho.” (Gosho Zenshu, pág. 1.598.) Todos são pessoas de valor. Daishonin ressalta que respeitar os outros, como exemplificado pelas ações do Bodhisattva Jamais Desprezar, constitui a base da prática do Sutra de Lótus, e que realizar o Chakubuku é conduzir a prática desse bodhisattva. Quando nos empenhamos de corpo e alma a encorajar as pessoas, convictos de que cada uma delas possui uma missão preciosa, somos capazes de revelar o potencial não só dessas pessoas, mas o nosso também.

O presidente da SGI, Daisaku Ikeda, retrata o Bodhisattva Jamais Desprezar dizendo que não era uma pessoa eloqüente. Não demonstrava superioridade. Apenas seguia plantando a semente do Sutra de Lótus no coração das pessoas com uma simplicidade tão grande que chegava a parecer ingenuidade. No passado, presente e futuro, o espírito do Sutra de Lótus vive em tal conduta. Esse é o próprio comportamento dos membros da SGI. Todos que estão lutando na linha de frente de nosso movimento são, na verdade, os próprios Bodhisattvas Jamais Desprezar.

O Chakubuku é a prática de respeitar as pessoas e tem como finalidade conduzi-las à iluminação com base na filosofia e no espírito benevolente do Sutra de Lótus. É a prática correta para dissipar tanto a escuridão fundamental que se aloja na vida das pessoas assim como em nossa própria vida. Daishonin nos ensina também a respeitar os outros, não só quando propagamos o budismo, mas em todos os sentidos, pois esse é o modo correto de os seres humanos se comportarem.

Fontes de consulta:

• Brasil Seikyo, edição no 1.369, 1o de junho de 1996, pág. 3.

• Ibidem, edição no 1.535, 11 de dezembro de 1999, págs. 3–4.

• Ibidem, edição no 1.826, 1o de janeiro de 2006, pág. A2.

• Terceira Civilização, edição no 437, janeiro de 2005, pág. 16.

# A Escuridão Fundamental da Vida (3)

(Brasil Seikyo, edição nº 1837, 25/03/2006, página A7.)

Pergunta: Por que é tão difícil dissipar a escuridão fundamental da vida e evidenciar o nosso estado de Buda?

Resposta: A filosofia do budismo expõe a igualdade entre os seres humanos. Revela que a causa básica dos conflitos humanos, que vão desde as discussões familiares até as guerras, têm origem na "escuridão fundamental da vida". Dessa escuridão surgem a desconfiança, o ódio, a inveja e, inclusive, o impulso de dominar os outros pela violência. Essa natureza maligna provoca a destruição e a brutalidade.

É no próprio homem que reside o poder de dissipar essa escuridão fundamental da vida e evidenciar a condição inabalável do estado de buda. Nitiren Daishonin revela esta verdade na passagem: "Contudo, mesmo que recite e acredite no Myoho-rengue-kyo, se pensa que a Lei existe fora de seu coração, o senhor não está abraçando a Lei Mística mas um ensino inferior." (Os Escritos de Nitiren Daishonin, vol. I, pág. 2.)

Nesse mesmo escrito, consta: "Quando uma pessoa é dominada pela ilusão, é chamada de mortal comum, mas quando iluminada, é chamada de Buda. Isso se assemelha a um espelho embaçado que brilhará como uma jóia quando for polido. A mente que se encontra encoberta pela ilusão da escuridão inata da vida é como um espelho embaçado, mas quando for polida, é certo que se tornará como um espelho límpido, refletindo a natureza essencial dos fenômenos e da realidade. Manifeste uma profunda fé polindo seu espelho dia e noite. Como deve poli-lo? Não há outra forma senão devotar-se à recitação do Nam-myoho-rengue-kyo." (Ibidem, pág. 4.)

Sobre a forma correta de se praticar este budismo encontramos em "A Prática dos Ensinos do Buda" a seguinte frase: "A prática do Sutra de Lótus é o Chakubuku, a refutação das doutrinas provisórias." (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. III, págs. 148–149.) A passagem "A Prática do Sutra de Lotus é o Chakubuku" sintetiza todo o espírito do Budismo de Nitiren Daishonin que praticamos. O propósito do budismo é prover um verdadeiro caminho para melhorar e reformar a vida humana e a sociedade.

Numa época de ampla proliferação religiosa, precisamos sempre questionar: Esta religião fortalece o espírito das pessoas ou as enfraquece? Ela encoraja o bem ou o mal nas pessoas? Torna-as melhores e mais sábias ou tolas? Essas indagações podem ser alguns critérios essenciais para a "refutação das doutrinas provisórias".

Da mesma forma que um diamante bruto, a vida de um mortal comum, quando cuidadosamente polida, reluzirá infalivelmente com ofuscante brilho. Nitiren Daishonin legou-nos o diamante que é o Gohonzon a fim de polirmos o diamante que existe em nós mesmos. Ter fé no Gohonzon é importante. Quando nós, como mortais comuns, recitamos Daimoku com sincera fé, nossa vida é naturalmente polida, vindo a emitir o brilho do estado de Buda. Este brilho é manifestado externamente em nossa vida diária sob a forma de benefícios e de boa sorte, e internamente como uma revigorante humanidade, rica em sabedoria e vigorosa energia vital.

Apesar de o budismo ser um grandioso ensino ele não é praticado de imediato por todos exatamente pelo fato de ser um ensino verdadeiro e correto. Por exemplo, no caso dos jovens, ser amável com os pais é correto, mas todos conseguem agir desse modo? Estudar é a coisa certa a fazer, mas quantos o fazem? O mesmo se aplica ao budismo.

Fontes de consulta:

• Brasil Seikyo, edição no 1.496, 20 de fevereiro de 1999, pág. 3.

• Ibidem, edição no 1.712, 23 de agosto de 2003, pág. A2.

• Ibidem, edição no 1.730, 10 de janeiro de 2004, pág. A3.

• Ibidem, edição no 1.736, 21 de fevereiro de 2004, pág. A5.

# Obutsu myogo — fusão harmoniosa da Lei budista e a lei secular (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1838, 08/04/2006, página A7.)

Pergunta: Nesta era de Mappo, como a Lei budista pode beneficiar, sem exceção, os mais variados ramos da sociedade?

Reposta: O Kossen-rufu é um movimento com base no Budismo Nitiren para cultivar o potencial inerente no ser humano a fim de promover o desenvolvimento da paz e da cultura. Existe um princípio budista conhecido por "Fusão harmoniosa da Lei budista com a lei secular" (obutsu myogo).

A lei secular, ou governo (ou reino) secular, refere-se às atividades dos homens tais como a arte, a educação, a economia, a política, as quais são necessárias para a manutenção de sua vida comunitária, na qual se inclui a contribuição para a paz e a cultura. A forma como cada indivíduo conduz estas atividades é o que definirá o desenvolvimento da cultura de um país e, conseqüentemente, criar uma sociedade de paz. Mas vivemos nos Últimos Dias da Lei (Mappo), época em que todos os tipos de sofrimentos permeiam a vida das pessoas. O anti-humanismo é algo que já faz parte do dia-a-dia e que as pessoas simplesmente se habituaram com esta realidade.

A Lei budista é a que cultiva a vida dos homens, que por sua vez serve como solo fértil de onde brota e floresce a cultura de uma sociedade. A "fusão" significa ter o budismo como base dessas atividades sociais; mas não indica a incorporação do budismo nessas áreas nem a formação de um sistema próprio. Aplicando esse princípio na vida das pessoas, significa que cada uma irá atuar ativamente em prol da paz e do bem-estar social como resultado de seu despertar para a missão de criar uma nova era tendo como base o aprimoramento de seu caráter por meio da fé.

Este é o real significado de "fusão". Portanto, o que liga o budismo à lei secular nada mais é do que o próprio ser humano, o seu espírito. Em conclusão, a missão religiosa dos budistas é essencialmente cumprir esta missão social como seres humanos. Somente quando uma religião capacita as pessoas a realizar esse propósito pode ser chamada de "religião viva". O budismo não é mero idealismo. Uma verdadeira religião é aquela que permite que o estandarte da vitória humana seja hasteado bem alto em meio à realidade do nosso mundo.

Em seus escritos, Daishonin diz com freqüência que o budismo atua como um princípio subjacente que sustenta a sociedade. Ele diz, por exemplo: "Como o budismo foi se tornando confuso, o mundo secular também mergulhou no caos e na corrupção. O budismo é como o corpo e a sociedade, a sombra. Quando o corpo se curva, assim também faz a sombra". (WND, pág. 1.039.)

A frase "O budismo é como o corpo" revela a base de tudo. Quando o budismo está em desordem ou seus ensinos se perdem, a sociedade cai num estado de confusão. A menos que haja uma filosofia capaz de sustentar a sociedade num nível fundamental, o mundo perderá a base. Como conseqüência, a sociedade cairá no caminho da Animalidade dominada pela lei da selva, no caminho da Ira sujeito ao conflito incessante, e no caminho da Fome confinado ao descontentamento. Por fim, ela cairá no mundo do interminável sofrimento do Inferno.

Só é possível construir uma sociedade realmente pacífica quando essa sociedade atua de acordo com o bem fundamental conforme exposto no budismo. Entretanto, isto não significa que cada pessoa, numa determinada sociedade, deve unir-se na fé budista. O que importa é que o espírito da grandiosa filosofia de paz exposta no Sutra de Lótus, com seu ensino de que todas as pessoas são budas, seja a base da sociedade como um todo. No nível social, "estabelecer o ensino correto" significa estabelecer os conceitos da dignidade humana e do máximo respeito à vida como os princípios que sustentam e que movem a sociedade.

Nesta era contemporânea, é a Soka Gakkai, sob a brilhante liderança dos três presidentes (Tsunessaburo Makiguti, Jossei Toda e Daisaku Ikeda), quem colocou de forma prática o Budismo Nitiren a serviço da humanidade por meio da aplicação prática desse princípio, desenvolvendo inúmeros valores humanos para contribuírem em todos os ramos da sociedade como bodhisattvas da atualidade. Entre as várias expressões utilizadas com frequência para enfatizar a missão social do budismo estão: "Budismo é a própria vida diária", "Budismo é razão", "Budismo é vitória ou derrota" e "budismo é justiça".

Fontes de Consulta:

• Nova Revolução Humana, vol. III, pág. 191.

• Terceira Civilização, edição no 415, março de 2003, pág. 4.

# Obutsu myogo — fusão harmoniosa da Lei budista e a lei secular (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1839, 15/04/2006, página A7.)

Pergunta: Como o budismo direciona aqueles que ocupam uma posição de liderança (na família, nas empresas ou mesmo governantes) a conduzir corretamente as demais pessoas à felicidade e a nação à paz?

Resposta: O budismo expõe o princípio de "fusão harmoniosa da Lei budista com a lei secular" (Obutsu myogo). Originariamente, "Lei ou governo secular" refere-se aos vários mecanismos e instituições sociais e governamentais. Pode também ser associado aos vários níveis de liderança na sociedade tais como a família, as empresas, as religiões e as nações. "Lei budista", por sua vez, é o ensino exposto pelo Buda em seu esforço para conduzir todas as pessoas à felicidade, e é também o sistema para implementar sua prática.

Com base nesse princípio, mesmo que tenhamos inúmeros motivos para criticar todos os problemas causados por esses níveis de liderança na sociedade, o budismo enfatiza que a forma correta de promover uma verdadeira mudança reside na revolução humana de cada pessoa em "estabelecer o ensino correto para a paz da nação". Tudo retorna a nós e não aos outros. Se ainda não compreendemos isso, não estamos praticando a Lei Mística.

Por outro lado, esta era de Mappo, ou Últimos Dias da Lei, é uma época que o budismo descreve como "era de corrupção" e também como "era do conflito". Atos insanos deploráveis que vão totalmente contra a decência e a consciência imperam, envolvendo o mundo em total escuridão.

Uma ilustração dessa inversão de valores pode ser encontrada na própria época de Daishonin em que a expressão "governo secular" passou a indicar a ordem, a autoridade e o poder do imperador e de outras pessoas de influência no mundo secular. A "Lei budista", por sua vez, passou a ser associada aos grandes templos e relicários, vistos como forças políticas e sociais, e também às suas atividades. Os templos budistas da época possuíam vastas extensões de terra e detinham grande poder. Em geral, aceitava-se que os oficiais do governo que ocupavam posições de poder representassem o "governo secular", ao passo que os bonzos maldosos e corruptos que se gabavam de sua autoridade para manipular os que estavam no poder correspondiam à "Lei budista".

Desde sua origem, o budismo nunca foi exposto como um fim em si mesmo, mas como uma religião para os seres humanos. Era o esteio que protegia a sociedade da destruição. Exatamente por essa razão, Sakyamuni pediu aos seus discípulos: "Vocês devem viajar para outras terras pela felicidade das pessoas, por seu benefício e por sua paz e alegria!" Foi o grande rei Asoka da antiga Índia quem realmente colocou em prática esse espírito de Sakyamuni no governo secular.

Apesar de inicialmente o rei Asoka ter sido conhecido por suas conquistas militares, seu coração sofreu uma mudança quando percebeu o sofrimento que causou na conquista de Kalinga. A partir de então, ele abandonou sua política de "vitória pelo poderio militar" e passou para a "vitória pelo Dharma". "Dharma", segundo um grande erudito, neste contexto, refere-se ao humanismo budista.

Asoka não forçou as pessoas a aceitarem a doutrina budista. Ele concedia em seu reino a liberdade de religião e reconhecia as demais crenças. É altamente provável que ele tenha permitido a competição religiosa aberta em prol da promoção da felicidade humana e da concretização de uma sociedade pacífica. Isso tem muito em comum com a "competição humanitária" defendida pelo presidente Makiguti.

Acatando ao pé da letra as palavras de Sakyamuni, Asoka aspirou à felicidade de todas as pessoas. Não existe nada mais bárbaro do que a guerra. Perdendo ou vencendo, o resultado é a miséria. Asoka deve ter compreendido isso e assim iniciou uma batalha pela eterna felicidade das pessoas pelas três existências do passado, presente e futuro.

Da mesma forma, após ser libertado da prisão militar ao final da Segunda Guerra Mundial e encontrando diante de si um país em ruínas e imerso na miséria, Jossei Toda, o segundo presidente da Soka Gakkai, iniciou seu heróico empreendimento pela paz mundial. A essência de sua luta encontra-se no prefácio do romance Revolução Humana: "A grandiosa revolução humana de uma única pessoa irá um dia impulsionar a mudança total do destino de um país e, além disso, será capaz de transformar o destino de toda a humanidade".

# Shoten zenjin: funções protetoras do Universo (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1840, 22/04/2006, página A8.)

Pergunta: Qual é o significado de funções protetoras do Universo exposto no budismo?

Resposta: Conhecido também como “deuses budistas”, “divindades celestiais” ou “deuses protetores” entre outros, refere-se às funções que protegem os ensinos corretos do budismo e os seus praticantes. Elas beneficiam tanto as pessoas como os locais onde habitam, proporcionando-lhes boa sorte.

Literalmente, o termo em japonês shoten zenjin significa “deuses celestiais e divindades benevolentes” e engloba todos os tipos de divindades tais como o Brahma (Bonten), Shakra (Taishaku), os quatro reis celestiais1, a Deusa do Sol, os deuses do sol e da lua e várias outras. A maioria destas divindades eram tradicionalmente reverenciadas na antiga Índia, China e Japão. Tais divindades passaram a fazer parte do pensamento budista à medida que o budismo se desenvolvia e florescia nessas regiões.

Cabe ressaltar, porém, que a visão budista em relação a essas divindades não é absolutamente no sentido de objeto primário para a crença ou devoção, mas sim de funções de suporte e de proteção à Lei, aos ensinos budistas e aos seus praticantes.

O primeiro capítulo do Sutra de Lótus de Sakyamuni descreve uma cena em que os deuses celestiais reúnem-se para ouvir a pregação do sutra pelo Buda. No décimo quarto capítulo, “Práticas Pacíficas”, contém uma passagem em que os deuses celestiais se comprometem a viver dia e noite pela causa da Lei e a defender e proteger constantemente todos aqueles que praticam fielmente os ensinos dos sutras. Assim, no Sutra de Lótus, as divindades celestiais são vistas como aquelas que protegem os que abraçam este sutra.

O Buda Nitiren Daishonin também se refere aos ‘deuses budistas’ exatamente neste sentido de protetores da Lei e de seus seguidores. No escrito “Abertura dos Olhos” consta a seguinte passagem: “Em conseqüência disso, a Deusa do Sol, o Deus Hatiman, o rei das Montanhas do Monte Hiei e outras grandes divindades benevolentes que protegem a nação, não podendo mais desfrutar o verdadeiro ensino, partiram da nação”. (Os Escritos de Nitiren Daishonin, vol. IV, pág. 26.) No escrito “Tratamento da Doença” consta: “Como resultado, os deuses que guardam os verdadeiros ensinos, tais como Bonten (Brahma) e Taishaku (Shakra), os deuses do sol e da lua e os quatro reis celestiais punem o país, e os três perigos e sete calamidades ocorrem em escala sem precedentes”. (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. I, pág. 226.)

Pergunta: Em termos práticos, como podemos obter a proteção dessas funções protetoras do Universo?

Resposta: Nitiren Daishonin, o verdadeiro Buda dos Últimos Dias da Lei, revelou a lei do Nam-myoho-rengue-kyo e inscreveu o objeto de devoção, o Gohonzon, para que todas as pessoas pudessem manifestar o estado de Buda inerente à sua própria vida. Assim, ensinou o caminho para que qualquer pessoa, independentemente da raça, classe social ou nível de escolaridade, possa evidenciar a verdadeira felicidade do interior de sua própria vida e que não dependa de fatores externos. Para as pessoas que praticam corretamente este budismo, as funções protetoras do Universo ou os deuses budistas agem de alguma forma no sentido de protegê-las. Ou, em uma análise mais aprofundada, pode-se dizer que a verdadeira prática do budismo deve ser conduzida de forma a refletir na vida diária atitudes e ações que resultem na proteção destas funções.

Nota:

1. Quatro reis celestiais: São os reis celestiais Protetor da Nação, Visão Ampla, Vaishravana e Crescimento e Desenvolvimento. Eles são os senhores dos quatro quadrantes que servem a Shakra e seus generais e protegem os quatro continentes. Habitam abaixo dos quatro lados do Monte Sumeru. No 26o capítulo do Sutra de Lótus, eles juraram proteger os que abraçam o sutra.

# Shoten zenjin: funções protetoras do Universo (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1841, 29/04/2006, página A8.)

Pergunta: Qual deve ser a nossa correta conduta diária para obter a proteção das funções protetoras do Universo?

Resposta: Em diversos escritos, Nitiren Daishonin esclarece que a fé é o único caminho para se conquistar a proteção dos deuses budistas. Em uma das cartas enviadas a Shijo Kingo, ele escreveu: "No oitavo volume do Maka Shikan e no oitavo volume do Guketsu de Miao-lo consta: 'Quanto mais forte a fé, maior a proteção dos deuses.' Isto significa que a proteção dos deuses depende da força da fé da pessoa. O Sutra de Lótus é uma espada poderosa. Entretanto, a sua força depende daquele que a empunha". (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. III, pág. 216.)

Sobre esse trecho, o presidente Ikeda observou, certa vez, sobre a conduta correta na vida diária embasada na prática da fé: "Se baixarmos a guarda, até mesmo os deuses budistas vão nos abandonar. A negligência é um grande inimigo. Nós devemos evitá-la a todo custo. Vivemos em um mundo maligno maculado pelas cinco impurezas. Enquanto lembramos aos companheiros para que tomem cuidado e zelamos uns pelos outros, vamos continuar a avançar com base nos princípios de que fé significa não causar acidentes e de que não sofrer acidentes é a própria vitória". (Brasil Seikyo, edição no 1.615, 11 de agosto de 2001, pág. A3.)

Nessa mesma ocasião, ele discorreu sobre outro trecho dos escritos também dedicada a Shijo Kingo, reafirmando que a negligência é a grande inimiga de um comportamento correto como praticante do budismo: "Nitiren Daishonin orava com toda sinceridade pela paz e segurança de seus discípulos. E lembrava-lhes repetidas vezes para tomarem o máximo de cuidado possível na vida diária. Em uma carta [para Shijo Kingo], ele adverte: 'Ao voltar para casa [do trabalho à noite], deve ser prudente. Pois é quando seus inimigos aproveitam a oportunidade para atacá-lo'. (Gosho Zenshu, pág. 1.176)". (Ibidem.)

Portanto, do ponto de vista do budismo, a proteção dos deuses budistas não deve ser encarada de uma forma meramente passiva e achar que apenas por possuir o Gohonzon será naturalmente protegido pelos deuses budistas. Na verdade, as ações dessas funções protetoras do Universo são decorrentes das próprias atitudes no dia-a-dia de uma vida embasada na sincera prática da fé, da recitação de Daimoku e do empenho em prol da felicidade de outras pessoas. Em outras palavras, os deuses budistas nada mais são que a manifestação da natureza de Buda do interior da própria vida.

No escrito "Tratamento da Doença", Daishonin escreveu: "A natureza fundamental da iluminação manifesta-se como Bonten (Brahma) e Taishaku (Shakra), enquanto que a escuridão fundamental manifesta-se como o Demônio do Sexto Céu1". (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. I, pág. 227.)

Em relação à uma prática que visa a felicidade de outras pessoas, o presidente Ikeda afirma: "Daishonin declarou: 'Os deuses budistas com certeza irão se manifestar como homens e mulheres e farão oferecimentos ao devoto do Sutra de Lótus'. (Gosho Zenshu, pág. 738.) Em sentido geral, 'devoto do Sutra de Lótus' indica todos aqueles que estão se empenhando pelo Kossen-rufu. Quando agimos pela Lei Mística, os deuses budistas — que aparecem como homens e mulheres — atuarão de várias formas para nos proteger. Em alguns exemplos, os 'deuses budistas' podem indicar as funções benéficas da natureza, tais como a água ou o vento. Mas essa não é a única maneira como eles atuam. Daishonin diz que eles se 'manifestam como homens e mulheres'. Em outras palavras, a função deles se expressa nas ações das pessoas que estão ao nosso redor. Acima de tudo, ninguém nos oferece maior apoio do que os nossos companheiros. A presença deles é profundamente gratificante. Por meio de suas ações, eles são realmente deuses budistas. Se trabalharmos arduamente para protegermos e incentivarmos mil companheiros, mil deuses budistas irão nos proteger. Se protegermos dez mil companheiros, dez mil deuses budistas irão nos proteger. Se manipularmos os membros para nossos próprios objetivos egoístas, então os deuses budistas virarão as costas para nós existência após existência. Nós 'exploramos' os membros ou 'servimos' a eles? Tudo se resume nessa questão". (Brasil Seikyo, edição no 1.449, 21 de fevereiro de 1998, pág. 3.)

Nota:

(1) Demônio do Sexto Céu: O mais poderoso de todos os demônios que vive no mais alto dos seis domínios do mundo dos desejos. Atua no sentido de evitar que os crentes pratiquem o budismo e contenta-se em solapar a energia vital das pessoas.

# Myo no shoran: ações invisíveis

(Brasil Seikyo, edição nº 1842, 06/05/2006, página A7.)

Pergunta: Qual é o significado do termo budista myo no shoran?

Resposta: Literalmente, myo no shoran significa “claramente observado (shoran) pelos [budas e divindades celestiais] invisíveis (myo)”. No escrito “Sobre Abraçar o Sutra de Lótus”, o Buda Nitiren Daishonin utiliza este termo na seguinte frase: “As pessoas de hoje pronunciam palavras que de modo algum combinam com aquilo que está em seu coração. É como se elas estivessem para bater em seus pais com uma cópia do Clássico da Devoção Filial. Ao saberem que, sem serem vistos pelos demais, os budas e bodhisattvas estão observando-as (myo no shoran), como podem deixar de envergonhar-se de tais atos? As dores do inferno são realmente medonhas”. (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. V, pág. 13.)

A natureza dos seres humanos é agir de maneira diferente quando estão sendo observados ou não. Assim, é muito comum as pessoas exibirem um comportamento bastante diferente do seu verdadeiro sentimento perante os outros. Tal natureza manifesta-se também em meio às ações da prática da fé desenvolvidas no âmbito da nossa organização. Por meio do princípio de myo no shoran, Nitiren Daishonin nos alerta exatamente para a importância da sinceridade nas nossas ações, especialmente no que diz respeito à prática da fé, independentemente de estar sendo observado ou não por outras pessoas.

Em um discurso, o presidente da SGI, Daisaku Ikeda, esclarece o significado desse princípio budista de forma bastante prática: “O conceito de ‘ações invisíveis’ (myo no shoran) salienta a rigorosidade da Lei de Causa e Efeito. Embora invisíveis para os outros, as nossas determinações e ações são ‘observadas’ pelos budas e divindades celestiais de todo o Universo. O Buda Nitiren Daishonin observa toda a nossa atuação. Esse é o significado de ‘ações invisíveis’. Conseqüentemente, a fé não é uma questão que diz respeito à forma como vocês aparentam aos outros, mas sim como vocês se comportam e o que realmente estão fazendo. A longo prazo, nossas determinações e ações invisíveis irão se manifestar definitivamente como resultados visíveis. Com o passar do tempo, a verdadeira natureza de uma pessoa irá se revelar naturalmente. Uma pessoa honesta sempre desfruta uma vitória suprema. As ondas invisíveis de rádio podem viajar longas distâncias pelo espaço, atingindo Marte e Vênus. Da mesma forma, a nossa determinação interior, ou itinen, que é invisível para os mortais comuns, ativa as forças no Universo — as divindades celestiais e os budas das dez direções — e aparecem como uma prova real concreta de acordo com o princípio dos Três Mil Mundos num Único Momento da Vida (itinen sanzen). A fé, em um único sentido, significa estarmos plenamente convictos de que todas as nossas ações estão sendo ‘observadas’ pelas forças do Universo. É com base nesta convicção que tenho empreendido, e continuo a empreender esforços que ninguém mais está ciente. Por favor, estejam convictos de que aqueles que possuem forte fé serão capazes de edificar uma vida de sólida felicidade”. (Brasil Seikyo, edição no 1.229, 12 de junho de 1993, pág. 5.)

Em suma, é desejável que possamos desenvolver, diariamente, uma série de “ações invisíveis” positivas embasadas em uma inabalável determinação interior de conquistar a verdadeira felicidade em nossa vida e de contribuir dignamente em prol do grande objetivo do Kossen-rufu, independentemente do papel e da função que desempenhamos na organização.

# A visão do budismo sobre a doença (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1843, 13/05/2006, página A6.)

Pergunta: Como praticante do budismo, como devemos encarar as doenças em nossa vida?

Resposta: O budismo ensina que todos os fenômenos do Universo são transitórios. A vida está em constante mudança, jamais parando por um único momento. O Universo é regido pelo ritmo inexorável do nascimento, da impermanência, da mudança e da extinção. Desta forma, o nascimento, a velhice, a doença e a morte estão entrelaçados na rede de nossa vida e são realidades inegáveis.

Uma das razões pelas quais as pessoas evitam enfrentar esta realidade é porque as coloca frente a frente com a impermanência da vida. Aqueles que não dão valor à vida, no fundo, têm medo da morte. Os que não dão importância à sua juventude temem envelhecer. Os que negligenciam a saúde ficam aturdidos quando adoecem.

As pessoas tendem a encarar a doença com medo e angústia só de pensar na possibilidade da morte. Mas a doença não necessariamente conduz à morte. No escrito "O Remédio Benéfico para todas as Doenças", Nitiren Daishonin afirma: "Da doença surge a mente que busca o Caminho". (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. VI, pág. 179.)

Em um trecho do Diálogo sobre a Religião Humanística, o presidente da SGI, Daisaku Ikeda, comenta: "O Sutra de Lótus afirma que o Buda tem 'poucas enfermidades e poucas preocupações' (The Lotus Sutra [LS], cap. 15, pág. 214). Essa frase quer dizer que mesmo aqueles que se tornam budas continuam tendo algumas causas de sofrimentos e de preocupações e, naturalmente, estão sujeitos à doença. É justamente pelo fato de se dedicarem à verdade e à justiça que, infalivelmente, enfrentam todos os tipos de obstáculos e funções maléficas". (Terceira Civilização, edição no 444, agosto de 2005, pág. 18.)

O fato de praticarmos o budismo não significa que nunca iremos adoecer. Nesse mesmo diálogo, o presidente Ikeda comenta uma afirmação do segundo presidente da Soka Gakkai, Jossei Toda: "A doença é uma função da natureza. Mas os seres humanos também possuem em seu interior o poder de curar seus próprios males. Isso seria como subir uma ladeira íngreme e voltar novamente ao chão". (Ibidem.)

Assim, a doença, em si, é apenas um aspecto da vida humana. Acreditar que a iluminação implica em atingir um estado eternamente livre de obstáculos e de funções negativas não é budismo. Ao contrário, o vasto estado de vida do Buda nos brinda com a força e o poder interior para enfrentar sem medo esses ataques, e nos possibilita extrair a sabedoria necessária e a agir para triunfar sobre eles. Em nossa vida, munimo-nos de forte fé para lutar contra os obstáculos, como por exemplo, a maldade da doença, sem temê-los ou sermos subestimados por eles. Isso corresponde a manifestar o estado de Buda.

Fontes de Consulta:

• Brasil Seikyo, edição no 1.743, 10 de abril de 2004, pág. A3.

• Terceira Civilização, edição no 452, abril de 2006, págs. 7–15.

# A visão do budismo sobre a doença (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1844, 20/05/2006, página A7.)

Pergunta: Qual é a relação entre a fé e a doença de uma pessoa?

Resposta: Em primeiro lugar, jamais podemos concluir que uma pessoa é derrotada pelo fato de ter adoecido. O presidente da SGI, Daisaku Ikeda, observa: “Chegar à conclusão de que ela não tem fé só porque adoeceu seria uma postura completamente desprovida de benevolência. Oferecer um caloroso alento àqueles que travam uma batalha contra a doença é uma expressão de verdadeiro afeto. Quando algum de seus seguidores adoecia, Daishonin imediatamente o encorajava”. (Terceira Civilização, edição no 444, agosto de 2005, pág. 22.)

No escrito “A Transformação do Carma Determinado”, Nitiren Daishonin incentiva uma sincera seguidora que estava doente: “A vida é o mais precioso de todos os tesouros. (...) Um dia de vida é mais valioso que todos os tesouros do sistema de grandes mundos. (...) Além disso, você encontrou o Sutra de Lótus. Mesmo que viva mais um dia, pode acumular muito mais benefício. Como sua vida é realmente preciosa!” (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. I, págs. 218–219). A vida é o mais precioso de todos os tesouros. Portanto, cada dia é insubstituível e deve ser vivido com toda plenitude e criando infinito e imensurável valor.

Em uma outra carta escrita no início de um novo ano, Daishonin enviou estas palavras de incentivo a Nitiguen-nyo, esposa de Shijo Kingo: “A senhora ficará mais jovem e sua boa sorte será acumulada”. (Ibidem, vol. V, pág. 191.) A Lei Mística nos capacita a rejuvenescer e nos tornar mais felizes tanto de corpo como de espírito a cada ano que passa.

O propósito fundamental de uma vida longa e saudável é poder beneficiar outras pessoas na sociedade com nossas ações benevolentes. Obviamente, é natural que oremos também por nossa boa saúde e longevidade. Nem é preciso dizer que prejudicar nossa saúde com maus hábitos, com um estilo de vida desordenado, ou por negligência, contraria totalmente um modo de vida de criação de valor.

Devemos exercitar a sabedoria em nossa vida diária, por exemplo, reservando o tempo necessário para descansar e nos revigorar quando sentirmos fadiga. Boa saúde é algo que nós mesmos temos de assegurar, agindo com prudência e bom senso. A saúde é a medalha de honra das pessoas sábias.

Qual é o propósito de nos empenharmos para ter uma vida longa e saudável? É poder usufruir ao máximo a vida trabalhando em prol da Lei, da felicidade e do bem-estar de nossa família, de nossos amigos e semelhantes, para cumprir nossa missão individual e concretizar o grande desejo do Kossen-rufu.

Portanto, é fundamental que enfrentemos ativamente o desafio do nascimento, da velhice, da doença e da morte em meio a nosso empenho pelo Kossen-rufu. Agir dessa forma é uma prova concreta de que em nossa vida existem as quatro nobres virtudes do Buda: eternidade, felicidade, verdadeira identidade e pureza.

O nascimento, a velhice, a doença e a morte não são causas ou motivos de aflição nem de lamentação. Ao contrário, constituem um brilhante palco para representarmos um drama da vida que ressoe com os acordes triunfantes da eternidade, da felicidade, da verdadeira identidade e pureza. Mediante a epopéia do nascimento, da velhice, da doença e da morte criamos uma existência de júbilo e vitória.

Fontes de Consulta:

• Brasil Seikyo, edição no 1.743, 10 de abril de 2004, pág. A3.

• Terceira Civilização, edição no 452, abril de 2006, págs. 7–15.

# A visão do budismo sobre a doença (3)

(Brasil Seikyo, edição nº 1845, 27/05/2006, página A7.)

Pergunta: No budismo, há alguma explicação sobre as causas da doença?

Resposta: Sim. No escrito “Sobre a cura da doença cármica”, Nitiren Daishonin menciona seis causas da doença, com base na obra Grande Concentração e Discernimento, de Tient’ai. Elas são: desarmonia entre os quatro elementos, comer e beber imoderadamente, prática imprópria de meditação sentada, ataque das maldades, trabalho das maldades e efeitos do carma.

Em um de seus discursos, o presidente da SGI, Daisaku Ikeda, esclarece a respeito dessas seis causas. Os itens a seguir são uma síntese de seus comentários:

1. Desarmonia entre os quatro elementos: No antigo pensamento asiático, tanto o corpo humano como o mundo natural consistiam dos quatro elementos — terra, água, fogo e ar. No que diz respeito ao corpo humano, o esqueleto, os músculos e os órgãos são a terra; o sangue e os fluídos corporais são a água; a temperatura é o fogo e a respiração, o ar. Acreditava-se que quando a harmonia entre os quatro elementos era rompida pelo clima fora de estação ou por outras influências, as pessoas adoeciam. Assim, era considerado importante viver de forma sábia e em sintonia com o ambiente.

2. Comer e beber imoderadamente: Refere-se ao consumo excessivo de comida ou álcool ou a fazer refeições irregulares.

3. Prática imprópria de meditação sentada: Em termos gerais, pode ser interpretada como um estilo de vida insalubre e desequilibrado. Em outras palavras, as primeiras três causas da doença salientam a importância de uma dieta sensata e saudável, sono suficiente, exercícios regulares e estilo de vida equilibrado.

4. Ataque das maldades: Em termos contemporâneos, pode-se interpretá-la como os ataques ao corpo por causas exteriores, tais como germes e vírus, e também o estresse.

5. Trabalho das maldades: “Maldades” referem-se às funções negativas que atuam na vida e são ativadas pelo estresse mental e psicológico e que fazem surgir os desejos ilusórios, tais como os três venenos (avareza, ira e estupidez). Essas funções negativas penetram profundamente na vida da pessoa, destruindo seu equilíbrio espiritual e o funcionamento apropriado do corpo e da mente.

6. Efeitos do carma: Referem-se à doenças ou indisposições resultantes do carma negativo criado tanto nesta como em existências passadas.

O presidente Ikeda comenta ainda: “Apesar de as seis causas da doença terem sido apresentadas aqui em separado, em muitos casos a doença é, na verdade, causada pelas diferentes combinações das seis. As quatro primeiras causas podem ser evitadas com alguma consideração e cuidado de nossa parte. Temos de utilizar a sabedoria para encontrar um equilíbrio na vida, dormindo o suficiente e evitando o acúmulo de fadiga”.

A base da saúde é a forte fé que nos capacita a extrair uma forte energia vital, triunfar sobre as forças negativas e prejudiciais e transformar o carma. Daishonin deixou esta famosa declaração no escrito “Resposta a Kyo’o”: “O Nam-myoho-rengue-kyo é como o rugido do leão. Que doença pode portanto ser um obstáculo?” (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. I, pág. 275.) A fé expande e fortalece nossa energia vital, desenvolve nosso caráter e nos faz crescer e amadurecer. Também é importante trabalhar em prol do Kossen-rufu na Soka Gakkai, nossa grandiosa organização transbordante de enorme energia vital.

Fontes de Consulta:

• Brasil Seikyo, edição no 1.743, 10 de abril de 2004, pág. A3.

• Terceira Civilização, edição no 452, abril de 2006, págs. 7–15.

• Ibidem, edição no 444, agosto de 2005, pág. 18.

# Os “Três Poderosos Inimigos” (Sanrui no gôteki) (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1846, 03/06/2006, página A7.)

Pergunta: Se o budismo é o ensino supremo, por que então ao propagá-lo ocorrem seguidamente perseguições aos seus devotos? Poderia citar trechos dos escritos que explicam como devemos reagir a esses acontecimentos?

Reposta: Nota-se uma tendência cada vez maior nas pessoas do mundo atual de, além de não procurarem combater a força do mal que alimenta a infelicidade da humanidade, assumir atitudes indiferentes e passivas como se quisessem dizer: “A questão não tem nada a ver comigo”. Se mesmo nas questões aparentes não conseguem reagir, é certo que jamais assumiriam a responsabilidade de lutar contra a tendência de vida que sustenta as palavras e ações das maldades. Não se deve esquecer que tanto as pessoas maldosas como aquelas que vêem essas maldades e permanecem indiferentes tendem a se desviar do verdadeiro caminho da vida e conseqüentemente cair na infelicidade.

Sobre esta atitude, Nitiren Daishonin faz a seguinte reflexão em seu escrito “Diálogo entre um Sábio e um Homem Ignorante”: “Ver o mal e deixar de reprová-lo, estar ciente da calúnia e não combatê-la, é ir contra as palavras dos sutras e desobedecer os patriarcas budistas. A punição para esta ofensa é extremamente severa e, portanto, de agora em diante, devotar-me-ei à fé” (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. V, pág. 97). E no escrito “As Perseguições ao Buda”, consta: “Fortaleça sua fé dia após dia e mês após mês. Se enfraquecer mesmo um pouco, maldades aproveitar-se-ão” (ibidem, vol. I, pág. 304). O presidente Ikeda explica esta passagem da seguinte forma: “A prática da fé é uma luta contra as maldades. Se enfraquecer na fé, as maldades aproveitam para aumentar sua força até destruir a prática da fé. A luta contra as maldades que atacam de fora é ao mesmo tempo uma luta contra as maldades internas. Sem essa luta não pode haver o avanço do Kossen-rufu nem a própria iluminação”.

Quando se propaga o Sutra de Lótus nos Últimos Dias da Lei (Mappo), surgem os Três Poderosos Inimigos que perseguem os devotos da Verdadeira Lei. São os seguintes:

1) Arrogância e presunção de pessoas que desconhecem o budismo (Zokusho Zojoman): Manifesta-se nas pessoas comuns que, embora desconheçam o budismo, menosprezam, maltratam ou perseguem os seguidores do Budismo Nitiren.

2) Arrogância e presunção de membros do clero budista (Domon Jozoman): Manifesta-se nos bonzos que, embora tenham muito a aprender sobre o budismo, vangloriam-se de estarem iluminados para a mais alta verdade e afirmam ser autoridades em budismo.

3) Arrogância e presunção daqueles que fingem ser sábios e desfrutam o respeito do público (Sensho Zojoman): Manifesta-se naqueles que desfrutam o respeito do público em geral como iluminados para a verdade última do budismo, porém, temendo perder a própria fama e os lucros, denunciam os praticantes do Budismo Nitiren. Possuem autoridade no mundo religioso e influenciam e induzem as autoridades governamentais ou religiosas a perseguir os seguidores do Budismo Nitiren.

Os Três Poderosos Inimigos são, em sua essência, a tendência de vida de ser envolvida pelas ideologias e religiões heréticas, e para superá-los não existe outra forma senão o Chakubuku. Para levar avante a grandiosidade de transformar uma vida impura em pura, vibrante e forte, é necessário ter profunda benevolência e uma decisão inabalável. Certa ocasião, o presidente Ikeda declarou: “No mundo da Lei Mística, quem pode ser louvado como uma pessoa grandiosa? É somente aquele que possui uma fervorosa fé e que luta com heróica coragem para combater as maldades. A iluminação não é algo que se decide pela posição ou aparência; é decidida pela intensidade da fé e pela profundidade da determinação. Aqui se encontra a rigorosa Lei de Causa e Efeito”.

Referências:

• Brasil Seikyo, edição no 1.529, 30 de outubro de 1999, pág. C3.

• Ibidem, edição no 1.541, 29 de janeiro de 2000, pág. C3.

• Ibidem, edição no 1.723, 15 de novembro de 2003, pág. A5.

• Ibidem, edição no 1.729, 1o de janeiro de 2004, pág. A2.

# Os “Três Poderosos Inimigos” (Sanrui no gôteki) (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1847, 10/06/2006, página A7.)

Pergunta: Como podemos identificar e nos preparar contra a ação dos Três Poderosos Inimigos? Há alguma forma de perceber sua ação procurando impedir nossa prática da fé?

Resposta: Nitiren Daishonin declara: “O devoto que pratica o Sutra de Lótus exatamente como o Buda ensina será sem falta atacado pelos Três Poderosos Inimigos” (WND, pág. 395) e disse também que “Não há devoto do Sutra de Lótus sem sofrimento”. (WND, pág. 33.) Nestas passagens ele deixa claro que se os Três Poderosos Inimigos não aparecem, significa que essa pessoa não é uma verdadeira devota.

A Soka Gakkai, por sua vez, cumprindo sua missão de proteger e propagar os ensinos de Nitiren Daishonin na era atual de Mappo, venceu todos estes inimigos em todas as suas formas sob a brilhante liderança dos presidentes Tsunessaburo Makiguti, Jossei Toda e Daisaku Ikeda.

Uma vez que o surgimento desses inimigos é infalível no curso de nossa prática, Daishonin nos orienta a identificá-los por meio da dedicação sincera ao estudo do budismo. Este é o ponto de partida para nos preparar contra a ação dos Três Poderosos Inimigos.

Por exemplo, em “Carta a Missawa”, Daishonin descreve a ação do Rei Demônio do Sexto Céu contra os seguidores do Sutra de Lótus. Ao perceber o grande crescimento do grupo de seguidores, o demônio celestial começa a agir enfurecidamente. Ele envia, em seqüência, seus subordinados, os Três Poderosos Inimigos — leigos arrogantes (zokusho zojoman) para maltratá-los e intimidá-los. Não obtendo sucesso, ele então convoca os sacerdotes arrogantes (domon zojoman). Se mesmo assim não consegue influenciá-los, ele próprio, o Demônio do Sexto Céu, vem para a Terra para penetrar no coração dos grandes líderes e das pessoas para promover o caos e a discórdia (sensho zojoman).

Sobre essa ação direta do demônio celestial contra os seguidores, no escrito “Carta à Monja Ben” encontramos a passagem: “O Demônio do Sexto Céu atiçou suas dez forças (juugun) e está atacando os praticantes do Sutra de Lótus a fim de não perder o domínio sobre o mundo real onde convivem as pessoas dos seis caminhos e dos quatro nobres estados de vida. Nitiren, por sua vez, convocou as forças do bem para combatê-lo e veio lutando por mais de vinte anos sem jamais recuar. Contudo, entre aqueles que se dizem discípulos e seguidores de Nitiren, há muitos que estão propensos a abandonar a fé acovardando-se diante da ameaça”.

As Dez Forças referem-se às ações das maldades que dominam o mundo dos desejos mundanos. A seguir, vamos detalhar individualmente a ação das quatro primeiras:

1 — Desejo: Ela faz as pessoas se apegarem aos desejos mundanos a ponto de se afastarem da prática da fé. “Não vou fazer essa prática porque preciso ganhar dinheiro e para mim isso é o mais importante” — por meio de pensamentos desse tipo é que age essa força, obstruindo a prática.

2 — Depressão e perda de entusiasmo: Ela provoca nas pessoas um forte desânimo, sem que exista uma causa aparente para isso. Essas pessoas são tomadas por pensamentos como: “Antes recitava de duas a três horas de Daimoku, mas agora sequer tenho vontade de recitar cinco minutos”. São dominadas por um sentimento melancólico e acabam por cessar por completo a prática.

3 — Ansiedade física e mental: É uma força que age sobre o corpo das pessoas causando dores, incômodos ou deficiências, impedindo-as de recitar Daimoku ou de participar das atividades.

4 — Apego ao prazer e vícios em geral: Esta força age sobre as pessoas mais próximas ou de maior influência, como a mãe, a esposa, o marido ou os filhos que são contrários à prática da fé.

Na próxima parte detalharemos as características das demais forças que são utilizadas para impedir a nossa prática da fé.

Referências:

• Brasil Seikyo, edição no 1.550, 1o de abril de 2000, pág. C4.

• Ibidem, edição no 1.732, 24 de janeiro de 2004, pág. A3.

• Terceira Civilização, edição no 432, agosto de 2004, pág. 18.

# Os “Três Poderosos Inimigos” (Sanrui no gôteki) (3)

(Brasil Seikyo, edição nº 1848, 17/06/2006, página A6.)

A seguir continuamos com a descrição detalhada das dez forças que tem a finalidade de impedir a nossa prática da fé. As quatro primeiras foram apresentadas na edição anterior.

5 — Dispersão mental e a incapacidade de reação: O objetivo do Demônio do Sexto Céu é afastar o seguidor do Sutra de Lótus da prática da fé ou eliminá-lo de vez. Essa força age causando a exaustão, o esgotamento físico ou a desatenção que pode provocar a morte dos praticantes. Podemos associar as mortes causadas por descuidos ou pela desatenção como ações dessa força. Para proteger os membros que se dedicam incansavelmente às atividades do Kossen-rufu, o presidente Ikeda freqüentemente nos orienta para tomarmos o máximo de cuidado com a falta de descanso e a exaustão.

6 — Medo e covardia: O medo é uma grande maldade. Mesmo sabendo que o Budismo de Nitiren Daishonin é a luta contra as injustiças e a opressão a uma pessoa, temendo por sua vida ou segurança, pode se acovardar num momento crucial. Mas a maldade é como um tumor maligno. Não há outra forma senão combatê-la. Se não o fizer será certamente destruído por ela.

7 — Dúvida e a lamentação: A dúvida pode penetrar sorrateiramente no coração de uma pessoa, fazendo-a questionar sobre o ensino e a prática da fé. Esta força age sobre os praticantes levando-os a criticar os companheiros e a semear as sementes da dúvida e arrependimento.

8 — Ira: É representada pela ira ou revolta. Nitiren Daishonin nos ensina a seguir a Lei e não as pessoas. Entretanto, esta força age para dominar nossos pensamentos e nos afastar da prática da fé como resultado de discordâncias com os dirigentes ou membros. Essa força também pode se manifestar na forma da inveja.

9 — Obsessão por fama e riqueza: É a força que nos ilude a buscar exclusivamente benefícios materiais e reputação e distanciar-se do caminho do estado de Buda. Ela age sobre as pessoas veteranas na prática da fé. Geralmente, elas são presas ao passado e criticam o modo como as atividades são conduzidas no presente. Diz-se que das dez forças, essa pode ser considerada uma das mais perigosas.

10 — Arrogância e o desrespeito aos demais: As pessoas dominadas por essa força colocam-se num pedestal e menosprezam as demais. Fazem as outras acreditarem que somente elas têm razão e não aceitam conselhos de ninguém.

Essas são as “dez forças”, as últimas armas do Demônio do Sexto Céu, para a batalha contra os seguidores do Sutra de Lótus. Elas agem no coração dos praticantes do Budismo Nitiren.

Pergunta: Como podemos vencer os Três Poderosos Inimigos?

Resposta: Eles surgem para todos os praticantes do Budismo Nitiren, sem distinção do tempo de prática ou a função na organização e a arma com a qual podemos destruir essas forças demoníacas é a espada da fé. E somente as pessoas corajosas conseguem vencê-las. Por isso, Nitiren Daishonin afirma: “Uma espada será inútil nas mãos de um covarde. A poderosa espada do Sutra de Lótus deve ser manejada por alguém corajoso na fé”. (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. I, pág. 276.)

Por outro lado, aqueles que praticam o budismo solitariamente tendem a ser influenciados com mais facilidade pelos obstáculos e maldades, e até por seu ponto de vista, que pode divergir do budismo. É por meio do contato com outros companheiros que se torna possível fortalecer a vida, vencer as adversidades e também discutir seu ponto de vista, corrigi-lo e aprimorá-lo. No escrito “A Oração dos Três Doutos Eruditos pela Chuva” consta: “Quando se transplanta uma árvore, mesmo que ventos violentos possam soprar contra ela, esta não tombará se possuir um firme suporte para sustentá-la. Porém, mesmo uma árvore que tenha crescido no local adequado poderá cair, caso suas raízes sejam fracas. Mesmo uma pessoa de pouca coragem não tropeçará, se aqueles que a apóiam são fortes, enquanto uma pessoa de considerável força de caráter, se deixada completamente só, pode cair nos caminhos do mal”. (Ibidem, vol. III, pág. 265.)

Referências:

• Brasil Seikyo, edição no 1.693, 29 de março de 2003, pág. A2.

• Ibidem, edição no 1.816, 22 de outubro de 2005, pág. A2.

• Terceira Civilização, edição no 432, agosto de 2004, pág. 18.

• Ibidem, edição no 415, março de 2003, pág. 5.

# Relação Inversa (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1849, 24/06/2006, página A7.)

Pergunta: É possível as pessoas que se opõem e caluniam o budismo atingirem a iluminação?

Resposta: O budismo ensina que todas as pessoas possuem a natureza de Buda. E, por meio do contato desta semente da iluminação com a Lei, as pessoas podem atingir o estado de Buda.

Uma pessoa pode criar laços com o budismo de duas maneiras. Quando ouve sobre o verdadeiro ensino e aceita seguir sinceramente o budismo, dizemos que esta pessoa possui a relação positiva com o budismo e, ao praticá-lo, consegue atingir a iluminação. Em contrapartida, mesmo aquelas que não conseguem despertar a tempo e se recusam a acreditar no potencial de Buda inerente em sua vida, poderão sem falta reencontrar e seguir o caminho da verdadeira Lei. Este tipo de relacionamento com o budismo formado por meio de oposição ou de calúnia à Lei é denominado de “relação inversa”. Em outras palavras, mesmo que uma pessoa sofra os maus efeitos decorrentes da calúnia, ela atingirá mais tarde o estado de Buda por meio desta relação inversa formada com o budismo.

O Sutra de Lótus de Sakyamuni contém algumas parábolas, entre as quais a “Parábola do bom médico” que apresenta uma analogia para exemplificar estes dois tipos de relacionamento com o budismo. Resumidamente, esta parábola pode ser descrita da seguinte forma:

Havia um médico que tinha muitos filhos. Certo dia, ele teve de fazer uma longa viagem. Durante sua ausência, seus filhos tomaram um veneno por engano e quando o pai retornou, encontrou-os agonizando. Imediatamente, o pai preparou um remédio e ofereceu-o a eles. Os filhos que não haviam perdido a consciência tomaram o remédio e conseguiram se curar. Contudo, aqueles que haviam tomado o veneno em dose maior tinham perdido sua consciência e se recusaram a tomar o remédio.

O pai, então, decidiu usar um artifício (ensino provisório) para salvá-los, ou seja, conduzi-los à verdade suprema. Ele disse a seis filhos que teria de viajar para um outro país novamente e deixou o remédio em casa.

Depois, enviou um mensageiro com a notícia de seu repentino falecimento. Ao serem comunicados sobre a morte do pai, os filhos que haviam perdido a consciência, despertaram repentinamente. Sentindo a grande tristeza pela perda de seu querido pai, eles tomaram o remédio que ele havia deixado e conseguiram se curar.

Analisando essa história, aqueles filhos que tomaram imediatamente o remédio possuíam uma relação positiva com o ensino e aqueles que recusaram a tomá-lo, uma relação inversa.

Quanto ao remédio e o veneno, o Buda Nitiren Daishonin afirma em seus escritos: “O efeito profundo do veneno provém da heresia de professar a fé nos ensinos superficiais; deve fazer com que tomem o bom remédio”. (Gosho Zenshu, pág. 755.)

Essa parábola nos ensina também que as pessoas que tiveram uma relação positiva com o budismo, por não terem feito calúnias graves nas existências passadas ou acumularam causas positivas, não tiveram sua vida maculada pelas impurezas. Conseqüentemente, essas pessoas conseguem enxergar os fatos de uma forma correta na sua essência. Por outro lado, aquelas que tiveram uma relação inversa com o budismo devido às graves calúnias cometidas tanto no passado como no presente, mantêm sua natureza de Buda encoberta em seu âmago. Essas pessoas, devido ao veneno da calúnia, no momento que ouvem sobre o budismo, não conseguem aceitá-lo de imediato. Porém, como a semente da Lei Mística já é plantada no instante que ouviram sobre ela, quando o tempo amadurecer, certamente ela florescerá e o fruto do estado de Buda poderá ser colhido.

# Relação Inversa (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1850, 08/07/2006, página A7.)

Pergunta: Qual é a importância deste princípio da “relação inversa” em nossa prática?

Resposta: Em termos práticos, o que o budismo nos ensina por meio desse princípio é a importância de se estabelecer um relacionamento com a Verdadeira Lei, independentemente da aceitação ou não pela pessoa. Por outro lado, este princípio de “relação inversa” apresenta uma prova indiscutível da grandiosa benevolência dos ensinos budistas, pois elucida o caminho da iluminação mesmo para aquelas pessoas que caluniaram o budismo. Por isso mesmo, propagar o budismo é um gesto de benevolência. Independentemente da pessoa aceitar sinceramente e se converter ao budismo ou contrariar e ignorar a prática budista, a relação com a Verdadeira Lei abrirá sem falta o caminho para a sua iluminação.

No escrito “Como Aqueles que Aspiram Inicialmente ao Caminho podem Atingir o Estado de Buda através do Sutra de Lótus”, Nitiren Daishonin nos incentiva a continuar ensinando a Lei Mística àquelas pessoas que hesitam em aceitar o budismo: “Dessa forma, embora as pessoas possam não escutar ou possam dizer que o ensino não seja adequado às suas capacidades, deve-se entretanto, persistir em expor-lhes o título dos cinco caracteres do Sutra de Lótus, pois não há outro caminho para se atingir o Estado de Buda (...) Mesmo que a pessoa caia no inferno (como resultado de caluniar o Sutra de Lótus) por ter ouvido o Sutra de Lótus, que possibilita a consecução do Sutra de Lótus, ela recebeu desse modo a semente do estado de Buda e invariavelmente tornar-se-á um Buda”. (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. VI, pág. 222.)

A relação inversa é também denominada de relação “tambor de veneno”. “Tambor de veneno” refere-se ao tambor impregnado de veneno, expressão citada no sutra Nirvana, volume IX, que afirma: “Uma vez que o ‘tambor de veneno’ é batido, todas as pessoas que o escutam morrerão, não obstante pretendam ou não ouvi-lo. Similarmente, quando alguém prega o Sutra de Lótus, tanto aqueles que o abraçam como aqueles que se opõem a ele recebem a semente do Estado de Buda igualmente”. (Ibidem, pág. 237.)

A comparação com o “tambor de veneno” mostra que mesmo aquelas pessoas que não aceitam a fé no Gohonzon, pelo fato de entrar em contato com o budismo, quando finalmente “destroem” os venenos da avareza, ira e estupidez, erradicando sua falta de fé no Sutra de Lótus, podem atingir o Estado de Buda.

Portanto, nesta era maléfica dos Últimos Dias da Lei, propagar o budismo criando a relação inversa pode ser comparado à relação “tambor de veneno”, pois até mesmo aqueles que caluniaram o Sutra de Lótus, no final, alcançarão o estado de Buda por meio do Nam-myoho-rengue-kyo dos Três Grandes Ensinos Fundamentais e do vínculo com a Lei Mística

# Daimoku de fé e de prática (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1851, 15/07/2006, página A5.)

Pergunta: O que significa Daimoku?

Resposta: No Glossário — Os Escritos de Nitiren Daishonin temos as seguintes definições: (1) Título de um sutra, em particular, do Sutra de Lótus, Myoho-rengue-kyo. (2) Invocação do Nam-myoho-rengue-kyo no Budismo de Nitiren Daishonin.1

No Sutra Fuguen, consta: “Se você deseja arrepender-se de seu mau carma, sente-se ereto e medite sobre a verdadeira entidade da vida. Então, toda a ofensa do passado dissipar-se-á como geada e como gotas de orvalho sob a luz do sol da sabedoria eterna”.2 No Budismo de Nitiren Daishonin, isso significa recitar Daimoku com toda fé ao Gohonzon. Então, “o sol da sabedoria”, que Nitiren Daishonin revelou como o Nam-myoho-rengue-kyo, manifestar-se-á em nossa vida. Com a força vital do Nam-myoho-rengue-kyo, podemos experimentar os efeitos de nosso mau carma muito mais levemente e erradicá-los em um tempo incomparavelmente curto.

Pergunta: Com que postura devemos recitar Daimoku para conquistar a vitória e a felicidade na vida?

Resposta: O presidente da SGI, Daisaku Ikeda, explicou esse assunto aos integrantes da SGI-Peru, durante uma visita ao país: “Gostaria então de falar sobre os principais fatores para conquistar a vitória. Em primeiro lugar, está a recitação de Daimoku. Podemos dizer que a alegria, a coragem, a disciplina, a disposição de crescer, a sabedoria, a saúde, enfim, tudo é obtido com a energia vital. E a fonte que produz ilimitadamente essa energia é a recitação de Daimoku. Por isso, uma pessoa que vive com base no Daimoku não encontrará impasses na vida.

“Haja o que houver, recitem Daimoku diariamente. O Daimoku é a força básica do Universo. De manhã e à noite, recitem-no sonoramente ao ritmo do galopar de corcéis brancos e façam-no ressoar por todo o ambiente e dentro de vocês”.3

Na mesma ocasião, respondendo a uma senhora que perguntou sobre o sentimento correto de recitar Daimoku, ele afirmou:

“Orar ao Gohonzon é como dialogar com o Buda. Por isso, mantendo um profundo respeito no coração, seja sincera com o Gohonzon. Ore com toda a sinceridade por tudo o que você deseja para vencer as dificuldades e para realizar seus objetivos. O Gohonzon irá ouvi-la com profunda benevolência. Nos momentos de tristeza, de amargura ou sofrimentos, abrace firmemente o Gohonzon com sua oração como uma criança busca a proteção de sua mãe. Recite Daimoku como se dialogasse e transmita tudo que se passa com você ao Gohonzon. Agindo assim, depois de algum tempo, mesmo o sofrimento no estado de Inferno desaparecerá como o orvalho sob o calor do sol. Quando perceber seu próprio erro, reflita sinceramente e corrija a si mesma. Decida não repetir o mesmo erro e assinale uma nova partida em sua vida. Nesse momento, determine que vencerá a todo o custo e ore com a força do rugido do leão que move todo o Universo a seu favor. E quando vencer, ore novamente Daimoku com o profundo sentimento de gratidão ao Gohonzon. Nos escritos, Nitiren Daishonin nos recomenda despertar todas as manhãs com o Buda e repousar todas as noites também com o Buda. Isso significa que uma pessoa que recita constantemente Daimoku estará sempre lado a lado com o Buda e será sempre protegida por ele e pelas divindades budistas tanto nesta existência como nas futuras. Por isso, não há nada a temer. Desfrute plenamente cada momento com satisfação e tranqüilidade. O Daimoku transforma a amargura em alegria e a alegria num grande júbilo. Portanto, nos momentos de alegria ou de tristeza, nas horas boas ou más, haja o que houver, aconteça o que acontecer, recite sempre Daimoku. Este é o caminho direto para a felicidade.”

Notas:

1. Glossário — Os Escritos de Nitiren Daishonin, pág. 7.

2. Terceira Civilização, edição no 328, dezembro de 1995, pág. 21.

3. Brasil Seikyo, edição no 1.648, 20 de abril de 2002, pág. A7.

# Daimoku de fé e de prática (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1852, 22/07/2006, página A6.)

Pergunta: Em que circunstâncias Nitiren Daishonin revelou o Nam-myoho-rengue-kyo pela primeira vez?

Resposta: Em 28 de abril de 1253, Nitiren Daishonin revelou pela primeira vez para toda a humanidade que o Nam-myoho-rengue-kyo é a essência do Sutra de Lótus e o único ensino capaz de conduzir as pessoas dos Últimos Dias da Lei à iluminação. Declarou também que nenhum dos ensinos pré-Sutra de Lótus revelavam a iluminação do Buda e que todas as escolas que se baseavam nesses ensinos eram desencaminhadoras. Esta declaração provocou a ira dos principais líderes religiosos e governantes daquela época que iniciaram uma série de perseguições contra Daishonin por toda a sua vida. Com sua ilimitada benevolência, Daishonin levantou-se sem poupar a própria vida propagando a chave para todas as gerações futuras desvendarem o tesouro da iluminação oculto em seu coração.

Pergunta: Poderia citar alguns escritos que enfatizam a importância do Daimoku?

Resposta: Em inúmeras ocasiões ele encoraja os seus discípulos sobre a força e importância da recitação do Daimoku. Selecionamos abaixo algumas frases douradas de seus escritos:

• "É extremamente raro nascer como ser humano. O senhor não somente é dotado de vida humana como possui a rara sorte de encontrar o budismo. Além disso, dentre os muitos ensinos do Buda, o senhor encontrou o Daimoku do Sutra de Lótus e tornou-se seu devoto. Na verdade, o senhor serviu dezenas de bilhões de budas em suas existências passadas!" (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. I, pág. 45.)

• "Qual é a diferença entre os benefícios recebidos quando um sábio recita Daimoku e quando nós o recitamos? Não existe diferença nos benefícios do Daimoku. O ouro é o mesmo, seja nas mãos de um tolo ou de um sábio. Nem o fogo é diferente simplesmente porque é feito por um tolo ou um sábio. Contudo, existirá uma diferença caso recitarem Daimoku opondo-se ao espírito do Sutra de Lótus." (Ibidem, págs. 374–375.)

• "Determine extrair o grande poder da fé e recite o Nam-myoho-rengue-kyo com a convicção de que sua fé será firme e correta no momento de sua morte. Jamais busque nenhum outro caminho para herdar a suprema Lei da vida e da morte, mas manifeste-a em sua própria vida. Somente quando agir assim compreenderá que os desejos mundanos são iluminação e que os sofrimentos do nascimento e da morte são nirvana. Sem a herança da fé, mesmo o ato de abraçar o Sutra de Lótus será inútil." (Os Escritos de Nitiren Daishonin, vol. III, pág. 179.)

• "A senhora perguntou-me se uma pessoa pode atingir o estado de Buda simplesmente recitando o Nam-myoho-rengue-kyo. Esta é a questão última. É também o coração do sutra inteiro e a essência dos oito volumes. (…) O fundamental do Sutra de Lótus é o seu título (Nam-myoho-rengue-kyo). Se a senhora recita Daimoku de manhã e à noite, está lendo o sutra inteiro. Recitar somente dois Daimoku é equivalente a ler o Sutra de Lótus duas vezes; cem Daimoku, cem vezes; mil Daimoku, mil vezes. Assim, se a senhora recita continuamente Daimoku, está lendo o Sutra de Lótus incessantemente." (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. I, págs. 392–393.)

• "Se a benevolência de Nitiren for realmente grande e abrangente, o Nam-myoho-rengue-kyo propagar-se-á por dez mil anos e mais, por toda a eternidade, pois este possui o poder benéfico para abrir os olhos cegos de todos os seres vivos do Japão e bloqueia a estrada que leva ao inferno de incessante sofrimento. O seu benefício supera o de Dengyo e Tient'ai, e é superior ao de Nagarjuna e Mahakashyapa. (Ibidem, vol. IV, pág. 91.)

"Na série intitulada 'Diálogo sobre a religião no século XXI', referindo-se à importância do Daimoku, o presidente da SGI, Daisaku Ikeda, citou a célebre frase de Nitikan Shonin, o 26o sumo-prelado: 'Se crer neste Gohonzon e professar o Nam-myoho-rengue-kyo, não haverá oração sem resposta, nem pecado imperdoável. Toda fortuna será concedida e toda justiça será provada'. Quando recitamos Daimoku como Daishonin instrui, nossa voz ressoa por todo o Universo. Assim como uma voz suave pode ser transformada numa voz ressoante pelo uso de um bom megafone, quando recitamos Nam-myoho-rengue-kyo com sinceridade podemos mover todo o Universo.

"No mesmo diálogo consta: 'Nitiren Daishonin diz que 'não há dificuldade' para que aqueles que recitam o Daimoku do Sutra de Lótus tornem-se budas como Sakyamuni (cf. The Major Writings of Nichiren Daishonin, vol. I, pág. 259.) Essa declaração carrega grande significado. Ele diz isso porque a Lei Mística é a origem de todos os budas. Jamais devemos desistir de orar. Ele declara: 'O senhor deve convocar uma forte fé e orar ao Gohonzon. Então não haverá nada que o senhor não possa atingir'. (Gosho Zenshu, pág. 1.124.) Precisamos orar "como se estivéssemos tentando produzir fogo de lenha encharcada ou água da terra ressequida." (Gosho Zenshu, pág. 1.132.)"

Referências:

• Brasil Seikyo, edição no 1.541, 29 de janeiro de 2000, pág. A3.

• As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. I, III e VI.

• Os Escritos de Nitiren Daishonin, vol. I, prefácio.

# Daimoku de fé e de prática (3)

(Brasil Seikyo, edição nº 1853, 29/07/2006, página A7.)

Pergunta: Existe alguma razão para que algumas pessoas, independentemente do tempo de prática, não estejam percebendo os benefícios da prática de Daimoku?

Resposta: Em seus escritos Nitiren Daishonin declara: “Mesmo que alguém errasse ao apontar a terra, que alguém fosse capaz de agarrar o céu, que o fluxo e refluxo da maré cessassem e que o sol nascesse no Oeste, jamais aconteceria de as orações do devoto do Sutra de Lótus não serem respondidas”. (Gosho Zenshu, pág. 1.351.) Conforme esta passagem, é impossível não receber benefícios com uma prática sincera. Então, se eles não estiverem se manifestando é porque algo está em desacordo com o budismo. A questão principal é se conseguimos ou não reconhecer este fato.

Daishonin também afirmou em outro escrito: “O senhor deve convocar uma forte fé e orar ao Gohonzon. Então, não haverá nada que o senhor não possa atingir”. (Ibidem, pág. 1.124.) Precisamos orar “como se estivéssemos tentando produzir fogo de lenha encharcada ou água da terra ressequida”. (Ibidem, pág. 1.132.)

Referindo-se sobre a postura correta de nossas orações, o segundo presidente da Soka Gakkai, Jossei Toda, considerava aqueles que recitavam Daimoku com uma lista de pedidos pessoais, como se fosse “dever” do Gohonzon conceder benefícios, como pessoas possuidoras de uma “fé de mendigo”. E ele clamava para que, em vez disso, se levantassem com a seguinte determinação: “Eu dedicarei minha vida ao Kossen-rufu!”

Daishonin também declara: “Se tiver a mesma mente que Nitiren, não é o senhor um dos Bodhisattvas da Terra?” (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. I, pág. 367.) Ter a “mesma mente que Nitiren” significa acalentar a mesma determinação pelo Kossen-rufu. Quando trabalhamos pelo Kossen-rufu e levantamo-nos com a resolução de mostrar a prova real da vitória da fé, nossa vida flui com benefícios inimagináveis. Conseqüentemente, as orações daqueles que estão se empenhando para realizar a ampla propagação da Lei Mística não podem deixar de ser respondidas.

Recebemos benefícios porque nos empenhamos pelo Kossen-rufu, que é o desejo do Buda.

Pergunta: Qual a diferença entre Daimoku de fé e de prática?

Resposta: O Daimoku de fé e o de prática são dois aspectos do Daimoku do ensino essencial (Nam-myoho-rengue-kyo). No escrito “Carta a Horen”, Daishonin escreve: “Se tentar praticar os ensinos do Sutra de Lótus sem fé, será como tentar entrar em uma montanha adornada de jóias sem usar as mãos [para apanhar os tesouros] ou como tentar fazer uma viagem de mil milhas sem usar os pés”. (WND, pág. 511.) Da mesma forma, o Daimoku do ensino essencial requer tanto a fé como a prática.

Quando recitamos Daimoku como Daishonin instruiu, nossa voz ressoa por todo o Universo. Assim como uma voz suave pode ser transformada numa voz ressoante pelo uso de um bom megafone, quando recitamos Nam-myoho-rengue-kyo com sinceridade podemos mover todo o Universo. Nitikan Shonin, o 26o sumo prelado, afirma: “Se crer neste Gohonzon e professar o Nam-myoho-rengue-kyo, não haverá oração sem resposta, nem pecado imperdoável. Toda fortuna será concedida e toda justiça será provada”.

Nitikan enfatiza aqui que há uma distinção importante entre “Daimoku de fé” e “Daimoku de prática”. Recitar o Nam-myoho-rengue-kyo é “Daimoku de prática”, mas o resultado de nossos esforços variam grandemente dependendo se realmente temos confiança no benefício do Gohonzon. Oferecer “Daimoku de fé” é o que faz a diferença.

Portanto, está claro que a qualidade do nosso Daimoku é um fator decisivo. A palavra japonesa “inori” significa “orar”, mas não se limita a simplesmente “orar”, é “orar com um profundo desejo de mudar”. É uma diferença sutil mas fundamental.

Daimoku de prática é aquele que fazemos todos os dias, uma, duas, três horas, em que a nossa mente divaga por inúmeros pensamentos que intercalados por momentos de lucidez em relação aos nossos objetivos pessoais. Pensamos em tudo, oramos por tudo, somos muitas vezes egoístas e a nossa oração está centrada em nossos problemas e em como solucioná-los. Podemos considerá-lo como uma fase primária da fé.

Daimoku de fé é aquele em que embora o indivíduo esteja enfrentando vários problemas, consegue colocar cada um em seu respectivo lugar, e sua oração é focada em como realizar o Kossen-rufu. Naturalmente, haverá divagações, no entanto, a mente do indivíduo tem como foco questões do tipo: como salvar aquela pessoa, como aprimorar as atividades, que palavras usar para incentivar aquele companheiro, que escrito ou orientação mais se encaixa para aquela circunstância, e assim por diante. Em resumo, centramos nossa oração e ação em criar uma ação voltada a desenvolver o Kossen-rufu.

Referências:

• Brasil Seikyo, edição no 1.541, 29 de janeiro de 2000, pág. A3.

• Ibidem, edição no 1.734, 7 de fevereiro de 2004, pág. A2.

• Terceira Civilização, edição no 401, janeiro de 2002, pág. 6.
• Ibidem, edição no 438, fevereiro de 2005, pág. 46.

# Kenzoku (“relação compartilhada”) (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1854, 05/08/2006, página A7.)

Pergunta: Qual é o significado de Kenzoku?

Resposta: Kenzoku significa “relação compartilhada” e explica que a razão de nascermos em uma determinada família, sociedade ou país se deve ao fato de termos cultivado com as pessoas que a compõem uma relação no passado. Essa “relação compartilhada” é classificada também como um dos Dez Princípios Místicos do ensino teórico estabelecidos por Tient’ai para interpretar a palavra myo de Myoho-rengue-kyo e denominado kenzokumyo, ou “princípio místico do relacionamento”. Este elucida a relação criada com o budismo, com Nitiren Daishonin e com o mestre também no remoto passado, o que nos possibilitou nascer nesta época como praticantes da Lei Mística para propagá-la pelo bem de toda a humanidade. Por exemplo, Nitiren Daishonin afirma que o fato de as pessoas terem nascido naquela época turbulenta como seus seguidores e enfrentarem, junto com ele, severas perseguições era porque havia uma profunda relação formada no passado.

No escrito “A Herança da Suprema Lei da Vida”, Daishonin escreveu: “Devem ter sido os laços cármicos do distante passado que fizeram com que o senhor se tornasse meu discípulo em uma época como esta. Sakyamuni e Muitos Tesouros (Taho) com certeza atestam esse fato. A declaração do sutra de que ‘As pessoas que ouviram a Lei habitaram vários lugares, várias terras do Buda, e constantemente renasceram em companhia de seus mestres’, não pode, de maneira alguma, ser falsa”. (Os Escritos de Nitiren Daishonin, vol. III, pág. 178.) Compartilhar uma profunda relação com a Lei e com o mestre é o verdadeiro significado de kenzokumyo. Myo significa místico, ou seja, que está além de nossa compreensão.

Por estar além de nossa compreensão, é extremamente complexo entender que o fato de convivermos com determinadas pessoas é porque há, realmente, uma relação cámica de nossa vida com a delas, criada no passado e manifestada no presente. Como dito, para tudo na vida existe uma causa que gera um efeito. Nada é por acaso. Tudo é causa e efeito, inclusive as pessoas com quem convivemos. O fato de termos nascido, por exemplo, em uma determinada família é porque possuímos as mesmas causas que as demais pessoas que também pertencem a ela. E se possuímos as mesmas causas, os efeitos também são compartilhados. Quando reconhecemos isso, compreendemos a razão dos sofrimentos, das alegrias, das dificuldades, enfim, dos acontecimentos que envolvem a família. Nesse sentido, quando a família está em crise, se uma única pessoa decidir transformar a situação, todos também compartilham dessa mudança. Aqui se encontra a importância de uma única pessoa.

Em certa ocasião, o presidente da SGI, Daisaku Ikeda, explicou esse princípio por meio de um exemplo: se o pai obtém sucesso em seus empreendimentos, todos os seus kenzoku, ou seja, seus familiares, também compartilham disso e prosperam. Por outro lado, se ele não possui boa sorte e seus negócios acabam falindo, todo o seu grupo familiar experimentará a infelicidade.

Assim, compartilhar das mesmas causas significa que, quando uma pessoa faz algo positivo ou negativo, os efeitos são experimentados por todos de seu convívio. Dessa forma, não é à toa que as pessoas nascem num mesmo local, pois elas possuem uma relação com todos que vivem nele.

Poderíamos também interpretar kenzoku como a missão dos Bodhisattvas da Terra que compartilham a mesma missão de conduzir as pessoas ao supremo caminho da felicidade com base na Lei Mística.

# Kenzoku (“relação compartilhada”) (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1855, 12/08/2006, página A7.)

Pergunta: Conforme o “princípio místico de relacionamento” (kenzoku-myo), como devo cumprir a minha missão em perfeita união com as pessoas com quem me relaciono?

Resposta: No budismo, os laços de pais e filhos, irmãos e irmãs, ou marido e mulher são formados pelo carma, criado em existências passadas. Não é por acaso que pertencemos a uma mesma família e nos relacionamos com determinadas pessoas. Portanto, em vez de ficarmos acusando um ao outro como o causador das dificuldades, devemos nos ajudar e nos encorajar.

No escrito “Carta aos Irmãos”, Nitiren Daishonin exemplifica essa relação ao afirmar: “Quando seu marido é feliz, a esposa será realizada. Se seu marido é um ladrão, ela se tornará uma ladra também”. (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. I, pág. 241.) Muitos poderão discordar, replicando que a mulher tem uma identidade separada do marido. Porém, observando o trecho anterior desse escrito: “Se um dos senhores desistir no meio do caminho, ambos falharão em alcançar o estado de Buda” (ibidem), podemos compreender o real significado desta afirmação de Daishonin.

Fundamentalmente, nossa felicidade ou iluminação depende unicamente de nossos esforços e não das ações de outras pessoas. Porém, quando compartilhamos uma relação próxima ou um compromisso com outra pessoa, nossa vida torna-se ligada à dela e, nesse sentido, não podemos estar completamente satisfeitos se ele ou ela estiver infeliz. Mesmo que uma mulher seja feliz individualmente, se o marido a quem ama estiver sofrendo ela se sentirá insatisfeita. Por essa razão, ela deve apoiar os esforços do marido para tornar-se feliz. E, naturalmente, este mesmo raciocínio mantém-se verdadeiro na atitude de um marido em relação à sua esposa.

Praticamos o budismo para beneficiar não só a nós mesmos, como todos ao nosso redor e, em um sentido mais amplo, toda a humanidade. Nós, que abraçamos a Lei Mística, somos fundamentalmente nobres Bodhisattvas da Terra. Somos companheiros que prometemos, juntos, na Cerimônia no Ar, realizar o Kossen-rufu.

É essa missão em comum que nos une, nos faz transcender as diferenças, nos aproxima e nos permite conquistar a felicidade.

O importante é realizarmos uma prática para compreender a cada momento a nossa missão naquele local ou com aquelas pessoas, percebendo que a existência do outro, algumas vezes, parece ser um “problema”, mas é a oportunidade de transformarmos as causas negativas que criamos ao longo de várias existências.

O nosso ambiente é como um espelho que reflete a essência de nossa própria vida, mostrando claramente aquilo que precisamos mudar.

O presidente da SGI, Daisaku Ikeda, observou certa vez que percebe constantemente, mesmo no caso de simpatizantes, pessoas que tiveram problemas com doenças ensinarem o budismo para outras nas mesmas condições. Segundo ele, perante o Gohonzon, todas as pessoas são iguais e não há nenhuma distinção. Mas pessoas problemáticas geralmente possuem como kenzoku pessoas igualmente problemáticas e difíceis.

O budismo nos direciona a fazer causas positivas que nos permitem mudar o rumo de nossa vida, podendo compartilhar uma grande transformação com as pessoas à nossa volta.

# Felicidade relativa e absoluta (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1856, 19/08/2006, página A6.)

Pergunta: O que é felicidade relativa?

Resposta: Quando as necessidades ou desejos de uma pessoa são realizados, ela se sente feliz, mas a simples realização desses desejos não pode sustentar essa felicidade. Mesmo apesar de não estarmos totalmente satisfeitos com nossa vida atual, podemos sentir que somos mais felizes do que antes. Porém, ninguém é continuamente feliz. Por melhor que seja a situação, há também momentos ruins.

A felicidade é uma condição momentânea que muda de acordo com as circunstâncias da vida, é transitória. Buscamos realizar nossas necessidades ou desejos pessoais, acalentando um êxito individual, tais como posição social, fama, riqueza e poder.

Em um discurso, o presidente da SGI, Daisaku Ikeda, afirma: “Há pessoas que vivem em mansões suntuosas, mas não são nem um poucos felizes. Há outras que possuem uma riqueza fabulosa, mas são miseráveis. A riqueza não equivale à felicidade. Ao contrário, ela pode ser para muitas pessoas uma verdadeira fonte de sofrimento. Da mesma forma, o simples fato de terem conquistado uma posição social ou se formado em uma faculdade de prestígio não significa necessariamente que serão felizes.

“A felicidade advinda de coisas externas ou superficiais é apenas uma felicidade relativa, que pode desmoronar a qualquer momento. Por exemplo, vocês podem receber uma promoção no trabalho, mas depois se encontrarem num beco sem saída, sem conseguir resolver um problema. Ou podem se casar em meio a uma chuva de felicitações, simplesmente para enfrentarem depois a desarmonia em seu relacionamento, ou problemas com os filhos. Da mesma forma, independentemente do quanto sejam capazes ou talentosos, se se permitirem serem derrotados pela doença, por exemplo, não poderão dar o melhor de sua habilidade. Há ainda pessoas que seguem por um caminho que julgam levá-las à felicidade, mas acabam sofrendo uma profunda miséria e sofrimento na última fase da vida. Verificamos aqui as funções inevitáveis do carma”.

A felicidade relativa também pode ser denominada de “falsa felicidade”, pois ela tem como finalidade a busca cada dia maior de bens materiais, que provêm de uma fonte exterior. Ela torna as pessoas egoístas, pensando apenas em si próprias. É como se a pessoa estivesse esperando alguma força externa para definir a sua condição de felicidade na vida.

O presidente Ikeda observa: “Quando aspiramos somente à felicidade relativa, estamos nos baseando da visão da ‘iluminação inicial’. Essa visão, por si só, é como uma planta sem raízes. É vazia e passageira”.

Jamais devemos permitir que as circunstâncias imediatas nos arrastem pela busca da fama, riqueza e poder, tornando a nossa vida mergulhada na própria fraqueza. Não atingiremos a felicidade eterna porque os nossos desejos foram realizados, ou acumulamos mais riqueza, ou elevamos a nossa posição social. Na vida tudo é transitório e está sujeito a mudanças.

O Budismo de Nitiren Daishonin nos incentiva a conquistar uma vida financeira estável, uma boa casa, sucesso profissional, mas nos conscientiza que não devemos nos apegar aos aspectos materiais, ou tornar esses bens o eixo de nossa vida, pois nada disso erradicará o nosso carma fundamental. Conforme o presidente Ikeda destaca: “O senso de felicidade relativa deve ser conduzido para tornar-se senso de felicidade absoluta”.

Referências:

• Fundamentos do Budismo, Editora Brasil Seikyo Ltda., pág. 31.

• Brasil Seikyo, edição no 1.690, 1o de março de 2003, pág. A3.

• Ibidem, edição no 1.417, 14 de junho de 1997, pág. 3.

• Ibidem, edição no 1.492, 23 de janeiro de 1999, pág. A3.

• Ibidem, edição no 1.213, 26 de fevereiro de 1993, pág. 4.

# Felicidade relativa e absoluta (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1857, 26/08/2006, página A6.)

Pergunta: O que é felicidade absoluta?

Resposta: É uma felicidade profunda e duradoura que não depende do objeto de desejo ou necessidade, do passado e tampouco de fatores externos. O principal ingrediente para essa felicidade encontra-se na própria vida. A felicidade absoluta está diretamente relacionada ao grau em que se pode extrair a própria força vital e a esperança no futuro.

A fonte da felicidade está dentro de cada um de nós, no âmago da nossa determinação, jamais permitindo que uma situação adversa domine a nossa jornada, edificando a nossa revolução humana e construindo realmente uma vida magnífica. É um estado de vida em que, independentemente da nossa situação atual, conduzimos nossa vida com grande alegria e imensa satisfação.

Segundo o presidente da SGI, Daisaku Ikeda, "a felicidade absoluta é aquela que emana de dentro de si mesmo, não se altera com o passar do tempo, continua eternamente e não é influenciada por qualquer circunstância externa da vida. Não é algo temporário como posição social, fama ou fortuna. É uma posição na vida em relação à 'Lei' que se alcança com base nessa 'Lei'. Essa 'posição da vida' torna-se eterna juntamente com a 'Lei', podendo viver como eternos 'soberanos da vida'".

Em busca do nosso caminho para uma felicidade inabalável, em nenhum momento devemos fugir ou evitar os problemas que surgem, ou nos deixar levar pelas circunstâncias que sempre tentam nos impedir, baseando-nos em algo superficial que desmorona facilmente. Devemos superar e transformar quaisquer dificuldades, evidenciando a coragem com base na Lei Mística, conquistando a felicidade genuína.

O presidente Ikeda afirma: "A fé é a 'máquina' que nos possibilita perseverar em nossa vida até o fim. O budismo ensina que 'os desejos mundanos são iluminação'. Por meio da fé, podemos viver de forma a transformar tudo o que é negativo em nossa vida em algo positivo. Podemos transformar todos os nossos problemas em felicidade, o sofrimento em alegria, a ansiedade em esperança e a preocupação em tranqüilidade. Jamais chegaremos em um muro que não poderemos ultrapassar".

O segundo presidente da Soka Gakkai, Jossei Toda, denominou o Gohonzon de "máquina de fabricar felicidade", por meio da qual com a nossa dedicação sincera à prática da fé podemos conquistar a felicidade absoluta e indestrutível. Devemos perseverar diariamente, acreditando e agindo para ultrapassar todas as condições negativas e obter imensuráveis benefícios provenientes da prática da fé.

Em um discurso do presidente Ikeda consta: "Se os senhores conduzirem a sua prática da fé, poderão atingir essa felicidade absoluta — e esta não durará apenas por esta existência, mas sim por toda a eternidade. Eis por que encorajo todos a se empenharem arduamente nesta vida para acumularem a boa sorte que perdurará para sempre".

A fé genuína nos concede a vitalidade e nos revigora para a conquista da felicidade verdadeira e duradoura.

Referências:

• Fundamentos do Budismo, pág. 31.

• Brasil Seikyo, edição no 1.213, 26 de fevereiro de 1993, pág. 4.

• Ibidem, edição no 1.272, 14 de maio de 1994, pág. 4.

• Ibidem, edição no 1.262, 2 de fevereiro de 1994, pág. 4.

# Felicidade relativa e absoluta (3)

(Brasil Seikyo, edição nº 1858, 02/09/2006, página A4.)

Pergunta: Como conquistar a felicidade absoluta?

Resposta: O presidente da SGI, Daisaku Ikeda, explica: “A felicidade absoluta significa concretizar o estado de iluminação real no remoto passado. Para atingir esse estado, precisamos lutar resolutamente pelo Kossen-rufu e não conduzir uma existência egocêntrica. Isso é o que significa prática da fé do ensino essencial. Praticando com um espírito de não poupar a própria vida, podemos romper a escuridão de nosso ser inferior. E à medida que agimos dessa forma, a vida de nosso ser superior surge de nós”. 0u seja, manifestar uma genuína convicção na fé e empreender ações altruísticas em prol do Kossen-rufu.

O segundo presidente de Soka Gakkai, Jossei Toda, dizia que conquistar a própria felicidade não é uma tarefa difícil, é até simples. Mas dedicar-se pela felicidade do próximo, além da nossa própria, é a base da fé. Isso é realmente verdadeiro.

O Buda Nitiren Daishonin afirma: “Não há felicidade mais verdadeira para os seres humanos que recitar o Nam-myoho-rengue-kyo”. (A Felicidade neste Mundo — Explanação de Daisaku Ikeda, pág. 7.) Esta frase ensina que todos os seres humanos têm a plena capacidade de desfrutar a felicidade absoluta se recitar o Nam-myoho-rengue-kyo. Independentemente da raça, etnia, riqueza ou pobreza, fama ou anonimato, por meio da recitação do Daimoku podemos extrair uma força inesgotável que nos possibilita desfrutar imensos benefícios e realizar a revolução humana, e simultaneamente transmitir o mesmo ensino para que outras pessoas possam usufruir a mesma condição.

Em outro escrito, lemos: “Contudo, mesmo que recite e conserve o Nam-myoho-rengue-kyo, se pensa que o estado de Buda existe fora do seu coração, isto já não é mais Lei Mística; é um ensino contrário a ela”. (Os Escritos de Nitiren Daishonin, vol. I, pág. 2.) Neste escrito, Nitirem transmite que a finalidade última do budismo está em conduzir a humanidade para a felicidade absoluta, elucidando o caminho direto para se atingir a iluminação. Esta frase ensina a postura correta na prática da fé, salientando que a Lei Mística é inerente à vida de todas as pessoas. Com profunda fé devemos recitar o Nam-myoho-rengue-kyo, adquirindo uma forte energia vital e conquistando a felicidade suprema.

Em uma passagem do romance Nova Revolução Humana, consta: “Qual é o objetivo da nossa crença? Ele se resume em uma única palavra: iluminação. Em termos mais práticos, significa estabelecer a felicidade absoluta em nossa vida diária, isto é, criar um padrão de vida que não seja abalado ou arruinado por absolutamente nada. Conforme já foi mencionado anteriormente por outros oradores, as orientações do presidente Toda culminam num único ponto: ser verdadeiramente feliz. Nisso está sintetizado o objetivo da prática da fé. De que forma então poderemos criar um padrão de vida no nível da felicidade absoluta? Essa fórmula foi ensinada claramente por Nitiren Daishonin: não há outro meio senão a recitação do Daimoku. Se dissermos que é uma fórmula muito simples, não há algo tão simples como recitar o Daimoku. Isto demonstra a grandiosidade da filosofia de vida do Budismo de Daishonin que abre, por um processo simples, o caminho da felicidade para todas as pessoas sem distinção”. (Nova Revolução Humana, vol. V, pág. 141.)

Referências:

• Brasil Seikyo, edição no 1.492, 23 de janeiro de 1999, pág. 3.

• Brasil Seikyo, edição no 1.613, 28 de julho de 2001, pág. C2.

• Terceira Civilização, edição no 428, abril de 2004, pág. 32.

# Leitura literal e substancial (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1860, 23/09/2006, página A7.)

Todos os dias em nossas orações, lemos trechos do 2o capítulo Hoben (Meios) e do 16o capítulo Juryo (Revelação da Vida Eterna do Buda) do Sutra de Lótus e recitamos o Daimoku (recitação contínua do Nam-myoho-rengue-kyo. Essa leitura do sutra não consiste somente em ler o que está escrito (leitura literal), o que seria algo sem sentido, afinal não entendemos o que lemos no sutra. Essa leitura possui sim, um significado mais profundo e abrangente (leitura substancial) que dá sentido à nossa prática da fé diária.

Em suas explanações, o segundo presidente da Soka Gakkai, Jossei Toda, distinguia rigorosamente a leitura literal, ou a leitura do ponto de vista de Sakyamuni e de Tient'ai, da leitura substancial, ou aquela do ponto de vista de Nitiren Daishonin, e explicava a forma correta de ler o sutra nos Últimos Dias da Lei.

Que tipo de leitura é exatamente a "substancial"? Em síntese, é ler o sutra do ponto de vista do vasto estado de vida do Buda Original, cujo desejo é possibilitar que todas as pessoas, em qualquer época, conquistem a verdadeira felicidade.

O Grande Mestre Tient'ai leu o significado literal do Sutra de Lótus e interpretou suas passagens e frases habilmente. Já Nitiren Daishonin leu o Sutra de Lótus profundamente, aplicando o princípio de "texto, significado e intenção" para a leitura do sutra. "Texto" refere-se ao conteúdo literal do sutra. "Significado" indica a doutrina ou o princípio ao qual o texto se refere. Quando nos restringimos apenas a examinar o texto literal do escrito, não podemos ir mais além do seu "significado".

Ao ler o Sutra de Lótus em seu âmago, Daishonin chega à conclusão de que sua essência é o Nam-myoho-rengue-kyo. (Gosho Zenshu, pág. 709.)

Conforme explica o presidente Ikeda, "A essência de uma doutrina", o "âmago de todos os fenômenos", é a própria sabedoria do Buda, que pulsa pelos vinte e oito capítulos do sutra. E essa sabedoria é o Nam-myoho-rengue-kyo.

Ou seja, quando se diz que Nitiren Daishonin leu o Sutra de Lótus, devemos ter em mente que ele não estava lendo literalmente o Sutra de Lótus que Sakyamuni expôs. Ele estava lendo o sutra em termos do significado contido em suas profundezas, a partir de seu estado de vida como o Buda Original dos Últimos Dias da Lei, conforme explana o presidente Ikeda. É isso o que ele quer dizer ao referir-se ao "ensino teórico que eu li" e ao "capítulo Juryo de minha iluminação interior."

Daishonin "leu o Sutra de Lótus com sua vida" praticando com o espírito de "não poupar a própria vida". A essência do Sutra de Lótus, pela qual Daishonin arriscou a própria vida para propagar, é o "Sutra de Lótus dos Últimos Dias", o "Sutra de Lótus do significado substancial" — ou seja, o Nam-myoho-rengue-kyo.

Visto dessa perspectiva, o Sutra de Lótus de vinte e oito capítulos torna-se em sua totalidade uma explanação do Nam-myoho-rengue-kyo. Uma "leitura substancial", aqui, é ler o Sutra de Lótus do ponto de vista do Nam-myoho-rengue-kyo.

Fonte:

Preleção dos capítulos Hoben e Juryo — "Conceitos Preliminares: impressões da condição de vida de meu Mestre" — págs. 40-41.

# Leitura literal e substancial (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1861, 30/09/2006, página A7.)

Quando recitamos trechos do 2o capítulo Hoben (Meios) e do 16o capítulo Juryo (Revelação da Vida Eterna do Buda) durante o Gongyo da manhã e da noite, nós não o fazemos do ponto de vista do Sutra de Lótus dos Primeiros e Médios Dias da Lei, mas sim de acordo com o ensino do Nam-myoho-rengue-kyo de Nitiren Daishonin.

Nitiren Daishonin fez preleções do Sutra de Lótus de vinte e oito capítulos sob a visão do ensino oculto em suas profundezas, e Nikko Shonin registrou essas preleções no Ongui Kuden (Registro dos Ensinos Orais). Para reviver o âmago do Sutra de Lótus e capacitar todas as pessoas dos Últimos Dias da Lei a atingirem o estado de Buda, Daishonin, com sua imensa benevolência, explica exatamente como as passagens do sutra devem ser lidas.

Essa leitura substancial do Sutra de Lótus poderia ser chamada de “interpretação do ponto de vista da iluminação de Daishonin”. Ela não é simplesmente uma explanação teórica do sutra. É uma interpretação substancial do âmago do sutra a partir da perspectiva única de como salvar o povo que vive em meio à realidade do dia-a-dia. Ou seja, não é mera teoria, e sim, refere-se diretamente à ação de salvar as pessoas que comprovam a veracidade deste ensino.

Em outras palavras, é uma interpretação humana e dinâmica, engrenada na ação; uma interpretação para o povo e para a vida diária. Mais do que representar simplesmente “conhecimento”, o Ongui Kuden é uma “leitura” de grande sabedoria que mostra a relevância do Sutra de Lótus para a época e para a realidade.

A expressão “oculto nas profundezas” pode dar a impressão de algo misterioso que está oculto para as pessoas em geral. Mas, ao contrário, o verdadeiro valor do “budismo oculto nas profundezas” reside no fato de ser amplamente aberto para todas as pessoas e de ser uma força viva e pulsante que revigora a época e a sociedade. Hoje, por meio do crescimento da Soka Gakkai Internacional, presente em 190 países e territórios, milhares de pessoas do mundo inteiro estão recitando a Lei Mística e os trechos do 2o capítulo Hoben (Meios) e do 16o capítulo Juryo (Revelação da Vida Eterna do Buda), comprovando o espírito do Sutra de Lótus na época atual, não na forma teórica ou intelectual de sua “leitura literal”, mas comprovando a grandiosidade e a veracidade dos ensinos de Nitiren Daishonin em sua própria vida, alcançando imensuráveis benefícios por meio da prática da fé, isto é, desenvolvendo a sua “leitura substancial”.

Fonte:

Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo — “Conceitos Preliminares: impressões da condição de vida de meu Mestre” — págs. 40-41.

# Bom amigo (Zentishiki) e mau amigo (Akutishiki) (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1862, 07/10/2006, página A7.)

Os termos Zentishiki e Akutishiki indicam dois tipos de pessoas que exercem influência positiva ou negativa em nossa prática budista, literalmente, significam, respectivamente, “conhecimento benéfico” e “conhecimento maléfico”. Em outras palavras, o indivíduo que traz um “conhecimento benéfico”, conduzindo o outro à prática correta do budismo, é considerado “bom amigo”, que lhe possibilita acumular boa sorte e o conduz à felicidade absoluta. Em contrapartida, a pessoa que conduz a outra para um caminho negativo, desviando-a da prática, representa um “conhecimento maléfico”, ou “mau amigo”. Este ilude os outros com falsas doutrinas e obstrui a prática budista. Normalmente, aproxima-se das pessoas fingindo ser amigo com a intenção de desviá-las da prática budista e de fazê-las seguir outro ensino. Devido a essa atitude, o Sutra do Nirvana ensina que a pessoa deve temer ser influenciada por um “mau amigo”.

No escrito “Abertura dos Olhos”, Nitiren Daishonin descreve as conseqüências de seguir os “maus amigos”: “Dentre aqueles que receberam as sementes da iluminação no remoto passado e os que as receberam dos filhos do Buda Excelência da Grande Sabedoria Universal, muitos desistiram das sementes e, por terem seguido más companhias (“maus amigos”), sofreram, respectivamente, no inferno durante longos períodos de kalpa tão inumeráveis quanto as partículas de pó de sistemas de grandes mundos”. (Os Escritos de Nitiren Daishonin, vol. IV, págs. 200-201.)

Em relação ao “bom amigo”, o capítulo “Os Feitos Anteriores do Rei Adorno Maravilhoso” do Sutra de Lótus descreve os dois irmãos, Repositório Puro e Visão Pura, como bons amigos de seu pai, o Rei Adorno Maravilhoso, por terem-no convertido ao budismo. Esse capítulo define um “bom amigo” como a causa e a circunstância positivas por meio das quais a pessoa é direcionada e conduzida, capacitando-a a ver o Buda e a manifestar o desejo pela suprema e perfeita iluminação. Um “bom amigo” é também interpretado como um “bom mestre”, pois essa pessoa ensina aos outros o correto ensino.

Com certeza, estas citações dos escritos budistas milenares mencionando a existência do “bom amigo” e do “mau amigo” são, na verdade, alertas para os praticantes do budismo da época atual quanto às influências positivas ou negativas em nossa prática da fé. Em qualquer época, é importante que saibamos discernir corretamente as influências que tentam interferir negativamente ou fortalecer nossa prática do Budismo de Nitiren Daishonin para, assim, jamais sairmos do caminho da felicidade absoluta.

# Bom amigo (Zentishiki) e mau amigo (Akutishiki) (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1863, 14/10/2006, página A8.)

No escrito “Três Mestres Tripitaka Oram por Chuva”, Nitiren Daishonin afirma: “Quando se transplanta uma árvore, mesmo que soprem ventos violentos, ela não tombará se tiver uma firme estaca para mantê-la em pé. Porém, mesmo uma árvore que cresceu em um lugar adequado pode cair caso suas raízes sejam fracas. Uma pessoa fraca não sucumbirá se aqueles que a apóiam forem fortes, mas uma pessoa de considerável força, quando só, poderá tropeçar num terreno irregular. (...) Portanto, o melhor modo de atingir o estado de Buda é encontrar um zentishiki, ou bom amigo. Até onde a sabedoria de uma pessoa pode levá-la? Se a pessoa possui sabedoria suficiente pelo menos para distinguir o quente do frio, deve procurar um bom amigo”. (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. VI, pág. 167.)

A analogia apresentada por Nitiren Daishonin neste trecho do escrito aplica-se perfeitamente à vida de um praticante budista. Mesmo uma pessoa fraca pode se tornar forte quando possui um bom amigo, um apoio que a estimule a vencer. Como membros da BSGI, temos a grande boa sorte de estarmos cercados por pessoas que nos encorajam e nos conduzem constantemente à prática nos momentos de dificuldade, tais como doença, acidentes ou outros sofrimentos da vida. Pode ser difícil manter a prática por si só, especialmente ao enfrentar as dificuldades. Por isso, uma boa influência que direcione a pessoa à recitação de Daimoku é fundamental. Nesse sentido, devemos sempre valorizar os “bons amigos” que nos circundam e que nos incentivam a dar continuidade na prática da fé.

Na seqüência do escrito citado anteriormente, Daishonin afirma: “Con-tudo, encontrar um bom amigo é algo muito difícil. Assim, o Buda comparou esse feito à raridade de uma tartaruga de um olho só achar um tronco flutuante de sândalo com uma cavidade com tamanho certo para comportá-la, ou à dificuldade de se tentar puxar uma linha do Céu Brahma e passá-la pelo orifício de uma agulha na terra. Além do mais, nestes maléficos Últimos Dias, os maus companheiros são mais numerosos do que as partículas de pó que compõem a terra, ao passo que a quantidade de bons amigos é menor do que a de grãos de pó que se consegue amontoar sobre a unha de um dos dedos da mão”. (Ibidem.)

Sob um outro ponto de vista, o “bom amigo” também pode ser aquele que nos persegue, conforme o Buda Sakyamuni descreveu no capítulo “Devadatta” do Sutra de Lótus. Ele afirma que Devadatta, seu eterno inimigo, seria como um “bom amigo” porque, em uma existência prévia, ele o instruiu sobre o Sutra de Lótus. Em seus escritos, Daishonin também se refere aos inimigos como “bons amigos”, por conduzir as pessoas a fortalecer sua fé e a persistir na prática budista.

# Kishimojin — Mãe das crianças-demônio (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1864, 21/10/2006, página A7.)

Pergunta: Quem é Kishimojin e por que ela está representada no Gohonzon?

Resposta: Kishimojin, que aparece numa parábola budista, é também conhecida como Hariti. É um demônio feminino que vivia em Rajagriha, capital do reino de Magadha, na Antiga Índia.

Apesar de bela, Kishimojin era muito cruel e raptava crianças de outras pessoas para matá-las e, assim, alimentar seus quinhentos filhos (algumas fontes dizem mil e outras, dez mil). O povo, atemorizado e aflito, implorou pela ajuda do Buda Sakyamuni, que, então, escondeu o filho mais novo de Kishimojin, Binkara. Ela o procurou pelo mundo inteiro durante sete dias, mas não o encontrou. Desesperada, finalmente pediu ajuda a Sakyamuni, dizendo-lhe que não suportaria a dor de não ver mais seu filho. Compreendendo seu grande erro por causar tamanho sofrimento às pessoas, ficou profundamente arrependida. Sakyamuni percebeu a sinceridade de Kishimojin e repreendeu-a por sua má conduta fazendo-a jurar nunca mais matar outras crianças. Em seguida, ele lhe devolveu o menino.

De acordo com um outro sutra, Kishimojin era reverenciada como uma deusa da fecundidade e que concedia um parto fácil. Posteriormente, a crença nessa deusa propagou-se pelo Japão. No 26o capítulo do Sutra de Lótus, “Dharani”, ela e suas dez filhas juram diante do Buda proteger os devotos do Sutra de Lótus. Nesse capítulo consta que os bodhisattvas, as funções protetoras do Universo e até mesmo os demônios, ao discernir a grandiosa paixão pelo Kossen-rufu vivida no coração do Buda, juram um após o outro: “Eu guardarei e protegerei esta luta grandiosa!”, “Eu protegerei e servirei com todas as minhas forças a todos os que se empenham para propagar o Kossen-rufu!” É esse o dramático episódio descrito no capítulo “Dharani”.

No Gohonzon, está contido tudo o que está inerente em cada ser humano — tanto o bem quanto o mal. Porém, no centro, está a palavra “Nam-myoho-rengue-kyo”, que possibilita todas as pessoas retornarem à pureza de sua vida.

Nitiren Daishonin registrou o nome de Kishimojin no Gohonzon como uma das funções protetoras do Universo. Daishonin a cita em diversos escritos, pois ela representa a natureza demoníaca também inerente em todos os seres humanos, que pode levá-las a sacrificarem os outros em detrimento dos próprios interesses. Entretanto, devotando-se à Lei do Nam-myoho-rengue-kyo, pode-se mudar até mesmo o aspecto perverso da vida para algo positivo, possibilitando, assim, conquistar a verdadeira felicidade.

Referências:

• Brasil Seikyo, edição no 1.648, 20 de abril de 2002, pág. A7.

• Terceira Civilização, edição no 328, dezembro de 1995, págs. 4-11.

• Glossário — Os Escritos de Nitiren Daishonin.

# Kishimojin — Mãe das crianças-demônio (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1865, 28/10/2006, página A7.)

Pergunta: Como fazer para que os filhos adquiram fé no Budismo de Nitiren Daishonin?

Resposta: São inúmeras as situações e razões que levam os filhos a não manifestarem interesse pela prática budista e, portanto, é importante estar ciente de que não existe uma única resposta para esta pergunta. Contudo, a solução para a questão encontra-se indiscutivelmente na sinceridade da prática da fé dos pais e familiares.

Sobre esse assunto, na série "Um diálogo sobre a religião no século XXI", o presidente da SGI, Daisaku Ikeda, observa: "O mais importante é ajudá-los a aprender a respeitar e a gostar da SGI sem pressioná-los. Como a fé é algo para a vida inteira, já é o bastante o fato de eles compreenderem com o passar do tempo. Não é sábio ser inflexível e tentar forçá-los a praticar.

"Precisamos ensinar aos nossos filhos o espírito de acalentar e proteger a SGI. Espero que os pais criem os filhos de forma que eles realmente amem a SGI. Se eles tiverem esse espírito, com certeza serão pessoas excelentes. Gabar-se da grandiosidade da SGI sem ter-lhes ensinado esse espírito é a atitude da Mãe das Filhas-Demônio (Kishimojin)".

O presidente Ikeda enfatiza que o fato de os filhos não praticarem não se atribui necessariamente a um problema com a fé dos pais. No entanto, a determinação e o fortalecimento da fé dos pais determinará a prática dos filhos.

Em seguida, ele compartilha sua experiência sobre este assunto: "Em particular — e digo isso com base na experiência de centenas de milhares de pessoas — a fé da mãe é crucial. É isso o que significa 'consistência do início ao fim'. 'Início' significa a fé dos pais e 'fim', a fé dos filhos. Essencialmente, não há separação entre as duas.

"Se os pais praticarem com alegria e, em conseqüência disso, receberem benefícios à medida que avançam, os filhos compreenderão naturalmente. (...) Se em seu íntimo uma pessoa ridiculariza a SGI, que é uma organização dedicada à concretização do desejo e do decreto do Buda, ela própria será ridicularizada por sua família e pelos demais que estão ao seu redor".

Com relação aos filhos que sentem-se sozinhos porque seus pais participam de muitas atividades da organização, o presidente Ikeda observa: "A questão é se os pais têm ou não o respeito dos filhos. Espero que os pais ajudem seus filhos a se orgulharem deles, explicando-lhes que estão se empenhando todos os dias pelo bem dos outros e da sociedade.

"Também é vital que as crianças saibam que seus pais sentem amor por elas, para que compreendam que a razão de seus pais se empenharem tanto deve-se exatamente a esse amor. Espero que os pais tenham consideração por seus filhos.

"Quando não houver tempo, devemos nos empenhar para deixar lembretes ou telefonar. Devemos também usar a sabedoria e criar tempo de vez em quando para passarmos um dia junto com nossos filhos. Trata-se de fazer com que eles saibam que nós nos preocupamos. O simples fato de olhar nos olhos deles cada manhã e trocar palavras de carinho faz diferença".

O budismo nos ensina a tranformar o veneno em remédio. Até mesmo um terrível demônio como Kishimojin, que originariamente perseguia e devorava as crianças de outras famílias na Antiga Índia, causando grande pânico na sociedade, conseguiu transformar-se numa deusa (ou função) protetora dos devotos do Sutra de Lótus por meio de sua sinceridade. No caso da fé dos filhos, se os pais mantiverem a mesma determinação e sinceridade manifestada por Kishimojin, protegendo e estimando o Gohonzon e a Soka Gakkai, que se dedica incansavelmente à propagação mundial do budismo, conseguirão influenciar positivamente os filhos desenvolvendo-os como grandes herdeiros do espírito Soka e do movimento global pelo Kossen-rufu.

Referência:

Brasil Seikyo, edição no 1.569, 26 de agosto de 2000, pág. 3.

# Kishimojin — mãe das crianças-demônio (3)

(Brasil Seikyo, edição nº 1866, 04/11/2006, página A7.)

Pergunta: Afinal, Kishimojin é um demônio ou uma função protetora budista?

Resposta: Em um diálogo, o presidente da SGI, Daisaku Ikeda, observou: “No Ongui Kuden (Registro dos Ensinos Orais), consta: ‘Nos ensinos pré-Sutra de Lótus, ela [Kishimojin] é um demônio maligno. Mas, no caso dos ensinos que dizem respeito à extinção dos desejos mundanos, os ensinos do Sutra de Lótus, ela age como um demônio benevolente’. Com relação à mãe das filhas-demônio, ou Kishimojin, (...) Daishonin ensina que os caracteres podem ser lidos de duas formas — de cima para baixo e de baixo para cima — e significam tanto “demônio maligno” como “demônio benevolente”.

“Ki, o demônio, é o pai.” Isso quer dizer que Kishimojin é a mulher do demônio maligno Panchika. “Shi, as filhas, são as dez filhas-demônio.” Dizem que a mãe das filhas-demônio tem dez mil filhas e, de acordo com Daishonin, entre elas estão as dez filhas-demônio. “Mo, mãe, é Hariti.” Parece que esse é seu nome original, e que ela foi inicialmente reverenciada na região de Gandhara, na Antiga Índia (atual norte do Paquistão).

Nos textos budistas, Kishimojin é descrita como a mãe das filhas-demônio, um demônio que “rouba os filhos das pessoas e devora-os”. Por meio da rigorosa advertência de Sakyamuni, ela finalmente reconhece seu erro e jura, juntamente com as dez filhas-demônio, proteger todos os devotos do Sutra de Lótus.

Kishimojin, que idolatra seus próprios filhos e não tem a mínima preocupação com os filhos dos outros, simboliza o lado negativo do instinto maternal, representa a ação do demônio maligno. Em contraste, tomar esse amor que a pessoa sente pelos próprios filhos e estendê-lo para toda a humanidade é o espírito da benevolente Mãe Percebedora dos Sons do Mundo, ou seja, de um bodhisattva. É sua ação como um demônio benevolente.

Daishonin explica que o nome do “demônio maligno” mãe das filhas-demônio pode ser também lido ao contrário: “A palavra jin, ou ‘deusa’, representa a nona consciência. A palavra mo, ou ‘mãe’, representa a oitava consciência, o nível em que aparece a ignorância. O termo shi, ou ‘criança’, significa a sétima e a sexta consciências. E a palavra ki, ou ‘demônio’, quer dizer as primeiras cinco consciências, ou seja, as da visão, da audição, do olfato, do paladar e do tato.” (Gosho Zenshu, pág. 778.)

Numa análise simplificada, a nona consciência é o mundo do estado de Buda. Quando o mundo do estado de Buda brota das profundezas de nossa vida, a oitava consciência (alaya) passa por uma transformação, e o mesmo acontece com a sétima consciência (mano), com a sexta (que corresponde à mente) e com todas as outras consciências. Todas elas se purificam e passam a agir de forma positiva. Pelo poder da Lei Mística, a mãe das filhas-demônio transforma-se em um demônio benevolente. Quando temos a forte fé de atuar com convicção pelo Kossen-rufu, até mesmo os demônios malignos tornam-se forças benevolentes. Nossos obstáculos transformam-se em ajuda.

Graças à rigorosidade e à benevolência de Sakyamuni, a mãe das filhas-demônio e suas filhas se transformaram em divindades benevolentes. Em especial, as pessoas protegidas por essas divindades benevolentes são originariamente as mulheres. Elas protegem essas mulheres que estão se empenhando pelo Kossen-rufu. As pessoas a quem Daishonin apresentou a frase “As dez filhas-demônio protegerão vocês” eram todas formadas por mulheres. Entre elas, estavam Kyo’o Gozen (filha de Shijo Kingo), Oto Gozen, a Dama Nitinyo e Myomitsu Shonin e sua esposa.

Daishonin declara: “[Embora a palavra ‘pessoa’ ou ‘você’ refira-se tanto a homens como a mulheres], aqui significa que ele louva as mulheres em particular, pois as pessoas a quem são dirigidas são as dez filhas-demônio, que são naturalmente do sexo feminino.” (Gosho Zenshu, pág. 778.)

Referências:

• Brasil Seikyo, edição no 1.563, 8 de julho de 2000, pág. 3.

• Fundamentos do Budismo, pág. 93.

# Rei Asoka (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1867, 11/11/2006, página A6.)

Pergunta: Quem foi o Rei Asoka?

Resposta: No escrito de Nitiren Daishonin “Resposta ao Lorde Ueno” consta: “Existiu na Índia antiga um rei chamado Asoka. Ele reinou sobre quase um quarto do mundo e, assistido pelo rei dragão, controlou a chuva à sua vontade e até usou os demônios para dar suas ordens. Asoka foi um impiedoso governante. Porém, mais tarde, arrependeu-se de seus atos e converteu-se ao budismo. A partir de então, ofereceu donativos a sessenta mil bonzos todos os dias e ergueu 84 mil torres de pedra. Sondando o passado desse grande soberano, observamos que nos dias do Buda Sakyamuni havia dois meninos chamados Tokusho e Musho. Quando estavam brincando, avistaram o Buda e tudo que podiam oferecer era um bolo de lama. Como benefício, o menino mais velho, Tokusho, renasceu como um grande rei após cem anos”. (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. I, pág. 417.)

Nessa passagem do escrito, Nitiren elucida que a doação realizada com toda a sinceridade é causa para imensuráveis benefícios. Como resultado desse puro espírito de doação, Tokusho Doji renasceu como o Rei Asoka e Musho Doji como a sua esposa ou irmão. A história do Rei Asoka é citada com freqüência como um exemplo de boas causas criadas em uma existência passada.

No romance Nova Revolução Humana consta: “Asoka viveu por volta do século III a.C. e promoveu um governo benevolente com base no budismo. É conhecido pelos historiadores como um dos mais nobres reis de toda a história. Contudo, Asoka não foi um excelente rei desde o início do seu reinado. Ao contrário, ele chegou a ser temido pelas pessoas como o ‘bárbaro e malvado Asoka’.” (Capítulo “Índia”, vol. III, pág. 70.)

Asoka, em sânscrito Ashoka (C.268-232 a.C.), foi o terceiro rei do império Maurya, da Índia antiga, rejeitado pelo próprio pai foi um rei tirano, conhecido por suas conquistas militares. No seu oitavo ano de reinado formou um grande exército para tomar o reino de Kalinga. Durante a batalha foram aprisionados muitos soldados e outros 100 mil morreram em combate deflagrando um grande massacre. Apesar de ser implacável, seu coração sofreu uma mudança quando percebeu o sofrimento que causou, e passou a buscar o verdadeiro caminho do ser humano.

O Rei Asoka se converteu ao budismo e a partir daquele momento governou com base no darma, a Lei Budista que, nesse contexto, refere-se ao humanismo budista, e não pela força militar. Apesar de sua conversão ao budismo, Asoka concedia em seu reino a liberdade de religião e não forçou as pessoas a aceitarem a doutrina budista. Ele promoveu um governo baseado na benevolência exposta no budismo.

Asoka aspirou prosperidade, paz e felicidade de todas as pessoas emanando o espírito de benevolência e considerando todos os indivíduos como seus filhos, conforme o presidente da SGI, Daisaku Ikeda, observa: “Estas palavras estão nos editos gravados em pedra do Rei Asoka: ‘Todas as pessoas são meus filhos. O que desejo para meus próprios filhos — seu bem-estar e felicidade tanto nesta existência como na próxima — desejo também para todas as pessoas”. (A Grande Correnteza da Paz, vol. VI, pág. 26.)

Referências:

• Os Escritos de Nitiren Daishonin, Glossário, pág. 14.

• Nova Revolução Humana, vol. III, pág. 70.

• Brasil Seikyo, edição no 1.839, 15 de abril de 2006, pág. A3.

• Ibidem, edição no 1.251, 27 de novembro de 1993, pág. 3.

# Rei Asoka (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1868, 18/11/2006, página A6.)

Espírito do Rei Asoka — construindo um mundo humanístico e benevolente

Em um discurso, o presidente da SGI, Daisaku Ikeda, comenta: “O rei Asoka declarou que ‘governar’ significa ‘retribuir aos débitos de gratidão das pessoas’. Foi com base nessa crença que ele governou. Fundamentado na benevolente filosofia budista do respeito pela dignidade da vida, ele deu início a programas de bem-estar humanitário e social e se empenhou na promoção da paz e da prosperidade de toda a sua terra. Seu governo benevolente brilha até os dias de hoje”. (Brasil Seikyo, edições no 1.728 e 1.729, 1o de janeiro de 2004, pág. A4.)

O Rei Asoka estabeleceu programas para o bem-estar da população, construindo hospitais, desenvolvendo o cultivo de plantas medicinais e construindo bicas de água potável. Com relação aos animais, ele proibiu a matança desnecessária e também construiu hospitais para os animais domésticos. Protegendo o meio ambiente, plantou e recomendou o plantio de árvores, inclusive plantando mangueiras nas estradas para proporcionar frutas e sombra aos viajantes e instituiu outras diversas melhorias.

Extinguiu a guerra, construiu um grande número de templos por todo o reino, patrocinou a Terceira Assembléia Budista para a compilação dos ensinos de Sakyamuni e começou a enviar emissários de paz para diversos lugares da Índia e outros países, como Síria, Egito, Macedônia e Sri Lanka.

“Durante o reinado de Asoka, rei da dinastia Maurya, um grande número de stupas foi construído e seu culto expandiu-se pela Índia. Enquanto os monges mais antigos retiravam-se nos grandes mosteiros onde se devotavam à prática dos preceitos e à escrita das interpretações doutrinais, os praticantes leigos devotavam-se à manutenção e adoração dos stupas que, para eles, representavam o próprio Buda Sakyamuni. Essa prática fez nascer neles uma profunda fé religiosa que, por sua vez, aprofundava seus laços de união”. (Síntese do Budismo, pág. 37.)

Asoka foi o primeio rei a unificar a nação Maurya, e como conseqüência da sua conversão, bem como das suas ações, o budismo floresceu e foi propagado amplamente.

“Esse rei chegou a ser considerado pelos pesquisadores ocidentais inicialmente como uma figura lendária do budismo. Contudo, quando em 1837 foi decifrada a antiga escrita indiana chamada prakrit, os éditos inscritos nos pilares e monumentos de pedra foram traduzidos confirmando-se que Asoka teve uma existência real e que seu governo foi baseado na Lei budista.

Rei Asoka, que hoje brilha na história da humanidade como um grande monarca filósofo, permaneceu desconhecido por muitos séculos.” (Nova Revolucão Humana, vol. III, pág. 154.)

Conhecido com um dos mais nobres reis de toda a história, o Rei Asoka promoveu um governo baseado na benevolência exposta no budismo.

O presidente Ikeda afirma: “O propósito do Kossen-rufu é difundir a fé no budismo para criar conseqüentemente a felicidade na vida das pessoas e a paz na sociedade. Isso significa que os princípios do budismo devem ter aplicação no modo de vida das pessoas, e isso deve refletir-se na sociedade real. Sinto que o reinado de Asoka é um exemplo desse propósito”. (Ibidem.)

Referências:


• Nova Revolução Humana, vol. III, capítulo “Índia”, pág. 47.

• Brasil Seikyo, edição no 1.251, 27 de novembro de 1993, pág. 3.

• Ibidem, edição no 1.669, 28 de setembro de 2002, pág. A3.

# Kumarajiva (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1869, 25/11/2006, página A6.)

Pergunta: Quem foi Kumarajiva?

Resposta: Kumarajiva foi um notável estudioso do budismo que viveu entre os anos 344 e 413, e traduziu um grande número de escritos budistas para o chinês. Seu pai, Kumarayana, era filho de um alto ministro de um reino na Índia, porém havia renunciado à sua posição para entrar na ordem budista. Kumarayana deixou então a Índia e seguiu rumo à China e casou-se com Jivaka, a irmã mais nova do rei da nação de Kucha na Ásia Central. Desse casamento, nasceu um filho que foi chamado de Kumarajiva que era uma combinação dos nomes dos pais. Quando Kumarajiva estava com sete anos de idade, sua mãe renunciou à vida secular e viajou com ele para a Índia e diversos outros países para estudar o budismo. E, em conseqüência, Kumarajiva dominou diversas línguas e estudou diversos ensinos budistas, a começar pelo budismo Hinayana e mais tarde o Mahayana.

Em 401, Kumarajiva viajou para Chang-an e concentrou-se inteiramente na tradução das escritos budistas, incluindo o Sutra de Lótus. Essa tradução tornou-se a versão mais amplamente utilizada na China e no Japão intitulada Myoho-rengue-kyo em japonês, e foi a tradução adotada por Nitiren Daishonin para elucidar os ensinos do Buda Sakyamuni. Em cerca de dez anos, Kumarajiva conseguiu traduzir mais de trezentos volumes de sutras budistas, dedicando especial atenção à tradução do Sutra de Lótus. Diz-se que Kumarajiva teria afirmado que caso a sua língua queimasse após a morte, não deveriam adotar a sua tradução do Sutra de Lótus como verdadeira. E, de fato, a língua teria sido a única parte do corpo que se preservou após a cremação.

De toda a forma, as traduções desenvolvidas por Kumarajiva primam pela sua excelência e clareza, e foram altamente respeitadas pelas gerações posteriores. Por isso mesmo, teve uma influência decisiva na expansão e no desenvolvimento do budismo pela China e Japão.

Um aspecto de fundamental importância diz respeito à maneira como Kumarajiva desenvolveu o trabalho de tradução que resultou num impressionante volume de sutras em tão pouco tempo, com tamanha qualidade. Avaliando-se a totalidade do seu trabalho, Kumarajiva teria alcançado um surpreendente número de dois a três volumes traduzidos por mês, durante os últimos oito a doze anos em que se dedicou para este fim. A imagem que vislumbramos sobre um trabalho deste tipo é a de uma árdua tarefa de uma pessoa confinada em uma biblioteca por vários e vários anos, tendo a frente uma infinidade de livros e dicionários sobre uma mesa. Porém, o método utilizado por Kumarajiva foi totalmente diferente, conforme veremos na próxima edição deste jornal com base em uma explanação do presidente da SGI, Daisaku Ikeda.

# Kumarajiva (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1870, 02/12/2006, página A5.)

Pergunta: Como Kumarajiva desenvolveu as traduções?

Resposta: Em uma explanação sobre o escrito “A Essência Real de Todos os Fenômenos”, o presidente da SGI, Daisaku Ikeda, descreve a forma como Kumarajiva desenvolveu esse trabalho de tradução. Apresentamos a seguir, alguns trechos desta explanação do presidente Ikeda:

“Diferente da imagem que traz a frase ‘trabalho de tradução’, Kumarajiva desenvolvia o serviço em meio ao movimento de estudo do budismo. Pelos prefácios dos inúmeros sutras traduzidos por Kumarajiva, pode-se calcular a participação de um grande número de pessoas capazes na tradução. Junto com os colaboradores que variam em número de 800 a 2.000 pessoas, Kumarajiva desenvolvia sua interpretação do budismo, adotando o sistema de explanação. Ele deu clara e competente elucidação do conteúdo de cada ensino, explanando porque um sutra havia de ser traduzido de tal forma e onde se encontrava o verdadeiro significado do mesmo. Manteve muitas sessões de perguntas e respostas com as pessoas reunidas ao seu redor, até que compreendessem verdadeiramente o significado de cada sutra. Pode-se imaginar que ele gastou muitos anos nestas difíceis traduções, confinado sozinho numa biblioteca, tendo o dicionário nas mãos. Entretanto, esse não foi o sistema empregado por ele. Sentindo o pulsar da vida do povo, fazendo do local da tradução uma praça de diálogo, Kumarajiva desenvolveu a explanação do budismo. Sua excelente tradução do Sutra de Lótus foi fruto dessa ampla atitude mental. Estou convencido de que este é o exato ponto que possibilitou Kumarajiva a fazer a suave e correta tradução do significado original do sutra. Não importando quão excelentes possam ser os ensinos do budismo, se são difíceis de compreender ficarão distantes das pessoas. O verdadeiro valor da filosofia somente pode brilhar por meio do diálogo entre as pessoas e em suas experiências diárias. Sem a luta de Kumarajiva e seu grupo para propagar os sutras, o desenvolvimento posterior do budismo e seu florescimento, com Tient’ai na China e Dengyo no Japão, nunca poderia ter ocorrido. Mesmo que consideremos somente esse ponto, podemos compreender quão grande foi a missão de Kumarajiva.”

Por meio deste episódio da vida de Kumarajiva, pode-se compreender o porquê da excelente qualidade das suas traduções bem como do surpreendente volume alcançado em um período relativamente curto. Kumarajiva desenvolveu a tradução em meio às pessoas, na forma de diálogo, manifestando toda a sua paixão em transmitir o verdadeiro espírito do budismo, conforme estas palavras do presidente Ikeda na mesma explanação: “O que me comove, mais do que a sua obra de tradução, é a paixão de Kumarajiva, que se mudou para a China com a firme determinação de dedicar a vida inteira à transmissão do verdadeiro espírito do budismo. Diz-se que Kumarajiva estava com mais de 50 anos de idade quando entrou em Chang-an, após longos anos de sofrimentos”.

Fonte de consulta:

• Explanações das Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. III, pág. 101.

# Kumarajiva (3)

(Brasil Seikyo, edição nº 1871, 09/12/2006, página A6.)

Pergunta: Qual é o espírito do estudo do budismo?

Resposta: A história de Kumarajiva no que se refere ao seu trabalho de tradução dos sutras budistas é algo que realmente nos impressiona profundamente. Com certeza, a história do budismo teria seguido outro rumo se não houvesse essa apaixonante e forte determinação de Kumarajiva de se dedicar para transmitir esses ensinos para a posteridade. Entretanto, um ponto talvez mais importante do que as obras de tradução em si deixadas por ele, diz respeito a sua atitude e comportamento com relação ao estudo do budismo por meio do diálogo com o povo.

O presidente da SGI, Daisaku Ikeda, comenta: "O que quero enfatizar é a atitude correta de encarar o estudo do budismo que está contido no comportamento de Kumarajiva de dialogar com o povo. Num certo sentido, pode ser dito que somos os 'Kumarajivas da atualidade'. Ele contribuiu para a introdução dos sutras do budismo da Índia para a China por meio da tradução. Os 'Kumarajivas da atualidade' possuem a missão de reviver intensamente o imortal Sutra dos Últimos Dias da Lei, exposto há 700 anos, propagando-o em todas as direções. Em outras palavras, o nosso estudo do budismo, seguindo a mesma forma de explanação de Kumarajiva, tendo nas mãos os escritos de Nitiren Daishonin, deve ser desenrolado na 'praça de diálogo', ora em forma de explanação nas reuniões, ora na forma de perguntas e respostas, ou ainda, nas ocasiões de orientações individuais, sentindo diretamente o pulsar da vida das pessoas".

Na verdade, a atitude de Kumarajiva de desenvolver as suas traduções nada mais é que o próprio espírito do budismo. O Buda Sakyamuni da Índia também expôs os seus ensinos em meio às pessoas, compartilhando suas alegrias e tristezas durante toda a vida. O presidente Ikeda descreve a luta de Sakyamuni com as seguintes palavras: "Ouvindo sobre conceitos budistas como os Oitenta Mil Sutras ou os Cinco Períodos e Oito Ensinos, como foram mais tarde classificados, é provável que pensemos que Sakyamuni tenha pregado sua doutrina de acordo com algum sistema minucioso e previamente planejado. A verdade é que Sakyamuni ensinou o budismo encorajando as pessoas atacadas pela pobreza, como a uma senhora sofrendo de uma doença terrível, ou incentivando um jovem nos grilhões de algum profundo sofrimento espiritual. Seus Oitenta Mil Sutras foram o resultado natural desta longa luta em prol do povo — o acúmulo de cada palavra ou frase encorajadora que usou para aliviar a dor das pessoas oprimidas pelo cruel sistema de castas".

O mesmo é verdadeiro na vida de Nitiren Daishonin. As cartas de Nitiren não foram escritas dentro de uma biblioteca, isolado do mundo e das pessoas. Ele empenhou toda a vida para salvar as pessoas dos sofrimentos, dialogando com elas e lhes escrevendo calorosos incentivos e orientações em uma verdadeira luta contra as maldades que as levavam à infelicidade. A cristalização dessa contínua luta de Daishonin é que resultou nesta volumosa obra compilada como Os Escritos de Nitiren Daishonin.

O presidente Ikeda também observa: "As pessoas menos informadas estão sujeitas a pensar que o budismo é um plácido ensino exposto em algum ambiente silvestre. Entretanto, desde a sua fundação, o budismo desenvolveu-se dentro de uma ação dinâmica e foi propagado por meio do vivo diálogo em meio ao povo. Quero afirmar com toda convicção que essa é a verdadeira corrente ortodoxa do budismo".

Em suma, ao conhecermos a vida de Kumarajiva, é desejável refletirmos sobre a nossa atitude na prática da fé, especialmente no que se refere ao espírito do estudo do budismo. Somente por meio do diálogo com diferentes pessoas e compartilhando os seus variados problemas e sofrimentos é que podemos entender a profunda filosofia contida no budismo, no âmago de nossa vida.

Fonte de consulta:

• Explanações das Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. III, pág. 101.

# Os três períodos de propagação (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1872, 16/12/2006, página A6.)

A propagação de qualquer religião pode ser dividida em três períodos dependendo do grau de influência que ela exerce nas pessoas. Durante o primeiro período, a religião pode oferecer um meio prático para resolver problemas imediatos. O segundo período ocorre quando a religião já está estabelecida na cultura e na sociedade, porém, torna-se formalizada e deixa de ser relevante para as necessidades das pessoas. Durante o terceiro período, a religião perde completamente sua eficácia. No budismo, esses três períodos são denominados, respectivamente, como os Primeiros Dias da Lei, os Médios Dias da Lei e os Últimos Dias da Lei.

Segundo o pensamento budista, os Primeiros e os Médios Dias da Lei duraram mil anos cada um e os Últimos Dias da Lei têm a duração de dez mil anos ou mais. Durante os Primeiros Dias da Lei, período que se iniciou imediatamente após a morte de Sakyamuni, o budismo foi praticado particularmente na Índia; porém, no início dos Médios Dias da Lei, propagou-se para a China. Os sutras e tratados foram traduzidos para o chinês. Por volta da metade desse período, a propagação do budismo alcançou a Península Coreana e o Japão. Essa tem sido a concepção geral em relação aos Primeiros e Médios Dias da Lei. Entretanto, também é possível dividir o período histórico da propagação budista em cada nação nesses três períodos consecutivos.

Os Primeiros, Médios e Últimos Dias da Lei não podem ser definidos com exatidão pelo fato de haver discordância em relação a quando exatamente Sakyamuni viveu e faleceu. Contudo, segundo a tradição budista da Ásia, Sakyamuni faleceu em 949 a.C. Seguindo esse raciocínio, o primeiro ano dos Últimos Dias da Lei seria em 1052. A classificação dos Três Períodos não indica uma alteração no ensino em si, mas está relacionada à capacidade das pessoas, especialmente aos monges budistas que recebem os ensinos. Durante o período inicial da propagação, quando os seguidores leigos do budismo ainda são minoria, eles baseiam sua prática na pura fé. Contudo, à medida que adquirem poder, autoridade e riqueza, o desejo de fama e outras ambições passam a tomar conta de sua mente e os monges líderes da ordem budista acabam perdendo a pureza da fé. Pode-se dizer que foi nessa época que a religião provavelmente entrou na fase dos Últimos Dias da Lei.

O budismo desapareceu completamente na Índia e na China. No Japão, os sacerdotes líderes também se deixaram influenciar pela avareza, ira e estupidez. Em conseqüência, o Budismo de Sakyamuni perdeu totalmente seu poder de salvação. Nessa era maléfica, Nitiren Daishonin fez seu advento como o Buda que revelaria o caminho da iluminação e salvaria todas as pessoas.

O conceito dos Últimos Dias da Lei está fundamentado nas mudanças que estavam previstas para ocorrer no Budismo de Sakyamuni; porém, esse conceito pode ser igualmente aplicado a qualquer religião — mesmo as do Ocidente. Quando observamos o grau em que uma religião pode beneficiar seus seguidores, é possível identificar o período pelo qual está passando como os Primeiros Dias, os Médios Dias ou os Últimos Dias. Da mesma forma, quando uma filosofia perde seu poder de iluminar e salvar a humanidade do desespero, da alienação e de outros sofrimentos, pode-se dizer que essa filosofia está sofrendo mudanças semelhantes às do período dos Últimos Dias da Lei.

Fontes:

- Fundamentos do Budismo, págs. 117–119.
- Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, págs. 36–38.

# Os três períodos de propagação (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1874, 01/01/2007, página B7.)

Pergunta: Na Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, o presidente da SGI, Daisaku Ikeda, comenta que existem três tipos de Sutra de Lótus. Quais são eles?

Resposta: O primeiro é o Sutra de Lótus de Sakyamuni, ou o sutra de vinte e oito capítulos de mesmo nome. O presidente Ikeda explica que esse Sutra de Lótus beneficiou as pessoas durante a existência de Sakyamuni e durante os Primeiros Dias da Lei. Contudo, atualmente, nos Últimos Dias, mesmo que conduzíssemos as práticas dos Primeiros Dias de ter e recitar esse sutra e de copiá-lo, não obteríamos nenhum benefício. As pessoas tendem a pensar superficialmente que a recitação dos capítulos Hoben e Juryo recitados durante a prática do Gongyo de manhã e à noite derivam dessa prática, contudo ela tem um significado diferente.

O segundo presidente da Soka Gakkai, Jossei Toda, explica: "O Sutra de Lótus dos Médios Dias da Lei é o Maka Shikan (Grande Concentração e Discernimento) de Tient'ai. O Sutra de Lótus para esta época dos Últimos Dias da Lei é o Nam-myoho-rengue-kyo, os 'sete caracteres do Sutra de Lótus' ocultos nas profundezas do capítulo Juryo. (...)

"Além desses, há um outro Sutra de Lótus que, apesar de não ter sido possível comprová-lo historicamente de forma precisa, foi igualmente reconhecido por Nitiren Daishonin, Sakyamuni, Tient'ai e Dengyo; trata-se do 'Sutra de Lótus de vinte e quatro caracteres' exposto pelo Bodhisattva Fukyo".

Ou seja, o Buda Sakyamuni da Índia ensinou o "Sutra de vinte e oito capítulos" para os que viveram durante sua existência e nos Primeiros Dias. Tient'ai da China expôs o Maka Shikan para as pessoas dos Médios Dias da Lei. E o Bodhisattva Fukyo expôs o então chamado "Sutra de Lótus de vinte e quatro caracteres" para as pessoas dos Médios Dias de um Buda chamado Ionno.

O presidente Toda explica que apesar das diferenças da época e da forma como o ensino foi expresso, todos eram na realidade o mesmo Sutra de Lótus. Ele se referia a isso com a expressão "vários tipos de Sutra de Lótus".

Portanto, o Sutra de Lótus não é simplesmente o "Sutra de Lótus de Sakyamuni". É também o "Sutra de Lótus de Tient'ai" e o "Sutra de Lótus do Bodhisattva Fukyo". Para Toda, que havia se iluminado para a essência do Sutra de Lótus, isso estava claro. E quando ele explanava o Sutra de Lótus, os ouvintes naturalmente conseguiam gravar na vida as distinções entre o Sutra de Lótus de Sakyamuni e o de Nitiren Daishonin.

O Myoho-rengue-kyo é o Sutra de Lótus dos Últimos Dias da Lei

O que as diferentes expressões desses "vários tipos de Sutra de Lótus" têm em comum? Segundo o presidente Ikeda, é fato de que "todos têm igualmente o potencial para tornar-se buda". Porém há grandes diferenças nas formas como Sakyamuni e Nitiren Daishonin expressaram esse ensino.

Segundo o presidente Ikeda: "Enquanto Sakyamuni expressou-o como o 'Sutra de Lótus de vinte e oito capítulos', Nitiren Daishonin, para fazer com que todas as pessoas dos Últimos Dias atingissem o estado de Buda, revelou o princípio último do Sutra de Lótus como Nam-myoho-rengue-kyo.

"Na obra Hokke Shuyo Sho (A Essência do Sutra de Lótus), Daishonin diz: 'Nitiren ignora o genérico e superficial e seleciona o essencial. A essência são os cinco caracteres do Myoho-rengue-kyo transmitidos ao Bodhisattva Jogyo'. (Gosho Zenshu, pág. 336.)

"Os cinco caracteres do Myoho-rengue-kyo, os quais constituem a essência do Sutra de Lótus, que é o Nam-myoho-rengue-kyo dos Três Grandes Ensinos Fundamentais, é o Sutra de Lótus apropriado para esta época dos Últimos Dias da Lei. Portanto, o presidente Toda denominou o ensino de Daishonin de 'Sutra de Lótus dos Últimos Dias da Lei'".

Fontes:

• Fundamentos do Budismo, págs. 117–119.

• Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, págs. 36–38.

# “Zangue” (sincero arrependimento) (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1875, 13/01/2007, página A6.)

Pergunta: Qual é o significado do termo budista “zangue” ou seja “sincero arrependimento”?

Resposta: Também utilizado como desculpar-se, “zangue” de modo geral, significa admitir os erros, as fraquezas e procurar corrigi-los ou saná-los.

O termo originou-se nos primórdios do budismo quando os membros da Ordem Budista reuniam-se e aqueles que haviam quebrado qualquer uma das normas monásticas desculpavam-se publicamente para purificar suas mentes. Esse pedido de perdão era chamado de “zangue”.

Com a ascenção do Budismo Mahayana, contudo, a ênfase nas normas e preceitos foi reduzida e conseqüentemente, o significado de “zangue” sofreu uma transformação. O “Sutra da Meditação sobre o Bodhisattva Fuguen”, que serve como epílogo do Sutra de Lótus, afirma: “O mar de todos os impedimentos cármicos origina-se da ilusão. Se você deseja fazer ‘zangue’” (arrepender-se de seu mau carma), sente-se ereto e medite sobre a verdadeira entidade da vida. Então, toda a ofensa do passado dissipar-se-á como geada e como gotas de orvalho sob a luz do sol da sabedoria eterna”.

Por outro lado, Nitiren Daishonin não escreveu que podemos “evitar” nosso mau carma e sim que o “sincero arrependimento” é possível somente quando experimentamos alguma dificuldade e compreendemos que ela existe devido ao nosso mau carma. Daí podemos entender que o carma não desaparece antes de aparecer seu efeito nesta vida.

O que fazer então para transformar o carma? Encontramos a resposta na expressão “sincero arrependimento”, que é explicado no “Sutra da Meditação sobre o Bodhisattva Fuguen”.

A frase “Sente-se ereto e medite sobre a verdadeira entidade da vida”, significa recitar o Daimoku com toda a fé ao Gohonzon. Então “o sol da sabedoria” que Nitiren Daishonin define como Nam-myoho-rengue-kyo, manifestar-se-á de dentro de nossa vida. Com a força vital do Nam-myoho-rengue-kyo podemos experimentar os efeitos de nosso carma muito mais levemente e erradicá-los em um tempo incomparavelmente curto.

Em outras palavras, como os erros de uma pessoa são gerados da ignorância da verdadeira natureza da vida — da cegueira quanto a sua própria natureza de Buda, assim como a de outras pessoas — despertar para a realidade da vida e fazer evidenciar o estado de Buda inerente, é, em si, o ato supremo de “zangue”. Isto é denominado de “zangue” majestoso e solene (Daison Zangue).

Não devemos interpretar erroneamente a expressão “sincero arrependimento” como implorar o perdão a alguma força externa. Abraçar o Gohonzon, fazendo fluir o estado de Buda inato, e empenhar-se pelo Kossen-rufu para que outras pessoas possam fazer o mesmo, são formas máximas de “arrependimento”.

Fontes:

• Explanações das Escrituras de Nitiren Daishonin, vol.III, pág. 2.

• Terceira Civilização, edição no 328, dezembro de 1995, pág. 21.

# “Zangue” (sincero arrependimento) (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1876, 20/01/2007, página A5.)

Pergunta: O sincero arrependimento pode erradicar até mesmo o carma imutável?

Resposta: A doutrina do carma ensina que a realidade da vida de uma pessoa no presente é a soma total de todas as suas ações passadas, desta existência e das prévias e que suas ações presentes, ao mesmo tempo, moldam o futuro.

Em uma passagem do escrito “Sobre prolongar a vida” consta: “O carma também pode ser dividido em duas categorias: mutável e imutável. O arrependimento sincero erradicará até mesmo um carma imutável, o que não dizer do carma mutável”. (The Writings of Nichiren Daishonin, pág. 954.)

Considera-se que as causas mais sérias, boas ou más, formam o carma imutável, enquanto que as causas mais leves criam o carma mutável. Em termos práticos, o carma mutável é aquele que pode ser transformado por meio de esforços comuns, enquanto que o carma imutável refere-se àquele que está muito mais arraigado e exerce uma influência maior que o carma mutável.

Como regra geral, o carma mais leve (mutável), manifesta-se completamente na mesma existência em que foi formado. A maioria das nossas ações diárias pertence a essa categoria. Entretanto, se alguém cometer ofensas excepcionalmente graves, este carma pode ser transportado, causando-lhe sofrimentos em uma outra existência, três existências ou muito mais. Contudo, Nitiren Daishonin ensina que mesmo o carma imutável pode ser transformado por meio do poder da Lei Mística.

A recitação do Nam-myoho-rengue-kyo nos habilita a erradicar o nosso carma negativo e transformar o nosso destino para melhor. Os dois princípios do budismo que comprovam essa mudança em nossa vida são: o princípio de Amenizar o Efeito Cármico (tenju kyoju), ou seja, abraçando-se a Lei Mística o mau carma que vinha causando sofrimentos por um longo período de tempo é rapidamente erradicado, e a pessoa recebe efeitos mais amenos do que experimentaria, e o princípio de Transformar o Veneno em Remédio (hendoku iyaku), em que os efeitos são realmente transformados em benefícios e iluminação.

Nas parábolas budistas, exemplificando a superação do carma imutável, podemos citar o rei Ajase: “Durante décadas, o rei Ajase, influenciado por Devadatta, governou tiranicamente o reino de Magadha, trazendo desgraça ao seu povo. Em decorrência de suas calúnias à Lei, vários desastres naturais, como fortes ventanias, epidemias e fome, assolaram o reino, causando muitas mortes. Além disso, Magadha sofreu ataques de reinos vizinhos e chegou à beira da destruição. Então, quando Ajase estava com 50 anos, começaram a aparecer feridas por todo o seu corpo. Guiba usou o máximo de sua habilidade médica mas não havia nada que pudesse fazer para curar o rei. Ajase teria apenas três semanas de vida e, devido aos seus atos maldosos, cairia infalivelmente no inferno de incessantes sofrimentos. Ao se deparar com esse triste fim, todos os prazeres que sentira até aquele momento desapareceram num piscar de olhos”.

Vendo o seu sofrimento, Sakyamuni, com sua imensurável benevolência, expôs seu ensino. Por fim, Ajase percebeu seus erros e afastou-se de Devadatta. Sinceramente arrependido, ele abraçou a Lei e curou-se de sua doença. Dessa forma, os graves pecados que atormentavam seu coração desapareceram como o orvalho sob o sol da manhã.

Fontes:

. Explanações das Escrituras de Nitiren Daishonin, vol.III, pág. 20.

. Terceira Civilização, edição no 328, dezembro de 1995, pág. 21.

# Rei Demônio do Sexto Céu (Dai Rokuten no Mao) (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1827, 14/01/2006, página A6.)

Pergunta: Qual é o significado de demônio no budismo e como podemos identificar sua ação? Qual é o mais poderoso demônio?

Resposta: No budismo, o conceito de demônio é bem diferente da figura popularmente conhecida como um ser assustador, possuidor de incontida maldade e que atormenta as pessoas que foram encaminhadas ao inferno após a morte devido a seus pecados.

O conceito de demônio no budismo é descrito pela expressão japonesa ma, e significa matança, destruição ou pestilência. É caracterizado como força ou influência negativa inerente a todas as pessoas, influenciando-as em maior ou menor grau em seu cotidiano. Ela conduz as pessoas à hostilidade, ira e inveja, podendo até mesmo levar um indivíduo a ferir ou assassinar outro. Tudo aquilo que impede a pessoa de fazer o bem ou praticar o budismo é considerado ma.

Nitiren Daishonin, que sofreu todos os possíveis e inimagináveis ataques e perseguições, definiu a ação dessas maldades como sansho shima (Três Obstáculos e Quatro Maldades). Dentre todos os tipos de obstáculos e maldades o mais forte e poderoso é o Rei Demônio do Sexto Céu.

O Rei Demônio do Sexto Céu é o rei dos demônios que habitam o mais elevado ou o sexto céu do mundo dos desejos. Segundo a visão do mundo da Índia antiga, o mundo dos desejos era dividido em seis céus, e o sexto era dominado pela pior das maldades, que escraviza as pessoas e as manipulam para satisfazer seus desejos. Por essa razão, também é conhecido como “Aquele que Desfruta Livremente as Coisas Evocadas pelos Outros”.

Embora inicialmente possamos pensar que essa maldade exista num mundo externo, o “Demônio do Sexto Céu” é, na prática, a manifestação da natureza inerente na vida do ser humano.

O presidente Ikeda faz o seguinte comentário: “O Demônio do Sexto Céu pode ser considerado como a tendência de buscar usar tudo e todos como um meio. Em certo sentido, esta é uma tendência natural que todos os seres possuem. O Universo e a própria vida são, em essência, um só. Apesar de as pessoas compreenderem isso intelectualmente, em geral elas não conseguem entender na profundidade da vida. Isso poderia ser denominado de escuridão fundamental. Devido a essa ignorância a respeito da verdadeira natureza da vida, as pessoas tentam fazer com que tudo e todos no Universo sirvam-nas, tentam transformá-los em meios. Essa é a função do Demônio do Sexto Céu, da natureza maligna do poder.”

Ao analisarmos a vida de Daishonin, compreendemos que o surgimento do Demônio do Sexto Céu é infalível quando empreendemos a propagação da suprema lei. Por outro lado, é somente quando travamos uma batalha contra esse mal e o vencemos é que podemos revelar o real aspecto da vitória como devotos do Sutra de Lótus, comprovando nossos juramentos como discípulos de Nitiren Daishonin.

Referências: • Guia Prático do Budismo, pág. 121. • Brasil Seikyo, edição no 1.425, 9 de agosto de 1.997, pág. 3. • Ibidem, edição no 1.667, 14 de setembro de 2002, pág. A7.

# Rei Demônio do Sexto Céu (Dai Rokuten no Mao) (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1828, 21/01/2006, página A7.)

Pergunta: Qual a causa básica da violência social, como por exemplo as guerras que ocorrem ao redor do mundo?

Resposta: Segundo o budismo, a maldade é interpretada como “ladrão da vida”, “assassina” ou “destruidora” que cria confusão na mente das pessoas, rouba a vida e destrói a sabedoria. A mais poderosa é denominada no budismo de “demônio do sexto céu”. Embora, aparentemente, pareça uma maldade existente num mundo externo, o “demônio do sexto céu” é uma natureza inerente na vida do ser humano. Quando a vida é dominada por essa natureza maligna, o homem se transforma em assassino ou destruidor e provoca a guerra.

Quando foi libertado da prisão ao final da Segunda Guerra Mundial, diante de um Japão em ruínas e um povo mergulhado no abismo do sofrimento e do desespero, Jossei Toda declarou: “Quero banir a miséria da face da Terra!” Esse foi o desejo mais acalentado em toda a sua vida. “Enquanto houver no mundo pessoas sofrendo e vivendo na miséria — ou melhor, enquanto houver pessoas — nossa luta pelo Kossen-rufu jamais cessará.” Desse juramento iniciou-se o histórico movimento de 750 mil conversões em sete anos.

Posteriormente, no dia 8 de setembro de 1957, ele proferiu a Declaração pela Abolição das Armas Nucleares, no Estádio Mitsuzawa, em Yokohama. Nessa declaração, o presidente Toda denunciava rigorosamente como “a encarnação do mal, um demônio, um monstro”, qualquer pessoa que ameaçasse o direito da humanidade à existência — como, por exemplo, com o uso das armas nucleares. Essa foi uma última ordem formal na qual o Sr. Toda confiou aos jovens a missão de salvaguardar a felicidade da humanidade e a paz do mundo.

No budismo, o termo “escuridão fundamental” é usado para descrever a ignorância mais fundamental e a ilusão inerentes na vida humana. O objetivo de nossa grande atuação em prol do Kossen-rufu, de nosso grandioso movimento pela revolução humana, é transformar essa escuridão inata em luz. Nosso objetivo é vencer as tendências destrutivas e traiçoeiras existentes na vida humana, as quais fazem surgir o ódio e a desconfiança, a violência e o medo.

O Demônio do Sexto Céu, também conhecido como demônio da “escuridão fundamental”, pode até mesmo entrar na vida de um bodhisattva e impedi-lo de atingir o benefício máximo do Sutra do Lótus — o estado de Buda. O fato de vencer ou não a escuridão fundamental determina se uma pessoa atingiu realmente o estado de Buda. O único caminho para combater essa maldade é armar-se com a força da vida de buda. Por meio de nossa ação concreta e munidos de benevolência e coragem, nossa atuação é fundamental para auxiliar as pessoas que estão presas às “amarras da maldade” manipuladas pelo “Demônio do Sexto Céu” que habita o coração das pessoas.

Da perspectiva budista, o mundo é um local dominado pelo Demônio do Sexto Céu. A presença da SGI é como um sol da suprema justiça rompendo a profunda escuridão do negativismo e da destruição que cobre o planeta.

Incentivando todos os membros da SGI sobre a importância da coragem para combater as maldades, o presidente da SGI, Daisaku Ikeda, citou as palavras do filósofo Sócrates: “Se um homem quisesse mover o mundo, deveria primeiro mover a si mesmo.” (Brasil Seikyo, edição no 1.596, 24 de março de 2001, pág. A3.) E também, o famoso escritor francês Victor Hugo: “A devoção de um único homem proporcionou força e coragem a todos.” (Ibidem.)

Fontes de Consulta:

• Brasil Seikyo, edição no 1.667, 14 de setembro de 2002, pág. A7.

• Ibidem, edição no 1.689, 22 de fevereiro de 2003, pág. A4.

• Ibidem, edição no 1.819, 12 de novembro de 2005, pág. A6.

# Rei Demônio do Sexto Céu (Dai Rokuten no Mao) (3)

(Brasil Seikyo, edição nº 1829, 28/01/2006, página A7.)

Pergunta: Poderia exemplificar a ação do Demônio do Sexto Céu na trajetória da vida de Nitiren Daishonin?

Resposta: Podemos constatar a manifestação do Demônio do Sexto Céu praticamente em todos os momentos da vida de Daishonin a partir do momento em que ele revelou a Lei de Nam-myoho-rengue-kyo em 28 de abril de 1253. Ele advertiu os governantes e líderes religiosos da época apontando ser a crença em seitas errôneas a principal causa para as calamidades que assolavam o país e revelou a Lei Mística como sendo o único e supremo ensino capaz de livrar o povo e a nação do ciclo de sofrimentos. Como resultado, ele atraiu para si o ódio e a inveja de todo o povo do Japão.

Destemidamente, ele e seus discípulos enfrentaram seguidas perseguições e Nitiren Daishonin chegou a ser exilado duas vezes. Enfim, são inúmeras as ações do Demônio do Sexto Céu que se levantaram para impedir Daishonin em sua corajosa batalha para salvar toda a humanidade.

Num escrito ele narra: “Apesar de eu, Nitiren, não ser um homem de sabedoria, o Rei Demônio do Sexto Céu tentou tomar posse de meu corpo. Mas eu tenho tomado tanto cuidado que ele não mais consegue chegar perto de mim. Portanto, como o poder do demônio celestial não tem nenhuma eficácia contra mim, ele toma posse do governante e de seus altos oficiais, ou de monges tolos tais como Ryokan, e faz com que eles tenham ódio de mim.” (WND, págs. 309–310.)

Encontramos também no escrito “Carta à Monja Ben” a seguinte passagem: “O Demônio do Sexto Céu atiçou suas dez forças e está atacando os praticantes do Sutra de Lótus a fim de não perder o domínio sobre o mundo real onde convivem as pessoas dos seis caminhos e dos quatro nobres estados de vida. Nitiren, por sua vez, convocou as forças do bem para combatê-lo e vem lutando por mais de vinte anos sem jamais recuar. Contudo, entre aqueles que se dizem discípulos e seguidores de Nitiren, há muitos que estão propensos a abandonar a fé acovardando-se diante da ameaça.”

As dez forças aqui mencionadas referem-se às ações das maldades que dominam o mundo dos desejos mundanos. São: (1) Apego aos desejos mundanos e negligência da prática da fé; (2) Depressão e perda de entusiasmo; (3) Fome e sede; (4) Apego aos prazeres e aos vícios em geral; (5) Ociosidade; (6) Medo e covardia; (7) Dúvida e arrependimento; (8) Ira; (9) Fama e fortuna; e (10) Arrogância e desdém. O Demônio do Sexto Céu age com essas dez forças para atingir as pessoas nos seis caminhos do Inferno, Fome Animalidade, Ira, Tranqüilidade e Alegria para se fortalecer e, então, atacar as que estão nos quatro nobres estados de vida, ou seja, Erudição, Absorção, Bodhisattva e Buda.

Dentre elas, o estado de Buda é a condição de vida em que a pessoa adquire a sabedoria que lhe permite compreender a verdadeira essência da vida, a manifestar a profunda benevolência por todas as pessoas e a obter a percepção das três existências da vida e da Lei básica do Universo. É uma condição de felicidade absoluta que nada pode corromper.

Podemos interpretar esta frase no sentido de que a prática do budismo é uma batalha entre as forças do bem e do mal em defesa da verdade e da justiça. E a promoção do Kossen-rufu é justamente o campo de batalha contra a obstrução impetrada pelo Demônio do Sexto Céu.

Numa recente mensagem do líder da SGI, Daisaku Ikeda, aos membros da BSGI, ele cita a seguinte frase de Daishonin: “O benefício é constituído pelos atos de combater o mal e de criar o bem.” E recomenda: “Tudo que provoca a infelicidade para as pessoas é chamado de maldade. Se não combatermos o mal, não poderemos conquistar a verdadeira felicidade. Por isso mesmo, devemos lutar contra o mal e fazer com que a justiça e a verdade triunfem majestosamente. O próprio Nitiren Daishonin promoveu pessoalmente a grande batalha literária num debate acirrado com as maldades.”

Os membros da BSGI, ultrapassando todas as diferenças entre si, incentivam-se mutuamente para que nenhum integrante se torne como “aqueles que se dizem discípulos e seguidores de Nitiren” e “estão propensos a abandonar a fé acovardando-se diante da ameaça”.

Fontes de Consulta:

• Terceira Civilização, edição no 415, março de 2003, pág. 5.

• Brasil Seikyo, edição no 1.726, 6 de dezembro de 2003, pág. A3.

• Ibidem, edição no 1.816, 22 de outubro de 2005, pág. B5.

# Rei Demônio do Sexto Céu (Dai Rokuten no Mao) (4)

(Brasil Seikyo, edição nº 1830, 04/02/2006, página A6.)

Pergunta: Certamente, por defender os ensinos de Nitiren Daishonin, a Soka Gakkai deve ter sido alvo de inúmeras ações do Demônio do Sexto Céu. Poderia comentar como essas maldades se manifestaram para tentar impedir o avanço e, até mesmo, destruir a organização?

Resposta: No romance Nova Revolução Humana há este trecho: "No escrito 'Carta a Missawa' consta que o rei das maldades ordena seus súditos a penetrarem no coração dos discípulos do Buda com a finalidade de criar a dúvida entre eles como uma forma eficaz para obstruir o avanço do Kossen-rufu." (Capítulo "Correnteza Pura", vol. VIII, pág. 174.)

Ao longo de sete décadas de história, a Soka Gakkai enfrentou a ação do Demônio do Sexto Céu em forma de perseguição manifestada, principalmente, pelas autoridades clericais. Em todos os momentos, ela venceu graças à brilhante liderança dos três presidentes que protegeram com sua própria vida a organização e os preciosos filhos do Buda.

O presidente fundador, Tsunessaburo Makiguti, foi preso pelo governo militar japonês em 6 de julho de 1943 devido às suas convicções pacifistas e à sua oposição de se submeter à religião nacionalista. Ao contrário do que era de se esperar, nenhum clérigo da Nitiren Shoshu se opôs a essa exigência do governo japonês e, inclusive, poucos dias antes da prisão, Makiguti, juntamente com o seu discípulo, Jossei Toda, foram convidados pela própria liderança do clero da Nitiren Shoshu da época a aceitarem "provisoriamente" o talismã xintoísta e, assim, não atrair a antipatia do governo. Makiguti veio a falecer serenamente em 18 de novembro de 1944 sem recuar um passo sequer em sua luta para proteger o espírito do Budismo de Nitiren Daishonin.

Jossei Toda foi libertado em 3 de julho de 1945 com a saúde extremamente debilitada. Ele jurou combater a maldade e a miséria que se alojaram no coração do povo japonês e que tirara a vida de seu mestre na prisão. Lançou a histórica campanha de 750 mil conversões em sete anos para comprovar a grandiosidade do Budismo Nitiren, assim como a retidão da convicção de seu mestre, Makiguti. Daisaku Ikeda, por sua vez, assumiu a presidência da Soka Gakkai em 1960 e lançou a meta de 3 milhões de famílias até o sétimo aniversário de falecimento de Toda, em 1954.

Não demorou muito para que novamente o Demônio do Sexto Céu surgisse para abalar a Soka Gakkai, agora em forma de conspiração do clero procurando destruir a união harmoniosa da organização. Em 1979, por pressão do clero, o presidente Ikeda foi obrigado a renunciar à presidência para deter os bonzos que maltratavam os membros. A exigência do clero era uma só: "Basta que o Sr. Ikeda deixe a presidência da Soka Gakkai. Se isso acontecer, poderá haver harmonia entre clérigos e adeptos."

Na década de 1990, Nikken Abe, o 67o sumo prelado, utilizando-se de sua autoridade religiosa, surpreendeu os milhares de integrantes da SGI ao serem excomungados arbitrariamente por ele. Nikken usou, inclusive, o Gohonzon como instrumento de intimidação, proibindo a peregrinação e destruindo as principais edificações do Templo Principal, manchando terrivelmente a jornada do Kossen-rufu.

Uma vez que o Kossen-rufu é uma batalha entre o mal inerente ao ser humano e o exército de budas e bodhisattvas, as maldades continuarão se manifestando por meio de atos ilícitos, afastando os líderes da organização da prática da fé, nutrindo a revolta deles contra a Soka Gakkai e, ainda, pela opressão do poder religioso.

A vitória da Soka Gakkai sobre todas as ações do Demônio do Sexto Céu é a própria vitória da luta conjunta de mestre e discípulo. A realização do Kossen-rufu torna-se possível quando existem pessoas que defendem o espírito original do Buda Nitiren Daishonin. Caso contrário, esse ideal será desvirtuado e o budismo servirá como instrumento para sustentar a ganância dos religiosos.

Jossei Toda, nos últimos momentos de sua vida, deixou o seu brado de justiça nas seguintes palavras que se tornaram o seu testamento: "Jamais permita a impunidade de atos que procuram destruir o ensino de Nitiren Daishonin. Lutem com veemência contra as maldades que criaram teias dentro do Templo Principal. Shin-iti, esteja sempre atento. Não recue um passo sequer! Não afrouxe jamais a força de combate!"

Fontes de Consulta:

• Brasil Seikyo, edição no 1.520, 21 de agosto de 1999, pág. 2.

• Ibidem, edição no 1.530, 6 de novembro de 1999, pág. 7.

• Ibidem, edição no 1.657, 29 de junho de 2002, pág. A9.

# As Três Virtudes de Soberano, Mestre e Pais do Budismo da Semeadura dos Últimos Dias da Lei (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1877, 27/01/2007, página A7.)

Pergunta: De acordo com o budismo, o que é ser benevolente?

Resposta: Com as palavras, “Eu, Nitiren, sou o soberano, mestre e pais de todo o povo do Japão” (Os Escritos de Nitiren Daishonin, vol. IV, pág. 220), Daishonin declara ser aquele que possui todas as três virtudes de soberano, mestre e pais nos Últimos Dias da Lei. Essa passagem também forma a base para designar o escrito “Abertura dos Olhos”, que revela o objeto de devoção em termos de Pessoa. Embora esse trecho possua muitos significados, nesta oportunidade será esclarecida a conduta benevolente como praticante budista que constitui a essência das três virtudes.

O Sutra de Lótus, o ensino essencial do Budismo de Sakyamuni, elucida a suprema benevolência do Buda e sua dedicação de guiar todas as pessoas à iluminação. Daishonin refere-se ao Sutra de Lótus como o “princípio último da benevolência”. (Gosho Zenshu, pág. 9.) No Sutra de Lótus, essa benevolência suprema do Buda é exposta como as três virtudes de soberano, mestre e pais.

A benevolência é o coração do budismo e a essência do Sutra de Lótus. A falta de benevolência contradiz totalmente o espírito do budismo. Em um dos primeiros escritos budistas, o Sutta-nipata, Sakyamuni, fundador dessa filosofia, explica que a “bondade” ou a benevolência é prova da iluminação.

Em outras palavras, aqueles que atingiram a verdadeira iluminação sentem uma infinita benevolência por todos os seres vivos e pelo mundo inteiro. Sem esse espírito, as pessoas não podem se considerar realmente iluminadas. A verdadeira iluminação é uma fonte de benevolência inesgotável; e a benevolência é a prova de nosso verdadeiro estado de Buda.

A frase “Eu, Nitiren, sou o soberano, mestre e pais de todas as pessoas do Japão” (Os Escritos de Nitiren Daishonin, vol. IV, pág. 220), esclarece que a prática de Daishonin como devoto do Sutra de Lótus inclui as três virtudes, como uma expressão da benevolência do Buda exposta no Sutra de Lótus.

Fontes:

• Terceira Civilização, edição no 438, fevereiro de 2005, “Abertura dos Olhos”, págs. 46–53.

• Ibidem, edição no 457, setembro de 2006, “Abertura dos Olhos”, págs. 46–51.

# As Três Virtudes de Soberano, Mestre e Pais do Budismo da Semeadura dos Últimos Dias da Lei (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1878, 03/02/2007, página A6.)

Pergunta: A prática do devoto do Sutra de Lótus inclui as três virtudes?

Resposta: Sim. Os esforços de Nitiren Daishonin para estabelecer o ensino correto, a fim de trazer paz e segurança à nação, correspondem à virtude de soberano. Essa virtude é caracterizada pelo compromisso de proteger e salvar toda a humanidade e o desejo em relação à ampla propagação da Lei Mística pelo mundo inteiro e à transmissão do budismo para o Oeste.

Com relação à virtude de pais, Daishonin a demonstrou por meio da prática do Chakubuku. A origem dos sofrimentos, nos Últimos Dias da Lei, encontra-se no mal fundamental das calúnias ou atos contra a Lei. Dessa forma, quando Daishonin utiliza o Chakubuku como método de propagação — ou seja, a rigorosa refutação dos atos contra a Lei —, ele está empreendendo uma luta para compartilhar e amenizar os sofrimentos dos seres humanos. A prática do Chakubuku não é motivada por um "coração que cria discórdia", mas por um espírito de combater o mal e expressa o estado de Bodhisattva, caracterizado pelo desejo benevolente de libertar as pessoas do sofrimento.

Por último, a virtude de mestre é demonstrada por Nitiren Daishonin ao revelar e deixar para a humanidade a grande Lei, o Nam-myoho-rengue-kyo, com a qual abriu o portal para a iluminação universal. Se o Chakubuku — a refutação das calúnias à Lei — é para remover o sofrimento das pessoas, a propagação do Nam-myoho-rengue-kyo é para conceder alegria.

Dessa forma, podemos concluir que como devoto do Sutra de Lótus Daishonin possuía ações benevolentes e altruístas que incluem as três virtudes.

É importante destacar que Daishonin não só manifestou essas três virtudes de benevolência em sua própria vida e empenhou-se em salvar todos os seres vivos da era impura dos Últimos Dias da Lei, como também estabeleceu o Chakubuku e a recitação do Nam-myoho-rengue-kyo como práticas concretas para que todas as pessoas conduzissem uma vida de benevolência por seus semelhantes. Em outras palavras, ele não só viveu de maneira benevolente, mas mostrou às pessoas o caminho para que fizessem o mesmo. Podemos interpretar isso como a verdadeira razão de Daishonin ser considerado o Buda Original dos Últimos Dias da Lei.

Certamente, é difícil para nós, pessoas comuns, manifestarmos espontaneamente essa benevolência; não obstante, em vez disso, podemos nos armar de coragem. Quando praticamos e propagamos com coragem a Lei da benevolência, esse esforço equivale a empreender uma ação benevolente. Esses esforços naturalmente conduzirão ao desenvolvimento de relações humanas positivas, com base na benevolência e no amor que se propagam de um indivíduo a outro. Nosso desafio está em inspirar a correnteza da benevolência no mundo da escuridão fundamental e em nos empenhar incansavelmente para criar um mundo em que as pessoas sintam empatia umas pelas outras com base no ensino budista.

# As Três Virtudes de Soberano, Mestre e Pais do Budismo da Semeadura dos Últimos Dias da Lei (3)

(Brasil Seikyo, edição nº 1879, 10/02/2007, página A6.)

Pergunta: Com relação às três virtudes, existe uma nova perspectiva revolucionária sobre a religião?

Resposta: De acordo com o pensamento tradicional, Sakyamuni foi um grande buda que possuía as três virtudes de soberano, mestre e pais para o bem dos seres vivos; mas, na verdade, isso não está correto. O Buda Sakyamuni pôde demonstrar as virtudes de soberano, mestre e pais a todos os seres vivos justamente porque cada ser humano possui a natureza de Buda e está dotado do potencial para manifestar essa condição. Por isso, Nitiren Daishonin em "O Verdadeiro Aspecto de todos os Fenômenos" (WND, pág. 384) proclama que são os seres vivos que dotaram Sakyamuni com as três virtudes.

Vemos aqui um novo enfoque revolucionário com respeito às três virtudes e à natureza da religião. No enfoque convencional, um soberano governa e reina sobre seus súditos, os mestres instruem e educam seus alunos, e os pais dão vida a seus filhos que os honram como progenitores. Se atentarmos para a natureza dessas relações, o soberano, o mestre e os pais são figuras de autoridade. Com base nisso, quando o Buda se compara a eles, o resultado é um budismo autoritário.

Mas os soberanos autênticos são os que ajudam seus súditos a serem felizes; os mestres genuínos são os que possibilitam que seus discípulos cresçam e se desenvolvam; e os pais verdadeiros são os que educam os filhos para se tornarem excelentes adultos. Com base nesse modelo, os soberanos podem manifestar seu poder como governantes só porque seus súditos possuem o potencial para serem felizes; os mestres podem atuar como tais só porque seus alunos possuem o potencial para um extraordinário desenvolvimento; os pais podem cumprir seu papel como progenitores só porque seus filhos possuem o potencial de se desenvolverem como homens e mulheres de grande capacidade.

O mesmo princípio se aplica ao budismo. Os budas podem ser dotados das três virtudes de soberano, mestre e pais somente porque os seres humanos possuem o potencial para atingir o estado de Buda.

Essa declaração de Daishonin indica uma mudança radical, de uma "religião autoritária", caracterizada pela veneração submissa aos budas e às divindades e pela dependência às orações de clérigos para ter boa sorte e receber proteção, para uma "religião humanística centrada nas pessoas" que existe para a felicidade de todos os seres humanos.

A SGI é uma organização que incorpora os atos benevolentes do Buda e nosso maior orgulho é saber que ela herdou legitimamente as três virtudes de soberano, mestre e pais e a missão de mudar o destino do mundo nesta época cada vez mais sombria, pela construção do século do humanismo Soka com os olhos voltados para um grandioso futuro.

Fontes:

• Terceira Civilização, edição no 438, fevereiro de 2005, "Abertura dos Olhos", págs. 46-53

• Ibidem, edição no 457, setembro de 2006, "Abertura dos Olhos", págs. 46-51.

# Os Oito Ventos (happu) (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1880, 17/02/2007, página A7.)

Pergunta: Qual o significado do termo “oito ventos”?

Resposta: Oito ventos é o nome dado a uma carta escrita por Nitiren Daishonin em 1277, no Monte Minobu, e endereçada a Shijo Kingo, um de seus seguidores, que era samurai e médico e, portanto, desfrutava de certo reconhecimento e respeito. Na época, por seguir os ensinamentos de Daishonin, Shijo Kingo vinha sendo perseguido e injustiçado pelas autoridades contrárias ao ensino. A carta incentivava-o a jamais abandonar a fé diante de tais circunstâncias.

“Um homem verdadeiramente sábio não será arrebatado por nenhum dos oito ventos: prosperidade, declínio, desgraça, honra, elogio, censura, sofrimento e prazer. Ele não se inflama com a prosperidade nem se desespera com o declínio. Os deuses celestes seguramente protegerão aquele que não se curva diante dos oito ventos.” (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. III, págs. 201–202.)

Portanto, os oito ventos são oito condições que impedem as pessoas de avançar ao longo do caminho da iluminação pois, como seres humanos, somos freqüentemente dominados por apegos à prosperidade, à honra, ao elogio e ao prazer, ou então manifestamos aversão ao declínio, à desgraça, à censura e ao sofrimento.

Nessa carta, Daishonin afirma: “A mente humana se altera com a mesma facilidade que o vento muda de direção”.

O presidente da SGI, Daisaku Ikeda, discorreu sobre esse conceito em um de seus discursos: “A palavra ‘vento’ significa ‘agitar’. Esses ventos estão em constante movimento e não cessam por um instante sequer, assim como nossa mente.

“Como seres humanos, não há nada de errado em desejar a prosperidade, merecer a honra e o elogio, ou então desfrutar os prazeres da vida, pois tudo isso faz parte da vida. O problema está no apego demasiado, ou seja, de as pessoas viverem em função de coisas que são efêmeras. Dedicar-se ao nobre propósito do Kossen-rufu ou da paz mundial e felicidade de todos possibilita elevar e fortalecer a condição de vida de uma pessoa tal qual a de um bodhisattva. Uma pessoa com essa condição de vida também não vacila quando enfrenta o declínio, a desgraça, a censura ou o sofrimento. Ela não se deixa levar pelos oito ventos, ao contrário, enfrenta-os e segue adiante em seu caminho para o autodesenvolvimento e a felicidade.

“Os ‘oito ventos’ são assim chamados porque causam constante agitação. Isso também é explanado nos sutras. ‘Os oito ventos são divididos em duas categorias: ‘os quatro ventos favoráveis’ — prosperidade, honra, elogio e prazer — e os ‘quatro ventos desfavoráveis’ — declínio, desgraça, censura e sofrimento.’” (Guia de Orientações Líder, setembro de 1986, págs. 34–35.)

Qual seria então a chave do fortalecimento das pessoas para não serem abaladas pelos oito ventos? A resposta está associada a outro conceito budista: os Dez Mundos ou Dez Estados da Vida (Inferno, Fome, Animalidade, Ira, Tranqüilidade, Alegria, Erudição, Absorção, Bodhisattva e estado de Buda).

Um indivíduo que se deixa influenciar por problemas tanto grandes como pequenos possui uma condição de vida baixa. Pode-se dizer que as pessoas nos estados de Inferno a Absorção estão sujeitas a sucumbir à influência dos oito ventos. A recitação do Nam-myoho-rengue-kyo e a dedicação séria e sincera às atividades que visam a paz mundial e a felicidade da humanidade são ações que elevam o estado de vida das pessoas, pois são objetivos que estão muito acima dos oito ventos.

No emprego da palavra “oito ventos” para se referir a essas condições favoráveis e desfavoráveis, podemos observar outro aspecto. Durante uma caminhada, por exemplo, estamos em contato constante com os ventos, ora refrescante ora gélido. A jornada da vida de uma pessoa pode ser comparada a essa caminhada em que as condições favoráveis ou desfavoráveis se manifestam constantemente como os “ventos”. Além disso, tal como os “ventos”, são circunstâncias externas que acabam passando por nós. Assim, Daishonin ensina que devemos elevar nossa condição de vida de forma que os “oito ventos” não nos influencie.

Em outras palavras, o ponto mais importante é fortalecermos e polirmos nossa vida com base na recitação do Daimoku, elevar a condição básica da vida a ponto de não sermos influenciados pelos oito ventos. Por outro lado, os “ventos” simbolizam também um aspecto passageiro e não duradouro. As condições favoráveis ou desfavoráveis descritas nos “oito ventos”, isto é, a prosperidade, o declínio, a desgraça, a honra, o elogio, a censura, o sofrimento e o prazer, são também passageiros.

O presidente Ikeda afirmou em um discurso que o grandioso progresso da SGI se deve exatamente ao avanço constante de seus membros com base em uma sincera prática da fé sem serem influenciados por ventos favoráveis ou desfavoráveis, juntamente com os sucessivos presidentes da Soka Gakkai, tal como a frase desse escrito, “Os deuses celestes seguramente protegerão aqueles que não se curvam diante dos oito ventos”.

Concluindo, é fundamental que, tendo a mais profunda fé ao Gohonzon como base, elevemos nosso estado de vida, analisando sempre se nossas próprias atitudes do dia-a-dia não estão sendo dominadas pelos “oito ventos”.

Fonte

• Terceira Civilização, edição no 414, fevereiro de 2003, pág. 4.
• Brasil Seikyo, edição no 1.705, 28 de junho de 2003, pág. C2.

# Os Oito Ventos (happu) (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1881, 03/03/2007, página A7.)

Pergunta: O que significam os “Oito Ventos”?

Resposta: São a prosperidade, o declínio, a honra, a desgraça, o elogio, a censura, o prazer e o sofrimento.

A prosperidade abrange todas as formas de lucros e ganhos. Nessa condição, a pessoa busca somente progresso material, profissional ou financeiro, afastando-se da prática budista. “Voltarei a participar das atividades mais assiduamente depois que vencer profissionalmente” ou “minha vida está indo de vento em popa. Não preciso me esforçar tanto na prática.”

O declínio significa enfraquecimento e perda. Desmotivadas pelas condições de vida desfavoráveis, as pessoas tendem a perder a energia e a coragem, desviando-se da prática correta. Elas pensam: “Puxa, tenho praticado tanto e minha condição nunca melhora!” ou “Quando tiver melhores condições financeiras participarei mais ativamente das atividades da organização”.

A honra é um sentimento que leva o ser humano a procurar merecer e manter a consideração daquele ao seu redor. Porém, a distorção de seu significado pode levar as pessoas a se tornarem arrogantes e autoritárias. Pensar que já sabe o suficiente da prática budista devido aos anos de prática, colocando-se acima de recém- convertidos, é um exemplo desse tipo de conduta.

A desgraça é uma condição em que a pessoa perde a credibilidade e o respeito por parte dos outros em decorrência de falhas ou atitudes praticadas pela própria pessoa ou, ainda, por intrigas e difamações de pessoas ao seu redor motivadas por inveja ou rancor.

O elogio é o enaltecimento expresso por meio de palavras ou gestos. Contudo, essas manifestações podem se tornar prejudiciais quando as pessoas passam a depender disso, condicionando seu avanço ou sua ação ao reconhecimento dos outros. Quando, por exemplo, não recebem elogios por seus esforços em uma atividade, desanimam em sua prática budista, pensando. “Não vou mais me dedicar, pois as pessoas não reconhecem meu empenho”.

A censura é o ato de repreender ou insultar. Há pessoas que, ao serem repreendidas ou orientadas com rigorosidade, acabam desanimando ou se irritando com as outras, afastando-se delas e até da prática budista. “Não gostei de ser repreendido. Não vou mais apoiar esta atividade”, ou “meus familiares que não praticam me criticam por participar das atividades. Não sei o que fazer”.

O prazer, nesse contexto, refere-se a qualquer tipo de atividade prazerosa que desvie a pessoa da prática correta. Como, por exemplo: “Agora vai passar aquele programa que eu gosto na televisão. Depois eu faço o Gongyo”, ou “hoje tem reunião na comunidade, mas o pessoal me convidou para jogar bola. Será que vou?”

O sofrimento diz respeito à dor física e espiritual que nos leva a desanimar na prática budista e a ter pensamentos como: “Devido a um grave problema de doença em minha família no momento, não tenho condições de praticar”, ou “meus sofrimentos são tão grandes que o budismo não irá solucioná-los”.

Fontes:

• Terceira Civilização, edição no 414, fevereiro de 2003, pág. 4.

• Brasil Seikyo, edição no 1.705, 28 de junho de 2003, pág. C2.

# Quatorze Calúnias (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1882, 10/03/2007, página A7.)

Pergunta: O que são as “Quatorze Calúnias”?

Resposta: O Budismo de Nitiren Daishonin é a eterna Lei da vida e do Universo, o caminho da felicidade absoluta. Ao ouvirem sobre esta Lei, as pessoas manifestam-se de diversas maneiras, muitas vezes de forma negativa e caluniosa, tal qual o próprio significado da palavra “calúnia” que consta no dicionário como ofender, difamar, fazer acusações falsas.

No 3o capítulo do Sutra de Lótus, “Parábola”, consta uma passagem que classifica essas atitudes caluniosas em quatorze tipos. No escrito “Resposta ao Lorde Matsuno”, Daishonin apresenta estas quatorze calúnias na seguinte passagem: “Um erudito enumera cada tipo. São quatorze as causas do mal: (1) Arrogância, (2) Negligência, (3) Julgamento egoístico, (4) Julgamento superficial, (5) Avareza, (6) Recusa à compreensão, (7) Descrença, (8) Recusa a ouvir, (9) Dúvida errônea, (10) Calúnia, (11) Desrespeito aos seguidores, (12) Ódio aos seguidores, (13) Desconfiança aos seguidores e (14) Inveja aos seguidores. Essas quatorze calúnias aplicam-se igualmente aos bonzos e aos leigos. Quão temível é o pecado de cometer qualquer uma dessas calúnias”. (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. I, pág. 375.)

Desses quatorze tipos, os dez primeiros referem-se a calúnias à própria Lei ou ao ensino. Assim, a “Arrogância” corresponde à atitude arrogante de uma pessoa que, embora não conheça em profundidade o budismo, demonstra conhecê-lo perfeitamente, menosprezando a Lei; a “Negligência”, a negligência à prática budista; o “Julgamento egoístico”, a atitude de interpretar e julgar os ensinos budistas com base em sua opinião própria de acordo com a sua conveniência; o “Julgamento superficial”, interpretar os ensinamentos budistas superficialmente sem procurar conhecer os seus princípios; a “Avareza”, não buscar os ensinamentos budistas dominado pelo seu próprio sentimento de avareza, isto é, de busca incontrolada dos seus desejos; a “Recusa à compreensão”, recusar-se a compreender os ensinos budistas; a “Descrença”, não acreditar no budismo; a “Recusa a ouvir”, recusar-se a ouvir sobre o budismo; a “Dúvida errônea”, duvidar dos ensinos budistas e, por conseguinte, ficar perdido na vida; a “Calúnia”, caluniar ou difamar o budismo; “Desrespeito aos seguidores”, menosprezar as pessoas que praticam o budismo; “Ódio aos seguidores”, odiar as pessoas que praticam o budismo; “Desconfiança aos seguidores”, manifestar a desconfiança em relação às pessoas que praticam o budismo, quebrando a união harmoniosa entre os praticantes e “Inveja aos seguidores”, atitude de invejar as pessoas que praticam o budismo.

Em termos práticos, pode-se dizer que quando aceitamos a prática do budismo, abraçando o Gohonzon, estamos, em princípio, deixando de cometer os dez primeiros tipos de calúnia, muito embora possamos manifestá-los quando nossa prática budista está estagnada e rotineira.

A essência do Budismo Nitiren encontra-se no fato de nossas ações estarem embasadas em nossa fé e em nossa gratidão ao Gohonzon, com sabedoria, força e coragem e em estar com a vida sempre direcionada ao Kossen-rufu.

Fontes:

- Terceira Civilização, edição no 414, fevereiro de 2003, pág. 4.
- Brasil Seikyo, edição no 1.705, 28 de junho de 2003, pág. C2.

# Quatorze Calúnias (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1883, 17/03/2007, página A6.)

Pergunta: Como praticantes do Budismo Nitiren, há algum aspecto em especial que devemos observar para não cometermos uma das Quatorze Calúnias?

Resposta: Das Quatorze Calúnias, as dez primeiras se referem diretamente a atitudes caluniosas em relação ao ensino budista. Entretanto, as quatro últimas dizem respeito a atitudes negativas e de calúnia em relação aos seguidores do budismo, isto é, aos companheiros da prática da fé. Elas são: “Desrespeito aos seguidores”, que corresponde a menosprezar as pessoas que praticam o budismo; “Ódio aos seguidores”, que indica o sentimento de odiar uma pessoa que pratica o budismo; “Desconfiança dos seguidores”, que indica o sentimento e a atitude de desconfiar dos praticantes do budismo, criticando-os e criando desarmonia entre as pessoas e “Inveja dos seguidores”, o sentimento de invejar os praticantes do budismo.

Em suma, estas quatro últimas são as mais delicadas, as quais devemos evitar a todo custo em meio ao relacionamento com as demais pessoas da organização.

No escrito “Resposta ao Lorde Matsuno”, Daishonin apresenta o espírito básico de respeito entre as pessoas, citando o exemplo do Bodhisattva Jamais Desprezar na seguinte passagem: “No passado, o Bodhisattva Jamais Desprezar ensinou que todas as pessoas possuem a natureza do Buda dentro de si e que, abraçando o Sutra de Lótus, todos podem alcançar o estado de Buda. Acreditando que desprezar uma pessoa é desprezar o próprio Buda, ele curvava-se diante de qualquer pessoa com profunda reverência. Ele sentiu que mesmo os que não acreditavam no Sutra de Lótus poderiam vir a crer nele, e assim adorou-os pelo seu inerente estado de Buda. Portanto, as pessoas que abraçam o Sutra de Lótus devem respeitar-se entre si muito mais, sejam bonzos ou leigos”. (END, vol. I, pág. 376.)

Enfim, devemos nos esforçar para não cometer nenhuma das Quatorze Calúnias, em especial as quatro últimas, e não permitir que elas acabem com a nossa alegria de praticar o budismo. O objetivo é desfrutar dessa prática e não lamentar ou reclamar.

O presidente Ikeda afirma que o mais importante é a fé direcionada ao Kossen-rufu. De fato, se nos empenharmos sinceramente em prol do Kossen-rufu poderemos compreender o sentimento dos outros e buscar o respeito mútuo.

De toda a forma, o mais importante é o diálogo. Ele cria a solidariedade e a união. É natural que algumas vezes as opiniões sejam diferentes. Mas o diálogo gera confiança mesmo nesses casos. E, assim, desenvolveremos uma forte fé, renovando a disposição da nossa prática diariamente.

# A “Pregação Espontânea”

(Brasil Seikyo, edição nº 1884, 24/03/2007, página A5.)

Pergunta: Qual o significado de “pregação espontânea” exposto no budismo?

Resposta: Ao sair da meditação, Sakyamuni começa espontaneamente a expor o Sutra de Lótus sem que ninguém lhe houvesse solicitado. Essa forma de pregar em que o Buda expõe a Lei por iniciativa própria sem nenhuma indagação é chamada “pregação espontânea”.

A doutrina que Sakyamuni começa a expor de forma espontânea e serena é tão profunda que os discípulos não conseguiam imaginá-la, quanto mais pedir ao Buda que a revelasse. Com isso, podemos perceber a imensidão da sabedoria e da benevolência que impeliu Sakyamuni a expor o Sutra de Lótus.

Há um profundo significado no fato de Sakyamuni utilizar a “pregação espontânea” para expor o Sutra de Lótus. Todos os sutras, exceto o Lótus, eram ensinos provisórios expostos “de acordo com a capacidade das pessoas” (zuitai, em japonês), e como tal não representavam a verdadeira intenção do Buda. Em contraste, o Sutra de Lótus é descrito como um ensino exposto “de acordo com o próprio desejo do Buda” (zujii, em japonês), porque nesse sutra Sakyamuni revela a verdade diretamente, de acordo com sua própria iluminação.

A declaração do estabelecimento do Budismo dos Últimos Dias da Lei por Daishonin é outro exemplo de “pregação espontânea”. Com relação ao estabelecimento de seu ensino, Daishonin diz: “Se falar (sobre o Sutra de Lótus), estou plenamente ciente de que terei de enfrentar os Três Obstáculos e as Quatro Maldades”. (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. II, pág. 94.) Ele sabia, em outras palavras, que se propagasse a Lei Mística com certeza enfrentaria perseguições.

Todavia, sem que ninguém tivesse pedido a ele, começou a expor o ensino do Nam-myoho-rengue-kyo. A luta de Daishonin durante toda a vida corresponde à prática de zuijii.

Em termos de prática budista, zuijii indica o espírito espontâneo de enaltecer a Lei Mística com profundo reconhecimento de sua grandiosidade, sem levar em conta o que os outros dizem. Essa apreciação pela Lei Mística é a razão fundamental de recitarmos o sutra durante o Gongyo.

Zuijii indica também “propagar a Lei de acordo com a habilidade de cada um”, ou seja, o desejo irreprimível de ensinar e explicar aos outros, mesmo que seja uma única palavra ou frase. Ao contrário, se falamos sobre a Lei Mística porque nos disseram para assim fazer, ou por acreditar que isso fará com que outros pensem bem de nós, então estamos seguindo a prática de zuitai, ou agindo “de acordo com a capacidade das pessoas”.

Falando de forma mais abrangente, a “pregação espontânea” e a prática de zuijii indicam ação autônoma e automotivada. Não importa se nossas palavras são simples ou se não falamos com brilhantismo; o importante é orarmos sinceramente e com determinação pela felicidade de outras pessoas e falar sinceramente a elas sobre a grandiosidade do budismo — com convicção e com nossas próprias palavras. Esse é o espírito do Sutra de Lótus e dos integrantes da SGI.

Fonte:

• Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, págs. 55 e 56.

# A prática principal e a complementar (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1885, 31/03/2007, página A7.)

Pergunta: No Budismo Nitiren, em que consiste a prática principal e a prática complementar?

Resposta: A recitação do Nam-myoho-rengue-kyo, ou o Daimoku do Sutra de Lótus, é chamada “prática principal” e a leitura ou recitação dos capítulos Hoben (2o capítulo, “Meios”) e Juryo (16o capítulo, “Revelação da Vida Eterna do Buda”) é chamada “prática complementar”.

O 26o sumo-prelado, Nitikan Shonin, explicou a relação entre a prática principal e a complementar comparando-as ao alimento e ao tempero, respectivamente. Em outras palavras, ao comermos arroz ou massas, a fonte “principal” de nutrientes, usamos sal ou vinagre como tempero para ajudar a acentuar ou “complementar” o sabor.

O benefício de realizar a prática principal é imenso. A recitação dos capítulos Hoben e Juryo também tem a função complementar de aumentar e acelerar o poder benéfico da prática principal.

Assim, a forma básica do Gongyo é considerar a recitação de Daimoku como seu componente principal e a recitação dos capítulos Hoben e Juryo como seu componente complementar.

O benefício da recitação do Daimoku é imensurável e ilimitado. De fato, há um poder infinito ao recitar o Nam-myoho-rengue-kyo mesmo uma única vez. Daishonin afirma em um de seus escritos: “Se recitar essas palavras do Daimoku uma vez, a natureza de Buda e de todos os seres vivos será convocada e se juntará ao seu redor”. (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. V, pág. 99.) Ele também ensina que o benefício de recitar um Daimoku equivale a ler todo o Sutra de Lótus, recitar dez Daimoku equivale a ler o sutra dez vezes, cem Daimoku equivale a ler o sutra cem vezes, e recitar mil Daimoku equivale a ler o sutra mil vezes.

A prática principal do Budismo de Nitiren Daishonin é recitar o Nam-myoho-rengue-kyo, a verdade última do supremo ensino budista. Uma vez que realizamos a suprema “prática principal”, a “prática complementar” também deve ser suprema, caso contrário, não oferece nenhuma ajuda.

A “prática complementar” que Nitiren Daishonin escolheu foi a do Sutra de Lótus, que representa o propósito do advento do Buda Sakyamuni neste mundo. Dos vinte e oito capítulos, ele selecionou a recitação do capítulo Hoben, “a essência do ensino teórico” (quatorze primeiros capítulos do Sutra de Lótus), e o capítulo Juryo, “a essência do ensino fundamental” (quatorze últimos capítulos do Sutra de Lótus).

Durante a existência de Daishonin, seus seguidores recitavam esses capítulos. Por exemplo, em uma passagem de seus escritos, ele afirma: “Dentre todos os vinte e oito capítulos, Hoben e o Juryo são particularmente importantes. Os demais são todos como os ramos e as folhas desses dois capítulos. Portanto, para sua recitação habitual, recomendo que pratique a leitura das partes em prosa dos capítulos Hoben e Juryo. (Gosho Zenshu, pág. 1.201.)

Assim, Daishonin ensina que como os capítulos Hoben e Juryo constituem a base dos vinte e oito capítulos do Sutra de Lótus, devem ser lidos diariamente.

Fontes:

• Guia Prático do Budismo, Editora Brasil Seikyo, págs. 53–56.

• Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, Editora Brasil Seikyo, págs. 42–48.

# A prática principal e a complementar (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1886, 07/04/2007, página A5.)

Pergunta: Qual é o significado básico do conteúdo do Gongyo que recitamos diariamente?

Resposta: Em nossa prática diária do Gongyo, recitamos o trecho inicial do capítulo Hoben (Meios) e o trecho em verso do 16o do Sutra de Lótus, Juryo (“Revelação da Vida Eterna do Buda”), chamado Jigague.

Resumidamente, o conteúdo do capítulo Hoben é o seguinte: Sakyamuni esclarece inicialmente que a sabedoria que todos os budas perceberam é “infinitamente profunda e imensurável”, e está muito além da capacidade de compreensão de Sharihotsu e de outros homens de erudição. Sakyamuni revela também que empregou parábolas e vários outros meios para expor habilmente a sabedoria do Buda para as pessoas. Finalmente, ele expõe que a sabedoria de todos os budas não é outra senão a compreensão da “essência real de todos os fenômenos” (shoho jisso). Eis a conclusão do trecho do capítulo Hoben que recitamos todos os dias.

O Jigague se inicia com a frase Ji-ga-toku-burai e vai até o fim do capítulo, ou seja, até a frase Soku Joju Busshin.

O termo “gue” do Jigague vem do sânscrito gatha, e significa um verso que louva o Buda ou anuncia seus ensinos. É costumeiro nos sutras utilizar o sistema de prosa seguido de versos que confirmam o conteúdo da prosa. Isso possibilitou ao ensino do Buda mergulhar mais profundamente no coração das pessoas e provavelmente facilitou a transmissão que ele fez oralmente. O Jigague é assim chamado porque começa com a palavra Jiga.

Após expor os ensinos provisórios por quarenta e dois anos, Sakyamuni revelou finalmente seu propósito máximo, ou seja, os vinte e oito capítulos do Sutra de Lótus. O capítulo Juryo é o mais importante desse sutra, pois nele o Buda Sakyamuni revelou pela primeira vez que se tornou Buda num passado remoto chamado Gohyaku Jintengo, e não aos 32 anos de idade naquela sua existência na Índia, conforme vinha afirmando. Do ponto de vista do Budismo de Nitiren Daishonin, isso indica a iluminação do Buda Original desde o eterno passado. O profundo significado desse capítulo revelado em forma de prosa é novamente enfatizado no Jigague.

No “Registro dos Ensinos Orais”, Daishoni esclarece: “Ji indica o nosso mundo e ga o estado de Buda; gue significa definir. Jigague, portanto, são versos que definem o tempo de iluminação do Buda Original dotado com os Dez Estados de Vida, ou o Gohonzon de Nam-myoho-rengue-kyo.”

No escrito “Carta a Horen” consta a seguinte passagem: “Os benefícios do Jigague podem somente ser compreendidos e partilhados entre os budas. O Sutra de Lótus é o coração de todos os ensinos de Sakyamuni e sua alma é o Jigague. O capítulo é a vida de todos os budas de todos os tempos e o Jigague é o olho de todos os bodhisattvas do Universo”. Enfim, a recitação do Gongyo, incluindo o Jigague, constitui uma prática suplementar que ajuda a manifestar os benefícios da prática principal, o Daimoku.

Fontes:

• Guia Prático do Budismo, Editora Brasil Seikyo Ltda, págs. 53–56.

• Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, Editora Brasil Seikyo Ltda, págs. 42–48.

# A prática principal e a complementar (3)

(Brasil Seikyo, edição nº 1887, 14/04/2007, página A7.)

Pergunta: Como a recitação do Daimoku e a leitura dos trechos dos capítulos Hoben e Juryo do Sutra de Lótus podem trazer benefícios sem entendermos seus significados?

Resposta: O 26o sumo prelado, Nitikan Shonin, explana que lemos o capítulo Hoben para "refutar" seu significado superficial e "emprestar" suas frases. Ou seja, para "refutar" seu significado superficial e "revelar" a profunda mensagem oculta no capítulo. Ao lermos esses capítulos do ponto de vista do Budismo Nitiren, refutamos seu significado superficial; é como se disséssemos: "O Sutra de Lótus de Sakyamuni não tem o poder benéfico nos Últimos Dias".

Ao mesmo tempo, do ponto de vista de Daishonin, também lemos os dois capítulos "considerando que o Sutra de Lótus louva a grandiosidade do Gohonzon". Esta forma de lê-los corresponde a "emprestar" suas palavras e "revelar" seu ensino oculto.

O Gongyo e o Daimoku são as raízes que, como tais, possibilitam que todos se desenvolvam como uma grande árvore. Sua árvore da vida torna-se forte e robusta como resultado cumulativo da prática contínua do Gongyo e do Daimoku. Embora seja impossível enxergar quaisquer mudanças de um dia para outro, a vida se tornará um dia altiva e vasta como uma grande árvore devido aos nutrientes diários que uma prática consistente produz. Ao realizarmos uma prática resoluta, desenvolvemos uma condição de vida de felicidade absolutamente indestrutível.

Nitiren afirma em um de seus escritos: "Um bebê não sabe a diferença entre a água e o fogo, e não pode distinguir o veneno do remédio. No entanto, ao sugar o leite, sua vida é nutrida e sustentada. Da mesma forma, mesmo que uma pessoa não seja versada nos sutras, se ouvir mesmo um caractere ou uma frase do Sutra de Lótus, não deixará de atingir o estado de Buda". (Gosho Zenshu, pág. 1.046.)

Exatamente como um bebê cresce naturalmente tomando leite, quando recitamos sinceramente a Lei Mística com fé no Gohonzon, nossa vida definitivamente brilhará com imensurável boa sorte e benefício.

Citando outro exemplo, os cães têm uma linguagem do mundo dos cães, e os pássaros, uma linguagem do mundo dos pássaros. Embora as pessoas não compreendam essas linguagens, os cães e os pássaros certamente se comunicam uns com os outros de sua espécie. Além disso, ainda que algumas pessoas não compreendam os termos científicos ou uma língua estrangeira, certamente outras podem se comunicar perfeitamente bem por meio dessas linguagens.

De forma semelhante, pode-se dizer que, quando estamos realizando o Gongyo ou recitando Daimoku, estamos nos expressando na linguagem do mundo dos budas e dos bodhisattvas. Mesmo que não compreendamos o que estamos dizendo, nossas vozes com certeza atingem o Gohonzon, todos os deuses budistas e todos os budas e bodhisattvas das três existências e das dez direções e, em resposta, todo o Universo nos envolve com a luz da boa sorte.

Fontes:

• Guia Prático do Budismo, Editora Brasil Seikyo Ltda., págs. 53–56.

• Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, Editora Brasil Seikyo Ltda., págs. 42–48.

# Sobre a prática do Gongyo (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1888, 21/04/2007, página A7.)

Pergunta: Por que devemos recitar diariamente o Gongyo?

Resposta: O Gongyo é a prática fundamental para os praticantes do Budismo de Nitiren Daishonin. Realizada diariamente no período da manhã e da noite, ela consiste da recitação do capítulo Hoben (2o) e do trecho do jigague do capítulo Juryo (16o) do Sutra de Lótus.

A recitação do Gongyo e do Daimoku constitui a base da nossa fé, é a mais importante cerimônia de devoção ao Gohonzon. Por meio dessa prática do Gongyo e do Daimoku, podemos unificar a nossa vida com o Gohonzon e, assim, manifestar incontáveis benefícios.

"Gon" de Gongyo significa exercitar-se diligentemente, enquanto "gyo", cumprir. Portanto, o Gongyo em si significa prática assídua, a ser cumprida diariamente sem ser dominado pela preguiça ou negligência. O ritmo diário baseado nessa prática assídua é vital para se alcançar a iluminação. É como se por meio da prática do Gongyo estivéssemos alimentando e nutrindo o próprio estado de Buda, para assim estabelecer um progresso cada vez maior na vida. Sob um outro ponto de vista, a prática do Gongyo pode ser comparada a uma tarefa para absorver a inesgotável força da Lei Mística — a terra-mãe da vida do Universo — para fortalecer a sua própria vida. De toda forma, evidenciando-se a natureza de Buda inerente em nossa vida, poderemos criar uma condição inabalável em nosso interior, tornando-nos uma pessoa que não seja arrastada pelo seu próprio carma e muito menos por alguma ação externa.

Portanto, pela prática diária do Gongyo, podemos desenvolver a determinação de cortar o mau carma, revelando a sabedoria, manifestando a benevolência e realçando a energia vital e a criatividade para colocar a vida no curso da felicidade absoluta.

A base da prática da fé está no Gongyo da manhã e da noite realizado com prazer. O Gongyo da manhã decide a vitória do dia e o Gongyo da noite a partida para o dia seguinte. Podemos dizer que realizar o Gongyo da manhã e da noite é o ponto de partida para se estabelecer um ritmo na vida diária da pessoa em busca da própria revolução humana.

Na Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, o presidente da SGI, Daisaku Ikeda, afirma: "O Gongyo e o Daimoku são as raízes que, como tais, possibilitam que os senhores se desenvolvam como uma grande árvore. Sua árvore da vida se torna forte e robusta como resultado acumulado da prática contínua do Gongyo e do Daimoku. Embora seja impossível enxergar quaisquer mudanças de um dia para o outro, sua vida irá se tornar um dia altiva e vasta como uma grande árvore devido aos nutrientes diários que uma prática consistente produz. Ao realizarem uma prática resoluta, os senhores desenvolverão uma condição de vida de felicidade absolutamente indestrutível". (PHJ, pág. 43.)

Fonte

• Guia Prático do Budismo.

• Preleções dos Capítulos Hoben e Juryo.

# Sobre a prática do Gongyo (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1889, 28/04/2007, página A7.)

Pergunta: Qual é o significado de recitarmos somente os trechos dos capítulos Hoben e Juryo?

Resposta: O Sutra de Lótus de Sakyamuni é constituído de vinte e oito capítulos, sendo que a primeira metade, isto é, os 14 primeiros capítulos, formam o ensino teórico, ao passo que os 14 últimos constituem o ensino essencial.

O segundo capítulo, denominado “Meios” ou Hoben, é considerado o mais importante e significativo do ensino teórico. E o 16o capítulo, a “Revelação da Vida Eterna do Buda”, ou Juryo, o mais importante do ensino essencial. Nos escritos de Nitiren Daishonin constam as seguintes passagens: “Tenho continuado a ler o Junyoze e o Jigague e a recitar o Daimoku”. (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. I, pág. 374) e “No caso do Sutra de Lótus, podemos recitar o sutra inteiro, de vinte e oito capítulos em oito volumes todos os dias; ou recitar somente um volume, ou um capítulo, um verso, uma frase, uma palavra; ou simplesmente recitar Daimoku, Nam-myoho-rengue-kyo. (...) Com relação ao Sutra de Lótus, a senhora deve entender que, seja recitando todos os oito volumes, seja recitando apenas um volume, um capítulo, um verso, uma frase, ou simplesmente o Daimoku, os benefícios são os mesmos. (...) Portanto, com relação ao Sutra de Lótus, é louvável recitar qualquer capítulo em que a senhora acredite, não importando qual seja. (...) Como já havia dito, apesar de nenhum capítulo do Sutra de Lótus ser insignificante, os capítulos Hoben e Juryo são particularmente importantes entre os vinte e oito capítulos. Os demais capítulos são todos eles, em certo sentido, ramos e folhas desses dois capítulos. Portanto, para sua recitação regular, recomendo que pratique a leitura dos trechos em prosa dos capítulos Hoben e Juryo”. (Os Escritos de Nitiren Daishonin, vol. I, págs. 173 a 185.)

Pergunta: Qual é o sentido de recitarmos um sutra sem entender o seu significado?

Resposta: De fato, ao praticarmos o Gongyo, recitamos o sutra lendo os caracteres chineses sem entendermos o seu significado. Trata-se da tradução do Sutra de Lótus para o chinês feita por Kumarajiva. Certa vez, em um discurso, o presidente Ikeda esclareceu: “Poucas pessoas fazem o Gongyo entendendo todo o significado das palavras do Sutra de Lótus. Para ilustrar, os japoneses não entendem a linguagem italiana, mas os italianos entendem. Entretanto, se os japoneses lerem um texto em italiano com pronúncias corretas mesmo sem entender uma única palavra, conseguem transmitir o seu conteúdo para os italianos. Similarmente, dizem que duas pessoas apaixonadas se comunicam somente com o olhar. Mas, no caso do Sutra de Lótus, somente se consegue transmitir com a sua recitação. Tal como os apaixonados conseguem se comunicar com um simples olhar, existem palavras que são compreendidas no mundo dos budas e bodhisattvas. Esta linguagem consiste do Daimoku de Nam-myoho-rengue-kyo e do Sutra de Lótus que recitamos no Gongyo. O fato de estarmos utilizando a tradução de Kumarajiva é porque, até agora, não se encontrou uma outra melhor que expresse maravilhosamente o espírito do Sutra de Lótus. Até Nitiren Daishonin, o Buda Original dos Últimos Dias da Lei, utilizou a tradução de Kumarajiva. O presidente Toda disse certa vez que, se surgisse no futuro uma tradução superior à de Kumarajiva, poderíamos utilizá-la sem qualquer problema”. (Brasil Seikyo, edição no 1.186, 1o de agosto de 1992, pág. A3.)

# Sobre a prática do Gongyo (3)

(Brasil Seikyo, edição nº 1890, 05/05/2007, página A6.)

Pergunta: Ouvi dizer que há algum tempo a forma da prática do Gongyo era diferente da atual. Poderia me esclarecer esta questão?

Resposta: De fato, o formato atual de recitar apenas uma vez o trecho do capítulo Hoben e o Jigague do capítulo Juryo no Gongyo da manhã e da noite foi estabelecido pela SGI no ano de 2002. Anteriormente, era adotada a prática denominada de “cinco orações” e “três orações”, respectivamente, no Gongyo da manhã e da noite. Tal prática consistia basicamente da recitação por cinco vezes dos trechos dos capítulos Hoben e Juryo pela manhã e três vezes à noite.

O Budismo de Nitiren Daishonin expõe os princípios de Keho (doutrina) e Kegui (formalidades da doutrina). Keho refere-se aos ensinos e às leis expostos no budismo, enquanto Kegui trata das formalidades e cerimônias da prática budista. A prática do Nam-myoho-rengue-kyo, a recitação do Daimoku, por ser a essência da doutrina de Nitiren Daishonin, enquadra-se no princípio de Keho. Portanto, Keho são os aspectos imutáveis do Budismo Nitiren. Porém, as formalidades como o estilo da recitação do Gongyo, as orações silenciosas, o ritual das cerimônias, os cuidados com o Gohonzon, os acessórios da prática diária como juzu, sino, vela, incenso, folhas verdes etc. fazem parte do Kegui e podem passar por mudanças e adaptações de acordo com a época, condições de seus praticantes e estágio do Kossen-rufu a fim de abrir o caminho para a felicidade ao maior número de pessoas com o abraçar do Keho (doutrina) do Budismo Nitiren.

Com base neste princípio e nos ensinos contidos nos escritos de Nitiren Daishonin, considerando-se o estágio atual do Kossen-rufu mundial com a conversão de milhares de membros em todo o mundo e seguindo as orientações do presidente Ikeda sobre este assunto, a SGI definiu, em 2002, o atual formato da prática do Gongyo.

Em um discurso proferido antes da adoção da atual forma do Gongyo, o presidente Ikeda esclarece: “Permitam-me observar que a forma de realização do Gongyo da manhã e da noite, que consiste de cinco e três orações, respectivamente, não está especificada em nenhuma parte dos escritos de Nitiren Daishonin, mas é algo que foi desenvolvido ao longo das últimas gerações de sumo prelados. Portanto, se não tiverem tempo para fazer o Gongyo na forma de cinco e três orações, não haverá problema em recitar somente Hoben e Jigague. E se isso não for possível, está perfeito também se recitar apenas Daimoku. Mesmo a recitação de apenas as partes Hoben e Jigague do sutra é perfeitamente válida. Algumas pessoas podem ficar com a consciência pesada quando não realizam o Gongyo completo da manhã (cinco orações) ou da noite (três orações). Entretanto, enquanto mantivermos com fervor a fé no Gohonzon, jamais teremos qualquer conseqüência por causa disso. Assim, por favor, fiquem tranqüilos. Nitiren Daishonin afirma que até um único Daimoku contém ilimitados benefícios. Então, imaginem como não serão imensos seus benefícios se continuarem recitando o Daimoku com toda a sinceridade. Basicamente, a prática do Gongyo e do Daimoku depende da sua própria vontade. Essa prática não é uma obrigação, é um direito. A atitude de gratidão em poder orar ao Gohonzon é a essência da fé. Quanto mais se esforçarem na prática da fé, maiores serão seus benefícios. O budismo existe para libertar as pessoas da infelicidade, e não para restringi-las ou constrangê-las. O importante é se dedicarem, mesmo um pouco, à prática da fé todos os dias”. (Diálogo sobre a Juventude, Brasil Seikyo, edição no 1.484, 14 de novembro de 1998, pág. 3.)

Fontes:

• Guia Prático do Budismo, Editora Brasil Seikyo Ltda.

• Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, Editora Brasil Seikyo Ltda.

# Sobre a prática do Gongyo (4)

(Brasil Seikyo, edição nº 1891, 12/05/2007, página A5.)

Pergunta: Qual deve ser a postura correta na prática do Gongyo?

Resposta: A realização do Gongyo é uma das cerimônias mais essenciais na prática do Budismo Nitiren. É o momento em que demonstramos nossa gratidão e focamos nossa oração ao Gohonzon. Assim sendo, ao realizarmos o Gongyo devemos ter uma postura tanto física como espiritual que esteja à altura da importância dessa cerimônia. Devemos observar alguns aspectos como, por exemplo, a maneira que nos vestimos para orar, a postura, tendo o corpo ereto com as palmas das mãos posicionadas juntas na altura entre a boca e o peito e, principalmente, a concentração de nossa mente enfocando o Gohonzon. O presidente da SGI, Daisaku Ikeda, esclarece: “A recitação do Gongyo e do Daimoku é uma cerimônia na qual louvamos o Buda Original e a grande Lei de Nam-myoho-renguekyo. Pode-se dizer que o Gongyo é um poema ou uma canção que louva ao máximo o Nam-myoho-rengue-kyo, a Lei fundamental do Universo, e o Buda. Ao mesmo tempo, quando realizamos o Gongyo também louvamos a vida eterna do Universo e o estado de Buda de nossa própria vida”.

Por outro lado, o tom de voz na realização do Gongyo não deve ser nem muito alto e nem muito baixo, nem muito rápido e nem muito lento. Porém, devemos fazer o Gongyo de forma forte e ressoante. Se a voz for fraca, sem energia vital, não poderemos transformar o nosso carma e nem vencer a natureza negativa da própria vida. Por outro lado, uma voz demasiadamente alta pode perturbar os vizinhos e os familiares. Assim, o Gongyo deve ser conduzido com uma tonalidade poderosa e revigorante, porém sem causar incômodo às pessoas ao seu redor.

O presidente Ikeda também observa: “A voz executa o trabalho do Buda. O trabalho do Buda em prol do Kossenrufu somente avança quando bradamos com toda a energia, quando empregamos ativamente nossa voz para esse fim. O mesmo se aplica ao Gongyo. Espero que realizem o Gongyo com uma voz vibrante e repleta de energia positiva e vigorosa, e não com uma voz cansada, fraca e desanimada. Não existe alegria maior do que recitar o Daimoku. Uma voz que recita a Lei Mística alcança instantaneamente os recantos mais longínquos do Universo. Quanto mais recitarmos Daimoku e ensinarmos aos outros a fazerem o mesmo, mais rápido alcançaremos um estado de vida que nos possibilitará percorrer livremente o Universo com perfeita serenidade e liberdade. A recitação do Daimoku é a fonte de boa sorte e de infinita energia vital que abarca as três existências do passado, presente e futuro”. (Brasil Seikyo, edição no 1.475, 12 de setembro de 1998, pág. 3.)

Em todo caso, o mais importante é a forte convicção com que realizamos o Gongyo e o Daimoku, capaz de unir a nossa vida com a do Gohonzon. O nosso estado de Buda é invisível aos nossos olhos; tal como um submarino que está submerso no oceano. Porém, quando estabelecemos um relacionamento com o Gohonzon, podemos manifestar o estado de Buda do interior de nossa vida. E, a forma de estabelecer este relacionamento com o Gohonzon é por meio da nossa oração mental, verbal e física, ou em outras palavras, recitando o Gongyo. Entre as pessoas que fazem o Gongyo, algumas alcançam imediatamente os benefícios, enquanto outros parecem receber muito pouco. Qual a diferença entre elas? A maior diferença está na profundidade da oração ao realizar o Gongyo; a real convicção e a alegria contidas nesta oração, independentemente da circunstância em que se encontre, determinam esta diferença. Quando uma pessoa ora com alegria e força, a vida do estado de Buda aparece e explode no seu interior e será capaz de conquistar um grande benefício. Por outro lado, enquanto orar relutantemente, não poderá receber os benefícios que almeja.

Vamos, portanto, recitar diariamente o Gongyo da manhã e da noite, cada vez mais cheios de harmonia e de cadência, tal como o galopar de um corcel branco. Vamos superar as forças negativas existentes em nosso próprio coração que impedem a prática budista. Enfim, vamos nos esforçar na prática vitoriosa do Gongyo e do Daimoku.

Fontes de pesquisa:

• Guia Prático do Budismo, Editora Brasil Seikyo Ltda.

• Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, Editora Brasil Seikyo Ltda, pág. 45

# A Sala da Orquídea (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1892, 19/05/2007, página A5.)

Pergunta: Em um dos principais escritos de Nitiren Daishonin, a “Tese sobre o Estabelecimento do Ensino Correto para a Paz da Nação”, é feita uma referência sobre uma completa mudança de atitude de uma pessoa ocorrida na sala da orquídea. Poderia explicar sobre o significado dessa sala?

Resposta: Em 1260, Nitiren Daishonin enviou ao governo japonês sua mais importante tese, o Rissho Ankoku Ron (Tese sobre o Estabelecimento do Ensino Correto para a Paz da Nação), endereçada a Hojo Tokiyori que, apesar de ser um regente aposentado, exercia grande influência em toda a nação. Nessa tese, Daishonin atribui a causa da série de desastres que assolava o Japão à calúnia das pessoas à Lei e à crença em doutrinas falsas. Mesmo ciente de que atrairia perseguições sobre si mesmo, Nitiren advertiu corajosamente, como budista e como ser humano, o governo sobre a ocorrência de mais dois desastres citados nos escritos budistas, “invasão estrangeira” e “conflitos internos”, caso as pessoas persistissem em caluniar a Lei e o Verdadeiro Budismo.

A tese foi escrita sob a forma de um diálogo entre um hóspede e seu hospedeiro. O hóspede representa Hojo Tokiyori; e o hospedeiro, Nitiren Daishonin. Na parte conclusiva dessa tese, o hospedeiro faz a seguinte declaração: “O pombo transformou-se em falcão e o pardal num marisco. Como é gratificante! O senhor uniu-se a um amigo na sala da orquídea e ficou de pé como a artemísia que cresce entre o cânhamo”.

No Oriente, a orquídea é o símbolo de uma pessoa de nobre caráter. A sala da orquídea indica a morada de uma pessoa de virtude. Da mesma forma como a fragrância da orquídea perfumava o corpo de um indivíduo que permanecesse nessa sala, acreditava-se que ela absorveria também a nobreza e a virtude de uma pessoa de bem ao permanecerem juntos numa sala. Essa frase significa que assim como as orquídeas em uma sala emprestam sua delicada fragrância a todos que entram em contato com ela, devemos nos empenhar para sermos o tipo de amigo que tem sobre os outros um efeito positivo e enaltecedor.

O objetivo de nossa prática budista é proporcionar a boa influência aos outros. Esse espírito nobre e benevolente em prol de toda a humanidade exposto pelo Buda Nitiren Daishonin nessa tese é a comprovação dessa conduta. Uma pessoa que proporciona tal influência positiva é também conhecida no budismo como “bom amigo” ou zentishiki.

Sobre a importância de um bom amigo e um bom mestre, Nitiren Daishonin escreveu: “Mesmo a pessoa fraca não vacilará se aqueles que a apóiam forem fortes, mas a pessoa de força considerável pode cair num caminho acidentado quando estiver sozinha”. (The Writings of Nichiren Daishonin, pág. 598.) Daishonin conclui: “Portanto, o melhor modo para se atingir o estado de Buda é encontrar um bom amigo”. (Ibidem.)

Fontes:

• Brasil Seikyo, edição no 1.411, 26 de abril de 1997, pág. 4.

• Ibidem, edição no 1.597, 31 de março de 2001, pág. C6.

• Ibidem, edição no 1.709, 26 de julho de 2003, pág. A2.

• Ibidem, edição no 1.853, 29 de julho de 2006, pág. A5.

• Os Escritos de Nitiren Daishonin, vol. 1, pág. 76.

# A Sala da Orquídea (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1893, 26/05/2007, página A8.)

Pergunta: Na época atual, em que o Budismo de Nitiren Daishonin é propagado amplamente pela SGI, como poderíamos interpretar a “sala da orquídea”?

Resposta: Na edição anterior, aprendemos que a expressão “sala da orquídea” foi empregada no famoso escrito de Nitiren Daishonin “Tese sobre o Estabelecimento do Ensino Correto para a Paz da Nação”. Nessa tese, quando o hóspede compreende a benevolência do hospedeiro (Nitiren Daishonin), este declara: “O pombo transformou-se em falcão e o pardal num marisco. Como é gratificante! O senhor uniu-se a um amigo na sala da orquídea e ficou de pé como a artemísia que cresce entre o cânhamo”.

A sala da orquídea indica a morada de uma pessoa de virtude. Da mesma forma como a fragrância da orquídea é impregnada no corpo de um indivíduo que permanece nessa sala, acreditava-se que ele absorveria também a nobreza e a virtude de uma pessoa de bem ao permanecerem juntos numa sala.

Os membros da SGI reúnem-se em calorosas praças de diálogo em forma de alegres reuniões de palestra em que os membros e convidados encontram-se e incentivam-se mutuamente, estimulando a alegria, a coragem e a esperança no coração de cada participante.

Uma vez que a SGI é o único grupo que se empenha pelo Kossen-rufu, o caminho da Lei Mística encontra-se de fato, nela. Nesse contexto, a sala da orquídea pode ser associada às sedes comunitárias, sedes regionais, centros culturais, enfim, todos os locais em que os membros da SGI difundem a filosofia humanística de Nitiren Daishonin com o intuito de estabelecer uma sociedade pacífica e feliz.

No oriente, a orquídea simboliza uma pessoa de nobre caráter. Daishonin declara que “A Lei não se propaga por si só. Como as pessoas a propagam, tanto as pessoas como a Lei são dignas de respeito”. (Gosho Zenshu, pág. 856.) Dessa forma, podemos concluir que as pessoas que se empenham para propagar o Budismo Nitiren atuam como orquídeas na sociedade.

Logo após ser libertado da prisão no final da Segunda Guerra Mundial, diante de um Japão devastado, o segundo presidente da Soka Gakkai, Jossei Toda, declarou: “Nesta época maléfica e corrompida dos Últimos Dias da Lei, mesmo que proporcionemos comida e dinheiro, poderíamos salvar provavelmente um pequeno número de pessoas. Portanto, vamos ajudar todas as pessoas do mundo, quer elas gostem disso ou não, a abraçar a Lei Mística, e assim capacitá-las a experimentar uma felicidade inextinguível”.

O presidente da SGI, Daisaku Ikeda, afirma: “Nós estamos vivendo em uma época de profunda escuridão. Mas essa escuridão faz com que a filosofia e o pensamento genuínos brilhem ainda mais. Pode-se dizer que as religiões e as filosofias do passado tiveram sua época; foram experimentadas e testadas. Agora chegou a época de o Budismo Nitiren iluminar o estágio da história da humanidade tal como o brilhante sol da manhã”.

Inúmeros pensadores e filósofos renomados estão acompanhando com grande expectativa as atividades da SGI, pois em suas maravilhosas “salas das orquídeas” pode-se sentir a fragrância do humanismo. São locais repletos de alegria, de relatos de vitórias, de incentivos dos veteranos, onde todos expressam a alegria de trilhar o caminho da unicidade de mestre e discípulo e sua convição e fé no Gohonzon.

Referências:

• Brasil Seikyo, edição no 1.300, 10 de dezembro de 1994, pág. 3.

• Ibidem, edição no 1.307, 11 de fevereiro de 1995, pág. 4.

• Ibidem, edição no 1.538, 1o de janeiro de 2000, pág. 2.

• Ibidem, edição no 1.597, 31 de março de 2001, pág. C6.

• Os Escritos de Nitiren Daishonin, vol. I, pág. 76.

# “A poderosa espada do Sutra de Lótus”

(Brasil Seikyo, edição nº 1894, 09/06/2007, página A8.)

Pergunta: Como podemos interpretar o significado de a “poderosa espada do Sutra de Lótus”?

Resposta: Nitiren Daishonin empregou a analogia da espada em alguns de seus escritos, sendo que em “Resposta a Kyo’o” consta esta famosa frase: “Tudo depende da sua fé. Uma espada será inútil nas mãos de um covarde. A poderosa espada do Sutra de Lótus deve ser manejada por alguém corajoso na fé”. (As Escrituras de Nitiren Daishonin [END], vol. I, pág. 276.)

Nitiren Daishonin escreveu esta carta em 15 de agosto de 1273, quando estava exilado na Ilha de Sado. Ela é endereçada a Shijo Kingo e a sua esposa Nitiguen-nyo, cuja filha, Kyo’o, de apenas um ano de idade, estava muito doente. Kingo, juntamente com sua esposa, atuou como líder dos praticantes de Kamakura e devotou a vida a proteger Nitiren Daishonin.

Com estas palavras, Daishonin incentiva o casal a aprofundar a fé no Gohonzon e ensina que o poder da Lei se manifesta de acordo com a intensidade da convicção das pessoas. Certamente, para Shijo Kingo, um samurai cuja principal ferramenta de trabalho era uma espada, o exemplo citado por Daishonin era bastante adequado para referir-se à importância da coragem e da convicção no mundo da fé.

Das sentenças destacadas deste escrito, podemos aprender que a poderosa espada do Sutra de Lótus corresponde à Lei do do Nam-myoho-rengue-kyo e à sua incorporação no Gohonzon, e que a coragem é um dos fatores indispensáveis da fé no Budismo de Nitiren Daishonin. Alguém corajoso na fé indica uma pessoa cuja doutrina seja a prática — a convicta recitação do Nam-myoho-rengue-kyo. Não há exagero em dizer que o núcleo da fé é a corajosa recitação do Daimoku e a confiante ação da propagação do verdadeiro budismo por meio do Chakubuku.

O Gohonzon, inscrito pelo Buda Original para a felicidade de toda a humanidade, capacita todos a desfrutar uma vida verdadeiramente feliz. Contudo, não obstante quão extraordinário seja o Gohonzon e a Lei do Nam-myoho-rengue-kyo, uma pessoa não pode conseguir os seus benefícios sem a corajosa e convicta prática da fé.

Então, o que significa a prática corajosa do budismo? O presidente da SGI, Daisaku Ikeda, afirma: “Um covarde acabará miserável. Nitiren Daishonin diz: ‘Um covarde não tem qualquer de suas orações respondidas’. (The Major Writings of Nichiren Daishonin, vol. I, pág. 246.) Não importando o quanto praticarem a fé, se forem covardes, as suas orações não serão respondidas. Mesmo que tenham a poderosa espada (do Sutra de Lótus), a menos que a empunhem corajosamente, não conseguirão cortar nada. A coragem é o que determina tudo”. (Brasil Seikyo, edição no 1.285, 20 de agosto de 1994, pág. 5.)

E disse também: “Especialmente quando os jovens se levantam resolutamente e desembainham a ‘poderosa espada da fé’ do budismo de Daishonin, a qual brilha com a radiante luz da coragem e da esperança, o curso da história mudará dramaticamente”. (Ibidem, edição no 1.299, 3 de dezembro de 1994, pág. 3.)

Fontes de consulta:

• Brasil Seikyo, edição no 1.849, 24 de junho de 2006, pág. B2.

• Terceira Civilização, edição no 454, juho de 2006, pág. 54.

# A parábola da pedra preciosa escondida no manto

(Brasil Seikyo, edição nº 1895, 16/06/2007, página A5.)

A sabedoria dos budas revelada no Sutra de Lótus é a verdade de que todos os seres vivos são budas.

Isso é exemplificado na "Parábola da pedra preciosa escondida no manto", narrada no oitavo capítulo do Sutra de Lótus, "Profecia da Iluminação para Quinhentos Discípulos". Essa parábola conta sobre um homem que, ao visitar seu amigo, é recebido com várias garrafas de vinho. Ele se embriaga e cai adormecido. O amigo, tendo de sair com urgência, costura antes de partir uma gema de valor incalculável no forro da roupa do visitante. Este, não percebendo que possuía a gema, passa por dificuldades, vivendo sempre na penúria. Tempos mais tarde, ele reencontra o amigo, e só então descobre que durante todo aquele período tivera em seu poder uma gema inestimável.

O amigo (o Buda) sabia que o outro possuía a gema em sua roupa (o mundo do estado de Buda em sua vida), embora o visitante (os seres dos nove mundos) não compreendesse isso.

O segundo presidente da Soka Gakkai, Jossei Toda, disse que o fato de sermos mortais comuns, seres não-iluminados, é um meio secreto e místico. A verdade é que somos budas. Perceber esta verdade é compreender o meio secreto e místico.

Um ser humano comum é um buda. Isso é difícil de compreender. Se não acreditarmos que possuímos a natureza de Buda, ela permanecerá eternamente "secreta". Porém, uma vez que a reconhecemos, ela deixa de ser "secreta" e nossos poderes "místicos" evidenciam-se.

Embora sejamos budas, nascemos como mortais comuns. Isso quer dizer que, por meio de nossa revolução humana e mostrando a prova real da Lei Mística, podemos realizar o Kossen-rufu. Se desde o início tivéssemos tudo, boa saúde e riquezas, então as outras pessoas não compreenderiam o poder da Lei Mística. Dessa forma, tentamos revelar a Lei para essas pessoas por meio de nosso empenho como mortais comuns. Este é o meio secreto e místico.

Ou seja, todos nós que acreditamos no Gohonzon, o Sutra de Lótus dos Últimos Dias da Lei, e que estamos lutando em meio à realidade dos nove mundos, exemplificamos o meio secreto e místico.

Enquanto vivermos sempre com base no Gohonzon, todos e quaisquer sofrimentos tornam-se meios para fortalecermos e consolidarmos o mundo do estado de Buda em nossa própria vida. Os sofrimentos e as alegrias e tudo o que nos ocorre são os meios para revelarmos o poder da Lei Mística.

Afirma-se que a vida é como um drama. Seja no mundo dos negócios, da educação, do lar, em qualquer situação, cada pessoa tem sua atuação. Esse "papel" consiste de um meio; mas se a pessoa abandonar seu papel, não encontrará sua missão. Manifestamos plenamente nossa verdade interior quando desempenhamos nosso papel.

A vida diária equivale à fé. E o mundo do estado de Buda não se encontra em algum lugar dissociado do palco da realidade dos nove mundos.

Comentando sobre o significado da parábola da gema escondida no manto, o Buda Nitiren Daishonin explica que a alegria do pobre, quando descobriu que possuía a inestimável pedra, é "a alegria que experimentamos quando compreendemos pela primeira vez que nossa vida sempre abrigou o estado de Buda, ou seja, recitar o Nam-myoho-rengue-kyo é a maior das alegrias". (Gosho Zenshu, pág. 788.)

A verdadeira felicidade é a felicidade interior. Precisamos estabelecer um estado de vida interior que não seja influenciado pelas condições externas.

As pessoas hoje em dia tendem a buscar prazeres momentâneos e ostentam a riqueza como sinônimo de felicidade. Dessa forma, é de suma importância ensinarmos aos outros a grandeza da felicidade interior, manifestando em nossa vida "a maior de todas as alegrias". Esta felicidade interior é um verdadeiro e inestimável tesouro, e por isso, é associada à metáfora da "pedra preciosa". Ela não está em algum outro lugar, a não ser consigo próprio.

Vamos desempenhar o esplêndido drama da revolução humana no palco de nossa vida. A força motriz que torna possível essa dinâmica transformação — a mudança da miséria para a felicidade, da frustração para a esperança, do destino para a missão, do sofrimento para a eterna alegria — é a Lei Mística, é a fé.

Fonte

• Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, págs. 84 e 114.

# Buda e mortal comum (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1896, 23/06/2007, página A8.)

Pergunta: Qual o significado de mortal comum e de Buda?

Resposta: Segundo o Dicionário Houaiss, “mortal comum” significa único representante vivente do gênero Homo, da espécie Homo sapiens, caracterizado por ter inteligência dotada da faculdade de abstração e generalização, e capacidade para produzir linguagem articulada. Ser humano considerado sob o ponto de vista dos sentimentos, fraquezas, perplexidades etc. inerentes à sua natureza humana.

Estado de Buda é outro nome para “iluminação”, é o supremo estado de vida no budismo, caracterizado pela sabedoria e benevolência ilimitadas. Nesse estado, a pessoa desperta para a verdade suprema e eterna que é a realidade de todas as coisas.

De acordo com a crença Mahayana, um verdadeiro Buda pode dividir seu corpo em um número infinito de vezes e surgir em incontáveis mundos simultaneamente a fim de salvar as pessoas. Essas manifestações separadas de um verdadeiro Buda são chamadas emanações ou emanações budas. (Glossário — Os Escritos de Nitiren Daishonin, pág. 58.)

Pergunta: Um buda é um ser superior ao mortal comum?

Resposta: Existem teorias ou entendimentos que consideram, equivocadamente, que Sakyamuni era uma pessoa comum “antes” e se tornou um “buda” depois, atingindo pela primeira vez a iluminação na Índia. Mas “na verdade, devido ao fato de ele ter buscado sinceramente o caminho como um ser humano, despertou para o mundo do estado de Buda existente em sua própria vida. E como se tornou iluminado dessa forma, pôde seguir o supremo caminho como um ser humano. Sakyamuni era humano do princípio ao fim”. (Brasil Seikyo, edição no 1.540, 22 de janeiro de 2000, pág. A3.)

Buda e mortal comum são a mesma pessoa, tornando-se um buda ou um mortal comum de acordo com o seu estado de vida. Ilusão e iluminação são aspectos de uma mesma entidade de vida, conforme explica o líder da SGI: “Quando uma pessoa é dominada pela ilusão, é chamada de mortal comum, mas quando iluminada, é chamada de Buda. Isso se assemelha a um espelho embaçado que brilhará como uma jóia quando for polido. A mente que se encontra encoberta pela ilusão da escuridão inata da vida é como um espelho embaçado. Mas, quando for polida, é certo que se tornará como um espelho límpido, refletindo a natureza essencial dos fenômenos e da realidade. Manifeste uma profunda fé polindo seu espelho dia e noite.“ (Os Escritos de Nitiren Daishonin, vol. I, págs. 3-4.)

O presidente da SGI, Daisaku Ikeda, esclarece: “‘As pessoas iludidas’ significam pessoas que, falhando em compreender isso, supõem que o ‘Buda’ ou ‘Sakyamuni’ seja um ser remoto e abstrato e que as pessoas que praticam com o espírito da perseverança são budas”. (Brasil Seikyo, edição no 1.404, 1º de março de 1997, pág. 5.)

“O Buda vai aos lugares onde as pessoas mais sofrem — o mundo saha. Um buda de verdade compartilha os sofrimentos das pessoas. Se não agir assim, não é um Buda verdadeiro.

“Nós próprios somos Sakyamuni que atingiu a iluminação no remoto passado.

“Um mortal comum é um buda, e um buda é um mortal comum. Isso é exatamente o que está indicado pelo Itinen Sanzen e pela frase ‘(tempo é ilimitado e infinito) desde que atingi de fato o estado de Buda’”. (Ibidem.)

Perante a visão de itinen sanzen exposta no Sutra de Lótus, todas as pessoas são budas.

O “buda que é uma pessoa comum” refere-se especificamente a Nitiren Daishonin, mas num sentido geral, indica os seguidores de Daishonin unidos a ele em espírito, ou seja, as pessoas comuns“. (Ibidem.)

# Buda e mortal comum (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1897, 30/06/2007, página A8.)

No antigo budismo, tinha-se a concepção de que um buda possuía poderes extraordinários e, portanto, era visto como um ser superior às demais pessoas.

Contudo, o Buda Nitiren Daishonin elucidou que, na verdade, não há separação entre um buda e um mortal comum. Em um de seus escritos, ele afirma: “O mortal comum é a entidade das três propriedades, ou o verdadeiro Buda. O Buda é a função das três propriedades, ou um Buda provisório. Considera-se que Sakyamuni possuía as três propriedades de soberano, mestre e pais em benefício dos mortais comuns, mas, ao contrário, foi o mortal comum que o dotou com essas três virtudes... Aqui o ‘verdadeiro Buda’ é o mortal comum, ao passo que os ‘budas provisórios’ representam o Buda”. (The Major Writings of Nichiren Daishonin, vol. I, págs. 90–91.)1

Sobre essa passagem, o presidente da SGI, Daisaku Ikeda, comenta a importância dessa nova visão exposta por Daishonin, na qual a existência do mortal comum não está subordinada à do Buda, pelo contrário, a existência do Buda é prognosticada na do mortal comum.

Nitiren Daishonin também disse a uma discípula: “Tanto a terra pura como o inferno não existem fora de si próprios. Ambos se encontram somente em seu coração. Aquele que atinge essa percepção é chamado de Buda, e aquele que fica desnorteado é chamado de mortal comum”. (The Writings of Nichiren Daishonin, pág. 456.)2

Mas como as pessoas podem se tornar tão indestrutíveis quanto o diamante, ou seja, manifestar um estado de vida de suprema felicidade, que não é abalado pelas circunstâncias da vida? Por meio da recitação do Nam-myoho-rengue-kyo ao Gohonzon.

Com a prática da Lei Mística, as pessoas manifestam a sabedoria e a vitalidade para agir de maneira apropriada diante de quaisquer circunstâncias. O presidente Ikeda explica: “similarmente, quando o sol da sabedoria surge em nossa vida, o correto caminho torna-se aparente. Quando transformamos nosso estado de vida, nossa visão de tudo se altera. Visto pelos olhos de mortais comuns, um mortal comum aparece simplesmente como um mortal comum, mas vistos pelos olhos do Buda, as pessoas comuns, tal como são, são Budas”.3

Buda é aquele que se empenha incansavelmente pela felicidade de todas as pessoas, que desperta para a grande missão do Kossen-rufu.

Pode-se dizer que o Kossen-rufu é uma reação em cadeia na qual mais e mais pessoas despertam e ensinam a outras como manifestar o ilimitado poder que possuem dentro de si, criando um movimento pela felicidade humana.

Referências:

1. Brasil Seikyo, edição no 1.540, 22 de janeiro de 2000, pág. A3.

2. Ibidem, edição no 1.604, 19 de maio de 2001, pág. A3.

3. Ibidem, edição no 1.404, 1o de março de 1997, pág. 5.

# A iluminação dos seres insensíveis

(Brasil Seikyo, edição nº 1898, 07/07/2007, página A8.)

Todos os tipos de vida podem ser classificados de modo geral como seres sensíveis ou insensíveis. Assim como o termo sugere, os seres sensíveis têm, graças ao funcionamento de seu sistema nervoso central, a capacidade de perceber, ou seja, de sentir, pensar, desejar e amar. Os seres insensíveis são desprovidos dessa capacidade, mas podem manifestar o estado de iluminação, ou estado de Buda. Porém, o modo como os seres insensíveis atingem esse estado é totalmente diferente dos seres sensíveis (seres humanos).

Ao desenvolver o estado de Buda, a vida da pessoa manifesta uma forte determinação de realizar constantes e incessantes esforços para crescer e se autodesenvolver. Mas, os seres insensíveis não conseguem se esforçar espontaneamente, pois carecem das funções mentais necessárias para isso.

Contudo, o pensamento budista sustenta que a vida e seu ambiente são inseparáveis. Existe entre os seres sensíveis e insensíveis uma relação mútua de apoio, sustento e influência. Assim, ambos podem ser considerados como essencialmente um só. Portanto, não se pode considerar que atingir o estado de Buda seja algo restrito apenas aos seres sensíveis, conforme explica Nitiren Daishonin no escrito "O Objeto de Devoção para a Observação da Mente". (Os Escritos de Nitiren Daishonin, vol. V, págs. 165-166.)

O budismo expõe dois tipos de iluminação para os seres insensíveis. O primeiro vem do princípio de que todos os seres do Universo, sejam sensíveis ou insensíveis, possuem o potencial para atingir o estado de Buda.

O segundo refere-se às situações em que objetos tais como o papel e a madeira são feitos de forma a revelar o estado de Buda. Este último caso ocorre com relação ao objeto de devoção.

Por exemplo, o Buda Nitiren Daishonin utilizou-se de um pedaço de papel para inscrever o Dai-Gohonzon, o objeto de devoção para conduzir toda a humanidade dos Últimos Dias da Lei à iluminação.

Esse mandala é um pergaminho (ser insensível), mas retém um poder inerente, pois nele está incorporado o supremo estado de Buda de Nitiren Daishonin. "Eu, Nitiren, inscrevi minha vida em sumi (tinta preta chinesa), assim, creia no Gohonzon com todo o seu coração." (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. I, pág. 276.)

De acordo com o princípio da Unicidade da Vida e seu Ambiente, quando um ser sensível atinge o estado de Buda, esse mesmo estado de vida será manifestado simultaneamente nos seres insensíveis que estão ao seu redor. Por exemplo, quando os seres sensíveis que atingiram o estado de Buda vêem uma montanha, esta lhes parece como a entidade do estado de Buda. No entanto, ao ver a mesma montanha, os seres sensíveis do mundo da Fome enxergam-na como se fosse a entidade da Fome. Os seres insensíveis não possuem a capacidade de desenvolver a si próprios. Se estiverem para atingir o estado de Buda, deve ser por causa de algum ser sensível que está atuando em favor deles, permitindo-lhes assim manifestar sua natureza inata de Buda.

Tanto os mares como as montanhas afetam o sentimento das pessoas. Pode-se dizer o mesmo a respeito das obras de arte. Após séculos, elas ainda continuam a comover as pessoas.

Um outro exemplo são os povos primitivos que adoravam os fenômenos naturais tais como as montanhas e os rios. O que faz com que o Gohonzon apresente um nítido contraste com outros seres insensíveis é a atitude dos seres humanos que se relacionam com ele.

Por exemplo, mesmo quando alguém observa um belo cenário natural e pensa "Que maravilhoso!", essa pessoa de fato não "acredita" nisso. O cenário deixa uma impressão que permanece com ela.

Algumas pessoas podem até mesmo tentar capturar essa impressão com fotografias ou pinturas. Mas, no caso do Gohonzon, os seres humanos têm fé nele e dedicam-lhe a vida. De acordo com o grau com que demonstram isso, o Gohonzon demonstra um poder grandioso. Mesmo tendo o poder de conduzir todos os seres vivos ao estado de Buda, o Gohonzon não poderá demonstrar seu poder se não houver uma fé assim. O Gohonzon é a causa externa e a fé, a causa interna. Quando ambas estão em harmonia, pode-se mostrar com grande clareza a natureza de Buda existente na própria vida.

# Três assembléias em dois locais (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1899, 14/07/2007, página A8.)

Pergunta: Qual o significado de “três assembléias em dois locais”, descritas no Sutra de Lótus?

Resposta: Segundo consta no Glossário dos Escritos de Nitiren Daishonin, as “três assembléias” acontecem no Pico da Águia e na Cerimônia no Ar. De acordo com o Sutra de Lótus, Sakyamuni começou a pregar o Sutra no Pico da Águia. Em seguida, ergueu a assembléia no ar, onde continuou sua pregação e, finalmente, retornou a assembléia ao Pico da Águia, onde acontece a terceira assembléia e o Sutra é concluído.

A primeira assembléia, realizada no Pico da Águia, inicia-se no primeiro capítulo, “Introdução”, e segue até a primeira metade do 11o capítulo, “Surgimento da Torre de Tesouro”. A segunda assembléia ou Cerimônia no Ar dura da metade do capítulo “Surgimento da Torre de Tesouro” até o 22o capítulo, “Transferência”. A segunda assembléia no Pico da Águia dura desde o 23o capítulo, “Os Feitos Anteriores do Bodhisattva Rei dos Remédios” até o 28o capítulo, “Encorajamento ao Bodhisattva Mérito Universal”.

A relação das duas assembléias no Pico da Águia e a Cerimônia no Ar tem um profundo significado em termos de visão budista de vida.

Para o segundo presidente da Soka Gakkai, Jossei Toda, as três assembléias em dois locais indicam a unicidade da vida do indivíduo com o Universo. É um drama da interação do microcosmo e do macrocosmo.

Expressam também o dinamismo da vida e o princípio da unicidade de corpo e mente, conforme afirma Nitiren Daishonin no Registro dos Ensinos Orais: “A Terra representa o fenômeno do corpo, enquanto o ar representa o fenômeno da mente. Mas devemos entender que corpo e mente não são entidades separadas”. (Gosho Zenshu, pág. 742.)

No livro A Sabedoria do Sutra de Lótus, o presidente da SGI, Daisaku Ikeda, explica que a seqüência da assembléia no Pico da Águia para a Cerimônia no Ar e depois de volta ao Pico da Águia corresponde ao movimento da realidade para o estado de iluminação e depois a volta à realidade. Ou, para ser mais exato, significa uma mudança da realidade antes da iluminação para o estado de iluminação e então para a realidade após a iluminação.

Ele ainda comenta: “Devemos nos empenhar para nos libertar das correntes do tempo e do espaço, dos desejos mundanos e dos sofrimentos de nascimento e morte, os quais nos mantêm confinados à ‘terra da realidade’, e alcançar o ‘ar’ ou os céus elevados da iluminação de onde poderemos olhar serenamente para todas as coisas. Dessa altura magnífica, poderemos considerar todos os nossos sofrimentos, problemas e emoções passageiras como nada mais que acontecimentos insignificantes e transitórios que acontecem num mundo tão pequeno quanto o pedaço de um navio naufragado em um vasto oceano”.

Fontes de consulta:

• Glossário – Os Escritos de Nitiren Daishonin, págs. 55 e 185.

• A Sabedoria do Sutra de Lótus, vol. I, págs. 99-125.

# Três assembléias em dois locais (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1900, 21/07/2007, página A8.)

Em um de seus escritos Nitiren Daishonin escreve: “Sofra o que tiver de sofrer. Desfrute o que existe para ser desfrutado. Considere tanto o sofrimento como a alegria como fatos da vida, e continue orando o Nam-myoho-renguekyo não obstante o que aconteça. Então, experimentará a infinita alegria da lei”. (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. III, pág. 199.)

O presidente da SGI, Daisaku Ikeda, cita essa passagem para explicar que a prática budista nos liberta das correntes do tempo e do espaço, dos desejos mundanos e dos sofrimentos do nascimento e da morte, os quais nos mantêm confinados à “terra da realidade”. Dessa forma, alcançamos o “ar”, ou seja, uma condição em que olhamos todas as coisas de uma perspectiva mais elevada. “Dessa altura magnífica, poderemos considerar todos os nossos sofrimentos, problemas e emoções passageiras como nada mais que acontecimentos insignificantes e transitórios que acontecem num mundo tão pequeno como um pedaço de um navio naufragado em um vasto oceano”, observa o presidente Ikeda.

Recitar o Nam-myoho-rengue-kyo diante do Gohonzon é a prática que nos capacita alcançar essa perspectiva tranqüila. E quando assim o fazemos, o lugar onde nos encontramos torna-se parte da Assembléia no Ar.

O segundo presidente da Soka Gakkai, Jossei Toda, freqüentemente dizia: “Na nossa vida diária de pessoas comuns, não há lugar mais sagrado do que aquele onde praticamos o Gongyo e Daimoku.”

“Elevar-se no ar” é alcançar por meio da fé um estado de vida que não é abalado por nenhuma circunstância. Segundo o presidente Ikeda, esse é o significado que diz respeito à seqüência do Sutra desde a primeira assembléia no Pico da Águia até a Cerimônia no Ar.

A segunda assembléia (da Cerimônia no Ar ao Pico da Águia) representa o retorno à realidade da vida diária e da sociedade, quando nos defrontamos com os desafios com base na força vital do estado de Buda que extraímos por meio do Gongyo e do Daimoku.

Nesse processo contínuo de realizar a Cerimônia no Ar e então voltar à realidade da vida diária encontra-se o caminho para a transformação da vida ou a revolução humana.

O presidente Ikeda observa: “Na vida, não devemos nos permitir ficar totalmente absortos apenas na realidade imediata. Devemos ter ideais e nos empenhar para alcançá-los, transcendendo dessa forma a realidade atual. Por outro lado, não devemos nos permitir ficarmos alienados da realidade. Não podemos mudar nada a menos que nossos pés estejam firmemente plantados no chão.

“Muitas pessoas e também muitas religiões tendem a optar por um dos dois caminhos. Seja comprometendo-se com a realidade da sociedade e perdendo sua identidade, ou procurando desviar-se dessa realidade, elas se retiram complemente da sociedade e tentam criar seu próprio mundo. Estes dois métodos estão errados.

“A essência do Sutra de Lótus não se encontra em nenhum desses dois métodos. O Sutra de Lótus ensina um modo de vida segundo o qual podemos observar a realidade serenamente de um estado de vida elevado – bem acima, no ar, por assim dizer, e, ao mesmo tempo, envolvendo-nos ativamente nessa realidade como reformistas. A característica do Sutra de Lótus como um ensino de uma religião reformista é brilhantemente expresso nessa estrutura global das ‘três assembléias em dois locais’”.

Fontes de consulta:

• Glossário — Os Escritos de Nitiren Daishonin, págs. 55 e 185.

• A Sabedoria do Sutra de Lótus, vol. I, págs. 99-125.

# Três assembléias em dois locais (3)

(Brasil Seikyo, edição nº 1901, 28/07/2007, página A8.)

De acordo com o presidente da SGI, Daisaku Ikeda, a diferença entre o Budismo Nitiren e o Budismo de Sakyamuni pode ser explicada em termos da estrutura das 'três assembléias em dois locais':

O Budismo de Sakyamuni enfatiza aparentemente o movimento do Pico da Águia para a Cerimônia no Ar (deixar este mundo em busca do reino da sabedoria do Buda). O objetivo dessa busca, em resumo, é o Nam-myoho-rengue-kyo, o ensino implícito nas profundezas do capítulo "Revelação da Vida Eterna do Buda", exposto durante a Cerimônia no Ar.

Já o Budismo Nitiren enfatiza a progressão das profundezas do capítulo "Revelação da Vida Eterna do Buda" exposto durante a Cerimônia no Ar até a volta ao Pico da Águia, isto é, do Nam-myoho-rengue-kyo para a vida real. É um budismo que objetiva a transformação da realidade, e a prática desse budismo é empreender ações benevolentes entre as pessoas.

O presidente Ikeda ainda esclarece que a dinâmica do Budismo de Sakyamuni é da "causa para o efeito", enquanto a do Budismo Nitiren é do "efeito para a causa".

Basicamente, o princípio da "causa para o efeito" refere-se às pessoas dos nove estados (a causa) praticando a fim de atingirem o estado de Buda (o efeito). Em contraste, o princípio do "efeito para a causa" indica as pessoas que, baseadas no estado de Buda (o efeito) que atingiram instantaneamente por meio da recitação do Daimoku ao Gohonzon, buscam e desafiam a realidade dos nove estados (a causa) na vida diária.

Ele compara o Budismo de Sakyamuni a escalar uma montanha, começando do sopé e galgando até o topo. Durante a ascensão, ouvimos o quanto o pico é maravilhoso, mas não podemos apreciá-lo nem compreendê-lo completamente, nem há garantia de que atingiremos o topo, pois podemos nos perder ou nos acidentarmos.

O Budismo Nitiren revela o caminho para atingir direta e imediatamente a iluminação de forma que possamos instantaneamente nos encontrar no pico. Lá, podemos desfrutar pessoalmente a maravilhosa visão com todo o nosso ser e, repletos do desejo de partilhar essa alegria com outros, descemos a montanha e nos dirigimos à sociedade.

A prática diária do Gongyo e do Daimoku pode ser vista como uma prática que conduz dos nove estados ao estado de Buda, ou poderia ser chamada de uma prática que conduz da "causa para o efeito". Num sentido mais profundo, entretanto, a prática do Gongyo e do Daimoku conecta-nos diretamente ao estado de Buda.

O presidente Ikeda ainda esclarece: "Podemos afirmar que o termo Nam (dedicar a vida) de Nam-myoho-rengue-kyo significa tanto 'retornar para' como 'empreender ações' com base no Myoho-rengue-kyo, a Lei Mística. O Nam-myoho-rengue-kyo, portanto, engloba as duas direções nessa atividade: ambas as direções são encontradas no próprio estado de iluminação do Buda. A menos que essas duas direções estejam presentes, não pode ser chamada de verdadeira iluminação. Essa pode ser uma das razões pelas quais o Sutra de Lótus empenha-se em transmitir a totalidade da iluminação do Buda pelo do formato das 'três assembléias em dois locais'. (...)

Ele ressalta: "O importante é que atuemos baseados nas 'três assembléias em dois locais' em nossa vida diária. Nitiren Daishonin empregou a Cerimônia no Ar para expressar sua própria iluminação na forma do Gohonzon. Nós, que abraçamos o Gohonzon, estamos manifestando o dinamismo do Sutra de Lótus diretamente em nossa vida. (...) Quando devotamos nossas vidas à propagação da Lei Mística, o momento presente está sempre em unicidade com a eternidade. A eternidade e o momento presente encontram-se, interagem e reverberam numa harmoniosa união em nossa vida diária. Nossa vida torna-se uma contínua corrente de alegria, uma manifestação da eternidade no momento presente. Portanto, para uma pessoa de fé, um dia não é somente um dia. Cada momento, cada dia, possui uma eternidade de valor contido em si. Quanto mais o tempo passa, mais cada momento e cada dia brilham com uma luz dourada. É o Sutra de Lótus que nos ensina esse insuperável modo de vida".

Fonte:

• Brasil Seikyo, edição no 1.332, 19 de agosto de 1995, pág. 4.

# A filha do rei-dragão (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1902, 04/08/2007, página A8.)

Pergunta: Quem foi a filha do rei-dragão e o que ela representa?

Resposta: No escrito de Nitiren Daishonin “Abertura dos Olhos” há uma passagem na qual consta: “A filha do rei-dragão é um ‘modelo que representa todos os demais’. Quando a filha do rei-dragão atingiu a iluminação, ela abriu esse caminho para todas as mulheres das eras posteriores”. (As Escrituras de Nitiren Daishonin [END], vol. IV, pág 166.)

A filha do rei-dragão, descrita na última metade do 12o capítulo do Sutra de Lótus, “Devadatta”, é a filha de oito anos de Sagara, um dos oito grandes reis-dragões que vivem num palácio no fundo do mar. A menina realizou o desejo de atingir a iluminação depois de ouvir o Bodhisattva Manjushri pregar o Sutra de Lótus. Então, apresenta-se diante a assembléia do Sutra de Lótus mantendo sua forma física.

Daishonin afirma que a menina-dragão não é uma simples demonstração da iluminação de apenas uma pessoa, mas que todas as mulheres possuem o potencial para atingir o estado de Buda.

Ela representa muito mais que somente a iluminação das mulheres. É uma metáfora do Sutra de Lótus contra o preconceito e a discriminação de todas as formas (ela era, além de mulher, muito jovem e tinha a forma de um animal), e um símbolo de que a arrogância de um homem não é páreo para uma mulher de fé. Até mesmo Sharihotsu, com toda a sua sabedoria, duvidou inicialmente que ela houvesse atingido a iluminação. Ele acreditou somente quando ela se transformou imediatamente em um homem, realizou todas as práticas de um bodhisattva, foi para uma terra chamada Mundo Perfeito, manifestando as trinta e duas características e os oitenta aspectos do Buda, e pregou a Lei Mística para todas as pessoas dessa terra. Diante dessa prova real, o Bodhisattva Sabedoria Acumulada e Sharihotsu aceitaram calados e passaram a acreditar em tudo.

Essa descrença é uma manifestação da “escuridão fundamental”, pois significa que temos uma noção errada a respeito da verdadeira natureza de nossa existência e do potencial da nossa própria vida. Esse tipo de pensamento representa um ponto de vista antiquado de que só é possível alcançar o estado de Buda sendo homem, praticando muitos estágios e durante muito tempo. A filha do rei-dragão representa o perfeito ensino do Sutra de Lótus e uma mudança de paradigma, revelando um novo pensamento que desafia abertamente o pensamento antiquado e patriarcal.

Atingir o estado de Buda na forma como é significa agir com alegria e tranqüilidade para ajudar todas as pessoas que sofrem sem se preocupar com críticas ou a ridicularização. As pessoas que agem dessa forma alcançarão a iluminação da maneira como são.

O Budismo de Nitiren Daishonin ensina que todas as pessoas, tanto os homens como as mulheres, possuem o potencial inerente em sua natureza denominada estado de Buda. Essa é uma jóia que existe na vida de todos os seres vivos. Esse é o significado de Possessão Mútua dos Dez Mundos e do itinen sanzen e é a revelação fundamental do Sutra de Lótus. Os dez mundos incluem o estado de animalidade. A filha do rei-dragão tem a forma de um animal e naturalmente o estado de Buda está inerente no mundo da animalidade, porém as pessoas preconceituosas não conseguem enxergá-lo.

Fontes de consulta:

• Brasil Seikyo, edição no 1.432, 4 de outubro de 1997, pág. 4.

• Terceira Civilização, edição no 448 , dezembro de 2005, pág. 45.

# A filha do rei dragão (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1903, 11/08/2007, página A8.)

Pergunta: O fato de ela se transformar em homem para provar a iluminação não significa que somente os homens podem atingir a iluminação?

Resposta: Não, pois ela já havia se tornado Buda com a forma feminina. Sua transformação nada mais é do que um meio utilizado por ela para comprovar sua iluminação a Sharihotsu e a homens incrédulos de que uma mulher somente atingiria o estado de Buda se renascesse como homem.

O capítulo “Devadatta” do Sutra de Lótus registra as dúvidas de Sharihotsu, o mais sábio dos dez principais discípulos de Sakyamuni. Quando Sharihotsu constata a iluminação da pequena menina dragão, mostra-se incrédulo e diz que aquilo é algo “difícil de crer” (LS 12, pág. 188). Ele a interroga com aspereza e exige saber: “Como é possível que uma mulher como você tenha atingido a iluminação tão rapidamente?” (LS12, pág 188).

Mesmo Sharihotsu era incapaz de abandonar por completo a idéia de que uma pessoa só conseguiria esse feito depois de praticar austeridades por incontáveis kalpas. Por isso, não podia aceitar de imediato que alguém pudesse atingir a iluminação sem ter de mudar sua forma.

O fato de Sakyamuni não ter ensinado às pessoas que as mulheres podiam atingir o estado de Buda desde o início é devido ao fato de que a sociedade indiana na época era muito discriminatória com as mulheres e a resistência ao ensino seria muito grande. Então ele usou como um meio para adaptar o seu ensino à capacidade das pessoas, dizendo que as mulheres deveriam se tornar homens antes de atingir o estado de Buda, para que eles pudessem aceitar a idéia de que as mulheres também poderiam alcançar a iluminação, pois o pensamento geral era de que elas jamais alcançariam a iluminação.

O problema é que, quando moldamos as explanações de acordo com os desvios da sociedade, há o perigo das pessoas ficarem apegadas a eles, transmitindo-os de geração a geração reforçando as atitudes discriminatórias.

A maneira complicada que o Sutra de Lótus descreve a iluminação da filha do rei dragão representa como as raízes da discriminação são profundas e como é difícil abandonar uma idéia preconcebida somente por meio da lógica e da razão.

O que a iluminação da menina dragão mostra é o poder benéfico da Lei Mística para transformar o veneno em remédio e atingir a iluminação mantendo a forma atual. Somente mediante esse poder benéfico é que todas as pessoas da era impura dos Últimos Dias podem atingir a verdadeira felicidade. Isso porque a Lei Mística é o remédio altamente eficaz que torna isso realidade no nível mais profundo da vida.

Fontes:

• Brasil Seikyo, edição no 1.432, 4 de outubro de 997, pág. 4.

• Ibidem, edição no 1.433, 11 de outubro de 1997, pág. 3.

• Terceira Civilização, edição no 448, dezembro de 2005, pág. 45.

# A filha do rei dragão (3)

(Brasil Seikyo, edição nº 1904, 18/08/2007, página A7.)

Pergunta: Como o budismo vê a diferença entre o homem e a mulher?

Resposta: O Sutra de Lótus ensina que os homens e as mulheres são iguais em iluminação e prática. Por exemplo, no décimo capítulo do Sutra de Lótus "Mestres da Lei", consta: "Esses bons homens e mulheres devem entrar nos aposentos do Enviado, vestir o manto do Enviado, sentar-se no assento do Enviado e, então, em prol dos quatro tipos de adeptos, expor amplamente este sutra". (LS10, pág. 166.) Isso equivale a declarar que os homens e as mulheres são igualmente qualificados a expor a Lei no lugar do Buda.

Nitiren Daishonin afirma em um de seus escritos: "Não deve haver discriminação entre as (pessoas) que propagam os cinco caracteres do Sutra de Lótus durante os Últimos Dias da Lei". (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. I, pág. 367.) Ele também declara: "A mulher que abraça [o Sutra de Lótus] não apenas excede todas as outras mulheres como também supera todos os homens". (The Writings of Nichiren Daishonin, pág. 464.) Essas frases expressam o espírito igualitário do budismo.

O presidente da SGI, Daisaku Ikeda, observa que as imagens de "masculinidade" e "feminilidade" que temos em nosso consciente foram profundamente influenciadas pelas tradições culturais desenvolvidas durante longos períodos de tempo. Segundo ele, "a influência dessas tradições está completamente impregnada em todos os aspectos do ethos social, inclusive na linguagem, na religião, nos sistemas de organização, na educação e na erudição". Por isso, não devemos estabelecer um modelo particular de comportamento para homens e mulheres, mas fazer com que as pessoas, primeiro, esforcem-se para viver como seres humanos decentes e permitir aos outros que façam o mesmo.

Do ponto de vista fisiológico, todas as pessoas nascem com os hormônios feminino e masculino. A questão é equilibrar os dois lados, pois necessitamos tanto das qualidades masculinas, como a virilidade para sobreviver, e as femininas, como a sensibilidade para conviver com outros.

Quando exercemos o lado masculino de maneira positiva, o livre exercício do poder é a chave para o crescimento, mas também pode se manifestar de forma violenta e destrutiva, atitudes de pessoas maldosas. A sinceridade e a sensibilidade de compreender outras pessoas e abraçar todas as coisas é o lado positivo do lado feminino que também pode se manifestar como possessividade.

É interessante que no capítulo "Devadatta" a primeira metade revele a iluminação dos homens maldosos e a segunda, a iluminação das mulheres. Aparentemente, não há uma ligação lógica entre eles, mas quando unimos as duas partes, podemos ter uma imagem do ser humano completo. Quando dizemos que todas as pessoas têm o lado masculino e feminino, significa que tanto nosso lado "Devadatta" como o lado "filha do rei dragão" de cada pessoa podem atingir o estado de Buda.

A menina-dragão atinge a iluminação na forma de um animal, portanto, o estado de Buda dela simboliza o aspecto físico da iluminação. No caso de Devadatta, a questão do bem e do mal é espiritual, portanto, a iluminação dele representa o aspecto espiritual da iluminação. Unindo os dois aspectos, temos a iluminação da vida como entidade do corpo e da mente. Portanto, esse capítulo expressa a vida tanto no aspecto físico como no espiritual, e tanto na dimensão feminina como na masculina.

O capítulo "Devadatta" apresenta sugestões interessantes para transformar os aspectos negativos da civilização moderna, como a destruição da natureza e a violência, a partir da mudança de uma sociedade controlada para uma sociedade de cooperação e benevolência. Como diz o Bodhisattva Manjushiri em louvor à filha do rei dragão: "Ela pensa nos seres humanos com benevolência como se eles fossem seus próprios filhos". Essa dessa maneira que tanto homens como mulheres devem se empenhar. Nisso se encontra o verdadeiro significado da iluminação da filha do rei dragão para a época atual.

Fontes: • Brasil Seikyo, edição no 1.432, 4 de outubro de 1997, pág. 4. • Ibidem, edição no 1.433, 11 de outubro de 1997, pág. 3. • Terceira Civilização, dezembro de 2005, edição no 448, pág. 45.

# “O que importa é o coração” (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1905, 25/08/2007, página A8.)

Pergunta: Ouvimos com certa freqüência que “o que importa é o coração”. Qual é o significado dessa frase sob o ponto de vista da prática do budismo?

Resposta: De fato, o Buda Nitiren Daishonin enfatiza a importância do coração em diversos escritos. Por exemplo, no escrito “A Estratégia do Sutra de Lótus”, ele orienta seu discípulo Shijo King sobre a importância de basear-se na fé na Lei Mística antes de qualquer outra tática ou estratégia. Daishonin afirma: “O que importa é o coração”. (The Writings of Nichiren Daishonin [WND], pág.1.000.) Quando já vivia no Monte Minobu, Daishonin também escreveu “O Tambor no Portal do Trovão” à seguidora Senniti-ama que morava na distante Ilha de Sado, incentivando-lhe: “Simplesmente observar o rosto um do outro seria insignificante. O que importa é o coração da pessoa. Encontremo-nos algum dia no Pico da Águia, onde vive o Buda Sakyamuni”. (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. 6, pág. 99.)

A palavra “coração” possui, sem dúvida, uma enorme abrangência de significados. O Dicionário Michaelis define o termo da seguinte forma: “s.m. 1. Anat. Órgão oco e musculoso, centro motor da circulação do sangue. 2. O peito. 3. Objeto em forma de coração. 4. Sede suposta da sensibilidade moral, das paixões e sentimentos. 5. Amor, afeto. 6. Caráter, índole. 7. Pessoa ou objeto amado. 8. Coragem, ânimo. 9. Centro, âmago”. Além disso, ao lermos a palavra “coração” nos textos budistas em língua portuguesa, há uma questão a ser considerada conforme consta nos “Comentários sobre a tradução” do livro Os Escritos de Nitiren Daishonin, reproduzida a seguir: “Mente: A palavra japonesa kokoro ou shin, que é comumente traduzida como ‘mente’ ou ‘coração’, não possui um equivalente exato no português, pois é um termo que engloba tanto a mente de uma pessoa, como seu espírito, emoção, volição e psiquê. Também pode indicar ‘vida’ como uma entidade psicossomática. Dessa forma, a palavra ‘mente’ ou ‘coração’, que aparece no texto deve ser compreendida no sentido mais amplo possível”. (Vol. 1, Prefácio, pág. lviii).

Vejamos, então, alguns aspectos relacionados com a palavra ‘coração’ sob o ponto de vista da prática do budismo.

Na frase “O que importa é o coração”, acima apresentada, podemos observar na palavra “coração”, o sentido de “fé” como também da própria “vida”. Normalmente, diante das dificuldades da vida diária, as pessoas planejam diversas táticas e estratégias em busca de uma solução. Entretanto, Daishonin orienta seu discípulo Shijo Kingo a, antes de mais nada, basear-se na fé na Lei Mística. Em outras palavras, Daishonin indica o caminho da fé ao Gohonzon e a recitação do Daimoku como o ponto de partida para a solução dos problemas, fazendo uso da referida frase. Por outro lado, podemos também entender que a solução de quaisquer problemas na vida se encontra no interior de nós mesmos, isto é, no nosso próprio “coração”.

Em um discurso, o presidente da SGI, Daisaku Ikeda, cita essa frase dos escritos, afirmando: “A felicidade não nos é concedida pelos outros ou vem de algum lugar fora de nós, mas é algo que nós próprios devemos obter com o nosso próprio coração. Assim como Daishonin diz, ‘O que importa é o coração’. (WND, pág. 1.000.) Em outro escrito, encontramos a seguinte declaração: “A boa sorte vem do coração e torna a pessoa digna de respeito”. (WND, pág. 1.137.) A fé é o que nos capacita a fortalecer e aprofundar nosso coração no grau máximo.

Fonte:

• Brasil Seikyo, edição no 1.743, 10 de abril de 2004, pág. A3.

# “O que importa é o coração” (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1906, 08/09/2007, página A8.)

Pergunta: Como podemos relacionar a frase “o que importa é o coração” ao desenvolvimento do Kossen-rufu?

Resposta: Além do significado de “fé” e de “vida” apresentado anteriormente para a palavra “coração”, podemos entendê-lo também como “determinação”. O budismo expõe o princípio de Três Mil Mundos num Único Momento da Vida (itinen sanzen) que ilustra o quanto uma “decisão” ou “determinação” de uma pessoa em um dado momento é importante para a transformação de sua vida e das circunstâncias ao seu redor. O presidente da SGI, Daisaku Ikeda, expressa claramente a importância da determinação: “‘O que importa é o coração’. (The Writings of Nichiren Daishonin, pág. 1.000.) Nisso se encontra a essência da vida. Nosso coração e nossa mente envolvem toda a sociedade, o mundo e o Universo. Tudo se decide pela determinação em nosso coração neste exato momento. O budismo explana o princípio dos Três Mil Mundos num Único Momento da Vida. Nosso comprometimento de manter firmemente a fé na Lei Mística tem o poder de criar uma transformação positiva em nós mesmos, no ambiente ao nosso redor e até mesmo no mundo. Essa é a imensa força de nossa determinação. A vida é uma batalha e nossos empreendimentos na sociedade também são — assim é a realidade. Portanto, é essencial vencer essas batalhas”. (Brasil Seikyo, edição no 1.735, 14 de fevereiro de 2004, pág. A3.)

O desenvolvimento do Kossen-rufu inicia-se sempre a partir da determinação, ou seja, o “coração” de uma única pessoa. Nitiren Daishonin declara esse princípio no escrito “O Verdadeiro Aspecto de Todos os Fenômenos”: “No início, somente Nitiren recitou o Nam-myoho-rengue-kyo, depois, duas, três e cem pessoas o seguiram, recitando e ensinando aos outros. Assim também será a propagação no futuro. Isso não significa ‘emergir da terra’? Quando a Lei tiver sido amplamente propagada, a nação japonesa inteira recitará o Nam-myoho-rengue-kyo. Isso é tão certo quanto uma flecha que, apontada para a terra, acerta o alvo em cheio”. (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. 5, pág. 252). Em outras palavras, pode-se afirmar que a realização do Kossen-rufu para a felicidade de todas as pessoas é, em si, o próprio espírito e o “coração” do Buda Nitiren Daishonin. Portanto, como praticantes do Budismo Nitiren, ou melhor, como verdadeiros discípulos, torna-se de fundamental importância herdar esse “coração” do Buda que é o da realização do Kossen-rufu. Na época contemporânea, foram justamente os três primeiros presidentes da Soka Gakkai que herdaram verdadeiramente este “coração” do Buda, desenvolvendo um movimento sem precedentes de propagação do Budismo de Daishonin para a felicidade das pessoas em escala mundial. É por essa razão que o “coração” da unicidade de mestre e discípulo é um fator de extrema importância no correto caminho da prática budista.

No contexto do “coração” da unicidade de mestre e discípulo, cabe relembrarmos a frase do escrito “O Tambor no Portal do Trovão”, na qual Daishonin enaltece o “coração” da já idosa Senniti-ama que morava na distante Ilha de Sado: “Simplesmente observar o rosto um do outro seria insignificante. O que importa é o coração da pessoa. Encontremo-nos algum dia no Pico da Águia, onde vive o Buda Sakyamuni” (ibidem, vol. 6, pág. 99). Com certeza, apesar de não poder realizar o encontro pessoal com Daishonin pela longa distância e pela sua idade avançada, Senniti-ama mantinha uma prática da fé com o “coração” unido ao do seu mestre.

Enfim, independentemente das circunstâncias em que estejamos vivendo no momento, o mais importante é o “coração”, pois nele está o caminho para a vitória.

# O rugido do leão (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1907, 15/09/2007, página A8.)

Pergunta: A expressão “rugido do leão” é citada com certa freqüência nos escritos de Nitiren Daishonin. Poderia explicar por que ela é associada à luta para vencer o obstáculo da doença?

Resposta: O budismo nos ensina que quando nos empenhamos firmemente na prática budista, desfrutamos, infalivelmente, uma vida repleta de esperança e felicidade mesmo que porventura venhamos a nos deparar com uma doença crônica. O escrito “Resposta a Kyo’o”, datada de agosto de 1273, foi enviado em resposta à notícia de que Kyo’o, filha mais nova de Shijo Kingo e Nitiguennyo, estava gravemente doente. Nitiren Daishonin incentiva o casal a fortalecer a fé e por meio dela recuperar a saúde de sua estimada filha que tinha apenas um ano de idade. Numa passagem desse escrito consta: “O Nam-myoho-rengue-kyo é como o rugido de um leão. Que doença pode, portanto, ser um obstáculo?” (Os Escritos de Nitiren Daishonin, vol. 1, pág. 275.)

O leão é o rei dos animais. Quando ele ruge, todos os outros animais são intimidados. Da mesma forma, quando recitamos a Lei Mística com forte determinação, todos os problemas são vencidos. A “doença” citada na frase, além de referir-se à indisposição física, pode ser entendida como qualquer frustração ou dificuldade resultante da pobreza, do desemprego, dos conflitos de relacionamento humano etc. Todos os problemas são trampolins para a conquista da felicidade.

Nesse escrito, Daishonin nos ensina que, da mesma forma como o leão espanta todos os ferozes animais com seu rugido, nenhuma doença é um obstáculo quando se recita Daimoku. Uma pessoa é infeliz não porque está doente, mas por ser derrotada pela doença e por perder as esperanças; é infeliz porque esqueceu sua grandiosa missão pelo Kossen-rufu. Muitas pessoas têm boa saúde física, mas são infelizes por não terem saúde espiritual. Ao contrário, existem companheiros na prática budista que estão doentes ou que têm deficiências físicas; contudo, desfrutam plenamente a felicidade, ajudando outros a se tornarem felizes também. No âmago da vida, a saúde e a doença são inseparáveis e formam um único corpo. Podem se manifestar tanto na forma de boa saúde como na de uma doença. Pelo fato de estarem interligadas, quando nos empenhamos na prática budista e lutamos para vencer a doença, estabelecemos a verdadeira saúde tanto física como espiritual.

Ainda no mesmo escrito, consta a seguinte frase: “Mas tudo depende de sua fé. Uma espada será inútil nas mãos de um covarde. A poderosa espada do Sutra de Lótus deve ser manejada por alguém corajoso na fé. Então será tão forte quanto um demônio armado com um cajado de ferro”. (Ibidem.)

Nessa passagem, Daishonin nos ensina que se o poder da fé for fraco, os benefícios não se manifestarão plenamente. Tal como o exemplo da espada inútil nas mãos de um covarde, a força do Gohonzon só pode ser obtida por meio da corajosa fé da própria pessoa que recita Daimoku. Portanto, a determinação da pessoa é muito importante. Nitiren Daishonin concentrou toda a sua energia vital, como o rei leão, para inscrever o Gohonzon. Igualmente, para conquistar toda a proteção das divindades budistas devemos manifestar a corajosa fé em relação ao Gohonzon como dignos filhos do rei leão.

Referências:

• Terceira Civilização, edição no 429, maio de 2004, pág. 22.

• Brasil Seikyo, edição no 1.634, 1o de janeiro de 2002, pág. B7.

• Ibidem, edição no 1.849, 24 de junho de 2006, pág. B2.

# O rugido do leão (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1908, 22/09/2007, página A8.)

Pergunta: Qual a relação entre o princípio “rugido do leão” apresentado no Sutra de Lótus e o movimento pelo Kossen-rufu promovido pelos três primeiros presidentes da Soka Gakkai?

Resposta: No Sutra de Lótus consta: “Fazer com que o rugido do leão seja ouvido”. (The Lotus Sutra [LS], cap. 13, pág. 193.) De acordo com o “Registro dos Ensinos Orais”, o rugido do leão indica a pregação do Buda. A pregação da Lei refere-se ao Sutra de Lótus e, especificamente, ao Nam-myoho-rengue-kyo. O primeiro ideograma chinês da palavra “leão”, significa “mestre”, e representa a Lei Mística tal como é transmitida pelo mestre. O segundo ideograma chinês que forma a palavra “leão” significa “filho”, e indica a Lei Mística tal como é recebida pelos discípulos. “Rugido”, por sua vez, refere-se ao som das vozes do mestre e do discípulo recitando [Daimoku] juntos e em uníssono. “Fazer ouvir” [o rugido do leão] refere-se a iniciar o Nam-myoho-rengue-kyo nos Últimos Dias da Lei. (Gosho Zenshu, pág. 748.)

Dessa forma, Daishonin ensina que o verdadeiro significado de “rugido do leão” está no fato de os discípulos se empenharem com o mesmo espírito de seu mestre para propagar o ensino correto. Quando o mestre brada com esse rugido de leão, os discípulos fazem o mesmo. E, um a um, começam a surgir indivíduos iluminados que fazem sua voz possante ser ouvida. O clamor desses leões derrotará a natureza malévola de todos os caluniadores deste verdadeiro ensino.

A Soka Gakkai, sob a brilhante liderança dos três primeiros presidentes, tem centralizado suas atividades na propagação deste ensino de vida a vida. O Chakubuku, ato de suprema benevolência, é um rugido de leão que tem como objetivo reviver a bondade no coração das pessoas e infundir vitalidade e criatividade dinâmicas na sociedade, em benefício de todos. Essa prática é nutrida por um espírito de luta semelhante ao rugido intrépido do rei leão. Essa luta nos possibilita forjar um estado de vida indestrutível como o diamante. Daishonin cita o Sutra do Nirvana para esclarecer que o benefício de praticar o Chakubuku é a aquisição de um “corpo de diamante” (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. 4, pág. 215.) Quando iniciamos essa batalha de benevolência, podemos nos desfazer das tendências corrosivas, como a preguiça, a negligência e a covardia. O estado de vida de diamante que se adquire vencendo em cada luta pelo Kossen-rufu não só adorna a vida nesta existência como brilha por toda a eternidade.

Ao contrário do que se possa pensar, “rugido do leão” não é algo especial como palestrar em um simpósio internacional, por exemplo, mas simplesmente empreender um diálogo sincero que atinja diretamente a vida da pessoa com a qual estamos falando.

O segundo presidente da Soka Gakkai, Jossei Toda, disse: “[O juramento de Daishonin em ‘Abertura dos Olhos’ representa] sua determinação como Buda dotado das três virtudes [de soberano, mestre e pais] de libertar o povo do Japão das profundezas do sofrimento. Como discípulos notáveis de Daishonin, portadores de seu legado e de seu forte rugido de leão e como verdadeiros patriotas, devemos lutar para salvar aqueles que se encontram imersos no grande sofrimento na época atual”. Em resposta ao rugido de leão do presidente Toda, o seu discípulo direto, Daisaku Ikeda, levantou-se e assim fizeram sucessivamente os membros da Divisão dos Jovens. Como resultado, a Soka Gakkai se tornou a organização que é hoje.

Referências:

• Terceira Civilização, edição no 391, março de 2001, pág. 7.

• Ibidem, edição no 422, outubro de 2003, pág. 11.

• Ibidem, edição no 456, agosto de 2001, pág. 50.

• Ibidem, edição no 423, novembro de 2003, pág. 5.

# Fé na vida diária (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1909, 29/09/2007, página A8.)

Pergunta: Em nosso dia-a-dia, de que forma podemos manter uma forte fé?

Resposta: Para os praticantes do Budismo de Nitiren Daishonin, cada dia representa um avanço e desafio a ser superado. Cada momento de nossa vida se torna significativo, não importando o que aconteça, sempre com base na sincera prática budista e aprofundando nossa convicção no Gohonzon.

No escrito de Nitiren Daishonin "Resposta ao Lorde Ueno", consta: "Atualmente, existem pessoas que têm fé no Sutra de Lótus. Entretanto, algumas crêem como chamas ardentes, enquanto outras, como água corrente. Quando as primeiras ouvem sobre o budismo, entusiasmam-se como o fogo, mas quando se afastam, são dominadas pela mente disposta a abandonar a fé. Como 'água corrente' significa crer continuamente sem nunca retroceder".1

Portanto, haja o que houver em nossa vida diária o mais importante é a continuidade na prática budista. O ideal seria manter a fé ardente como a chama e contínua como a água corrente.

Dessa maneira, renovamos a nossa decisão e disposição de vencer e romper todos os limites da vida diariamente, pois "não existe estratégia que supere a do Sutra de Lótus".2

Devemos nos empenhar para fortalecer a fé dia após dia, mês após mês, ano após ano. Essa é a chave para a concretização de nossos objetivos.

Todos os dias, quando recitamos Daimoku, incontáveis budas e divindades celestiais — as funções protetoras do Universo — estão diante do Gohonzon conosco. Nossa prática diária do Gongyo e a recitação do Nam-myoho-rengue-kyo ao Gohonzon é uma cerimônia que ocorre numa escala vasta e universal.

Em um discurso, o presidente da SGI, Daisaku Ikeda, observa: "Fé, benevolência e coragem são uma única coisa. A SGI triunfou graças à coragem. A coragem foi o que nos possibilitou abrir o amplo caminho do Kossen-rufu que conhecemos hoje".3

Ele também afirma: "Fé significa uma esperança ilimitada. Podemos com a fé acumular infinitos benefícios e criar uma vida de ilimitada vitória. O Grande Mestre Dengyo disse: 'Descartar o superficial e buscar o mais profundo é o modo de ser de uma pessoa de coragem.'4 Nas épocas difíceis, podemos superar as dificuldades com a fé e renovar nossa determinação de dedicar a vida ao Kossen-rufu. Esse tem sido o espírito da Soka Gakkai desde os primeiros dias de nosso movimento e está de acordo com o ensino de Daishonin. Essa fé e convicção tenazes no poder do Gohonzon geram a força para vencer qualquer obstáculo".5

As maldades surgem exatamente no ponto fraco das pessoas, tentando impedir a prática budista e, assim, destruir a felicidade. Por isso, devemos polir continuamente nossa fé, não descuidando um momento sequer.

Fonte:

1. As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol.1, pág. 419.

2. Gosho Zenshu, págs. 1.192–1.193.

3. Brasil Seikyo, edição no 1.489, 1o de janeiro de 1999, pág. 4.

4. The Writings of Nichiren Daishonin, pág. 402.

5. Brasil Seikyo, edição no 1.631, 8 de dezembro de 2001, pág. A3.

# Fé na vida diária (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1910, 06/10/2007, página A8.)

Pergunta: Como manter uma firme determinação no decorrer dos anos de prática?

Resposta: O 26o sumo-prelado, Nitikan Shonin (1665–1726), conhecido como o grande restaurador do Budismo de Nitiren Daishonin, escreveu sobre “empenhar-se com coragem e vigor” em Interpretando o Texto com Base em seu Significado Essencial, dizendo: “Yu (com coragem) significa agir com coragem; myo (com vigor) quer dizer despender toda a sabedoria. (...) Sho (puro) denota o que é autêntico; e jin (esforço) quer dizer avanço incessante”. Descreveu os benefícios do Gohonzon com as seguintes palavras: “Se crer neste Gohonzon e professar o Nam-myoho-rengue-kyo, não haverá oração sem resposta, nem pecado (causa negativa) imperdoável. Toda fortuna será concedida e toda justiça será provada”. (Coletânea de Escritos de Nitikan Shonin, pág. 443.)1

No romance Nova Revolução Humana, capítulo “Novo Verde”, Shin-iti Yamamoto incentiva: “O importante agora é a decisão de vocês. Em seus escritos, Nitiren Daishonin afirma: ‘Empenhe-se no desenvolvimento da fé até o último momento de sua vida. Caso contrário, arrepender-se-á sem falta.’ (As Escrituras de Nitiren Daishonin [END], vol. 4, pág. 280.) As pessoas assumem facilmente alguma decisão, mas com o tempo acabam caindo na rotina da vida diária e não dão continuidade a ela. Nesse caso, mesmo que aparentem estar se esforçando, não sentem a verdadeira felicidade no âmago da vida nem conseguem um avanço efetivo. O meio para não permitir isso é manter sempre o espírito de desafiar a partir deste exato momento. Espero que vocês mantenham sempre a prática da fé como o frescor do novo verde das plantas”.2

O mais importante é de que forma nos empenhamos em nossa prática diária. Ao orarmos, devemos manifestar o nosso mais nobre sentimento de gratidão e comprometimento em realizar o Kossen-rufu. Sentir a alegria da prática budista.

O presidente da SGI, Daisaku Ikeda, afirma: “O Kossen-rufu é uma sincera batalha; não é alguma teoria abstrata tampouco um jogo insignificante. Em ‘Resposta a Yasaburo’, Daishonin descreve a atitude e o comprometimento que se deve ter ao engajar-se nessa batalha: ‘Deve orar com toda a seriedade para que Sakyamuni, Muitos Tesouros e os Budas das dez direções se reúnam e entrem em seu corpo para ajudarem-no’. (WND-1, pág. 829.) A oração ativa todos os Budas e Bodhisattvas do Universo. Se nossa fé é forte, conseguimos ativá-los com uma força ainda maior. Existem bilhões e bilhões de budas e bodhisattvas se empenhando conosco. Embora não sejam visíveis fisicamente, a presença deles pode ser discernida quando observadas com a ‘visão do Buda’”.3

Ele também diz: “O budismo é vitória ou derrota e a vida é uma eterna batalha. Devemos viver com força e vigor até o fim. Em qualquer campo de atividade, a realidade é muito rigorosa. É a força do budismo que nos dá condições de vencer em qualquer situação. As dificuldades são inevitáveis na vida — isso é uma verdade para todas as pessoas. Nisso se encontra uma profunda razão para a prática; devemos sempre nos lembrar disso”.4

Portanto, sempre renovando nossa determinação por meio da prática, vamos usufruir de imensuráveis benefícios em nossa vida.

Fontes:

1. Terceira Civilização, edição no 399, novembro de 2001, pág. 6.

2. Brasil Seikyo, edição no 1.694, 5 de abril de 2003, pág. A7.

3. Ibidem, edição no 1.887, 14 de abril de 2007, pág. A3.

4. Ibidem, edição no 1.631, 8 de dezembro de 2001, pág. A3.

# Budismo é a própria vida diária

(Brasil Seikyo, edição nº 1911, 13/10/2007, página A8.)

Comumente, encara-se a prática religiosa como algo distante da realidade da vida diária tanto no tempo como no local físico. Distante no tempo devido à visão de que a prática religiosa ocorre em algum momento distinto dos afazeres da vida diária tais como o trabalho, o lazer e a vida em família; e distante no local físico pela idéia de que a religião está dentro de uma igreja ou de um templo.

Entretanto, o Budismo de Nitiren Daishonin apresenta a concepção de que a sua prática está diretamente relacionada à própria vida diária. No escrito "Resposta a um Crente", consta a seguinte célebre frase do Buda Original: "Considere o serviço ao seu lorde como uma prática do Sutra de Lótus".1 Nessa frase, Daishonin ensina que o lugar onde são realizadas as ações diárias, como o trabalho e o lar, é o próprio local para o desenvolvimento do exercício budista. Em outras palavras, o ambiente real da vida diária é onde se deve comprovar o correto modo de vida embasado na prática do budismo. Claramente, o objetivo da prática budista está na revolução humana de si mesmo, pois somente a mudança interior possibilita a real transformação das circunstâncias da vida.

Em uma analogia com uma árvore, a prática budista pode ser comparada às suas raízes; e a vida diária, ao seu tronco, galhos e folhas. Quanto mais profundas as raízes da prática, mais sólida é a edificação da vida diária. Por isso mesmo, sob o ponto de vista do budismo, pode-se concluir que o aspecto da vida diária reflete-se diretamente na própria prática budista da pessoa. Em suma, com base nessa concepção budista de que "a prática budista é a própria vida diária" e "a vida diária é a própria prática budista", é desejável que todos possam comprovar um aspecto de vitória na vida e ser uma pessoa de confiança na sociedade.

Esta coluna, "Budismo na Vida Diária", cujo primeiro número foi publicado no início do ano de 2001, chega agora ao número 300, tratando de diversos princípios budistas, alguns bastante conhecidos e de fácil compreensão e outros mais complexos. De uma forma geral, o objetivo desta coluna vem sendo o de apresentar semanalmente algum conceito budista visando não somente aprimorar os conhecimentos dos leitores mas, acima de tudo, propiciar um contínuo fortalecimento da prática budista capaz de influenciar positivamente a vida diária de cada indivíduo.

Ao longo desses quase sete anos, inúmeras pessoas contribuíram na pesquisa e na redação semanal desta coluna, para as quais apresentamos os mais sinceros agradecimentos em nome do Departamento de Estudo do Budismo da BSGI.

Ao mesmo tempo, reafirmamos a decisão de aprimorar cada vez mais, sempre com o propósito de contribuir para o desenvolvimento da prática budista que manifeste resultados concretos na vida diária.

Por fim, destacamos uma orientação do presidente Ikeda sobre a importância da fé na vida diária: "A fé equivale à vida diária e se manifesta na sociedade. Em relação a isso, o Sr. Toda afirmou: 'A religião não é um conjunto de conceitos abstratos; a verdadeira religião é algo que pode ser vivido e deve ser demonstrado na vida. Compartilhar os ensinos de Nitiren com outras pessoas e realizar o Gongyo todos os dias são meios para aprimorar nossa vida'".2

Notas:

1. As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. 1, pág. 342.

2. Brasil Seikyo, edição no 1.726, 6 de dezembro de 2003, pág. A3.

# O coração do grande rei leão (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1912, 20/10/2007, página A8.)

Numa sessão de perguntas e respostas com o coordenador do Departamento de Estudo de Budismo da SGI, Katsuji Saito, durante o 2o Curso Latino-Americano de Budismo, realizado em janeiro deste ano, no Centro Cultural Campestre, um dos participantes perguntou: “Qual deve ser a postura do discípulo para que o Kossen-rufu não se perca e possa ser eternizado?” O Sr. Saito respondeu que se o discípulo levantar-se com o mesmo coração do mestre, então o Kossen-rufu poderá ser eternizado. Entendemos, portanto, que a chave é a unicidade de mestre e discípulo.

O coração do grande rei leão é constituído por dois importantes pontos — o coração do Buda e o espírito do Buda.

O coração do Buda refere-se ao grande desejo do Buda pela ampla propagação da Lei, isto é, o desejo pelo Kossen-rufu. Em japonês, é expresso pela palavra daigan, que é compreendido também por “juramento”.

O espírito do Buda é o espírito de não poupar a própria vida (“fuji-shaku-shum-myo”, em japonês). Não significa morrer pela lei, mas, sim, dedicar a vida, viver plenamente pela lei, colocando o Kossen-rufu em primeiro lugar.

Assim, daigan e o espírito de fuji-shaku-shim-myo constituem o coração do grande rei leão.

Os seguintes trechos da explanação do escrito “Herança da Suprema Lei da Vida” elucidam esse ponto. Nela, Nitiren refere-se à questão de como podemos herdar a lei e manifestá-la em nossa própria vida:

“Nitiren tem se dedicado a despertar todas as pessoas do Japão para a fé no Sutra de Lótus de modo que elas também compartilhem essa herança e alcancem o estado de Buda. Entretanto, em vez disso, elas têm me perseguido de várias formas e finalmente me baniram para esta ilha. Todavia, o senhor seguiu Nitiren e, como resultado, enfrentou sofrimentos. Sofro profundamente ao pensar em sua angústia. O ouro não pode ser queimado pelo fogo e tampouco corroído nem destruído pela água, mas o ferro pode. Uma pessoa nobre é como o ouro, ao passo que o tolo é como o ferro. O senhor é como o ouro puro porque abraça o ‘ouro’ do Sutra de Lótus. O sutra afirma: ‘Assim como dentre todas as montanhas o Monte Sumeru é o primeiro, esse Sutra de Lótus também é o primeiro entre todos os outros sutras.’ O sutra também declara: ‘A boa sorte que o senhor acumula por isso... não pode ser destruída pelo fogo nem corroída pela água’. Devem ter sido os laços cármicos do distante passado que fizeram com que o senhor se tornasse meu discípulo em uma época como esta. Sakyamuni e Muitos Tesouros com certeza atestam esse fato. A declaração do sutra de que ‘As pessoas que ouviram a Lei habitaram vários lugares, várias terras do Buda e constantemente renasceram em companhia de seus mestres’, não pode, de maneira alguma, ser falsa.” (Os Escritos de Nitiren Daishonin, vol. 3, págs. 176–178.)

Daishonin incentiva ao máximo Sairembo, o recebedor dessa carta, pela sua persistência na fé sem se entregar perante as dificuldades. E ensina sobre o profundo significado da unicidade de mestre e discípulo (shitei funi).

Logo no início, Daishonin elucida sobre o coração do mestre, declarando Nitiren ter se dedicado a despertar todas as pessoas do Japão para a fé no Sutra de Lótus de modo que elas também compartilhem essa herança e alcancem o estado de Buda. Esse é o juramento do Buda em querer a iluminação de todas as pessoas conforme elucidado no Sutra de Lótus, e é o próprio juramento do Kossen-rufu (Daigan).

Um aspecto de fundamental importância contido nesse escrito é que, no budismo, essa herança da suprema Lei da vida é aberta a todas as pessoas. Ao compreendermos o profundo significado desse aspecto da herança da Lei, torna-se nítida a diferença entre a religião mundial do humanismo, promovida pela SGI, e o autoritarismo do clero.

# O coração do grande rei leão (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1913, 27/10/2007, página A8.)

O presidente da SGI, Daisaku Ikeda, afirma que no budismo o coração do mestre é o grande desejo do Kossen-rufu; e o espírito do mestre é agir sem poupar a própria vida (fuji shaku shin myo). Em um discurso, ele cita uma passagem do escrito enviado a seu fiel discípulo, Nanjo Tokimitsu, para explicar sobre o coração do mestre: “Haja o que houver, todos os meus discípulos devem alimentar o grande desejo de atingir a iluminação... No final, ninguém pode escapar da morte. Os sofrimentos desse momento não são piores do que os que estamos encontrando agora. Como a morte é a mesma em qualquer um dos casos, deve estar disposto a oferecer sua vida pelo Sutra de Lótus. Pense nesse oferecimento como uma gota de orvalho reunindo-se ao oceano ou uma partícula de areia retornando à terra”. (As Escrituras de Nitiren Daishonin [END], vol. 3, pág. 282.)1

Uma vez que terá de viver de alguma forma, consagre a sua vida em prol do Kossen-rufu! Este foi o ardente desejo de Nitiren Daishonin. O coração do mestre é o grande desejo do Kossen-rufu. Sintonizar o coração ao do mestre é o caminho para se tornar Buda. O espírito do mestre é o de agir sem poupar a própria vida. Portanto, agir com esse mesmo espírito é o caminho para concretizar o Kossen-rufu. Daishonin sofreu grandes perseguições devido à sua luta de grande benevolência para que todas as pessoas pudessem compartilhar a herança para alcançar o estado de Buda. Por ocasião da Perseguição de Tatsunokuti e do exílio à Ilha de Sado, os discípulos que não compreenderam o coração do mestre acabaram caluniando Daishonin e abandonando a fé na Lei Mística. É exatamente em meio a grandes perseguições que se define claramente o verdadeiro e o falso discípulo. Assim foi com Nitiren Daishonin, que elucidou a verdadeira natureza do relacionamento de mestre e discípulo nesses momentos cruciais.

A partir da situação em que “novecentos e noventa e nove dentre mil abandonaram a fé” (END, vol. 2, pág. 222), Daishonin criou verdadeiros discípulos de ouro puro que passaram a segui-lo como devotos do Sutra de Lótus, mesmo conscientes da sua condição de exilado. Sairembo era uma dessas pessoas que, mesmo sofrendo perseguições devido a sua atitude de se envolver espontaneamente com Daishonin, o seguiu continuamente sem se abalar. O verdadeiro mestre é aquele que faz despertar esse profundo desejo existente na vida do ser humano. Por outro lado, despertar isso como sendo o seu próprio desejo, agindo exatamente como ensinado pelo mestre, pode-se dizer que é a conduta do verdadeiro discípulo. Assim, o relacionamento de mestre e discípulo, que juntos se empenham em prol do Kossen-rufu, é algo que existe em um âmbito mais profundo da vida, isto é, do eterno estado de Buda das pessoas. Em outras palavras, o relacionamento de mestre e discípulo reside na extraordinária condição de vida denominada estado de Buda.

Nota:

1. Brasil Seikyo, edição no 1.228, 5 de junho de 1993, pág. 4.

# Benefícios da prática budista

(Brasil Seikyo, edição nº 1914, 03/11/2007, página A8.)

Qual é o significado de “benefício”? Basicamente, esse termo significa “progresso” ou “melhoramento”. A questão principal é que uma ação positiva possui um benefício inerente. O benefício não é absolutamente algo que vem de fora. Ele surge de dentro da própria vida; manifesta-se por meios de ações. O benefício jorra como água de uma fonte. Em outras palavras, o verdadeiro benefício nada tem a ver com depositar todas as esperanças num milagre de ordem externa, tal como algo que cai do céu.

De acordo com Nitiren Daishonin, o benefício surge da “purificação dos seis órgãos dos sentidos”. A purificação dos seis sentidos da visão, da audição, do olfato, do paladar, do tato e da mente é a purificação da própria vida. Em outras palavras, significa realizar a revolução humana e mudar o destino.

No trecho do Registro dos Ensinos Orais (Ongui Kuden) que trata do capítulo “Benefícios do Mestre da Lei”, consta: “O ‘benefício’ significa o resultado e a recompensa da purificação dos seis órgãos dos sentidos... O benefício significa atingir o estado de Buda na presente existência e a purificação dos seis órgãos dos sentidos”.1

Atingir o estado de Buda, ou seja, realizar a revolução humana, é o supremo benefício. Todos os chamados benefícios mundanos manifestam-se como uma prova concreta da felicidade na mesma medida em que a vida é purificada. Isso está de acordo com o princípio da unicidade da vida e seu ambiente.

No escrito “Sobre atingir o estado de Buda nesta existência” consta: “Se buscar a iluminação fora de si mesmo, então, mesmo que realize dez mil práticas e dez mil boas ações, tudo será em vão. É o mesmo caso de um homem pobre que passa dia e noite contando a riqueza do vizinho e que não consegue obter sequer um tostão para si. Eis por que consta no comentário da escola Tient’ai: ‘Se não despertar para a sua própria natureza, não conseguirá erradicar as graves ofensas de sua vida’. Esta passagem significa que, a menos que desperte para a natureza da própria vida, a prática se tornará uma austeridade angustiante e sem fim”.2

Nitiren Daishonin quer dizer que, enquanto buscar a iluminação fora de si, mesmo que realize “dez mil práticas e dez mil boas ações” (ou seja, todas as práticas que Sakyamuni expôs em vida) e mesmo que acreditemos na proteção dos budas e bodhisattvas das três existências (ou seja, as funções benevolentes do Universo), tudo será em vão. Agir dessa forma é como calcular a riqueza do vizinho, ensina Daishonin, pois, particularmente, não resulta em nenhum benefício.

Pode-se entender o mesmo raciocínio em relação aos benefícios da prática budista. Analogamente à iluminação, o benefício não é absolutamente algo que vem de fora. Ele surge de dentro da própria vida.

Daishonin cita então a passagem de um comentário da escola Tient’ai: “Se não despertar para a sua própria natureza, não conseguirá erradicar as graves ofensas de sua vida”.3 Se as pessoas não compreenderem esse ponto, ele alerta, todas as práticas externas e boas ações que elas realizarem para atingir a iluminação acabarão se tornando “uma austeridade angustiante e sem fim”.4

Isso quer dizer que, se não perceber a natureza da própria vida, não poderá erradicar as graves ofensas. “Graves ofensas” se referem à ignorância, a origem de todo mal. A grave ofensa da calúnia surge ao denegrir a Lei ou o ensino correto do budismo, como resultado da escuridão ou ilusão inata.

Nota:

1. Brasil Seikyo, edição no 1.228, 5 de junho de 1993, pág. 4.

# Benefícios da prática budista (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1915, 10/11/2007, página A8.)

Sem perceber a natureza da própria vida, as pessoas não conseguem erradicar as graves ofensas, que se referem à ignorância, a origem de todo o mal. Essa ignorância faz com que as pessoas cometam calúnias à Lei, denegrindo-a ou ao ensino correto do Budismo Nitiren.

No Budismo de Tient'ai, somente é possível erradicar essa ignorância por meio da prática da observação da própria mente; em outras palavras, da sabedoria. No Budismo Nitiren, a escuridão fundamental é erradicada pela espada cortante da fé, de acordo com o princípio de "substituição da sabedoria pela fé". Essa é a essência da prática da recitação do Daimoku.

Ou seja, se a pessoa buscar a iluminação ou o benefício fora de si, não estará seguindo a prática da "observação da própria mente" — o caminho que permite vencer o mal fundamental da ignorância ou escuridão. Por isso, todos os esforços e boas ações para atingir a iluminação serão sem efeito; inúteis como calcular a imensa riqueza do vizinho. Como nenhuma dessas atitudes levará à erradicação da ignorância, se tornará uma "austeridade angustiante e sem fim".

Por exemplo, se recitar Daimoku e, ao mesmo tempo, culpar os outros ou as circunstâncias, estará evitando o desafio de enfrentar a própria ignorância ou escuridão. Isso é o mesmo que buscar a iluminação ou os benefícios fora de si. Ao mudar interiormente num nível fundamental, começará a melhorar a situação. A oração é a força motriz dessa mudança.

É também importante não cair na armadilha de desenvolver uma fé dependente, depositando as esperanças de que as orações serão respondidas graças a poderes divinos ou transcendentais de deuses e budas. Esse é um exemplo típico de uma pessoa que vê a Lei fora de si mesma. Esse tipo de fé, cuja essência é o escapismo, era mantida pelos seguidores dos budas provisórios dos ensinos pré Sutra de Lótus.

Mesmo que esteja sofrendo, se tiver uma fé dependente, evitará os problemas. Não terá coragem para desafiar nem realizar esforços para mudar as circunstâncias. No entanto, sem empenho não há como acionar as engrenagens da revolução humana. Nesse caso, a fé serve como escudo para as pessoas se esconderem e fugir da realidade. Assim, elas esperam que os benefícios aconteçam apenas por estarem praticando o budismo. Sem enfrentar de frente os problemas e situações, nada muda, levando à dúvida.

As queixas e as lamentações são as principais portas pelas quais as dúvidas e as descrenças se infiltram. Porém, muitas vezes, mesmo sabendo que estão erradas, as pessoas agem dessa forma. Quando queixas e lamentações se tornam um hábito, funcionam como um freio que as impedem de crescer e avançar. É como se bloqueassem seu potencial, caindo no caminho da busca pela Lei fora de si mesma. Apesar de ser um grande desafio parar de lamentar, a Lei Mística possibilita às pessoas manifestarem a sabedoria para controlar essas tendências e usá-las como um trampolim para o crescimento e o desenvolvimento individual.

Fonte:

1. Quarta parte da explanação do presidente da SGI, Daisaku Ikeda, do escrito "Sobre atingir o estado de Buda nesta existência", publicada na revista Terceira Civilização, edição no 463, março de 2007, pág. 41.

# Benefícios da prática budista (3)

(Brasil Seikyo, edição nº 1916, 17/11/2007, página A8.)

Nitiren Daishonin afirma: “O caractere ku [do termo kudoku, ou benefício], significa eliminar a maldade, ao passo que o caractere doku significa produzir o bem”. (Gosho Zenshu, pág. 762.) No Budismo Nitiren, benefício significa produzir o bem, vencendo o mal, ou livrar-se da escuridão fundamental da vida e fazer surgir o bem.

Pode-se entender negativamente essa concepção, considerando que os sofrimentos nunca acabam. Para compreender corretamente, temos o exemplo do pião que gira impulsionado por uma corda. Quanto maior a força e a velocidade com que o pião gira, mais firme e estável ele fica. Ou seja, quanto mais ele luta contra o desequilíbrio e a gravidade, mais equilibrado e ereto fica. Parece até que está parado, de tão estável, mas na verdade está girando com toda a intensidade contra a instabilidade. Assim é o kudoku. Quanto mais luta contra os sofrimentos, mais forte e inabalável fica.

Do contrário, se pensarmos “já lutei o suficiente, vou tirar umas férias ou vou me aposentar...”, vamos diminuir o ritmo. Como o pião, girar devagar o leva a balançar cada vez mais, pois de maneira lenta não consegue mais a estabilidade, levando, por fim, à queda.

Na prática budista, para manifestar o benefício é preciso realizar Chakubuku, ou a propagação do ensino de Daishonin. Isso significa refutar as crenças errôneas que causam o sofrimento, fazendo com que as pessoas vivam com base na Lei Mística.

O Chakubuku é a ação para “destruir a maldade e fazer com que surja o bem”. Ao realizar essa prática pelas outras pessoas, também se manifesta o mesmo efeito na vida. Destruir a maldade é purificar.

Alguns interpretam “benefício” de forma errada, considerando-o como uma referência à preocupação com os bens materiais, e com base nisso menosprezam o budismo, tratando-o como uma religião inferior. Mas a doutrina budista do benefício é um ensino que tem a ver essencialmente com a purificação e a transformação da própria vida.

Conceitos tais como “benefício” e “punição” não são exclusivos da religião. A vida de todas as pessoas é, de certa forma, uma sucessão de exemplos de benefício e punição, valor e anti-valor, ou de lucro e perda. Nos negócios, as vendas significam lucro ou ganho. Mas se os bens forem vendidos a um preço muito baixo, o negócio acaba em prejuízo. Quando um pintor concretiza o desejo subjetivo de realizar uma maravilhosa obra-prima (ou seja, de criar o valor do belo), ocorre uma fusão do sujeito com o objeto, dando à pessoa um sentimento de felicidade. E quando a pintura é comprada, o lucro é concretizado.

Sentimo-nos felizes quando conseguimos criar valor. O propósito do Sutra de Lótus é nos capacitar a desenvolver em nosso mundo interior, ou subjetivo, a grande força vital para criarmos valor independentemente das circunstâncias que encontrarmos em nosso mundo exterior, ou objetivo. É isso o que chamamos de fazer a revolução humana. Isto é “benefício”.

Referências:

1. Brasil Seikyo, edição no 1.525, 25 de setembro de 1999, pág. A3.

2. Terceira Civilização, março de 2007, edição no 463, pág. 41.

# Benefícios da prática budista (4)

(Brasil Seikyo, edição nº 1917, 24/11/2007, página A8.)

Ter fé no Budismo de Daishonin não significa que todas as dificuldades desaparecerão. Estar vivo significa que teremos algum tipo de problema. Mas, não importa o que aconteça, o importante é mantermos firme a convicção. A Lei Mística é o ensino dos dois princípios de que os "desejos mundanos são iluminação" e de que "os sofrimentos do nascimento e morte são nirvana". Nestes dois princípios está embasado o conceito de kudoku. No Ongui Kuden (Registro dos Ensinos Orais), que elucida os princípios essenciais do Budismo Nitiren, consta a seguinte explicação: "O termo ku (de kudoku, que significa benefício) quer dizer extinguir o mal, e doku, gerar o bem". (Gosho Zenshu, pág. 762.) Segundo o presidente da SGI, Daisaku Ikeda, "No Budismo de Nitiren Daishonin, benefício significa livrar-se da escuridão fundamental da vida e fazer surgir o bem. Para manifestar o benefício, precisamos realizar nossa prática do Chakubuku, ou a propagação do ensino de Daishonin. Isso significa refutar as crenças errôneas que causam o sofrimento e fazer com que as pessoas vivam com base na Lei Mística". (Brasil Seikyo, edição no 1.525, 25 de setembro de 1999, pág. 3.)

Enquanto tivermos o espírito de dedicar a vida à propagação do Kossen-rufu, tudo o que nos acontecer se tornará infalivelmente benefício. Embora não percebamos isso no momento, aos poucos a vida vai entrando num caminho em que "todos os desejos são concretizados" e poderemos dizer, depois, com honestidade: "Tudo por que passei foi realmente para melhor".

Essa é uma vida imbuída com o otimismo do budismo, que não é um "escapismo otimista" que leva as pessoas a cruzarem os braços, dizendo: "De alguma maneira tudo se resolverá". Pelo contrário, significa reconhecer claramente a maldade como maldade e o sofrimento como sofrimento, e lutar resolutamente para superá-los. É acreditar na própria habilidade e força para lutar contra qualquer maldade e qualquer obstáculo. É uma "luta otimista".

O Dr. Norman Cousins, conhecido como a "consciência da América", embora não praticasse o budismo, em sua crença na força do ser humano não era diferente de um budista. O Dr. Cousins escreveu certa vez: "Ninguém precisa recear a morte. Precisamos apenas recear morrer sem reconhecer nossa maior força — a força de nossa livre vontade para dar a vida pelos outros. Se algo é revivido na vida dos outros devido a nós, então nos aproximamos da imortalidade". (Ibidem.)

Quando nos devotamos à felicidade dos outros, empreendemos a luta de um bodhisattva por nossa livre vontade, a imensa energia vital da vida sem início ou fim surge em nosso ser. A vida eterna do Buda permeia-nos como uma onda crescente. Então, não há nada na vida que não possamos mudar radicalmente para melhor.

Nesse sentido, ser capaz de recitar Daimoku, propagar o ensino de Daishonin e trabalhar pelo Kossen-rufu — isso em si é o maior dos benefícios. Nitiren Daishonin afirma em um escrito: "Não há felicidade maior para os seres humanos que orar o Nam-myoho-rengue-kyo". (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. 3, pág. 199.) Isso indica claramente que uma vida dedicada ao Kossen-rufu é a mais nobre e sublime. O maior dos benefícios é a sabedoria que nos permite reconhecer isso.

# A infinita alegria da lei (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1918, 01/12/2007, página A8.)

Com base na mais sublime Lei do Nam-myoho-rengue-kyo podemos desfrutar uma condição de infinita alegria e manifestá-la vivendo diariamente, com entusiasmo. Dessa forma, contagiamos todas as pessoas ao nosso redor, tal como o sol com sua radiância.

Por meio da sincera recitação do Daimoku podemos manifestar a sabedoria e a benevolência originando a insuperável alegria. Proveniente de forte convicção ao Gohonzon e do nosso empenho, externar a sabedoria e a benevolência em prol da felicidade de outras pessoas é o caminho também para se conquistar a própria felicidade.

No tocante à alegria, em um discurso o presidente da SGI, Daisaku Ikeda, comenta: "No Ongui Kuden (Registro dos Ensinos Orais), Nitiren Daishonin diz: "A 'alegria' significa a satisfação compartilhada por todos... Quando todas as pessoas têm sabedoria e benevolência, isso é chamado de alegria. (Gosho Zenshu, pág. 761.) Vamos levar a alegria a todos! Vamos levar alegria aos nossos companheiros! — esse é o espírito do líder da SGI. Mas como inspirar alegria? O que dizer? 'Quebrar a cabeça' para encontrar um meio de levar a alegria às pessoas, devotando-se ao mesmo tempo com sinceridade para incentivar e apoiar a todos — essa benevolência e sabedoria irradiam o verdadeiro brilho da fé'".1

Devemos sempre proporcionar uma alegria imensurável, enaltecer a esperança e elevar o entusiasmo de todas as pessoas, contribuindo para o seu avanço e desenvolvimento.

O presidente Ikeda também afirma: "Um líder é aquele que proporciona alegria às pessoas. Sua missão é encorajar e elevar o ânimo de todos. Um dirigente jamais deve repreender os outros, pois nada o qualifica a repreender seus companheiros.

"A frase 'alegras o coração das pessoas' indica que Sakyamuni proporcionou alegria às pessoas e obteve a sincera compreensão por meio de palavras 'ternas e gentis'.

"Com base em uma firme convicção e em palavras genuinamente 'ternas e gentis', um líder é aquele que reconhece o esforço de todos, faz com que se sintam revigorados, tranqüiliza seu coração, dissipa suas dúvidas e eleva suas esperanças e aspirações. Essa é a luta de um líder. Aqueles que obrigam ou pressionam os outros se desqualificam como líderes e contrariam essa frase".

Mesmo vivendo na condição de dificuldade ou de radiante alegria, jamais devemos deixar de evocar a Lei Mística. Não importando o que aconteça, é primordial a postura de manter a firme fé, dando continuidade à nossa jornada em prol das pessoas, o correto caminho para a conquista da felicidade.

O presidente Ikeda declara: "Mesmo que tenhamos fé, não podemos evitar o sofrimento, a tristeza ou os aborrecimentos no curso da vida. Entretanto, pelo princípio dos 'desejos mundanos são iluminação', podemos manifestar infalivelmente um estado de 'alegria' em nossa vida; eis a grandiosidade do Budismo de Nitiren Daishonin. Avançando com base na fé, podemos transformar definitivamente uma vida de sofrimentos numa vida de grande alegria".2

Referências:

1. A Grande Correnteza para a Paz, vol. 6, pág. 117.

2. Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo, págs. 111 e 112.

# A infinita alegria da lei (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1919, 08/12/2007, página A8.)

Nos escritos de Nitiren Daishonin consta a seguinte frase: “Recitar o Nam-myoho-rengue-kyo é a maior das alegrias”. Essa frase demonstra a transbordante alegria que todos os seres humanos indistintamente podem desfrutar e por meio da recitação do Nam-myoho-rengue-kyo conquistar a felicidade tão almejada. Somente a fé nos permite elevar a condição de vida e realizar a nossa revolução humana.

Na explanação do escrito “A felicidade neste mundo”, o presidente da SGI, Daisaku Ikeda, declara: “Experimentar a ‘ilimitada alegria da Lei’ significa saborear plenamente a Lei Mística, eternamente imutável e desfrutar a força e a sabedoria originadas nessa Lei. Em oposição a essa alegria está a ‘alegria que se origina da concretização de vários tipos de desejos’. Apesar de parecer verdadeiro, tal alegria é apenas passageira e superficial, pois não surge das profundezas da vida e logo se transforma em insatisfação e infelicidade”.1

Devemos realizar a prática diária com toda a alegria e ao mesmo tempo fazer com que outras pessoas possam praticar este maravilho Budismo. Como emissários do Buda com infinita alegria devemos nos empenhar e propagar o Budismo Nitiren, transmitindo o desejo da felicidade para todas as pessoas.

Em um discurso, o presidente Ikeda declara: “Eu viverei exatamente como Daishonin ensina!”2 Essa é a fé de “alegrar-se”. A SGI tem se engajado com o espírito fundamental de viver de acordo com os ensinamentos dos escritos de Nitiren Daishonin. É nos empenhando dessa forma que podemos experimentar a verdadeira alegria e os benefícios.

Em resumo, nenhum benefício pode comparar-se à alegria de dedicar a vida ao Kossen-rufu. Nenhuma alegria é maior do que a de propagar a Lei Mística. “Nada é maior do que a alegria de ver outras pessoas tornando-se felizes como resultados de nossos próprios esforços no diálogo. E quando nos alegramos diante da felicidade dos outros, nossa própria vida torna-se cada vez mais pura”, observa o presidente Ikeda.3

Ao recitar o Daimoku com a genuína fé, seriedade e do fundo do coração conseguimos transformar o nosso semblante em um aspecto alegre e radiante, elevamos a nossa condição de vida e desfrutamos de incontáveis benefícios.

Segundo o presidente Ikeda, “aceitar com alegria” não significa que não temos preocupações ou sofrimentos. Justamente por termos problemas podemos recitar Daimoku, produzindo uma forte energia vital. Porque há sofrimento há alegria. É impossível experimentar somente a alegria na vida.

O budismo é vitória ou derrota; portanto, a vida é uma luta. Esse é o motivo pelo qual devemos desenvolver uma fortaleza interior para continuamente avançar. Uma vida forjada e fortalecida dessa forma desfruta uma eterna alegria.

Com base na fé, podemos estabelecer um estado de vida que, não importando o que aconteça, experimentamos alegria, esperança e convicção nas profundezas de nosso ser. Isso nos dá força para ajudar àqueles que estão sofrendo e, juntos, buscarmos a verdadeira felicidade.

Referências:

Brasil Seikyo, edição no 1.410, 19 de abril de 1997, pág. 3.

Ibidem, edição no 1.527, 9 de outubro de 1999, pág. 3.

Ibidem, edição no 1.838, 8 de abril de 2006, pág. 3.

# Parábola das três carroças e da casa em chamas (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1920, 15/12/2007, página A8.)

Pergunta: Poderia descrever resumidamente o conteúdo da “Parábola das três carroças e da casa em chamas” descrita no Sutra de Lótus?

Resposta: Essa parábola está no 3o capítulo do Sutra de Lótus (“Parábolas”). Nela, aprendemos como o Buda utiliza a ilimitada sabedoria para salvar as pessoas do interminável círculo dos sofrimentos. Descrevemos a seguir um resumo dessa famosa história:

Havia numa cidade um homem muito rico que morava em uma casa enorme. Com o passar dos anos, as vigas, as paredes e os pilares se desgastaram, ameaçando ruir. Mas, mesmo assim, os filhos dele gostavam de brincar na velha casa. Então, um dia irrompeu um incêndio que se propagou rapidamente por toda a casa. Porém, as crianças estavam tão entretidas com as brincadeiras que não perceberam o perigo.

O pai, desesperado diante da casa em chamas, gritou: “Fogo, Fogo! Saiam rápido antes que morram queimados!” Mas as crianças, absortas, não ouviram o alerta dele. Então, ele decidiu usar uma estratégia para tirar os filhos da mansão.

Lembrando-se de que gostavam de objetos raros, gritou o mais alto que pôde: “Tenho algo maravilhoso para vocês. Se não vierem receber, mais tarde irão se arrepender. Tenho aqui fora belíssimas carroças: uma puxada por um carneiro, outra por um cervo e uma outra puxada por um boi. Poderão brincar à vontade com elas. Agora saiam e eu as darei a vocês”.

Ouvindo isso, as crianças saíram da casa apostando corrida para ver quem chegaria primeiro até o pai. Assim, ele deu a cada um dos filhos uma carroça, que na realidade era bem maior e muito mais bonita do que a que lhes foram prometidas.

Cada uma delas era puxada por um grande boi branco e decorada com sete espécies de pedras preciosas. Observando os filhos, o pai pensou: “Minhas riquezas são imensuráveis e eu amo todos os meus filhos igualmente. Não posso lhes dar veículos inferiores. Tenho riquezas suficientes para presentear todas as pessoas do meu país com carroças puxadas por bois brancos. Portanto, com certeza não poderia deixar de dar carroças aos meus próprios filhos”.

A casa em chamas é uma metáfora do nosso mundo, envolto pelas chamas do sofrimento. Os filhos que brincam na casa são as pessoas que sofrem no mundo dos desejos. O pai, o homem rico, representa o Buda, que aparece no mundo para salvar os seus filhos queridos. Na parábola, o pai usa as três carroças como um meio para salvar os filhos do incêndio. Entretanto, o pai ou Buda concede a cada um dos filhos a carroça do boi branco, que indica o supremo veículo da iluminação, capaz de conduzir todas as pessoas à felicidade.

A sociedade contemporânea criou forte dependência da tecnologia científica. Em nossa obsessão pela competição econômica, estamos destruindo o meio ambiente. Armas de extermínio continuam a ser produzidas sem parar e aumenta a desconfiança mútua e a ganância.

Somos como crianças brincando com uma arma de fogo altamente perigosa. Embora tenha alcançado um notável avanço tecnológico, o que facilitou em muito nossos afazeres do cotidiano, o ser humano e a sociedade não evoluíram no mesmo ritmo. O Sutra de Lótus pode transformar esses seres humanos imaturos em pessoas sábias; ele as capacita a desenvolverem dentro de si o mais elevado estado — o de Buda.

Referências:

• Terceira Civilização, edição no 404, abril de 2002, pág. 10.

• Brasil Seikyo, edição no 1.346, 2 de dezembro de 1995, pág. 3..

# A parábola das três carroças e da casa em chamas (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1923, 12/01/2008, página A8.)

Pergunta: Poderia explicar a relação entre a parábola das três carroças e a casa em chamas e a unicidade de mestre e discípulo?

Resposta: Na parte anterior, fizemos uma breve descrição da parábola das três carroças e a casa em chamas em que a casa de um homem rico pega fogo. Seus filhos estavam brincando dentro dela, inconscientes do perigo que corriam. Para atraí-los para fora, o pai promete três carroças: uma puxada por uma ovelha, outra por um cervo e a outra por um boi. Mas quando seus filhos correm para fora, ele na verdade lhes dá uma carroça muito mais fina e adornada por ricas jóias — uma única grande carroça puxada por um boi branco. Na parábola, a casa em chamas representa o mundo tríplice, e as chamas, os sofrimentos do nascimento e morte. O homem rico é o Buda, que aparece no mundo para salvar as pessoas; as crianças representam todos os seres vivos, e as brincadeiras nas quais estavam absorvidos, os prazeres mundanos. As três carroças originalmente prometidas representam os três veículos provisórios da Erudição, da Absorção e do Bodhisattva, e a grande carroça puxada pelo boi branco simboliza o supremo veículo do estado de Buda, ou seja, o Sutra de Lótus.

A substituição das três carroças por uma grande carroça puxada pelo grande boi branco é também conhecida no budismo como a doutrina da "substituição dos três veículos pelo veículo único". Uma das razões que levou o Buda a expor os ensinos dos três veículos é o fato de estar ciente de que as pessoas diferem amplamente em termos de sua capacidade intelectual e disposição para receber os ensinos do Buda. O Buda expôs vários ensinos para corresponder à capacidade e tendência de cada um. Ao mesmo tempo, embora os ensinos do Buda sejam muitos e variados, sua essência em cada caso é o veículo único do Buda.

Os discípulos do Buda que praticam os três veículos antes da revelação do veículo único do Buda simbolizam as pessoas que seguem o caminho de mestre e discípulo superficialmente. Mas a doutrina da "substituição dos três veículos pelo veículo único do Buda" ensina-nos a seguir o caminho da unicidade de mestre e discípulo.

Naturalmente, os praticantes dos três veículos dos sutras antes do Sutra de Lótus também acreditavam e seguiam o Buda. E a seu modo, eles seguiam o caminho de mestre e discípulo. Mas esses discípulos sempre sentiram um distanciamento entre eles e seu mestre: o discípulo era o discípulo e o Buda era o Buda. O discípulo não conhecia a mente do mestre. O Sutra de Lótus, entretanto, rompeu essa crença ilusória.

A "substituição dos três veículos pelo veículo único" engendrou uma transformação fundamental na mente e no modo de vida dos discípulos — uma transformação do caminho de mestre e discípulo para o caminho da unicidade de mestre e discípulo.

O Sutra de Lótus clama para que mestre e discípulo trabalhem juntos com a força da ferocidade de um leão, unidos em coração, mente e propósitos, para transformar o estado interior de toda a humanidade.

Notas:

• Mundo tríplice: O mundo dos seres não-iluminados que transmigram nos seis caminhos da existência. Eles são: (1) o mundo do desejo, governado por inúmeros desejos; (2) o mundo da forma, cujos habitantes são livres de todos os desejos, cobiças e vontades, mas, como ainda há forma material, estão sujeitos a certas restrições materiais, e (3) o mundo da ausência de forma, onde os seres são livres tanto dos desejos quanto das restrições materiais. (Glossário — Os Escritos de Nitiren Daishonin).

• Brasil Seikyo, edição no 1.346, 2 de dezembro de 1995, pág. 3.

• Ibidem, edição no 1.389, 2 de novembro de 1996, pág. 3.

# Rissho Ankoku (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1924, 19/01/2008, página A8.)

Pergunta: Qual é o significado do termo Rissho Ankoku?

Resposta: O termo Rissho Ankoku significa “Estabelecimento do Ensino Correto para a Paz da Nação”. É o título de uma tese escrita por Nitiren Daishonin, enviada em 16 de julho de 1260 ao regente aposentado da época, Hojo Tokiyori, pessoa de grande influência na época.

Literalmente, Rissho significa “estabelecer o ensino correto” ou “estabelecer a verdade”, indicando a própria propagação do Budismo de Nitiren Daishonin. Em outras palavras, “estabelecer a verdade” corresponde à conscientização das pessoas sobre a dignidade e o respeito ao ser humano, estabelecendo esses fundamentos como princípios básicos da sociedade. O seu objetivo é o Ankoku, cujo significado literal é a “paz da nação”, isto é, a paz e a prosperidade da sociedade. Portanto, Rissho Ankoku significa “estabelecer a verdade ou o ensino correto visando a paz da nação”.

Na época em que Nitiren Daishonin escreveu essa tese, o Japão vivia uma situação verdadeiramente calamitosa em conseqüência de seguidos terremotos de grandes proporções, alterações extremas no clima, com prolongados períodos de seca acompanhados de fortes chuvas e tempestades causando terríveis enchentes e inundações, proliferação de epidemias, escassez de alimentos etc. Tal situação de extrema gravidade, em uma época de escassos recursos tecnológicos, levava uma enorme parcela da população à morte. Daishonin inicia a tese descrevendo esta situação caótica: “Nos últimos anos vêm ocorrendo alterações incomuns no céu e estranhos acontecimentos na terra. A fome e a peste afetam cada canto do império e se propagam por toda a nação. Bois e cavalos morrem pelas estradas e seus ossos amontoam-se pelo caminho. Mais da metade da população já foi dizimada e não há uma única pessoa que não tenha chorado a perda de um ente da família. (...) A fome e as doenças assolam com uma fúria nunca antes vista. Os mendigos estão em todas as partes e a visão da morte enche nossos olhos. Cadáveres amontoam-se como torres de observação e os mortos jazem lado a lado como tábuas de uma ponte”. (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. 1, págs. 9-10).

Nitiren Daishonin estabeleceu o verdadeiro budismo em 28 de abril de 1253, recitando pela primeira vez o Nam-myoho-rengue-kyo e iniciando uma luta corajosa e ao mesmo tempo benevolente, visando a real felicidade das pessoas por meio da propagação da Lei Mística em meio ao povo. A “Tese sobre o Estabelecimento do Ensino Correto para a Paz da Nação” foi desenvolvida por Daishonin com o propósito de elucidar de uma forma clara e revolucionária o porquê daquela situação de tamanha infelicidade e de sofrimentos vividos pelo povo japonês, bem como o caminho para a sua transformação visando a verdadeira felicidade tanto do indivíduo como da sociedade. Utilizando-se de numerosas referências a sutras e escritos budistas que descrevem os desastres que recaem sobre uma nação que segue ensinos budistas errôneos e distorcidos, Daishonin responsabiliza em especial a influente Terra Pura da época pelos acontecimentos incomuns que levavam as pessoas ao sofrimento. Assim, Daishonin apresentou em sua tese a concepção sobre a relação entre a crença religiosa das pessoas e a concretização de uma sociedade pacífica.

# Rissho Ankoku (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1925, 26/01/2008, página A8.)

Pergunta: Como podemos entender a influência da crença religiosa sobre a situação calamitosa da época no Japão?

Resposta: Após o estabelecimento do Verdadeiro Budismo em 28 de abril de 1253, preocupando-se com a situação caótica em que se mergulhava o povo da época, Nitiren Daishonin dedicou-se seriamente à leitura e ao estudo dos inúmeros sutras budistas, concluindo que as causas dos desastres naturais, epidemias e escassez de alimentos entre outros se encontravam na desordem das religiões budistas predominantes.

Embora, aparentemente, os numerosos templos de diversas escolas budistas demonstrassem um desenvolvimento, na realidade, nenhuma delas seguia o espírito genuíno do budismo exposto por Sakyamuni que indicava o Sutra de Lótus como o seu único e verdadeiro ensino. A maioria dessas escolas budistas existentes no Japão naquela época baseava-se em ensinos provisórios anteriores ao Sutra de Lótus.

O modo de pensar e de viver das pessoas embasado em sua crença religiosa claramente pode conduzi-las à própria infelicidade e a de toda a própria sociedade.

Na Nova Revolução Humana, o presidente da SGI, Daisaku Ikeda, descreve esta influência da crença religiosa sobre a vida das pessoas com as seguintes palavras: “A crença tem uma grande influência na vida. Se uma pessoa acreditar num mau elemento pensando ser um amigo e andar com ele, acabará caindo no caminho do mal. O problema é muito mais grave quando se trata da religião, pois ela forma a base do modo de pensar e de viver das pessoas. Por isso, a crença numa religião errada pode turvar a mente, torná-la vítima de seus instintos e roubar-lhe inclusive a vitalidade. Isso afeta naturalmente a sociedade que é o ambiente de sua atuação, provocando conflitos, desordens e estagnação”. (Vol. 4, pág. 162).

Além disso, o budismo ensina a inter-relação entre a vida, o seu meio ambiente social e o natural pelos princípios como a Unicidade da Vida e do Ambiente (esho funi) e os Três Mil Mundos num Único Momento da Vida (itinen sanzen). Em particular, este último (Três Mil Mundos num Único Momento da Vida) elucida a inter-relação entre o domínio dos cinco componentes da vida, o domínio do ambiente social e o domínio do ambiente natural por meio do princípio de Três Domínios da Individualização da Vida. Enfim, o Budismo Nitiren elucida claramente a influência do modo de viver e de pensar das pessoas não só sobre a sua própria vida, mas também sobre a sociedade e o próprio ambiente natural.

É por esta razão que Daishonin, na parte final da “Tese sobre o Estabelecimento do Ensino Correto para a Paz da Nação”, declara: “Portanto, o senhor deve reformar rapidamente os dogmas que mantém em seu coração e abraçar o único verdadeiro veículo, a única boa doutrina [do Sutra de Lótus]. Se assim fizer, o mundo tríplice se tornará a terra do Buda, e como poderia a terra do Buda decair? As regiões nas dez direções se tornarão mundos do tesouro, e como poderia o mundo do tesouro sofrer dano? Se o senhor vive num país que não conhece declínio ou decadência, numa terra que não sofre nenhum mal ou destruição, então seu corpo encontrará paz e segurança, e sua mente ficará calma e tranqüila. O senhor deve acreditar em minhas palavras. Preste atenção ao que digo!”. (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. 1, pág. 60).

# Rissho Ankoku (3)

(Brasil Seikyo, edição nº 1926, 09/02/2008, página A8.)

Pergunta: Qual é a relação entre o princípio de Rissho Ankoku e a nossa organização?

Resposta: Desde os primórdios, a Soka Gakkai teve sempre como missão oferecer soluções aos sofrimentos da vida das pessoas com base nos ensinamentos do Budismo de Nitiren Daishonin. Na época da Segunda Guerra Mundial, à medida que o Japão avançava na guerra, o sofrimento do povo aumentava. O governo japonês, na iminência de ser derrotado, tentou unificar todas as religiões existentes ao xintoísmo, acreditando que dessa forma obteria a proteção da Deusa do Sol.

Observando essa atitude arbitrária, o presidente fundador da Soka Gakkai, Tsunessaburo Makiguti, opôs-se firmemente ao governo. Ele afirmava que a nação seria destruída se continuasse a menosprezar o Sutra de Lótus. A convicção de Makiguti em defender a liberdade religiosa o levou à prisão, onde acabou falecendo em 18 de novembro de 1944, aos 73 anos. Seu discípulo, Jossei Toda, que também fora aprisionado, foi libertado em 3 de julho de 1945. Com a saúde totalmente debilitada, Toda iniciou a árdua tarefa da reconstrução da organização. No romance Nova Revolução Humana, o presidente da SGI, Daisaku Ikeda, descreve a decisão de Jossei Toda: “O maior desejo de Jossei Toda, que se levantou sozinho no campo devastado pela guerra erguendo o estandarte do Kossen-rufu, era banhar a vida do povo, imerso no desespero e na miséria, com a luz da paz e da felicidade”. (Vol. 4, pág. 157).

Mais tarde, já como segundo presidente da Soka Gakkai, Jossei Toda, desenvolveu um extraordinário movimento de propagação do budismo e, em 1957, menos de sete anos após a sua posse presidencial, o número de associados ultrapassou a marca de 765 mil famílias. No dia 8 de setembro desse mesmo ano, a Divisão dos Jovens da Soka Gakkai realizou um festival esportivo denominado “Festival da Juventude”, ocasião em que Jossei Toda proferiu sua famosa “Declaração pela Abolição das Armas Nucleares” para as 50 mil pessoas presentes no Estádio Esportivo de Mitsuzawa, e a deixou como principal testamento para os jovens.

Após o falecimento de Toda, a Soka Gakkai se expandiu para o mundo sob a liderança do terceiro presidente Daisaku Ikeda. Como terceiro presidente, transpôs inúmeras barreiras, venceu todas elas e concretizou os desejos de seu mestre, edificando uma organização forte que se orgulha de sua rica história. E, como organização que promove a paz, a cultura e a educação com base no budismo, o presidente Ikeda fundou, entre outras, a Associação de Concertos Min-On, o Instituto de Filosofia Oriental e as Escolas Soka, abrangendo desde a pré-escola até a universidade.

Ainda na Nova Revolução Humana, o presidente Ikeda descreve claramente sobre os propósitos da Soka Gakkai: “Difundir nesse mundo a filosofia do humanismo para nutrir a vida das pessoas a fim de criar uma terra de paz é a ação de Rissho Ankoku, a missão da Soka Gakkai”. (Vol. 4, pág. 168). Afirma também: “Em palavras mais simples, a mensagem do Rissho Ankoku Ron é que cada um de nós deve fazer sua própria revolução humana com base nos princípios filosóficos do humanismo, tornando-se um protagonista da prosperidade social e da paz mundial. Dizem que os ensinos de Daishonin começam e terminam no Rissho Ankoku Ron. O propósito de Nitiren Daishonin ao escrever essa tese foi salvar as pessoas que sofriam enormemente com a violenta investida de terremotos e inundações, fome e enfermidades. Despertou-se então para o fato de que o modo de conseguir isso era propagando a filosofia de vida do budismo que prega o caminho da revolução do indivíduo. Ele promoveu a luta para mudar o interior das pessoas desalojando a maldade arraigada no coração delas, provocando o surgimento da bondade, o abrir dos olhos da sabedoria, a mudança do egocentrismo para o altruísmo, da destruição para a criação. Isso porque as pessoas são a base de tudo. Da mesma forma como as plantas germinam em terra fértil, a cultura e a paz prosperarão na vida humana bem nutrida”. (Ibidem, pág. 169).

# O budismo e a sociedade

(Brasil Seikyo, edição nº 1927, 16/02/2008, página A8.)

A SGI, presente em 190 países e territórios, completou neste ano 33 anos de existência. Ela possui mais de 12 milhões de integrantes que praticam o Budismo Nitiren. Isso é extraordinário, considerando que esse budismo possui 754 anos de existência, e foram somente nos últimos 70 anos que ocorreu esse desenvolvimento.

Sem dúvida alguma, esse é o resultado dos incansáveis esforços dos três primeiros presidentes da Soka Gakkai, em especial, do terceiro e atual presidente da SGI, Daisaku Ikeda. Por meio de seu próprio exemplo, ele tem ensinado aos integrantes da SGI que o "budismo é a própria sociedade", liderando-os na propagação desse budismo em todo o mundo.

Podemos afirmar também que o budismo e a sociedade são unos. O budismo é como se fosse o corpo e a sociedade sua sombra. A fé equivale à vida diária e se manifesta diretamente na sociedade. O segundo presidente da Soka Gakkai, Jossei Toda, dizia que para impulsionarmos o movimento do Kossen-rufu e conquistarmos a confiança na sociedade precisamos fazer de nossas interações com os outros o fundamento de nossa vida. "Não estamos vendendo nenhum produto físico, mas, sim, nós mesmos como indivíduos", ele dizia.

Precisamos conversar com as pessoas a respeito de nossa fé e convicções com sinceridade à nossa própria maneira, com o orgulho de sermos os supremos defensores da humanidade, afirma o presidente Ikeda.

Uma das diretrizes eternas da Soka Gakkai é a "Prática da fé para a felicidade individual". Por meio da comprovação pessoal é que propagamos o budismo entre as pessoas de nosso convívio. O presidente Ikeda afirma: "Nós podemos definitivamente nos tornar felizes. Esta é uma promessa de Daishonin. A fé equivale à vida diária. Enquanto nos empenhamos corajosamente na sociedade, estamos propagando o Kossen-rufu pelo bem da Lei e pela felicidade dos seres humanos. Como resultado de nossos esforços, um grandioso benefício brotará em nossa vida. E também podemos conduzir outras pessoas ligadas a nós ao caminho da felicidade".

Sendo assim, concluímos que o "budismo e a sociedade" formam um só corpo e estão inseridos em nossa realidade. Praticar este budismo em meio à sociedade é uma oportunidade de mostrar a todos que, baseados numa maravilhosa filosofia de vida, podemos realmente transformar a vida, conquistar a verdadeira felicidade e paz e, tal como o sol, iluminar a vida das pessoas, influenciando-as positivamente.

Nitiren Daishonin afirma em um escrito: "Mesmo que uma pessoa não pratique este budismo, se simpatiza e compreende aqueles que praticam e se alegra pelo fato da Lei Mística se propagar em seu país, então isso, em si, se tornará um grande elo ou relação com o budismo. Sendo assim, essa pessoa será envolvida por uma imensa boa sorte e felicidade".

O desafio de cada integrante da SGI é viver como bons cidadãos de pura fé e, com base na unicidade de mestre e discípulo, comprovar a veracidade deste budismo na sociedade e formar o maior número de amigos da Lei Mística.

Fontes:

• Fundamentos do Budismo.

• Brasil Seikyo, edição no 1.743, 10 de abril de 2004, pág. A3.

• Coletânea de Orientações, vol. 1.

• Brasil Seikyo, edição no 1.726, 6 de dezembro de 2003, pág. A3

# Bonten e Taishaku (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1930, 08/03/2008, página A8.)

Pergunta: O que representam Bonten e Taishaku para os praticantes do Budismo Nitiren?

Resposta: Bonten (Brahma) e Taishaku (Shakra ou Indra) são considerados deuses budistas que protegem os ensinos corretos do budismo e os seus praticantes.

Os "deuses budistas" indicam as forças protetoras inerentes ao ambiente, que são ativadas pela fé contida nas orações da pessoa ao Gohonzon.

O budismo originou-se na Índia, onde as pessoas acreditavam numa grande variedade de divindades celestiais que, dizia-se, habitavam as encostas do Monte Sumeru e os céus. Com a veracidade de seus ensinamentos, o budismo conseguiu manifestar facilmente essas divindades como "deuses protetores" cuja função era proteger a Lei budista e seus seguidores. Uma assimilação semelhante de divindades nativas ocorreu à medida que o budismo se propagou pela China e pelo Japão. Tais divindades passaram a fazer parte do pensamento budista à medida que o budismo se desenvolvia e florescia nessas regiões.

Nos ensinos de Nitiren Daishonin, no entanto, os "deuses budistas" não são entidades separadas a quem as pessoas rogam por auxílio, mas manifestações de uma Lei Universal inerente na vida de todas as pessoas. Daishonin deixa isso bastante claro no escrito "Tratamento da Doença", no qual afirma: "A natureza fundamental da iluminação manifesta-se como Bonten e Taishaku, enquanto a escuridão fundamental manifesta-se como Demônio do Sexto Céu". (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. 1, pág. 227.)

No diagrama do Gohonzon, vários deuses budistas constam à direita e à esquerda da inscrição central, indicando que são funções da Lei Mística universal, ou a vida do Buda. Portanto, quanto mais uma pessoa se esforça para fortalecer a condição de Buda inerente dentro de si por meio da oração ao Gohonzon, maior é a proteção que poderá desfrutar.

No escrito "As Três Espécies de Tesouros", Nitiren Daishonin afirma: "O budismo expõe o importante ensino de que, quando a natureza de Buda manifesta-se no interior, surge a proteção externa". (Ibidem, pág. 290.) Isto está de acordo com o princípio da unicidade da vida e seu ambiente.

Quando ativamos nossa natureza de Buda recitando o Daimoku ao Gohonzon, ativamos também as funções iluminadas inerentes ao ambiente objetivo. Essas funções são personificadas como "deuses budistas".

Os vários deuses budistas citados nos ensinos de Nitiren Daishonin, como Bonten, Taishaku, Nitten, Gatten e os Quatro Reis Celestes (Jikokuten, Zotyoten, Komokuten e Bishamonten), são considerados como funções da natureza e do Universo e, portanto, manifestações do Nam-myoho-rengue-kyo.

Em um discurso, o presidente da SGI, Daisaku Ikeda, comenta: "Nosso Daimoku tem a poderosa capacidade de ativar as funções protetoras do Universo, as quais são chamadas, na terminologia budista, de 'divindades celestiais' ou 'deuses budistas'. Quando recitamos o Nam-myoho-rengue-kyo, essas forças benéficas concentram-se atrás de nós. (...) Mesmo que pareça estarmos realizando a prática sozinhos, não é bem assim. Enquanto fazemos a oração, uma quantidade incalculável de divindades celestiais estão diante do Gohonzon, sentados ao nosso lado.

"Dessa forma, as forças protetoras do Universo reúnem-se e trabalham para proteger cada um dos senhores, manifestando-se em seu meio ambiente por intermédio das ações dos seres que estão ao seu redor, seus amigos e companheiros da prática da fé". (Brasil Seikyo, edição no 1.656, 15 de junho de 2002, pág. A3.)

# Bonten e Taishaku (2)

(Brasil Seikyo, edição nº 1931, 15/03/2008, página A8.)

Pergunta: De que maneira recebemos a proteção dos deuses budistas como Bonten e Taishaku?

Resposta: Normalmente pensamos na “proteção dos deuses budistas” como algo pouco comum, tal como escapar de um acidente de carro ou constatar uma doença que, caso demorasse a ser percebida, poderia ser fatal.

Entretanto, as forças protetoras colocadas em funcionamento por meio da nossa fé adotam muitas formas, algumas das quais nem sempre são imediatamente reconhecíveis. As palavras benevolentes de alguém vindas justamente num momento de desânimo ou o fato de um objetivo pelo qual há muito oramos para conseguir não se manifestar até que tenhamos desenvolvido a boa sorte e a capacidade para manejá-lo com sucesso podem ser considerados como exemplos de proteção.

De qualquer forma, se abraçamos o Gohonzon com a determinação de atingir a iluminação e ajudamos os outros a fazerem o mesmo, a nossa vida será infalivelmente protegida. O Buda Nitiren Daishonin repetidamente incentiva seus seguidores a confiarem nisso e a fortalecerem a fé para, assim, receberem um apoio mais expressivo do ambiente.

Como a proteção não vem de fontes externas, mas de uma função de nossa própria natureza de Buda, podemos receber maior proteção fortalecendo a nossa fé. Daishonin enfatiza isso ao afirmar: “O Sutra de Lótus é uma espada poderosa. Entretanto, sua força depende daquele que a empunha”. (The Writings of Nichiren Daishonin, pág. 953.) Podemos entender essa passagem por meio do que o budismo denomina de interação dos quatro poderes. Os poderes do Buda e da Lei estão incorporados no Gohonzon e são manifestados pelos poderes da fé e da prática dos praticantes. Os poderes do Buda e da Lei não têm limites. Portanto, quanto mais manifestamos os nossos poderes da fé e da prática, mais desfrutamos dos benefícios do Gohonzon.

Do ponto de vista da filosofia de vida, a proteção dos deuses budistas significa que as pessoas, coordenando harmoniosamente a vida com a lei de Nam-myoho-rengue-kyo, podem produzir excelentes condições em seus ambientes, tanto natural como social. Em outras palavras, significa que as funções dos deuses budistas estão contidas no próprio Nam-myoho-rengue-kyo. Além disso, as funções representadas pelos deuses estão contidas na vida das pessoas, as quais se manifestam pela recitação do Gongyo e do Daimoku ao Gohonzon.

Contudo, em um discurso, o presidente da SGI, Daisaku Ikeda, alerta: “A nossa fé não deve ser do tipo que ficamos sentados a esperar pelo auxílio dos céus, ou a depender de algo fora de nós. No budismo, podemos falar de [proteção das] divindades celestiais, as funções protetoras do Universo, porém somente nós próprios podemos ativar essas funções. Nós próprios devemos marcar o nosso próprio caminho na vida, abrir as portas do depósito de tesouro interior, extrair nossa sabedoria e pavimentar o caminho da vitória em prol das pessoas. Esse espírito de luta é o modelo de conduta humana ensinado no Budismo Mahayana e por Nitiren Daishonin”. (Brasil Seikyo, edição no 1.238, 21 de agosto de 1993, pág. 3.)

Ele também comenta: “Quando uma pequena engrenagem encaixa seus dentes aos de uma engrenagem maior, conseguirá se movimentar com uma força extraordinária, o que não faria por si própria. Da mesma forma, quando fundimos o microcosmo de nossa própria vida à vida do Universo, somos capazes de manifestar uma ilimitada força que nos permitirá superar quaisquer dificuldades. Todos os deuses budistas, budas e bodhisattvas das dez direções — as funções protetoras do Universo — serão ativadas para que possamos concretizar nossas orações. (...) O Nam-myoho-rengue-kyo é o som do grandioso ritmo do Universo, a fonte propulsora de toda a atividade universal, e também o coração e a essência do Universo. A Lei Mística é a fonte de todas as mudanças. É por isso que quando recitamos a Lei Mística — o Nam-myoho-rengue-kyo — conseguimos ativar as forças do Universo para nos apoiar.

Fontes:

• A Vida de Nitiren Daishonin.

• Os Escritos de Nitiren Daishonin — Glossário.

• Brasil Seikyo, edição no 1.657, 29 de junho de 2002, pág. C2.

• Ibidem, edição no 1.840, 22 de abril de 2006, pág. A8.

• Ibidem, edição no 1.875, 13 de janeiro de 2007, pág. A2.

# Jambudvipa (1)

(Brasil Seikyo, edição nº 1932, 22/03/2008, página A8.)

Na mensagem enviada por ocasião da inauguração do Centro Cultural Dr. Daisaku Ikeda, em abril do ano passado, o presidente da SGI, Daisaku Ikeda, cita uma frase do escrito “Retribuição dos débitos de gratidão”: “Se a benevolência de Nitiren for realmente grande e abrangente, o Nam-myoho-rengue-kyo propagar-se-á por dez mil anos e mais, por toda a eternidade”. (As Escrituras de Nitiren Daishonin, vol. 4, pág. 91.) Com base nesse escrito ele comenta: “Onde se encontra então a nascente da correnteza do Kossen-rufu do continente sul de Jambudvipa que se estenderá por toda a eterna era dos Últimos Dias da Lei? Tenho a plena convicção de que ela existe na BSGI”. (Brasil Seikyo, edição no 1.890, 5 de maio de 2007, pág. A2.)

Como podemos interpretar o significado de Jambudvipa? Conforme consta no Glossário — Os Escritos de Nitiren Daishonin, Jambudvipa corresponde a “um dos quatro continentes situados nas quatro direções que circundam o Monte Sumeru. Jambudvipa está localizado no sul e é o local onde os budas aparecem. Esse nome é freqüentemente empregado no sentido de ‘o mundo todo’”. (Pág. 81.)

Dentro desse contexto, se Jambudvipa é empregado no sentido de “o mundo todo” então, o “continente sul de Jambudvipa” refere-se ao continente sul americano do nosso planeta terra, ou seja, o local onde os budas aparecem.

A benevolência do presidente Ikeda em afirmar que é justamente na BSGI que se encontra a nascente da correnteza do Kossen-rufu do continente sul americano é realmente grande e abrangente. Podemos dizer que na era atual, cabe a nós, membros da BSGI, a missão de promover o grande avanço do Kossen-rufu do “continente sul de Jambudvipa”. Dessa forma, comprovaremos a grandiosidade do Buda e da Lei e conquistaremos infalivelmente a condição de Monarca do Mundo. Com certeza, daremos um grande passo para o avanço da felicidade da humanidade por meio da “vitória da justiça da relação de mestre e discípulo Soka”. (Ibidem.)

O Buda Nitiren Daishonin estabeleceu seu ensino com o único desejo de proporcionar um caminho para que todas as pessoas pudessem manifestar o estado de Buda, recitando o mantra Nam-myoho-rengue-kyo. Para tanto, em sua jornada pela propagação de seu ensino, Nitiren Daishonin foi perseguido, exilado e condenado à morte. Mesmo assim, não se intimidou: lutou contra as forças opressoras da época, admoestando os governantes e bradando pela justiça.

Daishonin relata minuciosamente esses acontecimentos nos diversos escritos deixados por ele. Neles, percebemos sua grande e abrangente benevolência e a decisão de não poupar a própria vida para estabelecer o correto ensino para a salvação de toda a humanidade.

No mesmo sentido, podemos dizer que os Três Mestres Soka também assim o fizeram em suas respectivas épocas, principalmente o presidente Ikeda. Da mesma forma, ele nos solicita nessa mesma mensagem a ter a mesma postura como discípulos: “O avanço da BSGI é o avanço da felicidade da humanidade. A vitória da BSGI é a vitória da justiça da relação de mestre e discípulo Soka”. (Ibidem).

Perpetuar o Nam-myoho-rengue-kyo para toda a humanidade e posteridade é o grande desafio dos Últimos Dias da Lei. Esse tem sido o propósito da luta empreendida pelo presidente Ikeda e é a essência do espírito da transmissão do bastão do Kossen-rufu aos discípulos e, mais ainda, à Divisão dos Jovens. Essa é a grande expectativa de nosso Mestre.